Missionários Dehonianos no Sul do Brasil 1903-1913

Valberto Dirksen

Esta coletânea de textos compõe-se de cartas, relatos e informes que os Padres e Irmãos da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus – hoje conhecidos como Dehonianos – enviaram aos seus superiores e confrades da Europa no período compreendido entre 1903, data da chegada dos pioneiros Pe. Lux e Pe. Foxius, e 1913, período de expansão máxima da Congregação em território catarinense. Escritos em língua alemã, os textos foram publicados na revista *Das Reich des Herzens Jesu* e no anuário *Herz-Jesu Kalender* e tinham como público-alvo os benfeitores e amigos da Congregação. Seu conteúdo reflete o cotidiano, os costumes, o modo de ser e de viver da população por eles atendida, tanto nas áreas de colonização alemã e italiana como nas de povoamento luso-açoriano do litoral. Lidos isoladamente, alguns textos dão a impressão de que se trata de meras narrativas de aventuras, tais como queda do cavalo, lidar com cobras, atravessar rios caudalosos, etc. No todo, porém, formam um quadro multifacetado das impressões e da vida cotidiana de cada um dos missionários bem como de suas atividades nas diferentes frentes de atuação. Os textos espelham também uma visão de conjunto das alegrias e tristezas, dos trabalhos e agruras, dos êxitos e fracassos pelos quais passaram os missionários.

A leitura do seu conteúdo leva às origens históricas da Congregação no Brasil enquanto fonte de inspiração para futuros projetos e empreendimentos missionários,

Valberto Dirksen

Missionários dehonianos no sul do Brasil

(1903–1913)

Florianópolis
2018

Sumário

Ano (VI) 1906

Ano (VII) 1907

Ano (VIII) 1908

Introdução

A ideia deste livro surgiu em 1983, ao tomarmos conhecimento da existência dos artigos publicados pelos primeiros missionários dehonianos no sul do Brasil na revista *Das Reich des Herzens Jesu* e no *Herz-Jesu Kalender*, existentes no arquivo central da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em Roma. Esses artigos, escritos em alemão, são importantes documentos e, em muitos aspectos, a única fonte para o conhecimento da história da Congregação no sul do Brasil, mais precisamente em Santa Catarina.

Esta coletânea de textos compõe-se de cartas, relatos e informes que os missionários enviaram aos seus superiores na Europa e tinham como público-alvo os confrades membros da Congregação e, sobretudo, os benfeitores da mesma.

Seu conteúdo reflete o cotidiano, os costumes, o modo de ser e de viver da população por eles atendida, tanto nas áreas de colonização alemã e italiana como nas de povoamento luso-açoriano do litoral. Lidos isoladamente, alguns textos dão a impressão de que se trata de meras narrativas de aventuras, tais como queda de cavalo, lidar com cobras, atravessar rios caudalosos, etc. No todo, porém, os textos formam um quadro multifacetado das impressões e da vida cotidiana de cada um dos missionários, bem como de suas atividades nas diferentes frentes de atuação. Os textos espelham também uma visão de conjunto das alegrias e tristezas, dos trabalhos e agruras, dos êxitos e fracassos pelos quais passaram os missionários.

Na edição original da revista, os textos contêm muitíssimas figuras que ilustram o conteúdo e ajudam a compreender, através da imagem, o cotidiano vivido pelos religiosos. Em vista disso, optou-se pela reprodução das fotos que consideramos as mais significativas e mais ilustrativas. Outras não puderam ser aproveitadas dada a baixa qualidade e pouca nitidez.

Apesar dos múltiplos trabalhos e ocupações, os missionários ainda encontravam tempo para escrever. E escreveram muito. Escreviam bem. Eram homens cultos. Por excesso de volume, nem toda correspondência que chegou à redação da

revista foi publicada. Ademais, infelizmente a casa missionária de Sittard foi destruída e o arquivo com o acervo documental desapareceu. Até o presente momento, foram localizados apenas dois álbuns de fotografias, que atualmente se encontram depositados no Arquivo Provincial Padre Lux, no Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Corupá.[1]

Para que não incorra em julgamentos equivocados, faz-se necessário advertir o leitor de que é preciso ter em mente e compreender o contexto histórico da época em que esses documentos foram produzidos. Os missionários, formados no espírito de uma Igreja romanizada, viam, nas práticas do catolicismo popular luso-brasileiro, superstições e desvios de fé e de conduta, que eles reputavam como sendo fruto da ignorância religiosa e do estado de abandono por parte do clero. Essa situação gerou não poucos conflitos e incompreensões entre os missionários e a população, sobretudo a luso-brasileira. Igualmente devem ser interpretadas à luz da mentalidade da época as atitudes etnocêntricas dos missionários: de um lado, a exaltação da cultura europeia, especialmente a germânica e, de outro, o menosprezo pela cultura luso-açoriana como sendo primitiva e de natureza inferior, sem falar dos índios que eram considerados sem cultura. Nosso objetivo é apresentar ao leitor um dossiê de documentos, sem nos pronunciar sobre seus autores e o conteúdo dos mesmos, pois entendemos que, "menos que julgar o passado, o historiador deve fazê-lo ser compreendido".[2] Nesse sentido, não nos assiste o direito de julgar os missionários pelas suas ideias e condutas, pois incorreríamos num grave anacronismo.

É necessário advertir ainda o leitor para um outro problema. Diz um ditado que "todo tradutor é um traidor". Mesmo não levando ao pé da letra o conteúdo desse adágio, é necessário, no entanto, reconhecer que a tarefa do tradutor é, não raro, conflitante: de um lado, há a necessidade da fidelidade ao conteúdo literal do texto e, de outro, a fluência da linguagem do texto traduzido para torná-lo mais compreensível e agradável à leitura. Na tentativa de conciliar esses dois aspectos, o tradutor corre o risco de mutilar o sentido pleno do texto original. Além disso, os textos dos quais apresentamos aqui a tradução foram redigidos há cem anos e, como tal, encontram-se permeados de expressões de uso corrente naquela época, porém hoje em desuso. A linguagem empregada contém também, no original, gírias e expressões, compreensíveis aos leitores da época, a quem a mensagem era dirigida, mas que, para nós, podem soar estranhas.

---

1 Os dois álbuns contêm, em sua maioria, fotos inéditas. Foram localizados no Herz-Jesu Kloster de Martental, na Alemanha, e encaminhados para o Brasil em 2004. Essas fotos constituem um acervo documental complementar importantíssimo para o conhecimento da história da presença dehoniana em Santa Catarina.

2 DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo*: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18). Vol. I. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 14.

Queremos, com esta coletânea de textos produzidos pelos missionários, prestar uma homenagem aos pioneiros que consagraram suas vidas pela causa do reino do Coração de Jesus na missão do Brasil Meridional. Os pioneiros do Coração de Jesus que aportaram em solo brasileiro meridional vieram todos com muito ânimo e cheios de entusiasmo. Com o passar dos anos e as dificuldades a enfrentar, as disposições tomaram rumos diferentes. Uns se adaptaram à realidade cultural do povo que lhes era confiado e se consagraram de corpo e alma à missão, fazendo do Brasil sua nova pátria. Outros, por razões diversas, tiveram dificuldades de adaptação mas, graças a muito esforço e tenacidade, conseguiram superar as dificuldades e perseveraram no campo de trabalho até o fim da vida. Outros, enfim, por temperamento ou despreparo, nunca conseguiram ajustar-se à realidade missionária brasileira e, por isso, depois de alguns anos preferiram voltar para a terra natal.

Uma coisa é certa: o papel dos missionários dehonianos no sul do Brasil foi fundamental na organização e estruturação da vida religiosa católica do povo a eles confiado. O esforço tenaz e persistente no trabalho pastoral, na administração dos sacramentos, na visita aos doentes, na fundação e assistência às escolas paroquiais e em tantos outros serviços e empreendimentos foram determinantes para a vitalidade da Igreja em Santa Catarina.

Até meados do século XIX, a presença da Igreja era pouco expressiva neste estado. Apenas alguns padres brasileiros ou portugueses, de formação deficiente e com pouco interesse pelo apostolado, atendiam parcialmente a população luso-açoriana nas principais vilas e povoações dispersas ao longo do litoral. A única colônia alemã, a de São Pedro de Alcântara, fundada em 1829, era atendida, de tempos em tempos, pelo pároco de Desterro. Com a fundação de outras colônias a partir de 1850, a situação não melhorou muito de imediato. No atendimento aos numerosos colonos que gradativamente foram se estabelecendo nas colônias e nas respectivas linhas coloniais de Joinville, Blumenau, Gaspar, Brusque e Teresópolis, três abnegados sacerdotes devem, no entanto, ser lembrados: Padre Carlos Boegerhausen, em Joinville, Padre Alberto Gattone, em Gaspar e Brusque, e Padre Guilherme Roer, em Teresópolis, cujo curato se estendia pelos vales dos rios Cubatão, Capivari e Braço do Norte até São Ludgero.

Em tais condições, é compreensível que a maior parte da população, principalmente a mais afastada das sedes paroquiais, ficasse sem atendimento regular e, segundo a constatação dos missionários, as pessoas crescessem na ignorância religiosa. O povo manteve por conta própria suas tradições religiosas, mesclando-as, não raro, com crenças indígenas e africanas, estas últimas trazidas pelos escravos.

Com a Proclamação da República em 1889 e o fim do Padroado, a Igreja passou a ter mais autonomia para criar dioceses e preencher cargos vagos nas paróquias. Assim, a 27 de abril de 1892, Leão XIII cria a diocese de Curitiba. Santa

Catarina, que até então pertencia juridicamente à diocese do Rio de Janeiro, passa a depender da diocese de Curitiba. O primeiro Bispo dessa nova diocese, Dom José de Camargo Barros, tomou posse da extensa diocese em 30 de setembro de 1894. Um ano mais tarde, em 1895, ele fez uma visita pastoral a Santa Catarina, onde pôde constatar a situação de penúria e desorganização em que se encontrava essa parte de sua diocese. Sua grande preocupação foi a criação de escolas paroquiais, que se multiplicaram, a partir de então, rapidamente, em todo o estado.

Em janeiro de 1890, desembarca em Santa Catarina Pe. Francisco Xavier Topp, na qualidade de sucessor do Pe. Guilherme Roer. Monsenhor Topp, como ficou conhecido, natural de Warendorf, diocese de Münster/Vestfália, pode ser considerado o organizador da Igreja em Santa Catarina. Preocupado com o precário atendimento aos colonos, cujo número se multiplicava a cada ano, percebeu que não era possível ater-se simplesmente à assistência cotidiana dos fiéis. Fomentou a criação de paróquias e, principalmente, articulou a vinda de clero europeu. Nesse sentido, a convite de Monsenhor Topp, vieram inúmeros sacerdotes da diocese de Münster, a chamada "missão de Münster".

Em 1891, vêm para Santa Catarina os padres franciscanos, os quais se instalam, inicialmente, em Teresópolis e restauram a Província Franciscana da Imaculada Conceição. Com a vinda de novos reforços da Alemanha, os franciscanos assumem, além do curato de Teresópolis, as paróquias de Lages (que abrangia todo o planalto serrano), Blumenau, Rodeio, Gaspar, Angelina e Florianópolis (igreja Santo Antônio).

Além dos padres, vêm também as irmãs da Divina Providência, com sede na cidade de Münster, na Alemanha. Elas dedicam-se preponderantemente ao atendimento hospitalar, à catequese e à educação infanto-juvenil em escolas e colégios nas cidades de Florianópolis, Brusque, Blumenau, Rodeio, Joinville, Tubarão, Lages, Jaraguá do Sul, São Bento do Sul.

Porém, os sacerdotes eram ainda poucos para o número de habitantes que crescia entre os imigrantes e descendentes de origem alemã, polonesa e italiana – estes últimos a partir de 1875 – em Santa Catarina. Para preencher essa lacuna, Monsenhor Topp dirige-se novamente ao espírito missionário da Igreja de sua terra natal. Por sua intermediação, chega ao superior da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus na Alemanha a correspondência do Bispo de Curitiba com o pedido de fornecimento de missionários para trabalhar na "Vinha do Senhor" entre os colonos alemães em Santa Catarina.

A direção da jovem Província Alemã, por sua vez, já tinha planos de assumir para seus membros atividades missionárias no exterior. Havia a proposta de três locais de trabalho: na Áustria, no Luxemburgo e no Brasil meridional. Depois de acurada análise, optou-se pelo Brasil meridional. Na reunião do Conselho Consultivo Geral, realizada em Bruxelas, no dia 24 de outubro de 1902,

debateu-se a questão relativa à fundação da missão no Brasil. O mesmo assunto voltou em reunião do dia 3 de dezembro do mesmo ano, com parecer favorável à execução do referido projeto. Diz o documento: "O Conselho determina que se responda ao Bispo de Curitiba dizendo-lhe que terá, num tempo mais ou menos breve, uma resposta definitiva. Os alemães enviarão dois padres para estudar a questão, já na primavera, depois de havê-los proposto ao conselho canônico".

Na reunião do Conselho realizada em Bruxelas, no dia 12 de março de 1903, o tema da missão no Brasil voltou novamente à pauta. Nessa reunião leu-se a correspondência do secretário episcopal de Curitiba contendo a oferta de locais de trabalho no estado de Santa Catarina e as informações a tomar junto ao pároco Topp. Todos consideraram este projeto aceitável. Na mesma reunião foi proposto o nome de Pe. Gabriel Lux como superior da missão e tratou-se também do ônus financeiro, pois os missionários teriam necessariamente seus custos com viagens, instalação, etc. Como conclusão, diz a ata da supracitada reunião: "O projeto de uma fundação a ser feita nos próximos meses em Desterro, diocese de Curitiba, pelos Padres Lux e Foxius é votado por todos os padres com a restrição formal de que o Superior Geral tome sobre si a decisão e a responsabilidade definitivas". O Superior Geral diz, na reunião, "que o momento parece ter chegado para começar esta fundação no sul do Brasil, em questão há muito tempo; que os dois primeiros padres se preparem para a partida para Desterro; que estejam decididos a viver ali como bons religiosos e segundo nossas regras; que se dará uma resposta afirmativa e definitiva ao Bispo de Curitiba."

Antes de partirem, os dois pioneiros assinaram um termo de compromisso com o seguinte teor:[3]

Nós, abaixo assinados, declaramos estar prestes a empreender a realização da missão do sul do Brasil, proposta pela reunião dos padres alemães em março de 1903 e definitivamente aprovada pelo capítulo e pelo superior de nossa Sociedade.

Nós agradecemos aos superiores e aos padres alemães delegados da conferência a confiança que em nós depositaram, honrando-nos com este cargo.

Nós ficaremos orgulhosos de corresponder à sua confiança e faremos o possível para desempenhar esse honroso cargo pelo maior bem da Sociedade.

Prometemos consagrar-nos de todo o coração a esta obra missionária segundo o espírito de nossa Sociedade, conservando com nossos superiores relações de filial afeição.

Sittard, 23 de março de 1903
Ass. Pe. Gabr. Lux
Pe. Joseph Foxius

3 O documento, redigido em francês, encontra-se no Arquivo Central da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em Roma.

Na manhã de 16 de junho de 1903, Pe. Lux e Pe. Foxius despediram-se de seus amigos e de sua pátria e embarcaram para a nova missão no distante sul do Brasil. Ao avistarem o litoral do Brasil meridional, em Paranaguá, os dois pioneiros escrevem em seu diário de viagem: "Eis ali a terra dos nossos anseios e de nossa missão, o vasto campo de nosso apostolado. Nós te saudamos com emoção e devoção, ó terra brasileira, nova pátria dos Padres do Sagrado Coração de Jesus!"

Florianópolis. A viagem de Sittard até Florianópolis demorou quase um mês. O primeiro a pisar em solo catarinense foi Pe. Foxius, no dia 15 de julho, pois o Pe. Lux havia se separado dele em Paranaguá para apresentar-se ao Bispo de Curitiba. Por isso chegou uma semana mais tarde, no dia 19 do mesmo mês. Em Florianópolis auxiliaram primeiro o Revmo. Pe. Francisco Xavier Topp na cura d'almas e em outras atividades, até se familiarizarem com a língua e os costumes e poderem assumir paróquias próprias. A principal atividade foi na igreja conventual de São Francisco que, naquela época, se encontrava em total abandono. Nos fundos da mesma igreja encontrava-se também sua residência. "Em janeiro de 1904, depois que chegou ajuda na pessoa dos padres Meller e Stolte e na do irmão Küpper, abriu-se a escola Santo Antônio, nas dependências da igreja de São Francisco, com 90 alunos."[4]

Brusque. Era interesse dos padres assumir um campo de atividades próprias. Um dos objetivos da vinda dos missionários era dar assistência aos imigrantes das inúmeras colônias alemãs do estado. Em cumprimento a esses anseios, partiu para Brusque, no dia primeiro de agosto de 1904, o Pe. João Stolte, que ali acertou com o Pe. Eising o encargo de administrar aquela paróquia, a qual passou a ser a sede da missão por muitos anos. Era imenso o campo missionário de Brusque e arredores. Além da extensa paróquia que abrangia não apenas o atual município de Brusque, mas também os municípios de Guabiruba e Porto Franco (hoje, Botuverá), foi confiada ainda aos novos missionários a administração de Azambuja que, naquela época, já era um centro de peregrinação e contava com um hospital, um nosocômio e uma casa de acolhimento para crianças em preparação à Primeira Comunhão. Em resposta ao projeto de renovação cristã proposto pelo Bispo de Curitiba, bem como às necessidades locais, Pe. Meller deu início à construção da escola paroquial, cuja inauguração se deu no dia 23 de maio de 1909.

São Bento do Sul. Em 4 de outubro de 1904, a missão dehoniana do Brasil meridional assumiu a paróquia de São Bento do Sul. Pe. Gabriel Lux exerceu interinamente o cargo de pároco até a nomeação de Pe. José Foxius, que tomou posse

4 LUX, Pe. Gabriel. *Relations*. (Relatório manuscrito). 1907.

a 8 de dezembro de 1904. No início do ano seguinte, Pe. Antônio Wolmeiner foi auxiliá-lo na qualidade de vigário paroquial.

Itajaí. A pedido de Dom Duarte Leopoldo e Silva, sucessor de Dom José de Camargo Barros, foi assumida, em 1905, a paróquia de Itajaí. Escreve Pe. Lux: "Dia 24 de setembro Pe. José Foxius viajou com o Sr. Bispo para Itajaí a fim de tomar posse daquela paróquia, e Pe. Lindgens seguiu-o oito dias mais tarde." Embora Brusque fosse a sede da missão, Itajaí era importante enquanto porta de entrada por causa do porto e como lugar de passagem.

Paraty e Barra Velha. A falta de clero era premente por toda parte. Havia inúmeras paróquias vagas, pois não existia nenhuma casa de formação para futuros sacerdotes nativos. Por outro lado, face aos insistentes apelos do Bispo de Curitiba, reforçados pelo superior da missão dehoniana no Brasil, a casa missionária de Sittard continuou enviando sucessivamente novos missionários para fortalecer e aprimorar os trabalhos em andamento nas paróquias já assumidas e, na medida do possível, assumir novas paróquias. Nesse contexto, o Bispo de Curitiba ofereceu aos padres do Sagrado Coração de Jesus a paróquia de Paraty (hoje Araquari) e Barra Velha, ambas sem pároco há vários anos, ou duas paróquias em Florianópolis. Optou-se por Paraty e Barra Velha em vista da continuidade de território e maior concentração dos religiosos, facilitando a comunicação dos mesmos entre si. Agora a área de atendimento se estendia desde Brusque (Botuverá e Guabiruba), passando por Itajaí (com posterior ramificação para Camboriú e Porto Belo), Barra Velha, Paraty e São Bento do Sul. A provisão de 20 de janeiro de 1906 dava ao Padre Henrique Lindgens o título de vigário encomendado da referida paróquia de Paraty[5]. No mesmo ano, em 27 de novembro, Padre Francisco Schüler recebeu a provisão de vigário paroquial. Padre Henrique Lindgens dirigiu a paróquia até 24 de abril de 1908, quando assumiu em seu lugar o Padre Pedro Storms. De 19 a 22 de fevereiro de 1909, o bispo da recém-criada diocese de Florianópolis, Dom João Becker, fez uma visita pastoral à paróquia de Paraty e, ao despedir-se, deixou registrado no Livro Tombo o seguinte:

Fizemos a visita à igreja e verificamos que o Revmo. Sr. vigário Pe. Pedro Storms e seu zeloso coadjutor, Pe. Othmar Baumeister, desempenham cabalmente sua missão, como convém a dignos ministros de Deus. Grande é o zelo, constante o sacrifício com que trabalham pelo progresso da religião e salvação das almas, sob a direção do seu Bispo, pelo que sinceramente os louvamos.

Inúmeros outros sacerdotes da congregação se sucederam nessa paróquia até que a mesma foi entregue aos padres diocesanos em 1953.

5 A expressão "vigário encomendado" vem do tempo do padroado, quando os vigários recebiam provisão por um ano com possibilidade de renovação da mesma. O vigário podia ser promovido, mediante exame, a "vigário colado", isto é, vitalício.

Camboriú e Porto Belo. Depois que, em 1908, o estado de Santa Catarina foi alçado à condição de diocese, o novo pastor, Dom João Becker, procurou os padres da Congregação para se estabelecerem em Camboriú, o que aconteceu na pessoa do padre Carlos Keilmann. À paróquia de Camboriú foi juntada a de Porto Belo. As duas paróquias, que na época contavam com aproximadamente 15 mil almas, eram atendidas por dois padres.

Trindade, em Florianópolis. Por um breve período de tempo, a Congregação assumiu também a paróquia de São Miguel e Biguaçu em 1910. Embora os padres do Sagrado Coração de Jesus tenham se retirado de Florianópolis em 1904 para atender às demandas pastorais no interior catarinense, contudo, por falta de clero, voltaram à ilha de Santa Catarina em 1912, assumindo a paróquia da Santíssima Trindade, que compreendia toda a metade sul da ilha de Santa Catarina. Essa paróquia, que estava sem pároco havia oito anos, recebeu como pároco o Padre Pedro Storms, que tomou posse no dia 11 de fevereiro de 1912 e, como vigário paroquial, o padre Carlos Keilmann. Vários padres Dehonianos ali trabalharam até 12 de novembro de 1917 quando, por motivo da guerra, tiveram que retirar-se.

Jaraguá do Sul. Em Jaraguá do Sul, os Padres do Sagrado Coração de Jesus iniciaram os trabalhos pastorais em 1911 com o Padre Meller, quando ainda não existia sequer capela nessa localidade. Quando a paróquia foi criada em 31 de julho de 1912, Jaraguá do Sul contava com aproximadamente 10.000 habitantes e dez capelas pelo interior da colônia. Os habitantes eram alemães, italianos, húngaros e poloneses. É muito lembrado o benemérito Padre Pedro Franken que, em 1913, construiu a escola paroquial que, em parte, servia também como casa paroquial. Mais tarde, a escola paroquial foi entregue às Irmãs da Divina Providência. Iniciou também a construção da igreja matriz, cuja bênção de inauguração aconteceu a 21 de janeiro de 1917 e dedicada a Santa Emília. Mais tarde, em 1926, quando a igreja passou por uma reforma, teve substituído o título da padroeira Santa Emília por São Sebastião. São desconhecidas as razões dessa substituição.

Tubarão. Em 1º de fevereiro de 1913, os dehonianos assumiram a paróquia de Nossa Senhora da Piedade, de Tubarão. Os dois primeiros sacerdotes da Congregação a trabalhar nessa paróquia foram os padres Henrique Lindgens, como pároco, e Carlos Keilmann, como vigário paroquial. Oficialmente os dois sacerdotes receberam a respectiva provisão somente em 24 de dezembro de 1913. Durante a Primeira Guerra Mundial, os padres, por serem alemães, tiveram que abandonar a paróquia durante um ano e meio. Terminada a guerra, puderam retornar às suas atividades. Os Padres do Sagrado Coração de Jesus trabalharam em Tubarão na cura d'almas e na educação (Colégio Dehon) até a criação da Diocese em 1954.

Esta sucinta visão panorâmica mostra que, nos dez primeiros anos de atividade no sul do Brasil, os padres dehonianos abraçaram um vasto campo missionário que se estendia desde São Bento do Sul, na divisa com o Paraná, até Tubarão, passando pela maioria das paróquias do litoral e algumas do interior. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve também significativa incidência nos rumos da Congregação no sul do Brasil. Como os padres eram todos alemães, não lhes era permitido administrar paróquias situadas no litoral. Assim sendo, tiveram que se retirar de Itajaí a 15 de novembro de 1918, de Florianópolis (Paróquia da Santíssima Trindade) e também, por um ano e meio, de Tubarão. Em compensação, seu campo de ação missionária voltou-se para outros estados, ao assumirem atividades pastorais e educacionais em São Paulo (Taubaté), Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Concluímos, alertando as novas gerações de missionários dehonianos: é importante a volta às origens históricas enquanto fonte de inspiração para futuros projetos e empreendimentos, principalmente nas frentes pioneiras no interior do Brasil.

1

A despedida*

Pe. João Peters

O mês do Sagrado Coração de Jesus de 1903 significa um marco novo dentro do trabalho missionário dos Padres do Coração de Jesus.

Sob a proteção do Divino Coração, que promete bênçãos do céu a todos os empreendimentos, dois missionários deixaram a pátria alemã no dia 16 de junho de 1903, com o propósito de enfrentar um campo de trabalho ainda desconhecido, no longínquo Brasil.

A festa de despedida aconteceu no dia 15 de junho, na Escola Apostólica de Sittard, Holanda. Os missionários que partiram foram o Revmo. Pe. Gabriel Lux, de Bonn, no Reno, e o neossacerdote Pe. José Foxius, de Thommen, junto a St. Vith, Eifel.

Pe. Lux fora expulso do Equador pela Revolução Liberal de 1895[1] e teve que abandonar também, mais tarde, seu campo missionário no Congo, África, devido a uma enfermidade ali contraída. Restabelecido, foi atraído pelo clima melhor da América do Sul, onde fundou uma nova Missão.

Após a solene celebração eucarística na capela do seminário, houve a costumeira sessão missionária, na qual Pe. Lux falou de sua pregressa vida missionária, abordando também as condições de vida, o clima e o povo que os missionários iriam encontrar no Brasil.

A manhã seguinte trouxe momentos de emoção. Nós todos nos encontrávamos na sala de estudo, em profundo silêncio, debruçados sobre nossos livros, quando o carro do correio chegou à porta do convento para levar os missionários à estação ferroviária de Sittard.

Antes da partida, porém, os dois sacerdotes entraram mais uma vez na sala de estudo, para a despedida. Pe. Foxius deveria proferir algumas palavras, mas, como cantor veterano do coral do convento, nada melhor pôde fazer do que entoar com voz firme e sonora de baixo o "Ave Maris Stella", como nós o cantávamos tão frequentemente na capela.

---

* Texto escrito a máquina, não publicado.

1 Em 1895, Eloy Alfaro encabeçou uma Revolução Liberal no Equador com o apoio cultural de intelectuais ligados à maçonaria. As oligarquias do país se juntaram à influência da Igreja Católica para retomar o poder e promover uma "guerra santa contra o liberalismo". Entre as medidas adotadas pelos revolucionários, citam-se a supressão de conventos e mosteiros, a introdução do ensino laico e obrigatório, a expulsão do clero estrangeiro, a não obrigatoriedade de pagamento do dízimo (que havia sido instituído como um imposto ilegal) e a "nacionalização" de parte dos bens da Igreja. Seu governo tinha, portanto, um forte tom anticlerical.

Desde as vozes de soprano dos primeiros bancos até as vozes dos adultos da última classe, vibrou o canto de despedida:

Ave, Estrela do Mar,
Bendita Mãe de Deus,
Fecunda e sempre Virgem,
Único portal dos céus.

Olha com benevolência
Do trono celestial.
Roga por nós junto ao Filho,
Ó Virgem Maria!

Então acompanhamos os senhores que se despediam até o portão do convento. Um último adeus e até à vista no Brasil! Os Padres embarcaram, a porta da carruagem se fechou, o carro-correio partiu.

O destino dos missionários era Hamburgo, onde embarcaram no vapor "Maceió", rumo ao Brasil. Desse navio nos chegam as primeiras saudações.

Padre Lux e Padre Foxius, rumo ao sul do Brasil.

2

Relato de viagem dos padres Lux e Foxius que, no dia 16 de junho, partiram para Desterro, no sul do Brasil *

A bordo do "Maceió", 21 de junho.

Sendo que provavelmente faremos escala no Porto (Leixões[1]), Portugal, esperamos poder enviar-lhes esta carta pelo correio marítimo.

Sobre a nossa estadia em Hamburgo, já fostes certamente informados pelo nosso acompanhante, Pe. Hamacher. Na estação ferroviária nos aguardava um representante do Sr. H. Meynberg, da Associação São Rafael. Toda a bagagem havia chegado bem ao seu destino. Fomos imediatamente ao Hospital de Maria, das Irmãs Borromeas. Terça-feira, às 15 horas, embarcamos no navio. Tivemos um ótimo apoio, na pessoa do Sr. Meynberg, para a realização dos múltiplos negócios e andanças. Além disso, somos gratos a ele pelas preciosas informações sobre condições locais. Ao anoitecer, Pe. Hamacher se despediu de nós. Então, apesar de tudo, o sentimento de solidão nos invadiu, quando nos deixou o último bom amigo. Na manhã de quarta-feira, às 6 horas, o navio levantou âncoras. Logo estávamos em Cuxhaven, onde o guia deixou o navio. Ao longe avistamos Helgoland e, no canal da Mancha, o litoral da Inglaterra e da França.

O "Maceió" é um navio pequeno, modesto e nada elegante, mas não há por que reclamar do conforto. A cozinha é boa, melhor do que nos navios ingleses por nós usados anteriormente. O pessoal é muito atencioso e nada de rígida etiqueta. Apreciamos a cordialidade entre a tripulação e os passageiros. Somos aproximadamente 20 passageiros de camarotes, entre senhoras, senhores e crianças, e 150 passageiros da segunda classe. Formamos uma grande família. Encontra-se também entre os passageiros um pastor protestante com sua esposa. Para o lazer e humor, todos colaboram segundo sua capacidade, principalmente o comandante e um saxão bem-humorado.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano III (1903), p. 254.

1 O porto (ancoradouro) da cidade do Porto fica em Leixões, pequena cidade portuária no Norte de Portugal, a poucos quilômetros da cidade do Porto.

Durante a viagem, tivemos ótima oportunidade para conhecer um pouco sobre a terra e a gente de Desterro[2], pois se encontram a bordo vários teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, São Francisco e Desterro, que nos forneceram valiosas informações. Não está descartado que tenhamos de desembarcar em Paranaguá e, de lá, continuar viagem com o navio de um dos nossos passageiros, o Sr. [Carlos] Malburg, de Desterro.

O mar está bastante calmo, por horas, inclusive, magnífico; na sexta-feira estava proceloso, o que pôde ser comprovado por um de nós, embora tenha tido um final feliz. Nosso saxão sugeriu que o melhor remédio contra enjoo é convencer-se de não enjoar e, quando se é acometido, fingir não sentir nada. Assim, na sexta-feira passada, encontrando-se pessoalmente na conhecida posição do corrimão, ele precisou imaginar-se estar dopado com excesso de nicotina. Sexta-feira passamos por Dover, a uma distância de duas milhas marítimas, e a previsão é chegar domingo à cidade do Porto; então Tenerife e, daí, direto para Maceió, em Pernambuco[3]. As próximas notícias vocês receberão de algum dos referidos portos.

Com pedido de vossas orações, subscrevem-se, com cordiais saudações, vossos

Pe. Lux e Pe. Foxius

---

2 Desterro, antigo nome da capital do Estado de Santa Catarina, teve seu nome mudado para Florianópolis em 1º de outubro de 1894, em homenagem a Floriano Peixoto.

3 O autor do relato equivocou-se, pois Maceió não fica em Pernambuco, mas em Alagoas.

3

Relato de viagem dos padres Lux e Foxius*

Caros amigos de Sittard!

"Quem faz uma viagem tem o que contar", diz o Sr. Urian. Em conformidade com esse ditado, vocês poderão contar com um longo e belo relato de viagem. Mas, tirando o talento narrativo que fez tão célebre o Sr. Urian, falta-nos tempo e ócio. E já vemos que muitos vão menear a cabeça, duvidando: passar trinta dias a bordo do "Maceió", dormir e comer, tendo como ocupação principal não fazer nada e, apesar disso, não ter tempo nem ócio? Mas é assim, e vocês mesmos poderão comprová-lo mais tarde.

A gente naturalmente se propõe a tudo: promete cartas sem fim, quer estudar... Porém tudo fica apenas nos propósitos. Cumpri-lo tem seu momento. Vocês conhecem os assim chamados "cadetes do Reno", os "tratantes alemães"? Eles ficam horas e horas junto à eternamente bonita margem do incomparável rio, debruçam-se sobre o corrimão e fixam os olhos nas águas, como se procurassem o tesouro dos Nibelungos. Então, cansados e famintos, voltam para casa, como se tivessem carregado navios o dia inteiro.

Mais ou menos assim acontece em alto mar: a gente se levanta de manhã com o firme propósito de estudar, escrever, trabalhar em favor do próximo. Após a oração da manhã, faz-se um passeio pelo convés do navio, na expectativa de encontrar algo para ser admirado. Tão longe quanto a vista alcança, não há nada além de água ao redor e céu lá em cima. A gente fixa o olhar sobre as ondas que sobem e descem nas águas espumantes lançadas para o alto contra a proa do navio, ou sobre o cintilar verde em redemoinho da água atrás do navio. Dá-se, então, conosco o que acontece com os cadetes do Reno: o olhar fica preso, o ser humano todo fica de tal modo absorto pela eterna monotonia, que lhe falta ânimo para execução de seus bons propósitos. A gente deixa-se cair numa daquelas cadeiras do convés, reclina-a o máximo para trás, devaneia, sonha, até que o sino anuncia a refeição do almoço ou jantar. Come-se com apetite de marinheiro e, após a refeição, prossegue-se com a ocupação da manhã. À noite, no exame de consciência, fica-se zangado consigo mesmo, por ter passado o dia de forma tão individual; dorme-se

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano III (1903), p. 300-306.

o sono dos justos para, no dia seguinte, com grande probabilidade, repetir a mesma folga.

A dura necessidade e o sentimento do dever nos advertiam sobre a importância de nos dedicarmos ao estudo do português para que, no Brasil, pudéssemos nos virar sozinhos. Pegamos, por isso, a gramática e nos aprofundamos nas infindáveis belezas dessa língua latina de timbre tão agradável. E o fizemos da seguinte maneira: reclinados para trás, com o livro aberto contra o rosto, fixávamos a página, fechávamos os olhos e pronunciávamos a leitura em voz alta para gravar melhor o que havíamos aprendido. Vocês certamente o farão melhor mais tarde.

Enquanto ainda navegávamos de Hamburgo pelo rio Elba abaixo, com um vento noroeste forte e frio que tornava pouco confortável dormir, sonhar e estudar no convés, a situação era, sem dúvida, bem outra. Ao longo do trajeto havia muita coisa para ver e apreciar: a bela margem direita do Elba, com seus outeiros arborizados, suas moradias, as cidadezinhas de Blankenese, Glückstadt, Cuxhaven; a desembocadura do canal Imperador Guilherme; de vez em quando, na margem, um navio cujos mastros salientes das águas advertiam nossos pilotos a ter cautela; as muitas embarcações de pescadores e, por fim, ao longe, a rochosa ilha de Helgoland. Do Mar do Norte entramos no Canal da Mancha. Ao anoitecer passamos bem perto de Dover e avistamos as formações rochosas de gesso na costa inglesa e os maravilhosos faróis multicoloridos. Inclusive a costa francesa deu sinal de vida mediante um impressionante fogo de santelmo elétrico. Entramos então no golfo de Biscaia e ali o mar ficou mais agitado. Netuno exigiu as primeiras vítimas[1]. Não as vês se dirigindo furtivamente para a balaustrada, com a cabeça inclinada para a frente? Deu na vista como ficou tudo tão quieto. Dorme-se muito, come-se pouco e pensa-se nas rosas com os espinhos. Ai do imprudente que escolher a cama inferior do beliche e for abalroado por aquele que dorme na cama superior!

Porém, logo chegamos a águas tranquilas. O sol ardia, quando avistamos as ilhas Canárias e ancoramos em Tenerife. Num instante fomos cercados por um grande número de barcos, cujos condutores convidavam os passageiros para um passeio a terra. Olha aí os jovens adolescentes! "Caballero! Una gorjeta!" ressoava de todos os lados. Permitimo-nos o luxo de jogar uma moeda ao mar para ver aquela rapaziada atirar-se aos gritos na água, para apanhar a moeda submersa. Dá para acompanhar os pequenos nadadores a muitos metros de profundidade nas verdes águas transparentes, ver como eles apanham a moeda que afunda lentamente e a trazem na boca ou entre os

1 O enjoo do mar.

dedos do pé, retornando, devagar e sem muito esforço, à superfície. “Gracias, Señor!” gritam alegres para o convés.

Para fugir do ar poluído pelo carvão, a maioria dos passageiros desembarcou, inclusive um de nós dois. Quando o outro também quis descer a terra, teve o dissabor de constatar que o colega calçara seus sapatos. Isso, no entanto, não seria um empecilho invencível, a ponto de impedi-lo de sentir o delicioso ar aromático da ensolarada ilha. E lá se foi ele, de gibão e chinelos, em companhia do comandante, e alcançaram o involuntário ladrão de sapatos. Apesar de nosso disfarce, provavelmente fomos reconhecidos como clérigos, pois em uma casa de comércio, de um canto, alguém gritou, subitamente: “Un cura! Dos curas! Tres curas!” Um padre! dois padres! três padres! Nosso honestíssimo capitão Ohlerich, com sua rude cara de lobo do mar, um padre? Na verdade, o grito partira de um bem adestrado papagaio verde que, pelo menos dessa vez, ficara perto da verdade.

Foi também aqui, em Tenerife, que o nosso capitão fez sua primeira experiência em equitação. Que espetáculo! Com as pernas encolhidas e o corpo curvado para a frente, guarda-sol debaixo do braço, montou num rocim, segurando-se com uma das mãos na argola da sela e com a outra nas crinas do cavalo. Bateu com mãos e pés para pôr seu cavalo em movimento. Este, no entanto, admirado, olhava para o cavaleiro, sem dar um passo à frente. Foi então que, inesperadamente, alguém bateu com um ramo verde na traseira do animal que, espantado, começou a corcovear, dando saltos e atirando as patas traseiras para o ar, a ponto de quase derrubar o cavaleiro ao chão. Para acalmar o animal, inverteu-se então o método, achegando-se a ele pela frente e oferecendo-lhe algo para comer. O bravio cavalo espanhol aceitou prontamente a oferta, virou a cabeça e, sem dar mais um passo, começou a comer as folhas da improvisada chibata. Tudo em vão! “Apeia, então, capitão! Tu sabes, com certeza, pilotar teu navio pelos mares bravios, mas não esse fraco matungo espanhol”.

Ao meio-dia o navio fez-se novamente ao mar. A rochosa ilha desapareceu em instantes dos olhos, apenas o famoso pico de Tenerife ficou visível no crepúsculo, mostrando seu cume emoldurado de nuvem. A seguir atingimos o Trópico de Câncer. Os raios perpendiculares do sol tornam-se desagradáveis, apesar de suavizados pela brisa fresca do vento nordeste.[2] Em alto mar, as noites nos trópicos são maravilhosas: os ares mornos, o luar prateado e cintilante sobre as ondas, o mar ondulante e fosforescente, tudo convida a sonhar. O ar limpo e transparente deixa parecer mais próximo o céu estre-

2 No original *Nord-Ost-Passat* (vento passat nordeste) é o nome dado ao vento típico da região das ilhas Canárias, que sopra do nordeste em direção ao Equador. São os ventos alísios.

lado, e o Cruzeiro do Sul indica ao navegador o rumo a seguir à noite. Tão longe quanto a vista alcança, as cristas espumantes das ondas brilham em cores cintilantes. Em frente, na proa, trava-se um combate interminável entre navio e ondas. Vagarosamente, as ondas vêm rolando em nossa direção. O potente colosso de ferro levanta-se, erguido pela massa das águas, para, logo em seguida, precipitar-se com impressionante ímpeto sobre as ondas que se desfazem em espuma branca e, bramindo, se lança sobre as novas ondas que vêm rolando. À noite ficamos sentados, horas e horas, em algum lugar calmo, olhando o lindo céu estrelado, ou então, o jogo das ondas do mar que, de vez em quando, cobre o convés do navio com um chuvisco de espuma salgada. Observamos os golfinhos brincalhões que, alegres, movimentam-se nas revoltas águas verdes, reluzentes, atrás do navio. Então nossos pensamentos se elevam para o Criador dessas maravilhas, que nos permite contemplar o milagre do Seu poder. Oh! como é maravilhoso esse imenso oceano, mas também é maravilhosa a terra natal! E esta já está agora distante, muito distante, e cada minuto nos leva para mais longe dela. Recordamos os queridos parentes das animadas cidadezinhas do Reno e do Eifel, os caros amigos em Sittard, especialmente os estudantes que se preparam para as missões. E, atenção! Ao ritmo da máquina que trabalha sem descanso, imaginamos estar ouvindo os sons da canção de despedida: "Agora adeus, querida terra natal!"[3] É saudade? Como passatempo, calculamos inúmeras vezes o fuso horário em relação à terra natal e nos imaginamos estar lá e saber o que cada um dos parentes poderia estar fazendo nesse momento, na distante pátria. "Agora, saúdo-te pela última vez, querida terra natal. Adeus!"[4]

Passamos a linha do Equador na madrugada do dia 3 para o dia 4 de julho. Não creio que nosso capitão tenha seguido o conselho de nosso saxão e ordenado baixar os mastros na passagem, para não tocá-la. Mas Netuno, o deus do mar, veio para, segundo antiquíssima tradição, proceder ao batismo de todos os que pela primeira vez transpõem a linha equatorial.

Netuno apareceu a bordo vestido de roupa impermeável e colete à moda sulina, com enormes botas de cano alto, longa barba eriçada, feita de corda desfiada. Tinha em uma das mãos o tridente, símbolo de seu poder e, na outra, o sextante, para medir a altura do sol. A seu lado estava Anfitrite, sua esposa, de olhos azuis. Após apresentar-se ao capitão e verificada a altura do sol, deu início ao solene rito do batismo.

Primeiro, o batizando era ensaboado completamente por Tritão, o barbeiro da corte, com um pincel de barba e, em seguida, barbeado com uma na-

---

3 Título da canção: *Nun ade, du mein lieb Heimatland*. (Agora adeus, querida terra natal).

4 Última frase da canção: *Nun grüss ich dich zum letzten Mal, lieb Heimatland, ade! (Agora te saudo pela última vez, querida terra natal, adeus!).*

valha de um metro de comprimento e empoado com talco. Depois, o batizando tinha que olhar o Equador, através de um binóculo improvisado com duas garrafas que, pouco antes, encontravam-se sobre a mesa, cheias de vinho. Evidentemente o "binóculo" estava agora cheio de água do mar e, quando o curioso neófito olhava, derramava sobre seu corpo a água salgada. Para encerrar, um balde de água para enxaguar a água batismal. Cada batizado recebeu a certidão de batismo, com assinatura e carimbo do celebrante, e foi agraciado com um nome e uma missão. Um de nós, devido à sua forte e densa cabeleira, recebeu o bonito nome de "ouriço do mar" e foi nomeado cantor mestre de Netuno. A cerimônia finalizou-se com uma calorosa confraternização.

A uma grande distância surge a ilha Fernando de Noronha, local brasileiro de confinamento para criminosos. Vinte e quatro horas depois, surge também à vista a costa do território brasileiro. Costeando bem de perto o litoral de Pernambuco, o navio prossegue sua trajetória e alcança o porto de Maceió, à noite. Mas, por causa dos perigosos arrecifes de coral que existem nas imediações do porto, o navio não pôde entrar e teve que lançar âncoras em mar aberto. Que aborrecimento!

Da praia próxima, um infindável número de coqueiros inclina suas copas na suave brisa do mar, como se quisessem nos convidar para descermos a terra. Em compensação, pudemos observar muitas baleias e botos que dão preferência às águas mais quentes. Brincavam bem perto do navio, lançando para cima jatos d'água e, num forte impulso, arremessavam-se de quando em quando totalmente para fora da água. Também havia grande abundância de toninhas e peixes voadores, dos quais muitos caíam sobre o navio, o que levou o nosso saxão a buscar um anzol para pegar – quem sabe – um boto, como ele disse. Infelizmente não teve sorte. Para alegria geral, não pescou nada, a não ser uma mísera sardinha que, naturalmente, foi recebida a bordo com grande alarido.

Maceió apresenta pouca coisa de interesse uma vez que todas as cidades portuárias sul-americanas se parecem. O que se vê são pretos e mulatos, ruas tomadas pelo capim, miseráveis casebres de negros, cabras e porcos pretos.

Vista do convés, Maceió, com seus bosques de palmeiras e cadeia de colinas arborizadas ao fundo, dá uma impressão realmente agradável. Curiosas, no entanto, eram as embarcações típicas de pesca, chamadas jangadas. Feitas de quatro a cinco troncos de madeira leve, amarrados uns nos outros, têm no centro um pequeno mastro com vela. Alguns cavaletes de bambu servem de assento para os navegadores que, nesses primitivos meios de locomoção, de aproximadamente quatro metros de comprimento, vão muito longe pelo mar bravio adentro e, embora tenham que enfrentar tempestades com essa débil embarcação, não hesitam em seguir o perigoso ofício. Que mal faz se as

ondas viram a embarcação? Nadando, reviram-na, tornam a subir e a viagem continua.

Após o desembarque da carga, o navio retornou para o alto mar. A próxima terra que avistamos foi a ilha dos Abrolhos, que quer dizer: "Abra os olhos!". O nome já aponta para os perigosos arrecifes de corais e bancos de areia dessa região. Mas nosso bravo comandante conhece a todos. Tranquilo e seguro, o "Maceió" desliza longe deles e orienta novamente sua proa em direção à terra firme. Sem muita demora surge à vista o romântico e selvagem Cabo Frio, em seguida a denteada Serra dos Órgãos e, por fim, o Pão de Açúcar, símbolo do Rio de Janeiro. Todavia, sem fazer escala, o navio nos leva adiante, em direção ao lugar de nosso destino e, em pouco tempo, perdemos o litoral de vista.

O resto da viagem, no entanto, não haveria de transcorrer tão tranquilo. As ondas cada vez mais altas indicavam que havia uma tempestade não muito longe de nós. De fato, pouco depois fomos realmente atingidos por um forte vento sul; o mar enfureceu-se e jogou suas ondas sobre o navio. Uma delas rasgou em pedaços parte do toldo de sol, mas, felizmente, sem causar ferimento a ninguém. O vento, no entanto, acalmou-se, as nuvens se dissiparam e deixaram aparecer o estrelado céu do hemisfério sul, de uma beleza inimaginável. Maravilhoso brilhava o Cruzeiro do Sul e a Ursa Maior já não podia mais ser vista. Não deixamos de encomendar às estrelas do Norte que, gradativamente, desapareciam, muitas lembranças para a querida terra natal.

Hoje, domingo, 12 de julho, devemos alcançar o porto de Paranaguá, onde desembarcaremos para continuar a viagem para Desterro, num navio costeiro. De fato, com um binóculo podíamos avistar, no azul distante, os contornos escuros do planalto paranaense, onde se localiza Curitiba, a sede do nosso bispado.

Eis, pois, ali a terra dos nossos anseios e de nossa missão, o vasto campo de nosso apostolado. Nós te saudamos com emoção e devoção, ó terra brasileira, nova pátria dos Padres do Sagrado Coração de Jesus!

Não nos atraem os teus tesouros e riquezas, tuas fabulosas belezas naturais; à grande tarefa da difusão e fortalecimento da fé católica somente queremos dedicar todas as nossas energias sacerdotais.

Começa a azáfama de arrumar as coisas e a despedida de nosso bom "Maceió", o último pedaço flutuante da terra natal. Despedida também dos simpáticos oficiais, de modo especial do honrado comandante Ohlerich, do rude marinheiro e da estimada tripulação, mas também dos amigos compatriotas. Está na hora de terminar nossos alegres entretenimentos, pois o dever do duro trabalho nos chama. Passem bem, queridos amigos. Passem bem, caros seminaristas; tornem-se piedosos e valorosos sacerdotes do divino

Coração para que, em breve, possam trabalhar ao nosso lado ou em nosso lugar, na vinha que se mostra aos nossos olhos. Não se esqueçam de nós, diante do sacrário do Senhor e diante da imagem da Santíssima Mãe de Deus.

Com mil saudações,

Pe. Lux e Pe. Foxius

4

Florianópolis, 1º de agosto de 1903*

Já notaram nosso novo endereço? Ele revela que chegamos bem ao nosso destino, a cidade de Florianópolis, na ilha de Desterro, capital do Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil. Desta última etapa de nossa longa viagem tratam as seguintes rápidas e curtas informações.

Em Paranaguá deixamos o nosso valente "Maceió". Encontramos, lá mesmo, cordial hospedagem junto às Irmãs de São José. Como era necessário apresentar-nos ao pastor supremo da diocese onde deveremos iniciar nossa modesta missão, decidimos nos separar. Pe. Foxius viajou, no dia 14 de julho, no primeiro vapor costeiro para Desterro, e Pe. Lux embarcou no trem que o levou a Curitiba, sede do bispado.

Infelizmente o Exmo. Sr. Bispo se encontrava em visita pastoral pelo interior da diocese; assim, Pe. Lux, depois de solucionar alguns outros compromissos, voltou a Paranaguá e, no dia 19 de julho, embarcou para Desterro. Dessa forma, portanto, com a graça de Deus, chegamos bem e com saúde ao nosso novo palco de atuação e fomos recebidos de braços abertos pelo benemérito Pe. Topp, natural da região de Münster. Moraremos com ele até terminar a arrumação de nossa simples, mas própria, moradia. Para o início, até que estejamos versados no idioma, um de nós ajudará na cura d'almas, tanto na cidade, que tem uns 14.000 habitantes, como também nas localidades mais distantes, que são atendidas a partir daqui; o outro assumirá a direção da Ordem Terceira na Igreja de São Francisco e o cuidado de uma escola paroquial.[1] Sobre isto darei mais tarde outras notícias. O lugar é bem situado. Um braço de mar, de 800 metros, separa a ilha do continente. Tanto no lado de lá, como no lado de cá, tudo é montanhoso, com muito mato. O ameno ar marítimo faz com que o clima seja um dos melho-

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano III (1903), p. 307-308.

1 Há uma opinião equivocada quanto à relação entre a Escola Paroquial e a origem do Colégio Catarinense. Num documento manuscrito, Pe. Gabriel Lux afirma: "De uma parte, por falta de pessoal docente, mas sobretudo para que a existência de nossa escola não fosse obstáculo à fundação de um colégio dos Jesuítas, resolveu-se manter a escola somente até o fim do ano escolar, e, a partir de então, ocupar os padres exclusivamente no ministério apostólico e abandonar o posto em Desterro". Numa nota complementar, o autor afirma no mesmo documento: "A população da capital de Desterro exigia, com razão, a fundação de um colégio de primeira qualidade. Como nós não estávamos em condições de satisfazer essa exigência por falta de pessoal docente e de meios necessários, a cidade dirigiu-se aos jesuítas do Rio Grande. Estes declinaram visto que já estávamos nesta cidade e que havíamos fundado aqui uma escola. Para não impedir a fundação de um ginásio desejado pela população, eu pedi ao superior dos jesuítas de não desistirem da fundação por causa de nós e lhe declarei que não continuaríamos na direção da escola".

res que já encontramos. Os meses de verão, outubro a fevereiro, são, sem dúvida, quentes. Atualmente, temos um clima de maio europeu. Por conseguinte, um extenso campo missionário de bom clima se oferece para nós aqui, com atividades entre brasileiros, entre colonos, na escola primária e, se quisermos e pudermos, também no ensino mais avançado, segundo nossa capacidade e interesse. Queira o coração divino de Jesus abençoar o empreendimento de seus sacerdotes.

Com muitas saudações, vossos

Pe. Lux e Pe. Foxius

***

No artigo intitulado *No novo mundo*, Pe. Spillmann, S.J. escreve o seguinte, quando se refere à ilha de Desterro, no Estado de Santa Catarina (Sul do Brasil):

"A ilha, com 423 km², é um dos mais encantadores lugares do mundo: eterno verde e eterna primavera, exuberante crescimento das plantas, magníficas matas, e o solo produz as mais deliciosas frutas, praticamente sem nenhum trabalho. A grande quantidade de laranjeiras enche o ar com seu doce aroma das flores. Nesta ilha situa-se a capital da província, Desterro, com aproximadamente 8.000 habitantes" (1894).

E no *Manual de Geografia*, do Dr. Daniel, lemos:

"Santa Catarina (Estado), o paraíso terrestre, como o denomina o editor do *Dicionário Geográfico do Brasil*, faz parte dos estados litorâneos ao sul do Rio de Janeiro. Tem uma área de 95.318 km² e 236.346 habitantes. Compreende uma parte montanhosa, mas de solo fértil, ao longo da região litorânea, uma região de planalto e a ilha de Santa Catarina/Desterro, de aproximadamente 423 km², um dos mais encantadores lugares da terra. Tudo está coberto com um eterno verde. A exuberante vegetação faz as florestas quase impenetráveis. Os mais bonitos frutos crescem, em sua maioria, sem adubo. A grande quantidade de laranjeiras e do aroma de outras flores faz com que a atmosfera exale odores agradáveis. Por causa do clima, reina aqui uma eterna primavera. Na parte mais estreita do canal que separa a ilha da terra firme, encontra-se a capital Desterro, distante 760 quilômetros do Rio de Janeiro, com 10.000 habitantes." (1895).

5

Notícias de viagem[*]

Recebemos no dia 8 fevereiro, pelo correio marítimo alemão, o seguinte comunicado:

A bordo do Paranaguá, 10 de janeiro de 1904.

Amanhã à tarde faremos escala em Paranaguá, quarta-feira em São Francisco e, se tudo correr bem, sexta ou sábado estaremos em Desterro. Nossa viagem até aqui foi a melhor possível; mar sempre calmo, tempo claro, bonito e quente. De doença, nenhum vestígio. Descansamos para valer. Ansiosos, olhamos sempre para o oeste, para a terra de nosso futuro. Oxalá transcorra assim tão calmo também o final de nossa viagem. De Desterro recebereis as demais informações. Mil saudações a todos os amigos em Sittard.

Pe. Meller, Pe. Stolte, Irmão Küpper[1]

Vista de Florianópolis.

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904), p. 96.

1 Joseph Raphael Küpper era irmão religioso e trabalhou no Brasil de 1903 a 1909. Deixou posteriormente a Congregação.

6
Carta de Padre Meller*

Dia 20 de janeiro, Pe. Meller nos escreve de Desterro:

Se não me engano, o nosso último relatório vai até Tenerife. De lá navegamos ininterruptamente por 16 dias, sempre para o sudoeste, até Paranaguá, aonde chegamos ao anoitecer. No outro dia de manhã o navio entrou no porto, o qual foi formado pela própria natureza, cercado de pequenas ilhas rochosas e de uma cadeia de montanhas. Estendida ao longo do litoral, Paranaguá dá uma belíssima impressão. Diante do fundo escuro das montanhas, as pequenas casas coloridas ressaltam-se vivamente entre o verde das árvores. Aqui permanecemos um dia. O calor era intenso, por causa da ausência de vento. De Paranaguá seguimos viagem a São Francisco, que alcançamos em cinco horas. Nosso navio mal havia ancorado quando veio um pequeno barco fluvial de Joinville que nos trouxe Pe. Lux. Rever amigos sempre traz alegria, principalmente no longínquo e imenso Brasil meridional. O navio costeiro, todavia, demorou alguns dias até chegar; só fomos liberados em São Francisco no dia 19 de janeiro e, no dia 20, chegamos a Desterro. No cais nos aguardavam Pe. Foxius, Pe. Topp e dois padres italianos que casualmente se encontravam nesta cidade. Os cumprimentos foram em clima de festa. Seguimos ao novo lar, que se situa nas imediações do porto. Nossa primeira visita foi ao Divino Salvador no Santíssimo Sacramento, para agradecer-lhe a boa viagem e renovar a oferta de nós mesmos para a sua glória e para a salvação das almas.

E agora vocês talvez se perguntem como, afinal, estamos indo nesta nova pátria. Com toda franqueza, estamos realmente gostando. Embora a casa não seja tão grande quanto a casa missionária de Sittard, todavia, tanto a residência como também a igreja são espaçosas e acolhedoras. A língua nacional, na verdade, ainda não sabemos falar, mas já entendemos bem a maioria das pessoas. Como amanhã começam as aulas, podem imaginar o volume de trabalho que temos pela frente. Em janeiro vocês passaram muito frio e nós aqui suamos às bicas. Por sorte temos, quase todos os dias, trovoada com relâmpagos e chuva, que refresca o calor tropical. Considerem estas linhas como introdução a futuros relatos e recebam, com nossos melhores agradecimentos, nossas primeiras cordiais saudações brasileiras. Partilhem nossas lembranças com todos os da casa, principalmente com meus queridos ex-alunos da sexta série.

Pe. Meller

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904), p. 127.

Os pioneiros dehonianos em Florianópolis, com seus educandos.
Da esquerda para a direita: Pe. Meller, Pe. Topp (diocesano) Pe. Stolte (no alto), um prof. leigo, Pe. Lux, Pe. Foxius e Ir. Küpper.

7

De nosso campo missionário brasileiro*

O maior e o mais promissor país da América do Sul é o Brasil que, de 1500-1520, era chamado Terra de Santa Cruz e só então recebeu o atual nome. O território foi, na verdade, conquistado para a cruz, mas ainda não lhe pertence totalmente e, por isso, ainda está aberto um grande campo para os missionários católicos. O Brasil, com 8,5 milhões de km², não tinha praticamente nenhuma cultura antes do descobrimento, nenhum povoado de maior porte, nem cidades. Estava totalmente coberto de florestas e habitado apenas por numerosas tribos de povos nativos que aqui viviam praticamente sem nenhuma civilização e sem lugar fixo de residência. Muitos monumentos misteriosos, montes artificiais de pedras, inscrições rupestres, etc, indicam que, na época do descobrimento desta terra, seus primitivos habitantes haviam sido desalojados pelos tapuias, que quer dizer inimigos, de nível cultural muito baixo, um povo de pescadores e caçadores junto aos quais os descobridores distinguiram 76 ou até 100 troncos e línguas. Um segundo grupo de povos, os troncos tupi-guaranis, dividia-se em três grandes grupos: os tupis, no planalto interior; os guaranis no litoral e na bacia do Prata; os amazonas, no alto Amazonas, que já tinham conhecimento do cultivo do milho e da mandioca (cujo sabor é parecido com o da batata), da fabricação de potes de barro, de grande variedade de ornamentos e da fiação e tecelagem do algodão. Dentre os europeus, o primeiro a vir para o Brasil foi Vicente Yanes Pinzon que, a 26 de janeiro de 1500, aportou no cabo Santo Agostinho e tomou posse da terra, em favor da Espanha. Ainda no mesmo ano, entretanto, o renomado português Pedro Álvares Cabral, que, por ordem do rei Dom Manuel, devia velejar para as Índias Orientais pela hoje chamada corrente marítima brasileira, foi desviado de sua rota e aportou, no dia 22 de abril de 1500, na atual província do Espírito Santo [sic], no porto do golfo que ele chamou de Porto Seguro.[1] Cabral, logo que desembarcou, mandou, ao som de música e tiros de canhão, erguer uma grande cruz, guardada ainda hoje com veneração, na qual fixou as armas de seu rei Dom Manuel, para demonstrar que em seu nome tomou posse da terra descoberta. Sob o olhar curioso de numerosos índios, foi celebrada uma missa solene e, a partir de então, a terra foi chamada Terra de Santa Cruz.

Tão logo o rei de Portugal tomou conhecimento da nova descoberta, preparou uma esquadra para fazer as primeiras investigações na nova terra e dela

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904), p. 152-154, 183-185, 216-217.

1 Porto Seguro localiza-se no Estado da Bahia.

tomar posse legal. A frota zarpou do porto de Lisboa em 1501, sob o comando de Gonçalo Coelho, que reconheceu tão bem quanto possível grande parte do litoral brasileiro e ergueu em numerosos locais marcos com o brasão de Portugal. Antes de voltar a seu país, criou uma pequena colônia em Porto Seguro. Entre outros produtos da terra descoberta, Coelho levou consigo uma preciosa madeira avermelhada, própria para tingir, chamada pau-brasil da qual, mais tarde, todo o país recebeu o nome Brasil. Já no começo da colonização, numerosos sacerdotes do clero secular e regular fizeram tentativas de difundir o cristianismo entre os nativos. Esses mensageiros da fé, todavia, conseguiram resultados insignificantes, pois eram poucos e lhes faltava uma direção superior. Seus esforços frustraram-se devido à bárbara cobiça e ambição de poder dos conquistadores portugueses, os quais obrigavam à força os nativos ao trabalho, o que levou a maior parte deles a fugir para as matas.

Em 1530, o rei João III, sucessor de Dom Manuel, enviou para o Brasil uma grande esquadra, sob o comando de Martim Afonso de Souza, a fim de defender o país contra a cobiça e rapinagem de outras nações. Ele vinha com a incumbência de construir fortificações para defesa do litoral nos lugares mais adequados. Feito isso, dividiu o território em partes, de 50 léguas cada uma, que foram doadas a beneméritos súditos, com a finalidade de povoá-las e cultivá-las dentro de determinado período de tempo. Cada uma dessas partes recebeu o nome de Capitania. Eram ao todo nove[2], das quais as mais importantes foram Espírito Santo, Porto Seguro, Bahia de Todos os Santos e Pernambuco. Os feudatários agraciados com tais capitanias exerceram ali todos os direitos reais, com exceção da cunhagem de moedas e aplicação da pena capital. Martim Afonso de Souza introduziu no Brasil o cultivo da cana-de-açúcar, de cereais e gado. Enfrentou, naturalmente, conflitos sangrentos com os nativos. Das uniões entre portugueses com índias nasceu logo uma população mestiça. Só à custa de muitos combates puderam os franceses ser expulsos de suas possessões litorâneas. Como o sistema de capitanias não prometia nenhum futuro florescente, foi substituído, por ordem do rei, por um Governador Geral com pleno poder civil e criminal para toda a colônia. Para esse importante cargo foi nomeado o competente Tomé de Souza, que aportou na Bahia em 1549 e foi muito bem recebido por colonos e nativos. Estes, em sinal de submissão, depuseram arcos e flechas a seus pés. A primeira tarefa do novo governador foi fundar uma cidade para ser a capital do novo reino. Assim, colocou o fundamento da cidade de Salvador, que é hoje capital do Estado da Bahia que, de Bahia de Todos os Santos, passou a chamar-se simplesmente Bahia. Por falta de trabalhadores para a construção da cidade, o governador recorreu à mão de obra dos nativos.

---

2 Em 1534, o rei de Portugal decidiu repartir o Brasil em lotes (15) – as **capitanias hereditárias**.

Sob seu governo, conduzido com sabedoria e ingentes sacrifícios, houve em tudo um grande florescimento, inclusive na obra de conversão, que foi conduzida com grande êxito. Em 1549, por decisão papal, o Brasil foi definitivamente adjudicado a Portugal. Vieram, então, para o Brasil, em companhia do governador, seis jesuítas, sob a direção do ilustre Pe. Manoel da Nóbrega, os quais se tornaram os mais significativos auxiliares do governador no desenvolvimento do país. De uma parte, empenharam-se com infatigável dedicação à doutrinação dos índios pagãos e, de outra parte, no combate aos maus costumes dos colonos. A eles, sobretudo a Pe. Nóbrega e a Pe. Novarra, o Brasil deve muita gratidão.

Tomé de Souza realizou uma severa administração e subjugou muitas tribos indígenas, mas, infelizmente, também introduziu da África a escravidão negra, que levou mais tarde a tão horríveis inconvenientes. Seu sucessor, em 1553, foi Duarte da Costa, que trouxe consigo outros seis jesuítas, entre os quais o Pe. José de Anchieta. Por causa da catequese dos índios e da educação e ensino dos colonos, esse jesuíta ficou mais tarde tão célebre que adquiriu fama de santo.[3] Atribui-se a ele o vaticínio de que, no Brasil, nenhum missionário seria picado de cobra.

No ano de 1552 veio para a Bahia o primeiro Bispo, Dom Pedro Fernandes Sardinha, que prestou relevantes serviços à causa da religião e dos costumes. Esse Bispo, porém, não conseguiu estabelecer um bom relacionamento com o governador Duarte da Costa e, por isso, decidiu voltar para Portugal, a fim de informar pessoalmente ao rei sobre os acontecimentos. Nas imediações da foz do São Francisco, no entanto, o navio naufragou. Ele e seus 100 companheiros caíram nas mãos dos selvagens, os índios caetés, ainda pagãos, que os devoraram como animais silvestres.

Mem de Sá, que assumiu o governo em 1558, exerceu o cargo por muito tempo e com grande êxito. Precisou combater bastante os índios, porém mais ainda os franceses, que, desde 1555, haviam-se instalado numa magnífica ilha da baía do Rio de Janeiro e, em 1557, haviam-se fortalecido com o reforço de novas tropas. Mem de Sá tomou e destruiu seu estabelecimento e, a seguir, fundou a cidade do Rio de Janeiro. (A cidade foi denominada Rio de Janeiro porque Vespúcio descobriu, a 20 de janeiro de 1501, o suposto rio que, na verdade, é a entrada do porto da cidade). Para a destruição da fortificação dos franceses, Pe. Nóbrega prestou significativa ajuda ao governador, enviando-lhe tropas auxiliares, as quais foram decisivas na expulsão dos invasores. O governador, por sua vez, apoiou os jesuítas nos seus esforços em favor dos índios que, em número cada vez maior, eram escravizados pelos inescrupulosos colonos. As dificuldades que se interpunham à ação dos missionários continuavam sendo enormes e o

3 No dia 3 de abril de 2014, o Papa Francisco assinou o decreto de canonização de Padre Anchieta.

pequeno número de padres não era proporcional ao tamanho do incomensurável campo missionário. Só com extrema dificuldade era possível convencer os índios a deixarem a floresta e a levarem uma vida ordenada em aldeias. Apesar disso, os mensageiros da fé, que repetidas vezes receberam novos reforços, conseguiram, no prazo de 15 anos, congregar 11 tribos em igual número de aldeias em volta da baía de São Salvador (Bahia) e batizar 5.000 nativos. Também em outros lugares surgiram comunidades cristãs, sobretudo na região do Rio de Janeiro. Quando a conquista alcançou uma relação pacífica com os índios, o evangelho foi pregado também lá com êxito de modo que, já no ano de 1586, puderam ser contados naquela região em torno de 10.000 convertidos. Quanto mais esplêndidas se desdobravam a dedicação e a alegria na oblação dos jesuítas, tanto mais alto subiam sua consideração e sua influência sobre os nativos. Mas uma grande desgraça atingiu as missões brasileiras em 1570. Naquela ocasião, mais de 60 jesuítas, que haviam embarcado para o Brasil sob a orientação do Pe. Inácio de Azevedo, caíram nas mãos dos calvinistas franceses e foram assassinados com crueldade. Também calvinistas holandeses praticaram mais vezes atrocidades no Brasil.

Apesar dessa triste perda, a obra missionária trouxe abundantes frutos. Para entusiasmar seus irmãos de ordem no mais ardente zelo, Pe. José de Anchieta servia de exemplo. O solo da jovem Igreja brasileira bebeu também sangue de mártires e também aqui, como em toda a parte, foi uma sementeira de cristãos. Em 1630, o número de índios convertidos já havia subido para 70.000, entre os quais atuavam intensamente mais de 100 padres da Sociedade de Jesus. Os muitíssimos conflitos entre as diferentes tribos, bem como as guerras dos brasileiros contra holandeses, ingleses e franceses foram muito nocivas e dificultaram a atividade dos missionários. Mesmo assim, na segunda metade do século XVII, uma grande parte do território já havia sido ganha para a santa fé. Foi um período de florescimento do cristianismo no Brasil. Os padres penetravam sempre mais longe pelo território adentro e numerosos missionários de outras ordens seguiam seus exemplos: carmelitas, mercedários, franciscanos, dominicanos e agostinianos. Tinha-se a impressão de que o paganismo estaria em breve vencido. Então irrompeu subitamente uma terrível tormenta, desencadeada pelo famigerado homem de Estado português, Pombal, que destruiu a linda árvore em flor da Igreja brasileira e trouxe uma indescritível miséria para o belo país. Os missionários, cuja benéfica atuação foi reconhecida por todos os historiadores e informantes imparciais, tiveram que sucumbir sob o ódio do anticlerical ministro. Por sua ordem, foram presos no Brasil mais de 300 jesuítas e, sob indescritível sofrimento, levados para Portugal. Brutais e ávidos dirigentes do poder público se lançaram sobre as aldeias cristãs e quando, mais tarde, por causa de sua crueldade, foram despedidos, os índios ficaram à mercê da própria sorte.

Não havia outra alternativa para eles senão voltar para sua antiga vida nômade e, por conseguinte, abandonar pouco a pouco o cristianismo.

Assim, pois, a Igreja brasileira estava privada de seu melhor suporte de quase 200 anos, e pouco a pouco se introduziram muitos abusos, cujas sequelas ainda hoje são perceptíveis. Somente no século XIX entraram de novo missionários no país. Todavia, seus êxitos ficaram muito restritos até 1849, por causa dos numerosos distúrbios políticos. Apenas os capuchinhos italianos trabalharam com excepcional êxito na conversão dos indígenas pagãos. A Igreja Católica, porém, tinha ainda pela frente uma tarefa muito mais importante que a conversão dos índios. A cada ano eram introduzidas maiores massas de escravos negros da África e se multiplicavam tão rapidamente que, com seus descendentes de muitas cores, como mulatos, caboclos... constituíam quase três quintos de toda a população. Ma o tratamento humano dispensado em geral aos escravos fazia com que eles se tornassem mais facilmente predispostos à aceitação do cristianismo. Circunstância favorável para sua conversão foi também a determinação legal de que só se podia ter escravos batizados.

Em 1866, foi concedida liberdade aos escravos ocupados nos domínios imperiais que se declarassem dispostos a servir no exército. Esse primeiro passo para a libertação dos escravos encontrou muitos aplausos e por toda parte foi coletado dinheiro para comprar a liberdade dos demais escravos. Em 1871, foram libertos todos os escravos do Estado e foi também decidido que todos os filhos de escravas nascidos a partir daquela data estariam livres. Um outro passo foi dado em 1885: foram declarados livres todos os escravos que haviam atingido a idade de 60 anos. Os demais seriam libertados pouco a pouco, de acordo com sua idade e valor comercial, de modo que, no transcurso de 17 anos, toda a escravidão estaria abolida. Essa determinação foi muito sábia, pois teria sido imprudente libertar de uma só vez a grande massa de escravos, que não estava em condições de fazer uso de sua liberdade. Apesar disso, publicou-se em 1888 uma lei que aboliu toda a escravidão e provocou grandes desordens em todo o país. Hoje, quase todos os negros e seus descendentes já foram ganhos para o cristianismo, na medida em que isso era possível, nas circunstâncias existentes.

A Igreja, porém, precisou preocupar-se com a conservação e desenvolvimento da fé católica entre os imigrantes e seus descendentes, razão pela qual era de máxima importância a introdução de uma hierarquia eclesiástica organizada. A implantação de bispados, contudo, deu-se muito lentamente, de modo que de 1550 até 1854 só foram criadas 12 dioceses. Ainda hoje a maioria das dioceses é muito extensa. Inclusive algumas paróquias têm o tamanho de uma diocese normal da Europa. O número de sacerdotes é também pequeno demais. Seu rendimento é pobre porque o Estado faz muito pouco por eles. Igrejas não

faltam no Brasil e grande número de irmandades, que antes dispunham de vultosos recursos financeiros, têm suas próprias igrejas. Havia também muitas igrejas conventuais que foram interditadas e agora se encontram em estado de desleixo ou abandono. Os conventos foram, na maioria, fechados durante a mudança política, quando o Brasil foi transformado em império constitucional (1817-1821). Em 1876 só restavam 53 conventos, dentre os quais seis femininos e nove hospícios[4]. Por muitos anos, esses conventos estiveram proibidos de admitir noviços. Em tempo mais recente, vieram novamente mais religiosos para o Brasil, entre os quais capuchinhos, lazaristas, beneditinos, franciscanos, jesuítas, sacerdotes de Steyl[5] e sacerdotes do Coração de Jesus. Do mesmo modo, muitos hospitais, orfanatos e asilos foram confiados a irmãs religiosas.

No decorrer dos anos, a Igreja sofreu muitas tempestades. Os numerosos distúrbios e reviravoltas políticas e a atividade das lojas maçônicas não permitiram plena liberdade de ação. Ainda em 1873, uma tempestade ameaçou desenraizar a sempre mais frutífera árvore. Em resposta à apelação de um breve papal, vários bispos recusaram-se a conferir os sacramentos a maçons e seus filhos. As lojas maçônicas apresentaram queixa ao Ministério, e o Conselho de Estado decidiu que nenhum religioso teria o direito a regulamentos que interferem no direito estatal sem antes receber o *placet*[6] do governo e que nenhuma censura eclesiástica ou regra de sanção contra os maçons teria valor civil. O Bispo de Olinda, que se recusou a suspender a excomunhão, foi, em 1874, condenado a quatro anos de reclusão em penitenciária, por desobediência às ordens do Estado, mas indultado à prisão comum pelo Imperador. Quando o Núncio Apostólico e o Bispo do Pará protestaram contra essa arbitrariedade do Estado, também esse último foi preso. Esses atos suscitaram veementes protestos dos católicos.

Com a consolidação da ordem pública, a Igreja no Brasil torna-se cada vez mais atuante. Desde o concílio latino americano em Roma, ela entrou num processo de renovação e espera-se que logo retome seu primitivo florescimento.

4 Por hospício entende-se aqui casa de acolhimento de peregrinos ou forasteiros. O hospício era uma casa anexa ao convento, dirigida e assistida pelos religiosos do mesmo como forma de praticar caridade.

5 Sacerdotes de Steyl são os Padres da Congregação do Verbo Divino – SVD = Sociedade do Verbo Divino.

6 O *placet*, ou beneplácito, era uma instituição vigente desde a carta constitucional outorgada de 1824 e que obrigava as bulas papais a passar pela sanção do Imperador antes de terem aplicação efetiva no país.

8

Notícias de Desterro[*]

Florianópolis, 27 de janeiro de 1904.

Estou em minha cela, sentado à mesa que encostei perto da janela aberta. Nuvenzinhas de fumaça azulada de charuto sobem em redemoinho pelo ar, formando uma nuvem protetora sobre mim. É realmente uma noite propícia para devanear e sonhar. Meu olhar dirige-se para fora, para a brilhante noite estrelada de verão. Majestosos, erguem-se diante de mim, como campanários, os picos e os outeiros da Serra do Mar, cujos cumes, quais dentes de um pente, e iluminados pela luz do luar, proporcionam um encantador cenário. Embaixo estende-se o mar, animado de miríades de pirilampos, dando a impressão de um cinto reluzente de diamantes. Sobe até junto de mim o suave murmúrio das ondas, quebrado vez por outra pelo sussurro do vento que se enfuna nas grandes folhas das palmeiras imperiais, diante de nossa casa. Como um grande cemitério em volta da igreja, aí está a cidade mergulhada em total silêncio. Todavia, enquanto as pessoas dormem, a natureza permanece acordada. Grilos, sapos, corujas, gatos e outros bichos noturnos fazem um concerto particular, mas nada simpático. Apenas quando soa o zumbido dos pernilongos eu estremeço e procuro abrigo na minha nuvem de fumaça.

Eu queria, porém, antes de mais nada, comunicar-vos que fizemos uma ótima viagem. Chegamos no dia 20 de janeiro e fomos recebidos em toda parte com muito carinho e entusiasmo. Nossa viagem foi excelente para esta época do ano. Quase diria que fiquei um pouco frustrado, pois não fomos acometidos pela menor tempestade. Como compor um relato de viagem interessante sem a aventura de uma tempestade e sem doença do mar? Enviei a última correspondência do Havre. De lá, em viagem sempre tranquila, navegamos em direção à Espanha. O golfo de Biscaia, que tem a fama de abrigar todos os monstros do mar, estava tão calmo quanto o canal da Mancha e, em apenas um dia e meio, já avistamos a costa da Espanha. Costeando Portugal, navegamos até Leixões, um pequeno vilarejo na desembocadura do Leix. Preenchidas as formalidades de praxe, deixamo-nos conduzir a terra, num barco a remos. Apenas Pe. M. [Meller] não se atreveu a embarcar naquela casca de noz, como ele dizia.

Leixões dá uma agradável impressão pela semelhança que tem com as terras do Sul. É um lugar bem aprazível e um ancoradouro artificial, construído para a cidade do Porto, a segunda maior cidade de Portugal, de grande significado. A comunicação entre as duas localidades se faz de trem a vapor e elétrico.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904), p. 154-156.

Nós utilizamos este e, em menos de uma hora de viagem, estávamos no Porto. Essa cidade se localiza na pitoresca margem norte do Douro, um rio de aproximadamente 300 metros de largura, mas que não se presta para a entrada de navios de grande porte, por causa de recifes e bancos de areia. No Porto, vale a pena visitar, acima de tudo, a Catedral que ostenta um grande tesouro, como também as grandiosas construções em granito, entre as quais a Bolsa, com um magnífico salão de festas construído em estilo mourisco. Na margem esquerda, em Vila Nova de Gaia, encontram-se os mundialmente famosos depósitos de vinho do Porto. Depois que saboreamos, ali mesmo, um pouco do vinho generoso, o anoitecer nos advertiu a voltar para o navio. Em poucos instantes, estávamos novamente em Leixões e, em meia hora de viagem, o barco nos reconduziu ao navio. Por causa do forte movimento das ondas, não conseguíamos alcançar a escada e, por isso, tivemos que procurar proteção e abrigo no outro lado do navio onde, entrementes, havia sido preparado um embarcadouro e, com o auxílio de cordas, subimos o "Paranaguá". Para muitos a escalada não era fácil, e quem não se saía bem virava objeto de gozação.

Quando acordamos, no dia seguinte, a costa de Portugal já se encontrava distante e se parecia com um traço escuro de neblina. Passado o cabo São Vicente, dirigimo-nos diretamente para as ilhas Canárias. Na altura delas, iniciamos a celebração do Santo Natal, o mais triste de minha vida. No refeitório tinha sido montado um pinheirinho, graciosamente enfeitado, mas sem música natalina e nenhuma saudação de boas-vindas à criancinha de Belém. Quase não se viu sinal de fé e de amor de ninguém do navio. Celebramos de manhã bem cedo a Santa Missa, que contou com a participação de apenas uma família da segunda classe. O Santo Sacrifício era o nosso constante consolo e, com poucas exceções, conseguimos oferecê-lo todos os dias, primeiramente na sala dos fumantes e, depois, em nosso camarote, ocupado somente por nós dois. Ao anoitecer do dia 26, chegamos a Tenerife, a maior e mais populosa cidade das ilhas Canárias. Ali se apresentou uma cena encantadora. Diante de nossos olhos erguia-se majestoso e altivo o famoso Pico de Teide, um vulcão sempre fumegante, de 1.400 metros de altura, tingido de brilhante púrpura pelos últimos raios do sol poente. A noite de verão, maravilhosa e suave, já cobria o porto, quando as âncoras foram baixadas. Então começou a fervilhar vida a bordo do navio. Num instante formou-se um verdadeiro formigueiro de negros e árabes querendo vender seus produtos. Muitas cenas descontraídas se desenrolaram e só tarde da noite os passageiros foram para os quartos. Às 4 horas da manhã notava-se só mais uma imagem de contorno da bela paisagem da véspera. Em pouco tempo, estávamos novamente singrando as ondas infindas do oceano e durante 16 dias navegamos, tendo como cenário somente céu e água. Uns poucos navios cruzaram nosso caminho. Nós lhes acenamos, enviando saudações para a pátria que se distanciava cada vez

mais de nós. As andorinhas que, animadamente, continuavam nos acompanhando desde Hamburgo e que, em momento nenhum, perdiam de vista o nosso navio, nos mantinham com o pensamento ainda voltado para pátria. O mesmo acontecia com os golfinhos que, em bandos, arremessavam-se contra o navio e, com saltos ornamentais, adiantavam-se ao corte da quilha. Os peixes voadores nos fizeram esperar muito, mas, finalmente, apareceram em grandes cardumes, ao longo da costa da África. Outros monstros marinhos não apareceram e, por mais que nos esforçássemos a procurar com olhar atento, nada conseguimos descobrir a não ser céu e água. Nossa paciência esmorecia aos poucos, enquanto o navio riscava as ondas. A noite de São Silvestre quebrou um pouco a monotonia. Em agradabilíssima atmosfera, aguardamos a passagem de ano. Ao clarão dos fogos de artifício foi mandado embora ano velho e com tiros de morteiros e apitos de sirene foi saudado o novo ano de 1904. E a viagem continuou rumo ao Equador, que cruzamos no dia 2 de janeiro, às 16h30min. O assim chamado batismo equatorial já vos foi descrito reiteradas vezes. Em nosso navio, a cerimônia limitou-se à tripulação e a alguns voluntários da segunda classe, ao passo que nós apenas observamos do alto da ponte de comando o ridículo e grotesco espetáculo. Finalmente, a 9 de janeiro, sorriu-nos a aurora da liberdade. Depois do meio-dia, às 17 horas, avistamos Paranaguá, mas só pudemos atracar em seu porto na manhã do dia seguinte. Paranaguá dá uma impressão assaz simpática, porém o calor era intenso. A nossos rogos o capitão, que, embora sendo protestante, é um bom amigo dos sotainas negras, conseguiu-nos um barco e assim, após o meio-dia, permitimo-nos o luxo de uma excursão, na qual tomaram parte os três Irmãos Jesuítas e o primeiro maquinista. Rumamos para uma pequena ilha no mar. Não era nada fácil manejar os pesados remos sob o ardente calor. Além do mais, a maré era contra nós. Após meia hora de árduo trabalho, encontramo-nos no lugar desejado. Rapidamente foram tirados sapatos e meias, e o bote foi puxado até a terra. Descalços, pisamos assim pela primeira vez a terra brasileira. Tão logo o maior calor havia-se passado, retornamos ao navio com rica coleta em gaivotas [sic], conchas e flores. Esse passeio nos mudara completamente. Queimados pelo sol, parecíamos mulatos. O forte movimento fizera-nos bem, após a longa prisão. No outro dia, por volta das 7 horas, seguimos viagem para São Francisco. Pelas 15 horas, lançamos âncoras e, logo em seguida, chegou Padre Lux, procedente de Joinville. O navio de conexão para Florianópolis partiu somente no dia 19 de janeiro. A paciência é mesmo uma virtude da terra brasileira, indispensável a qualquer um. No dia 20 chegamos, finalmente, a Desterro. Um futuro relatório seguirá quando estivermos aclimatados.

Com cordiais saudações,

Pe. João Stolte

9

Carta de Padre Foxius, de Desterro, no Sul do Brasil*

É do vosso conhecimento que nunca fui um renomado escritor ou narrador. Todavia, estou disposto a corresponder aos vossos desejos, colocando no papel, bem ou mal, as experiências pelas quais passamos até agora, no grande campo missionário do Brasil meridional. Deixem-me primeiro fazer um pequeno relato complementar de nossa viagem de junho do ano passado.

Na pequena cidade portuária de Paranaguá, embarquei com o Sr. Carlos Malburg, de Florianópolis, no vapor "Max", que pertence a ele. O "Max", um pequeno vapor costeiro de 400 toneladas, construído em Hamburgo, havia levado açúcar e petróleo a Paranaguá e estava agora completamente vazio, por isso, dava enormes solavancos. Em alto mar ele ficou mais calmo e eu até pude dormir, todavia não no meu camarote sobre a hélice, mas no salão. Quando acordei, já nos encontrávamos entre o continente e a ilha de Desterro. Que magnífica manhã!

Nós imagináramos a costa brasileira bem mais plana, sem aquelas montanhas altas e pontiagudas, douradas pelo sol, que contemplávamos. E logo avistamos também a cidade de Florianópolis, localizada pitorescamente ao sopé de um morro. Pouco antes da cidade, passamos perto de uma fortaleza, denominada Santa Cruz, onde um navio de guerra norte-americano acabara de lançar âncoras.[1] De repente, ouviu-se um forte troar de canhões. Soubemos mais tarde que a belonave se encontrava pela primeira vez nestas águas e, por isso, precisava saudar a bandeira brasileira. O senhor Malburg mostrou-me de longe a Igreja de São Francisco, onde em breve nos alojaríamos, em seguida, a igreja paroquial, o clube alemão e a grande cruz centenária, no topo de um morro.

Agora estávamos no porto. Embarquei num barco a remo, que me levou para a terra. Chamei um negro e disse-lhe apenas: "Padre Topp!". Em três minutos estávamos na residência dele. O primeiro a me receber foi o coadjutor Tertielt. De início, mal podia acreditar que tinha diante de si, na minha pessoa, um dos esperados padres do Sagrado Coração de Jesus. Afinal, o "Max" ainda não podia ter chegado e, também, porque estavam sendo aguardados dois padres.

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904), p. 186-189.

1 Trata-se do cruzador norte-americano New York, que ancorou, no dia 14 de julho de 1903, em frente à fortaleza de Santa Cruz.

Mas as dúvidas logo foram solucionadas e então a alegria irrompeu na casa. Como eram ainda apenas oito horas da manhã, encontrei todos os senhores alemães em casa e havia muito para contar. Devo revelar-lhes também que tivemos, da maneira mais divertida, nossos nomes mudados e trocados? Ainda naquele mesmo dia, à tarde, saí com o benemérito Padre Topp a um povoado onde deverá ser construída uma capela. Com isso contraí a primeira tosse brasileira, que durou quatro semanas. No outro dia, montei o animal brasileiro mais popular, a mula, para ir até uma paróquia vizinha. Sobre as dolorosas consequências de minha primeira cavalgada, eu prefiro silenciar. Mas, para tranquilizá-los, acrescento que hoje eu já chispo a todo galope pela cidade.

Oito dias mais tarde, chegou também, inesperadamente, como eu, Padre Lux. Alguns senhores da Conferência Vicentina, todavia, tinham ido ao seu encontro e o acompanharam solenemente até nossa residência. Ainda na mesma noite, foi ele nomeado Comissário da Ordem Terceira. Depois que os jornais noticiaram a nossa chegada, muitos alemães aqui residentes vieram nos cumprimentar, inclusive alguns brasileiros que falavam francês.[2] Quando, após algumas semanas, nossa residência estava mais ou menos em condições de ser habitada, deixamos o hospitaleiro teto de Pe. Topp e nos mudamos para nosso próprio lar. Sem dúvida, sentimos numerosas privações e as primeiras noites foram quase fantasmagóricas, pois a igreja à qual nossa residência está anexa, grande e vazia, recebe todo o barulho das ruas adjacentes e o repercute adiante em ecos surdos. O forte vento sul sacode as telhas, e as corujas, com sua surda gritaria, dão o ritmo dessa música fantasmagórica capaz de abalar nossos cansados nervos.

Nossa primeiríssima preocupação foi arrumar a Igreja de São Francisco, que se encontrava num indescritível estado de abandono. Procedemos a uma faxina geral! Durante uma semana nos destacamos como verdadeiros pintores amadores e, para admiração dos curiosos, restauramos a igreja com tinta a óleo dourada e branca. Assim, em um mês de trabalho exaustivo, deixamos a casa do Divino Salvador reformada e em perfeitas condições de uso para a digna celebração do culto divino.

Os próximos cinco meses até a chegada dos outros padres transcorreram rápidos. O aprendizado da língua, o ofício divino, o auxílio no trabalho pastoral, a ocupação na escola consumiram todo o nosso tempo.

---

2 Diz o jornal *República* do dia 16 de julho de 1903: "De Paranaguá chegou anteontem o Rev. Pe. José Foxius, da Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Pe. Foxius veio da Alemanha para dirigir a escola paroquial, que funcionará na igreja de São Francisco da Penitência." Mais adiante, no dia 21 de julho, diz o mesmo jornal: "Veio de Paranaguá, no navio "Prudente de Morais", o Rev. Pe. Gabriel Lux. Ele vem assumir o cargo de Comissário da Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Igualmente dirigirá a Escola Paroquial Santo Antônio, que passará, por estes dias, a funcionar num departamento da ala esquerda daquele vasto templo". A notícia relativa à escola paroquial é confirmada pelo jornal *O Dia*.

Certamente vos interessarão algumas informações sobre a terra e o povo daqui. Pelo número de igrejas em Florianópolis, dever-se-ia concluir que o povo é muito religioso, pois, além das duas grandes igrejas, a paroquial e a nossa de São Francisco, a cidade conta com mais cinco capelas.

Florianópolis situa-se numa península da ilha de Desterro[3] e está dividida em duas partes. Em volta de nossa igreja, encontram-se os armazéns, as lojas dos mercadores, as casas de comércio varejista e de artesanato. Embaixo, à beira-mar, encontra-se o grande edifício do mercado que, devido ao intenso calor do verão e às fortes chuvas tropicais, não pode faltar em nenhuma cidade brasileira. Na cidade as casas são, em geral, de dois pisos; fora da cidade, são de apenas um pavimento. Todas têm o maior número possível de janelas feitas de tábuas, que à noite são fechadas. De frente para a rua fica a sala, bem arrumada, ostentando requinte e brilhando de limpeza; depois vêm os aposentos, cujas repartições são de simples tábuas, sem janelas e, por isso, nem sempre aconchegantes e limpos; na parte dos fundos, fica a cozinha e a sala de estar do dia a dia. Na parte norte da cidade moram os comerciantes, na maioria alemães, os funcionários de cargos mais elevados e a gente mais rica. Grandes e belíssimos jardins cercam suas residências; ali sopra um verdadeiro ar paradisíaco. Às vezes dirigimo-nos até lá para passear na brisa da orla marítima ou nos sentamos num velho canhão português, na fortaleza Santa Ana, e, lançando nosso olhar contemplativo sobre o mar imenso, pensamos na velha pátria.

A cidade é banhada pelo mar ao norte, ao sul e a oeste; no leste há morros que nos separam dos povoados da Trindade e de Saco dos Limões. Num desses morros, Padre Topp mandou erigir uma cruz de ferro em comemoração ao novo século. O sinal da salvação é visível a longa distância. Do alto desse morro, avista-se quase toda a ilha, com seus morros e baixadas, enseadas e lagunas. Não menos impressionante é a vista que se tem do mar e do continente vizinho, com suas inumeráveis montanhas agudas. Há aproximadamente três anos escalei uma alta montanha na região de Bodensee, perto de Bregenz, que me proporcionou um fascinante panorama dos Alpes do Tirol e da Suíça. O panorama que se tem do alto do Morro da Cruz, em Desterro, é muito mais impressionante. Lá embaixo estão as localidades da Trindade, Lagoa e Ribeirão, que não são visíveis da cidade. Localização maravilhosa tem o povoado da Lagoa, situado próximo de um canal de menos de 10 metros. Para lá, nosso caro confrade, Padre Stolte, fez recentemente sua primeira e inesquecível viagem a cavalo. Tendo chegado ao alto do morro, ele parou sua mula para apreciar melhor a beleza do panorama. No entanto, o animal, cansado e já acostumado com aquela belíssima paisagem,

3 Florianópolis localiza-se na ilha de Santa Catarina. Desterro era o nome da capital da Província de Santa Catarina até 1893, quando a cidade passou a chamar-se Florianópolis.

ficou impaciente e, pisoteando, tropeçou num buraco, de modo que o extasiado cavaleiro caiu estirado no chão, diante dos olhares do povo da Lagoa, que esperava o padre na frente da igreja.

Igreja da Lagoa da Conceição.

O que dizer da religiosidade do povo em geral? Respeitadas as suas peculiaridades, constatam-se grande ignorância religiosa e muita superstição. A falta de sacerdotes e de meios de comunicação é, talvez, a causa desse lastimável estado de coisas. Pode-se dizer que o povo estende à religião, às leis de Deus e da Igreja a grande liberdade política. A maioria não tem a consciência do dever de ir à missa e de receber os sacramentos. Vai-se à igreja quando se tem vontade. Cada um faz, mais ou menos, sua própria religião. Todos participam das grandes procissões, mas sem rezar. Em cumprimento a alguma promessa, oferecem-se velas, acompanha-se a procissão numa determinada maneira e com traje próprio. Acendem-se velas diante das imagens dos santos; se não se é atendido, deixa-se aquele santo, não raro com palavras injuriosas, e dirige-se a outro. Em casos de acidente ou doença, chamam-se imediatamente benzedeiros e benzedeiras. Muitos, em época de plantação, enterram chifres de boi nos campos, para afugentar o demônio. Mandam-se confeccionar anéis sagrados em noite de lua cheia, para proteção contra desgraças. Para venerar importantes santos que se encontram em lugares distantes, lançam-se velas ao mar, na firme convicção de que o mar as levará até eles. Em meio a tanta erva daninha, cresce também alguma boa semente. Nossa tarefa consistirá em cultivar esta última e extirpar a

primeira. Para isso, a bem frequentada escola oferece uma excelente oportunidade. Com toda a sinceridade, alegro-me em poder trabalhar no Brasil. À medida que dominarmos bem o idioma, nosso campo de ação se expandirá ainda mais. Rezem muito por nós e por aqueles que nos são confiados, a fim de que o Divino Coração de Jesus nos conceda em abundância o orvalho de sua graça, o fogo de seu amor e o óleo de sua consolação.

Com a melhor saudação.

Vosso Pe. Foxius

Escola Paroquial, 2ª divisão.
Pe. Topp (esquerda), P. Lux (centro), Pe. Meller (direita).

PS. Não quero deixar passar a oportunidade de acrescentar, depressa, às linhas acima, minhas recomendações. Por ora estou bem, a mudança de clima não me prejudicou. Minha principal tarefa se estende, por enquanto, aos nossos pequenos educandos que, de uma parte, nos dão trabalho e preocupação e, de outra, também alegria. Por causa da escola alemã protestante e da escola metodista, nossa promissora escola católica era uma necessidade premente. Que quadro colorido esse grupo brasileiro de crianças brancas, negras e mulatas! Rezem muito por nós e pelo pobre Brasil.

Saúda-os cordialmente,

Pe. Meller

10

A festa do Senhor dos Passos em Florianópolis*

Florianópolis, 1º de junho de 1904.

A carta de hoje tem como finalidade partilhar convosco algumas impressões sobre a singular festa do Domingo da Paixão, que nos causou uma duradoura impressão. Ainda que o ano todo nos recorde a grande obra de nossa salvação e mesmo sendo, de modo particular, cada sacrifício da Santa Missa a renovação incruenta do sacrifício da redenção universal da cruz, não obstante isso, cada cristão pensa no Salvador sofredor, sobretudo no santo tempo da Quaresma. E nas últimas duas semanas, todas as nossas orações se dirigem ao Salvador que carrega a cruz e nela morre.

Na Idade Média, as encenações da Paixão colocavam com muito realismo e vivacidade o sofrimento do Salvador diante dos olhos dos fiéis. Na atualidade, é conhecida a encenação da Paixão de Oberammegau e a de Stieldorf, perto de Bonn, que se inspira naquela de Oberammergau. Assim como se procurou incutir nos fiéis de todos os tempos uma profunda veneração e amor ao Salvador sofredor com essas encenações, do mesmo modo se enraizou também nos habitantes de Florianópolis e redondezas uma especial devoção pelo Salvador sofredor. O ponto de partida dessa veneração é uma estátua do Redentor, em tamanho natural, que representa o Salvador sofredor, carregando por nós a pesada cruz e sob o seu peso cai de joelhos. De acordo com tradições brasileiras, uma cabeleira escura feita de cabelos naturais orna sua cabeça e a imagem é vestida de um paramento de cetim violeta. Pelas informações que obtive a respeito da origem dessa imagem, ela se encontra há mais ou menos 150 anos em Florianópolis.[1] Diz a tradição que estava destinada inicialmente ao Rio Grande do Sul, uma cidade localizada ao sul de Florianópolis. O navio que deveria levá-la para lá sofreu uma avaria, de modo que não pôde continuar viagem. Decidiu-se consertar o navio para chegar ao lugar de destino. Mas o comandante recusou-se a receber novamente a bordo a veneranda imagem, pois afirmava que seu navio teria futuros prejuízos se tentasse levá-la adiante e, assim, ela permaneceu em Florianópolis. Encontrou como lugar de exposição uma capela que uma abastada senhora construíra em

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904), p. 250-252.

1 A procissão do Senhor Jesus dos Passos teve início em 1766.

1760, em honra ao Menino Deus.[2] Lá ela permanece, ainda agora, no altar do Santíssimo Sacramento. Em 1765, com aprovação do Bispo, formou-se naquela capela uma irmandade, à qual aderiram especialmente homens da classe mais rica. Como distintivo, os membros se vestem de um leve manto roxo[3], parecido com um manto de prelado. A irmandade é atualmente ainda muito numerosa, visto que a imagem é muito popular. Os habitantes de Florianópolis são afeiçoados de todo o coração ao Senhor dos Passos (Homem do Sofrimento) e, em todas as suas preocupações, encontram nele seu refúgio.

Como já foi dito, a devoção a essa imagem é o centro da festa do Domingo da Paixão. Para descrever brevemente como ela transcorre, é preciso começar pela transferência da imagem para a Igreja Matriz[4]. O translado se realiza com uma solene procissão no sábado anterior ao Domingo da Paixão. Neste ano, a procissão foi agraciada com um belíssimo anoitecer de verão e, como se realizou ao escurecer, causou uma imponente impressão. Todos, grandes e pequenos, da cidade e redondeza, participaram da solenidade. Cruz e bandeira e uma grande quantidade de lanternas de mão, tal qual são usadas nas procissões na Europa, abriram o cortejo. Em seguida, vinham as diversas irmandades, com seus distintivos e, por último, o Senhor dos Passos. As altas autoridades também se fizeram presentes. Depois seguiam os ministros e o clero; e só então a veneranda imagem, carregada por quatro homens. Uma banda musical, tocando músicas de luto, fechava o cortejo de uma multidão de milhares de devotos. A maioria dos participantes trazia velas acesas, outros carregavam pedras ou pesados pedaços de madeira. De uma capela situada um pouco mais no alto, donde se tinha uma visão de conjunto, a procissão e as ruas da cidade ofereciam um magnífico espetáculo. Tinha-se à esquerda o mar calmo, que refletia o lindo céu estrelado do Sul, e, na frente, a procissão que se deslocava pelas ruas iluminadas, qual fio de linha incandescente.

A imagem foi exposta na entrada do coro[5] da Igreja Matriz e inumerável multidão acorreu durante a noite para venerar o Senhor dos Passos. Centenas e centenas de velas foram oferecidas e a igreja ficou lotada de fiéis durante toda a noite.

---

2 A capela do Menino Deus teve origem com Joana de Gusmão, beata que nasceu em Santos e distribuiu seus bens ao ingressar na Ordem Terceira da Penitência. Ela ganhou o terreno para construir a Capela que abrigaria a imagem do Menino Deus. A obra ficou pronta em 1762.

3 Trata-se da opa, uma espécie de capa sem mangas, com aberturas por onde se enfiam os braços, usada pelas confrarias e irmandades religiosas.

4 Atual Catedral Metropolitana.

5 Coro era o espaço entre o banco da comunhão e o altar-mor. Havia, ao longo das duas paredes, lado esquerdo e direito, frente a frente, filas de bancos onde o clero rezava alternadamente o ofício divino. Com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o coro foi abolido na maioria das igrejas, e para esse espaço foi transferido o altar da celebração eucarística. Atualmente, quando se realiza a Procissão dos Passos em Florianópolis, a imagem é colocada no primeiro degrau diante do altar.

A festa do Domingo da Paixão começou às quatro horas da manhã com uma Santa Missa, em um altar que foi montado diante da imagem e onde foram celebradas as demais missas dominicais. À tarde, realizou-se uma segunda procissão com a veneranda imagem pelas ruas da cidade. Simultaneamente, foi levado um pedacinho da santa cruz sob o baldaquino. As altas autoridades, como o atual e o anterior governador do Estado de Santa Catarina, o comandante do porto e o comandante da guarnição e outros, consideravam uma grande honra carregar o andor; certamente um belo exemplo para as demais autoridades do estado. Em sete lugares, onde haviam sido construídos pequenos altares com cópias dessa imagem de Cristo, parava-se, e um coral de homens executava uma estrofe de um cântico. Pouco depois da saída dessa procissão, saiu outra, que levava uma estátua, a de Nossa Senhora.

Num amplo espaço aberto na proximidade do mar, as duas procissões se encontraram para mostrar o encontro de Maria com seu Divino Filho no caminho do sofrimento. Nesse mesmo lugar, havia sido montado um púlpito de onde um sacerdote proferiu um comovente sermão, no qual descreveu, com palavras enternecedoras, o sofrimento no encontro do Salvador com sua bendita mãe. Após o sermão, as duas procissões, agora unidas numa só, retornaram à capela do Menino Deus, onde as duas imagens retomaram cada qual seu lugar costumeiro. A celebração finalizou com um sermão na referida capela. A igreja era pequena para conter toda aquela multidão de fiéis. A solenidade toda me impressionou muito e, sem querer, veio-me à mente o pensamento: possa o "Senhor dos Passos, o Homem das Dores", que morreu por todos, conceder aos brasileiros, que valorizam a religião pelo seu aspecto de manifestação externa, uma fé que se mostre no cumprimento de todos os deveres dos cristãos católicos.

P.S. Infelizmente a carta sofreu atraso e assim, entrementes, veio Pentecostes. A vinda do Espírito Santo é comemorada com uma festividade especial. Nesse dia, de maneira solene, um menino é coroado príncipe, como sinal da união entre o poder espiritual e o temporal, que vem do Espírito Santo. Durante toda a missa solene, o pequeno monarca permanece sentado em seu magnífico trono, com um manto de púrpura sobre os ombros, uma coroa na cabeça e o cetro na mão.

Na segunda-feira de Pentecostes, fiz também minha primeira cavalgada, sem queda, para a vizinha localidade da Trindade, a fim de celebrar lá a santa missa. Pe. Lux foi junto, como mestre de cavalgada. Meu animalzinho levou-me para lá e trouxe-me de volta sem dificuldade, pois conhece melhor o caminho que seu dono.

Cordiais saudações.

Vosso Pe. Meller

11

Carta de padre Lux, de Florianópolis*

Florianópolis, 1º de agosto de 1904.

Já faz tempo que recebemos as últimas notícias e aguardamos com ansiedade e saudade novas cartas. O último correio marítimo trouxe apenas um postal ilustrado da peregrinação a Roermond. Será que alguma carta se perdeu? Aqui continua tudo como de costume. Alegramo-nos especialmente com o fim do conturbado governo imperial e com a indicação de um novo Bispo para Curitiba, o qual, provavelmente, fará sua solene entronização após a conferência episcopal de Mariana, no início de setembro. Pe. Stolte viajou agora mesmo para a grande colônia de Brusque, em auxílio ao pároco local. Imaginem vocês uma paróquia de 25 a 30 km de extensão, com péssimos caminhos, praticamente intransitáveis em época de chuva, onde, além da Igreja matriz, há 16 capelas com italianos, alemães, poloneses e brasileiros. Isso é Brusque, um imenso campo de trabalho. Nossa comunidade diminuirá com a partida de Pe. Stolte, e nosso belo canto eclesiástico (denominado pelos jornais daqui como "canto clássico") terá que ser simplificado de três para duas vozes. No sábado passado, dia 30 de julho, teve início em nossa Igreja a festa de Bom Jesus que, entre os brasileiros, comemora-se com excepcional popularidade. A festa principal realiza-se no dia 7 de agosto, após novena preparatória. A imagem representa o *Ecce Homo* em tamanho natural e está vestida com um manto de púrpura; as mãos encontram-se amarradas e a corda, que se estende até o altar, é reverenciada com devoção e beijada. Antigamente a estátua era acessível ao povo no dia da festa o que, no entanto, tinha como consequência uma aglomeração muito perigosa, de modo que agora isso não é mais possível. Os peregrinos afluem, de perto e de longe, para demonstrar sua veneração, infelizmente às vezes não condizente, ao Salvador. Dessa forma, na nossa igreja de São Francisco, onde o digno e simples, mas festivo culto divino conquista seu lugar, desenrola-se nesses dias, novamente, autêntica vida religiosa brasileira com seus cânticos teatrais; mas apenas por alguns dias. Lembrem-se sempre de nós nas orações e recebam nossas cordiais saudações.

Pe. Gabriel Lux

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IV (1904) p. 310.

Pe. Lux com seus educandos.

12

Nosso campo missionário em Brusque*

Pe. João Stolte

De uma carta do Pe. Stolte, que desde meados de agosto se encontra na colônia alemã de Brusque, localizada no Estado de Santa Catarina, extraímos as seguintes particularidades:

"Há mais tempo eu tinha em mente escrever-lhes algumas linhas, mas de fato não me foi possível. Se lhes disser que nos últimos dez dias eu fiz onze sermões, dos quais quatro em alemão e sete em português, que ouvi mais de 350 confissões, dei 12 horas de doutrina e que percorri 120 quilômetros a cavalo... vocês compreenderão que, para escrever uma carta, não sobra nem tempo nem vontade. Todavia, quanto mais adio esse propósito, tanto mais me pesa a consciência e, por isso, enfrento agora a heróica decisão. Brusque, meu atual campo de atividade, é a melhor paróquia de toda a redondeza. Há 12 anos estão trabalhando aqui dois santos e zelosos sacerdotes, Padre Eising[1], natural de Münster, e padre Sundrup[2]. Eles sabem o que significa dirigir uma paróquia aqui no interior do Brasil. Na Alemanha dificilmente se encontra uma similar. Brusque dista dois dias a cavalo de Desterro e é um lugar, embora pobre, muito bonito. A população da cidade é, na maior parte, protestante; a do interior, no entanto, é toda católica. A paróquia tem catorze capelas, das quais muitas se encontram bem distantes. Não é fora do comum, aqui, visitar doentes a uma distância de duas ou três horas. Nessas visitas o sacerdote vai a cavalo, de sobrepeliz e estola, e usa como baldaquino um guarda-sol. Na sua frente, cavalga o acompanhante com lanterna e campainha.

"A população é mista: alemães, muitos italianos, poloneses, brasileiros, inclusive franceses e um velho inglês. Anteontem falei, de fato, em cinco idiomas. Percebi, no entanto, que quase não sei mais o francês, pois de cada duas palavras, fatalmente uma era em português ou italiano. Há muita gente que, na verdade, não fala nenhuma língua específica, mas uma espécie de dialeto [Volapük], resultante da mistura dos vários idiomas aqui praticados.[3]

---

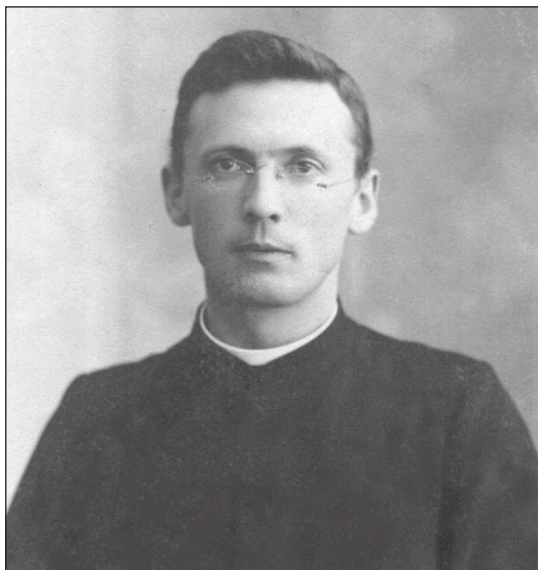
* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 57-58.

1 Padre João Antônio Eising nasceu em Bocholt, na Vestfália, no dia 16 de janeiro de 1847 e faleceu em Blumenau, como frei Franciscano, com o nome religioso de Frei Capistrano, no dia 19 de setembro de 1921.

2 Padre José Sundrup nasceu em Greven, Alemanha, em 9 de julho de 1871 e faleceu em Resende, Rio de Janeiro, no dia 9 de setembro de 1951.

3 No original, o autor usa o termo Volapük, que é uma língua construída, inventada em 1879 pelo padre católico alemão Johann Martin Schleyer (1831-1912), de Baden.

Pe. João Stolte.

"No confessionário é absolutamente necessário saber português, alemão e italiano; no púlpito, basta alemão e português. Na Igreja Matriz, o sermão é feito em português e, depois, repetido em alemão, o que, para um iniciante, é sempre uma dificuldade. Já visitei a maioria das colônias e em muitas permaneci mais de um dia. Em ocasiões de permanência mais prolongada do padre, a maioria frequenta os santos sacramentos. Prega-se na Santa Missa e no culto vespertino e dá-se, duas vezes por dia, doutrina para as crianças. Em breves palavras, tem-se mais trabalho que tempo. E, quando há um momento livre, então surge uma visita a um doente.

Essa é, pois, a vida que levo, desde meados de agosto, e é como eu a havia imaginado. Sinto-me sumamente feliz e o bom Deus conserva também minha saúde."

Uma cartinha de Desterro informa-nos que Pe. Lux viajou com o benemérito Pe. Topp a Curitiba, no fim de setembro, como representante do clero de Santa Catarina, para assistir à entronização do pastor supremo, o novo Bispo, D. Duarte Leopoldo e Silva. Este foi recepcionado com autêntico júbilo brasileiro pelos seus diocesanos e todos os jornais são unânimes em enaltecer seus méritos e lhe desejam abençoado sucesso.

Outra notícia informa que, no dia 31 de dezembro, chegou o esperado auxílio. Os padres Lindgens, Wolmeiner e Schüler haviam embarcado em Hamburgo a 30 de novembro, no navio Argentina. O mar irrequieto e as tempestades não lhes permitiram sequer uma vez celebrar a Santa Missa a bordo. Essa sorte só a tiveram na breve estadia em Leixões (Portugal). Deve-se também ao mau tempo o fato de terem tido uma viagem tão demorada. Oxalá possam os novos missionários trabalhar no distante Brasil por muito tempo e com êxito, na expansão do reino do divino Coração, a fim de que a descurada vinha do Senhor, no Brasil meridional, produza frutos sempre mais bonitos para a honra do Altíssimo.

13

Na colônia São Bento*

No início de dezembro, foi confiado a Pe. Foxius, que até aquela data trabalhava em Florianópolis, o pastoreio da colônia alemã de São Bento. No dia 15 de dezembro, ele escreveu ao superior da missão, Pe. Lux, uma carta da qual extraímos o seguinte relato:

"Em primeiro lugar, para tranquilizá-lo, quero comunicar, em brevíssimas palavras, que cheguei a tempo para a festa da Imaculada Conceição. Sinto-me bem à vontade e abracei de corpo e alma o novo campo missionário.[1]

"A viagem foi, sem dúvida, menos agradável. Apenas o nosso navio costeiro "Desterro" deixou a ilha e tomou o curso em direção ao Norte, o enjoo tomou conta de mim e me fez gemer por muito tempo. Diz-se que a dor partilhada é meia dor e, assim, dividi meus gemidos com o bom franciscano Pe. Nicodemos. Em Itajaí, o deus do mar, apesar de todas as oferendas[2], ainda estava de tal maneira agitado e implacável que não nos permitiu entrar no porto. Por isso, descemos por uma escada de corda bamba para o barco lançado à água que, por sua vez, dava conosco impressionantes saltos. Chegamos a São Francisco do Sul por volta das 10 horas da noite, mas só pudemos descer em terra na manhã do dia seguinte. Após uma breve visita ao pároco e a um agente da alfândega, segui viagem para Joinville, onde fui recebido pelo conhecido padre Boegerhausen[3] com autêntica franqueza e alegria vestfaliana. Juntos, traçamos o plano de viagem e conversamos sobre assuntos diversos. Após uma rápida visita ao nosso conhecido H. Kroene, que, de alegria pelo reencontro, dançava pela sala, parti, às 11 horas, para a segunda parte de minha peregrinação, a parte terrestre, numa carroça coberta com toldo. Que caminho, que carroça, que viagem!

"Na primeira noite, paramos no sopé da Serra do Mar. Hospedei-me na casa de um colono natural de Frankfurt, cuja esposa é originária da Suécia. No segundo dia, fomos até Campo Alegre, onde consegui hospedagem na casa de um senhor também protestante. Ali me procurou um colono, que me perguntou se era eu o padre destinado a São Bento. Haviam-no encarregado de anunciar

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 123-124.

1 A paróquia de São Bento foi confiada oficialmente aos Padres do Sagrado Coração de Jesus no dia 4 de outubro de 1904, porém o primeiro pároco, Pe. José Foxius, só tomou posse no dia 8 de dezembro daquele ano.

2 Na mitologia grega, Netuno é o deus do mar. As oferendas a que o autor se refere são os enjoos e vômitos dos passageiros do navio.

3 Carlos José Leopoldo Boegershausen nasceu em Duderstadt, Hannover, em 16 de agosto de 1833 e faleceu em Joinville, no dia 12 de dezembro de 1906.

Pe. José Foxius, primeiro vigário scj em São Bento do Sul.

minha chegada. Quando lhe pedi para acrescentar à informação que eu não desejava nenhuma recepção, ele apenas me respondeu: "Isso não, isso não" e sumiu. Em Campo Alegre, tive também a felicidade de celebrar novamente a Santa Missa, e lembro-me bem da expressão de desapontamento no rosto do velho sacristão polonês quando percebeu que eu não sabia falar polonês. Uma hora antes da chegada a São Bento, já começou a desagradável solenidade: seis cavaleiros representando o povo, uma carroça com representantes do conselho paroquial e uma segunda com os senhores da diretoria da escola e o superintendente vieram ao meu encontro. Assim seguiu o solene cortejo até a cidade, em direção à casa paroquial bem enfeitada, onde a multidão de povo e as crianças da escola me saudaram cordialmente. Agradeci da melhor maneira pela calorosa recepção e exortei todos a uma assídua frequência à Igreja, à paz e à união.

"Estou, portanto, há alguns dias na cura d'almas, com muito entusiasmo e resultado satisfatório. Os povoados da colônia São Bento encontram-se todos no planalto, a uma altitude de 1.000 metros acima do nível do mar. A maioria dos paroquianos são brasileiros, poloneses, bávaros e boêmios. A linda igreja paroquial, construída com ajuda do imperador da Áustria e da Associação Missionária Ludwig, é infelizmente paupérrima de alfaias; tem, por exemplo, apenas uma alva. A casa paroquial, com seu grande jardim, é boa e espaçosa. Comecei todos os trabalhos na escola e na igreja. Venha, o quanto antes, a fim de regulamentar tudo de vez. Com saudações amigas, espera-o aqui saudoso, juntamente com todo o povo.

Vosso Pe. Foxius"

14
Rumo ao distante Sul[*]

Com data de 3 de janeiro, os padres Lindgens, Schüler e Wollmeiner enviaram-nos, de Florianópolis, o seguinte relato de viagem:

"Com cordiais votos de feliz Ano Novo, queremos abrir este breve relato de nossa longa viagem, que demorou mais de um mês. Assim como os cânticos de despedida da comunidade de Sittard ainda ecoam em nossos ouvidos, assim também estão bem vivos em nossa recordação os amigos do velho mundo. A todos desejamos a proteção do céu e a bênção para 1905, sobretudo para aqueles que, no decorrer do novo ano, nós esperamos encontrar em nosso meio, no novo mundo. Os pormenores de nossa rápida passagem por Herzogenrath e Düsseldorf até o embarque em Hamburgo, certamente nosso preocupado acompanhante contou pormenorizadamente, inclusive o infortúnio que o atingiu no giro pelo porto. Nosso transatlântico, o Argentina, não correspondeu plenamente às nossas expectativas. É um dos menores navios da empresa Hamburg-Süd-Amerika. Só tem três camarotes e um salão que serve, ao mesmo tempo, como refeitório, área de fumantes e sala de recreação. Por esses e outros transtornos não pudemos fazer jus ao direito de celebrar a Santa Missa no navio, como o permite a lei, sob determinadas condições. Em contrapartida, a tripulação do navio, desde o comandante até o último marujo, e todos os passageiros de nossa classe, entre os quais um professor protestante, até os da segunda classe, onde havia apenas três católicos, todos foram muito amigos e atenciosos. Todo começo é difícil e só devagar e com dificuldade conseguimos descer o Elba, por causa da espessa neblina. O perigo nos rodeava até alcançarmos Cuxhaven; de lá em diante as coisas foram de mal a pior, pois no canal da Mancha começou nossa aflição e miséria, de cuja duração e intensidade o autor deste relato prefere, por gentileza, não falar. Após seis dias atracamos no Porto, em Portugal, onde tivemos o consolo de celebrar a Santa Missa, no dia 8 de dezembro. No dia 12 de dezembro entramos no mundialmente conhecido, e muitas vezes citado nesta revista, porto de Tenerife. A deslealdade dos pescadores nos incomodou mais do que o ar paradisíaco nos reanimou. Uma pessoa da segunda classe deixou cair a bolsa com uma quantia de 170 marcos; os ágeis mergulhadores resgataram a carteira, mas nem a situação desconsolada da pessoa, nem a ameaça foi capaz de movê-los a devolvê-la. O assim chamado batismo equatorial transcorreu de

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 125-126.

maneira rude e desagradável no Argentina. Baldes de água foram levados para a ponte de comando e derramados sem piedade pelos oficiais e marujos sobre os batizandos. É verdade que o comandante ofereceu aos que estavam totalmente molhados um barrilzinho de cerveja e bons charutos, e os oficiais procuraram remediar com brincadeiras o mal-estar gerado pelo batismo forçado que os marujos sempre se julgam no direito de reivindicar. Restou-nos apenas uma impressão desagradável dessa noite de festa que transcorreu sem cerimonial, sem disciplina e sem critério. No dia 22 de dezembro, surgiu à vista Maceió, onde havíamos pensado visitar nosso coirmão Pe. Ângelo. No entanto o médico brasileiro que subiu a bordo comunicou que havia febre amarela e cólera, e a descida em terra estava proibida. Veio o Natal, que não nos trouxe nada de novo, a não ser um sorteio. Um medíocre consolo pela privação de um autêntico Natal cristão foi a sorte individual que cada um de nós teve no sorteio. O primeiro e o segundo prêmio, uma pintura a óleo e uma belíssima concha marinha, caíram sob nossos números. No dia 27 de dezembro, surgiu à vista o grande e confortável porto de São Francisco, o qual pode receber centenas de navios e progride ano a ano por causa da proximidade com as terras colonizadas por alemães, na província de Santa Catarina. No dia 29 de dezembro, sob trovões, raios e chuva, apareceu enfim o farol de Desterro e a última noite no Argentina havia chegado. Em virtude de impedimento de Pe. Lux, veio Pe. Topp buscar-nos no porto e, pelas 10 horas, pisamos em solo da ilha. Como agradecemos à Divina Providência pela misericordiosa proteção da longa viagem, quando nos ajoelhamos diante do Santíssimo Sacramento! A boa acolhida de Pe. Lux e a amabilidade dos demais sacerdotes que vieram nos cumprimentar nos fizeram bem e mudaram praticamente logo a terra estranha em pátria acolhedora. Dentro de alguns dias, ser-nos-ão indicados os devidos locais de trabalho, de onde vocês receberão outras notícias. Assim, por ora, encerramos com votos de cordiais saudações e pedido de piedosas preces.

Pe. Lindgens, Pe. Schüler, Pe. Wollmeiner"

15

Colônia Brusque*

(fim de janeiro de 1905)

Pe. Henrique Meller

Ainda que atrasado, quero abrir o pequeno relato da nova pátria com cordiais votos de feliz Ano Novo.

Compor um relato assim é mais difícil do que normalmente se imagina. De mais a mais, estou aqui nesta imensa paróquia há apenas algumas semanas e, assim como o trabalho, também o calor é de tal maneira intenso que até "as galinhas ficam ofegantes".

A paróquia de Brusque conta, como em geral se admite, com 12.000 habitantes, que moram espalhados numa extensa região. No assim chamado centro da cidade, localiza-se a bonita e espaçosa Igreja Matriz. Nas colônias dispersas pelo interior há 15 capelas das quais a mais distante se alcança em cinco horas a cavalo. Brusque dista da cidade portuária de Itajaí sete horas a cavalo, em direção ao interior. A cidade dá uma impressão européia; a maioria dos habitantes é alemã, católica e protestante. A Igreja Católica tem São Luís como padroeiro, razão pela qual, em muitos mapas, o nome do lugar aparece como São Luís Gonzaga. A igreja localiza-se numa colina, e uma escadaria de pedra, ladeada de enormes palmeiras, conduz até o alto. Também o interior é digno e lembra as igrejas da pátria alemã. Quando se ouvem as orações e cânticos alemães, o sonho se torna quase realidade. Ao celebrar a primeira missa solene, fui tomado de um sentimento ao mesmo tempo de alegria e de tristeza quando, no final da cerimônia, ouvi o coro de vozes masculinas cantar com voz forte: "Oh coração concebido imaculado, coração de Maria!". Atrás da igreja encontra-se o cemitério, que também tem um cunho alemão. Ao lado da igreja situa-se a escola católica alemã que, no entanto, merece um local melhor. Além desta, há em Brusque uma escola portuguesa para rapazes e meninas e uma alemã protestante. Dentre as comunidades de capela, apenas uma é alemã, com 500 a 600 habitantes, entre os quais muitos badenenses[1], que recentemente vieram cumprimentar com muita alegria seu conterrâneo, Pe. Schüler. As outras comunidades são italianas e brasileiras; os poloneses não estão fortemente representados.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 155-156.

1 Badenense, relativo ao habitante de Baden, região do sul da Alemanha, donde vieram muitos imigrantes que se instalaram na colônia Brusque, principalmente na localidade correspondente ao atual município de Guabiruba.

Com semelhante composição étnica da paróquia, vocês facilmente compreenderão que, de vez em quando, nos são colocadas pesadas exigências. A celebração dos santos sacramentos e a visita às capelas são muito animadas. O povo vem ao nosso encontro com amor e confiança e, pode-se dizer, nossa atividade é muito agradável. Naturalmente, não há rosas sem espinhos.

Na visita aos doentes, evidencia-se bem o sentido religioso da população. Um colono cavalga adiante, de cabeça descoberta, inclusive no maior calor do sol, tendo em uma das mãos as rédeas e, na outra, a lanterna e a campainha; em seguida, o padre com o Santíssimo, de sobrepeliz e estola, a cavalo, seguido de mais colonos. Essas visitas, que por vezes levam horas de viagem sob chuva torrencial ou calor ardente, fazem parte de nossas maiores e mais consoladoras fainas.

Os recém-chegados padres Lindgens e Schüler sentem-se realmente bem e já colaboram bravamente.

Com muitas saudações de todos, finaliza

Vosso Pe. Meller

P.S. Posso acrescentar apenas algumas palavras, pois as últimas semanas antes da festa do jubileu foram muito pesadas. Preguei pequenas missões em oito capelas da extensa colônia, o tempo mais bonito até hoje do meu sacerdócio. Meu cargo de padre itinerante da colônia corresponde à realidade e devo visitar mensalmente todas as capelas, o que é uma tarefa gratificante. Minha saúde continua sendo boa, sou resistente como couro. Inclusive meu cavalo, o mais bonito e dócil de toda a redondeza, adquire aos poucos também hábitos clericais. Passem bem e pensem nos que me são confiados e também em mim nas orações.

Vosso Pe. Stollte

Brusque: Igreja matriz e casa paroquial.

16

Uma caçada de índios*

Pe. Francisco Schüler

É carnaval[1] e, como nesses dias não há aula, quero comunicar-vos algumas novidades.

Ultimamente as colônias Brusque e Blumenau foram assaltadas por algumas hordas de índios. Os botocudos são certamente o tronco indígena mais selvagem da América do Sul e não se dão nada bem com os brancos. Ora atacam uma caravana em plena estrada, ora voltam-se contra residências situadas próximas da mata, as quais eles pilham, e em seguida desaparecem tão depressa quanto apareceram. Mais de um colono que habita seu isolado lote colonial na mata já foi vítima de semelhante ataque. Isso explica o medo dos colonos e sua sede de vingança contra os assaltantes. Quero contar-vos agora o assalto que aconteceu em Brusque e que foi noticiado pelo jornal *Novidades*. Os bugres (assim são chamados aqui os botocudos) apontaram do mato no lugar chamado Sibéria e assaltaram a casa do colono Avelino Correia, que saquearam completamente. Enquanto o marido descansava, deitado sobre um banco, dentro de casa, durante a pausa de meio-dia, e a mulher lavava roupa num cocho entre a casa e a cozinha, caiu subitamente uma flecha na sua proximidade. A mulher olhou para trás e viu os bugres. Gritou para o marido, dizendo que a casa estava cercada por índios e correu para dentro de casa. Enquanto o marido guardava a casa, a mulher saiu pela porta da frente para buscar socorro junto aos vizinhos. Ela corria por uma plantação de milho e ainda não havia se distanciado 50 metros quando um índio saltou na sua frente, querendo agarrá-la, mas foi impedido por um cão fiel que defendeu sua dona. Como havia mais índios no milharal, a mulher teve que dar meia-volta e servir-se de outro caminho. Uma flecha atirada atrás dela felizmente só a atingiu no vestido; um pedaço de pau, no entanto, a atingiu pelas costas. Avelino procurou afugentar os índios, mas eles se tornaram, nesse meio tempo, mais atrevidos, obrigando-o a fugir. Perto da casa do vizinho, ele encontrou dois homens e um menino, com os quais retornou. Por falta de boas armas e do medo das pessoas, Avelino não pôde atacar os bugres; teve que abandonar a casa, que foi saqueada pelos selvagens. Podia-se ver os índios carregando os pertences morro acima.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 216-221.

1 Este documento foi redigido no dia 07 de março de 1905.

Pouco mais tarde aconteceu outro ataque, em Porto Franco[2], no qual foi morto um colono. Ele se encontrava com dois companheiros no mato, ocupado com armadilhas quando, subitamente, um índio o atacou pelas costas, perfurando-o com uma lança. O infeliz caiu dizendo: "Ó meu Deus!" E logo estava morto. Porto Franco pertence à nossa paróquia e dista 32 quilômetros daqui. Um dia antes do ataque, Pe. Stollte tinha ido para lá, a cavalo, e assim pôde sepultar o colono. Dias depois ele foi chamado para atender um doente, muito além do lugar do ataque. Evidentemente se fez acompanhar por seis homens armados. Embora cavalgassem muito tempo pelo mato, não perceberam nenhum rastro dos assaltantes. Alguns dias mais tarde, porém, aconteceu novo ataque, e dessa vez na estrada geral de Brusque a Blumenau. Então esses acontecimentos foram comunicados ao governo, que liberou imediatamente 500 marcos para perseguir os selvagens e enviou uma tropa de bugreiros para proceder à uma incursão. Quero contar-vos essa incursão, segundo a versão do nosso jornal católico *Der Kompaß*.

A turma, composta de 16 homens, chefiada pelo célebre batedor de bugres Martinho Marcelino[3], de Angelina, que dali viera incumbido de desempenhar essa árdua missão, internou-se no mato no dia 4. O superintendente, Sr. Vicente Schaefer, havia posto previamente à disposição do chefe e dos demais homens tudo o que era necessário para levar a efeito a difícil empresa. Até Ribeirão do Ouro, a viagem foi feita em carroças. No dia 5, Martinho e três companheiros começaram a fazer o reconhecimento e exploração do terreno. Foi-lhes dado certificar-se de que, não muito distante, deveriam encontrar o paradeiro dos selvagens. O reconhecimento durou três dias.

No dia 9, de madrugada, os 16 homens embrenharam-se na mata e tomaram a direção sul, seguindo as inúmeras trilhas, os novos ranchos de índios, que se encontravam a uma distância de quatro a cinco quilômetros, e diversas abelheiras colhidas pelos silvícolas. Na região onde esperavam surpreender o inimigo, nada foi achado.

Depois de cinco dias no mato, e precisando atravessar diversas vezes caudalosos rios que eles julgaram ser afluentes do Tijucas, os expedicionários encontraram um rancho que, pelos sinais, parecia ter sido abandonado recentemente. Nele encontraram um pilão, muitas ervas socadas e o cadáver de um bugre envolvido em folhas de caeté. Ali a turma se deteve e Martinho, com três companheiros, fez novo reconhecimento. Encontrou bem próximo dali duas picadas bem limpas, que se cortavam em forma de cruz. Na encruzilhada ele encontrou um tronco de árvore falquejado, em cujos lados havia inscrições ou

2 Porto Franco é o atual município de Botuverá.

3 O bugreiro Martinho Marcelino de Jesus era natural de Bom Retiro.

Bugreiros, antes da partida de uma caçada de índios em Ribeirão do Ouro.
[O primeiro, sentado, à esquerda, é Martinho Marcelino de Jesus.]

rabiscos. Percebendo o barulho de um grande número de selvagens na proximidade, Martinho subiu numa árvore, de onde pôde perceber grande parte deles, mas ao descer foi picado por uma jararaca. Feito imediatamente o primeiro curativo, regressou com os três companheiros até onde se encontravam os demais membros da expedição a fim de tratar o ferimento e comunicar-lhes o resultado da exploração.

Martinho, tendo constatado que o número de bugres era bem grande e que 16 homens eram insuficientes para levar a termo a empreitada, contratou mais sete companheiros no Ribeirão do Ouro. Agora, a turma composta de 24 homens e provida de mantimentos, encaminhou-se, no dia 17, para o ponto onde tinham sido vistos os selvagens. Mas ali chegando, verificaram que eles haviam abandonado aquele lugar e tomado o rumo oeste, presumivelmente porque perceberam a aproximação dos perseguidores. Investigando nessa direção, percorreram com mil dificuldades grande extensão de sertão, atravessando rios caudalosos e torrenciais em jangadas improvisadas. No dia 23, descobriram 94 ranchos cercados com uma paliçada. Encontraram também, com espanto, grande número de jararacas mortas; segundo eles, 62, como se fosse o resultado de uma caçada, e 112 abelheiras tiradas. Nesse mesmo dia descobriram também indícios, denotando que os bugres estavam próximos. Mas não quiseram arriscar

o assalto sem primeiro observar bem sua localização. O ataque foi desfechado dia 26, um domingo[4], às duas horas da madrugada. Em linhas gerais, o assalto foi assim descrito por alguns homens da turma:

Devido à escuridão reinante naquela hora, os 24 homens, para não se perderem uns dos outros, seguiam assim: o que marchava atrás pegava na mão do que ia na frente, e o chefe Martinho, com uma luz acesa na frente da tropa marchava em direção ao lugar onde os ranchos haviam sido descobertos de dia. Aí chegando, com as maiores cautelas, a um sinal convencionado, desfecharam o ataque. Estabeleceu-se então uma desesperada confusão: gritos, pulos, imprecações, um berreiro infernal por parte dos selvagens. Os expedicionários não o revelam, mas supõe-se que praticaram uma grande chacina, apoderando-se de tudo quanto existia nos ranchos, inclusive de um bugrinho de oito a dez anos de idade. Havia grande quantidade de carne de anta e de armamento.

A turma chegou de volta a Brusque no dia 4 de março, depois de ter passado quase todo o mês de fevereiro no mato. Voltou radiante pelo sucesso obtido e trouxe como troféus os objetos apreendidos. É interessante a relação desses objetos: mais de cem flechas, uns vinte arcos grandes e pequenos, muitas lanças de formato esquisito, virotes, chuços, muita ferramenta, três sacos com colares, tesouras, navalhas, facas, objetos de folha de flandres, cordas, bonitos cestos, um cachorro e, inclusive, uma estola de padre. Há ainda, além de outras miudezas que não vão aqui enumeradas, braceletes, dedais, moedas de vintém, espoletas, cápsulas de cartucho vazias, fivelas, sendo algumas de prata, e as que se usam em guaiacas, argolas de prata de correntes, muitas peças de relógio, dentes de animais e unhas de anta. O pequeno bugre aprisionado parece ser da tribo dos botocudos, visto trazer, atravessando o lábio superior, uma espécie de botoque.

Mesmo sendo de conhecimento público, parece que não chegaram aos ouvidos do correspondente do jornal as notícias sobre as terríveis atrocidades que se desenrolaram nas florestas de Brusque. É voz corrente que, no ataque ocorrido no domingo, dia 26 de fevereiro, teriam sido chacinados uns 80 índios (outros dizem que foram 200) porque, como se diz, o morticínio se realizou segundo métodos empregados na revolução: as balas foram usadas em número suficiente e a faca entrou em ação. Um barbarismo desumano assim não pode estar nos planos do governo, ao enviar tropas para expulsar ou afugentar os índios. A ação de enxotar os índios pode ser realizada à luz do dia; para isso não é necessária a proteção da noite. Mas quando primeiro se manifesta no homem a animalidade, torna-se ele então mais sedento de sangue que a hiena e o tigre. A noite presta-se otimamente para semelhantes ataques, pois é do conhecimento de todos que nossos selvagens, por causa de sua vida despreocupada, dormem

4 26 de fevereiro de 1905.

um sono tranquilo e profundo. Por isso, quando atacados durante a noite, ficam totalmente desorientados e o pânico toma tamanhas proporções que não conseguem oferecer resistência nem fugir porque são, como se sabe, também muito covardes. Em tais circunstâncias, não é tarefa difícil matar a todos.

Mas a voracidade de sangue da fera humana ainda não estava satisfeita com a chacina. É comentário geral que a tropa aprisionou oito crianças das quais, supostamente por falta de comida, sete teriam sido mortas durante a viagem! É possível imaginar coisa mais terrível? Que culpa têm os filhos se os pais, impelidos pela fome e miséria, fazem incursões rapaces e sangrentas?

Se esta é a civilização que queremos levar aos nossos habitantes da floresta, então não se pode recriminá-los pela não aceitação da cultura dos brancos. Já tiveram os índios a oportunidade de conhecer os brancos por algum outro lado a não ser o bárbaro? Só raras vezes se defrontam com um branco e há provas em abundância de que não o matam sem mais nem menos. Por isso, um pouco mais de humanidade! Só depois de comprovado que, com a catequese, não se consegue nada, então se justificariam tais cenas de barbarismo, tal como acontecem em nossas florestas, onde as gigantescas árvores são testemunhas mudas dessa "obra cultural da barbárie humana".

Também da colônia Angelina veio a notícia de um ataque. Um colono, o Sr. Jacob Gelsleuchter, teve tudo roubado e a mulher, morta. Admite-se que ela se defendeu valentemente contra os bugres. Por isso também teve que suportar horríveis torturas, recebendo, de maneira cruel, cortes e facadas. Porém, não morreu logo; ao anoitecer eram ainda perceptíveis nela sinais de vida. Pouco depois do assalto à casa de Jacob Gelsleuchter, os bugres reapareceram novamente e mataram algumas reses. Como de costume, depois que os índios praticaram alguma desgraça, também dessa vez foram enviados ao seu encalço os assim chamados caçadores de bugres. O bando armado encontrou o primeiro rancho, porém vazio. Passaram sucessivamente por 40 desses ranchos e só no 41º foram encontrados os bugres. Como não havia outro meio, foi necessário atacar de dia, o que de costume acontece à noite. Uma parte do bando precipitou-se para dentro do rancho e começou o trabalho sangrento, enquanto os outros alcançavam com suas espingardas os bugres que fugiam. Nessa confusão, um caçador de bugres levou um tiro de pistola na perna. No mais, não houve feridos entre os bugreiros. Quando se pergunta sobre o número de índios que foram mortos, a resposta é: "Nenhum, foram apenas afugentados, nunca mais voltarão". Os caçadores de bugres trouxeram do mato objetos roubados anteriormente num assalto, tais como peças de roupa, objetos de ferro, uma quantidade de cartuchos bem pequenos e uma pala que pertencia a um viajante de Brusque, que há mais tempo havia sido assaltado na estrada que passa por Angelina. Além disso, trouxeram flechas e arcos, cestos e coisas semelhantes. Trouxeram também, do mato,

cinco crianças, três meninas e dois meninos, cujos cabelos estavam cortados tão curtos e exatos como se tivesse sido usada uma máquina de cortar cabelo.

As crianças foram entregues pelo governo a um orfanato e batizadas. Eu tive a felicidade de fotografá-las e mando a bonita foto para a revista *Das Reich des Herzens Jesu*.

Uma idéia me vem à mente: "Se Deus não constrói a casa, em vão trabalham nela os construtores". Se aqui no Brasil a fé cristã não perpassar melhor tudo, então também falhará todo empreendimento cultural.

O prefeito de Brusque
e o indiozinho capturado[5].

5 Vicente Schaefer adotou o indiozinho e o batizou com o nome de João Indayá Schaefer. O menino cresceu, tornou-se um notório jogador de futebol e constituiu família em Brusque. Faleceu vítima de um acidente industrial, com ácido na perna, no dia 07.05.1961. Seu túmulo se encontra no cemitério do bairro Santa Terezinha, em Brusque.

Cinco crianças indígenas aprisionadas.

Certidão de batismo das cinco crianças indígenas

Ao primeiro de janeiro de mil novecentos e cinco, nesta matriz de Nossa Senhora do Desterro, batizei solenemente os inocentes indígenas da tribo dos Botocudos, apreendidos neste Estado, no interior da ex-colônia Angelina, apresentados pela Conferência de S. José da Associação de S. Vicente de Paulo, à qual foram os ditos indígenas, pelo governador do Estado em exercício coronel Antônio Pereira da Silva e Oliveira, confiados para serem educados no asilo de órfãos, a saber: 1) Maria Inhatára do Nascimento, de doze anos presumíveis e da qual são padrinhos o sr. coronel Antônio Pereira da Silva e Oliveira, Governador do Estado em exercício, e sua esposa D. Manoela Rosália Meyer Oliveira; 2) Pedro Andiro Natal, de oito anos presumíveis, e do qual é padrinho o sr. coronel Vidal José de Oliveira Ramos Júnior, Vice-Governador do Estado, representado pelo sr. Joaquim de Oliveira Costa e sua esposa D. Amância Carvalho Costa; 3) Laura indiária do Nascimento, de cinco anos presumíveis, e da qual é padrinho o exmo. sr. Dr. Lauro Severiano Müller, ministro da viação, representado pelo sr. desembargador Dr. Domingos Pacheco d'Ávila, presidente do Superior Tribunal de Justiça, e sua esposa D. Maria Leopoldina d'Ávila; 4) Rosa Andjura do Nascimento, de quatro anos presumíveis, e do qual é padrinho o exmo. sr. conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da república, representado pelo sr. coronel Antônio Pereira da Silva e Oliveira e D. Francisca de Souza e Mello; 5) Antônio Undá Natal, de quatro anos presumíveis, e do qual são padrinhos o sr. Dr. Antônio Gomes Ramagem, prefeito da Polícia, e sua esposa D. Maria Carolina da Silva Ramagem. Presume-se que são irmãos Maria Inhatára, Rosa Adjura e Antônio Undá, bem como Pedro Andiro e Laura Indiára. E para constar fiz este termo.

O vigário Padre Francisco Topp.

Nota: No dia 17 de janeiro faleceu Maria Inhatára.

17

Notícias de Brusque*

Pe. João Stolte e Pe. Henrique Lindgens

De uma carta do Revmo. Pe. Stolte, com data de 10 de abril, extraímos algumas particularidades acerca de sua atividade nessa gigantesca paróquia, as quais nos permitem ter uma ideia da vida laboriosa de um missionário.

"Desde o Domingo da Septuagésima[1], num período de 31 dias, eu visitei sete colônias, atendi 1.253 confissões e distribuí o mesmo número de comunhões, proferi 25 sermões em italiano e 13 em português, andei algumas centenas de quilômetros a cavalo, visitei vários doentes, dei 56 horas de doutrina e realizei ainda os demais trabalhos e encargos pertinentes à cura d'almas. Mesmo assim, continuo alegre e satisfeito. Todas essas atividades me proporcionam tanta satisfação interna e verdadeira alegria que nem mesmo o ardente calor ou as chuvas torrenciais, nem as cavalgadas noturnas por caminhos e atalhos quase intransitáveis podem me fazer abandonar este ministério. Com todos os trabalhos, preocupações e privações, eu não trocaria de lugar com ninguém. Poderia, sim, contar-vos maravilhosos exemplos da fé simples e da dedicação desses filhos da natureza. Mas hoje eu prefiro partilhar convosco algumas das nossas preocupações.

"A maior dificuldade que encontramos para trabalhar com sucesso na cura de almas é a grande ignorância das crianças de nossa paróquia e a total ausência de interesse pelas escolas e pela educação. Há número suficiente de escolas e, mesmo se as aulas fossem gratuitas, a terça parte dos pais não mandaria os filhos à escola. Daí resulta que estamos em quase todas as colônias sem escola. Onde havia escolas, foram fechadas, e onde ainda existe alguma, há dificuldade em mantê-la em funcionamento. As tristes consequências disso já se fazem perceber e, se deixarmos as coisas continuarem nesse ritmo, teremos em 20 anos somente pagãos, ou apenas caricaturas de católicos. Nossos antigos colonos, especialmente os italianos, também não sabem, na verdade, ler nem escrever, mas pelo menos trouxeram da Europa uma boa formação religiosa, ao passo que a atual geração cresce sem instrução.

"Outra dificuldade diz respeito à distância das moradias dos colonos uma da outra. Em quase todas as colônias, seriam necessárias três a quatro escolas para possibilitar a frequência de todas as crianças. São poucas as famílias que moram na vizinhança da capela, que se localiza no centro da comunidade. A

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 251-253.

1 No calendário litúrgico, o Domingo da Septuagésima é o terceiro domingo antes do primeiro domingo da Quaresma.

grande maioria mora longe, a uma distância de seis, oito e, muitas vezes, até dez quilômetros.

"Por fim, um grande papel desempenha o caráter teimoso e obstinado dos italianos. Por toda parte há brigas e conflitos, por toda parte, partidos. Um puxa para cá, outro para lá. Uma liderança comunitária em prol do bem-estar comum é quase impossível. Tudo isso já me causou muito desgosto e preocupações. Apesar disso, tenho grande esperança de que esse velho costume tenha logo fim. Em uma colônia há uma excelente escola, nas demais, já fiz reuniões e dei as primeiras sugestões e, em outras duas, salvei as escolas do fechamento no último instante.

"Fundei uma nova escola da seguinte maneira: a colônia conta com 32 famílias e 23 crianças em idade escolar. Como a comunidade é muito extensa, foram necessários dois locais distantes três quilômetros um do outro. De manhã o professor leciona em uma das escolas e à tarde, na outra. Cada colono que tem condições financeiras paga mensalmente 100 réis (10 Pfennig). Cada aluno, 30 Pfennig. Para mais de uma criança, o pai paga 50 Pfennig. Dessa maneira, a caixa da escola recebe mensalmente 16 a 17 marcos[2]. O professor recebe mensalmente 15 marcos como salário fixo. O restante é destinado à compra de material escolar. Cada criança, até uma distância de cinco quilômetros, é obrigada a frequentar a escola. Do contrário, não fará a Primeira Comunhão. Isso educa. Além disso, as crianças da Primeira Comunhão recebem, ainda, educação específica. Ao todo, as crianças têm, por semana, cinco horas de leitura e escrita, seis horas de religião, três horas de aritmética e duas horas de música (cantos religiosos). Estou muito satisfeito com os primeiros resultados.

"Seguindo esse modelo, pretendo fundar, aos poucos, também escolas nas outras colônias. Com certeza terei dificuldade em encontrar um professor que lecione por 15 marcos mensais. A comunidade não faz nada em benefício da escola. Mas, mesmo assim, acredito que alcançarei meus objetivos. Uma vez despertado o interesse dos colonos, eles saberão como agir. Na verdade, jamais chegaremos à situação da Europa; contudo, continuamos esperançosos.

"Ainda bem que os próximos dias serão mais tranquilos, pois quase não aguento mais."

O Padre Lidgens, que também trabalha em Brusque, dá sinal de vida e nos conta suas peripécias.

"Minha primeira queda do cavalo – assim escreve ele – deu-se da seguinte maneira: foi no dia 5 de abril quando, por volta das 11 horas, um colono veio a galope a fim de chamar um Padre para atender uma mulher doente de febre. Pe. Schüler acabara de voltar de uma visita a um doente e, a fim de não cansá-lo de-

2 Marco: moeda alemã equivalente a 50% de 1 Euro. Pfennig era a décima parte de um Marco.

mais, eu me ofereci para ir em seu lugar. Na verdade, a semana era dele e, assim, as visitas aos doentes eram de sua incumbência. Tão logo o cavalo estava encilhado, começou a viagem a todo o galope, morro acima e morro abaixo. Os caminhos encontravam-se abaixo de todos os padrões. Por volta da uma hora da tarde estávamos no lugar de nosso destino. Eu desempenhei minha sagrada função e, em meia hora, encontrava-me novamente sentado na sela, cavalgando alegremente para casa. Mas de repente – era justamente num vale – o meu cavalo deu um passo em falso e escorregou com uma das patas traseiras. Não deu tempo de pensar em segurar-me na sela e já me encontrava deitado na lama. Por sorte, meu cavalo ficou parado no mesmo lugar e me observou compassivo, de lado, como se quisesse dizer: 'Não me bata, não foi culpa minha'. Enquanto me levantava e acalmava o bondoso animal, acariciando-o, escutei atrás de mim uma gritaria de socorro. Virei-me e vi uma mulher vindo em minha direção, chamando por ajuda a Deus e a todos os santos. Agora as coisas vão complicar-se, pensei: deitado nessa lama e ainda sendo observado por uma mulher gritando por socorro, lamentando a minha situação e que, certamente, se encarregaria de fazer da queda do padre 'gordo' assunto de conversa pública...

"Mas a boa mulher ajudou-me a apagar os vestígios de minha vergonha. Rapidamente foram trazidas água e toalha, a batina lavada o quanto era possível e eu me senti novamente um ser humano. Dores eu não sentia. E não podia ser diferente, pois havia caído num lugar macio. Para meu grande espanto, vi na sela um rasgo do comprimento de um dedo. Eu havia ficado enroscado com as esporas e o tacão da bota se soltou da sola. Em seguida examinei o cavalo para saber se ele se havia machucado na queda. 'Reverendo, aqui qualquer cavalo teria caído', disse a bondosa mulher. Ao menos um consolo, pensei. Então ela notou que eu não havia apertado suficientemente a sela no cavalo. Mais um motivo de desculpa para o desastrado cavaleiro. Saltei novamente no lombo do animal, agradeci a mulher e segui, garboso, minha viagem, ponderando acerca do que poderia ter-me acontecido. Poderia facilmente ter quebrado um braço, até mesmo algumas costelas. E eu agradeci a Deus, que não abandona nenhum alemão.

"No domingo da Paixão, fiz outra visita a cavalo. Das 5h30min até as 8h45min eu havia estado no confessionário, quando fui chamado para atender um doente. Comi rapidamente alguma coisa, vesti a roupa de cavaleiro, fui à igreja e, com o Santíssimo, montei meu cavalo. 'É urgente', disseram-me os que tinham vindo para me buscar. Cravamos, portanto, as esporas e, durante duas horas e meia, cavalgamos por montanhas e vales, passamos rente a íngremes precipícios e uma vez tivemos de atravessar um rio. Após duas horas e quinze minutos de viagem, eu perguntei a meus acompanhantes se já estávamos próximos do lugar de nosso destino. 'Sim, disse-me um deles, no alto daquele morro encontra-se a casa'. Então, adiante! Mas que prática de alpinismo! O cavalo,

contudo, levou-me com facilidade até lá em cima e parecia admirar-se que os outros dois cavalos precisassem descansar tantas vezes. Mas não tenham tanta pena do cavalo. Nós dois nos adaptamos bem um ao outro e somos, cada um em sua espécie, com certeza os mais gordos da região. Atendi o doente e, na volta, conduzi o animal pelas rédeas, morro abaixo. As coisas me pareciam mesmo extremamente perigosas. Caso nós dois tivéssemos começado a rolar, eu acredito que teria sido preciso levar nossos ossos num lenço para casa. Do primeiro rio que encontramos, bebemos com sofreguidão cavalo e cavaleiro. Continuamos a viagem e chegamos em casa por volta de 15h15min. Apesar de tudo, esse foi um dia muito bonito. Às vezes as coisas são difíceis; porém, tudo para honra divina, venha o que vier!"

Pe. Henrique Lindgens.

18

Notícias da Colônia São Bento*

O Revmo. Pe. Foxius nos escreve:

"Tendo agora mesmo acabado de voltar de uma viagem de visita a uma capela, encontrei vossas notícias da pátria. Mas que tristes notícias! Pe. Lux e Pe. Meller perderam ambos a mãe. Se é doloroso estar junto ao leito de morte da mãe, quanto mais não sofre o coração de um filho devoto que se encontra distante quando é surpreendido com a notícia do falecimento da mãe e não tem outra coisa a dedicar-lhe a não ser orações e lágrimas! Pe. Lux ficou tão abalado com a notícia do falecimento que foi acometido várias vezes de ataques de tontura, chegando mesmo a desmaiar uma vez. Seja como Deus quer! Para isto cada missionário precisa estar preparado.

"Pouco depois, Pe. Lux viajou por Blumenau para Brusque, levando consigo as plantas da igreja semiterminada. Ansioso, aguardo pelo seu retorno, pois as pessoas me perguntam diariamente quando será reiniciada a construção da casa de Deus.

Permiti-me que vos fale agora um pouco das minhas últimas atividades. Em Desterro, além das aulas, eu trabalhei por toda parte onde se fazia necessário, de modo que o Revmo. senhor vigário Topp me arranjou o belo nome de 'salvador da pátria'. Após o término das aulas, eu substituía o doente franciscano nas paróquias de São Miguel e Biguaçu.

"Quando chegava lá depois do meio-dia, montado na minha mula, foguetes subiam imediatamente por toda parte, anunciando a chegada do padre aos moradores que residem entre as montanhas mais afastadas. No dia seguinte, era um espetáculo interessante ver a chegada das caravanas de homens, de mulheres e de crianças, em mulas ou cavalos. Essa gente, que mora a horas de distância entre as montanhas, nunca ou raras vezes viu um padre, e meu antecessor, o franciscano Frei Zeno, precisou, mais vezes, antes do batismo de uma criança, batizar e casar primeiro os respectivos pais e avós. Sentado num caixote duro, eu ouvia as confissões que, para a maioria, era a primeira. Sim, pessoas de 60 anos faziam sua primeira confissão! Durante duas horas diárias eu lhes explicava as verdades de nossa santa fé e ouvia deles, mais tarde, que todos me haviam entendido bem. Eu tinha que falar de maneira bem simples, pois ainda não haviam crescido em mim as asas para voos de oratória.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 281-283.

"Comemorei a festa de Santa Catarina em Alto Biguaçu onde, em breve, deverá ser construída uma capela em honra a essa santa virgem. O lugar previsto é uma colina aplainada, no meio de um extenso vale. Por enquanto lá se encontra somente um altar, protegido contra o vento por uma simples parede de tábuas. Foi uma festa bonita. Mais de mil colonos compareceram e participaram da missa ao ar livre. Minha pregação versou sobre a vida de Santa Catarina. No céu, numerosos rojões anunciavam, com letras de chamas, a alegria do povo. Muitas pessoas vieram me cumprimentar depois e prometeram viver e morrer na fé católica e não mais se deixar iludir pela propaganda da seita norte-americana.[1]

"No outro dia de manhã, umas 200 pessoas ainda assistiram à Santa Missa. Em seguida, quando me preparava para partir, escutei subitamente uma forte gritaria. Um autêntico combate começara a travar-se entre seis colonos. Eu quis acudir imediatamente, mas uma negra robusta me deteve. No entanto, antes que ela se desse conta, eu a havia empurrado para um canto e me lançado no meio dos protagonistas armados de faca, os quais separei com fortes punhos e enérgicas palavras. Uma inimizade, que já durava um ano e meio, havia estourado. O principal causador da briga fora um luxemburguês de nome Schütz, os outros eram brasileiros. Limpei minhas mãos do sangue, pois vários haviam ficado levemente feridos. Depois que uma facção foi embora, montei minha mula e, desse púlpito, proferi à outra um sermão sobre o amor aos inimigos.

"Voltando a Desterro, Pe. Lux enviou-me novamente a São Bento, para grande desgosto do pároco Topp, que perdeu, na minha pessoa, o melhor 'quebra-galho'. E assim estou novamente em São Bento, em companhia de Pe. Wollmeiner, que atende à Igreja Matriz, ao passo que eu, no meu bonito pampo (cavalo: 150 Marcos, sela: 100 Marcos), atendo às diversas capelas do interior (Bateias, 35 quilômetros; Campo Alegre, 18 quilômetros; Avenquim, 20 quilômetros; Lençol, 13 quilômetros e Rio Vermelho ou Bechelbrunn, 11 quilômetros distante)."

Entrementes, Pe. Meller também foi transferido para São Bento e, do seu novo campo de atuação, escreve-nos o seguinte:

"Primeiramente, recebam mais uma vez meu cordial muito obrigado pela vossa sincera e profunda solidariedade por ocasião do falecimento de minha querida mãe. Vocês não imaginam quanto consolo e alegria proporcionaram a meus irmãos e, em especial, a mim. Estejam certos de minhas insistentes preces pelo bem-estar material e espiritual de vocês.

"Como veem, encontro-me agora em São Bento. Pe. Lux achou por bem permanecer em Brusque, pois São Bento se encontra um tanto fora de mão; por isso, tive que deixar a já afeiçoada Brusque.

---

1 Trata-se dos metodistas que, no início do século XX, empreenderam um trabalho missionário nas paróquias litorâneas, principalmente nas comunidades mais carentes e afastadas da Igreja Matriz.

Pe. Foxius e seu acompanhante.

"Agora quero falar-lhes de minha partida. Após cordial despedida de meus caros confrades em Brusque, viajei na manhã de terça-feira, dia 4 de abril, com a carruagem do correio (puxado, naturalmente, por 4 cavalos), de Brusque para Itajaí. Após cinco horas e meia de viagem, com algumas paradas em casas, inclusive uma num povoado alemão, onde há um caramanchão sobre a porta, chegamos às 2h30min da tarde em Itajaí e julgava encontrar um navio costeiro. Como, porém, o mar estava muito agitado, o navio demorou e me obrigou a permanecer nessa cidade um dia e meio. Na quinta-feira, dia 6 de abril, pude finalmente partir para São Francisco com o "Max", que pertence a uma firma alemã. Quando o vapor chegou a mar aberto, começou a balançar, mas não tive enjoo. Após seis horas de viagem ancoramos em São Francisco sãos e salvos, porém sob forte chuva, justamente na hora do almoço brasileiro, às 4 horas da tarde. No hotel, eu soube que o barco fluvial só poderia levar-me a Joinville no dia seguinte e, assim, tive que treinar paciência mais uma vez. No outro dia, 7 de abril, o pequeno vapor fluvial levou-me finalmente a Joinville. Joinville é uma cidadezinha bonita, de origem alemã. Visitei lá o Revmo. Sr. Pároco Boegerhausen, natural de Hildesheim, que já preside essa paróquia há 40 anos e a quem Joinville deve muito. Finalmente, a 8 de abril, embarquei na carruagem do correio, dessa vez puxada por cinco parelhas de cavalos, que me levou, em dois dias de viagem, a

São Bento, situada a 800 metros de altitude. Mas que viagem! Um dia e meio de estrada morro acima, com buracos de meio metro de profundidade, era uma roda entrando e outra saindo dos buracos. Preciso admirar-me ainda hoje que, apesar de todos os solavancos, tenha conseguido permanecer na carroça. Um trecho eu resolvi fazer a pé... Finalmente, no domingo da Paixão, chegamos às 7 horas da noite em São Bento. Encontrei ali o Pe. Foxius um pouco indisposto. Pe. Wollmeiner encontrava-se em visita a uma capela.

"São Bento, meu atual local de trabalho, situa-se, como já mencionei, a 800 metros acima do nível do mar e, por isso, tem um clima mais europeu. Aqui existem também frutas europeias: maçãs, peras. Planta-se também centeio e, assim, posso comer novamente pão preto. As terras da região são onduladas, e podemos olhar a cidade do alto da colina onde se encontra a igreja. Como não faz muito tempo que São Bento é paróquia autônoma, também não tem ainda uma verdadeira igreja matriz, mas somente uma pequena capela deteriorada. A construção da nova igreja já começou e aguarda-se pelo seu término. Se vocês considerarem que aqui a gente precisa ser construtor, mestre de obras e tudo o mais, então perceberão que não falta trabalho. No entanto queremos primeiro deixar passar o inverno, pois aqui no alto da serra dá muita geada. Em agosto poderemos recomeçar a obra".

19

Alegrias e tristezas em Brusque[*]

Pe. Francisco Schüler

Encontro-me, há algumas horas, em Guabiruba, na capela de meus conterrâneos de Baden, e preparo meu sermão para o domingo de amanhã. Já são 11 horas e, como eu estou devendo uma resposta à sua carta, quero começar imediatamente. Mas, sabe Deus quando ficará pronta. Agradecido, comunico ter recebido os recortes de jornais. Mas pensam vocês que nós nos encontramos aqui no fim do mundo? Nossos jornais nos mantêm informados dos acontecimentos, sobretudo dos de nossa querida pátria alemã. O casamento dos príncipes herdeiros alemães foi muito comemorado em todo o Brasil, especialmente no Estado de Santa Catarina. Na ocasião foram proferidos, com entusiasmo, muitos "bonitos discursos".

Prefiro, porém, noticiar-lhes algo sobre outra festividade, a da Primeira Comunhão de nossas crianças, na festa da Ascensão do Senhor. *Der Kompass*, um jornal católico teuto-brasileiro, escreveu a esse respeito:

A festa da Ascensão do Senhor foi um verdadeiro dia de alegria para toda a cidade de Brusque. Umas cinquenta crianças tiveram a grande felicidade de poder participar, pela primeira vez, da Ceia do Senhor. O mau tempo inspirou grandes preocupações nos moradores de nossa cidade e, como na véspera choveu torrencialmente, todos acreditavam que a solenidade não se realizaria. Contudo, o zeloso pároco, Pe. Gabriel Lux, não interrompeu os preparativos. Ele tinha confiança no divino amigo das crianças a quem ele queria preparar, mediante os seus esforços, um verdadeiro cortejo triunfal nos corações infantis. E, de fato, tivemos tempo belíssimo. A igreja brilhou com adornos, como poucas vezes. Os neocomungantes haviam-se reunido na residência das Irmãs. Às 8 horas saiu da Igreja Matriz a procissão para buscar as crianças. Sob o repicar festivo de todos os sinos, ao som de músicas e cantos, o cortejo movimentou-se de volta para a igreja. Aqui, o Revmo. Sr. pároco pronunciou uma emocionante alocução sobre as palavras da sagrada escritura: "Deixai vir a mim as crianças". Quantos olhos se encheram de lágrimas! Provavelmente não houve ninguém entre a multidão a quem as palavras não tenham tocado o coração. Então, as crianças renovaram as promessas do batismo. Em seguida, começou a Santa Missa, durante a qual foram rezadas magníficas orações de Comunhão, alternadas com cantos executados pelas crianças da Primeira Comunhão. Durante a distribuição da Sagrada

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 315-317.

Comunhão, que transcorreu em perfeita ordem, o coro da Igreja executou vários cantos. As crianças foram conduzidas ao altar por anjinhos e, depois de recebida a Sagrada Comunhão, reconduzidas para os seus lugares. Muito comovidos, os pais e parentes acompanharam as crianças, radiantes, até a casa do Sr. K., tesoureiro da igreja, onde estava preparado para todas elas um café. Às 11 horas, houve a bênção do Santíssimo. Antes disso, todas as crianças da Primeira Eucaristia foram admitidas na Irmandade do Escapulário do Monte Carmelo, depois de lhes ter sido feita uma pequena explanação acerca dos objetivos e utilidades do Escapulário. Com isso, terminou a sublime comemoração. "Externamos nosso mais sincero agradecimento ao zeloso pároco, como também aos demais padres, pela excelente organização da festa," assim se expressou o jornal. O certo é que essa comemoração, tal como é habitual na pátria alemã, impressiona também muito aqui.

O que, no entanto, o jornal silencia, eu quero dizer-lhes: à tarde, terminados todos os trabalhos, nós, os coadjutores, o pároco e os fabriqueiros[1] da Igreja, fomos jogar boliche.

Na vida simplesmente é assim: há as rosas, mas também os espinhos. Ontem, quando fui descansar tarde da noite, chovia torrencialmente. Antes de adormecer, perpassaram pela minha agitada imaginação confusas imagens de visita a doentes e de acidentes. Cheguei até a pensar que, em vez de estar na cama, estaria mergulhado no brejo de algum vale. Meu pressentimento devia realizar-se! De fato, no dia seguinte, após a Santa Missa, eu fui chamado a um doente. "Seja o que Deus quiser!" pensei, e montei meu companheiro de infortúnio, meu cavalo, e começamos a viagem. Não muito distante de casa, o animal já atolou na lama até bem acima dos joelhos. Apesar disso, mesmo com dificuldade, seguimos em frente e logo avistei a casa, localizada a pouca distância, para a qual conduzia o meu caminho. Eu tinha que atravessar uma ponte. Inesperadamente, meu cavalo pisou num pedaço de madeira podre, encoberto de água e lama, e veio a cair. Dei uma cambalhota por cima da cabeça do animal e caí com a cabeça num atoleiro. Em seguida fui parar debaixo do cavalo que, ao levantar-se, pisou-me na cabeça. Por sorte ele não tinha ferraduras e, assim, meu crânio ficou inteiro. Também não quebrara o pescoço na queda. Meu primeiro pensamento, no entanto, encontrava-se no Santíssimo, que eu trazia comigo ao peito. Meu cavalo também não sofrera consideráveis lesões. Mas eu, em que estado me encontrava! Minha sobrepeliz! Meu rosto, minha batina!... Antes de atender o doente, tive de me submeter a uma limpeza total.

Involuntariamente, lembrei-me do meu antigo professor de moral, quando discorreu sobre a questão de ser ou não permitido fazer a cavalo o atendimento

---

1 Fabriqueiro era, até há alguns anos, o nome dado aos membros do conselho paroquial.

a um doente. Ele mesmo deu a solução, com uma resposta lacônica: "Sim, desde que não se caia da sela". Teoricamente, isso é correto. Mas, nesse caso, dificilmente poderíamos fazer um atendimento, pois nem o melhor cavaleiro está aqui seguro na sela. As estradas são péssimas, pois o governo tem outras prioridades na aplicação do dinheiro, que manter estradas e pontes.

Lembro-me ainda bem de minha primeira queda do cavalo. Quando me encontrei novamente em pé, são e salvo, querendo montar novamente, meu cavalo saiu em disparada e eu andei um quarto de hora até chegar perto dele. Mesmo assim, antes de apanhá-lo, disparou novamente. Assim me diverti durante 45 minutos, correndo atrás do animal, pois ainda não conhecia a regra do cavaleiro: nunca se deve aproximar-se de um cavalo por trás. Final da história: tive que esperar até que um colono veio para pegar o cavalo. "Paciência", disse o brasileiro. Esse é um dito popular que aqui vale ouro.

Recentemente, o Revmo. Pe. Lux passou por uma experiência ainda menos animadora, ao visitar o Exmo. Sr. Bispo em Florianópolis. O jornal *Blumenauer Zeitung*, de Blumenau, escreveu a esse respeito: "O jornal *Novidades*, de Itajaí, contou um caso quase inacreditável a respeito da atitude do comandante de um navio da companhia Loyd, no tratamento de gentileza dispensado ao Pe. Lux, que comprara uma passagem até Florianópolis. Ele passou a noite em terra, pois o vapor "Porto Alegre" só partiria na manhã do dia seguinte. Quando o padre chegou ao porto, o vapor já havia partido, de modo que foi obrigado a pegar um barco para chegar a bordo. Assim que alcançou o vapor, foi recebido de maneira malcriada e, apesar de seu bilhete de passagem, foi expulso do vapor pelo capitão, sob a gritaria e assobios dos soldados e da gentalha que se encontrava a bordo. O valente capitão, cujo nome aqui registramos, chama-se Antônio Leopoldino da Silva."

Como podem notar, alegrias e tristezas alternam-se na vida de um missionário. Isso é bom. O sol é mais bonito quando brilha por entre nuvens.

20

Visita do Bispo a Brusque*

Pe. Henrique Lindgens

Vós certamente imaginais que aqueles que levastes, no final do ano, até o navio "Argentina" há tempo vos esqueceram. Mas não é bem assim. Frequentemente rimos, quando relembramos o susto que levastes naquela noite, ao notar alguns marinheiros trabalhando na ponte de desembarque e pensastes que ela estava sendo recolhida e logo o navio estaria zarpando em alta velocidade mar adentro, levando-vos forçosamente para o longínquo Sul. Que alívio não tereis sentido, ao pisar novamente em terra firme! Mas, basta sobre isso. O objetivo destas linhas não é divertir-me às vossas custas. Não, o que eu quero é contar-vos algo da visita canônica do Sr. Bispo à paróquia de Brusque. Se tivésseis visto o Exmo. Sr. Bispo paramentado, vestido com a magnífica alva com que vós nos presenteastes, certamente vos teríeis alegrado muitíssimo. Durante sua presença em nosso meio, foi discutida a questão: como faremos uma pequena surpresa ao Sr. Bispo? Alguns estavam logo dispostos a oferecer-lhe a bonita alva que vós nos destes, mas eu me opus veementemente a essa ideia. Uma lembrança de caros confrades não se pode presentear sem mais nem menos. Ela, portanto, ainda está aqui e é usada em dias de grande festa.

Mas vamos, finalmente, ao assunto: dez anos haviam-se passado desde que o Bispo visitou pela última vez esta paróquia. Era compreensível que, com a notícia "no próximo mês o Bispo vem a Brusque", os ânimos ficassem não pouco agitados. Foi decidido oferecer-lhe uma grandiosa recepção, naturalmente segundo os critérios brasileiros locais. Foi constituída uma comissão de festa, que se encarregou de toda a organização. No sábado[1], dia da chegada do Bispo, reinava já uma intensa agitação desde as primeiras horas da manhã. Trabalhou-se nas estradas como nunca foi visto antes. Até os mais ricos ajudaram a trabalhar. Foram erguidos arcos de triunfo; plantadas palmeiras ao longo da estrada, num trajeto de quatro quilômetros; as casas foram enfeitadas e ornamentadas com bandeiras. Em suma, cada um deu o melhor de si para proporcionar ao Bispo uma solene recepção. Às duas horas da tarde juntaram-se uns 70 a 80 cavaleiros,

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano V (1905), p. 346-349.

1 Dom Duarte Leopoldo e Silva, Bispo de Curitiba, chegou no dia 19 de agosto de 1905, às 5 horas da tarde. Além da paróquia de Brusque, o Bispo visitou ainda Azambuja no dia 21 e, no dia seguinte, terça-feira, apesar do tempo chuvoso, foi a Porto Franco [Botuverá], donde voltou na sexta-feira e no dia seguinte, sábado, dia 26, despediu-se de Brusque, seguindo para Barracão e Gaspar.

cada um portando uma pequena bandeira, para ir ao encontro do Bispo e fazer-lhe a guarda de honra até a cidade.

O Revmo. Pe. Lux havia partido mais cedo, com o Prefeito, para buscar o Bispo na paróquia vizinha. Sua chegada aqui à cidade estava prevista para as 4 horas da tarde. O clero paroquial foi em procissão até a ponte nova, acompanhado por um grupo de moças vestidas de branco e pelos moradores da cidade e localidades vizinhas. Pouco depois da hora prevista, os tiros de morteiros e os estouros de foguetes anunciavam a proximidade do cortejo. Magnífica foi a cena quando o grupo de cavaleiros surgiu por entre os morros. As pontas dos estandartes reluziam aos raios do sol, as bandeiras tremulavam com o vento, os cavalos avançavam garbosos, como se tivessem consciência da honra que lhes era reservada. Na ponte, o Bispo desceu da carruagem e foi cumprimentado pelos religiosos e pelos fabriqueiros da Igreja. De lá, a procissão se dirigiu, ao som da música e tiros de morteiros, para a casa das Irmãs da Divina Providência, onde havia à disposição do Bispo um quarto de hóspedes. Meia hora mais tarde, vestido em seus trajes episcopais e sob festivo dobrar de todos sinos, o antístite dirigiu-se para a Igreja Matriz. Ali o Revmo. Pe. Stolte fez um discurso de saudação no qual manifestou, com eloquentes palavras, os sentimentos de júbilo dos religiosos e de toda a paróquia. Em seguida, o Bispo deu a bênção e foi conduzido de volta, em procissão. Ao anoitecer, a Igreja Matriz foi iluminada festivamente. Também a maioria das casas estava iluminada. Inclusive os protestantes haviam iluminado e enfeitado com bandeiras as suas casas. Alguns deles queimaram fogos de artifício vermelhos, o que é uma raridade neste Estado. Eles também foram prestativos em ajudar as Irmãs a enfeitar o alojamento do Bispo. Uma senhora vinha todos os dias averiguar se não estava faltando nada; ela ofereceu, inclusive, sua melhor mobília de quarto. Por volta das 8 horas da noite, foi feita uma serenata ao Bispo. Sob a hábil direção do Pe. Foxius, que, em brevíssimo tempo, soube erguer maravilhosamente o coral da Igreja, foram executados de maneira impecável alguns cânticos do "Rüttli".[2]

O Sr. Bispo demonstrou muita satisfação com a procissão luminosa com archotes, organizada à maneira alemã. "Que bonito!", disse ele repetidas vezes, enquanto observava como a grande fileira se perdia na escuridão da noite. Entusiásticas e vigorosas foram as palavras que dirigiu à multidão. Ele invocou a bênção divina sobre os fiéis de toda a nossa paróquia que nessa noite mostrou sua profunda vivência religiosa. "Esta recepção festiva, disse o Bispo, não foi preparada para uma pessoa, mas, sim, para demonstrar a fé perante o mundo inteiro. "Vós homenageais na minha pessoa o Bispo, o enviado do Senhor, o representante da autoridade eclesiástica e, portanto, a Igreja e o próprio mes-

2 Rüttli é um livro de canções de cunho marcial, para vozes masculinas, editado em Sankt Gallen.

tre divino". Agradeceu também aos membros de outras religiões que haviam comparecido e que haviam contribuído para o embelezamento da festa. No dia seguinte, houve missa solene, com a presença do Bispo. A missa, cantada a mais vozes pelo coral, não deixou nada a desejar. Após o meio-dia, por volta das 2 horas, teve lugar a primeira celebração da sagrada Crisma. Aqui ainda existe o hábito de crismar crianças, pois, devido à grande extensão da diocese, o bispo só consegue visitar as paróquias raras vezes. A cerimônia de Crisma não dá ao missionário recém-chegado, que ainda não está familiarizado com os costumes brasileiros, a impressão sublime que dela trouxe da Alemanha. No primeiro dia, havia de 400 a 500 crianças entre os crismandos. É desnecessário dizer que nem todas se mantiveram em completo silêncio, já que todos os crismandos precisavam estar presentes do início ao fim da cerimônia, que durou aproximadamente uma hora e meia, mas nunca imaginei que pudessem aprontar tamanho berreiro. Desde então, guardei um grande respeito pelas cordas vocais de nossos jovens brasileiros. Foi admirável a paciência do nosso amado Bispo. Ele não perdeu a paciência, nem quando os pequenos – eu diria chorões – teimavam em resistir com mãos e pés. Alguns até tiveram de ser segurados à força. A mim coube, nesses dias, a função de ostiário da igreja. A maioria das pessoas não compreendia por que a saída ficava interditada. De todas as formas e maneiras, vinham me

O bispo diocesano Dom Duarte Leopoldo e Silva e os religiosos scj em Brusque.

explicar que estavam completamente prontas e que podiam sair. Como eu não cedia, elas só se conformavam depois que lhes explicava que a última bênção do Bispo também fazia parte da cerimônia. Algumas mães vinham e imploravam para deixá-las sair: "Padre, a criança está doente, a criança tem sede, etc, etc." "Não adianta insistir, vocês precisam ficar até o fim". Para aliviá-las da mais premente necessidade, mandei buscar alguns baldes de água para matar a ardente sede. Era facilmente compreensível que houvesse gargantas secas, por causa do intenso calor reinante na igreja fechada. No mais, até onde era possível num tal ambiente, mantivemos uma ordem como raras vezes se encontrará. Depois da Crisma, houve a celebração da bênção do Santíssimo, durante a qual foram novamente executados belos hinos a quatro vozes. Na segunda e na terça-feira, houve novamente Crisma, no mesmo horário. Eu, todavia, preferi ajudar o bispo e entreguei meu penoso cargo ao Pe. Foxius que, na minha opinião, estava mais preparado para essa função. Na terça-feira, quando a celebração da sagrada Crisma já havia terminado, e o Bispo ainda se encontrava na casa paroquial, veio uma mulher toda afobada, com duas crianças. "Querida mulher, disse-lhe, a senhora chegou muito tarde". Como ela suplicasse e insistisse, eu lhe disse que informaria o Bispo. "Eu vim, disse ela, por estas péssimas estradas, numa distância de 22 quilômetros, trazendo ambas as crianças nos ombros até aqui, o Sr. Bispo não deixará de me atender". Depois de ouvir a mulher, e sem dizer uma palavra, ele dirigiu-se à igreja e crismou as duas crianças. Ainda depois, fez amiúde o mesmo, quando as pessoas lho pediam.

No sábado pela manhã, o Exmo. Sr. Bispo deixou Brusque, acompanhado por grande número de cavaleiros. Na despedida, expressou-se com muitos louvores sobre a boa situação da paróquia, bem como sobre a ativa direção dos antigos vigários da mesma e a do atual pároco, Pe. Stolte. Quando o cortejo se pôs em movimento, milhares de vozes gritaram um prolongado viva de despedida ao pastor supremo.

Mesmo que a visita tenha sido difícil para nós por causa do muito trabalho, contudo, foram dias bonitos, durante os quais o bom Deus – assim cremos – concedeu ricas bênçãos e grandes graças a todos os membros de nossa paróquia.

Para finalizar, recebei meus melhores cumprimentos. Recomendo-me às vossas orações diante do altar.

21

Situação e Planos da Missão *

Pe. João Stolte e Pe. Gabriel Lux

Na noite de 31 de outubro para 1º de novembro, embarcaram no novo vapor "Rio Negro", em Hamburgo, vários padres de nossa casa missionária para aumentar o número de operários da vinha do Senhor, no distante sul do Brasil. São eles: Pe. Bernardo Jonkmann, de Nordhorn (Hannover); Pe. José Rogmann, de Cleve; Pe. Guilherme Thoneick, de Breyell (Renânia); e o irmão Eusébio Kamphausen, de Geistenbeck, no Rheydt. Um grande campo de trabalho os aguarda lá.

Pe Bernardo Jokmann.

Pe. José Rogmann.

Acaba de escrever-nos o Pe. Stolte: "Não é triste ter que constatar como regiões inteiras perecem por falta de sacerdote? Aqui há paróquias do tamanho de pequenos bispados, que são administradas por apenas um religioso. As crianças ficam sem batismo, casamentos não são celebrados, os doentes morrem sem sacramentos e, de catequese, nenhum sinal. Muito trabalho, muitas preocupações, privações e desilusões aguardam o sacerdote, mas também grandes alegrias, muitas horas de silenciosa bem-aventurança e paz interior. A permanente

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 27-30.

Pe. Guilherme Thoneick.

Ir. Eusébio Kamphausen.

consciência de ter atendido o chamado divino para consagrar nossas forças na assistência aos pobres e desamparados compensa-nos pelo sacrifício da separação de tudo o que nos é caro e querido na terra natal. Nosso campo de atuação aqui é entre os pobres, pois tanto em Brusque, São Bento, como em outras paróquias que, no futuro, venham a pertencer-nos, existem, exceto alguns novos ricos, somente colonos pobres vivendo na maior ignorância religiosa. Todavia há aqui muita boa vontade e pouca corrupção. Nossos italianos e alemães são pessoas excelentes. Quando visito as capelas, as pessoas vêm de uma distância de 20-30 quilômetros, por estradas intransitáveis, para batizar uma criança ou receber os sacramentos ou, simplesmente, para assistir a uma Santa Missa.

Entre os brasileiros, no entanto, é diferente. Ignorantes, orgulhosos e mal-educados, dificilmente se tornam bons católicos. Eles julgam estar no caminho certo e consideram os padres estrangeiros chauvinistas exaltados. Para eles, a essência da religião consiste em celebrar festas, fazer procissões e deixar benzer tudo. Receber os sacramentos é a pior exigência que se lhes pode fazer. Recentemente, ao terminar uma palestra bastante severa sobre Confissão, veio ao meu encontro um brasileiro e falou-me de um antigo padre que conhecera. "Sim, esse era um bom padre: ele não se dirigia a ninguém com dureza, ia aos casamentos, mas, acima de tudo, – e isso ele repetiu pelo menos dez vezes – ele nunca intimou as pessoas a se confessarem". Nesse sentido, nós somos puros bárbaros, pois minha conclusão prática em cada sermão é: confessar. E minha primeira pergunta aos padrinhos de batismo é: "Quando te confessaste a última vez?" Recentemente perguntei a um padrinho se ele já tinha

feito suas obrigações pascais. "Com certeza!" – "Quando, então? Há quantos anos?" – "Ah, talvez, mais ou menos, sete a oito anos!". Vemos, no entanto, com alegria que eles vão, aos poucos, adquirindo melhores hábitos. A propósito, temos, em Brusque, só poucos brasileiros e, em São Bento, menos ainda".

Os pormenores seguintes, acerca da situação da missão, nós tiramos de uma correspondência do superior da missão, o Revmo. Pe. Gabriel Lux:

"Terminou, felizmente, a visita canônica. Tudo transcorreu na melhor ordem, de modo que o Exmo. Sr. Bispo não encontrou nada para criticar, embora tenha investigado tudo com meticulosa exatidão e revistado os cantos mais secretos. Também ficou muito satisfeito com os padres e se mostrou tão bem disposto como em nenhuma outra paróquia. Pediu-me, reiteradas vezes, que escrevesse solicitando novos padres. Conforme o costume daqui, o de entregar ao Bispo um presente por ocasião de sua visita, também eu, em nome de nossa Congregação, ofereci-lhe um, e de grande valor: nosso ostensório. Percebi que ele, como homem do Hemisfério Sul, ficou muito satisfeito com o reluzente ostensório. Recebeu o presente com palavras de gratidão e disse-nos que será usado como peça de enfeite em sua catedral.

Visto que o Exmo. Sr. Bispo ficou muito satisfeito com a nossa atuação, propôs-nos, de imediato, outros novos postos. Além de Itajaí, devíamos atender também Paraty ou a ilha de Desterro. Paraty situa-se no continente, próximo a São Francisco, e encosta diretamente na paróquia de Itajaí. O povo mesmo não tem mais vida religiosa; lá precisamos começar do princípio. Pela localização, Paraty seria melhor para nós, porquanto se situa na linha de Brusque para São Bento. Mas tem como desagradável suplemento o porto de São Francisco, cuja paróquia ainda tem vigário, por enquanto, mas que, em breve, poderá ser confiada a nós. Por si só, São Francisco é um ninho de vespas, um eldorado da maçonaria e seria para nós um inferno. Se escolhermos a ilha, com a sede na Lagoa, então nossa linha de atuação se estenderá demais, embora seja possível ir de vapor, em seis horas, de Desterro a Itajaí. Na ilha precisaríamos, com o tempo, de mais quatro sacerdotes: dois na Lagoa e dois no Ribeirão. O povo de Desterro é melhor que o de Paraty ou São Francisco. Minhas preocupações, no entanto, só diminuirão quando os novos padres estiverem aqui.

No dia 24 de setembro, Pe. Foxius viajou com o Sr. Bispo para Itajaí a fim de tomar posse daquela paróquia[1], e Pe. Lindgens seguiu-o oito dias mais tarde.

Em Brusque, ficaram Pe. Stolte e Pe. Schüler. Este último é o responsável pela escola. Não sei como se arranjarão, porque o Pe. Stolte, sendo muito rígido e exigente, certamente não aguentará o esforço excessivo se não vier logo reforço.

1 Padre José Foxius tomou posse da paróquia de Itajaí no dia 27 de setembro de 1905, de Penha no dia 15 de outubro, de Barra Velha no dia 18 de outubro e de Camboriú no dia 22 de novembro.

Pe. Meller e Pe. Wollmeier administram a paróquia de São Bento. Eu estou, por ora, sediado em Azambuja, a três quilômetros de Brusque, como administrador episcopal do hospital e não estou, com certeza, deitado numa cama de pétalas de rosas. Para pôr as coisas dessa casa em ordem, foram separados da paróquia o hospital e o santuário e postos sob os cuidados diretos do Bispo. Fui nomeado administrador e meu primeiro trabalho foi destituir os supostos membros do conselho, que se consideravam mais ou menos como senhores absolutos do cargo. Isso eu cumpri. Os referidos senhores, contudo, não se contentaram com a decisão e fizeram barulho, mas isso não os ajudou em nada.

Estamos todos sobrecarregados de trabalho e não podemos mais continuar assim. Aguardamos com muita expectativa os caros padres que atualmente já se encontram em alto mar.

Tenho um grande sonho, um ideal que sempre me acompanha. Mas quando o verei realizado? Gostaria de fundar uma casa própria na colônia Guabiruba, que pertence à nossa paróquia de Brusque, distante 10 a 15 quilômetros da cidade. Dois padres ficariam em Brusque, como pároco e coadjutor, e um em Porto Franco[2] com os italianos. Todos se encontrariam mensalmente, alguns dias, nessa casa-mãe para se restabelecerem física e espiritualmente. Nós precisaremos, mais cedo ou mais tarde, de uma casa desse tipo, em Brusque ou em outro lugar. Para tal finalidade, a colônia Guabiruba é o lugar mais adequado que eu encontrei até agora no Estado de Santa Catarina. Os custos de construção me preocupam menos, nessa pobre região, que sua manutenção. A casa dedicar-se-ia à agricultura e teria uma escola que se tornaria uma bênção para toda a colônia. Poderíamos juntar à escola agrícola um internato de preparação à Primeira Comunhão para crianças do interior e, talvez, até dar início a um pequeno seminário. Assentada em qualquer outra base, uma casa própria nesse lugar não seria rentável ou sem utilidade para os católicos. Os padres franciscanos dão-nos o melhor exemplo. Em seu grande convento de Blumenau instalaram, em vista das necessidades locais, excelentes oficinas: sapataria, alfaiataria, padaria, marcenaria, ferraria, moinho ..., tudo movido a vapor. Agora estão construindo uma grande tecelagem movida a força d'água. Mas, infelizmente, tudo isso vem quase só em benefício da população protestante de Blumenau; todos os centros maiores das colônias daqui são, na maior parte, protestantes. Em contrapartida, a escola agrícola dos franciscanos em Rodeio é uma bênção para a população católica. Queira Deus que esse piedoso sonho logo se realize. Desfrutaríamos melhor as bênçãos da vida religiosa, juntaríamos aí novas forças para nossa atuação apostólica e a pobre população rural católica tiraria grande proveito desse empreendimento".

2 Porto Franco corresponde à atual cidade de Botuverá, sede do município do mesmo nome.

22

Um novo ataque indígena[*]

Pe. Francisco Schüler

As belas descrições do Brasil meridional muitas vezes apresentam esta região como um paraíso. De modo especial, o Estado de Santa Catarina é descrito pelo editor do "Dicionário Geográfico do Brasil"[1] como o "paraíso terrestre": "Aqui tudo está coberto com eterno verde. A exuberante vegetação faz com que as florestas sejam, praticamente, impenetráveis. As mais saborosas frutas crescem, na maior parte, sem auxílio de técnicas. Por causa da grande quantidade de laranjeiras e outras flores perfumosas, a atmosfera se enche de aromas agradáveis. O clima é de eterna primavera".

Todavia este eldorado também tem seu lado sombrio. Das dificuldades da vida dos colonos falarei em breve; hoje, quero mencionar apenas os já repetidos ataques dos índios, que sempre ameaçam a vida dos pacíficos colonos. Em nosso número de julho de 1905, no artigo *Uma caçada de bugres*, já me referi a esses tristes acontecimentos, e no mesmo mês aconteceu o segundo ataque ao norte de Brusque, na colônia Blumenau.

Os índios apareceram com invulgar atrevimento em plena luz do dia e mataram grande número de animais. Já foram encontrados os restos de 12 novilhas e mulas. Subsequentes buscas por animais desaparecidos não puderam ser realizadas pelo receio do ataque dos selvagens. Telegrafou-se ao governo em termos dramáticos, com pedido de socorro. A ajuda não veio. Em vez disso, chegaram, alguns dias depois, diversos tropeiros fugidos e feridos, trazendo a infeliz notícia de que, em Aterrado Torto – cerca de quatro quilômetros abaixo de Pouso Redondo –, duas tropas tinham sido atacadas e dispersadas pelos selvagens.

O primeiro ataque aconteceu por volta do meio-dia, ao tropeiro João Germano, de Lages, que vinha de lá com três empregados por esse caminho. Os selvagens encontravam-se escondidos nos dois lados do caminho. João Germano recebeu uma flechada na região do coração e caiu morto da montaria. Dois dos seus companheiros foram também alvejados, mas puderam fugir e conseguiram chegar até a residência de Kuhlmann, que mora em terras do Sr. Reif, junto ao rio Pombas, cerca de um quilômetro e meio de Pouso Redondo. Do madrinheiro, um rapaz, não se sabia nada. As mulas haviam sido mortas ou tinham-se dispersado. Duas horas mais tarde, passava pelo mesmo lugar a tropa de Pedro

* *Das Heich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 61-62.

1 FERREIRA, Francisco Ignácio (1832 1891). *Diccionario geographico do Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885. 754 p.

Werner, de Lages, conduzida por um de seus filhos e mais dois peões. Eles se defrontaram ali com uma cena horrível. João Germano jazia completamente nu, no meio da estrada, com a flecha no peito. Não longe dele, os animais mortos, dos quais haviam tirado pedaços de carne, que é muito apreciada pelos selvagens. A carga estava espalhada no caminho, bem como grande número de flechas que, provavelmente, haviam errado o alvo. Enquanto o filho de Werner e os seus companheiros tratavam de remover o cadáver, foram, por sua vez, atacados. Um dos empregados recebeu uma flechada no braço. Um cachorro foi abatido e uma mula, carregada com mercadoria no valor de 500 marcos, foi morta com duas flechadas: uma veio da direita e outra, da esquerda. A tropa dispersou-se e foi abandonada pelos condutores, que trataram de salvar a própria vida. Animais e carga se perderam. O desaparecido madrinheiro, Pedro Tomé, da primeira tropa, foi encontrado morto no dia seguinte, no mato, para onde os selvagens tinham arrastado seu corpo. Os assassinos permaneceram ainda no local e festejaram sua "vitória", fazendo uma gritaria infernal. Acredita-se que o bando seja muito grande. Dois mortos e três feridos são o triste resultado desse assalto. Quanto aos prejuízos materiais, não é demais orçá-los em seis contos. A isso se devem acrescentar as perdas que o Sr. Knoblauch teve e o dano incalculável que daí resulta para o nosso comércio, pelo fato de ter sido novamente interrompido o tráfego com o planalto, pois a notícia desse assalto difundirá pânico por todo o campo e, por enquanto, não mais descerão tropas. É preciso notar que, desta vez, o mato que cresce sobre o caminho não favoreceu o ataque porque, no lugar onde os índios praticaram o assalto, o caminho tinha sido limpo há pouco tempo.

É opinião geral que o ataque não foi praticado por botocudos, mas por coroados que vieram do Paraná em uma de suas correrias.

Semelhantes ataques de índios selvagens soem ainda acontecer com frequência e são geralmente praticados pelos botocudos, que vivem em constante pé de guerra com os brancos. Nossas imensas paróquias de São Bento e Brusque são extremantes com essas regiões indígenas e, de bom grado, gostaríamos de fazer a experiência de anunciar a esses selvagens o santo evangelho e fazer deles cristãos fervorosos. Com certeza é um empreendimento difícil, e nós sabemos que os primeiros missionários haverão de arriscar a vida, mas, com a ajuda divina, daremos início a ele quando contarmos com auxílio da Europa. Já nos colocamos à disposição e aguardamos apenas o momento oportuno para dar início à grande obra e, assim, manifestar total simpatia ao governo, ao Bispo e a todo o povo fiel. Esperamos que essa obra, que deverá ser assumida também em vista da proteção de nossos conterrâneos alemães, encontre algum reconhecimento na Alemanha!

23

De velas infladas[*]

Pe. Jonkmann, Pe. Rogmann, Pe. Thoneick

Em volta, nada além de água. Na hora do meio-dia, o sol se encontra quase a pino, em linha reta sobre a cabeça. Por isso, reina um considerável calor que, no entanto, é suavizado pelos ventos alísios. Dentro de alguns dias, deveremos, finalmente, chegar ao litoral norte do Brasil e atracar no porto de Cabedelo. Queremos aproveitar a oportunidade para comunicar aos nossos amigos da terra natal algumas de nossas vivências de viagem.

Na despedida de Sittard, ficamos sensivelmente impressionados com as cordialidades que nos vieram de todos os lados. Gostamos de lembrar especialmente a última manhã, quando a esperançosa juventude da escola missionária de Sittard, em formação para o sacerdócio, nos agraciou com tanta amizade e amor e nos disse adeus, um adeus e até breve no Brasil. O céu também parecia querer-nos bem, o sol da manhã enviou-nos seus mais belos raios. Rapidamente, a locomotiva nos levou por regiões conhecidas, como Herzogenrath, Gladbach e Düsseldorf. Em diversas estações encontramos parentes e conhecidos que nos queriam dar o último adeus. Em Neuss surpreendeu-nos o redator de nossa revista, o Revmo. Pe. Heimanns, que lamentou não ter podido estar presente na despedida em Sittard e nos acompanhou até Düsseldorf. Lá nos despedimos de todos, do procurador o Revmo. Pe. Thoss, dos parentes e amigos. Instalamo-nos confortavelmente num trem rápido que nos levou a Hamburgo, numa viagem de sete horas e meia. Ao desembarcar em Hamburgo, fomos recebidos pelo Sr. Meynberg, o representante da Associação São Rafael, que de maneira cuidadosa e gentil nos havia livrado de todas as preocupações e preparado tudo para nossa viagem. O dia seguinte foi dedicado à solução dos problemas relativos ao visto de saída, mas tudo correu bem e sem dificuldades, graças à excelente organização da Companhia de Navegação e à circunspeta assistência do Sr. Meynberg, que, de maneira tão gentil, ficou o dia inteiro à nossa disposição. A própria experiência nos ensinou a avaliar a benéfica atuação da Associação São Rafael.

Hamburgo é uma grande cidade portuária e comercial. O extenso porto é o maior do continente europeu. Como está situado no interior de uma boa via fluvial e também tão próximo do mar, que, inclusive, ali podem atracar grandes transatlânticos, conta com uma ótima localização geográfica, à qual deve também sua prosperidade. Hamburgo teve sua época de prosperidade quando a

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 91-94, 119-121, 155-157.

Hansa alemã foi a primeira potência marítima do mundo, mas a queda do antigo Império Alemão também a levou à ruína. Somente a união da nação alemã em novo Império Alemão trouxe igualmente, com a elevação geral do bem-estar, inesperado desenvolvimento à cidade de Hamburgo. Evidencia-se que o antigo espírito da Hansa não se perdeu, apesar dos acontecimentos desfavoráveis no decorrer de séculos.

Pelas quatro horas da manhã, quando a maré alta do Mar do Norte acabara de recuar de Hamburgo, o som abafado da sirene nos anunciou a partida. O pequeno navio "Süd-Amerika" rebocou-nos do porto até o rio Elba. Dali a viagem prosseguiu com cautela rio abaixo, passando diante de Altona e Ottensen, cujas luzes nos enviaram sinais de despedida. Em ambas as margens do Elba havia somente planície, em parte, fértil lezíria. Por volta de nove horas, avistamos, em Brunsbüttel, a entrada do canal Kaiser Wilhelm, que, com uma extensão de 98 quilômetros, atravessa o Holstein, ligando o Mar do Norte ao Mar Báltico. Navegável pelos maiores navios até agora construídos, o canal apresenta dupla vantagem. A primeira é de natureza econômica. Ele oferece, de fato, uma ligação mais curta entre o Mar do Norte e o Mar Báltico que a antiga, pelo Kattegat e do Sund, encurtando a viagem em vários dias. A segunda vantagem é de ordem militar, que foi decisiva para sua construção. O canal possibilita que as duas esquadras de nossa marinha se unam a qualquer momento, segundo as necessidades, no Mar do Norte ou no Mar Báltico, ao passo que, no passado, tal união dependia da boa vontade dos nossos vizinhos do Norte, os dinamarqueses, que, de suas ilhas, controlavam o Sund, o grande e o pequeno Belt, as vias aquáticas entre o Mar do Norte e o Mar Báltico. Enormes fortificações protegem a entrada do canal, prontas para impedir, a qualquer momento, a entrada de algum inimigo inoportuno.

O rio Elba torna-se visivelmente mais largo à medida que nos aproximamos de sua foz. Por volta das 10 horas, avistamos Cuxhaven. O estuário do Elba é imensamente largo; a vista mal alcança as duas margens. A água navegável é, ao contrário, um canal bem estreito. Numerosas boias, isto é, tonéis em formato oval e navios-faróis indicam ao piloto a linha que ele não deve ultrapassar. O estuário do Elba, como em geral todas as águas do litoral da Alemanha, está repleto de bancos de areia que se encontram a pouca profundidade, fazendo com que a navegação se torne perigosa. Ai da embarcação que é empurrada por alguma tempestade sobre um desses bancos de areia! Na maioria das vezes, fica irremediavelmente perdida. Com a quilha presa na areia, a embarcação é, em pouco, tempo destroçada pela força incrível das ondas. Bem perto de nosso navio, diretamente em frente a Cuxhaven, vemos ainda, dominados pela água, os mastros de dois navios que naufragaram dessa maneira. O primeiro eram os destroços de um barco norueguês e o outro, os restos do navio "Bischof"

que, há um ano, foi impelido sobre esse temido banco de areia. Ao primeiro sinal de alarme, foi imediatamente enviado socorro de Cuxhaven, mas a força da tempestade frustrou todas as tentativas de resgate. Uma parte da tripulação do navio e também a heroica equipe do bote de salvamento morreram nessas ondas. Esse perigo de nossas águas costeiras é, na verdade, fatídico para muitos navios. Oferece, todavia, à defesa nacional uma grande vantagem, ao dificultar a aproximação do inimigo de nosso litoral, criando obstáculo a quem pretenda molestar nossa população. Na verdade, a temível expedição dos franceses, no ano de 1870, que pretendia aterrorizar todo o norte da Alemanha, acabou numa inofensiva viagem de passeio.

Perto do meio-dia, surgiu à vista Helgoland, um diminuto pedacinho de terra. Por causa de sua localização, contudo, é uma valiosa base para a marinha alemã. A pequena ilha desapareceu logo de nossa vista e nos encontramos em alto mar, no assim chamado deserto de água, como se diz costumeiramente. Para nossa surpresa, no entanto, percebemos pouco da solidão desse deserto. Por toda parte, tão longe quanto a vista alcançava, avistamos embarcações, grandes e pequenas, veleiros e navios. É muito intenso o tráfego no Mar do Norte. O mar se constitui numa ótima via. É de uma excelente largura, não existem custos de manutenção e é altamente lucrativa, pois o bom Deus a construiu gratuitamente para os homens. Feliz do país que se situa junto a essa via marítima mundial! Não é fechada; pelo contrário! O mar traz riqueza, aguça o olhar do corpo e da alma, enriquece os conhecimentos, tempera a força de vontade e fortalece o povo física e moralmente. Não se pode negar que existe uma grande verdade no ditado: “Nosso futuro está na água”.

Anoiteceu. Em Sittard e na terra natal pensa-se em nós, reza-se por nós, para que o anjo da guarda vele sobre nós. Até agora a bênção divina nos acompanha e, suavemente embalados pelo nosso “Rio Negro”, entregamo-nos ao descanso e dormimos tão bem como nunca em terra firme.

Também no dia 2 de novembro tivemos bom tempo. No decorrer da tarde, tornou-se perceptível a costa francesa e, em pouco tempo, algo de cor acinzentada foi aparecendo à nossa frente. São nuvens ou é terra? As formas permanecem as mesmas, logo, deve ser terra. Realmente, quanto mais nos aproximávamos, mais nitidamente reconhecíamos as falésias de giz da Inglaterra. De longe nos cumprimentam as luzes dos faróis de Calais. Entretanto, a costa inglesa atraiu mais a nossa atenção. As numerosas luzes do porto britânico de Dover oferecem um espetáculo interessante. Por volta das sete e meia, nos encontramos na altura dessa cidade, isto é, diretamente à sua frente. Então, ouviu-se, de repente, um estalar e um estampido surdo em nosso navio. Algumas senhoras levantaram-se num pulo, assustadas. O que é isso? O “Rio Negro” soltara um foguete, um sinal, comunicando a Dover que o navio estava passando por ali e que tudo ia bem.

De Dover, essa informação é enviada imediatamente para Hamburgo e, amanhã pela manhã, poder-se-á ler nos jornais: "Rio Negro passou por Dover no dia 2 de novembro".

As luzes de Dover e Folkestam desapareceram aos poucos de nossa vista. Calais ficou para trás. Amanhã deveremos entrar em Le Havre. Fomos para os nossos aposentos para, na manhã seguinte, estar cedo no convés. O sol da manhã nos mostrou a costa da Normandia. Lá no sudeste, atrás daquela língua de terra, localiza-se a cidade de Le Havre. Diz-se que está situada num lugar muito lindo e que conta com um bonito porto. O "Rio Negro" parece levar em conta nossa impaciência. Com gigantesco ímpeto, ele abre seu caminho profundo e largo pelas ondas, impelindo com força a água para os lados, a qual se ergue espumando de raiva e fúria e depois, aos poucos, novamente se acalma. Alcançamos a embocadura do rio Sena; a água é de cor amarelada. Preferimos direcionar nosso olhar para cima e observar Le Havre, cujas casas se estendem graciosas ao longo da praia, ao pé de uma bonita cadeia de colinas. O "Rio Negro" reduz sua velocidade e finalmente para. Fazendo um estridente barulho, duas grandes âncoras presas em pesadas correntes são baixadas, cravam-se no fundo e dão ao navio uma parada segura até que a maré lhe permita a entrada no porto.

Dispomos, portanto, de tempo. Contemplamos ainda a magnífica paisagem e aproveitamos o tempo restante para enviar aos queridos da terra natal algumas saudações, que serão levadas, logo a seguir, por um vapor alemão. Um forte som da sirene dá finalmente um tríplice sinal, um piloto sobe a bordo e a âncora é levantada. Conduzir um colosso aparentemente tão pesado como o nosso navio, sem tocar em nada à direita e à esquerda, pela estreita entrada do porto, requer uma mão firme no leme. Entramos ladeando o muro de uma fortaleza que certamente já viu dias melhores, e atracamos diretamente no lugar de desembarque. Tudo aconteceu sem transtornos. Uma escada, a assim chamada escada do portaló, é baixada e o segundo oficial recomenda, energicamente, ao marinheiro que a vigiava, não deixar subir ninguém de aparência antipática, menos ainda, quem despertasse desconfiança.

Também nós aproveitamos a oportunidade para caminhar um pouco em terra firme, mas, especialmente, e uma vez mais, para procurar o Divino Salvador no Santíssimo Sacramento, de quem sentíamos falta há mais dias. Achamos logo uma casa de Deus, a Igreja Notre-Dame. Entramos, saudamos o Divino Salvador, agradecemos pela ajuda que nos concedeu até agora, renovamos nosso sacrifício e a Ele recomendamos nossa longa viagem, nossos trabalhos no Brasil e também nossos amigos e parentes que deixamos para trás, na pátria. Tivemos ainda a oportunidade de visitar um segundo santuário, a Igreja de São José. O Santíssimo estava justamente exposto – era a primeira sexta-feira do mês – e não deixamos de prestar ao Divino Salvador, também aqui, o tributo de nossa

veneração e agradecimento. Nosso objetivo principal foi alcançado. Não tínhamos vontade nem ânimo para visitar Le Havre, tanto mais que a primeira impressão que tivemos a distância já ficou bastante prejudicada. Por isso, procuramos novamente nosso "Rio Negro" e estamos realmente contentes de nos encontrarmos novamente "em casa", já que, durante o regresso, fomos surpreendidos por um desagradável aguaceiro.

Não de má vontade deixamos o solo francês, essa terra pouco hospitaleira, onde a Igreja Católica se encontra em tão lastimável estado. Não se pode pensar nas atuais condições sem lamentar. A situação não é mais a mesma de antigamente, quando se enviavam multidões de missionários para o exterior. A imperiosa tarefa de suprir as lacunas que se instauraram entre os missionários foi transferida para os filhos da Alemanha católica. A propósito, é motivo de alegria ver como essas ideias ganham terreno na Alemanha e o impulso que o interesse pelas missões recebeu justamente nestas últimas décadas. A Alemanha católica, todavia, ainda não chegou ao limite de sua capacidade, e muitas forças adormecidas ainda devem ser despertadas e colocadas a serviço de tão nobre causa.

Apenas por volta das duas horas da madrugada o "Rio Negro" pôde partir. Navegamos, então, ao largo da península de Cotentin com o porto militar; contornamos em grande arco a ilha de Alderney, cercada de perigosos escolhos e arrecifes, e, ao anoitecer, nos encontrávamos na altura da península da Bretanha, a terra natal dos valentes bretões que, apesar de todas as tempestades e protestos, conservaram sua língua materna celta e a fidelidade à religião católica. De lá, nossa viagem seguiu mais em direção ao Sul. Atravessamos o temido golfo de Biscaia que, no mais, não nos fez nada a não ser impedir-nos de rezar a santa missa. Pouco depois, avistamos o litoral da Espanha, ao longo do qual o navio passou ruidosamente a todo vapor. O cabo Finisterra desce escarpado e íngreme no mar e, em vão, as ondas corroem e rasgam há milênios suas rochas. O capitão mostrou-nos ao sul desse cabo um golfo onde, há mais anos, o navio "Bremen" naufragou, depois de ter sido levado por um temporal para esse lugar perigoso, morrendo todos os seus ocupantes. A paisagem é bonita. As montanhas da Galícia são bem plasmadas, mas, infelizmente, desmatadas em grande parte. Onde antigamente havia belíssimas florestas, empreendimentos irracionais fizeram com que aí não restassem mais que rochas nuas.

No decorrer da tarde, baixamos âncora no porto de Leixões, o anteporto da cidade do Porto, onde encontramos outro vapor alemão, o "Prinz Eitel Friedrich". Na primeira hora da manhã do dia seguinte, em 7 de novembro, um barqueiro nos levou a terra e, num trajeto de meia hora, um trem nos levou à cidade do Porto. Logo encontramos o que procurávamos, uma igreja, a Igreja das Mercês de Nossa Senhora da Lapa, onde celebramos a santa missa. Mas tivemos de travar uma difícil luta conosco mesmos e fracassamos ao tentar ajustar nossas

concepções de limpeza à aparência dos vasos sagrados e das toalhas da igreja. Chamou também nossa atenção o fato de o religioso, a quem nós levamos o desejo de celebrar a santa missa, nos ter respondido em bom alemão. Ele era espanhol, mas falava surpreendentemente bem português, italiano, francês, inglês e alemão, fato que nos causou sobremaneira surpresa porque, de modo geral, o europeu meridional instruído não passa além do francês.

Depois da santa missa, fizemos um breve passeio pela cidade, onde vimos muita gente ociosa e mais imundície do que coisas agradáveis. Uma coisa nos chamou a atenção: não encontramos nenhum restaurante, por isso, nos informamos e tomamos o caminho de volta para o navio. Mais tarde, em Lisboa, constatamos a mesma coisa. Na Alemanha dificilmente se encontraria semelhante dificuldade. O trem elétrico nos conduziu por bonitas quintas, na periferia da cidade, até a beira do mar, e embarcamos no "Rio Negro" a bom tempo para o almoço. A partida, no entanto, ainda demorou muito, pois foram embarcadas centenas de caixas e pipas de vinho do Porto para o Brasil. Ainda que a rede, presa com resistentes cordas, carregasse de 10 a 15 barris por vez, no porão do navio, o carregamento demorou bastante. Alguns passageiros de natureza mais temerosa ficaram intranquilos com a ideia de que poderia faltar água potável durante a viagem.

Ainda na mesma noite foram levantadas as âncoras. No outro dia de manhã, avistamos o Cabo da Rocca, o ponto mais ocidental do continente europeu, e, em seguida, a foz do Tejo. Um enorme cardume de golfinhos seguiu nosso navio e estes nos divertiram com seus fantásticos saltos, para voltarem então ao banco de areia. Esse banco de areia, que o rio depositou durante séculos, estende-se da foz do rio Tejo até grande distância mar adentro. É necessário um piloto experiente para guiar por esse rio um grande navio. Por isso, o guia já havia subido a bordo e, num grande arco, o "Rio Negro" contornou o banco de areia, navegou lentamente rio acima, permitindo que pudéssemos apreciar completamente a belíssima paisagem, para agrado de nosso olhar curioso. À direita, construído sobre enormes blocos no meio das ondas, o farol, que adverte sobre os perigos invisíveis. A seguir, em ambas as margens, as terras onduladas, com seus numerosos palacetes e, finalmente, Lisboa, que se estende majestosa sobre três colinas, espelhando-se nas ondas do Tejo. O rio se alarga como um mar, formando um excelente porto. Não é sem razão que se considera a região de Lisboa uma das mais bonitas do mundo, juntamente com Nápoles, Constantinopla e Rio de Janeiro. Por isso, estávamos decididos a descer em terra, apesar de o "Rio Negro" ter lançado âncoras no meio do rio.

Os preços excessivos dos barqueiros portugueses suscitaram nossa indignação: outra vez, um sinal característico de falsos negócios. Por causa dos exorbitantes preços, a maioria dos passageiros permaneceu no navio, ao passo que

todos teriam descido se a travessia não fosse tão cara. Finalmente, conseguimos um preço mais acessível e, em poucos minutos, nos encontrávamos em Lisboa. Nossa primeira impressão foi muito boa. O grande mercado, cercado de colunatas e ligado à cidade por um arco de triunfo decorado com os feitos gloriosos de Portugal, é característico de uma capital, sobretudo de um grande império como o português. De seu passado glorioso, os portugueses, assim como seus vizinhos, os espanhóis, não têm muito mais do que lembranças. Eles se orgulham das glórias do passado e deixam para outros a atualidade. Que diferença entre o outrora e o agora! É espantoso quando se toma conhecimento do que os povos ibéricos, os espanhóis e os portugueses, já realizaram. Em 700 anos de luta, libertaram seu país dos mouros maometanos. Depois, puseram seu espírito empreendedor a serviço de viagens de descobrimento de novas terras. Apesar de alguns malogros, sempre novas esquadras foram enviadas – em muitos lugares, cada família fornecia um homem para a tripulação – até que, finalmente, o objetivo foi alcançado: a terra procurada foi descoberta e conquistada. Inegavelmente também aqui, como em quase todos os lugares, a cobiça desempenhou um grande papel. Todavia, não se pode negar-lhes a glória, inclusive em favor da expansão da verdadeira religião, à custa de grandes sacrifícios. Conquistaram grandes reinos e hoje tudo está novamente perdido. Os estudiosos se perguntam acerca dos motivos desse fenômeno. Podem-se citar diversos. Um motivo profundo, entretanto, encontra-se nos próprios povos: a curta visão em política econômica. Tivemos a ocasião de observá-la em dimensões menores: exploração das matas nativas, sem prestar contas às novas gerações; exploração desmedida dos turistas. Em dimensões maiores, acontece o mesmo erro em sua política colonial. Toda a sua atenção estava voltada em tirar imediatamente o máximo de proveito de suas colônias, sem pensar em estabelecer os fundamentos necessários para a preservação do bem-estar futuro. A esse sistema deve-se, em primeira linha, a perda de bonitas terras. Está claro que tal política econômica míope não resulta da Religião Católica. Se assim fosse, poder-se-ia culpar a religião pela miopia física. Antes, poder-se-ia qualificá-la como sendo uma falha da raça, embora a mesma se encontre também entre outros povos, inclusive os germanos. Mas se atribuímos a política de curto prazo à religião, então é incompreensível como os belgas católicos, apesar de fracos politicamente, apresentam um espírito empreendedor de visão tão ampla, ou que os pomeranos protestantes perdem para os católicos do Reno.

O tempo para visitar Lisboa foi pouco. Aos amigos da terra natal enviamos a última saudação do solo europeu. O "Rio Negro" recebeu-nos novamente de forma hospitaleira, levantou âncoras e seguimos viagem em direção à nova pátria, o distante Brasil.

A última parte da Europa foi desaparecendo de nossa vista e só depois de doze dias deveremos novamente pisar em terra firme e atracar em Cabedelo, um

pequeno porto do Norte do Brasil. Aos poucos a temperatura vai ficando mais amena e não precisamos mais nos proteger do frio. Nenhum litoral para animar a monótona paisagem. Mesmo as gaivotas que nos haviam acompanhado, de Hamburgo até Portugal, voltam uma após outra para casa. Uma única parecia querer nos acompanhar, mas numa manhã, também ela havia desaparecido. Na altura da ilha da Madeira, um pequeno canário nos fez uma rápida visita; Madeira mesma não apareceu à vista. Para evitar perda de tempo e consumo de carvão, navegamos adiante, sem parar na terra dos tradicionais alegres cantores.

Sábado, dia 11 de novembro, surgiram à vista as ilhas Canárias, com seu pico Teyde, de 3.700m de altura e envolto em brancas nuvens, e a cidade de Tenerife. As ilhas são muito férteis, de clima ameno e nelas não existem nem cobras nem outros animais venenosos. Na antiguidade denominavam-se "Ilhas Fortunadas", devido à sua fertilidade. Mais tarde, foram chamadas pelo nome menos bonito e sonoro de "Ilhas dos Cachorros". Durante séculos ficaram esquecidas, até que, no século XIII, foram redescobertas pelos genoveses e, mais tarde, povoadas pelos espanhóis. Os moradores, cuja maioria é espanhola, têm pele clara e se denominam "guanchos"[1]. Seriam de origem germânica e, na época das migrações, teriam sido enxotados para lá.

A noite nos proporciona as horas mais bonitas, quando um agradável ar fresco se faz sentir e o céu estrelado do Sul nos mostra imagens até agora desconhecidas. Então nos sentamos no convés e conversamos ou ouvimos as histórias dos marinheiros acerca de fantasmas e monstros marinhos; o crepúsculo e a solidão do mar nos tornam suscetíveis para os contos de horror. Não poucas vezes os marinheiros, quando se encontravam de vigia, à noite, viam o "holandês voador".[2] Esse homem viveu há mais de 200 anos, foi almirante holandês, levava uma vida agitada. Como castigo, precisou navegar pelos mares até o fim da vida, sem jamais alcançar a terra. De quando em quando, ele aparece à noite, tão perto que é possível reconhecê-lo nitidamente. Tem uma barba longa e eriçada e está parado de braços cruzados, encostado no mastro. Seu encontro significa desgraça. Segundo os marinheiros, existem também duendes de navio; entre outros, o "homem do barulho". É um homem pequeno, de apenas um pé de altura, com uma grande cabeça cor de fogo e longa barba branca. Carrega consigo um grande martelo de madeira, com o qual faz sua ronda noturna e, se encontra alguma coisa anormal, bate com o martelo, fazendo grande alarde. Sobrevindo uma tempestade, ele sobe no alto do mastro, onde quase todos os marinheiros já o viram. Mas se uma grande desgraça se avizinha do navio, ele o

1 Guanchos é o nome dos primitivos habitantes das Ilhas Canárias antes da chegada dos europeus.

2 Segundo as lendas do mar, é "um veleiro (navio fantasma holandês) que navega contra ao vento, uma característica marcante desse navio" (ou miragem naval de má sorte). Se saudado por outra embarcação, a tripulação tentará mandar mensagens para terra ou para pessoas mortas há tempo.

abandona com terrível barulho. Evidentemente também todos dizem já ter visto a serpente marinha.

Em 14 de novembro, saudamos de passagem as infrutíferas ilhas de Cabo Verde e, em 18 de novembro, passamos o Equador. Não teve lugar o outrora tão habitual "batismo do Equador". O comandante Schütterow é um homem distinto e não é afeito a brutalidades como soem acontecer por ocasião do batismo do Equador. Desse modo, também fomos poupados do transtorno de nos recusar a participar de semelhante cerimônia sem graça.

No domingo seguinte, avistamos pela primeira vez um pedaço da América, a ilha de Fernando de Noronha, um território de degredo para presidiários. Os presos, contudo, não parecem levar uma vida penosa. Deitar na rede e fumar deve ser, como se tem várias vezes afirmado, sua principal ocupação. No dia seguinte, entramos no porto de Cabedelo. Sem dificuldade, mas devagar e com cuidado, o nosso vapor transpôs a barra de areia que existe na desembocadura do rio Paraíba e encostou diretamente na ponte de desembarque. Realmente, não é pouca a habilidade necessária para conduzir um tal colosso como o "Rio Negro" pela correnteza da foz de um rio e efetuar a atracação. Capitão, oficiais e marinheiros encontravam-se todos em seus postos e tínhamos a impressão de ouvir aqui, longe da terra natal, os comandos em alemão dialetal: "Henrique, abaixe isso!" – "Segure! João, segure! Repito, segure!" – "Deixe escorregar!" – "Segure isso aí, moleirão!"

Logo a seguir, pôde-se começar com o descarregamento. Numerosas caixas de vinho do Porto, trilhos para estrada de ferro, pianos, peças de máquinas foram descarregados. O trabalho durou dois dias. Éramos tentados a repreender os trabalhadores de Cabedelo pela sua indolência. Mas quando se considera com que comida essas pessoas devem se contentar, laranja, milho e um pouco de peixe, então os julgamos com mais clemência.

Nessa longa parada, não deixamos passar a oportunidade de descer a terra. Nosso primeiro desejo foi celebrar o santo sacrifício da missa, do qual já havíamos ficado privados por tão longo tempo. Na localidade de Cabedelo, entretanto, não reside padre e, de mais a mais, teria sido necessária a autorização do Bispo, de modo que o nosso desejo não se realizou. Fizemos então um passeio pelo povoado. Um mundo completamente novo se abriu para nós. Os moradores são mulatos e mestiços, isto é, apresentam misturas de todos os matizes possíveis. As casas são amiúde apenas cabanas; sua armação é de varas de bambu; as paredes, telhado, porta e assoalho são de folhas de palmeiras. As pessoas, porém, são amigáveis e atenciosas; há muito menos pedintes importunos que em Portugal ou na Itália. Como animais domésticos, percebemos apenas algumas galinhas, uma raça feia, de pernas compridas, e porcos; mas estes têm aqui um significado muito menor do que na Alemanha. Vimos muitos lagartos, porém

nenhuma cobra, se bem que estas, como se admite, sejam muito numerosas aqui. A região é arenosa, sendo a areia depositada pelo rio Paraíba. Apenas coqueiros medram bem. Frutas do Sul nos foram oferecidas por um preço muito baixo, mas eram intragáveis.

No mapa consta que há em Cabedelo um forte. Não podíamos deixar de visitar um sistema de fortificação brasileira. Nas imediações do "forte" apareceu, por acaso, um burro magro de fome. Espremeu-se pelo portão adentro e nós não nos intimidamos em segui-lo, sob pena de sermos capturados como espiões políticos. Ficamos admirados com o que vimos: enormes e grossas muralhas feitas de grandes blocos de pedra talhada e um grande número de velhos canhões enferrujados do século XVII. Em seu redor, encontrava-se espalhada a munição, esferas de ferro jogadas aos montes. Muitos canhões estavam afundados até a metade na areia movediça. Certamente já não deram mais nenhum tiro há mais de 100 anos. Uma parte do muro da fortaleza já estava em ruína. Como guarnição, vimos apenas um negro velho e inválido que, provavelmente, era, naquela ocasião, o comandante do forte. Também nós passamos pela experiência de não caminhar impunemente sob palmeiras, pois o calor nos fizera mal e um de nós conheceu um impertinente bicho-de-pé. De volta ao navio, com base no que tínhamos visto até agora, tínhamos naturalmente uma impressão pouco favorável do Brasil.

No dia seguinte, chegamos a Maceió, onde ficamos deitados na rede. Foram descarregadas principalmente pranchas de madeira. Surpreendente! O Brasil, a terra mais rica do mundo em madeira, importa madeira da Alemanha. É o resultado das deficientes relações comerciais de um país com tão abundantes tesouros.

Na quarta-feira, 29 de novembro, nos encontrávamos bem cedo no convés. Tínhamos diante de nós a ilha de Desterro e o continente, iluminados pelo sol da manhã. A paisagem era extraordinária. O "Rio Negro" navegou devagar pela baía norte entre a ilha e o continente e lançou âncoras a quase seis quilômetros da ilha de Desterro. Um pequeno barco veio pegar-nos. Nós nos despedimos do comandante Schütterow e dos passageiros. Após rápida viagem, pisamos a terra onde, daqui em diante, trabalharemos a serviço de Deus.

Nossa viagem foi a mais agradável de que temos lembrança. Nenhuma tempestade nos inquietou, o mar estava tranquilo, às vezes até cristalino. Nenhum de nós teve indisposição. Agradecemos ao bom Deus por esses testemunhos de graça, mas agradecemos também, do fundo do coração, a todos aqueles que, através de suas orações, pediram essa proteção do céu. Nutrimos a esperança de que as orações de nossos amigos da terra natal e a dos leitores de nossa revista nos protejam daqui em diante para que nosso trabalho seja realmente abençoado.

24

Natal no Brasil[*]

Pe. Henrique Lindgens

No dia 24 de dezembro, fui enviado a Penha, um povoado totalmente brasileiro, no litoral, para celebrar com aquele povo pobre e abandonado o Natal. Viajei, montado num cavalo, durante quatro horas, sob um sol escaldante, ao longo do mar. Tive, então, tempo para pensar nos bonitos dias de Natal vividos lá no outro lado do oceano. Aqui falta praticamente tudo o que poderia despertar num europeu a verdadeira atmosfera de Natal. Em vez de neve, geada e aconchego do fogo da lareira, temos, nessa época do ano, o escaldante calor tropical ou o ar abafado de trovoada; em vez do poético pinheiro, o seco azevinho espinhento. Dessa vez não me deveriam faltar surpresas, ainda que estas fossem de natureza diferente daquelas que se vivenciam no Natal, na pátria.

Pelas 18h30min cheguei ao lugar do meu destino. As pessoas se alegram muito com a presença de um padre em seu meio nos dias santos; agora podiam, de fato, festejar. Mas como eles imaginaram a celebração! Tive que me adaptar ao tradicional programa e, por ora, apenas observar tudo, com toda a calma. Teria preferido atender os fiéis em confissão, se necessário até tarde da noite. Mas isso era supérfluo. Para uma celebração séria, com confissão e comunhão, o brasileiro não tem compreensão. Nisso ninguém pensava e não se podia compreender como falar disso agora, quando cada um estava seriamente ocupado em dar o máximo de si na decoração da igreja, na colocação de palmeiras no pátio da igreja e no acabamento de lanternas coloridas para a procissão, etc.

Estava marcada uma celebração para as 20 horas. Uma hora antes, um grupo de rapazes saiu com grandes tambores para chamar os fiéis, que afluíram em grande número. Era, porém, um barulho e gritaria a ponto de se ficar surdo e cego. Nisso distinguiam-se, sobretudo, os numerosos negros aqui residentes, os descendentes dos escravos negros trazidos outrora para cá, à força. Apesar da mudança de ambiente, mantiveram muito de seus antepassados, sobretudo o que lembra o modo de vida selvagem na África. Assim era o cantar e dançar que executaram em louvor ao santo Natal. Dois líderes movimentavam-se no cortejo da procissão, dançando para frente e para trás, entre as duas filas. Ostentando horríveis caretas e agitando um bastão de mais de metro, cantavam, a não poder mais, uma canção própria da festa em que os demais, sem interrupção, cantavam o refrão. Na escuridão da noite, todo o cortejo tinha realmente uma terrível

---

[*] *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 122-124.

aparência. À luz dos archotes e velas, os negros exibiam sua vestimenta característica; toda a gritaria, o saltar, o dançar e o cantar davam-me a impressão de ter realmente "caído entre bandidos". Antigamente todo o bando entrava também na igreja, dançando e gritando. Isso, no entanto, para seu maior desgosto, não lhes era mais permitido. Em compensação, executavam com toda a força sua dança e cantoria finais diante da igreja.

Então começou o culto. Eu, na verdade, era alguém secundário. Foram "cantados" uns pais-nossos e umas ave-marias. Depois disso, seguiram-se a ladainha lauretana e mais algumas pequenas orações, tudo cantado e cantado por todo o povo. Cada um canta do jeito que acha bom e bonito, principalmente alto e com força, se possível diferente dos demais. Compreende-se facilmente que tal cantoria, comparável a um "miado de gatos" capaz de comover pedras e enfurecer pessoas, não é nada. Depois da reza recomeçou a mesma dança, como antes. Para abrilhantar a festa, foi acesa uma enorme fogueira no pátio da igreja; o espetáculo noturno foi acompanhado com potentes tiros de morteiro e muitos foguetes. Tudo isso se prolongou até meia-noite. Dormir? Nem pensar! E eu sussurrei à meia voz: "Noite feliz"![1]

À meia-noite começou a primeira Santa Missa. A igreja estava superlotada; o calor, sufocante. A cantoria era, dessa vez, um pouco melhor. Os músicos dirigentes da comunidade empregaram o artifício de escolher cânticos menos conhecidos, de modo que só os "melhores" podiam acompanhar. Após a Santa Missa, veio o essencial. Para não estragar a festa do povo, segui com exatidão as instruções que o sacristão me dera para essa cerimônia. Tirei do presépio a pequena manjedoura com o menino e, então, vieram todos, grandes e pequenos, para venerar o Menino Jesus, beijando-o com muita afeição. Cada qual oferecia uma moeda de cobre, e quem conseguia colocar sua oferta na manjedoura considerava o gesto como sendo um mérito especial e se retirava todo orgulhoso. Em todo caso, quem deixou de beijar o Menino Jesus não festejou um verdadeiro Natal.

Esse foi o fim da primeira parte principal. Após a terceira Santa Missa, às 9 horas, houve nova solenidade, a maior de todo o dia: a coroação. Primeiramente pensei que poderia esquivar-me dessa cerimônia. Mas a situação obrigava-me a muita cautela, e o povo teria sentido minha recusa como uma ofensa mortal contra seus sagrados sentimentos. Muito tempo antes, um negro já havia sido escolhido para ser coroado como rei da festa. Sua irmã era a rainha. Duas velhas coroas, que durante o ano ficaram abandonadas na poeira e sujeira, em algum canto da sacristia, foram novamente limpas e, agora, brilhavam reluzentes sobre o altar. Antes de começar a Missa, tive que aspergi-las com água benta e entregá-las às

1 Literalmente, "Noite silenciosa" (Stille Nacht).

majestades negras que, com o rosto mais festivo do mundo, pegaram-nas, beijaram-nas com o máximo de respeito e colocaram-nas sobre a cabeça à maneira de Napoleão I.[2] Mantiveram a coroa na cabeça até o *Sanctus*; então elas foram tiradas e pajens negros com luvas brancas tomaram o símbolo do poder e o guardaram.

Após a Santa Missa houve uma procissão festiva. Primeiro veio a cruz, depois os tambores, músicos e dançarinos, que executaram suas melhores produções artísticas. Em seguida veio um cortejo de moças vestidas de branco. As virgens traziam num andor a estátua de Nossa Senhora. Também São Sebastião teve essa honra. Depois da imagem de Nossa Senhora, vieram as novas majestades, com sua corte. O estranho é que não traziam as coroas na cabeça; pessoas adultas que vinham atrás as traziam nas mãos, não sei se por respeito ou por motivo de segurança. O encerramento foi feito pelo padre, cercado pelo povo que, em animada conversa, andava de qualquer jeito. De vez em quando acontecia, que, das casas diante das quais a procissão passava, saía uma moça vestida de branco e jogava flores e pétalas de rosas para a imagem de Nossa Senhora. Então acontecia cada vez uma alegre gritaria. Morteiros e foguetes evidentemente não faltaram; sem fogos e barulho não há festa no Brasil. E finalmente chegamos de novo à igreja, entre grandes apertos. Lá foi executado mais um canto com toda a força da voz, e assim terminou a solenidade religiosa.

Em seguida as majestades fizeram a refeição da coroação, para a qual estavam convidados todos os que haviam tomado parte na procissão. Um boi gordo, que já fora conduzido dias antes até a frente da igreja, provavelmente para provocar apetite, bem como muitas galinhas haviam sido abatidas para essa finalidade. Também eu devia honrá-los com a minha presença. No entanto, como precisava sair cedo para chegar a tempo em casa, eu tinha uma desculpa convincente, e deram-se por satisfeitos. Montei imediatamente meu cavalo e cheguei em casa, junto de meus confrades, ao anoitecer, queimado do sol e exausto. Festejamos, então, um pouco o Natal segundo o costume alemão cantando o "Noite Santíssima" e outros hinos natalinos da querida pátria alemã. Assim nos transportamos por alguns instantes até a Europa e nos sentimos à vontade e felizes. No outro dia de manhã, novamente a cavalo, fui em outra direção, para comemorar também lá, na Igreja de um povoado brasileiro, um pouco de Natal.

Seria mais condizente com o espírito da festa se houvesse um pouco mais de ordem externa e devoção interna. Esperamos consegui-lo um dia, com a graça de Deus.

2 Napoleão I (Napoleão Bonaparte), na hora da coroação, cuja cerimônia estava sendo oficiada pelo Papa Pio VII na catedral de Notre-Dame, em Paris, tomou a coroa que se encontrava sobre o altar e coroou-se a si mesmo.

25

Notícias do sul do Brasil*

Pe. Rogmann, Pe. Schüler, Ir. Kamphausen, Pe. Stolte

Temos, à nossa frente, vários relatos do sul do Brasil, os quais nos fornecem uma imagem animadora da abençoada atuação de nossos padres que ali trabalham. Das numerosas cartas tiramos, aleatoriamente, algumas particularidades.

Pe. José Rogmann escreve:

"Sobre os motivos por que não recebestes notícias nossas há tanto tempo, sereis agora bem informados. O "Rio Negro" não atracou na ilha da Madeira nem na das Canárias, de modo que somente de Maceió pudemos escrever, pois Cabedelo não tem ligação postal. Toda a viagem transcorreu na maior satisfação. O Ir. Kamphausen, que no início tinha a esperança de ser poupado completamente do tradicional enjoo, foi surpreendido pelo destino nas últimas quatro horas de nossa viagem. Foi, para nós, desagradável que em Desterro não houvesse ninguém para nos receber; mas, mesmo sozinhos, arranjamo-nos bem. De resto, dois dias após nosso desembarque em Desterro, chegou nosso superior, Pe. Lux, de modo que a viagem pôde prosseguir sem maiores transtornos. O pequeno vapor "Edla" nos levou a Itajaí – e afundou algumas semanas mais tarde.

"Nós, recém-chegados, começamos a nos familiarizar com os costumes locais; mas o tempo vai passando e, desde a nossa chegada, já se passaram dois meses. Pe. Jonkmann e eu permanecemos alguns dias em Itajaí. Aquela residência paroquial tem um quintal do tamanho de dois morgos[1], que ainda conserva muito da floresta nativa. O irmão Kamphausen ficou encarregado de limpar o terreno porque Pe. Foxius pretende fazer ali uma plantação de café.

"De Itajaí fomos a Brusque, onde Pe. Jonkmann deverá permanecer até que esteja pronta a central missionária planejada pelo Pe. Lux. Trabalho não lhe faltará. Assim, por exemplo, Pe. Schüler foi hoje de manhã às 7 horas, a cavalo, atender um doente; às 7h30min, saiu um segundo padre para atender outro doente; 10 minutos depois, um terceiro doente pedia por atendimento sacerdotal. Os dois últimos moravam a uma distância de aproximadamente 15 quilômetros de nossa sede e Pe. Jonkmann prontificou-se a empreender o percurso até lá, de onde voltou esgotado, mais pelo calor que pelo cansaço. Ele se sai muito bem nos seus sermões em italiano, especialmente nas visitas às capelas, porque a paróquia de Brusque conta com cerca de catorze. Ao mesmo tempo, ele substitui

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 186-188.

1 Morgo é uma unidade de medida de área de superfície agrária em uso na Alemanha, equivalente a 2.500 m², ou seja, 0,25 hectare. O referido quintal correspondia, portanto, a meio hectare.

Pe. Lux em Azambuja, onde são atendidos de 40 a 50 doentes por seis Irmãs da Divina Providência.

“Quanto a mim, irei em breve a Paraty com Pe. Lindgens, recém-nomeado vigário daquela paróquia; também o Ir. Küpper nos acompanhará. Há algum tempo Pe. Lux e Pe. Lindgens foram a cavalo àquela paróquia, distante dois dias de viagem, a fim de preparar nossa instalação. Para esse – humanamente falando – desagradável posto em Paraty, todos os padres haviam-se colocado à disposição e estavam prontos a deixar melhores postos em benefício deste.”

“Brusque me agrada muito; aqui predominam os costumes alemães, de modo que nós, principiantes, pudemos logo ser úteis na cura d’almas. A maior dificuldade no trabalho pastoral é a espantosa falta de escolaridade do povo. Nas colônias alemãs, felizmente se mantêm escolas por toda parte. Com os italianos, que no mais demonstram muita disposição para tudo, a fundação de escolas encontra as maiores dificuldades; eles não sentem a necessidade da educação e não têm, em absoluto, a inclinação para o estudo, como os alemães. Mas nós não descansaremos e trabalharemos para que, em cada colônia, seja fundado um estabelecimento de ensino.”

Com breves palavras, Pe. Schüler nos traça um quadro de sua atuação:

“Fui nomeado pelo Bispo como coadjutor da paróquia de Brusque e atendo, em primeiro lugar, a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Guabiruba. Dirijo-me até lá, a cavalo, todos os sábados à tarde e dou catequese de Primeira Eucaristia, das 15 às 16 horas. No domingo celebro duas Santas Missas com sermão e dou uma hora e meia de instrução religiosa. É aproveitada bastante bem a oportunidade que dou às pessoas de se confessarem, de modo que eu fico ocupado das cinco da manhã até o meio-dia. Regresso para casa no domingo, ao anoitecer. Nos dias de festa, cabem-me as pregações na cidade, e, na Quaresma, faço pregação quaresmal na sexta-feira, às 18 horas. Dou também, semanalmente, três horas de aula de religião. Além disso, existem as visitas aos doentes. Atualmente há, aqui, muitíssimos doentes; os óbitos são frequentes e ocorrem com extraordinária rapidez. Hoje doente, amanhã já sepultado. É triste ver como as pessoas morrem tão rapidamente. A causa principal disso é a falta de atendimento médico, uma vez que as pessoas não têm condições de arcar com os honorários médicos, que são excessivamente altos. Como podem ver, meu programa de trabalho é bastante carregado e, com a ajuda de Deus, espero fazer justiça a todas as exigências.”

Irmão Kamphausen descreveu de modo verdadeiramente claro a festa da Purificação de Nossa Senhora, em Itajaí:

"No dia 2 de fevereiro teve lugar, na outra margem do rio Itajaí, que pode ser comparado ao Reno em largura, a festa da Purificação de Nossa Senhora.[2] A festa foi precedida de uma novena, durante a qual foram estourados muitos foguetes. No dia da festa, Pe. Thoneick oficiou a missa solene, ao passo que Pe. Foxius dirigiu o coral. Após o café da manhã brasileiro,[3] cujo prato consiste em arroz, pirão, cerveja e pão seco, deixamo-nos transportar para a outra margem e descansamos um pouco a fim de participarmos então, à tarde, da procissão sobre o rio.

"Foi uma cena espetacular o cortejo de todas as canoas e barcos a vela enfeitados com bandeiras, liderados por um vapor ricamente adornado de bandeirolas. O andor da estátua de Nossa Senhora ia num majestoso veleiro, onde também se encontravam os religiosos, a banda musical e moças vestidas de branco. A procissão, da qual participou uma grande multidão, durou aproximadamente duas horas..."

Pe. Stolte, pároco de Brusque, informa:

"Estamos realizando nosso plano de pregar missões em todas as capelas, especialmente durante a Quaresma, e já alcançamos resultados inesperados. Em breve mandarei mais notícias a esse respeito."

2 Nossa Senhora dos Navegantes. Atualmente, a festa é organizada pela paróquia de Navegantes, situada na margem esquerda do rio Itajaí, defronte à cidade de Itajaí. (Nota do tradutor).

3 Por causa do jejum eucarístico em vigor naquela época, que só podia ser quebrado após a última missa do dia, o café da manhã era servido por volta das nove ou dez horas, dependendo do término dos ofícios religiosos. (Nota do tradutor).

26

Minha viagem a Paraty[*]

Pe. Henrique Lindgens

Preciso escrever-lhes de vez em quando. Infelizmente, depois que fui feito pároco contra a minha vontade, falta-me tempo para escrever-lhes muita coisa. Por hoje, quero contar-lhes como foi minha primeira viagem de reconhecimento à nova paróquia, viagem essa cheia de divertidas aventuras. Com base nesses apontamentos, vocês poderão traçar um excelente quadro de nossas condições no sul do Brasil. Na próxima vez, escreverei sobre a vida dos colonos daqui.

Partimos de Itajaí, Pe. Lux e minha insignificância. Primeiramente viajamos durante três horas, ao longo do mar. Era horário de maré cheia e nossos animais, que não estavam acostumados com o barulho e o bramir do mar agitado, davam saltos espetaculares quando a branca espuma tocava suas patas. Inclusive tivemos que passar pelo mar num lugar pouco profundo. A travessia, contudo, pareceu-me duvidosa e, embora eu me expusesse ao risco de ser considerado pelos meus amigos europeus como medroso, chamei um jovem, conhecedor da passagem, que conduziu nossos animais pelas águas salgadas da maré alta, enquanto nós seguimos o caminho mais seguro, por uma ponte, porém, totalmente arruinada. Agora tínhamos pela frente uma cansativa viagem de três horas, através de areia funda e mole. Ao anoitecer chegamos a Barra Velha.

Lá, um bom conselho tem alto preço: “Onde podemos pernoitar?” perguntamos. Hotel, naturalmente, não havia e nós andamos de uma casa para outra, a fim de receber sempre a mesma resposta negativa. Sugeri, então, dormirmos na sacristia, sobre nossas selas, quando um honesto sapateiro nos ofereceu um pedaço de pão e uma xícara de café e nos pediu que tivéssemos paciência, que ele encontraria alojamento para nós. Finalmente apareceu um velho que se declarou disposto a alojar-nos aquela noite; todavia, só dispunha de uma cama. Um, portanto, teria que dormir no chão. À noite foram-nos servidos novamente uma xícara de café e um pedaço de pão. Durante a frugal refeição entretivemo-nos com o dono da casa que, à nossa pergunta sobre sua idade, declarou que podia ter 100 anos, mas não sabia com exatidão. Pe. Lux lamentou que aqui não se tem, como entre os selvagens na África, o costume de se plantar uma árvore por ocasião do nascimento de uma criança; na dúvida, poder-se-ia perguntar à

---

* *Das Reich des Herzens-Jesu*. Ano VI (1906), p. 217-219; 249-252.

árvore[1]. Se a conversa do velho é digna de crédito, não sei. Nós, no entanto, nos divertimos com suas ingênuas declarações. Em todo caso, tivemos que pagar por esse entretenimento, pois, se este foi de graça, então o resto, o pernoite, foi vergonhosamente caro.

No dia seguinte, cavalgamos adiante, bem dispostos. A gente não deve, de modo algum, se incomodar aqui no Brasil porque, do contrário, jamais se sairia do aborrecimento. Após uma cavalgada de sete a oito horas, chegamos a Paraty. Belíssimos foram alguns trechos de caminho pelo mato por onde passamos. Parecia-me que aqui a natureza tinha unido a beleza da floresta europeia à da americana. Altas e esbeltas árvores erguiam-se nos dois lados do caminho e entrelaçavam no alto seus galhos de tal modo que, só raramente, um esguio raio de sol atravessava. E entre essas enormes árvores, altaneiras palmeiras balançavam suas copas de viva cor verde. As águas de alguns riachos murmuravam alegremente e os emplumados cantores entoavam alegres cantos vespertinos. Eram maravilhas da natureza como raramente as encontramos no vasto mundo de Deus.

Logo que chegamos à nova paróquia, olhei imediatamente a igreja paroquial com curiosidade, mas também com o coração cheio de temor. É ainda bastante nova, espaçosa e se encontra em bom estado. Só então caiu do meu coração uma pesada pedra. Graças a Deus! Pelo menos uma digna casa de Deus! Isso era, para mim, um grande consolo. Só então tinha olhos para ver ao redor. Na frente da igreja há um grande descampado ao qual dão o nome de praça. Na verdade é um pasto, fechado com cerca. Todos têm autorização para levar ali animais a pastar, desde manhã cedo até as 6 horas da tarde, e, assim, movem-se aí misturados e totalmente à vontade cavalos, vacas, bois e burros. Se, contudo, após as 18 horas for encontrado algum animal retardatário, este será preso pela polícia como vagabundo noturno e só mediante o pagamento de um resgate de 15 mil-réis lhe será devolvida a áurea liberdade. Em volta da praça, na verdade, mora pouca gente. Algumas casas em ruína indicam que o lugar, na época da escravidão, que vigorou até 1888, já teve maior significado. Há uma agência de correio e uma estação de telégrafo e a última inovação do Estado, o trem, quer descansar aqui alguns minutos, na viagem de Joinville a São Francisco do Sul; está nos planos, portanto, uma estação ferroviária.

As pessoas de Paraty deram-me uma impressão muito boa. Achavam, primeiramente, que éramos padres em trânsito. Tínhamos apeado junto a um alemão, dono do único hotel da cidade. Imediatamente vieram nos visitar as mais distintas personalidades. Todos lamentavam a falta de sacerdote; o Bispo prometera enviar-lhes um, mas infelizmente... Quando, porém, souberam que sou eu

1 Dendrocronologia: datação que se baseia nos círculos dos troncos das árvores. A cada ano as árvores apresentam um novo círculo em seu tronco.

Igreja matriz de Paraty (Araquari).

quem deverá vir, foi grande seu contentamento. O prefeito também apareceu e foram trocadas algumas ideias a respeito do local onde o novo pároco poderá morar. Aí estava a dificuldade: não existia nenhuma casa decente disponível. De mais a mais, não queríamos alugar uma casa e pedíamos que a Igreja comprasse ou construísse uma. Por ora, o importante para eles era que o senhor padre havia chegado; o resto se ajeitaria depois. Nós, porém, dissemos-lhes claramente: "Primeiro uma casa e, então, virá o padre" e assim foi, sem delongas, fechado o acordo.

No dia seguinte – era domingo –, apesar da chuva intermitente, havia bastante gente na igreja. O prefeito também compareceu e serviu-nos piedosamente como coroinha.

Como tínhamos resolvido nosso assunto, seguimos viagem no dia seguinte. Após uma jornada de cinco horas, chegamos, sob chuva torrencial, a Joinville. Passamos por péssimas pontes; em muitos lugares, o caminho estava debaixo de água. Após uma hora de viagem, tínhamos diante de nós um pequeno mar, onde o caminho, numa extensão de uns 40m, encontrava-se alagado. Embrulhados em nossas capas de chuva, seguimos cautelosos adiante, passo a passo. Meu animal parecia suspeitar o que estava para lhe acontecer. Então, subitamente, afundou. Antes que eu tivesse tempo para pensar em alguma coisa, senti que escorregava da sela. O cavalo desapareceu completamente na água e subiu novamente na ponte, deixando para trás o infeliz cavaleiro. Primeiramente tentei nadar, mas a capa de chuva me estorvava; além do mais, a correnteza era tão forte que fui arrastado embora. Não encontrei mais chão e acreditei afundar. Por sorte – e Deus não abandona um alemão – senti subitamente um tronco de árvore sob meus pés. Graças a Deus ele estava firme! Podia, pelo menos, ficar em pé, ainda que as águas me atingissem até a boca. Finalmente alcancei alguns arbustos com as mãos e assim estava, por ora, a salvo.

Nesse meio tempo, veio o socorro. Pe. Lux deu meia-volta com seu cavalo, saltou abaixo, tirou sapatos e meias e veio rápido na minha direção. De longe gritei-lhe: "Tenho chão firme" – "Segure, então, ao menos os objetos; estão presos aí, entre a vegetação". De fato vi, então, a sela e minha mochila, que alcancei não sem esforço. À sua pergunta se nada se havia perdido, eu lhe respondi: "Nada, apenas o relho." – "Compro-lhe um novo, em Joinville." Esse diálogo me pareceu tão cômico que fui obrigado a rir, apesar da situação nada invejável em que me encontrava. Fui então, em pleno sentido da palavra, puxado para fora. Sozinho e sem auxílio, certamente não teria conseguido sair da correnteza. "Vamos! E entre na primeira casa", disse-me Pe. Lux, "para não ficar resfriado". Peguei novamente meu animal e fui, deixando para meu acompanhante o cuidado com as demais coisas. O que havia sido salvo foi carregado no cavalo e conduzido até a casa mais próxima. O que fazer? As pessoas faziam o que podiam ... tinham pena de mim. Recolhi-me então a um canto da casa, que me foi cedido para torcer minhas roupas encharcadas e tirar a água das botas. Pe. Lux deu-me uma camisa seca, para que pelo menos a roupa de baixo estivesse enxuta, então enfiei-me novamente nas roupas molhadas e assim montei meu cavalo molhado. Mal ousava enfiar as mãos nos meus bolsos. Meus charutos haviam amolecido completamente; relógio, cachimbo, tudo cheio de água. E como estava minha mochila? O breviário, o bonito e novo *nécessaire* de viagem que eu havia recebido recentemente da Europa, os livros, a estola, os recipientes dos santos óleos! Após uma hora de atraso, partimos novamente. Agora, porém, sob a orientação de um cavaleiro conhecedor do caminho, pudemos chegar sãos e salvos ao destino. A ponte estava um metro debaixo de água. O cavalo não a tinha visto e um passo em falso foi a causa da queda.

Quem levou a pior não está livre de gozação. Quando vinha uma pequena ponte, ouvia-se imediatamente: "Pe. Lindgens, está vendo a ponte? Mantenha-se à esquerda, senão mergulhará novamente nas águas". Ou então: "O senhor é correspondente da revista. Agora o senhor teve uma experiência que vale a pena descrever..." Não obstante, meu companheiro estava muito atencioso comigo: "Não sente calafrios? Não está começando a sentir frio? Oxalá não venha a ter febre!"

Chegamos a Joinville tarde da noite e, como não queríamos importunar o idoso pároco da cidade nas condições em que nos achávamos, procuramos um hotel. De mais a mais, Pe. Lux estava tão encharcado quanto eu; ao puxar-me do fundo, entrou na água até a cintura. Comi só um pouquinho e procurei logo meu alojamento, com a esperança de que, no dia seguinte, meus apetrechos estivessem secos. O dia seguinte frustrou-me: tudo estava ainda molhado. Nesse dia brilhou o sol tão forte que eu mesmo quase fiquei ressecado. O calor era insuportável, então disse a Pe. Lux que ele poderia cavalgar adiante e que eu descansaria

meia hora, na próxima sombra que encontrasse. Porém, nada de sombra, e quase já sem ânimo, sussurrei:

Avante, sempre avante,
Filho de cigano nunca tem descanso.

Finalmente chegamos a um pouso. Homens e animais estavam encharcados de suor. Encontramos um bom alojamento e decidimos pernoitar. Ao olhar finalmente num espelho, para ver se ainda tinha uma fisionomia humana, percebi, para meu espanto, que meu pescoço estava bem amarelo e que a pele estava toda arranhada. Não sentia, porém, dores. Dentro em breve senti-me novamente como gente. Pela segunda vez, entreguei ao pessoal minha mochila de viagem com os pertences para secar. – "Reverendíssimos, isso não é possível; precisamos primeiro lavar as roupas." – "Façam como quiserem, só desejo que tudo esteja seco amanhã cedo." No outro dia, de manhã, foi-nos dito que os objetos ainda não estavam bem secos. Na minha impaciência, ralhei com as mulheres e perguntei ao pessoal por que não os secaram ao sol. Ao dizer isso, havia-me esquecido de que, também no Brasil, o sol não brilha à noite.

Para o dia seguinte, tínhamos pela frente o pior trajeto da viagem; precisaríamos percorrer a estrada que conduz até o alto da serra. "Serra" significa, em alemão, "serrote", e esse nome corresponde exatamente àquelas formações montanhosas. Primeiramente subimos dez quilômetros por estrada bem íngreme, o que não foi tarefa fácil para os nossos animais. Em duas horas tínhamos feito o trajeto e, como pagamento pelos seus esforços, deixamo-los pastar meia hora, enquanto fumamos nossos cachimbos. Como o bom Deus cuidou tão bem de tudo! Ali se encontrava o trato mais bonito para os cavalos. Lamentei não haver árvores que, em vez de frutas, dessem pães com manteiga. Se assim fosse, quantas vezes eu teria, de bom grado, apeado, pois meu estômago parecia não mais suportar por muito tempo o tratamento de madrasta. Para a sede, o bom Deus tinha provido melhor. Nunca na minha vida bebi água tão boa, ou nunca teve gosto melhor que essa dos riachos das montanhas dessa região! Quantas vezes eu apeei para beber! Tomei com o côncavo da mão o doce líquido e a Pe. Lux eu alcancei uma garrafa cheia. Então, como despedida, bebemos mais uma vez do bom riacho, enchemos novamente a garrafa e, satisfeitos, seguimos adiante, subindo pelo caminho que parecia não ter fim.

Chegados ao alto, deliciamo-nos com a belíssima visão panorâmica. Era pelas 8 horas da manhã. À nossa volta, os picos das montanhas, parcialmente envolvidos em fumaça azul, em parte enfiavam seus cumes nas brancas nuvens. A vegetação havia mudado rapidamente. Os palmitos e toda a variedade de palmeiras cederam lugar aos altos e esbeltos pinheiros. Nessa estrada da serra, apesar de a região não ser muito habitada, há um movimento considerável. Quem uma vez fez esse trajeto jamais esquecerá as carroças típicas da serra. São parecidas com nossas grandes carroças com

xalma, cobertas com uma imensa lona em arco e puxadas por sete cavalos. Um cavalo de reserva acompanha livre, ao lado da carroça. Nos dois lados da carroça, encontram-se pendurados longos cochos com trato para os animais. Passo a passo, vai-se morro acima e morro abaixo, sempre na mesma velocidade, aos trancos e barrancos, de um buraco para outro. A carroça é o lar do carroceiro. Se a noite o surpreende, desatrela seus cavalos, deixa-os pastar nos arredores, enquanto ele arruma sua pousada na carroça. Quando lhe bate a fome, para, ascende uma fogueira na estrada, faz seu café, assa carne no espeto e a refeição está pronta. Geralmente há mais carroças juntas. E assim, essa gente viaja, do começo ao fim do ano, perfazendo o trajeto de 86 quilômetros em quatro a cinco dias. Pelo menos uma centena dessas carroças passou por nós; elas constituem o único meio de transporte entre o planalto e o litoral. O trem, cuja ferrovia está em construção, certamente porá logo fim a esse romantismo.

Transporte de carga e pessoas entre São Bento e Joinville.
Acervo: José Kormann.

Cavalgamos naquele dia até Campo Alegre. Para mim o caminho se tornou bastante longo, apesar de nossos animais andarem bem. Já havia apreciado suficientemente a natureza, de sorte que só pensava numa coisa: estar finalmente num hotel. Encontramos um tropeiro pelo caminho. "Qual a distância até Campo Alegre?" perguntei-lhe. "Se cavalgarem depressa, ainda meia hora." Feliz, transmiti a boa nova a Pe. Lux. Depois de cavalgar uma boa hora e ainda nada

do povoado, a história me parecia mal contada. Monótonos, cavalgamos um ao lado do outro.

“O senhor está cansado?” perguntou-me o Pe. Lux. – “Cansado, propriamente, não.” – “Por que, então, está tão quieto?” – “Eu queria, eu desejaria ter diante de mim aquele brasileiro que me enganou desse jeito; ele teria que se haver comigo.” – “Por que então pergunta sempre? Assim o caminho se torna para o senhor sempre o dobro mais longo.”

Finalmente chegamos ao destino. Encontramos bom alojamento e, no outro dia cedo, encontrávamo-nos em forma para continuar a viagem. Cavalgamos por atalhos, para encurtar ao máximo o caminho. Às vezes, no entanto, eram estes não sem perigo e, ao atravessar um riacho, por pouco não tomei outro banho involuntário, visto que escorreguei da sela. Chegamos a São Bento por volta das 9h30min. Nenhum dos confrades estava em casa. Mesmo assim, entramos e logo nos sentimos bem à vontade. Ah! Meus caros! Pe. Meller e Pe. Wollmeiner olharam perplexos para dentro de casa, quando se defrontaram subitamente com dois hóspedes não convidados. Aqui em cima, no fim do mundo, dois confrades de uma vez, isto já era um pouco forte demais! Passamos juntos alguns dias agradáveis. Pe. Meller, apesar de ocupado nos trabalhos de construção da igreja, deu provas de ser cordial anfitrião.

Na volta para Brusque, decidimos tomar outro caminho passando por Hansa[2] e Blumenau. Hansa deverá ser, como está sendo Blumenau, um centro para colonos alemães. Por ora, aí não há nada de interessante para ver; isso é compreensível, pois tem apenas sete anos. O lugar não é muito agradável; no verão reina ali um calor infernal porque o núcleo situa-se em um vale em forma de panela, cercado de altas montanhas. Provavelmente esse lugar foi escolhido por causa do bom solo. Realmente, já se veem instalados em todo o trecho pequenos sítios ou propriedades maiores, em estilo alemão. Capricho e perseverança germânica produziram aqui, em pouco tempo, coisas extraordinárias. A floresta desapareceu e deu lugar a acolhedoras propriedades. A diferença entre uma povoação alemã e uma brasileira aparece claramente aqui. De longe, à primeira vista, já se pode dizer onde mora um alemão e onde um brasileiro; de um lado, bonitas casas, de outro, miseráveis casebres. O caminho que a direção da colônia projetou e mantém é muito bom; muitos quilômetros são cavados nos morros, de modo que tínhamos à direita altas paredes de morros e, à esquerda, vertiginosos precipícios. Tivemos que atravessar diversos rios. Eu tinha conhecimento de que um deles era profundo e, por causa da enchente, perigoso; para conseguir atravessá-lo, foi inclusive necessário cavalgar pelas águas, em forma de um grande arco. Para dizer a verdade, eu estava com medo,

2 Hansa é a atual cidade de Corupá, sede do município do mesmo nome, no norte do estado.

Vista panorâmica de São Bento do Sul. Extrema direita, antiga igreja. Extrema esquerda, nova igreja em construção. A torre que aparece na foto é da igreja evangélica luterana.

já que ainda tinha viva recordação de meu primeiro fiasco. Por isso sugeri a Pe. Lux ir à frente; eu tiraria a sela, deixaria atravessar o cavalo a nado e me deixaria atravessar com uma canoa. Ele anuiu ao meu desejo e assim chegamos, sãos e salvos, à outra margem. Num outro rio, onde Pe. Lux quase morreu afogado há um ano, havia agora uma ponte.

Ao pé do Morro do Texto, encontramos um bom alojamento. O estalajadeiro era um rico lavrador, proprietário dos melhores cavalos, vacas, pastos... À noite deu-nos uma erudita lição sobre manteiga e banha de porco; evidentemente, seus produtos baratos eram tão bons, se não melhores, quanto os caros dos outros. Outro dia cedo, às 4h30min, já estávamos nas selas, pois tínhamos que transpor o Morro do Testo. Precisamos fazer o trecho mais íngreme a pé e conduzir os cavalos pelas rédeas; foi um suor sem igual, já nas primeiras horas da manhã. Cavalgamos até uma hora da tarde, quando chegamos à casa de uma viúva conhecida por nós e que nos convidou para almoçar. Não é necessária muita explicação para compreender que um convite assim não se recusa, porque não tínhamos reclamações sobre falta de apetite. Tínhamos feito mais de 50 quilômetros e, durante a viagem, já havíamos saboreado um pedaço do pão que, na verdade, havíamos ensacado para tratar nossos animais.

Após o almoço, permitimo-nos duas horas de descanso. Quando quisemos partir, nossas pernas, endurecidas, encontravam-se quase impossibilitadas

de seguir viagem. A muito custo, subimos na sela porque, apesar de todas as dificuldades, precisávamos chegar até o convento dos franciscanos, em Blumenau. Lá, como sempre, fomos acolhidos e hospedados com a máxima cordialidade. Após o jantar, meu cansaço havia desaparecido e, depois de uma horinha de interessante bate-papo, procurei meu aposento, convencido de que descansaria bem. Mas... qual o quê! Os pernilongos! Que praga! Até meia-noite escutei Pe. Lux espantá-los também no seu quarto. No que vai dar isso? pensei. As mãos e os pés terão a maior preferência desses malvados. Deixei as meias nos pés e – a necessidade nos faz engenhosos – enfiei as mãos igualmente num par de meias limpas que, felizmente, ainda tinha em minha mochila, cobri meu rosto com uma toalha e, apesar do calor, procurei dormir. No outro dia cedo, estava contente por haver-me livrado de algumas vintenas de picadas. Após dois dias de viagem, chegamos a Brusque, onde descansei alguns dias. Em companhia de Pe. Stolte, fui então a Itajaí, onde chegamos por volta das 10 horas, empoeirados e suados. Eu estivera quase quatro semanas ausente e tinha uma aparência de semisselvagem, bem moreno, queimado do sol.

Numa viagem como essa, fazendo-se todo dia de manhã uma "boa intenção", adquire-se algum lucro para o céu!

27

Nossa Missão no sul do Brasil*

No mês de julho de 1906, fez três anos que os primeiros membros de nossa Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, os padres Lux e Foxius, acompanhados e fortalecidos pelas zelosas e abençoadas orações de seus irmãos de Congregação, deixaram a terra natal europeia para assumir, no distante Brasil meridional, um novo campo de atuação para os membros alemães de nossa ordem. O empreendimento foi, em muitos aspectos, mais que arriscado, um quase salto no escuro. A consoladora promessa do Divino Coração, porém, – "Eu os abençoarei em todos os seus empreendimentos" – deveria, também desta vez, se comprovar. Sob o orvalho fecundo da graça divina, a pequena semente se desenvolveu rica em bênçãos e o campo de atuação dos padres do Sagrado Coração de Jesus, sob a bandeira verde-amarela brasileira, expandiu-se ano a ano. O insistente convite do Exmo. Sr. Bispo de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva, cujo bispado compreende os dois estados sulinos, Paraná e Santa Catarina, resultou na concessão dos primeiros locais de atuação na Ilha de Desterro. Ali, sob os auspícios do benemérito Pe. Topp, de Florianópolis, os padres tiveram seu primeiro campo de trabalho e, a partir dali, assumiram paróquias no continente fronteiriço. A colônia ou vila de Brusque, com suas numerosas capelas e sua população que fala diversos idiomas misturados; depois São Bento, no planalto; em seguida a cidade portuária de Itajaí; e, por último, Paraty, perto da grande ilha de São Francisco, foram confiadas à pastoral de nossos missionários, cujo número se elevou a 12. Eles atendem ao todo 30 a 40 mil católicos, numa distância de aproximadamente 240 quilômetros. Confiantes na assistência do Alto, os padres puseram corajosamente mãos à obra. Repetidas vezes o Exmo. Sr. Bispo já aproveitou o ensejo, especialmente na visita episcopal a Brusque, que transcorreu de maneira sublime e brilhante, para manifestar publicamente a satisfação e grande reconhecimento aos zelosos missionários pelos trabalhos realizados até hoje e pedir novos obreiros de nossa Congregação, para a grande vinha do Senhor na sua extensa diocese. Com efeito, já se realizou muito, sobretudo junto aos milhares de colonos[1] e brasileiros dispersos, os quais foram regularmente atendidos na cura d'almas. Mas em meio a que perigos, esforços e dificuldades! Quantas horas a cavalo por vales e montanhas,

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 281-285; 313-316; 342-345; 375-377.

1 O termo *colono* se refere ao imigrante e a seus descendentes que se dedicam ao cultivo da terra.

sob sol escaldante e chuva torrencial, por caminhos acidentados e quase intransitáveis, por riachos e rios caudalosos! Em maio do ano passado, Pe. Lux perdeu todos os seus pertences, roupas, livros e documentos num temporal, nas vizinhanças da cidade portuária de Itajaí. Em não poucas igrejas e capelas faltam vasos sagrados e paramentos; muitas casas paroquiais possuem apenas as instalações mais necessárias. Assim escreveram-nos recentemente os padres de Paraty: "Os pobres paroquianos nos prometeram uma modesta casa e o fundamento foi feito, mas, por falta de dinheiro, a obra ficou novamente parada e talvez assim fique por alguns anos. Fizemos então um abrigo provisório, bem arejado e ventilado, pois o telhado é, ao mesmo tempo, o forro do quarto. As janelas são de tábuas e não há nenhuma porta com fechadura. Alguns caixotes servem como mesa, armário e biblioteca. Inclusive as camas são emprestadas e o bom Irmão [Joseph Raphael Küpper] precisa dormir numa cama de criança emprestada". Em vista dessa real situação de miséria dos missionários, além das significativas despesas com a viagem e instalação de nossos novos colaboradores, dirigimos a todos os amigos e protetores da ação missionária católica, especialmente a todos os devotos do Sagrado Coração de Jesus, o mais urgente apelo de colaboração. Ajudem-nos a manter, consolidar e completar o que foi até agora conquistado à custa de milhares de sacrifícios! Ainda recentemente, o nosso atual Santo Padre, o Papa Pio X, manifestou, em uma audiência, sua grande alegria pela nossa atuação missionária no Brasil e, ao mesmo tempo, acentuou a importância e a necessidade de manter os imigrantes e os abandonados brasileiros na religião católica. Sentimo-nos levados com mais insistência a formular esse pedido de ajuda, por se tratar da cura d'almas de milhares de colonos católicos. Pedimos para que as eventuais doações, cujo recebimento acusaremos prontamente neste periódico, sejam enviadas diretamente a Pe. J. Thoss, procurador das missões, Casa Missionária de Sittard.

Para despertar em nossos leitores um interesse mais vivo pela missão do Brasil meridional e para esboçar melhor os esforços e trabalhos dos mensageiros da fé católica, queremos apresentar, nas próximas linhas, em primeiro lugar, um quadro geográfico desta extensa região e, a seguir, delinear alguns traços acerca do desenvolvimento das colônias alemãs. Comecemos por Santa Catarina em geral.

O Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil

Santa Catarina, o penúltimo dos 21 estados unidos do Brasil, situado ao sul, entre o Paraná e o do Rio Grande do Sul, é formado pelas duas grandes ilhas de São Francisco e Desterro, juntamente com numerosas ilhas menores,

e pela área continental situada defronte às ilhas. Sua área é de 95.318 km², quase do tamanho de todo o reino da Baviera. Limita-se ao leste com o oceano Atlântico, que banha toda a costa brasileira, numa extensão de 7.000 quilômetros; ao norte, com o Estado do Paraná, através do rio Iguaçu e do rio Negro; a oeste, com o Território de Missiones, da Argentina, famoso na história missionária; ao sul, com o último estado brasileiro, o Rio Grande do Sul, através do rio Uruguai e outros rios. A área continental, que é de longe a maior parte do estado, é cortada de Norte a Sul pelas grandes cadeias de montanhas da Serra Geral e da Serra do Mar, cobertas de florestas. A primeira, a Serra Geral, forma o divisor de águas do estado. As águas que correm para o oeste pertencem à bacia hidrográfica do rio da Prata, ao passo que os numerosos rios e riachos que deságuam no mar a leste têm um curso relativamente mais curto, até encontrar o oceano. Dos rios, apenas poucos são navegáveis e, além disso, em pequenas extensões, como o rio Itajaí, navegável por pequenos vapores até Blumenau e o rio Araranguá e o rio Verde, na fronteira sudeste. A terra localizada a oeste da Serra Geral é um planalto de pedra arenito, em parte formado por campos de pastagens e, em parte, por florestas. É apropriada principalmente para a criação de gado; todavia, apenas poucos agricultores alemães ali residentes se dedicam a essa atividade. Em contrapartida, as bordas ao leste da Serra, cobertas de imponentes florestas, e a faixa litorânea até o mar oferecem excelente solo para agricultura, onde podem ser cultivadas, com bons resultados, plantas tropicais, bem como europeias. Os principais produtos de exportação produzidos nessas regiões são milho, arroz, farinha de mandioca, erva-mate, aguardente de cana-de-açúcar, feijão preto, açúcar, café, ovos, madeiras, couros, chifres, cigarros. Nos vales dos rios litorâneos do sul, sobretudo o Tubarão, existem também imensos depósitos de carvão e, para sua exploração, foi construída uma estrada de ferro que liga a região até o porto de Laguna. Soubemos, através de informações seguras, que, há algumas semanas, partiram da Europa mais de cem mineiros da região do Ruhr para trabalhar nas minas de carvão de Santa Catarina.

No que diz respeito à população, o último senso, de 1890, registrou uma população de 283.769 almas, quatro habitantes por quilômetro quadrado. Conhecedores do país afirmam que, atualmente, o número de habitantes chega a 300.000, dos quais 50.000 são alemães, 15.000 italianos, alguns mil poloneses e outros eslavos, além de um número reduzido de índios selvagens nômades, denominados pelos brasileiros com o nome pejorativo de *bugres* e que pertencem ao mal-afamado tronco dos Botocudos.

O Estado deve seu inegável progresso principalmente aos europeus, sobretudo à colonização alemã, que se iniciou em 1829. Não obstante os entraves colocados pelo governo da Prússia contra a emigração para o Brasil, esta

aumentou e direcionou-se mais tarde, com razão, cada vez mais para o sul do país, para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. As colônias alemãs mais significativas são Blumenau, fundada em 1850; Dona Francisca, com a cidade de Joinville; as colônias Santa Isabel e Teresópolis, Hansa, entre outras. Além disso, nas colônias estatais de Azambuja, Grão-Pará e Brusque residem 15.000 italianos. Os meios de comunicação são precários. Ligações navais locais existem somente entre a Ilha de Desterro e o porto de Itajaí, entre Itajaí e Blumenau e entre São Francisco e Joinville. Além da ferrovia para Tubarão, há outras em construção. Em contrapartida, as estradas de rodagem só se encontram em bom estado nas colônias alemãs.

A Ilha de Santa Catarina – Nossa Senhora do Desterro, isto é, Nossa Senhora em Fuga para o Egito, também denominada Florianópolis, Cidade das Flores, ou simplesmente Santa Catarina, é a capital da ilha e do Estado de Santa Catarina.[2] A bem construída cidade está, acima de tudo, bem localizada na costa oeste da ilha, defronte ao continente. Foi fundada em 1675 pelo português Francisco Dias Velho Monteiro e, em 1823, recebeu os direitos de cidade. Nas colônias portuguesas existem três tipos diferentes de cidades: a *capital*, cidade principal; a *cidade*, que compreende as grandes aglomerações urbanas, e a *vila*, como cidade de terceira categoria. Desterro tem um excelente porto, protegido por vários fortes, e, desde 1860, é provido de um farol no acesso sul. Aqui atracam os grandes navios transoceânicos da Linha Hamburgo-América do Sul, e quatro linhas de navegação alemãs atendem a regular comunicação costeira. Como sede de governo, Desterro tem um edifício da Câmara e uma Corte de Apelação, um Arsenal [guarnição do exército], um hospital, atendido por religiosas alemãs, um colégio dos jesuítas alemães e um consulado geral alemão. A população da comunidade é estimada em 30.000 habitantes; a da cidade, em 15.000, dos quais 500 são alemães.

São Francisco do Sul – Essa ilha localiza-se na parte norte do Estado de Santa Catarina. A cidade principal, com o mesmo nome, antigamente denominada Nossa Senhora da Graça, situa-se na costa noroeste e conta com um porto seguro, onde atracam os vapores transoceânicos da Linha Hamburgo-América e do Lloyd Norte-Alemão. A ilha apresenta um clima saudável, solo fértil e uma população de cerca de 12.000 habitantes. Só depois da fundação da colônia alemã [Dona Francisca/Joinville], no continente fronteiriço, ela ganhou alguma importância. Atualmente, conta também com uma agência do consulado alemão.

2 Até 1893, a capital da Província de Santa Catarina denominava-se Desterro. A partir dessa data, a capital do Estado passou a denominar-se Florianópolis, em homenagem ao então Presidente da República, Floriano Peixoto. A ilha onde se localiza a cidade de Florianópolis denomina-se, desde 1521, Ilha de Santa Catarina, em homenagem a Catarina de Alexandria. (Nota do tradutor).

População – Até o presente momento, os Estados Unidos da América do Norte figuram como principal alvo da emigração alemã. Milhares de pessoas se instalaram ali e encontraram um bom progresso, mas, infelizmente, a maioria perdeu completamente a identidade alemã e os laços com a antiga terra natal. Dessa forma, adaptaram-se à língua e aos costumes anglo-americanos, transformando-se em rivais e adversários da terra natal, nos ramos da agricultura e da indústria.

A poderosa e florescente indústria dos Estados Unidos requer hábeis operários europeus; talvez ainda hoje se apresente como um lucrativo negócio, ao passo que a agricultura oferece poucas perspectivas de progresso, devido ao alto preço da terra, nas regiões habitadas, e à grande distância que separam as colônias dos centros de consumo.

Isso já provocou uma emigração de volta, ou melhor, para outras regiões, como, por exemplo, para o Canadá, México e América do Sul. Também o governo dos Estados Unidos, em virtude da grande afluência de homens à procura de trabalho, viu-se obrigado a tomar fortes medidas contra a imigração de gente sem meios e de pessoas inaptas aos seus objetivos de colonização.

Por isso, era apropriado direcionar os emigrantes alemães para regiões ultramarinas que não oferecessem apenas espaço suficiente para a admissão da corrente migratória alemã, já secular, mas também as condições naturais para o bem-estar e progresso dos colonos, possibilitando a eles e a seus descendentes, permanecerem alemães na língua e na cultura durante longo tempo, ou melhor, para sempre.

Tais regiões encontram-se no sul do Brasil, que compreende os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os quais, juntos, são quase do tamanho do Império Alemão, no entanto, apresentam uma diminuta população. O Império Alemão ocupa uma área de 540.667 km² e sua população é de 57 milhões de habitantes, o que equivale a 105 habitantes por quilômetro quadrado. O Brasil meridional conta com 532.000 km² e 1.430.000 habitantes, sendo que, para cada quilômetro quadrado, existem 2,6 habitantes. O Império Alemão é, portanto, 40 vezes mais densamente povoado que o Brasil meridional, e a América do Norte o é três vezes mais.

Os habitantes primitivos da terra são os indígenas, que desapareceram quase todos. A maioria se misturou com os imigrantes portugueses e, mais tarde, com os negros introduzidos como escravos. Essa população mestiça, contudo, nunca desenvolveu uma notável atividade agrícola. Ocupa-se preferencialmente com criação de gado, caça, pesca e exploração de produtos naturais como, por exemplo, a conhecida erva-mate, nas matas do planalto. Os imigrantes portugueses e seus descendentes estão mais fortemente representados no comércio varejista e no funcionalismo público,

ao passo que os colonos imigrantes europeus, sobretudo os alemães, ocupam os primeiros postos na agricultura, na indústria e no comércio por atacado.

As antigas colônias – A mais antiga colônia alemã de Santa Catarina é São Pedro de Alcântara, fundada em 1829, com 700 imigrantes da Renânia. No início desenvolveu-se lentamente, mas, depois, transformou-se numa abastada comunidade. Em 1847, foi fundada a colônia Santa Isabel e, em 1850, tiveram início as duas maiores colônias alemãs, Blumenau e Dona Francisca. A primeira foi fundada pelo Dr. Blumenau e a segunda, pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Blumenau conta, atualmente, com aproximadamente 53.000 habitantes e Dona Francisca, com São Bento no planalto, com cerca de 24.000 habitantes. Em 1860, foram fundadas as colônias Teresópolis e Brusque; mais tarde, as colônias de Azambuja, Grão-Pará, Nova Veneza, Nova Trento e Luiz Alves, sendo estas últimas povoadas, na maior parte, por italianos. Dispersos entre os alemães, nos municípios de Blumenau, Joinville e São Bento, moram grupos menores de italianos, negros, poloneses, letos e brasileiros. Igualmente encontram-se alemães em quase todos os lugares, como em São Francisco, Joinville, Paraty, Itajaí, Tijucas, São José, Palhoça, Laguna, Tubarão, Curitibanos, Lages e Campos Novos, exercendo a profissão de professor, artesão, comerciante, hoteleiro, etc.

O Consulado Alemão em Santa Catarina e a Associação São Rafael – Existe consulado alemão em Florianópolis, Joinville, Blumenau e Itajaí, mas somente o de Florianópolis conta com um cônsul profissional, o Barão von Wangenheim. Há tempo as autoridades do Império Alemão vêm manifestando preocupações acerca do exame médico-militar dos cidadãos alemães residentes no Brasil, com a finalidade da obrigatoriedade ou dispensa do serviço militar na Alemanha. Um navio de guerra com médicos é mandado de tempos em tempos para águas brasileiras a fim de examinar os obrigados a se apresentarem.

Não devemos esquecer de mencionar aqui os louvores à abençoada atuação da Associação São Rafael, que conta com não menos de oito postos com homens de confiança aqui no Estado de Santa Catarina: em Desterro, Brusque, Braço do Norte, Blumenau, Joinville, Lages, Rodeio e Tubarão.

A língua nacional – A língua nacional é a portuguesa que, no entanto, é falada relativamente só por poucos imigrantes. Estes, em suas relações mútuas, servem-se muito mais da língua materna. Nas colônias alemãs fala-se o alemão, nas italianas o italiano, nas letas e polonesas fala-se o leto e o polonês. Como as colônias alemãs, porém, são as mais antigas e as mais abastadas do estado, a língua alemã, ao lado da portuguesa, foi a que mais se difundiu. É frequente encontrar brasileiros, até negros e mestiços, que a dominam bem. Isso se explica, em primeiro lugar, porque as posições econômicas mais eminentes

são ocupadas por alemães e, em seguida, porque os alemães, desde o início da colonização em Santa Catarina, desempenharam o papel de dirigentes de escolas. Ultimamente os colonos se interessam, mais do que antigamente, pela vida política do estado. Naturalmente eles fazem valer seus esforços para falar também a língua nacional, sem abandonar a língua materna.

Instituições estatais no Brasil – O Brasil foi, de 1500 até 1822, uma colônia portuguesa, separando-se então de sua pátria-mãe e tornando-se um Império. Em 1889, a Monarquia foi abolida, mediante uma revolução que instaurou a República. O país foi, então, dividido em 20 estados[3] e um distrito federal. Eleito pelo povo por quatro anos, está à frente da República um presidente que tem sua residência na capital Rio de Janeiro. Ele governa com o auxílio do Congresso Nacional, formado pelo Senado e pela Câmara dos Deputados, cujos membros são eleitos pelo povo, em votação secreta, e um Ministério por ele nomeado. O poder judiciário é independente do legislativo (Congresso Nacional) e do executivo (Presidente da República) e atua através de juízes de paz, de juízes de correção, de tribunal de jurados, de tribunal de comarca e de tribunal superior.

Os estados são regidos por constituições próprias; à frente de cada um, encontra-se um governador eleito pelo povo. Ele governa com o auxílio de um Secretariado nomeado e de um Parlamento escolhido pelo povo, em eleições diretas. Os estados, por sua vez, estão divididos em comunidades (municípios), que regulam independentemente seus interesses. Eles são administrados por um prefeito (superintendente) e uma Câmara Municipal, escolhidos pelo povo. Estado e Religião foram separados e, em vez do antigo casamento religioso, o Estado infelizmente só reconhece, para fins legais, o casamento civil. Mas, graças a Deus, isso não foi totalmente prejudicial para que a vida religiosa se desenvolvesse mais em alguns aspectos do que se desenvolvera no tempo do Império, com a religião oficial. Todo brasileiro é obrigado ao serviço militar quando o número de recrutas voluntários não é suficiente, o que acontece na maioria dos casos. Quem nasceu no Brasil, ainda que de pais estrangeiros, ou mesmo naturalizado, goza dos direitos civis brasileiros a partir dos 21 anos de idade. Se o imigrante não quiser abrir mão de sua nacionalidade, deve registrar-se no consulado de seu país.

O clima – O clima de Santa Catarina, excluindo-se algumas regiões litorâneas pantanosas, situa-se entre os mais saudáveis do mundo, ainda que haja algumas diferenças nos graus de latitude e nas regiões mais altas. Na região litorânea, a temperatura média oscila entre 18 e 21°C, ao passo que a temperatura média no planalto do interior é de apenas 17°C. Lá ocorre, inclusive, neve e geada, ao passo que nas terras mais baixas se forma, no máximo, geada. Também a distribuição das chuvas é diversificada em Santa Catarina. A precipitação média anual oscila

3 As antigas províncias foram transformadas em estados e a capital do império em distrito federal.

entre 1.500 a 2.100 milímetros no litoral, já no planalto, com aproximadamente 136 dias de chuva, oscila entre 1.500 a 1.700 milímetros. Dessas cifras, pode-se deduzir que o Estado de Santa Catarina apresenta um clima mais úmido do que seco. Secas prolongadas que prejudicam a agricultura raramente acontecem. Se excluirmos a sezão que ocorre nas regiões pantanosas do litoral, a população está sujeita a poucas doenças. A febre amarela já foi trazida repetidas vezes, porém nunca se espalhou. Incômodo, sobretudo para os imigrantes recém-chegados, são certos fenômenos de aclimatação, como pústulas vermelhas, que, todavia, logo passam e não prejudicam seriamente a saúde.

Configuração do solo – Quando se vem da Europa, aproximando-se da costa do Estado do Paraná, tem-se diante de si, em primeiro lugar, uma ilha rochosa que, em algumas partes, encontra-se coberta de delgadas palmeiras e de outras árvores. Na terra firme, segue uma planície coberta de arbustos e mato, onde penetra a baía de Paranaguá, num raio de aproximadamente 50 quilômetros. Atrás, a uma grande distância, ergue-se uma imensa cadeia de montanhas, a assim chamada Serra do Mar, com suas pontas, cumes e agudas cristas, que se estende interior adentro, até o planalto sul brasileiro e acompanha ora a grande, ora a pequena distância o litoral do Paraná e de Santa Catarina.

Nos vales e nas encostas dessas montanhas encontra-se a maioria das colônias alemãs. Essas terras estavam primitivamente cobertas por densas florestas e assim se encontram ainda hoje, até onde as ferramentas dos colonos ainda não as derrubaram para transformá-las em terra produtiva. O colono adventício deve, portanto, contar com o fato de que não encontrará terra plana, desbravada, onde possa trabalhar imediatamente com arado e grade, mas sim terras mais ou menos montanhosas, cobertas de florestas, que ele só conseguirá transformar em terra cultivável com muita garra e fogo e, em seguida, tratá-la com enxada. Esse trabalho é, na verdade, difícil, mas compensador, porque através dele se consegue um solo frutífero e bem fecundo, onde se poderá plantar, por muitos anos seguidos, com bons resultados, sem uso de adubos. Some-se a isso o fato de essa terra montanhosa estar abastecida de água e ser de grande beleza panorâmica. Ela oferece todas as condições fundamentais para que o imigrante laborioso possa fazer logo, da desconhecida gleba, seu domicílio.

O reino vegetal – Podemos distinguir em Santa Catarina três regiões diferentes de vegetação, a saber: 1. a região plana do litoral, coberta de mangues e mata rasteira; 2. A faixa de florestas das montanhas; 3. O planalto, com suas extensas florestas de araucária e campos de gramíneas. Aos colonos interessa mais a região de florestas descritas no item 2. A floresta brasileira não apresenta semelhança alguma com as ralas florestas alemãs e sua arborização disposta uniformemente. A floresta brasileira é formada por centenas de espécies de árvores e de outros vegetais que, em colorida mistura, cobrem o solo e estão

amarrados uns aos outros com cipós e trepadeiras, à semelhança de uma gigantesca cobertura. Onde não há cipós para obstruir os passos do intruso, são as taquaras das mais variadas espécies, baixas palmeiras, samambaias, arbustos e plantas diversas que trancam o caminho. Quem quiser penetrar nessa mata espessa precisa abrir caminho com um facão e, se for um novato, derramará algumas gotas de suor. Mas quem se acostumou com essas dificuldades não tem receio de enfrentar a floresta. Para este, o olhar se alegra ao contemplar a infinita diversidade das formas vegetais e a magnificência floral das orquídeas que cobrem os troncos e os ramos das árvores. Mas o que estimula ainda mais o colono é conhecer o valor prático das plantas que lhe eram até agora desconhecidas. Os imigrantes mais antigos certamente lhe darão de bom grado as informações desejadas. Eles lhe indicarão as qualidades especiais de cerca de 60 tipos de madeiras úteis, de modo que logo saberá quais são as mais adequadas para construção, móveis, postes de cerca e assim por diante. Eles lhe mostrarão como as delgadas palmeiras devem ser rachadas em ripas e utilizadas na construção das paredes e do telhado das cabanas, e como se pode extrair dessas palmeiras um miolo comestível que fornece ao colono uma fina salada semelhante ao aspargo. Eles lhe ensinarão, também, que os cipós da natureza servem como corda e de que forma as folhas de diversas espécies de palmeiras podem ser utilizadas como material para telhado e assim por diante. E como não ficará admirado o imigrante se o caminho o conduzir ao planalto, à região dos pinhais ou araucárias! Lá encontrará algumas árvores de espantosa altura, das quais se pode serrar de oito a 16 dúzias de tábuas de 16 pés. E, além disso, essas árvores fornecem ainda excelentes e gostosos frutos, ricos em nutrientes, tanto para os homens como para os animais. Com muita frequência crescem ainda, entre os pinheiros, árvores de cedro e imbuia de excelente madeira para fabricação de móveis, bem como o ervateiro, de cujos ramos e folhas se produz o mate, um importante produto de exportação.

O reino animal – Quem conheceu os animais das florestas do Brasil meridional nos jardins zoológicos europeus se convencerá de que, em tamanho, eles estão bem atrás dos animais selvagens da África e Ásia. Feras como o puma e a onça são raros. Eles são perigosos aos homens somente quando feridos e, em geral, fogem da proximidade do homem. O mesmo acontece com as jaguatiricas que, de bom grado, são caçadas por causa da bonita pele. Em virtude de sua pele resistente matam-se, também, a lontra e o gambá. O tapir, ou anta, o maior mamífero da América do Sul, é caçado pela sua banha medicinal, utilizada como remédio. Macacos, porcos do mato, quatis e capivaras, bem como papagaios, são nocivos às plantações e, por isso, perseguidos. Porcos-do-mato e tamanduás têm boa carne. Devido à excelente carne, caçam-se ou capturam-se também a paca e a cutia, roedores do tamanho de um coelho, que vivem nas brenhas pan-

tanosas. Para caça, podem-se citar ainda o veado e o cervo, pombos-do-mato, macucos, perdizes e galinholas. Também o tatu, que vive em tocas na terra, tem carne saborosa; de sua couraça pode-se fazer excelente cesto de ovos. Dentre os numerosos pássaros cantadores, menciona-se aqui somente o sabiá e, como ave de rapina, o urubu. Este até aparece nas cidades e mantém as ruas limpas das matérias podres.

Nos rios encontram-se a tartaruga e uma espécie de pequenos crocodilos, mas que não representam perigo aos transeuntes. Mortes decorrentes de picada de cobra são mais raras que na Alemanha. Os rios são ricos em peixes saborosos, entre os quais o bagre e a traíra, mas o mais abundante e saboroso é o dourado. O litoral de Santa Catarina é, sobremaneira, notável pelas numerosas espécies de peixes saborosos, das quais algumas podem ser capturadas em grande quantidade, na desembocadura dos rios, na época da desova. Também ostras e grandes camarões são uma importante alimentação para a população. Entre os insetos mais prejudiciais está em primeiro lugar a formiga carregadeira; ela corta os novos brotos das plantas e os carrega para dentro de seus ninhos. Importunos são também os mosquitos, carrapatos, bichos-de-pé e baratas.

Plantas cultiváveis – Na região localizada entre o planalto e o litoral são cultivados: 1. produtos agrícolas: milho, arroz, feijão, cana-de-açúcar, abóboras, várias espécies de tubérculos, como batatinha, mandioca, aipim, batata, cará, taiá, inhame, araruta; 2. produtos de horticultura: ervilha, vagem, repolho, couve-flor, alface, beterraba, cenoura, aipo, cebola, rabanete, rábano, legumes e plantas ornamentais em grande variedade; 3. árvores frutíferas: laranjeiras, limoeiros, bananeiras, figueiras, pessegueiros, pitangueiras. Cresce também a videira e há espécies de abacaxi com boa produção; 4. plantas para condimento: pimenta, mostarda e gengibre; 5. plantas de comércio: café, fumo e algodão; 6. plantas oleaginosas: amendoim, rícino, girassol; 7. plantas para trato: grama e aveia.

No planalto são cultivados: 1. produtos agrícolas: trigo, centeio, cevada, aveia, milho, feijão, ervilhas, trigo-mouro, batatinhas; 2. produtos de horticultura: todas as espécies de hortaliças européias e as daqui, flores e plantas ornamentais; 3. árvores frutíferas: macieiras, pereiras, pessegueiros, que atingem grande porte; 4. plantas fibrosas: linho e cânhamo; 5. plantas oleaginosas: amendoim e colza; 6. plantas para alimento animal: aveia, gramíneas para trato, alfafa e trevo branco.

Criação de gado – Há criação extensiva de gado vacum e de cavalos, em grande escala, nos campos naturais do planalto. De lá as colônias e as cidades litorâneas são abastecidas de gado barato para corte e criação que, no entanto, degenera muito por causa do cruzamento consanguíneo e nem sempre é bem tratado. Isso fez com que os colonos se ocupassem cada vez mais com a criação de gado, que possibilitou a produção de um importante produto de exportação, a manteiga. O gado vacum e os cavalos são criados nas colônias, em pastos

cercados, com grama semeada ou plantada, onde não faltam estrebarias e ranchos. Nesses abrigos também os animais são tratados com ração e, para melhorar a raça, foram, inclusive, introduzidos recentemente reprodutores e matrizes. Ao lado da criação de gado há também a de porcos que, para os colonos, têm grande significado. Enquanto cabras e ovelhas são criadas em pequena proporção, a criação de aves, por sua vez, alcança altos índices. Além de ovos, os colonos levam ao mercado galinhas, marrecos, gansos, perus, galinhas-de-angola e pombos, pelos quais conseguem bons preços. Existem também à disposição os meios necessários para a criação de abelhas; o mel e a cera do sul do Brasil são muito procurados e apreciados na Europa, mas, apesar disso, essa atividade lucrativa ainda é pouco desenvolvida. Os preços de cavalos para montaria e carroça, bem como de mulas, oscilam entre 100 a 300 marcos; os de uma vaca nova de leite, entre 80 a 200 marcos; bois para abate, do planalto, chegam a valer de 40 a 50 marcos; porcos custam de 2 a 4 e 20 a 30 marcos, de acordo com a idade e a qualidade; galinhas e marrecos, 0,5 a 1 marco; gansos, 1 a 3 marcos; perus, 3 a 4 marcos.

Produtos da natureza – 1. Mate ou chá-do-paraguai. Esse produto é fabricado das folhas e pequenos ramos do ervateiro, uma árvore muito abundante no planalto. A coleta é feita praticamente só por morenos nativos, ao passo que a preparação do produto bruto e sua venda são feitas, em parte, também por alemães. Os compradores são exclusivamente os países da região do Prata e o Chile. Na Alemanha, o mate não teve, até agora, aceitação; contudo, a maioria dos alemães do sul do Brasil gosta de tomá-lo por causa de sua boa atuação sobre o corpo e seu baixo preço; 2. madeiras; 3. plantas ornamentais e medicinais; 4. cal de conchas marinhas do litoral.

Indústria – Se considerarmos as atividades ordinárias, a atual indústria se ocupa, em primeira linha com a transformação de produtos da natureza. Nesse sentido, existem, no distrito de Joinville, os grandes moinhos de mate movidos a vapor, a torrefação de cal de conchas no litoral, e, no interior, numerosas olarias, serrarias, atafonas, lagares de óleo, descascadores de arroz, tanoarias para fabricação de barricas para a exportação do mate, curtumes, engenhos de açúcar, vinícolas para uvas e laranjas, fábricas de charutos, etc. Mas igualmente outros ramos da indústria estão representados. Existem também fábricas de pregos, fundições, fábricas de máquinas, marcenarias a vapor, fábricas de sabão, fábricas de cola, tecelagens, fábricas de produtos de malha e de meias, etc. Toda a indústria, à exceção dos moinhos de mate, encontra-se preponderantemente nas mãos dos alemães.

Comércio – Também no comércio, o alemão ocupa o primeiro lugar. Importa produtos industriais europeus e exporta produtos nacionais. Da lista oficial de exportações do ano de 1899, apresentamos aqueles dados que são notáveis para o conhecimento dos produtos em grande escala e seu valor:

Mate	Quilo	4.377.722	Preço oficial	2.188.761 mil-réis
Mandioca	“	7.904.707	“	1.993.419 “
Manteiga	“	402.133	“	1.216.607 “
Açúcar	“	2.345.297	“	831.947 “
Madeiras	“		“	556.277 “
Toicinho	“	614.697	“	533.074 “
Feijão	“	3.231.997	“	461.474 “
Arroz	“	1.175.320	“	372.475 “
Arame	“	1.013.574	“	359.324 “
Peles	“	197.794	“	308.596 “
Aguardente	Litro	724.656	“	266.050 “
Bananas	Peça	577.268	“	232.876 “
Café	Quilo	327.948	“	230.561 “

O mil-réis vale atualmente 1.40 marcos.

A seguir vêm os produtos de menor valor, como milho, fécula, ovos, fumo, cal, queijo, linguiça, sabão, frutas, peixes, galinhas, orquídeas, esteiras, produtos farmacêuticos, etc. Do total das exportações, no valor de 9,5 milhões de mil-réis, 7 milhões vieram da exportação para outros estados brasileiros e 2,5 milhões de mil-réis se referem à exportação para o exterior.

28

Minha primeira viagem de trem no Brasil[*]

Pe. Heinrique Lindgens

Em minha última carta, eu lhe escrevi que estava prevista a construção de uma estação ferroviária em Paraty; o primeiro trecho de São Francisco a Joinville foi construído numa rapidez surpreendente para o Brasil. Na verdade, a ferrovia ainda não foi entregue ao tráfego; todavia, é possível utilizá-la, desde que não se tenha muita pressa ou se encontre uma composição, porque, por enquanto, não se tomam em consideração eventuais passageiros. O trecho de Paraty a Joinville é, pela ferrovia, de 35 quilômetros e, por isso, seria possível percorrê-lo em uma hora e quinze a uma hora e trinta minutos. A cavalo vencemos essa distância em cinco horas. A diferença é, portanto, perceptível e, por isso, o irmão Küpper e eu optamos por fazer a dita viagem com o novo trem, uma vez que não é nada agradável cavalgar durante cinco horas, sentado numa sela. Nós já contávamos de antemão com os eventuais dissabores da viagem.

O horário de partida que nos foi fornecido era muito incerto. Quando o diretor dos trabalhos dá o sinal, então é hora de partir. O trem deveria partir às 5h30min e às 5h nós já nos encontrávamos no lugar e encontramos tudo pronto para a partida.

Munidos de bilhete gratuito para uma viagem em pé, nós não embarcamos dentro do trem, mas subimos em cima do mesmo. Não há ainda diferença de classes; por enquanto, todos viajam no trem de carga. Um grupo de trabalhadores ainda sonolentos e bocejando, munidos de pás, enxadas e de víveres, subiu nos vagões em todos os lados e se ajeitou como pôde. Aos poucos o trem se pôs em movimento. Tendo apenas saído, os trabalhadores perceberam um retardatário. Tão alto quanto possível, gritaram ao maquinista para parar e a maria-fumaça obedeceu... E por que não? Aqui no Brasil todos têm tempo sobrando; por isso, por que ter pressa?

Aos poucos começou a clarear o dia e só então vimos que a viagem não era totalmente sem perigo. Uma olhada para a frente, em direção à máquina, nos mostrou que os trilhos estavam mal colocados: a maria-fumaça cambaleava, como um bêbado, ora para a direita, ora para a esquerda, jogando ora para frente, ora para trás. Mesmo assim, o trem acelerou com tamanha velocidade que quase

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 345-346; 377-378.

me arrependi de ter confiado minha vida a um tão louco companheiro, ainda que por pouco tempo.

A ponte sobre o bastante largo rio Paraty é boa, embora ranja em todas as juntas. Uma coisa me consolou nessa selvagem viagem: logo estaríamos no nosso destino.

Que ilusão! Mal estávamos no outro lado do rio quando, subitamente, o trem parou. À minha pergunta sobre o porquê da parada, os trabalhadores responderam que era para carregar terra. Querendo ou não, tivemos que esperar. O primeiro vagão ficou livre; nós nos deslocamos para aquele, onde se encontrava também um casal de poloneses com duas crianças e uma família de brasileiros com todos os seus pertences, que se constituíam de algumas caixas e um monte de roupas de cama. As pessoas pareciam estar satisfeitas e a mulher quis, a todo o custo, que nos sentássemos na trouxa de cobertas. De lá observamos a alegre movimentação dos operários. Trabalhavam com a pá num barranco que ameaçava desmoronar a qualquer momento. Subitamente a terra cedeu e, em altos gritos, o pessoal saltou para os lados. Um, inclusive, se refugiou debaixo do vagão. "Hoje ninguém se acidenta!", gritou um mulato forte para o outro, "Temos o padre conosco". Após esse atraso, de aproximadamente uma hora, seguimos finalmente adiante.

Após um quarto de hora, parou-se novamente. "O que deve acontecer?", perguntou a polonesa a seu marido. "Aqui provavelmente descarregarão", respondeu ele. Sua opinião foi correta, porém não foi pouca sua admiração quando percebeu que, naquele lugar, era ele que devia desembarcar com toda a sua tralha. Sem demora, sua mobília foi descarregada naquela grota e há quem ache aquele lugar muito bom para se morar. Há água na proximidade, o que se há de querer mais? Essa gente, surpreendentemente, não faz grandes exigências e o que nós, muitas vezes, consideramos imprescindível, a seu ver é puro luxo. No mais, parece que a família não é tão miserável, pois notei que, entre seus pertences, havia um relógio despertador, que aqui não se encontra na maioria das casas. Feliz por ter novamente um lar à vista, o marido soltou alguns foguetes que havia trazido para essa finalidade, ou seja, anunciar aos novos vizinhos sua chegada.

Tivemos que submeter-nos a mais uma parada, onde foi despejada a carga, e de lá seguimos direto até Joinville. Aqui vimos novamente uma estação, a primeira depois de dois anos e que, inclusive, denota um pouco de estilo moderno.

Joinville é uma cidadezinha bem aconchegante, cuja população é, na maior parte, protestante e, assim, ouve-se falar alemão nas ruas e, por um momento, a gente se sente como que transportado para a pátria alemã.

Aqui visitamos primeiramente o pároco, o bom e já idoso Pe. Boegerhausen, que nos ofereceu a mais hospitaleira acolhida. Natural da diocese de Hildesheim,

veio para o Brasil logo após sua ordenação e se tornou pároco de Joinville, onde comemorará, no próximo ano, seu jubileu de 50 anos de sacerdócio. Ele merece, com total mérito, a estima e a consideração que lhe manifestam os católicos e não católicos. Em grande parte a cidade deve a ele o fato de ter um hospital dirigido pelas Irmãs da Divina Providência. Com a maior solicitude e alegria, a superiora mostrou-nos toda a casa, cuja impecável organização, limpeza e meticulosa ordem nos causaram admiração.

Depois de resolvidos nossos assuntos junto a diversos comerciantes, despedimo-nos do bom pároco, agradecidos pela cordial acolhida. Gostaria que tivéssemos ficado com ele uma semana. A minha garantia de que, ao primeiro sinal de uma possível doença de sua parte, algum de nós estaria imediatamente ali para socorrê-lo, foi para ele motivo especial de alegria.

Às 17 horas dirigimo-nos à estação e fomos novamente embarcados qual mercadoria. Dessa vez a locomotiva tinha muito mais pressa. Na estrambótica viagem e com o balançar do vagão em todas as direções, tivemos que concentrar nossos cinco sentidos para não levar um tombo, que poderia ter péssimas consequências. Um homem que se encontrava agachado ao meu lado quase realizou diante de nossos olhos semelhante proeza. Para ter um apoio, segurei-me com firmeza no braço do irmão Küpper. Um experiente cavaleiro que passava nas imediações acompanhou-nos a toda velocidade durante uns quinze minutos, distraindo-nos e fazendo-nos esquecer os perigos. Não sei se ele quis excitar a locomotiva a uma velocidade maior ou mostrar a potência do seu cavalo. De repente ameaçou ultrapassar o trem. Como não lhe era possível acompanhar pela linha do trem, ele teve que seguir pelo caminho de terra, em ziguezague, cruzando muitas vezes com o trem, sob gritos dos trabalhadores e sons estridentes do apito da locomotiva que, como parecia, devia assustar o cavalo, o que realmente aconteceu, de modo que senti receio por esse homem maluco que, no entanto, se divertiu muito. A qualquer cavaleiro prussiano, semelhante corrida teria sido motivo de louvor do mais exigente capitão.

Na viagem de volta, o tempo não foi favorável. Enquanto, na parte da manhã, sofremos apenas com um sensível frio, ao anoitecer começou a chover sempre mais forte. Na verdade estávamos munidos de guarda-chuva, mas ele tinha que desempenhar outra função, a de servir-nos de apoio. Entrementes começou a anoitecer. "Mais rápido!" gritavam os operários ao maquinista. "Ficaremos molhados". E novamente a locomotiva obedecia. Eu teria preferido que ela tivesse moderado a velocidade, pois a situação tornava-se inquietante. Teria preferido molhar-me. Só uma coisa conseguia despertar em minha alma um leve simpático eco: a constante chuva de fogo que saía da fornalha a lenha, pela chaminé, e que a cada gemido da máquina lançava feixes de centelhas na noite escura.

Após hora e meia de viagem, chegamos a casa totalmente molhados. E quando, então, em estoico repouso, recordei a aventura, cheguei à decisão de não mais ser tão precipitado na próxima vez e de fazer a viagem a Joinville no meu fiel cavalo, até que a locomotiva da nova estrada de ferro tenha terminado sua fase de teste.

29

Missão em Guabiruba*

Pe. Francisco Schüler

Ao que parece, pelo que mais vocês esperam é um relato sobre a missão popular. Mas, afinal, uma missão é igual à outra e somente se distingue pela diversidade dos efeitos da graça divina. Apesar disso, seguem alguns detalhes da missão em Guabiruba. Ela aconteceu do segundo ao terceiro domingo da Quaresma. Já três semanas antes ela fora anunciada por toda parte nas colônias e saudada com grande alegria. Muitos colonos já haviam participado, há anos, de uma missão e ainda se lembravam vagamente dos belos dias. Alguns acreditavam que a missão não seria válida se não participassem de todos os exercícios e só a muito custo deixavam-se tranquilizar. O inimigo maligno, o diabo, fazia, naturalmente, também grandes esforços mediante os quais difundia entre as pessoas muitas notícias malévolas. Uma ulterior dificuldade era a pequena capela que, certamente, não abrigaria a maioria dos fiéis. Por isso, emendamos, no lado do sol nascente e por cima da entrada, um grande puxado e assim ampliamos o espaço para muitos, mas nem de longe para todos, pois no decorrer da missão toda a colina do lado esquerdo da capela foi sendo ocupada gradativamente por fiéis, apesar da exclusão de todas as crianças menores de 14 anos.

A abertura aconteceu domingo de manhã, depois da missa solene cantada a mais vozes e acompanhada de harmônio. A multidão que havia afluído era tão grande que nós mesmos ficamos perplexos. Quem pôde comparecer, compareceu, e quem veio no primeiro dia, seguramente não faltou nos dias seguintes e ainda trouxe outros. Para ver como as pessoas tomaram a missão a sério e a que sacrifícios se submeteram, basta lembrar que muitos faziam uma caminhada de três a quatro horas; por isso, muitos se mudaram nesse período para perto da capela. Todos os trabalhos foram paralisados completamente. De madrugada, às 2 horas, já compareciam os primeiros e dessa hora em diante o afluxo era contínuo, até às 7 horas. Por todas as estradas e caminhos rodavam carroças ou carros de boi, outros vinham a pé ou a cavalo. Homens mais ágeis iam, pelos caminhos isolados das colônias, de casa em casa acordar as pessoas para que ninguém chegasse atrasado. No mais, a ordem era como na Alemanha. Para possibilitar a muitos voltarem para casa às 11 horas, havia antes do meio-dia apenas duas

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VI (1906), p. 378-380.

pregações; nas instruções relativas aos deveres de estado civil,[1] todos os participantes ficavam até a noite. Para ajudar nas confissões, vieram ainda de Brusque outros padres, a cavalo. A comunhão era geral para cada estado de vida, com preparação e ação de graças. Que júbilo quando, no final, foi cantado "Deus eterno, a vós louvor", os sinos tocaram e foguetes subiram pelos ares! Só Deus sabe quantas lágrimas de arrependimento, amor e alegria foram derramadas nesses dias! O divino coração de Jesus abençoou copiosamente a boa vontade. Apesar do calor, reinou absoluto silêncio e o mais vivo interesse durante as pregações. Comovente era ver como muitos se esforçavam para trazer ovelhas tresmalhadas para a santa missão. Um velho colono encaminhou-nos, sozinho, sete. Sim, nesses dias o divino coração festejou o verdadeiro triunfo da piedade. Seus sacerdotes passaram nesses dias horas felizes no púlpito e no confessionário. Na quinta-feira veio uma mãe e pediu permissão para permanecer em casa na sexta-feira; durante a semana toda, as crianças haviam ficado sozinhas e choravam pela mãe. Outra pessoa caminhou horas de distância para reconciliar-se, durante a missão, com seu inimigo. Uma outra, que mora a uma hora e meia de distância a cavalo, veio todos os dias a pé, por ser tempo de penitência. Esses são apenas alguns aspectos; não terminaríamos se quiséssemos relatar todos. O momento culminante foi, sem dúvida, o festivo encerramento, com o levantamento da cruz missionária. Uma alegria assim é impossível descrever. Que a semente lançada possa trazer abundantes frutos!

O irmão Kamphausen nos escreve: "Há alguns meses em Brusque, não tive mais tempo suficiente para responder a vossa carta. Além dos trabalhos domésticos, exerço também o cargo de sacristão. Oh! Este é um belo serviço pelo qual já ansiava desde a juventude: contribuir um pouco para a honra e glória da casa de Deus, mas cabe-me também passar o saquinho da coleta, e, aos domingos, na missa solene, exerço mais ou menos o cargo de guarda suíço da igreja; para isso é, evidentemente, necessária uma boa dose de paciência e gentileza. O trabalho de guardião é muito divertido, dado que brasileiros, alemães, italianos se apresentam com os mais variados objetivos: um tem um batizado para marcar, outro quer casar, um terceiro quer confessar, agora vem um para perguntar sobre revistas e livros, um outro deseja rosários, um terceiro quer trocar dinheiro. Mesmo que aqui nem sempre brilhe um céu sereno, sinto-me bem satisfeito".

De São Bento, escreve o Pe. Meller: "Terminou a sobrecarga de trabalhos dos últimos meses, tais como visita do Exmo. Sr. Bispo, tempo Pascal, comunhão das crianças e outras solenidades. Agora podem recomeçar as preocupações com a construção da igreja. O trabalho pastoral em São Bento é muito exaustivo por

1 Trata-se do estado civil: casados e solteiros. Havia também palestras só para homens casados ou mulheres casadas, para moços e para moças separadamente.

causa da imensa extensão da paróquia. Até sua criação, em 1902, a cura d'almas era feita apenas por um padre residente a 86 quilômetros de distância".

Confiantes no divino Coração de Jesus, queremos continuar trabalhando animados e corajosos na cura d'almas.

Concentração popular diante da Igreja matriz de Guabiruba.

30

Visita do superior geral*

Há muito tempo, nosso digníssimo superior geral desejava visitar os estabelecimentos missionários de nossos padres no norte e no sul do Brasil, para ver, com os próprios olhos, sua difícil, mas abençoada atuação apostólica. Chegando o tempo em que deveria acontecer a visita canônica segundo as constituições, ele decidiu fazê-la pessoalmente, apesar dos perigos e de sua idade avançada.

Em 31 de agosto deste ano [1906], ele embarcou em Bordéus, em companhia de outros cinco padres, destinados ao norte do Brasil e, depois de 14 dias de boa viagem, chegou a Pernambuco. O superior geral demorou-se lá até 11 de outubro, visitando os padres isolados em suas distantes paróquias, consolando-os nas suas inúmeras dificuldades e animando-os a continuarem em seus trabalhos. As cartas que ele endereçou ao nosso procurador das missões, o Pe. José Thoss, no decorrer de sua estada aqui, deixam transparecer claramente as alegrias vividas no Brasil.

Entre outras coisas, ele escreve:

"O clima daqui ultrapassou as minhas expectativas. Há três semanas reina aqui a mais agradável temperatura e a gente se sente bem nessa terra tão abençoada pela natureza, onde parece reinar uma eterna primavera. De resto, é de bom alvitre, no futuro, não mais programar a partida de nossos missionários para os meses de novembro ou dezembro, quando é aqui a época de maior calor do ano. É aconselhável deixá-los partir em abril ou agosto, a fim de que efetuem, mais facilmente e sem perigos para a saúde, a transição da primavera para a época mais quente do ano.

"Foi para mim motivo de grande consolo visitar os túmulos de nossos missionários falecidos aqui e rezar diante de seus jazigos. O falecido Pe. Nesselrath já conquistara grande estima e simpatia de toda a população, durante a sua curta atividade. As pessoas falam dele e de suas atividades com grande respeito, e seu túmulo em Goyana encontra-se sempre enfeitado com as mais belas flores.

"Também Pe. Ludwig Wolff pôde mostrar grandes e surpreendentes resultados. Ele se entregou de corpo e alma ao trabalho, que cresce muito além de suas forças. Devemos enviar-lhe um ajudante. Atividade semelhante desenvolve

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 40-43.

Pe. Wedemeyer em Camaragibe. Todos os padres me proporcionaram muita alegria e satisfação.

"Também eu sou da opinião de que é absolutamente indispensável a fundação de um convento num lugar central para o conjunto da vida missionária, onde os padres poderão, de tempos em tempos, recolher-se para descansar e fazer retiro espiritual. Estudarei mais detalhadamente *in loco* essa questão. Trata-se, no entanto, de resolver, de maneira satisfatória, a difícil questão da manutenção de semelhante estabelecimento.

"Se possível, deverei fazer uma visita ao Exmo. Sr. Bispo de Curitiba e apresentar-lhe meus cumprimentos já no Rio de Janeiro, onde, nesses dias, se reúnem os Bispos para apresentar ao Arcebispo as felicitações pela elevação ao cardinalato."[1]

As demais notícias nós extraímos de uma carta de nosso Revmo. Superior Geral, de Paraty[2], com data de 28 de outubro.

"Cheguei bem ao solo sul-brasileiro e provavelmente deverei permanecer aqui durante um mês. Pe. Lux, o superior da missão do Brasil meridional, foi ao meu encontro no Rio."

"Aqui em Paraty encontram-se sediados os padres Lindgens e Rogmann e o irmão Küpper. São muito zelosos e eficazes no despertar e estimular novamente a vida religiosa nessa imensa paróquia onde, há mais de 20 anos, não atuou mais nenhum sacerdote. Os padres vivem aqui na maior pobreza. As portas são tão estreitas e baixas que só se consegue entrar no interior da casa abaixado e, em dia de chuva, é difícil não ficar molhado, por falta de um bom telhado. Todos os móveis são emprestados, mas, para minha visita, os padres compraram uma mesa e algumas cadeiras. O Pe. Rogmann, além do trabalho pastoral, ocupa-se também com o quintal. Um magnífico pomar de laranjas, uma pequena plantação de café e um orquidário se estendem em volta da casa. Irmão Küpper, o mestre da cozinha, sabe preparar excelentemente bem peixes do mar, caranguejos e camarão."

"As autoridades e os notáveis do lugar me fizeram uma visita. Percebe-se como, aos poucos, a população novamente encontra o caminho da Igreja e, com isso, adota uma conduta melhor. A missa dominical é novamente bem frequentada. Aos sábados à noite, já se veem moradores distantes chegando de todas as direções, os quais pernoitam em casa de amigos para não perder a missa dominical. Aqui se encontra realmente um exemplo edificante de um grande fervor. Um negro idoso faz, todos os domingos, um percurso de quatro quilômetros para participar da santa missa. A igreja é velha, mas limpa. Antigamente o coro era

1 Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (Cimbres, 17 de janeiro de 1850 – Rio de Janeiro, 18 de abril de 1930) foi o primeiro cardeal do Brasil e da América Latina. Foi nomeado pelo Papa São Pio X no Consistório do dia 11 de dezembro de 1905.

2 Paraty é a atual cidade Araquari, perto de Joinville-SC.

reservado aos livres e aos brancos e a nave, aos escravos. O altar está decorado com uma magnífica imagem do *Ecce Homo*, a qual é muito venerada pelo povo do lugar. Nossos padres dedicaram um altar especial ao Sagrado Coração."

Em companhia de Pe. Lux que, de forma amável e de modo afetuoso, se dedicou ao Superior Geral, a viagem continuou de Paraty a São Bento, onde eles chegaram no dia de Todos os Santos. Sobre a viagem, o superior geral escreveu o que segue:

"Fizemos o trajeto de Paraty a Joinville em cinco horas, de canoa. É verdade que também o trem faz o percurso de Paraty a Joinville, mas é muito pouco seguro e já sofreu vários descarrilamentos, com algumas mortes. A viagem seguiu, na maior parte, entre bonitas ilhas ao longo do litoral e o olhar se encheu de alegria com a vista das imensas florestas que aqui se estendem por horas a fio. As canoas são feitas de troncos de árvores escavados, tal qual as encontramos entre os negros da África. A nossa era de aproximadamente 1m40cm de largura.

"Em Joinville embarcamos numa carroça puxada por quatro cavalos e, depois de rodar dois dias por péssimas estradas, chegamos finalmente a São Bento.

Padres: Lux, Stolte, Lindgens e Superior Geral Pe. Dehon, em Brusque.
Peregrinação a Azambuja no dia 14.11.1906.

"São Bento está bem localizada, no alto de uma serra de 800 metros. Aqui todos são alemães e os protestantes constituem a maioria. Nossos padres desenvolvem um bom trabalho e sentem-se contentes. Estão construindo uma nova

igreja bem no alto, de onde se tem uma vista panorâmica de toda a cidade. Os colonos se dispuseram a transportar gratuitamente o material. No entanto, a construção vem-se realizando aos poucos, pois os colonos dispõem de pouco tempo livre. Eles moram espalhados na região, o que torna mais difícil a cura d'almas.

"Estamos atualmente na primavera. Os cereais estão em flor, os pêssegos amadurecem. Dentro de alguns dias seguirei viagem a Brusque, a sede principal da missão. Rezem muito por mim".

***

Falando de sua travessia oceânica, temos também diante de nós uma série de descrições particulares dos nossos missionários, Pe. Spettmann e Ir. Schwartmann, que partiram no fim de outubro. A viagem foi bem turbulenta, a ponto de os passageiros que já a fizeram muitas vezes afirmarem jamais ter vivenciado algo parecido. Disso resultaram não poucas oferendas a Netuno, o deus do mar, e especialmente o Ir. Schwartmann sofreu muito com os enjoos. O mais desagradável nisto foi que, pelo mesmo motivo, não puderam contar com o consolo da Santa Missa; apenas duas vezes puderam celebrá-la durante a viagem propriamente dita.

Nem por isso os missionários estavam menos animados e cheios de esperança em vista do futuro. Nós recomendamos, tanto eles como sua futura atividade, às orações de nossos leitores.

31

Notícias do Brasil Meridional*

Primeiramente, a agradável notícia de que Pe. Spettmann e o Ir. Schwartmann aportaram sãos e salvos em São Francisco do Sul, no dia 3 de dezembro. Um incidente a bordo – o falecimento de uma mulher de 82 anos – ocasionou o falso boato de que havia surgido no navio a febre amarela. Juntamente com Pe. Lindgens, eu presenciei a chegada do vapor "Bonn"; Padre Boegerhausen, de Joinville, representante da Associação São Rafael, nada pôde fazer apesar da melhor boa vontade. Os problemas com a alfândega foram resolvidos sem dificuldades e, já no segundo dia após a chegada, pudemos seguir viagem a Itajaí, onde os Padres Foxius e Thoneick nos receberam com a maior alegria.

Padre Geraldo Spettmann.

Irmão João Schwartmann.

Em atendimento ao vosso desejo, farei a seguir uma breve retrospectiva da visita de nosso Superior Geral.

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 84.

“No dia 12 de outubro viajei ao Rio de Janeiro, aonde o Padre Geral chegou na manhã do dia 16. No dia 19 viajamos, de trem, até São Paulo (500 km), alguns dias mais tarde até Santos, onde embarcamos no vapor que nos levou até São Francisco do Sul. Primeiro visitamos Paraty e Joinville; de lá partimos a São Bento. Infelizmente nosso Superior não suportou muito bem a penosa viagem de dois dias, pois esteve doente por alguns dias em São Bento. No começo de novembro viajamos, de carroça, até Blumenau, onde os franciscanos têm importante sede. De lá seguimos, de navio, a Itajaí e, em seguida, a Brusque, onde aconteceu uma reunião com a presença de quase todos os padres. Ficamos felizes e encorajados ao ouvir de nosso superior o quanto ele está satisfeito com os nossos trabalhos e com o progresso alcançado até agora; ele prometeu-nos um vigoroso apoio. Após uma estada de oito dias em Brusque, ele permaneceu uma semana em Itajaí e, no dia 27 de novembro, voltou ao Rio de Janeiro e de lá, para a Europa.

Foi decidido que a casa central será em Brusque. Essa preferência se deve à brava população que ali reside, ainda que seja significativa a distância de 40 quilômetros interior adentro. Pretendemos comprar, dentro em breve, um terreno e então apresentaremos um projeto, bem como proposta de orçamento. Como, praticamente, não nos sobram recursos aqui, recomendamos a nova construção em primeiro lugar, à generosidade da Congregação.

Com os melhores cumprimentos,”

Pe. Gabriel Lux

32

A vida dos agricultores alemães no sul do Brasil*[1]

No ano passado, as colônias alemãs ocuparam um lugar extraordinário nos debates do parlamento alemão, nas colunas dos jornais e também nas cifras da economia do Império. Todavia, nenhum alemão sensato ousará afirmar – exceto certos fornecedores de produtos coloniais e entusiastas da marinha – que, até o momento, tenham sido alcançados verdadeiros sucessos coloniais e que, em especial, a jovem Alemanha africana proporcione algum dia verdadeira satisfação.

Há também, em outros lugares, colônias alemãs que têm de tudo o que pode satisfazer o coração de um colono por dias melhores: solo rico em saudáveis regiões subtropicais, com uma população alemã compacta que, com trabalho pertinaz e inteligente, transformou a floresta virgem em terras produtivas. Por toda parte, trabalho feliz e relativo bem-estar. Tão longe quanto a vista alcança, sítios e mais sítios, vilas e mais vilas. Nelas existe o que se almeja na velha Europa, por causa da angustiante opressão da concorrência e da angústia da superpopulação: possibilidade ilimitada de expansão e desenvolvimento. Colônias assim são colônias alemãs, todavia, – e este é o humor amargo da coisa e que soa como ironia – elas, tais quais as numerosas fundações alemãs da América do Norte, não pertencem à Alemanha.

Nos estados do sul do Brasil, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os agricultores alemães transformaram uma larga faixa da antiga floresta em terras produtivas. São as colônias alemãs! O brasileiro não vê com muita simpatia os alemães, mas quando passa por suas colônias e as compara com o trabalho de seu próprio povo, que, após ocupação de três séculos, povoou apenas a menor parte desta maravilhosa terra, então ele é levado a reconhecer que o alemão é um excelente agricultor. Contudo uma gota amarga cai na taça de alegria do enérgico alemão nato: as colônias alemãs no Brasil são, e sempre serão, para ele, uma terra estrangeira.

Existe, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, uma considerável série de colônias alemãs fundadas há 70 ou 80 anos; ao lado delas surgiram, em pouco tempo, e sucessivamente, novas fundações, algumas maiores e outras, menores. Não raro

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 85-90; 131-134; 187-188.

1 Para a elaboração deste esboço, foram utilizados os excelentes ensaios de I. Ming, *Kath. Welt*, julho de 1906, e o instrutivo livro do Pe. Schupp S.J., *Os Muckers*, Paderborn, Bonifatiusdruckerei. (Nota do autor).

os filhos de colonos empreenderam a fundação de novos núcleos. A afluência de novos imigrantes da pátria alemã nunca parou completamente, mesmo que não seja comparável com a imigração para a América do Norte. Também empresas alemãs nas cidades livres hanseáticas retomaram, nos últimos anos, esse movimento de imigração para o sul do Brasil e organizaram corretamente a obra de colonização destas tão bem situadas regiões de Santa Catarina.[2]

Dessa forma, a obra colonizadora é sempre abastecida com novos imigrantes. A imensa floresta brasileira oferece espaço para verdadeiros exércitos de colonos. Nada é mais interessante do que ver uma colonização se transformando e crescendo na floresta brasileira. Sem dúvida, há 70 ou 80 anos havia incomparavelmente mais romantismo, mas também mais dificuldades, perigos e tragédias. Oxalá tivessem alguns dos antigos pioneiros, que agora já descansam na paz em solo brasileiro, escrito suas memórias. Seria uma interessante coletânea, tão excitante quanto as vivências de Robinson Crusoé. Condutas peculiares e destinos de vida e façanhas admiráveis teriam saído de suas mãos calejadas. Mas nós não nos propomos a tão altos objetivos; seguindo os apontamentos do veterano missionário, o Pe. Schupp, pretendemos esboçar, a seguir, um quadro da primeira colonização e, depois, apresentar um modelo exemplar de como hoje se coloniza no Brasil.

1 As primeiras colônias alemãs do sul do Brasil

Datam de oito décadas as primeiras experiências de colonização com agricultores alemães nos estados do sul do Brasil; um espaço de tempo relativamente curto, se tomarmos em consideração as espantosas realizações do germanismo. Hoje, inclusive, a palavra "teuto-brasileiro" é uma expressão de uso corrente. No entanto o começo foi difícil, muito difícil. Cada palmo de terra teve que ser conquistado a duras penas à floresta, com foice e machado, até ficar pronta para o plantio. Pai, mãe, filhos, todos ajudaram a seu modo nessa tarefa. Quantas vezes tiveram que recuar horrorizados, ao se deparar subitamente com uma cobra venenosa ou uma dessas horrorosas aranhas do tamanho de uma mão que se abrigam na floresta! Era suficiente uma paulada para fazê-las inofensivas e, em pouco tempo, os colonos estavam acostumados com tais surpresas. Mas a espingarda sempre devia estar ao alcance da mão, para manter bem afastados outros hóspedes. Estes eram o jaguar e outros animais predadores que poderiam se apresentar. Também era necessário estar preparado para um eventual ataque de

2 O autor se refere certamente à Sociedade Colonizadora Hanseática a qual colonizou a região que compreende os atuais municípios de Ibirama, Presidente Getúlio e Dona Emma (Hansa Hammonia) e também a região referente ao município de Corupá (Hansa Humboldt).

indígenas. Embora eles se mostrassem, no início, pacíficos para com o homem branco e observassem com amistosa curiosidade os costumes dos imigrantes, todavia tomaram posição contrária, quando viram como os estranhos destruíam áreas de floresta cada vez maiores, o que os levou a mudar completamente sua opinião. A visita de tais hóspedes custou a vida de mais de um colono. Assim, o trabalho penoso e perigoso se prolongava das primeiras horas da madrugada até noite adentro, com a exceção do curto intervalo oferecido pela sequiosa hora da refeição.

É preciso ouvir os agricultores mais antigos contarem suas aventuras. Quase todas as histórias são uma teia tecida de milhares de vicissitudes, sofrimentos e sacrifícios e entretecida muitas vezes, de maneira comovente, com os fios da benevolente providência. Somente depois de passados esses primeiros incômodos e dificuldades é que as preocupações foram, aos poucos, cedendo espaço às alegrias e, no lugar da saudade das vivências da antiga pátria, se acendeu uma alegre satisfação. O homem que, muitas vezes, passava necessidades e privações em sua terra natal contemplava, agora, uma área de algumas mil braças que ele podia dizer que era sua.

Aos primeiros imigrantes seguiram-se outros. Os relatos dos irmãos que os haviam precedido e as tentadoras condições que se lhes ofereciam, atraíram, em pouco tempo, centenas e centenas de imigrantes para quem a situação se tornara difícil na terra natal. Foram então demarcadas terras e distribuídos novos lotes coloniais. Na abertura e medição dos lotes, os agrimensores procediam da seguinte forma: primeiro era aberta na floresta uma longa e estreita tira de terra, uma picada, ou, como diziam os alemães, uma linha. Essa picada era dividida transversalmente, a cada 100 braças (1 braça = 2,20 metros) de distância, por faixas de terras com 1.600 braças de comprimento. Desse modo a região era divida em colônias individuais, distribuídas aos colonos. A colônia media 100 braças de largura por 1.600 braças de comprimento: 100 x 1.600 = 160.000 braças quadradas ou 220 x 3.520 = 774.000 metros quadrados. Todo o complexo, distribuído dessa forma, recebia um nome oficial e era subordinado a um diretor de colônia. Todavia os alemães tinham o costume de dar, além do nome oficial, outro nome, escolhido, na maioria das vezes, ao acaso. Muitas vezes, era dos primeiros moradores que a picada recebia sua denominação ou, então, na época do início, dos primeiros produtos ou da situação. Assim, existem picadas com o nome de Linha dos Suábios, dos Portugueses, Linha Verão e Linha Inverno, Linha do Vale, do Morro, do Café, da Batata, do Feijão, do Fumo, etc.

Com o crescimento da população, cresceu, naturalmente também, o número de linhas coloniais e, em pouco tempo, a floresta virgem se transformou em área agrícola povoada. Por toda parte, via-se no meio da floresta, ora aqui, ora acolá, agora num aprazível vale, ou numa romântica encosta, a abertura de

novas clareiras, nas quais os troncos queimados e as modestas cabanas indicavam que um novo colono ali se instalara. Evidentemente, as condições precárias do começo não permaneceram inalteradas. Depois de alguns anos, muita coisa havia mudado. Em lugar das cabanas miseráveis, foram construídas casas habitáveis, ainda que muito simples. Ao redor delas, um verde e florido bosque de laranjeiras e, diante da porta, delgadas palmeiras acenam com suas copas para cumprimentar os visitantes. Vê-se, não muito longe da casa do colono, o potreiro, um pasto cercado onde alguns cavalos e bovinos, os primeiros frutos de sua pecuária, vagueiam a pastar. Mas, acima de tudo, a roça, a parte de sua propriedade transformada em terra cultivável, à qual ele dedicou a maior parte do seu tempo, ampliou-se significativamente e lhe deu uma verdadeira aparência de progresso, pois os imensos troncos de árvores que tombaram aos golpes do machado e cujas cinzas adubaram a terra já desapareceram até os últimos vestígios.

Família de colonos alemães.

Mas aconteceram também mudanças no interior da família. Os filhos cresceram e, entre os rapazes, logo havia um ou outro em idade suficiente para fundar seu próprio lar. Este assumia então uma parte da propriedade paterna, ou

procurava um lugar, em geral não muito longe da casa dos pais, onde estabelecia seu próprio lar. Disso resultou que as residências se multiplicaram e se aglomeraram cada vez mais.

A necessidade de comunicação social levou automaticamente à construção de caminhos e estradas. A maneira de construir estradas era muito simples. Com o facão e a machadinha, abria-se uma estreita clareira através do mato. Não havendo obstáculos, seguia-se em linha reta, caso contrário, não se hesitava em fazer desvios. Evidentemente esses caminhos, abertos mais ou menos a esmo e em geral muito acidentados e difíceis de transitar, conduziam morro acima e morro abaixo, por montes e vales, através de mato espinhento e sobre troncos caídos transversalmente, muitas vezes ao longo de íngremes encostas e atravessando, inclusive, rios caudalosos ou pequenos riachos. Mas como o colono, que normalmente anda descalço, podia fazer seus indispensáveis deslocamentos depois de alguns dias de chuvas torrenciais, tão frequentes aqui, quando o solo poroso fica ensopado e amolecido, coberto de indescritíveis lamaçais? Uma circunstância contribuiu para amenizar essa dificuldade. O Brasil é muito rico em cavalos; deles o brasileiro sabe fazer uso de forma excelente para diferentes finalidades, especialmente para suas viagens. O alemão o aprendeu com ele e, como os cavalos são, em geral, muito baratos, o mais pobre possui ao menos um; a maioria, no entanto, possui dois, cinco ou mais. Com ele o colono troteia por aí. Ele só sai a cavalo. Prefere cansar-se, correndo meia hora atrás do animal no potreiro até pegá-lo, do que fazer a pé a viagem que demoraria 15 minutos. No início, esse modo de viajar estava certamente associado a não poucos incômodos, mas, aos poucos, tornou-se fácil, e trajetos de oito a dez horas eram para o cavaleiro não muito mais que um passeio bem puxado. Com muita frequência, ou quase sempre, esses caminhos, abertos no início da colonização, passavam pela propriedade dos vizinhos. Permitia-se isso, mas com a ressalva de que o transeunte fechasse as pesadas porteiras dos potreiros, uma precaução necessária para impedir a entrada de animais estranhos e a saída dos próprios.

Entrementes, as colônias foram alcançando lentamente uma aparência hospitaleira. O mato foi diminuindo mais e mais e, em vez de clareiras isoladas, foram surgindo nos vales e nas encostas extensas áreas de terra zelosamente cultivadas.

Também já haviam melhorado as condições no atendimento às necessidades domésticas e transações comerciais. O agricultor precisava dos mais variados utensílios para a casa e cozinha, bem como de instrumentos para os diferentes manejos de sua profissão. Precisava de temperos e de outras coisas para sua comida, de roupas para aparecer civilizadamente em público. Para conseguir isso, ele tinha que percorrer os longos caminhos até a cidade, em viagens tão difíceis quanto demoradas. Por outro lado, ele precisava se preocupar com o saldo de

seu rendimento anual, transformando-o em moeda corrente, ou trocando-o por mercadorias no comércio local para suprir suas necessidades. De bom grado ele se dispunha a arcar com algum prejuízo, contanto que não precisasse suportar a fadiga do longo transporte. Esse estado de coisas os especuladores souberam explorar muito bem. Construíam grandes armazéns com muito espaço para mercadorias, onde apresentavam um sortimento com os mais variados produtos: especiarias, tecidos, louças, instrumentos de ferro e outras coisas das quais o colono sempre tinha necessidade; também vinho, cachaça, cerveja e licores de diversas espécies e os ofereciam aos fregueses, que afluíam em grande número. Denominavam-se essas casas com o nome brasileiro de **vendas**, germanizado *Venden*, que quer dizer casas de comércio, cujo proprietário é o vendista, ou o homem da venda. Para essa venda, o agricultor levava as sobras da colheita, como feijão, arroz, banha, manteiga, ovos, mel e assim por diante, e, como pagamento, recebia dinheiro ou mercadorias.

Casa de comércio.

O próprio dono da venda tinha um grande número de mulas, 30, 40 ou mais, para o transporte; depois de adquirida quantidade suficiente de determinado produto, levava a mercadoria em suas mulas para a cidade mais próxima onde, então, obtinha um considerável lucro. De todos os lados, tropas de mulas amarradas umas às outras traziam os produtos dos colonos para a vila, o ponto central da vida da colônia que, por sua vez, tinha uma comunicação regular com a capital da província. As mercadorias eram transportadas em grandes lanchas – pois no começo não existiam vapores – para a capital, de onde provinha o dinheiro para a colônia.

Mais de um agricultor honrado começou a guardar pequenas somas e não poucos dos que vieram pobres conseguiram, com trabalho e economia, alcançar uma posição abastada e livre de preocupações. Também muitos comerciantes e artesãos aqui se instalaram. Junto à estrada ouvia-se o martelar do ferreiro e, nos vales solitários, o matraquear do moinho. Nada parecia faltar ao lavrador em seu afortunado destino. De uma coisa, contudo, ele sentia falta. Até então ele passara praticamente sem qualquer assistência espiritual e, nesse aspecto, ele tinha que ser ajudado.

Para sorte inestimável dos imigrantes alemães, a maioria dos lugares conta atualmente com bom atendimento religioso e escolar. Sem a generosa ajuda da terra natal, eles teriam, nesse aspecto, definhado de forma lastimável. Nas primeiras décadas, tal como os brasileiros, eles gemeram sob a maldição do abandono religioso. No Rio Grande do Sul, porém, eles encontraram socorro nos jesuítas expulsos da Alemanha, os quais organizaram uma assistência religiosa regular aos agricultores. Os inacianos fundaram escolas e igrejas e foram diligentes na formação de um clero nativo. Os franciscanos alemães fizeram o mesmo no vizinho estado de Santa Catarina e, aqui como lá, os padres recebem um importante apoio das Irmãs alemãs. Não devem ser esquecidos os numerosos padres da diocese de Münster que, há muitos anos, vêm se dedicando à cura d'almas dos colonos. Nesse trabalho tomam parte, há três anos, os membros de nossa Congregação do Sagrado Coração de Jesus, cujo número já chega a 14 em Santa Catarina.

Th.

2 Como se coloniza agora no sul do Brasil

Todo colono do sul do Brasil precisa trabalhar, trabalhar mesmo, trabalhar com férrea perseverança. Quem esperar por outra coisa, ou quiser encontrar no Brasil a sorte por outros caminhos, não deve ir morar na floresta virgem, pois, nesse caso, conformar-se-á à fracassada existência do negro e do mulato, do semisselvagem e do caboclo que vivem à míngua em miseráveis ranchos, como proletários da floresta e párias dos colonos, ou entregam-se a qualquer ganho cego. Muito raramente um alemão afunda tanto. Olhemos o bravo colono pioneiro no seu trabalho específico.

Eis que chegou ao sul do Brasil o imigrante, o compatriota alemão, o homem do trabalho, com braço musculoso e olhar penetrante. Ele alcançou finalmente seu lugar de destino nos confins da floresta. Um mundo novo abre-se diante de seus olhos, o velho fica para trás. Ele esquece os grandes sofrimentos, as indescritíveis provas de paciência da travessia, a parada no Rio de Janeiro, o desembarque no litoral sul-brasileiro, os caminhos do litoral para o interior

adentro. Tudo passa para um segundo plano, em vista dos milagres com os quais agora se depara. A despedida da pátria, no entanto, jamais será esquecida, mesmo que ele viva 100 anos.

Ele está sozinho, pois a mulher e os filhos que se encontram a seu lado, o que são eles senão parte dele? Um considerável pedaço de floresta, medido em retângulo, foi-lhe indicado pelo agente e pelo engenheiro do governo. Instrumentos e víveres de primeira necessidade ele levou consigo. Ele contempla seu lote com um sentimento indescritível. A nova pátria! "Este terreno é meu ou como se fosse meu", diz ele para si, pois as prestações estipuladas são tão baixas e para um prazo tão longo que quase se pode falar de uma doação da terra.

A consciência de pisar em chão próprio provoca, naturalmente, entusiasmo; essa é a primeira impressão; a segunda, no entanto, é bem oposta. A visão da floresta deprime o recém-chegado. Também para ele a floresta tem seu encanto, mas é um encanto hostil, o sentimento da impotência o domina. Espantado, ele olha para as gigantescas árvores que, em orgulhosa calma e reclamando seus direitos milenares, balançam suas copas no azul celeste. Através do impenetrável e emaranhado matagal, vem ao seu encontro a gritaria dos papagaios e a antipática gritaria dos macacos em fuga mato adentro; mais de longe, do escuro seio da mata, chegam aos seus ouvidos vozes de pássaros desconhecidas e pouco melodiosas; no ar abafado dançam enxames de mosquitos, que começam a cercá-lo, sedentos de sangue. Como lhe parece tudo estranho, inquietante, hostil! Por um instante emerge, diante de seus olhos, a distante pátria como um paraíso perdido.

Ele, todavia, afugenta corajosamente a sedutora imagem, não há volta. Com palavras de consolo, ergue sua esposa, que havia sucumbido esmorecida e desanimada, e imediatamente põe mãos à obra. Trata-se de uma batalha de vida ou morte contra a floresta. Segue-se a primeira refeição, a primeira noite na floresta.

A primeira coisa a fazer é construir uma cabana ou, mais que isso, um galpão, chamado rancho, pois o galpão dos imigrantes se encontra muito longe e, de mais a mais, é um alojamento simples, sem atrativo. E o que é necessário para a primeira casa na floresta? As intempéries da natureza não contam tanto aqui e animais selvagens não há para temer. O material está à disposição em abundância. Ali está, sobretudo, a alta palmeira, a nobre árvore, amiga do homem, da qual o colono imigrante pode fazer o telhado e as paredes de sua cabana e praticamente tudo o mais.

Então começa a derrubada. O machado ressoa e desperta um eco sonoro pelo santuário da floresta. Estalando, tombam os gigantes da floresta; grandes clareiras se abrem na mata espessa. Completa-se a limpeza da derrubada com machadinha e foice. Avança-se passo a passo, são dias de trabalho árduo. Durante todo o dia, a panela de comida borbulha no rancho, ou então, no lugar

Começo na floresta.

de trabalho. É a excelente comida típica brasileira, o feijão preto, que, com a farinha de mandioca, constitui-se em alimento saboroso e nutritivo. Além disso, saboreia-se bolo de fubá e toma-se o mate, o chá brasileiro que estimula à calma, sem excitar como o café ou como o álcool assassino que leva à lassidão e à ruína.

Sob fortes golpes jaz, por terra, uma área de floresta. Então o colono chama seus valentes companheiros para queimar a roça, pois, sozinho, o fogo tomaria conta do mato. Visíveis de longe, elevam-se para o alto, ao anoitecer, as chamas dos enormes montes de lenha; pesadas massas de fumaça, formando nuvens escuras, elevam-se em redemoinho para o firmamento iluminado, como se fossem expelidas de uma cratera de vulcão. Um belo espetáculo, digno de ser visto, uma verdadeira celebração da vitória da cultura que avança.

A mata rasteira e a ramagem foram consumidas pela chama. Em contrapartida, os troncos jazem chamuscados pelo terreno. Também as raízes, que não queimaram e que ainda aparecem na flor da terra, o colono imigrante deixa intocadas. Sem se preocupar, deixa que o tempo as devore.

O pedaço de mato derrubado chama-se, agora, roça. Agora é a vez da pá e da enxada, pois é necessário cultivar o solo. Nessa terra fértil, adubada com a cinza da queimada, são lançadas sementes, sobretudo de feijão preto, a comida diária do colono, em seguida de milho, batata-inglesa e de batata-doce. Mais tarde, também há o plantio de mandioca e cana-de-açúcar e, nos lugares úmidos, de arroz. O colono imigrante que vem do pobre e frio Norte e que, durante anos, acabou-se em trabalhar em áridas charnecas, vê agora, com feliz admira-

ção, como a lavoura se desenvolve tão depressa e tão bem e logo amadurece no exuberante Sul. Isso é uma outra terra, um outro céu.

Que entusiasmo, quando nosso colono colhe os primeiros frutos, quando os primeiros produtos da plantação enchem seu paiol! Quanta fadiga, quantos dias e semanas de preocupações e medo estão agora compensados! Logo a segunda colheita estará aí. Assim, o colono imigrante pode, na verdade, colher continuamente logo um, em breve outro fruto se ele entende a arte de plantar e tomar ensinamentos de seus vizinhos. Aqui nenhuma geada ou neve forçam a terra e as pessoas ao descanso involuntário; o inverno subtropical não tem em si nada de rigoroso.

As primeiras plantações do colono.

O desmatamento continua sempre floresta adentro; novas áreas são incorporadas às antigas e, pouco a pouco, o colono colhe, com muito ânimo, o abundante fruto de tudo o que ele plantou nessa rica área cultivada. Há tempo ele já formou um pomar de laranjeiras e plantou uns pés de banana. E vem o dia em que ele transporta para a venda, em sacos bem carregados, os primeiros frutos de sua lavoura e põe no bolso o primeiro rendimento líquido. Assim, ele se sente como que tendo subido alguns degraus em sua existência.

Ao mesmo tempo, nosso pioneiro da floresta se mantém em contato com os colonos vizinhos que, com certeza, não moram a uma distância de um arremesso de pedra, para ajudá-lo em caso de necessidade. Ele faz suas viagens à

distante venda, a casa de comércio, que se encontra junto à estrada geral e que serve aos colonos transeuntes e tropeiros, suprindo-os em suas necessidades. Também se embrenha pela floresta adentro como destemido caçador; porém, desiludido, volta para casa com pouca caça. De fato, a floresta brasileira é pobre em animais para caça.

Assim a vida transcorre por alguns anos. Então ele constrói seu verdadeiro lar, uma casa de madeira e tábuas, com paiol e estrebaria em anexo. Que rústico! Parece-lhe, contudo, um palácio, uma residência senhorial, feita para ele com as próprias mãos. E assim a vida prossegue, sem se aborrecer com o trabalho, com sucesso ascendente e crescente satisfação. O colono cultiva e planta, colhe e vende. Adquire para sua casa toda sorte de ferramentas e instalações. A essas alturas ele já povoou sua colônia com animais domésticos, com vacas e cavalos, porcos e cabras, galinhas, patos e marrecos. As plantações de milho e cana-de-açúcar fornecem trato em abundância e em volta da casa estende-se uma ampla pastagem. A ativa dona de casa plantou um jardim e horta, onde cultiva flores e verduras.

Mas há também o domingo na floresta. E o colono imigrante, bem como a mulher e os filhos, montam na sela e, por uma ou duas horas, seguem a cavalo, na manhã ensolarada, pelo sinuoso caminho até a igreja. Vales amenos, galerias sombreadas da floresta, águas rumorejantes, todo tipo de vida no meio das árvores em flor e vegetação bem viçosa – que maravilhoso mundo de Deus! –, tudo coberto pela abóbada límpida e azul radiante do Sul. Na capelinha, construída por zelosos missionários, a piedosa comunidade presta ao Todo-Poderoso o devido tributo.

Na casa do colono, os filhos e filhas crescem e trabalham à porfia; a propriedade se multiplica e, há muito, desapareceu qualquer medo. Em orgulhosa satisfação, o pai de família contempla o que ele conseguiu com seu trabalho, o que lhe pertence. E certo dia – seus cabelos já são brancos e a energia dos melhores anos diminuiu – ele derruba sua primitiva casa de colono e começa a construir de novo. Dessa vez não é uma construção de emergência, mas uma casa aprazível, uma confortável residência. É o fim e o coroamento de sua carreira. Agora ele descansa, respeitado e amado pelos seus, como patriarca.

Ele não merece respeito? Ele é, efetivamente, um verdadeiro pioneiro da cultura. O que ele realizou e suportou, o que ele vivenciou! Há 30 ou 40 anos, ele penetrou sozinho nessa floresta selvagem, erma, mas multidões de pessoas com igual ambição o seguiram, e a clareira que ele abriu na mata tornou-se o ponto central de uma aldeia colonial, onde mora gente laboriosa e satisfeita, conterrâneos alemães leais que começaram sem nada e agora gozam de um confortável bem-estar.

Essa é uma história que se repetiu centenas e milhares de vezes na floresta virgem do Brasil e é, por assim dizer, um resumo da história da colonização do

sul do Brasil. Para muitos imigrantes as coisas aconteceram também de outra maneira, às vezes pior, às vezes melhor, e é necessário aqui, ainda que brevemente, traçar, sem ordem, algumas histórias de vida. Muitos sucumbiram no combate; não entendiam os segredos da floresta, ou se cansaram na ininterrupta luta; o ânimo esmoreceu e as forças se esgotaram. Alguns adoeceram, pois, por mais saudável e agradável que seja a terra, o imigrante alemão precisa normalmente pagar ao clima seu tributo de entrada – ele precisa aclimatar-se. Um pérfido destino persegue a outro que teve o azar de se estabelecer numa área de terra improdutiva ou mal situada e, depois de anos de labuta em vão, ele, desanimado, vai embora para levar, talvez, uma vida miserável numa cidade portuária, como triste personagem de existência fracassada.

Outros tiveram sorte melhor; tiveram valiosa ajuda dos filhos maiores ou puderam contar com a ventura de trazer da pátria um pequeno capital para investir no negócio. Também aqui o dinheiro evidencia seu poder mágico e acelera poderosamente o processo de desenvolvimento descrito acima. O colono que dispõe de dinheiro em espécie pode contratar trabalhadores, pode, logo no começo, adquirir animais domésticos, utensílios e instalações. Não precisa esperar até a velhice para morar numa bonita casa colonial.

Ditosos aqueles colonos que têm a sorte de poder morar junto a uma razoável via de comunicação, um rio navegável, ou perto de uma ferrovia. A melhor ajuda que o imigrante pode receber é a oferta de condições de transporte para os produtos que ele quer vender. Para os colonos alemães só há uma preocupação: as vias de comunicação. Sem estradas, sem pontes, sem ferrovias – uma abundância de produtos em oposição à total falta de meios de transporte – eis o que é o Brasil. Apenas São Paulo, o estado do café, está nesse aspecto em melhores condições, e no Sul, embora devagar, a situação está melhorando.

Apesar disso, o colono alemão vai bem no distante Sul. Ele se sente feliz em sua nova pátria. Os imigrantes jamais conseguirão banir totalmente do seu coração as lembranças da pátria, mas os que nasceram aqui não conhecem saudade, neles não há qualquer divergência de sentimentos, pois são brasileiros, teuto-brasileiros. Eles amam a terra – como poderia ser diferente? Ela lhes dá rico rendimento pelo seu trabalho assíduo e, por isso, é encantadoramente bonita. O clima, pode-se quase chamá-lo de paradisíaco. O calor nunca sobe a níveis insuportáveis como nos estados do norte do país. Quem alguma vez viu o brilhante céu do sul do Brasil, respirou seu ar agradável e provou as maravilhas da floresta, jamais abandonará este paraíso, apesar da saudade do torrão natal.

Sempre nos admiramos com o fato de que o sul do Brasil, sendo terra de colonização e meta de emigração, tenha exercido, desde sempre, tão pouca força de atração. Enquanto a América do Norte conta com alemães aos milhares, ainda não há no sul do Brasil um quarto de milhão. Muitos têm medo do calor tropical,

o que a rigor não se pode dizer do sul do Brasil. Durante muitos anos existiram entraves burocráticos do lado alemão, os quais, na maior parte, se baseavam em relatórios equivocados e falsos. Por fim, a situação política e econômica do Brasil teve, para muitos, um papel desanimador, não sem razão. Incertezas quanto à situação política e jurídica, corrupção e indolência na vida econômica parecem estar associadas a países sul-americanos; e o Brasil nem sempre é uma exceção.

Não devemos esquecer que, muitas vezes, os altos falatórios gotejantes de sangue e as disparatadas fantasias dos pangermanistas fizeram também com que a Alemanha fosse malvista no sul do Brasil: o sul do Brasil como colônia do império alemão! Não fossem os brasileiros bondosos por natureza, já teriam começado a nacionalizar por causa de tais visões pangermanistas, segundo notórios modelos europeus. Contudo, é permitido até hoje às colônias alemãs, sem nenhuma importunação, falar sua língua, construir escolas alemãs e manter seu atendimento religioso. Oxalá isso continue assim no futuro!

33

Passeio a cavalo pelas picadas. Aldeia paroquial. O domingo[*][1]

I

Como vimos antes, as colônias alemãs no sul do Brasil foram denominadas linhas ou picadas porque, ao serem fundadas, foram abertas grandes trilhas provisórias na floresta. Agora, felizmente, não são mais apenas caminhos e clareiras. O mato recuou em todas as direções e deu lugar a lavouras e pastagens. A terra se apresenta em plenitude de beleza e mudança. As montanhas oferecem majestosos cenários, só comparáveis aos da Suíça e do Tirol. Há, no entanto, paisagens que fazem lembrar, por exemplo, o Sauerland ou os morros do Eifel, com a diferença, naturalmente, de que aqui outra vegetação cobre vales e montanhas. Na Serra do Mar, colinas e montanhas encontram-se tão próximas que quase não dão lugar a planícies. Não sem razão, as pessoas chamam sua terra de corcovada. Quem quiser visitá-las precisa ir a cavalo. Estradas para carruagens quase não existem, e a pé, dificilmente se conseguiria transpor os rios e riachos que, mesmo a cavalo, só com perigo se consegue atravessar na época das chuvas. Por esses caminhos muito ruins se deslocam carroças puxadas por seis cavalos, mas elas estão arranjadas apenas para o transporte de produtos e não para pessoas.

Nos dois lados da estrada que, cheia de curvas, conduz por terras montanhosas, o cavaleiro contempla, em grandes distâncias, ora campos abertos, ora mato fechado, então novamente algumas clareiras com residências. Nos campos pastam cavalos semisselvagens e gado bovino. No dizer dos alemães, é preciso "laçá-los", quer dizer, capturá-los com o laço, quando deles se quer servir. A floresta tem belíssimas árvores, imensas figueiras, xaxins e variedades de bambus, palmeiras, esbeltas araucárias que, semelhantes aos pinheiros, abrem no alto sua copada; cedros, seringueiras e uma grande variedade de plantas trepadeiras para as quais sequer temos nomes alemães.

As moradias que encontramos ao longo do caminho, entre matas e campos, são, frequentemente, cercadas com sebes de acácia. A casa do proprietário,

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 230-232.

1 Baseado, em parte, em Pe. Spillmann: *In der neuen Welt.* (Nota do autor).

via de regra, é de um andar, mas de aparência confortável e limpa, que lembra as casas de agricultores da pátria distante e encontra-se, não raro, à sombra de coqueiros e laranjeiras. As folhas dos coqueiros são cortadas e utilizadas como trato para os cavalos. As laranjeiras ficam tão grandes quanto nossas maiores macieiras e oferecem uma magnífica visão. Seus ramos verdes estão ao mesmo tempo carregados com flores de aroma adocicado e com frutas. As casas são de pau a pique ou de tijolos, caiadas de branco, cobertas de telhas e dão uma impressão de conforto. É comum a hospitalidade; carne, geralmente charque ou carne seca, e, como complemento, um prato de feijão preto, constituem a nutritiva comida que também se oferece aos hóspedes. Café fraco, uma xícara de mate (chá-do-paraguai), um copo de vinho da terra não muito saboroso ou vinho de mel[2] matam a sede. Nas proximidades das casas encontram-se também as pastagens, às vezes isoladas ou então contíguas, separadas por uma cerca.

II

Em cada linha há um povoado onde também se encontra uma igreja. Muitas são realmente bonitas, bem construídas e espaçosas. Todas são mantidas limpas e, frequentemente, decoradas com quadros e imagens. Tem-se a impressão de estar entrando numa bonita capela de aldeia da pátria alemã. Só os muitos cavalos amarrados ao longo da cerca em frente à igreja, algumas centenas aos domingos, em dias de festa mais de mil, e as árvores exóticas em cuja sombra descansam nos lembram que estamos no Brasil e não na Alemanha. Perto da igreja encontra-se a casa paroquial; lá encontramos, nas linhas católicas do Rio Grande do Sul, jesuítas alemães; nas de Santa Catarina, franciscanos, sacerdotes seculares da diocese de Münster, sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, que exercem o ministério religioso junto aos católicos. E esse não é, com certeza, um trabalho leve. Além das funções religiosas e do trabalho na escola, eles vão, muitas vezes, todos os dias e, não raro, à noite, a horas de distância, sob tempestades ou chuvas torrenciais, por péssimos atalhos e por montanhas e vales, consolar doentes e conferir os santos sacramentos a moribundos.

Ao lado da humilde casa paroquial, com seu jardim acolhedor, encontra-se a escola, onde as crianças aprendem a ler, escrever e contar e onde também são doutrinadas na religião. Aprendem ali também um pouco de português. Meninos que querem prosseguir nos estudos frequentam um colégio próximo e as meninas vão para um pensionato de Irmãs. Além de igreja, casa paroquial e escola, a linha tem também um ou outro bar que os colonos frequentam aos domingos,

2 Na falta de refrigerante, servia-se, não raro, uma bebida conhecida como "água de mel", feita à base de água e mel azedo ou fermentado.

como também à noite, para falar de política, enquanto tomam um copo de vinho seco de produção local; além disso, há também as vendas, onde as pessoas compram as coisas de uso cotidiano como roupas, objetos de ferro, ferramentas, etc. Por fim, uma meia centena de casas que se encontram nos dois lados de uma faixa de terra de uns 50 passos de largura que denominam rua. Assim, mais ou menos, se parecem as linhas coloniais com a aldeia paroquial.

III

Muitos dos imigrantes são católicos, outros são protestantes. Estes venceram as dificuldades iniciais do atendimento espiritual em que se encontravam, em decorrência da falta de um teólogo formado na sua confissão, confiando a tarefa da pregação, como as demais funções religiosas, a um homem de seu meio a quem eles consideravam apto para isso. Deixavam-no registrar junto ao governo brasileiro, isto é, reconhecê-lo oficialmente para atendê-los em todas as suas necessidades religiosas.

Os católicos também se reuniam e faziam seu culto comunitário, presidido por um leigo. Porém, cedo se empenharam em conseguir sacerdotes que lhes administrassem os santos sacramentos e rezassem para eles a Santa Missa. Dois jesuítas espanhóis, que haviam sido expulsos da Argentina, celebraram a primeira missão e providenciaram, então, um contínuo atendimento religioso no Rio Grande do Sul; padres franciscanos, sacerdotes seculares de Münster e Hildesheim e, por último, padres do Sagrado Coração de Jesus assumiram o trabalho pastoral em Santa Catarina. Foram construídas igrejas e capelas; sinos ecoavam pelos vales e montanhas, convidando os colonos à oração. E quando raiava o domingo, nós os víamos chegando do campo aberto e do mato por caminhos ladeados de árvores frondosas, os bravos filhos do Reno e do Mosela, homens probos, cujas mãos calejadas revelavam as dificuldades contra as quais lutavam, anciãos bem idosos que, antes de morrer, queriam gozar da alegria de participar ainda da Santa Missa, mulheres jovens, com o filhinho sorridente nos braços, rapazes robustos e resolutos, de face rosada, e moças laboriosas vestidas em traje próprio para andar a cavalo, todos se dirigindo altivos, a cavalo, para a igreja. É uma realidade ímpar ver como os moradores, residindo muitas vezes a horas de distância, homens, mulheres, crianças vêm aos domingos à igreja, de todas as direções, a cavalo ou de mula.

Avô e avó, que há 50-60 anos deixaram a pátria, cavalgam na frente. O ancião, com o poncho sobre os ombros, ainda se acomoda bem na sela, mas para a vovozinha torna-se realmente penoso viajar na mula, principalmente quando ela necessita fazer uso de sua sombrinha. A ela segue a mãe, com seu filho menor nos braços e o segundo mais novo, na sua frente, sobre a sela; duas crianças, um

Fiéis a caminho da igreja.

pouco maiores, vão acomodadas em cestos pendurados numa mula que troteia atrás; crianças de seis a oito anos já cavalgam bem firmes na sela, em seus animais próprios, muitas vezes em dois na mesma montaria. A seguir vêm os filhos e filhas adultos, todos peritos em montar; por fim, o pai no seu cavalo. Assim se vão horas de distância pela mata fresca da manhã, em cujas copas berram bugios, gritam papagaios coloridos, arrulham pombos e os lindíssimos colibris vibram pelos ares. Vai-se por caminhos acidentados, por campos abertos, passa-se por sítios de amigos, até que, finalmente, avista-se a igreja e os sinos advertem que o padre quer começar a missa. Rapidamente cumprimenta-se ainda algum amigo estendendo-lhe a mão, as novidades da semana são partilhadas e então começa a festiva celebração, solenizada com nossas profundas canções religiosas alemãs, e, em devota oração comunitária, crescem força e consolo em todos os corações.

34

Botocudos, Curitiba, Joinville e Colônia Hansa*

Apresentamos aqui um breve esclarecimento sobre o significado de algumas expressões mencionadas nos relatos dos missionários do sul do Brasil.

1. Os botocudos. O termo se origina, segundo consta, da palavra portuguesa botoque[1] porque os índios costumam enfiar um pedaço de madeira no lábio inferior perfurado. Brockhaus anota a respeito dessa palavra: botocudo é o nome de um povo totalmente primitivo do Brasil meridional, o qual o príncipe von Wied descreveu pela primeira vez com mais precisão. Esses índios são totalmente diferentes do principal povo indígena do Brasil quanto à língua; vivem na floresta virgem entre a Serra do Mar e a Serra do Espinhaço e entre os paralelos 17º e 21° de latitude Sul. Andam praticamente nus e costumam perfurar o lábio inferior e as orelhas. São hábeis no manejo do arco e da flecha; suas necessidades são mínimas; suportam com resistência todos os esforços, inclusive a fome e a sede. Sua alimentação habitual são animais selvagens abatidos, juntamente com milho, feijão e abóboras que eles plantam. Antigamente teriam sido também antropófagos. Só têm chefes contra o inimigo. São desleais, mas ousados e, por isso, tornaram-se, muitas vezes, perigosos aos brasileiros; as descrições sobre sua selvageria e crueldade são, não raro, exageradas, em parte para justificar a abominável guerra de extermínio conduzida frequentemente contra eles. Só pequena minoria foi até agora razoavelmente civilizada, mesmo depois que o Imperador do Brasil regularizou três povoados. De resto, estima-se que existam ainda 4.000 indivíduos que, no entanto, estão sujeitos à extinção.

O Pe. Spillmann[2] informa o seguinte, a respeito deles: "usam, como enfeite, cavilhas em forma de disco nos lábios e rolinhos de folhas de palmeira nas orelhas. Suas armas são flechas de madeira com um dos lados denteado, facas de taquara em forma de fuso e pesadas clavas para manejar com duas mãos. De vestimenta não sabem nada; sua moradia é um telhado inclinado, feito de ripas e

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 233-235.

1 Botoque: rodela grande, de uso entre os botocudos e outros indígenas brasileiros, para ser introduzida em furos artificiais feitos nos lóbulos das orelhas, nas narinas e no beiço inferior.

2 Joseph Spillmann, padre jesuíta, nascido na Suíça (Zug) no dia 22.04.1842 e falecido no Luxemburgo no dia 23.02.1905.

coberto de folhas de palmeira. Não praticam a agricultura[3]; desconhecem a tecelagem, a olaria, a construção de casas, a fabricação de barcos e de esteiras de dormir, artes que, no mais, a maioria dos selvagens conhece. Por isso, eles pertencem à família dos índios de mais baixo nível. Só sabem fabricar flecha e arco, torcer corda e fazer fogo com molinilho. Assim, vagueiam pelas matas e campos, como caçadores e guerreiros. As mulheres carregam seus filhos nas costas, em balaios feitos de fibra de embira trançada, e as mãos das crianças amarradas no pescoço da mãe. Encontrando-se com amigos, abraçam-nos, batem-lhes três vezes nas costas e erguem-nos; se são inimigos, usam flechas e clavas.

2. Curitiba. Curitiba é a capital do Paraná, o antepenúltimo estado do sul do Brasil. Em 1890 a cidade contava com 25.000 habitantes, dentre os quais quatro mil a seis mil alemães. Da região portuária de Paranaguá, sobe-se de trem, e na cidade há bonde puxado por cavalos. Quanto às escolas, pode-se citar um liceu; das oito escolas primárias alemãs, só uma é católica. Há ali um consulado austríaco e outro alemão. Curitiba é igualmente sede de bispado. O bispado, criado em 1893, sufragâneo do Rio de Janeiro, abrange, além do Paraná, todo o estado de Santa Catarina e conta com aproximadamente 70 paróquias, com pouco mais de 100 sacerdotes, um seminário, dois colégios e vários institutos para meninas, dirigidos por religiosas. Muito atuantes são os franciscanos e os padres Steyler[4]. Temos esperança de que não demorará muito para que Santa Catarina tenha seu bispado próprio.

3. Joinville. A mui frequentemente citada cidadezinha de Joinville é o centro principal da colônia alemã Dona Francisca, fundada em 1851 pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo e situa-se na parte norte da província de Santa Catarina. A colônia começa a 20 quilômetros da cidade portuária de São Francisco do Sul e é atravessada por dois pequenos rios que desembocam na enseada de São Francisco. O solo fértil e o excelente clima oferecem aos imigrantes alemães as mais favoráveis condições. Somente os lugares mais baixos são infrutíferos e pantanosos. Os primeiros 118 moradores eram imigrantes alemães e suíços. De 1852 a 1856, seu número subiu de 700 para 1.500 e, em 1877, já se elevava para 16.000 habitantes numa área de 667 km²; nessa data a colônia contava com 27 escolas com 700 alunos. Dona Francisca diferencia-se das demais colônias alemãs no Brasil pelo fato de que aqui não se estabeleceram exclusivamente agricultores

3 Há aqui uma contradição com a informação acima, segundo a qual eles comem milho, feijão e abóbora que eles plantam.

4 Os padres Steyler são uma congregação religiosa fundada por Arnold Jansen, um sacerdote da diocese de Münster/Vestfália/Alemanha. A 8 de setembro de 1875, ele abriu, na cidade holandesa de Steyler, perto de Venlo, uma casa missionária para formação de missionários alemães para atuarem nas regiões de ultramar. A fundação aconteceu na Holanda por causa do *Kulturkampf* entre o Estado Prussiano e a Igreja na Alemanha, que suprimiu e proibiu a instalação de seminários ou casas de formação religiosa na Alemanha. O nome oficial da Congregação é **S**ocietas **V**erbi **D**ivini – **SVD**.

e artífices pobres, mas também colonos abastados que arrendam sua propriedade. Em virtude disso, parte da população mais pobre passou a uma situação de dependência, e muitos dos artesãos trocaram o seu ofício pelo trabalho na terra. Isso não foi bom para a expansão, mas imprime às condições econômicas e sociais um cunho mais europeu. A maior parte dos produtos da terra é consumida na própria colônia. A sede, que desde 1877 é cidade, chama-se Joinville porque o príncipe de Joinville cedeu as terras dotais de sua esposa, a princesa brasileira Dona Francisca, à sociedade colonizadora. Joinville conta com 3.000 habitantes. A uns 70 quilômetros em direção ao sul, localiza-se Blumenau.

4. A colônia Hansa. A Sociedade Colonizadora Hanseática foi fundada em 1897, como sucessora legal da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, de 1849, proprietária da colônia Dona Francisca, com a extensão para São Bento. Em 1895 a Sociedade fechou, com o governo do Estado de Santa Catarina, um contrato de compra e povoamento de uma área de 650.000 hectares, e esse contrato foi a base para a formação da nova Sociedade. Além disso, ela assumiu mais 5.000 hectares de terras desabitadas nos municípios de Joinville e São Bento e comprou outros 2.255 hectares de terras de particulares, de modo que dispunha de uma área de 657.255 hectares. Destes, haviam sido medidos 174.000 ha até 1901 e pagos contra recebimento de título de posse incontestável. Foram vendidos 12.000 ha a colonos, de modo que ainda havia à disposição 163.000 hectares de terras medidas e 482.000 hectares não medidas. A população total elevava-se a 1.300 almas. O distrito principal é Itapocu, com sede em Humboldt[5], no município de Dona Francisca, e Hercílio, com sede em Hammonia[6], no município de Blumenau. Ainda não há comunicação direta entre os dois distritos, mas é uma aspiração. Do mesmo modo, aguarda-se pela instalação de outros núcleos urbanos como Neu-Bremen[7] e Neu-Lübeck. Um terceiro distrito, Piraí, no interior da antiga colônia Dona Francisca, já está habitado.

5 Hansa Humboldt, hoje Corupá.

6 Hansa Hammonia, hoje Ibirama.

7 Neu-Bremen, hoje Dalbérgia, distrito de Ibirama.

35

Relato do Padre Spettmann sobre sua viagem à colônia Hansa*

Pe. Geraldo Spettmann

Em primeiro lugar, seja observado que eu me sinto realmente bem na minha residência provisória, na bonita cidade portuária de Itajaí. Embora a vida religiosa deixe muito a desejar, Itajaí é uma das melhores paróquias. A população é quase toda brasileira. Dentre os de origem estrangeira, os alemães estão em maior número; em suas mãos encontram-se as melhores casas comerciais; a escola alemã conta com 70 crianças, que são iniciadas nos segredos da ciência por um competente cidadão de Munique[1]. Em sua companhia realizei, durante as férias de Natal, meu passeio de dez dias à colônia Hansa[2]. Melhor companhia e oportunidade eu não podia esperar, pois o professor já conhecia, há mais tempo, a região e algumas pessoas de Hansa. Era também, em parte, meu objetivo esclarecer os imigrantes sobre a muito elogiada colônia Hansa. Valia, ainda, o pretexto para negociar um cavalo mais robusto para meus trabalhos pastorais. O cordial e insistente convite de um médico católico da Silésia[3], cuja tia eu assistira com a unção dos enfermos na travessia do Atlântico e sepultara em São Francisco[4], foi realmente bem-vindo.

Partimos dia 27 e embarcamos no vapor "Blumenau". O rio Itajaí, com mais ou menos um quilômetro de largura, em cuja desembocadura em forma de arco se localiza o nosso porto, é sumamente rico em cenários tropicais. De vez em quando se avista um casebre de índio ou de brasileiro, cujas paredes são de palmito, barro ou tábuas, em total contraste com as moradias dos alemães. Estes se preocupam particularmente em construir um lar aprazível, confortável,

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 277-281.

1 Trata-se do professor Maximiliano Mayr, conhecido como Max Mayr. Residiu alguns anos em Itajaí, mudando-se, mais tarde, para Rio do Sul, onde faleceu, atropelado por um trem no pátio da estação, no dia 21.07.1940.

2 A Colônia Hansa ou Hansa Hammonia, localizada no Médio Vale do Itajaí, corresponde aos atuais municípios de Ibirama, Presidente Getúlio e Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vitor Meireles. A sede da colônia era na atual cidade de Ibirama.

3 Trata-se do Dr. Ernst Sappelt, que exerceu a medicina em Ibirama, durante alguns anos, a partir de 15 de julho de 1905. Foi o primeiro médico do hospital Santa Isabel, de Blumenau, inaugurado em 4 de outubro de 1909, onde trabalhou durante dez anos. Faleceu no dia 8 de outubro de 1919.

4 A tia do médico Sappelt, a que o autor se refere, chamava-se Augusta Gusimim, falecida no hospital de São Francisco do Sul no dia 4 de dezembro de 1906.

de tijolos, e em conferir às suas moradias um aspecto mais agradável e bonito. A indolência dos brasileiros está interligada a sua grande indiferença pelo bem-estar de vida. São muito modestos na alimentação, vestimenta e habitação. Às vezes reinam ainda entre eles costumes pagãos. Assim, vimos do navio como, numa vila, se executava uma frenética dança que, com certeza, ainda remonta ao tempo da escravidão. Nas suas festividades, exerce importante papel uma velha bandeira puída com a figura de Nossa Senhora e a coroa do Divino que, aliás, não pode faltar em nenhuma igreja. Ai daquele que ousa opor-se abertamente a esse costume supersticioso!

Entrementes, já tínhamos navegado uma boa distância e, depois de quatro horas, a maré quase já não é mais perceptível. O rio apresenta alguns lugares perigosos e se torna mais raso e, por isso, a continuação da viagem se dá num navio menor. Nas margens, as montanhas se apresentam cada vez mais altas; a paisagem se torna sempre mais alemã; logo não se ouve mais nenhuma palavra em português. Blumenau, onde chegamos às duas horas da tarde, depois de uma viagem de seis horas, é uma bonita cidadezinha alemã no interior do Brasil desconhecido. No bonito convento franciscano onde, além das atividades de professor, estão representados mais ou menos todos os ofícios, encontrei a mais hospitaleira acolhida. No dia seguinte, o guardião colocou à minha disposição, com a maior gentileza, o seu próprio cavalo. Nosso próximo destino era Rodeio, dez horas a cavalo acima de Blumenau. Logo chegamos a três enormes pilares que há anos esperam pela colocação da ponte que nunca chega. Mera especulação! Continuando a viagem na margem esquerda, chegamos ao renomado Salto, onde o Itajaí dança sobre milhares de blocos de rochedo em direção à profundeza. De singular beleza romântica, essa parte do rio não fica de modo nenhum atrás do pátrio Reno.

Pelo meio-dia chegamos a uma hospedaria alemã, onde tratamos os animais e descansamos. O atendimento foi bem à maneira alemã. Para nosso entretenimento, foi inclusive acionada uma caixa de música, como raramente se encontra na Europa. Aqui também nos ocupamos, durante algumas horas, com o negócio de cavalos, que resultou na boa compra de um imponente, de cor branca, por 120 marcos.

A região torna-se sempre mais montanhosa e interessante. Algumas vezes tivemos que passar a vau pelos rios, o que este ano é fácil, por causa da seca; para travessia de alguns lugares mais profundos, chamamos o barqueiro. Pelas nove horas da noite, estávamos em Rodeio e novamente fomos bem acolhidos pelos franciscanos. O noviciado e a igreja paroquial estão localizados num morro bastante alto e oferecem uma visão sobre todo o vale que, na maior parte, é habitado por italianos. Muitas capelas espalhadas, longe umas das outras, como a

de Hammonia[5], são atendidas daqui. Para lá queríamos ir no dia seguinte. Às sete horas já estávamos bem acomodados na sela e cavalgávamos dispostos adiante. Às vezes ensaiávamos um pequeno galope, mas a forte poeira que logo se formava nos atrapalhava, pois há meses não chove. Após cinco horas de viagem, apeamos para o almoço no lugar chamado Mato dos Bugres. Há 15 anos viviam ali ainda os índios, denominados pelos brasileiros com o nome pejorativo de *bugres*. Sempre mais enxotados para o interior, realizam ainda de vez em quando saques nas suas antigas terras. Isso aconteceu ainda no verão passado, em Rafael, não muito distante de Hammonia, o destino de nossa viagem. Os bugreiros, que haviam saído em perseguição dos selvagens, acabavam de retornar quando saímos de Rodeio. Um dos caçadores havia sido morto; dez prisioneiros encontravam-se agachados em duas carroças, sete da tribo dos botocudos e três da tribo dos coroados[6]. Sobre o procedimento do assalto e o número de índios mortos, reina total silêncio. Sabe-se apenas que os caçadores atacaram de surpresa o acampamento dos índios; quantos índios perderam a vida, não se sabe. Não se falam coisas boas a respeito; os muitos ferimentos que observamos em um dos índios presos deixam entender que houve um combate de vida ou morte de ambas as partes antes que os índios fossem dominados pelas mortíferas armas de fogo dos brancos. Houve certamente justiça e injustiça de ambas as partes. De uma parte, os brancos precisam proteger sua família e seus bens dos assaltos de rapina dos índios; de outra parte, não se pode negar que os primitivos habitantes foram expulsos de suas propriedades e muitas vezes sofrem horrível fome. É de se lamentar também que os índios sejam inacessíveis a qualquer tentativa de conversão. O ódio contra os estranhos invasores de suas terras, que sempre avançam mais, parece ter banido de seus corações todos os demais sentimentos.

Deixamos passar o triste cortejo para Blumenau, onde os prisioneiros devem ser acolhidos pelas Irmãs da Divina Providência. Enquanto isso, o sol desapareceu por detrás das altas montanhas em cujos cumes brilham as mais bonitas cores de ouro. À esquerda, nos morros cobertos de florestas, os pássaros cantam sua canção vespertina. À direita, no rio, os sapos abrem seu concerto noturno. Seu coaxar é em tom e força semelhante ao som de um barril vazio no qual se bate com um martelo de madeira. A gente se imagina numa grande tanoaria onde centenas de laboriosos trabalhadores martelam alegres ao ritmo da música. Ali no meio, a araponga, cujo som forte e estridente é parecido com a batida do ferreiro na ilusória bigorna. Aliás, muitos já se confundiram imaginando tratar-se de uma ferraria no vale. Os bugios, com seu horrível berreiro, fazem o acompanhamento de toda essa música.

---

5 A palavra Hammonia é a personificação feminina (em latim medieval) de Hamburg.

6 Em outro texto (vide texto 39) afirma-se que sete eram da tribo dos coroados e 3 três da tribo dos botocudos.

Enquanto isso, chegamos à última balsa. Com um prolongado grito: Hu! hu! comunicamos ao solitário balseiro o que queríamos. Mais duas horas bem puxadas e chegaremos a Hammonia, um trabalho penoso para nossos exaustos animais. Lentamente cavalgamos morro acima, por caminhos serpenteados ao largo de horrendos precipícios e belíssimas cachoeiras. A bondosa lua iluminava com sua luz amigável, aqui tão clara, os dois solitários viandantes. De vez em quando apeávamos e conduzíamos os cavalos pelo cabresto, tendo, contudo, de prontidão nas mãos, o relho para nos defender das muitas cobras. Finalmente, às 22h30min, chegamos à casa do Sr. Dr. Sappelt, onde se seguiram cordiais cumprimentos, boa refeição e alegre entretenimento.

Passei quatro dias maravilhosos em Hammonia e tive ocasião suficiente para fazer, por observação própria e pelas informações dos colonos, um juízo sobre a atual colônia Hansa. Infelizmente o quadro não é favorável. Praticamente todos me exortaram a desaconselhar a emigração para a colônia Hansa. Primeiramente, não foi boa a escolha da região onde se localiza Hansa. A terra é, em geral, montanhosa e, por isso, difícil de cultivar. Com o arado não se pode fazer absolutamente nada; as encostas só podem ser cultivadas com a enxada. E quiçá fossem encostas como no Mosela e no Reno! Por toda parte veem-se centenas de cepos, de até um metro de altura, e é totalmente impossível arrancá-los com as raízes. Cortam-se simplesmente rente ao chão os arbustos, os cipós e as árvores menores; os troncos maiores são descascados e deixa-se secar tudo. Depois de algum tempo, ateia-se fogo, que avança faminto de arbusto em arbusto, de cipó em cipó e de tronco em tronco. As árvores geralmente não queimam por completo. Às vezes quebram e permanecem simplesmente lá onde caem. Entre esses troncos e copas de árvores, que por toda parte sobressaem do solo, deve agora o colono plantar milho, aipim, mandioca, etc. Se ele, após a compra e o pagamento do lote colonial, ainda tiver algum dinheiro disponível, poderá levar uma vida suportável, ainda que sob mil dificuldades. Se, no entanto, faltar-lhe dinheiro, então suas forças estarão logo esgotadas por esse árduo trabalho ao calor do sol escaldante e por falta de alimentação adequada. Assim, não falta desespero e menos ainda exploração de sua miséria; pois à múltipla degradação cultural está também ligada a degradação moral. Em um jornal de Stettin, o *Hochwacht*, foram publicadas, no fim de outubro, informações sobre a colônia Hansa que lembram os notórios escândalos coloniais. Todos, colonos e outros, estão aqui de acordo quanto à veracidade do relatório, embora tenham sido feitas análises que, no entanto, não trouxeram nenhum agravante. É, pois, compreensível que muitos colonos emigrem novamente. Deve-se aprovar que o recém-imigrado prefira permanecer em Blumenau. Só quem entende como trabalhar a terra e dispõe de alguns milhares de marcos pode prosperar aqui. Todos os demais se precipitam na miséria.

Este seria, portanto, o fruto principal de minha estada em Hammonia, de sábado a quinta-feira. Nesses dias fizemos, naturalmente, vários passeios pela redondeza, Neu-Berlin, Neu-Bremen, etc. Quando fomos a esses lugares, chispava-se, não raro, a todo galope. Na volta para casa, fazia-se também o trajeto a galope. Acompanhados pelos cordiais votos de bênção do bravo silesiano, e mais ricos em muitas experiências, deixamos a tão romântica, mas também triste, colônia Hansa, decididos a esclarecer e advertir os camponeses de boa-fé.

Se uma vez for construída a projetada ferrovia com a qual Hansa conta para sobreviver, então poder-se-á esperar ainda alguma coisa da colônia; caso contrário, não alcançará nenhum desenvolvimento, dado que os meios necessários de tráfego e de comunicação com Blumenau e com o litoral praticamente inexistem.[7]

De toda a viagem, rica em aprendizado, só tenho a lamentar uma coisa: a de não ter levado máquina fotográfica. Poderíamos ter feito realmente belíssimas fotos. Após três dias de viagem por Rodeio e Blumenau, chegamos novamente sãos e salvos a Itajaí.

7 A ferrovia, chamada Estrada de Ferro Santa Catarina, foi construída numa extensão de 184 quilômetros e inaugurada no dia 03 de maio de 1909. Foi desativada no dia 12 de março de 1971.

36

Primeira Comunhão em Itajaí *

Pe. H. Geraldo Spettmann

Sabendo que o senhor espera ansiosamente por algumas notícias minhas, quero aceder aos seus rogos, com a condição de que também fique satisfeito com aquilo que minhas pequenas experiências podem lhe oferecer. Destas, eu escolho dois fatos que, embora pareçam muito diferentes entre si, encontram-se, todavia, e de certa forma, interligados. Trata-se de minha primeira queda do cavalo e da solenidade da Primeira Comunhão...

Fui a cavalo de Itajaí a Brusque. A viagem de ida e volta foi uma respeitável jornada, sem qualquer acidente. Fui também à distante Paraty, sem entrar em contato com a dura mãe-terra. No caminho para Joinville, porém, um trágico destino me alcançou. Para uma melhor compreensão do que aconteceu, devo narrar os fatos antecedentes. De Paraty viera a má notícia de que um dos nossos padres havia adoecido e necessitava de auxílio. Coube a mim a tarefa de socorrê-lo. Vou para lá de navio? O vapor costeiro brasileiro, previsto para ancorar naquele dia, deixou de vir, segundo a sistemática irregularidade brasileira e, assim, restava-me fazer o trajeto a cavalo. Às 6 horas já estava junto ao rio [Itajaí] e esperava com paciência brasileira pela demorada balsa que, após uma hora, me levou à outra margem. Por duas horas, segui o caminho ao longo da praia. Eram apenas 8 horas da manhã e o sol brasileiro, que se levantava do mar com forças renovadas, dardejava sem compaixão seus raios sobre o solitário cavaleiro e seu tordilho, que tinha medo da rebentação das ondas espumantes, pois é originário da colônia e está há pouco tempo em meu poder. Duas horas de sol ardente se passaram. Subitamente, uma enorme pedra fechava o caminho e me obrigou a pegar um atalho e subir um morro para, depois, chegar novamente à praia. Longe, infinitamente longe, alargava-se, à direta, o mar imenso, cujas ondas me transportaram à querida terra natal que nós deixamos há seis meses; alguns veleiros e barcos pesqueiros surgiram à vista e, na proximidade do litoral, brasileiros muito mal vestidos procuravam ativamente por peixes e siris. À esquerda erguiam-se as montanhas cobertas pela flora sulina e cá e lá aparecia um miserável casebre de barro ou palmito. Quando o caminho tomou o rumo terra adentro, contratei um guia que me conduziu por riachos, rios e pontes mal conservadas. Chegou meio-dia, 17 horas, 19 horas e ainda meu destino estava longe. À noite hospedei-me na casa de um brasileiro, mas os malvados pernilongos, com sua

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 326-328.

choradeira de guerra, e as baratas, do tamanho de um besouro, não permitiram um repouso tranquilo ao cansado viandante. Às 5 horas, o dono da casa chamou: "Padre, são cinco horas!" Tomei o caminho, cavalgando sempre avante, até que, às 10 horas, avistei Paraty e parei diante do "casebre" do pároco, onde o bom Irmão[1] me recebeu, pois um dos padres encontrava-se em São Bento, ajudando na pregação de uma missão popular e o outro se encontrava levemente doente em Joinville. Como pároco substituto recém-saído do forno, "arranho" um português de apóstolo, enquanto olhos arregalados me fitavam interrogativos, pois minhas expressões clássicas pareciam não ser compreendidas. Foi-me assegurado que, se apressasse o passo, poderia chegar a Joinville em quatro horas. Mesmo cavalgando depressa, Joinville não me apareceu à vista após quatro horas. Uma trovoada que se aproximava advertiu-me a apressar ainda mais o passo e, por isso, fiz o cavalo galopar, inclusive morro abaixo. Isso foi uma falha, pois subitamente o cansado animal se deteve, caiu de joelhos e eu, qual peixe voador, precipitei-me para a mãe-terra, por cima do pescoço do cavalo. Que tombo! Na proximidade, colonos alemães em serviço vieram apressados me socorrer, mas eu não tivera nenhum ferimento. Pus-me de pé e olhei, admirado, a cômica situação. Um colono sincero disse-me em tom de consolação, enquanto me oferecia um copo de vinho de tangerina e me limpava a poeira: "Padre, isso não é grave, há pouco tempo eu também caí do cavalo em Joinville". – "Isso pode acontecer nas melhores famílias" eu lhe respondi e, com um cordial *Muito obrigado*, segui cauteloso adiante, para Joinville, aonde cheguei em cinco horas.

O padre doente já estava quase bom e o dever da Semana Santa me chamou de volta para minha querida Itajaí. Pudemos celebrar integralmente as múltiplas cerimônias da Semana Santa, com boa participação dos fiéis. De modo especial foi bem visitada, na Quinta-Feira Santa, a belíssima capelinha do Santíssimo Sacramento. A alegre festa da Páscoa começou com uma missa solene às 5 horas, missa silenciosa às 7 horas e, às 9 horas, missa solene com pregação, cantos a três vozes e bênção do Santíssimo Sacramento. Foi uma verdadeira semana de trabalho, a última de preparação dos neocomungantes, em número de 69.[2] Foi uma bonita solenidade. Como ficaram admirados os brasileiros, quando buscamos as crianças em festivo cortejo! Na frente, o presidente da Confraria do Santíssimo Sacramento com seus dois ajudantes em traje pictoricamente decorado, depois as crianças da Primeira Comunhão, o clero e uma grande multidão. Nossa igreja mostrou-se muito pequena. Pe. Thoneick presidiu a Santa Missa, Pe. Foxius rezou com as crianças as demais orações e eu fiquei encarregado da ordem, providenciando lugares e cuidando do silêncio. Na mesma ordem e solenidade,

1 Irmão Joseph Raphael Küpper.
2 A Primeira Comunhão aconteceu no primeiro domingo após a Páscoa, ou seja, no dia 7 de abril de 1907.

as crianças foram reconduzidas para o salão de reuniões, onde a Sociedade das Damas do Divino Coração de Jesus lhes serviram café e cucas. Em seguida houve uma breve pausa, enquanto alguns dos pais e dos parentes davam a seus meninos e meninas os mais cordiais parabéns. Seguiu-se, então, a solene missa cantada da qual eu fui poupado e, depois, a tradicional fotografia. Que alegria, quando o bom pastor se dirigiu com seus cordeirinhos para a casa paroquial, onde lhes entregou a lembrança de Primeira Comunhão! Tínhamos que estar atentos para uma novena de ação de graças à tarde, pois, a essas alturas, já era meio-dia e muitas crianças moravam a duas ou três horas de distância da igreja. Um dia de tanta colheita compensa ricamente as muitas semanas de cansativa semeadura. Ajude-nos agora com suas orações para que a boa semeadura cresça e dê frutos. Estou muito contente aqui no Brasil. Sinto-me bem e continuo firme no meu ideal sacerdotal de fazer muita coisa boa pela salvação das almas.

37

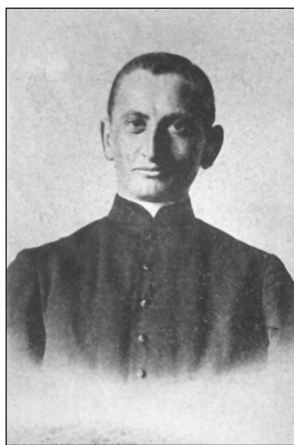
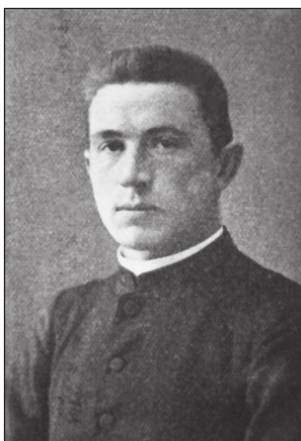
De Bremen a Las Palmas*

Antes de atracar em Las Palmas, uma das ilhas Canárias, a bem tranquila viagem permite-nos pôr algumas palavras no papel e remeter aos amigos, na pátria, as mais recentes notícias. Vocês já sabem como deixamos Bremen, que chegamos bem a Antuérpia e que aproveitamos os dois dias de estada nesse porto para uma fugida até Lovaina. A viagem ao longo das costas holandesa e belga foi ótima. Só quando nos aproximamos da costa francesa começou nosso sofrimento, trazendo à tona o mais íntimo das profundezas do estômago, todavia, só por dois dias. Atravessamos o tão temido golfo de Biscaia sem qualquer incidente, como era previsível para esta época do ano, e, no dia 18 de junho, atracamos diante da cidade do Porto, em Portugal. Depressa estava alugado um barco que nos levou a terra. Lá, tivemos a estranha percepção de como os primeiros passos em terra são bem inseguros e cambaleantes como no navio. Os três quartos de hora no trem elétrico de Leixões até o Porto foram muito agradáveis, ao longo do litoral até o centro da grande cidade. Mas, que contraste entre Norte e Sul! Por toda parte há muita movimentação e agito. As ruas são muito apertadas e sujas e a população não é muito dada à higiene. Em geral as pessoas parecem ser pobres e, como é comum no Sul, por causa do clima, são também avessas ao trabalho. A cada instante somos abordados por alguém pedindo esmola. De fato, não faltam os verdadeiros aleijados e, muito menos, os disfarçados. No dia anterior à nossa chegada houve grandes distúrbios políticos, como vocês devem ter lido nos jornais. Agora a calma estava restabelecida. Pelas 19 horas voltamos ao "Heidelberg", que seguiu viagem às 21 horas. O quanto tal "Partido Nacional" consegue agitar a população nós o percebemos em Lisboa, no dia 19 de junho. Vista do navio, a capital de Portugal é maravilhosa, tanto de dia como à noite. Com exceção de algumas praças e jardins públicos, Lisboa não oferece muito mais que a cidade do Porto. O movimento nas ruas é muito intenso, inclusive perigoso, porque todos os caminhos são íngremes e estreitos. Além do mais, o bonde elétrico é de linha dupla; pelo meio correm carroças e automóveis com tamanha velocidade que parece impossível não acontecerem colisões. Ficamos admirados com nosso cocheiro que, sem dano, conduziu-nos a toda pressa durante duas horas, mostrando-nos a maior parte da cidade. Também aqui houve levante. Às 21 horas remamos Tejo abaixo para o nosso navio que, durante a

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 372-373.

noite, seguiu viagem. No dia 21 passamos diante do Estreito de Gibraltar e, assim, entramos na região africana. A Europa desapareceu de vez de nossos olhos, mas, na verdade, os pensamentos não conhecem distância. Temos, nos padres holandeses, companheiros muito simpáticos. Exceto dois passageiros leigos, o primeiro camarote é totalmente clerical. O número de passageiros da segunda classe aumentou para 15 pessoas. Esperamos que o restante da viagem transcorra tão calmo quanto até agora.

Com cordiais saudações de longe, vossos Pe. Ohlemüller e Pe. Storms.

Pe. Geraldo Cipriano Ohlemüller.

Pe. Pedro Storms.

Pe. Henrique Baumeister.

Pe. Remaklus Foxius.

38

Imagens de luz e de sombra de São Bento – a nova igreja[*]

Pe. João Stolte

Já faz tempo que lhes prometi algumas linhas, mas o cumprimento dessa promessa é sempre adiado, em parte por causa do muito trabalho, em parte por causa da nova situação com a qual tive que me familiarizar primeiramente, para poder distinguir, sem preconceito, a luz da sombra.

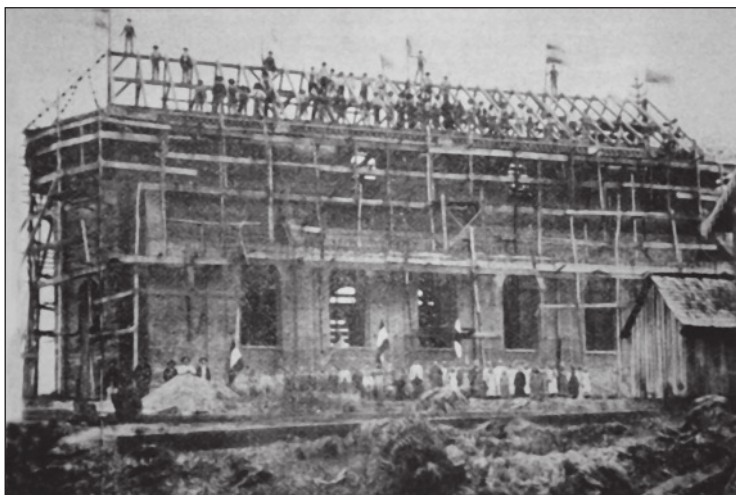
Os longos anos de completo abandono não ficaram sem vestígio em São Bento e ainda serão necessários alguns anos até que, na árvore danificada, frutifiquem novamente deliciosos frutos divinos. Como em toda parte na Igreja, assim também aqui, colocamos nossa esperança no coração divino de Jesus. Celebramos com muita solenidade a primeira sexta-feira do mês com missa, bênção do Santíssimo e pregação, que são sempre bem frequentadas; também os cultos durante a quaresma produziram bom resultado; do mesmo modo, as instruções pascais relativas aos deveres de cada um em seu respectivo estado de vida[1] conduziram muitos novamente ao cumprimento do dever pascal.

Algumas semanas antes da Páscoa, realizamos, na colônia alemã de Lençol, uma completa missão popular que apresentou resultados surpreendentes e que perduram até agora. Infelizmente, enquanto não pudermos contar com um terceiro sacerdote, somente podemos celebrar com regularidade a santa missa naquela comunidade duas vezes por mês. Também nas outras comunidades começa a brotar, aos poucos, vida religiosa. Oxalá não existissem tantos casamentos civis que atacam a família pela raiz! Já colocamos muita coisa em ordem, mas muitos vivem ainda na mesma miséria. Não poucas preocupações nos reservam, a longo prazo, as escolas aconfessionais, ou melhor, as escolas protestantes, porque praticamente a maioria dos pais católicos manda os filhos para essas escolas, embora não faltem, em absoluto, escolas católicas. Basta lembrar que a escola católica na cidade é, sem dúvida, excelente; para aumentar sua influência, nós mesmos trabalhamos nela como professores auxiliares e, além dos muitos trabalhos na cura d'almas, assumimos também as aulas de português. A aula de religião propriamente dita, que é muito bem frequentada, nós damos duplamente, tanto

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 373-375.

1 Cf. Epístola aos Efésios, 5,21 ss.: deveres recíprocos dos esposos, deveres dos filhos e dos pais, deveres dos servos e patrões.

na cidade como também nas colônias. Sem dúvida, é necessária muita paciência para ensinar as questões elementares do catecismo às crianças alemãs de 13 a 14 anos que, talvez, nunca ainda tinham ouvido falar de Deus. A solenidade de Primeira Comunhão, no dia da festa da Ascensão, foi um oásis no deserto. É verdade que eram apenas 25 neocomungantes, embora outras 40 crianças se tivessem apresentado; porém, só admitimos aquelas que frequentaram regularmente a doutrina durante três anos.

A nova igreja em São Bento.

Não podemos nos queixar da frequência à igreja e esperamos que a palavra de Deus, regularmente anunciada, não haverá de ficar, como boa semente, sem abençoados frutos. Nesse aspecto, estamos muito esperançosos com a construção da nova igreja que, graças a Deus, vai para o seu término. Como nos esforçamos nos últimos cinco meses para finalmente cobri-la! Nesse sentido, é realmente digno de louvor o espírito de oblação do povo. Suspendemos por ora a construção da torre, uma vez que poderemos nos ocupar com ela mais tarde. As janelas estão quase prontas. Mas, as despesas! Pelo menos tanta preocupação quanto a construção nos dá a decoração interna, pois a maioria dos móveis da igreja antiga não tem serventia na nova. Imaginem nossa triste situação: nenhum altar adequado, nenhum confessionário, nenhum banco, nenhuma imagem. O mesmo se pode dizer dos paramentos e toalhas do altar. Necessitamos, com mais urgência, de uma capa magna e de um cibório. Também nas nossas capelas, principalmente em Lençol, falta de tudo. Enquanto tivermos que aplicar todo o dinheiro na nova construção, não poderemos pensar em outras coisas. Esperamos

que essa carestia toque o coração de muitos leitores da revista *Reich* e abra-nos uma brecha de esmolas para a nova igreja em São Bento. Quão gratos seremos a todos os benfeitores em nossas orações!

Com cordiais saudações, vosso Pe. João Stolte.

***

Nós reforçamos com insistência o urgente pedido de ajuda do Pe. Stolte. Tanto a redação como também o procurador das missões, o Pe. Thoss, recebem de bom grado donativos. As linhas acima comprovam, em primeira mão, a grande e difícil tarefa que os zelosos missionários enfrentam no estado de Santa Catarina. Há ainda, no mesmo estado, 19 paróquias sem pároco, dentre as quais uma com 20.000 almas. Além disso, Santa Catarina, que é do tamanho do reino da Baviera, necessita ainda de muitas instalações na véspera de sua iminente elevação a bispado.

39

A Liga amiga dos índios*

I

Formou-se recentemente, em Florianópolis, a “Liga Patriótica” para a catequese dos índios. Ela tem como finalidade conquistar a opinião pública para seus protegidos, os selvagens, no estado de Santa Catarina. Pretende acabar com as caçadas aos índios, tal como foram praticadas até agora, e trabalhar no sentido de convertê-los ao cristianismo. Lamentavelmente, ao que tudo indica, a primeira tentativa de aproximação com os selvagens fracassou. O guarda do telégrafo, José Bernardino da Silveira, que já tivera antigamente contatos com os coroados, pretendia, a pedido da “Liga amiga dos índios”, deslocar-se para o mato com as duas mulheres e uma criança recentemente capturadas e, depois de agraciá-las fartamente de presentes, dar-lhes a liberdade e, dessa maneira, estabelecer um contato com os selvagens da floresta. Silveira conseguiu chegar sem dificuldade com suas três tuteladas até o Salto, cerca de dez quilômetros além de Blumenau, onde pernoitou. Prendeu as duas mulheres e a criança num paiol bem trancado. Quem, no entanto, poderia descrever sua surpresa ao entrar, no dia seguinte, no paiol vazio e ver o buraco na parede de tábuas despregadas e indicar o rumo que as três haviam tomado? Silveira pretende segui-las, mas deve ser difícil reencontrá-las.

No mais, os índios não são motivo de muita satisfação para a Liga. Segundo consta, os habitantes de Hansa já teriam notado novamente os selvagens e temem por novos assaltos. Da serra vem a notícia de que os índios assaltaram e saquearam completamente a casa de Miguel Ilhéu e as casas de seus dois genros.

Duas incursões sangrentas contra os índios

II

Como foi divulgado, os coroados mudaram ultimamente sua área de atuação da estrada do planalto para Hansa, afligindo aqui os pacíficos moradores mediante roubos e mortes. O primeiro ataque aconteceu há alguns meses. Irromperam na terra do colono Schulze, feriram-no com um tiro de flecha e saquearam sua casa. Um segundo assalto aconteceu logo em seguida, na

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 421-425.

propriedade do sr. Krause, onde assassinaram a filha do mencionado senhor, feriram outros e saquearam a casa.

Para afugentar os coroados, o governo catarinense enviou uma expedição sob o comando do famoso bugreiro Marcelino Martins, o mesmo que, há um ano, trouxe consigo, depois de uma expedição semelhante, duas mulheres e dez crianças dos coroados. Foi no dia 22 de novembro do ano passado que os caçadores de seres humanos se embrenharam na mata, tendo como ponto de partida o último ataque, e seguiram os rastros dos selvagens. Durante semanas percorreram florestas até então, talvez, jamais trilhadas por civilizados, transpuseram vales e montanhas e cruzaram rios e ribeirões. Muitas vezes perdiam a pista e, às vezes, precisavam procurar longamente até reencontrá-la. Locais de pouso abandonados, rastros de pés na lama ou na margem dos riachos, capim pisoteado, ramos quebrados eram sinais seguros do rumo tomado pelos coroados. Em certo lugar, como contaram mais tarde os caçadores de seres humanos, a pista se dividia. Aparentemente, uma parte dos perseguidos havia tomado a direção norte e a outra, o rumo sul. Como os bugreiros não queriam dividir-se, decidiram seguir a pista que conduzia para o sul.

Depois que os batedores da floresta haviam passado, dessa maneira e com muita fadiga, mais de quatro semanas no mato, descobriram, no dia 24 de dezembro, na Serra Geral, o acampamento principal dos índios. Por prudência, mantiveram-se escondidos durante o dia. Depois do escurecer, aproximaram-se do acampamento quais tigres sedentos de sangue e se puseram à espreita. Os coroados, homens, mulheres e crianças, celebravam, com certeza, uma festa. Cantavam, dançavam e estavam alegres; ninguém pensava no terrível destino que os aguardava. Só tarde, depois da meia-noite, eles se deitaram; muitos, ou talvez a maioria, para não mais se levantarem. Os caçadores esperaram ainda duas horas para surpreender a todos no mais profundo sono. Uma tranquila noite de Natal; aqui homens, mulheres e crianças dormindo, lá atrás das moitas assassinos à espreita!

Até esse ponto os caçadores de índios são comunicativos. Quando se lhes pergunta como foi o ataque, quantos havia no acampamento ou quantas pessoas eles mataram, então se tornam reservados ou inventam histórias. Só depois, quando já ninguém mais fala no assunto, a verdade começa aos poucos a aparecer. Aqui em Blumenau todos sabem – embora seja considerado um segredo – como são "enxotados" os índios. Por isso, quero desvendar a verdade e contar alguma coisa a respeito dos procedimentos normalmente adotados. Tão logo os índios se encontrem no sono mais profundo, os caçadores, ao sinal do chefe, lançam-se com espadas desembainhadas sobre os que estão dormindo. Estão bem treinados e sabem com exatidão como eliminar da face da terra, o mais rápido e sem barulho, os que ali repousam tranquilamente. Com mortal precisão,

brandem as espadas nos pescoços dos que dormem; muitos ficam deitados sob o primeiro golpe, outros saltam feridos para cair logo em seguida, sem forças. Gritos de morte ecoam pela escuridão da noite; os que ainda se encontram ilesos levantam-se assustados num pulo e desaparecem entre os arbustos, na pressa de levar ainda uma ou outra arma. Algumas setas sibilam através do acampamento, as quais, no entanto, lançadas na escuridão e por mãos trêmulas e tesas de espanto, normalmente não atingem o alvo. Nesse meio tempo, entram em ação as armas de fogo. Com estas os caçadores limpam a área próxima e reduzem ao silêncio eterno as vozes plangentes que gemem no chão! Agora é fácil fazer alguns prisioneiros, pois o amor de mãe chama e procura por seus filhos, e filhos desnorteados gritam por seus pais.

Assim se expulsam e se capturam os bugres ou coroados no município de Blumenau.

III

Do jornal *Der Urwaldsbote*, de Blumenau, extraímos o seguinte relato: "O bugreiro Marcelino Martins, que foi encarregado pelo governo de expulsar os selvagens depois dos dois ataques à colônia Hansa, desempenhou sua tarefa de maneira brilhante. Com uma divisão de 18 homens, ele livrou a região do rio Itajaí do Norte[1] dos coroados e, depois de transpor a Serra do Mirador e do Rio do Oeste, perseguiu-os até a Serra Geral. Ao longo do percurso, foram encontrados nada menos que 199 locais de acampamento e ranchos. O acampamento principal encontrava-se nas nascentes do rio Pombas. Nesse local os coroados enfrentaram os perseguidores e, no sangrento confronto que se seguiu, foi morto um bugreiro e outro foi ferido no braço com um tiro de flecha. Quantos foram mortos do lado dos coroados certamente jamais se saberá. Em todo o caso, foram capturadas duas mulheres e oito crianças, das quais cinco meninas coroados e três meninos botocudos. Estes últimos foram certamente roubados pelos coroados, que vivem em inimizade hereditária com os botocudos. Também foram apreendidas armas e utensílios, dos quais uma parte era de objetos roubados da casa do senhor Krause, no Rio dos Índios. Martins reapareceu com seu pessoal em Pouso Redondo, no fim de dezembro. Trouxeram consigo o corpo do companheiro morto para sepultá-lo ali. O comissário de polícia, senhor Zimmermann, e o inspetor do telégrafo, senhor Zittlow, foram ao encontro dos bugreiros para receber as mulheres e as crianças capturadas que, pelo que se comenta, devem ser levadas para Desterro. A expedição de bugreiros, à qual se

1 Região do rio Itajaí do Norte é banhada pelo rio Hercílio, um afluente do Itajaí-Açu, e corresponde aos atuais municípios de Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma, Witmarsum, José Boiteux e Vitor Meireles.

haviam juntado algumas pessoas de Hansa e de Pombas, durou mais de quatro semanas e voltou exausta. O grupo entrou no mato dia 22 de novembro, em Rio dos Índios, no lugar onde aconteceu o último assalto. Em 14 dias, percorreu a região ainda pouco conhecida entre o rio Itajaí do Norte e a Serra do Mirador. Ali encontraram grandes extensões de campo que haviam sido queimadas pelos índios, também ranchos abandonados no mato e, inclusive, um alvo para treino de tiro; entre duas árvores, os índios haviam esticado um couro com perfurações de flechas. Nessa região havia pouca água e os bugreiros tiveram amiúde que passar sede. Também não havia muito para comer, pois não era possível carregar muita provisão; os víveres consistiam em carne seca, farinha, café e açúcar. Diversos indícios levavam a concluir que os índios haviam-se dividido após o assalto em Hansa; um grupo havia rumado para o norte (São Bento ou Rio Negro) e o outro, para o sul e atravessado o Rio do Oeste.

"Martins decidiu perseguir os últimos. Por isso voltou para Hammonia, atravessou de balsa o rio Coxo e subiu pela estrada da serra até o rio Pombas. Ali foram necessárias várias incursões, em todas as direções, antes de se chegar à pista certa. Na proximidade de Pouso Redondo, os caçadores subiram uma alta montanha para se orientar; no seu cume, os bugres haviam construído um rancho que lhes servia de observatório. No dia 24 de dezembro, foi finalmente descoberto o alojamento na Serra Geral, perto das nascentes do rio Pombas. Os caçadores esperaram até o cair da noite e então se aproximaram sorrateiramente. No acampamento reinava grande movimentação; os coroados celebravam (na noite de Natal!) uma festa com dança e cantos. Às duas horas da madrugada, foram descansar e, às 4 horas, realizou-se o ataque. Todavia, a surpresa não teve êxito total; pelo menos alguns dos ocupantes do acampamento começaram a se defender, e o alemão Daniel Schmidt foi morto com um tiro de flecha no olho.

"Sobre o que então se seguiu os bugreiros não dizem nada e nós também não queremos nos dar o trabalho de ilustrar a cena. Na guerra como na guerra! Ao amanhecer, os bugreiros deixaram o acampamento com seu butim e prisioneiros. Na retirada eram cercados constantemente pelos índios e um dos bugreiros levou um tiro de flecha no braço. O corpo do companheiro morto, que, de mais a mais, tinha dois irmãos na expedição, eles trouxeram consigo da floresta para sepultá-lo em Pouso Redondo, aonde chegaram no dia 26 de dezembro, sem maiores incidentes.

"As mulheres e meninas trazidas pertenciam ao mesmo tronco indígena que, em 1905, havia praticado o assalto na estrada da serra. Também naquela ocasião foi enviado ao mato um destacamento de bugreiros sob o comando de Marcelino Martins, que atacou de surpresa o acampamento dos índios e trouxe duas mulheres e dez crianças. Das crianças, três morreram e as demais estão vivas e crescem com saúde; seis delas foram entregues a famílias, um menino

ficou no convento. Lá também se encontra uma das mulheres, ao passo que a outra conseguiu escapar para a floresta. Quando as recém-capturadas foram entregues no convento, deu-se uma cena de reconhecimento. As mulheres começaram logo uma animada conversa em sua língua. E o menino adotado por Paulo Zimmermann, que veio no dia seguinte para uma visita, reconheceu na menina mais velha sua irmã.

Mulheres e crianças indígenas capturadas.

"Os prisioneiros (duas mulheres, cinco meninas com idade entre cinco e doze anos e três meninos com idade entre cinco e dez anos) foram acolhidos no convento das Irmãs da Divina Providência. As mulheres e meninas são coroados, os meninos botocudos. Estes últimos tinham como sinais tribais característicos botoques nos lábios, que no convento lhes foram tirados; os meninos são de uma feiura assustadora, ao passo que as meninas coroados não têm, em sua aparência externa, em absoluto, nada de repugnante. As mulheres, uma mais velha e outra mais jovem, têm feições rudes (tipo mongol: cor amarelada na pele, olhos oblíquos, maçãs do rosto salientes, cabelos pretos e lisos), mas, visivelmente, mãos e pés pequenos e graciosos.

"Admite-se que os meninos botocudos foram roubados pelos coroados. As duas tribos convivem em estado de inimizade e, por causa da supremacia dos

coroados, os botocudos se retiraram para o sul de nosso estado. Não sabemos de onde vieram os coroados, talvez do Paraná, talvez de mais longe, do Mato Grosso; sabe-se com certeza que não são naturais de nossas florestas, que eles tornaram inseguras há alguns anos. Parece que tiveram também algum contato com a civilização, pois conhecem alguns fragmentos da língua portuguesa."

O jornal *Blumenauer Zeitung* escreve o seguinte, a respeito do mesmo assunto: "O acampamento dos selvagens, como nos foi contado, consiste realmente de 80 ranchos. Dessa forma, pode-se contar pelo menos 800 pessoas, o que nos parece exagerado. Em todo o caso, os moradores da região de Hansa hão de viver em constante perigo se não houver êxito na expulsão desses bandidos para além da fronteira. Conta-se que uma parte dos coroados estaria munida de espingardas que o governo do Paraná lhes teria fornecido."

40

De Pernambuco ao Rio de Janeiro e a Brusque*

1. Rio de Janeiro, 12 de julho. Desde ontem somos hóspedes dos gentis beneditinos do Rio. Como nosso "Heidelberg" tem, pelo menos, por cinco dias o que fazer no Rio, e como a vida a bordo costuma ser em tais circunstâncias terrivelmente enfadonha, aceitamos o convite dos padres e nos demoramos alguns dias no bonito e grande mosteiro beneditino, pelo que lhes somos muito gratos. Arranjamo-nos facilmente porque muitos dos padres são alemães e os demais entendem, pelo menos, francês. Tivemos a honra e a sorte de falar, aqui mesmo, com o novo núncio apostólico do Brasil, pois a audiência solicitada foi cordialmente concedida e transcorreu bem animada. Depois de recebido nosso pormenorizado relatório sobre nossa sociedade e a missão brasileira, o núncio deu-nos valiosos conselhos para a futura atuação e encorajou-nos, reiteradas vezes, a buscar junto a ele conselho e ajuda em todas as situações difíceis. Exatamente há oito dias estivemos em Pernambuco em visita a nossos padres que trabalham em Várzea e Camaragibe. Graças a Deus encontramos todos com saúde, ainda que um pouco cansados. Em suas casas bonitas e espaçosas, os confrades empregaram todos os meios para fazer nossa estada bem agradável; após a relativamente longa, lenta e aborrecida viagem, sentimos esse amor fraterno como um grande alívio, pelo qual somos muito gratos aos padres.

2. Brusque, 25 de julho. Chegamos aqui, finalmente, no dia 22, enquanto vocês, talvez, já nos tenham dado como desaparecidos. Nosso "Heidelberg" chegou a São Francisco do Sul só no dia 17 de julho. O navio já era aguardado há nove dias; também nosso querido Pe. Foxius ficou esperando fielmente a semana inteira para não se desencontrar de nós e para nos poupar de todas as dificuldades e embaraços da primeira parada. Em meio a esses transtornos, o reencontro proporcionou dupla alegria. Depois de comprovarmos a ótima aparência do senhor pároco de Itajaí, dirigimo-nos à temida casa da alfândega, onde fomos liberados bem depressa e sem nenhum transtorno. Quanto a nossa bagagem, a caixa com os objetos devocionais de Kevelaer havia sofrido danos; contudo, para a maior alegria dos padres, as duas imagens haviam chegado em perfeito estado. Só ficamos algumas horas em São Francisco, pois o navio costeiro "Max" zarpou

* *Das Reich des Herzens Jesu*. Ano VII (1907), p. 467-468.

na mesma noite para Itajaí, aonde chegamos no outro dia, às 7 horas, a tempo de poder celebrar ainda a Santa Missa, nossa primeira no sul do Brasil. Não foi possível realizar nosso propósito de viajar, já no dia seguinte, para Brusque, porque começou a chover de tal maneira que não pudemos arriscar o longo trajeto de 40 quilômetros de carroça. Assim, pudemos ter logo uma pequena ideia de nossa futura atividade e alegramo-nos com a companhia do Pe. Foxius, Pe. Thoneick e Pe. Spettmann, que fraternalmente partilharam conosco sua casa relativamente pobre. Aqui mesmo já vimos como se apresenta, em abundância, a verdadeira vida missionária e a bonita dedicação à cura d'almas; e é exatamente isso que também nós procuraremos aqui, em primeiro lugar. Sob chuva torrencial, chegamos a Brusque no dia 22 de julho, onde fomos recebidos com cordiais boas-vindas. Pe. Lux reside por ora em Azambuja, onde a construção do hospital toma todo o seu tempo. Sendo o ofício divino feito na maior parte em alemão, e como também há algumas capelas alemãs, sentimo-nos úteis desde que aqui chegamos e ainda pudemos oferecer algum alívio ao bom Pe. Meller que, na verdade, ficou grisalho, mas está bem de saúde e disposto. Que Deus abençoe agora o início de nossas atividades!

Com cordiais saudações.

Vossos *Pe. Ohlemüller e Pe. Storms*

41

A festiva procissão naval no rio Itajaí *

Pe. Geraldo Spettmann

Há anos tive a oportunidade de assistir em Echternach à famosíssima e singular procissão dançante, que se realiza na terça-feira de Pentecostes em honra a São Vilibrordo[1], da qual guardo recordações inesquecíveis; tive também, mais vezes, a sorte de participar em Luxemburgo da grandiosa Procissão da Oitava, em honra da Consoladora dos Aflitos, que se realiza sempre com enorme afluência de devotos que vêm de perto e de longe. Plenamente equivalente a essas duas grandiosas manifestações de fé, quero descrever-lhes, nas linhas que seguem, uma festa no distante Brasil, a saber, a festiva procissão fluvial sobre o rio Itajaí, que se realiza aqui todos os anos no dia 2 de fevereiro e que, em singularidade e participação popular, em pouco fica atrás daquelas acima citadas.

Não me foi possível averiguar há quantos anos já se realiza essa procissão em Itajaí. O porto é, contudo, já muito antigo, bem como a honrada associação dos pescadores e marinheiros e, igualmente, nossa procissão, que, fundamentalmente, é uma manifestação de culto a Maria, a Nossa Senhora das Candeias, promovida pelos navegadores nativos e que aqui é conhecida como Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. O festivo cortejo fluvial é precedido de uma novena que se realiza ao anoitecer e que conta com grande influência de elementos da tradição local. O bimbalhar de sinos e os estouros de foguetes chamam todas as noites os fiéis para a capela de Nossa Senhora, na margem esquerda do rio; um largo banco de areia formado pelo litoral separa-a do mar. Somos transportados para lá num barco que, nas horas de maré cheia, é balançado pelas altas ondas em movimento, não sem aflição para frágeis filhos dos homens que somos. A novena propriamente dita consiste principalmente em cantar pai-nossos e ave-marias ou outros cantos portugueses ou latinos, com a bênção final do padre. A reza termina com os inevitáveis foguetes. Logo em seguida, começa a balançante viagem de volta. E assim, sucessivamente, durante nove dias, até o dia 2 de fevereiro, quando então acontece a procissão. Ah! Que vida e movimentação em ambos os lados, na água e em terra! Nas margens apinhavam-se, qual formigueiro, os

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 521-523.

1 A procissão dançante (Spring-Prozession), da qual participam milhares de peregrinos, realiza-se anualmente, na terça-feira depois de Pentecostes, em Echternach, no Luxemburgo, em torno do túmulo de São Vilibrordo (658-739). Durante todo o dia toca-se a mesma música, uma polca, e, ao som dessa música, os peregrinos dançam durante horas, saltando de um pé para o outro, sempre três passos para a esquerda e três para a direita.

devotos e curiosos e, no rio, um grande número de barcos e canoas que, repletos de gente, movimentavam-se ininterruptamente para lá e para cá. Às 10 horas, houve missa solene, com canto polifônico na capela; às 14 horas, tínhamos que estar novamente de volta no mesmo lugar, a postos para as últimas arrumações da procissão, que começou logo em seguida. Que quadro multicolorido sobre o rio e no porto! Barcos e mais barcos, canoas e mais canoas, seis grandes veleiros e alguns vapores, todos maravilhosamente enfeitados para a festa com bandeiras e bandeirinhas, lotados de devotos! Sob ruidosos sons da música, conduzimos primeiramente a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes para a ponte de embarque; ela tem pouco mais de um metro de altura e representa Maria com o Menino Jesus nos braços, tendo a seus pés um barco. O mais bonito dos veleiros estava ancorado no cais para receber a imagem de Nossa Senhora. Entre os dois mastros, encontrava-se o pedestal preparado qual trono para receber a rainha e protetora dos navegantes. À sua volta encontravam-se postados numerosos "anjos"; os padres, os cantores e os músicos, como guarda de honra e corte. Sob emocionantes hinos marianos que ecoavam pelas margens e em direção ao oceano, formou-se então a procissão propriamente dita: um pequeno navio rebocador a vapor foi engatado na frente de nossa nau capitânia e puxou-a lentamente pelas ondas rio acima, enquanto, de todos os lados, os demais navios e barcos chegaram lançando cordas e formando, então, um homogêneo, autêntico e festivo cortejo de navios, um quadro imponente. Aqui, no meio do grande rio, numa longa fila, os meios de transporte festivamente enfeitados com inúmeros devotos; lá, nas duas margens, milhares de espectadores; cânticos que ecoam ao longe e alegres sons da música juntam-se ao marulho das ondas do Itajaí e à rebentação do mar. Não é isso uma incomparável, única, maravilhosa homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, um pedido a Maria, estrela do mar, feito por milhares de vozes cordiais, pedindo proteção e auxílio para enfrentar os perigos e as tempestades do mar e da vida?

Após uma longa hora, o cortejo deu meia-volta para retornar lentamente rio abaixo e chegar novamente ao lugar de partida, onde todas as amarras foram soltas e os navios se dividiram, enquanto o veleiro de Nossa Senhora se dirigiu à ponte de desembarque, de onde a imagem foi levada de volta para a capela. Lá, uma alocução e um festivo *Te Deum* encerraram com dignidade a festa de três horas.

A cidadezinha de Itajaí tem todo o direito de se orgulhar dessa imponente solenidade a Maria. Não se pode negar que na pátria alemã, semelhante procissão seria feita de outra maneira. Sob muitos aspectos, haveria mais seriedade, rezar-se-ia mais, mas também ninguém, que dela tomou parte, negará que é uma grandiosa e totalmente bem intencionada manifestação da grande veneração do povo brasileiro e dos moradores de Itajaí para com a bem aventurada Virgem

Maria, embora, do ponto de vista nórdico, estejam a ela associadas demasiada vivacidade sulina e exterioridade brasileira. Que a excelsa rainha do céu nos ajude a ser úteis a este bom povo, que a homenageia tão sincero, à maneira de criança, por meio da instrução e da assistência sacerdotal nos perigos e lutas pela incalculável fortuna da fé verdadeira! Nesse sentido, rezem muito pelos sacerdotes e pelo povo no distante sul do Brasil.

42

A vida religiosa dos brasileiros Superstições, crendices, votos e promessas*

Pe. Henrique Lindgens

Têm, porventura, as informações que seguem a intenção de acusar o bondoso povo brasileiro? Está muito enganado quem pensa assim; pois, apesar de suas falhas, esse povo é, certamente, ainda melhor que a maioria dos incrédulos. Por acaso não existem também superstições em outros lugares? Ainda recentemente o jornal *Pastoralblat,* de Colônia, trouxe um artigo mostrando a grande abundância de atividades supersticiosas na católica Alemanha Ocidental, e apenas em Berlim, como na metade da Saxônia, há mais quiromantes que em todo o imenso Brasil.

> Homens são os filhos dos homens
> Em todos os tempos, em todos os lugares,
> Quer habitem sob arbustos de bétulas,
> Quer residam debaixo de palmeiras.

Evidentemente há também brasileiros com bons conhecimentos de religião; a maioria, no entanto, não tem culpa de ser ignorante, em parte por causa da tremenda falta de padres, em parte por causa da grande extensão do país. Mesmo sendo apenas batizados, consideram-se católicos, apesar de jamais terem recebido algum outro sacramento, viverem em concubinato, nunca procurarem uma igreja e mal saberem fazer o sinal da cruz. É triste e, ao mesmo tempo, divertido, ouvir de candidatos ao matrimônio que eles nunca se confessaram, que não entendem nada de confissão e não conhecem nenhuma oração, mas que seus pais são bem católicos e que eles, por isso, também o são. Não raro alegam também, como prova de catolicismo, que conhecem muitos padres: "Sou bem católico, conheço muitos padres". A maioria não tem noção de deveres religiosos e não entende como é possível pedir que venham todos os domingos à missa; a mais insignificante desculpa lhes basta para não comparecer, mesmo que caiam apenas alguns pingos de chuva. A espantosa

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VII (1907), p. 565-571.

indiferença apresenta precisamente seu fundamento no desconhecimento dos deveres religiosos, e, como eles têm a firme convicção de que são católicos zelosos, é tão difícil arrancá-los de sua inconsciente tibieza! É difícil curar um doente presunçoso ou instruir um ignorante soberbo que se imagina sábio. Não esqueçamos que a maioria dos brasileiros conhece algumas orações e as faz regularmente; chamam isso de "minha devoção", e esta lhes basta. Muito raramente se encontra nos instruídos e esclarecidos países tão acentuado respeito humano. Toda vez que o brasileiro passa diante de uma cruz, uma igreja, um cemitério, ele não só tira o chapéu, mas deixa a cabeça descoberta até retirar-se da imediata proximidade. Mostra também grande respeito pelo padre, se bem que nem sempre de forma adequada. O culto a Maria é muito difundido e ele invoca a Mãe de Deus sob os mais variados títulos. É a devoção mariana que o mantém afastado do protestantismo. No mais, não sabe por que a religião protestante é falsa, contudo diz, com muita lógica, que ela não pode ser verdadeira porque, entre seus adeptos, a Mãe do Salvador não é venerada; acrescenta, ainda, que permanece fiel à religião de seus antepassados. Para muitíssimos, a religião não é mais do que uma série de formalidades, festas, procissões e outros rituais que, felizmente, foram proibidos pela maioria dos bispos. Qualquer proibição de semelhante abuso tradicional provocava em alguns fiéis uma verdadeira tempestade de indignação, ao passo que os mais quietos, lamentando-se, achavam que o clero mais jovem não encontrava mais sentido na beleza dos antigos costumes e rituais, ou expunham-nos com tristeza sua mágoa com as seguintes palavras: "Padre, nossa santa religião, de fato, mudou muito nos últimos tempos e, a continuar assim, teremos em pouco tempo uma religião completamente diferente".

Não é facilmente explicável que, com tais compreensões pouco claras e confusas, aumente a superstição e a credulidade? A ignorância religiosa sempre foi o solo fértil dessa erva daninha. A todas as coisas imagináveis atribuem-se forças miraculosas, e quem não participa do disparate é quase um incrédulo; todavia, muitos uivam apenas com os lobos só porque assim é moda. A primeira coisa com que um estranho se depara inevitavelmente, ao entrar numa casa, é a ferradura de cavalo pendurada no umbral da porta. Esse ferro mantém afastados espíritos maus e traz sorte à casa. Deve, no entanto, ser uma ferradura velha e enferrujada. Ferradura nova não tem a mesma força. Quando se pergunta pelo seu significado, não se obtém nenhuma resposta, somente um encolher de ombros. Um bom contador de piadas, contudo, procurou curar da crendice pessoas que, no mais, são sérias, com a seguinte explicação: "O diabo é, às vezes, retratado com um pé de cavalo e assim vagueia pelo mundo afora para prejudicar os homens. Aparecendo por aqui e vendo a ferradura, ele reconhece nesse sinal um codiabo e entra para ajudá-lo". A essa estranha explicação as pessoas arregalaram

os olhos, mas não se conseguiu demovê-las da superstição. Caveiras de boi com longos chifres protegem campos e lavouras contra desgraças; por isso são içadas em altos postes na entrada da roça, para que nenhum transeunte prejudique com "mau olhado" as plantações e animais. Maus olhares são geralmente praticados por mulheres idosas. Contra maus olhares não há remédio. O campo, atingido por tal olhado, não frutifica mais; em pouco tempo, o mais das vezes já no dia seguinte, as flores e arbustos já estão mortos. Dessa crença tola partilha não só a gente simples e sem instrução, mas também pessoas cultas. Há não muito tempo, encontrava-me num pequeno povoado para dar aos moradores a oportunidade de receber os santos sacramentos. Diante da casa de meu cordial anfitrião, havia um lindíssimo jardim, uma raridade por aqui. Quando cumprimentei a caprichosa dona da casa pelo belo jardim, ela me retrucou: "Sem dúvida, o jardinzinho ainda está bonito, mas já esteve muito mais bonito; tínhamos aí muitas flores raras, que proporcionavam muita alegria a nós e aos que passavam em frente. Mas um dia passou por aqui uma mulher de mau olhado, olhou nossas flores e no dia seguinte estavam secas". Ao meu riso descrente ela perguntou, bem séria, se eu não acreditava em mau olhado. "Nada disso!", respondi-lhe. "Como poderia o olhar de uma velha ter influência sobre o crescer e secar de flores?" Então o dono da casa veio em socorro de sua mulher com melhores argumentos, fazendo a seguinte afirmação: "Quando era um rapaz de 15 anos, eu tinha uma excelente voz para cantar e era conhecido em toda a redondeza, junto com meus irmãos, como cantor animado e versado. Uma velha invejosa escutou, veio até nossa casa, lançou-me um mau e penetrante olhado e, a partir desse momento, foi-me tirada a voz". Em vão, pedi às boas pessoas que buscassem todas as velhas de mau olhado, que eu garantiria pela completa ineficácia de seus olhos de basilisco[1]; eles ficaram com sua convicção. Às vezes, o mau olhado afeta a saúde de pessoas por meio de gradativa fraqueza, total falta de apetite e grande angústia; todavia as más consequências podem novamente ser anuladas através da bênção. Uma benzedeira ou curandeira é chamada imediatamente, faz seus sinais sobre o doente, resmunga alguns versos e tudo dá certo, contanto que se tenha fé. Indo certo dia a uma capela bem distante, encontrei numa pequena ponte uma criança agachada, de cócoras, a quem uma benzedeira passava uma grande peneira em todas as direções sobre a cabeça, procurando tirar continuamente água do riacho e ela mesma se benzia sem cessar. Para minha pergunta não muito gentil sobre a idiotice que estava fazendo, obtive a seguinte resposta: "A criança está muito doente, emagrece a olhos vistos; quando está dormindo, acorda subitamente e enxerga toda sorte de monstros. Agora já está bem melhor. Por favor, não me

1 Leonardo da Vinci escreveu que o basilisco é tão cruel que, quando não consegue matar animais com a sua visão venenosa, vira-se para as plantas e para as ervas aromáticas e, fixando o olhar nelas, seca-as.

atrapalhe!". O ritual ainda não havia terminado e a benzedeira não queria ser estorvada.

Há também o abuso com os bilhetes de oração; a maioria contém coisas sem sentido, com cruzes grandes e pequenas no meio e em todos os cantos. Não se deve esquecer os esconjuradores de cobras, uma vez que não são raras as picadas de cobras. Assim, a picada de jararaca é quase sempre mortal, se um benzedor não tolher o efeito do veneno; de acordo com o poder daquele que tem o dom da esconjuração, ajusta-se o método de cura. Há três categorias de curandeiros: a classe inferior e mais fraca necessita estar pessoalmente presente junto ao doente; a segunda classe cura a distância e a classe superior, por meio da mera informação. Não apenas os brasileiros, também colonos alemães acreditam firmemente nessa força secreta. Mais que um apresenta cicatriz que, de fato, pode provir de um réptil maior e afirma ter sido curado por um benzedor. Tive, recentemente, com um jovem negro, de nome Antônio, o seguinte desafio: Antônio, um assíduo frequentador de igreja, apesar da distância de três horas até sua casa, faltava, há alguns domingos, à missa. Correu a notícia de que o Antônio havia sido picado por uma grande cobra, cujo veneno teria sido neutralizado por um benzedor, com a severa condição de não deixar a casa durante 40 dias, pois, caso contrário, o primeiro animal peçonhento se lançaria imperceptivelmente sobre ele. Mesmo assim, contudo, depois de alguns dias, vi novamente a cabeça pixaim que, com um alegre sorriso até os dentes, cumprimentou-me com seu "Bom dia, senhor padre". "Como? Estás novamente aqui? Como vai, Antônio?" – "Ah! Estou bem de saúde; uma cobra muito grande me picou na perna, mas veio o benzedor e benzeu-me, e não fiquei doente, não senti uma vez sequer a menor dor de cabeça", e assim prosseguiu, numa verbosidade sem fim. "Mas como ousaste deixar tua casa antes de decorridos os 40 dias prescritos?" Então começou a desculpar-se e, com autêntica cara de desconfiado, declarou que teria sido impossível permanecer os 40 dias em casa, pois precisava cuidar de suas plantações e tratar de sua idosa mãe. Mas continuei insistindo e mostrei-lhe sua nefasta e perigosa desobediência ao esconjurador de cobras. Só quando os que estavam em volta começaram a rir, acendeu-se uma luz no meu Antônio e ele percebeu que eu estava rindo dele por causa da superstição que o havia prendido por 40 dias. Quando continuei a lhe mostrar outros aspectos dessa tolice, ele começou a defender-se: "Padre, não havia outro jeito; todos acreditam nisso; como poderia eu, jovem, trair a sabedoria dos velhos? Não teriam apenas zombado de mim, teriam ficado muito brabos comigo; portanto, não havia outro jeito".

Também contra picada de cobra, as pessoas, principalmente os trabalhadores do mato, carregam frequentemente um amuleto feito de uma determinada espécie de caroços perfurados, parecidos com um colar de pérolas. Ainda recentemente encontrei algo assim com um homem que trabalhava no mato. "Isso é

bom contra animais perigosos", contou ele. Ao final, concordou em trocá-lo por uma medalha de Nossa Senhora.

Também dentes de jacaré são eficazes contra sorrateiros espíritos malignos. De quando em quando aparecem ainda pequenos jacarés nos rios e, certa vez, fui testemunha de uma emocionante caçada a um deles, sem resultado. O animal foi visto expondo-se ao sol e, sem demora, foi dado o alarme. Homens e rapazes acorreram imediatamente, armados com espingardas, machados ou cacetes. O lugar no rio foi cercado, com longas varas o jacaré foi localizado e provocado, para ser abatido com pólvora e chumbo. Vários tiros falharam ou porque erraram o alvo ou não atravessavam a couraça dura como ferro. Numa palavra, a caçada deu em nada. Entre os muitos curiosos, encontrava-se também uma mulher, com seu filhinho nos braços, que havia acorrido para conseguir um dente do jacaré como amuleto para seu filho. Meu forte argumento contra sua tola superstição teve como resposta apenas um menear de cabeça e um ar de descrente perplexidade.

A absurda corrente de orações, já tantas vezes proibida, reaparece de tempo em tempo em larga escala. Assim, diferentes famílias recebem pelo correio cartas de desconhecidos, ou anônimas, com orações a determinado santo que elas, sob ameaça de vingança divina, devem rezar e enviar para outros. Em vez de punir a coisa com desprezo, cumpre-se depressa tudo o que foi pedido com tal zelo como se não existisse outra coisa mais digna a fazer.

Aqui também acontece, de vez em quando, o fim do mundo. Para o próximo ano de 1908, está anunciado um novo fim do mundo, como outro que foi anunciado há alguns anos como infalivelmente certo. Essa crença teve, nesse caso, muitos bons efeitos, pois levou as pessoas a um exame de consciência e à preparação para a morte. O bilhete com a data do fim do mundo teria sido encontrado sob a imagem do *Ecce Homo*, aqui chamado Bom Jesus. Apenas algumas poucas pessoas colocaram em dúvida a veracidade da mensagem. Essa famosa imagem do *Ecce Homo* encontra-se em Iguape e tem uma história singular. Há muitos anos foram feitas duas dessas imagens em Portugal e enviadas para a América do Sul. Piratas turcos perseguiram os portugueses, que jogaram as imagens no mar para protegê-las da profanação. Uma delas teria sido levada pelas ondas até a praia e é, até hoje, venerada como imagem milagrosa.

Muito difundida é também a crença nos milagres; o brasileiro é, sobremaneira, temeroso e enxerga-os onde estes não existem. Se é vítima de um acidente, faz imediatamente promessa a algum santo e se vier a recuperar-se bem, o milagre aconteceu. De modo particular, são numerosos os milagres atribuídos a Santo Antônio. Em muitíssimas igrejas e capelas encontram-se imagens de todo tipo de pessoas e coisas, uma espécie de ex-votos, para afastar desgraças.

Acontece, infelizmente não poucas vezes, que pessoas inescrupulosas abusem dessa credulidade para extorsões; amuletos com poder curativo custam uma dinheirama, mesmo que seja a mais clara idiotice. Há algum tempo consegui, a muito custo, trocar por um santinho o seguinte amuleto de oração: "A São Jorge. – O cavaleiro Jorge foi à casa do Salvador e bateu à porta. – Quem está aí? – Está aqui o cavaleiro; vou à casa de meus inimigos. – Espere, Jorge; tenho três coisas para ti: braços de ferro, um peito de prata, um coração de bronze. Contra ti serão desembainhados punhais sem te fazer mal. Tuas armas correrão como as lágrimas de Nossa Querida Mãe junto ao sofrimento de seu divino filho. As armas não te farão mal por causa da fé, por causa de Nossa Senhora. Amém".

Esses bilhetes de oração são guardados cuidadosamente e guardados escondidos do padre; temos, inclusive, a fama de não sermos verdadeiros padres católicos, porque os ridicularizamos e os destruímos.

Talvez o que mais nos importune sejam as, assim chamadas, promessas. Nem sempre é fácil distinguir se se trata de verdadeiros votos; em todo o caso, a maioria dos brasileiros admite como dever grave de consciência o cumprimento da promessa; adia-se o cumprimento, mas jamais se o esquece. Às vezes, moribundos pedem a seus parentes para cumprirem alguma promessa que eles não puderam cumprir. Tais promessas praticamente todos fazem; inclusive crianças que ainda não falam são ensinadas a fazê-las. A promessa consiste em oferta de velas ou de dinheiro para determinadas finalidades. As velas devem queimar diante da imagem de determinado santo, ou assiste-se a uma Santa Missa com uma vela na mão. Um dia, veio um homem trazendo-nos nove mil réis em cumprimento a uma promessa: "Minha vaca ficou doente. Prometi então doar à igreja a quarta parte de seu valor". Quando alguém fica doente, faz-se imediatamente uma promessa a qualquer santo, principalmente a Santo Antônio, para devolver-lhe a saúde. Uma promessa também muito apreciada é presentear algum santo com uma fita de seda. Encontrei na igreja uma mulher com seu filho de dois anos, entretida em pendurar uma fita na imagem de Santo Antônio; a imagem, no entanto, estava tão alta e de tão difícil acesso que ela, apesar de toda ginástica, teve que desistir da empreitada. Os brasileiros acham que também as outras pessoas deveriam obrigar-se a pagar promessas. Em cumprimento a uma promessa, um pai pediu-me para fazer o batizado do filho mais novo em uma capela situada muito distante, em vez de fazê-lo na Igreja Matriz. Uma mulher veio até o pároco dizendo-lhe, com solene seriedade, que ela fez a promessa de deixar criar por ele o filho dela. Naturalmente o pároco lhe declarou que isso fugia de sua responsabilidade, por maior que fosse a esperança do filho. A mulher, gravemente doente, não foi capaz de entendê-lo e saiu da casa xingando o padre. Como eles respeitam as promessas entre si, mostra-o o seguinte exemplo: na festa do padroeiro da igreja, os negros, que aqui são numerosos, carregam a

estátua de Nossa Senhora do Rosário e são muito ciosos desse seu antigo direito. Então se ofereceram as moças para esse compromisso; os negros só abdicaram desse privilégio quando alguém argumentou que elas certamente fizeram essa promessa. Outro veio perguntar como deveria proceder para conseguir realizar sua promessa de fazer três cultos públicos na igreja. Naturalmente não pude permitir que realizasse seu culto leigo. Perguntou então o homem se em cumprimento à promessa poderia ser feito o culto em casa. Em si e por si não havia nada que lembrasse haver algo contra, apenas salientei que também já havia sido prometido um baile em honra do santo. Só a muito custo conseguiu-se limitar a promessa a orações e cantos. Outro havia, inclusive, feito a promessa de batizar seus filhos somente quando completassem 17 anos e por isso a mais velha havia ficado sem o batismo até 14 anos. Certo dia, ao celebrar uma missa de ação de graças encomendada em uma capela, um padre ficou pasmo quando se virou para dizer o *Dominus vobiscum*, e ver uma mulher com coroa, cetro e bandeira nos degraus do altar; era uma promessa. Antigamente não era rara entre os homens a promessa de carregar uma pedra na cabeça ao tomar parte de uma procissão. Os leilões que acontecem em cada festa, onde são empilhados todo tipo de objetos resultantes de promessas e que, em meio a brincadeiras populares, são vendidos a quem oferece mais, mostram o quanto está enraizado nos brasileiros o costume das desordenadas promessas. Essas manifestações de religiosidade causam em nós, estrangeiros, uma impressão estranha, e realmente não conseguimos entender esses costumes. O pobre povo, no entanto, faz grandes e numerosos sacrifícios; trabalha dia e noite para dar conta de suas promessas sob as maiores privações. Temos esperança de que, pouco a pouco, conseguiremos, graças aos ensinamentos e admoestações dos sacerdotes, arrancar e erradicar a erva daninha para purificar a veneração dos santos de tantos abusos.

43

Nosso campo missionário no sul do Brasil*

O sul do Brasil é, há dezenas de anos, uma região de colonização para muitíssimos europeus, graças às terras férteis e ao clima saudável. Onde antigamente a floresta impenetrável cobria montanhas e vales, e nela só viviam animais selvagens e índios, florescem agora inúmeras colônias, e também lá, onde os brasileiros – aqui denominados luso-brasileiros – levavam uma vida miserável, o colono europeu, sobretudo o alemão, trouxe vida nova. Infelizmente a vida religiosa não pôde acompanhar, no mesmo ritmo, o aumento contínuo da população. Havia poucos padres disponíveis e o clero brasileiro não crescia na proporção das novas necessidades. Em consequência disso, infiltraram-se cada vez mais a indiferença e a ignorância. Muitos sacerdotes alemães atenderam, pouco a pouco, aos reiterados rogos dos bispos, de modo especial a ordem dos franciscanos, que granjeou imortais méritos nesta pobre terra. O número de padres continuava reduzido e, por isso, também nossa Sociedade decidiu assumir uma parte da cura d'almas. Em junho de 1903, os primeiros religiosos de nossa ordem começaram lá seus trabalhos e atualmente estamos em número de 14 padres e três irmãos leigos no sul do Brasil.

A sede principal é Brusque, no estado de Santa Catarina. A colônia foi fundada em 1860, pelo francês Brusque[1]; todavia hoje os franceses, que têm pouca aptidão para colonização, já morreram quase todos, ou se mudaram.[2] Os católicos são em número de, aproximadamente, 11.000 almas, principalmente alemães, italianos, poloneses e brasileiros. A comunidade protestante, que conta com, aproximadamente, 2.000 almas, também tem uma igreja. Na cidade propriamente dita residem em torno de 1.000 pessoas. Os demais habitantes moram espalhados nos seus respectivos lotes coloniais. O povo é bem-intencionado, e se a cura d'almas é cansativa por causa das longas distâncias, mesmo assim proporciona ao missionário muitas horas repletas de conforto.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 43-44.

1 Francisco Carlos de Araújo Brusque (Porto Alegre, *24.05.1822 – Pelotas, †23.09.1886) foi um político brasileiro. Foi presidente da província de Santa Catarina, nomeado por carta imperial de 6 de setembro de 1859, governando de 21 de outubro de 1859 a 17 de abril de 1861.

2 Brusque foi fundada a 4 de agosto de 1860 por imigrantes alemães, trazidos pelo oficial austríaco Barão Maximiliano von Schneeburg. O nome da cidade é homenagem ao então Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque.

Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, em Brusque.

Outro lugar de trabalho é Itajaí, na foz do rio Itajaí, que aqui tem mais de 1.000 metros de largura. A cidade tem um ótimo porto, inclusive para os maiores navios, o qual serve ao mesmo tempo para Brusque e Blumenau. A população católica, que se constitui em sua maioria de brasileiros, ultrapassa os 22.000 habitantes e se distribui nas três paróquias de Itajaí, Penha e Camboriú. Os alemães formam uma forte e bem abastada colônia e têm a maior influência. O prefeito é alemão.[3] Metade dos alemães se reconhecem como evangélicos e têm uma pequena capela. Também aqui a vida religiosa, apesar de todas as dificuldades, mesmo entre os brasileiros, apresenta um satisfatório progresso, e a construção de uma igreja espaçosa é de urgente necessidade. Além das três paróquias, os padres têm ainda seis capelas distantes para atender. Itajaí é a cidade natal do renomado senhor Lauro Müller – cuja família é originária do Mosela –, um dos mais eminentes estadistas do Brasil.

A paróquia de São Bento situa-se no fértil planalto e conta com 9.000 católicos (alemães, teuto-boêmios, poloneses e brasileiros) e há 3.000 a 4.000 protestantes. A comunidade é bastante abastada, sobretudo por causa da exportação do famoso mate ou chá-do-paraguai. Todas as frutas europeias, grãos e verduras crescem bem aqui. A cidade propriamente dita é pequena – a maioria das famílias

3 Samuel Heusi foi prefeito de Itajaí de 1907 a 1911.

mora espalhada nas diferentes colônias – mas tem futuro e se desenvolverá rapidamente, quando estiver pronta a ferrovia São Francisco-Paraty-Joinville-São Bento, cuja construção já iniciou. A nova igreja católica, para cuja construção muitos dos nossos leitores contribuíram com seu óbolo, está pronta quanto à parte de alvenaria e aguarda seu acabamento. A vida religiosa tomou grande impulso.

A paróquia de Paraty conta com 8.000 católicos brasileiros, distribuídos nas duas paróquias de Paraty e Barra Velha. O paciente trabalho dos missionários alemães trará, também aqui, pouco a pouco, melhores condições.

Além disso, um padre encontra-se na ilha de Desterro, onde trabalha na cura d'almas.

De modo geral, pode-se dizer que a atuação dos missionários tem consoladoras perspectivas. A população, há tantos anos sem padre, acostuma-se, pouco a pouco, com uma vida católica. A ignorância religiosa desaparece mais e mais, com o crescimento das escolas, às quais os padres dedicam a maior atenção. Por toda parte existem associações de rapazes e moças e fraternidades do Sagrado Coração, as quais exercem uma abençoada influência. Quanto ao desenvolvimento, a mais adiantada é Brusque, onde o ensino está mais bem organizado. Na cidade há uma escola para rapazes e uma para meninas, esta última dirigida pelas Irmãs da Divina Providência. Além disso, há ainda outras seis escolas paroquiais alemãs nas colônias. Também as colônias italianas contam com algumas escolas primárias. Merece ainda ser citada Azambuja, onde há um hospital que, em média, abriga de 50 a 60 doentes, e uma casa de acolhimento para crianças de Primeira Comunhão, com igual número de crianças. Sua manutenção é custeada com a contribuição dos colonos.

Igreja matriz de Itajaí.

Que a bênção divina acompanhe a obra de seus missionários e recompense os que, com suas orações e esmolas, subvencionam seu trabalho.

44

Um bispo alemão no sul do Brasil*

A última novidade que tenho para lhes contar diz respeito às negociações, há muito tempo em curso e que agora finalmente chegaram ao seu termo, sobre a elevação do estado de Santa Catarina à condição de bispado.[1] E como primeiro bispo, o Santo Padre nomeou o alemão João Becker.[2]

A nomeação de um sacerdote alemão para o cargo de bispo, num estado do sul do Brasil, provocou diferentes reações aqui. Uma análise desses sentimentos dá, de imediato, um quadro ilustrativo da situação política de nosso país. O estado de Santa Catarina tem uma superfície de 114.000 [sic] km² e, como tal, é maior que a Baviera, Würtenberg e Baden juntos. O número de habitantes não chega de longe a nenhum desses estados alemães. De acordo com estimativas oficiais, a população mal chega a meio milhão. Os primitivos habitantes são os indígenas, e todo jovem alemão os conhece através das muitas histórias de índios. Como nos tempos primitivos, os silvícolas percorrem, ainda hoje, a mata virgem, em grupos maiores ou menores. Vivem principalmente da caça e são, em geral, hostis aos brancos. Não é possível saber o número de indivíduos desses filhos da floresta, em cada estado, por causa das contínuas migrações. Calcula-se que os integrantes das tribos que habitam o território de Santa Catarina somem aproximadamente 4.000 indivíduos. Outros filhos da natureza nos foram presenteados pelo misterioso continente africano, porém de maneira muito mais lamentável. Aqui vivem 50.000 africanos e crioulos, isto é, negros que foram trazidos como escravos e descendentes de negros nascidos aqui. Entre os imigrantes europeus, os alemães são os mais fortemente representados; perfazem, em números redondos, 100.000. A seguir, vêm os italianos, com 30.000; os eslavos, poloneses, boêmios e russos somam juntos 12.000. Os demais habitantes são de origem mestiça e são designados brasileiros.

O elemento germânico, seja aquele que procede do reino alemão, da Áustria ou da Suíça, ou nascido aqui, manifesta ao novo pastor supremo sentimentos de pura satisfação. Característica exceção é apenas a colônia Joinville, onde se congregou, como que numa sólida fortaleza, um significativo número

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 84-86.

1 A Diocese de Florianópolis foi criada a 17 de março de 1908 com a bula *Quum Sanctissimum Dominus Noster*, do Papa Pio X.

2 A 3 de maio de 1908, a Santa Sé elege o sacerdote João Becker como primeiro bispo da recém-criada Diocese de Florianópolis.

de adeptos do puro evangelho segundo a observância de Meklenburgo. Estão aí enclausurados em si mesmos e, por isso, são incapazes de tomar parte na alegria dos demais alemães. Preferem ver o diabo em pessoa que o mais humilde pároco de aldeia, mas isso é questão de gosto e aqui, neste país do futuro, ninguém se ocupa com isso. A colônia italiana, que se distingue como a dos alemães em trabalho e progresso, não tem nenhum motivo para ter antipatia ao bispo alemão. Os italianos daqui vêm praticamente todos do saudável norte da Itália ou do Tirol, cujos ancestrais têm parentesco com o caráter germânico e seguem suas tradições. Para os poloneses e demais eslavos, o bispo é, por enquanto, apenas "um prussiano".

Os brasileiros ainda não entenderam bem a escolha do Santo Padre. Aqueles que são católicos, não somente de nome, mas também na prática, dizem: "Para nós, o novo bispo é, em primeiro lugar, o representante da Igreja Católica. Nesse ponto, nós lhe manifestamos todo o amor e respeito que lhe deve o sentimento de um católico. Contudo, a simpatia por um bispo seria mais calorosa se fosse um de nossa gente". Este é um ponto de vista ao qual se deve fazer justiça. Diferente é a opinião dos nativistas. Essa gente desempenha aqui papel igual ao dos alemães hakatistas[3] ou pangermanistas. Qualquer estrangeiro que aqui se mostra um pouco mais proeminente, eles veem como um intruso indevido e agitador atrevido, a quem gostariam de atacar com toda a veemência. A crescente influência da qual os alemães daqui se orgulham, cada vez mais, em decorrência do seu desenvolvimento econômico é, para eles, em particular, um terrível espinho. A nomeação de um bispo alemão, que terá sua sede numa de suas cidades mais importantes, só podia encontrar pouca simpatia a seus olhos. A força principal desses singulares defensores da pátria consiste na palavra e na escrita; nisso também não contiveram seus sentimentos. Seus jornais mais pacíficos falaram logo de "novos indícios do perigo alemão". Os mais radicais, por sua vez, estigmatizaram a nomeação com palavras contundentes como "intromissão alemã" e até picharam paredes com frases como "desejos de anexação prussiana". Mas, cala-te, querida pátria! Há trinta anos trabalham ativamente aqui em Santa Catarina, além de seis sacerdotes brasileiros, em parte inativos, e doze zelosos padres italianos, mais de cem sacerdotes e membros de congregações religiosas de ambos os sexos, de procedência alemã. Eles lograram os mais significativos sucessos no âmbito da Igreja e das escolas, inclusive nas relações econômicas com os brasileiros e outras parcelas da população, bem como com o povo de sua origem. O governo e muitas personalidades dirigentes, de visão mais ampla, aproveitaram a ocasião para

3 Hakatista era uma sociedade fundada em 1894 por Bismark, com a finalidade de germanizar o Leste europeu, especialmente a Polônia, bem como de difundir o protestantismo naquelas regiões que eram exclusivamente católicas.

reconhecer publicamente a atuação do clero estrangeiro e encorajá-lo a empreender outras obras ricas em bênçãos. O comprovado passado responsabiliza-se por um futuro feliz. Podemos, assim, esperar que, sob o cajado de pastor do novo bispo, encontrar-se-ão unidos pastor e rebanho, num feliz concurso para o desenvolvimento cristão no país do futuro!

João Becker é um renano de nascimento. Nasceu em Marpingen, [4] no distrito de Sankt Wendel. Ainda jovem, emigrou com seus pais para o Rio Grande do Sul, em cuja capital ele trabalhava como pároco da igreja Menino Deus. Devemos, com certeza, ao *Kulturkampf*[5] alemão o fato de termos recebido um compatriota como primeiro bispo de Santa Catarina. Os nossos leitores mais velhos se recordarão como, no primeiro calor do *Kulturkampf*, um pequeno lugarejo na região de Trier se tornou famoso da noite para o dia. Era Marpingen. Em julho do ano de 1876, algumas crianças teriam presenciado diversas vezes, na mata próxima, aparições de Nossa Senhora. A população de toda a redondeza, como é compreensível, entrou em alvoroço. Multidões se deslocavam para Marpingen, como a um lugar de peregrinação. De início, o clero se manteve retraído, para pronunciar-se a respeito em momento oportuno. Entrementes, outro olhar velava sobre a sorte do povo católico. Era a polícia de estado da Prússia. Pelos decretos de maio seria ela, em primeira instância, a tomar providências para manter a ordem, mesmo em assuntos eclesiásticos. Em Marpingen, ela deu disso uma prova exemplar. Grande número de devotos que pretendia dirigir-se a essa localidade foi barrado por tropas do exército. Os moradores, ao se revoltarem contra semelhante tutela de sua religião, foram sumariamente encaminhados à justiça. O governo moveu contra eles um gigantesco processo "sob acusação de trapaça". Com isso deveria ser regulamentada em definitivo a questão da romaria. Vinte famílias de Zaarbrücken e Colônia tiveram que se justificar diante da alta justiça da Prússia. O estranho processo terminou com a absolvição de todos os acusados.

Essas arbitrariedades e a triste situação em que, naquela época, se encontravam os católicos alemães, fizeram com que muitos camponeses da região de Trier abandonassem sua pátria. Muitos tomaram a decisão de fundar uma nova pátria num país livre e distante. Dentre eles, encontravam-se os pais de nosso Exmo. Bispo. Eles venderam sua pequena propriedade e, transpondo as águas imensas do oceano, mudaram-se para um mundo melhor. Este eles encontram no sul do Brasil, em uma colônia alemã do Rio Grande do Sul. Lá compraram um pequeno sítio no meio da floresta e, com trabalho assíduo e perseverante, começaram em pouco tempo a colher frutos realmente belos no maravilhoso

4 Marpingen, cidade natal de Dom João Becker, localiza-se na região do Saar-Hunsrück.

5 *Kulturkampf* é um termo de conotação política e se refere ao conflito ideológico travado entre o Estado prussiano (protestante) e a Igreja Católica, entre 1871 a 1887 aproximadamente.

solo brasileiro. Depois de alguns anos, era possível aos pais enviarem os filhos, um após o outro, para casas de formação mais elevada. Dois filhos consagraram-se ao ministério sacerdotal. O mais novo, João, nascido em [24 de fevereiro de] 1870, será agora ornamentado com a mitra episcopal como primeiro bispo do estado de Santa Catarina, de colonização alemã, no sul do Brasil.

45

Um lugar de peregrinação mariana no sul do Brasil [*]

Na paróquia de Brusque, onde nossos padres trabalham na cura d'almas, existe um solitário vale agreste. Da Igreja Matriz pode-se chegar lá facilmente em vinte minutos a cavalo. Acredita-se ter a Virgem Maria aparecido nesse vale e, de lá, haver derramado suas bênçãos às redondezas mais distantes, tal qual vem acontecendo há centenas de anos na velha Europa.

Tudo começou no ano de 1877, quando numerosos emigrantes italianos deixaram sua pátria para se estabelecer no Brasil. Antes de partir, algumas famílias da Lombardia fizeram o voto de construir, na nova pátria, uma capela em honra da Mãe de Deus e nela expor a imagem da virgem de Caravaggio se ela os protegesse na viagem para o Brasil. A devoção a Nossa Senhora do Caravaggio é muito difundida e popular na Lombardia, bem como em toda a Itália, o que nos leva a compreender facilmente por que os heroicos colonos se mantiveram tão fiéis a essa tradição na nova pátria.

Após ditosa travessia, os lombardos chegaram sãos e salvos às terras cobertas de floresta que o governo brasileiro lhes havia destinado. Puseram logo mãos à obra. Cada qual construiu para si uma precária habitação, desbravou parte da mata para agricultura e, então, cumpriu seu voto para com a Virgem Maria. Trabalharam comunitariamente na construção da capela, ornamentaram o altar com um quadro da virgem: primeiro uma pintura simples, até quando, mais tarde, a caridade de uma condessa de Milão os presenteou com um quadro grande, bonito, pintado a óleo e com as próprias mãos, da Madona de Caravaggio. Os bons colonos gostavam de reunir-se na capela para fazer suas rezas à Mãe de Deus, tal qual estavam acostumados a fazê-las desde a infância em sua terra natal, a Lombardia. A pequena capela atraiu muitos piedosos devotos que, atormentados por sofrimentos ou vítimas de alguma desgraça, procuravam consolo e ajuda junto à Mãe de Deus. A Santíssima Virgem parecia querer recompensar a devoção dos peregrinos; admiráveis graças alcançadas difundiram rapidamente a fama da pequena capela e, desde então, cresceu dia após dia o número de peregrinos. A velha capela já não correspondia mais às necessidades; as esmolas dos romeiros possibilitaram, em 1896, a construção de uma igreja espaçosa. Depois

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII, (1908), p. 87-89.

disso, teve início a celebração regular do culto divino, presidido por um padre de Brusque, e as romarias começaram a ser gradativamente organizadas de tal modo que, agora, duas grandes romarias, em maio e agosto, têm lugar em Azambuja. O ermo vale de outrora se transformou num cenário movimentado. Numerosos grupos afluem de carroça, a cavalo e a pé para pagar à querida Mãe de Deus o tributo de sua veneração. Por mais ignorante que o brasileiro seja nas coisas que dizem respeito à religião, a devoção a Nossa Senhora deitou raízes tão profundas no seu coração que jamais poderia esquecê-la.

Já era uma ideia antiga do Revmo. Pe. Eising, então pároco de Brusque, fundar um hospital para, em caso de doença, minimizar o sofrimento dos doentes sem assistência. Considere-se que, em Brusque, não reside médico e que a visita de um médico de fora custa normalmente 150 a 200 marcos, uma soma que, para os pobres, é exorbitante. O citado Pe. Eising conseguiu então, das Irmãs da Divina Providência, seis religiosas que, por ora, são suficientes para remediar as necessidades mais urgentes. Foi comprado o lote colonial vizinho à capela em Azambuja e a casa do colono serviu como hospital, até a substituição por uma construção mais espaçosa. O número de pacientes cresceu desde então sem cessar, chegando a 50 – 60. É evidente que as boas irmãs estão sobrecarregadas de trabalho. Abnegadas filhas de colonos prestam auxílio oportuno, ajudando-as na cozinha e horta e mesmo, quando necessário, na assistência aos doentes.

Antigo hospital de Azambuja.

Com a fundação do hospital foi, com certeza, atenuada muita miséria. Mas, quanto mais a organização da cura d'almas na imensa paróquia de Brusque se aprimorava, tanto mais se manifestava outra necessidade espiritual, que exigia solução urgente. Mesmo que fossem construídas muitas capelas e muitas escolas fossem fundadas, ainda assim havia um grande número de famílias de colonos cujos filhos cresciam praticamente sem doutrina. Somente uma casa de preparação para a Primeira Comunhão poderia resolver o problema. Ninguém duvidava da necessidade de um empreendimento dessa natureza. Mas, onde conseguir a manutenção para tantas crianças? Nossa Senhora de Azambuja teve que ajudar novamente, também nesse caso. Foi comprado um segundo lote colonial em Azambuja e a casa do ex-proprietário servia como escola para as crianças; nela uma irmã as ensinava a ler e escrever, e um padre as doutrinava nas verdades da religião. O número de crianças cresceu rapidamente de tal modo que, às vezes, ali se encontram de 50 a 60 meninos e meninas, com idade entre 12 e 13 anos. Normalmente elas ficam em Azambuja de cinco a seis meses e são preparadas para a Primeira Comunhão. Há, duas vezes por ano, solene Primeira Comunhão, à qual também os pais comparecem, como convidados. Em seguida, voltam para suas casas, onde trabalham na lavoura, mas com a gratificante recordação de Azambuja, como demonstram suas frequentes visitas ao local.

Alguém poderia agora perguntar de que maneira se consegue o sustento para tantos, ao todo, 120 a 130 pessoas. Quanto custa a pensão de uma criança? Nada! E de cada doente? Igualmente, com raras exceções, nada. Apesar disso, nunca passaram necessidade. Deve ser uma obra do agrado a Deus se tantos podem viver despreocupados, sem qualquer rendimento seguro. Praticamente todos os dias, os bons colonos, ainda que a maioria deles não seja abastada, trazem muitos víveres: milho, batatas, arroz, mandioca, açúcar, café, ovos, galinhas, porcos, às vezes uma vaca ou um cavalo. Se, porventura, a casa começa a sentir necessidade, a condução do hospital sai para a colônia e volta à noite, carregada. Como facilmente se pode perceber, Nossa Senhora recompensou tão abundantemente aos fundadores pela confiança depositada nela que agora nossos padres, continuando a confiar no auxílio de Maria, deram início a uma nova construção do hospital e da casa de acolhimento para crianças de Primeira Comunhão, que era sentida dia a dia como uma necessidade palpável.

Assim, portanto, a capelinha de Nossa Senhora, construída pela piedosa intenção dos honestos colonos, tornou-se para um número incontável de pessoas uma fonte das mais ricas bênçãos espirituais e materiais.

46

Brusque, em Santa Catarina*

Sobre o florescente município de Brusque, há um artigo na revista *Zeitschrift für Süd-und Mittelamerika*, do qual extraímos o que segue.

"O estado brasileiro de Santa Catarina, pela abundância de belezas naturais, pelo seu solo extraordinariamente fértil e, não menos, por sua grande e natural riqueza e clima maravilhoso, é denominado "paraíso brasileiro". Em contraste com o planalto, situado no interior adentro, onde no inverno faz muito frio, não se pode, a rigor, falar de frio na região litorânea. O Dr. Avé-Lallement descreve o inverno da região litorânea da seguinte maneira: 'Os ramos bem carregados de folhas dos pés de café curvavam-se com a grande quantidade de bagos, as laranjas brilhavam em milhares de bolas de ouro nas árvores, alguns pessegueiros apresentavam flores cor de púrpura.'

"Embaixo, no litoral, encontra-se maravilhosa floresta virgem, com grande variedade de palmeiras, xaxins e cipós, bem como árvores com muitas orquídeas de belíssimas cores. Em contraste com esta região, o planalto é a terra das araucárias, com suas infindáveis planuras de capim; além disso, com ondulantes lavouras de grãos e bonitos bosques de taquara. Não é de se admirar que, dos três estados brasileiros – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, Santa Catarina seja aquele onde a colonização alemã chegou a um especial florescimento por causa do clima saudável e do excelente solo. Quem já não ouviu falar alguma vez das duas colônias alemãs Blumenau e Joinville, os dois maiores e mais significativos municípios! Em comparação a estes, infelizmente ainda pouco conhecido, está o município de Brusque que, em consequência de seu notável comércio e sua indústria, alcançou o terceiro lugar entre os municípios mais desenvolvidos de Santa Catarina e conta atualmente com 15.000 habitantes, a maioria de origem alemã.

"Brusque tem seu nome proveniente do outrora presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Araújo Brusque. Foi fundada por incumbência do governo imperial, a 4 de agosto de 1860, sob a direção de Schneeburg, outrora oficial austríaco e secretário do barão von Seckendorf, com 54 imigrantes, a maioria badeneses[1]. Em janeiro de 1861, entraram mais imigrantes na colônia, que tem uma área de 2.200 km² e situa-se a 27°5'4" latitude Sul e 48°59'6"

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 132-135.

1 A maioria dos imigrantes de Brusque, incluídos os do município de Guabiruba, é originária da região de Baden (sudoeste da Alemanha).

longitude Oeste de Greenwich. Eram 23 famílias do Holstein[2], as quais foram transportadas da cidade portuária de Itajaí pelo rio Itajaí-Mirim acima em lanchas e, por causa de enchente, precisaram de quase nove dias para chegar a Brusque. Chegando ali, foram abrigados num rancho feito de palmitos, onde tiveram que permanecer por uns nove meses, até que puderam ocupar seus respectivos lotes coloniais. Como meio de subsistência, foram-lhes fornecidos farinha, carne seca e toucinho de Minas. Para a iluminação serviam-se de tanino e de óleo de rícino. Os adiantamentos concedidos pelo governo importavam, de acordo com o tamanho da família, em 30 a 60 mil réis e eram contabilizados como dívidas coloniais. Durante alguns anos os colonos conseguiram um pouco de dinheiro na construção de estradas. Só a partir de 1865 conseguiram viver do seu lote colonial.

"Em 1866, foi fundada pelo governo imperial, na margem direita do rio Itajaí-Mirim, a uma distância de quatro quilômetros, a colônia inglesa "Príncipe Dom Pedro", com 98 imigrantes de Nova Iorque, a maior parte irlandeses. Embora fossem escolhidos os melhores imigrantes da United States and Brazil Steamship Comp., eles não se prestaram de modo algum à colonização. O então diretor da nova colônia viu-se, por isso, obrigado a recambiar grande parte deles, pois eram elementos completamente inúteis. E como, no ano de 1869, o referido diretor teve que ser deposto por causa de grande fraude, a completa dissolução da colônia só podia ser naturalmente esperada.

"Em 1875 começou a imigração italiana, que também foi a última em significado. Quase seis anos mais tarde, no dia 23 de março de 1881, foi Brusque elevada a município, quando Pantoja era diretor da colônia.

"Dos diretores que presidiram a colônia destaca-se, de modo especial, um homem, o brasileiro Dr. Luiz Betim Paes Leme,[3] que, de maneira eminente, se tornou um grande benfeitor de Brusque. Sob sua iniciativa foi construída a igreja católica e colocados os fundamentos da igreja protestante. Devem-se à sua iniciativa a criação de uma escola para rapazes e meninas bem como, mais tarde, a construção de estradas, entre as quais uma ligação com a vizinha cidade portuária de Itajaí e com Blumenau. Naquela época repetiam-se, todos os anos, exposições de agricultura e de indústria. Daí adveio que o governo brasileiro, percebendo a capacidade de organização do diretor da colônia, chamou-o para a administração do correio, que ele remodelou e melhorou completamente. Até seu falecimento, há dois anos, ele dedicou todas as suas energias ao Estado.

---

2 Algumas famílias estabelecidas no interior de Brusque eram originárias da região de Holstein, Norte da Alemanha, perto da fronteira com a Dinamarca. Há, atualmente, uma localidade no interior do município de Guabiruba que leva esse nome.

3 Luiz Betim Paes Leme (Rio de Janeiro, ca. 1847 – Petrópolis, 19 de fevereiro de 1904). Foi diretor da colônia Brusque, de 1º de janeiro de 1872 a 1º de dezembro de 1875.

"Quanto à população de Brusque, cuja cidade foi elevada a Comarca a 23 de novembro de 1891, podem-se anotar os seguintes dados:

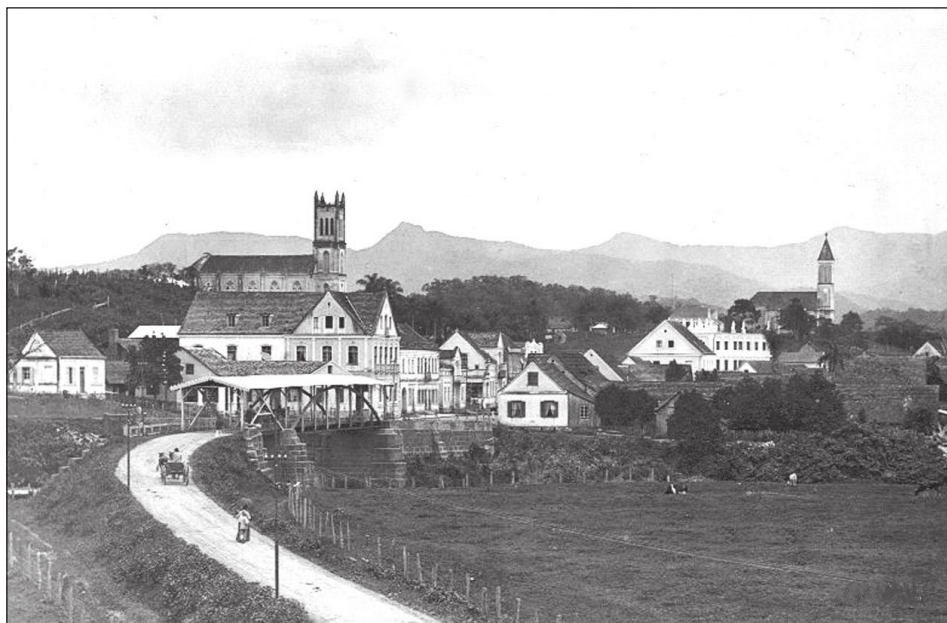
A colônia contava
1861....................................406 habitantes
1864....................................938 "
1868....................................1.517 "
1869....................................1.673 "
1871....................................2.100 "
1875....................................4.568 "
1906....................................c. 14.500 "

Entre esses habitantes estavam representados mais ou menos 7.500 alemães, 5.000 italianos e 2.000 brasileiros e membros de outras nacionalidades.

"A vila de Brusque situa-se numa planície do vale do rio Itajaí-Mirim e o lugar é muito pitoresco, até mesmo romântico. No que diz respeito a edifícios públicos, a cidade conta com uma agência de telégrafo, de correio e de agrimensura, uma câmara municipal e um galpão que antigamente abrigava os imigrantes e que agora serve de cadeia e residência dos soldados da polícia. Em duas colinas que sobem suavemente a partir do rio, erguem-se as igrejas, a protestante e a católica. Um hospital, cujo prédio está sendo atualmente substituído por uma construção de material, localiza-se em Azambuja.

"Sob a direção do anterior superintendente, Sr. Carlos Renaux, foram construídas duas pontes maciças sobre o Itajaí-Mirim, em substituição às duas balsas que até agora faziam o transporte pelo rio, o que foi de extraordinário proveito para o tráfego. Também o atual superintendente, Sr. Guilherme Krieger, já realizou grandes obras, como a construção de boas estradas e pontes, em diversas partes do município.

"As mais importantes culturas na colônia são milho, arroz, feijão, tubérculos e raízes como mandioca, aipim, batatas, depois frutas (bananas, abacaxi, laranjas, pêssego, uvas) e, por fim, plantas que, como café, cana-de-açúcar e fumo, fornecem indispensáveis estimulantes.

"Nos últimos anos desenvolveram-se significativamente, em Brusque, o comércio e a indústria. Em 1906 foram exportados, em números redondos, 700 fardos de tecidos de algodão, 50 fardos de mercadorias de malha, 40.000 dúzias de tábuas, 15.000 sacas de farinha de mandioca, 15.000 sacas de açúcar, 2.000 sacas de polvilho, 1.000 sacas de feijão preto e milho, 1.000 sacas de arroz, 1.500 barris de aguardente, 2.000 sacas de café, 500 caixas de banha e manteiga. Foram importados, em números redondos, 4.000 sacas de farinha de trigo, 2.000 caixas de petróleo, 1.800 fardos de carne seca, 1.200 fardos de algodão, 5.000 volumes de fósforos, pregos, mercadorias de porcelana, etc.

Vista panorâmica de Brusque.

"A indústria conta, no momento, com 65 serrarias, 89 engenhos de açúcar e 65 de farinha de mandioca, três cervejarias, quatro selarias, marcenarias e olarias, bem como uma fábrica de charutos, de vinagre, de licor, uma farmácia completa sob todos os pontos de vista, e, finalmente, uma fiação, tecelagem e tinturaria reunidas em uma importante fábrica. Esta produz principalmente tecidos de algodão para homens, bem como roupa de cama, e emprega em torno de 100 operários. Seu proprietário, Carlos Renaux, formou, além disso, na Suíça, um consórcio com um capital de cinco milhões de francos, com o qual ele pensa explorar em grande escala os extensos depósitos de calcário em Ribeirão do Ouro. As experiências feitas em Basileia, para essa finalidade, sob a direção do Dr. Hansmann, constataram que do material pode ser fabricado excelente cimento Portland, que é até melhor que as melhores marcas congêneres de origem inglesa. Por causa do baixíssimo teor de magnésio, o cimento de Brusque presta-se extraordinariamente para construções executadas em água do mar. Nesse sentido, cuidadosas experiências deram como resultado que o produto daqui é de volume absolutamente constante e que, depois de 28 dias de depósito na água, suporta uma pressão de 270 kg e uma tração de 25 kg por centímetro quadrado.

"A fim de realizar o auspicioso empreendimento por ele planejado, o Sr. Renaux está empenhado em conseguir do governo federal os recursos para a construção de uma estrada de ferro que, saindo de Itajaí, atravessa Brusque, a

região marga e as terras férteis ainda não ocupadas, como aquelas da Companhia Colonizadora Catarinense, para conduzir até o centro do estado, à cidade de Lages, onde desembocará na ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul. A subida da Serra do Mar para Lages pelo vale do Itajaí-Mirim é, com certeza, o melhor e o mais curto trajeto de todo o estado e, com isso, evitará uma difícil subida, como aquela perto de Blumenau; porém, há a Serra Geral a ser vencida a partir do Campo do Figueiredo, mas que não oferece, com certeza, maiores dificuldades que a linha de Blumenau.

"Que o Sr. Renaux, que em breve se dirigirá a Desterro e ao Rio de Janeiro para dar encaminhamento a seus projetos, encontre apoio para sua execução é o mais vivo desejo de todos os habitantes do município.

"Para a educação e formação da juventude brusquense, existem, no momento, não menos que 13 escolas, a saber: duas escolas do governo, brasileiras; três escolas comunitárias (uma protestante e duas católicas); e duas escolas coloniais. O número de alunos de todas as escolas juntas é atualmente pouco mais de 600."

47

Trabalho missionário no sul do Brasil [*]

Pe. Geraldo Spettmann

O interesse pelas missões pagãs encontra, felizmente, repercussão cada vez maior nos corações dos católicos alemães, e nós, missionários, só podemos nos alegrar quando o Reino de Deus se dilata sempre mais adiante, para terras pagãs que ainda jazem na sombra da morte. Pedimos ao bom Deus que retribua mil vezes a todos os generosos benfeitores das missões por sua colaboração na grande obra de redenção das almas. Entretanto, quando contemplamos nosso campo missionário e vemos todas as necessidades que gostaríamos de aliviar, então, às vezes, uma silenciosa tristeza toma furtivamente conta de nosso coração e pensamos: parece que nós, missionários brasileiros, fomos esquecidos na querida pátria alemã. Deixando de lado os maiores centros coloniais, onde se encontra, ao menos, o imprescindível, as pequenas comunidades ou capelas do interior, por sua vez, são tão pobres, tão abandonadas, que só com coração pesaroso nos decidimos celebrar a Santa Missa em tal ambiente e invocar sobre o altar o divino Salvador. Ah, se mais pessoas boas vissem essa miséria que encontramos tantas vezes em nosso caminho, lágrimas espontâneas de comiseração haveriam de abrir-lhes imediatamente o coração e as mãos! Alfaias apodrecidas, estragadas, patenas que na Europa não se ajuntariam na estrada, cálices que não seriam considerados dignos para o uso privado! Às vezes existe à disposição apenas um paramento para todas as cores litúrgicas.

Nas regiões onde só moram brasileiros, as pessoas são tão pobres que mal possuem uns trapos no corpo e, apesar de toda a boa vontade, não podem nos ajudar. E quantas pessoas há aqui que não têm absolutamente nenhum interesse pela Igreja e pela vivência religiosa! Também elas não nos ajudam. Se quisermos salvar essas almas, então não são suficientes nossa paciência, nosso esforço e trabalho até o esgotamento de nossas forças vitais. Para tirar a vida eclesiástica de seu passo de lesma, precisamos também do auxílio material. É um grito de socorro que, em nome de meus confrades, eu dirijo a nossos amigos e benfeitores na querida pátria. Confesso que é penoso para mim, estender a mão para mendigar. A salvação das almas, porém, está aqui em jogo. Temos que salvar as almas com todos os meios disponíveis.

Quantas almas caridosas, quantos amigos conhecidos e desconhecidos, em ambos os lados do imenso oceano, participariam ativamente da eficaz promoção

---

[*] *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 181-184.

e revitalização da vida católica se soubessem quão triste é a situação, principalmente no litoral, e quão facilmente poderiam contribuir, mediante uma pequena dádiva, uma pequena oferta, para a decoração mínima de uma capela! Tenho certeza de que ninguém se omitiria e, assim, todos se tornariam, à sua maneira, mesmo longe na querida pátria, missionários também no sul do Brasil.

Pagãos, no verdadeiro sentido da palavra, praticamente não temos mais aqui, à exceção dos índios botocudos, que se mantêm longe de nossa influência. No entanto, trabalhamos em meio a um povo que, em muitos aspectos, é pior que os pagãos, e junto ao qual a cura d'almas é certamente menos consoladora que junto aos negros da África. Não medimos esforços para ser tudo para todos. Quantas vezes passei a noite toda, das 21 horas até as 6 da manhã, montado a cavalo para levar socorro espiritual aos doentes agonizantes! Mas damos pouca importância ao cansaço e às fadigas, sob vento e chuva, inclusive fome e dores, quando se trata de corresponder à nossa vocação e ganhar almas imortais para o céu.

Caro leitor, prezada leitora, acompanhe-me numa viagem de visita a uma capela. A paróquia sob minha responsabilidade tem três capelas, que distam de uma a quatro horas a cavalo uma da outra. Nossa viagem segue primeiro por um morro mais ou menos alto, depois por uma vargem arenosa; à esquerda se estende o imenso mar bravio. Aos poucos diminui o ardente calor. O sininho da capela anuncia nossa chegada e, de boca em boca, corre a notícia: "O padre chegou!"

Nossos cavalos são conduzidos ao pasto; damos uma olhada em nosso alojamento; é uma casa espaçosa e desocupada; uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma cômoda com uma bacia com água constituem toda a mobília. Depois de uma pequena refeição vespertina, retiramo-nos para descansar. A cama não é macia, o colchão é uma simples esteira de junco. O cansaço, porém, e a boa disposição embalam-nos logo num sono agradável.

Aos poucos vão surgindo sinais de vida por cima do quarto. É um grande festival de ratos. Sem demora, surge também, dentro do quarto, um verdadeiro batalhão de formigas migratórias de dois centímetros. Não preciso ir até as formigas para adquirir sabedoria, elas vêm até mim. Como um bando selvagem, percorrem o quarto, sobem em audaz passo de assalto à mesa, à cadeira e à cama e revolvem tudo com voracidade de salteador. Acordo sobressaltado e, horrorizado, enfio-me em minhas roupas. Mas ai! Às centenas, as indesejadas hóspedes ali já se aquartelaram – uma multidão de pérfidos franco-atiradores. Sem demora, começa o combate e, do seu singular esconderijo, me atingem com algumas setas mordazes. Trava-se então um combate de vida e de morte! Embora esses bichos não sejam venenosos, mesmo assim não me encontrava numa situação confortável e semelhante investida não é sem perigo. Até mesmo nosso pesquisador de formigas, o Padre K., perderia seu amor e interesse

por elas numa situação como essa. Sacudi minhas roupas o mais rápido possível e o chão se encheu de um número incontável. Que belo serviço! Ponho meus pés em movimento, como o melhor organista não o poderia fazer mais rápido[1] e logo caminho sobre cadáveres. Dessa maneira, todo o quarto foi depurado. O resto do exército migratório pôs-se em frenética fuga.

Esse foi o primeiro verso. O dia desponta e o trabalho começa. Durante a Santa Missa, eu faço uma pregação e escolho, em geral, temas catequético-apologéticos para esclarecimento contra a propaganda protestante, que se difunde por toda parte. Depois do café da manhã, vem o comunicado de que há um doente para visitar. Alguém traz meu cavalo branco e lá vou pelos morros a toda pressa, a uma distância de três horas. Quando retorno, as crianças da Primeira Comunhão já estão reunidas. Gostam de comparecer, mas a maior parte não sabe ler, de modo que tenho dificuldade em instruí-las, pois o maior problema é a ignorância. As mais aplicadas recebem, como recompensa, um santinho, uma medalha ou outra coisa qualquer. Tais expedientes são-nos aqui tão necessários quanto aos missionários na África.

Segue, finalmente, por volta das 5 horas da tarde, um modesto almoço, feito à base de carne seca com pirão sem sabor ou arroz com carne de frango, também sem sabor, por falta de sal e banha. Então um charutinho! Mas, eis que já toca o sino, chamando para a reza vespertina com pregação! Cansado, supercansado, finalmente me recolho para dormir. Antes, porém, tomo ainda uma xícara de chá.

Descanso? Que nada! Começa a mesma brincadeira da noite anterior. Parece que as formigas mobilizaram todos os reservistas do seu exército encontrados nas redondezas. Mais uma vez uma selvagem caçada, uma selvagem carnificina até que, finalmente, batem em retirada.

O segundo dia é semelhante ao primeiro. Visito novamente um doente entre as montanhas. Totalmente exausto, procuro, à noite, outra casa, para ver-me livre das incômodas formigas. Mas nesta, foi como sair da chuva e parar na goteira, da caverna de ladrões para a caverna de leões, cujos habitantes denominamos pulgas. Na Alemanha mal se ousa pronunciar essa palavra. Aqui, temos que nos haver frequentemente com essas criaturas, cujo nome é aqui "legião". Preciso agora travar uma guerra de menor porte, uma guerra de emboscadas. Infelizmente, sobre esse assunto nossos professores não nos ensinaram nada. Por isso aqui estou eu, sozinho, em campo aberto, cercado, todo mordido e picado, a ponto de perder a paciência. Dias mais tarde, quando já me encontrava de volta a Itajaí, encontramos e matamos ainda 50 nas minhas roupas, sem contar as que já estavam mortas. Sentiria muito se alguma das queridas leitoras desmaiasse

1 O órgão tem um teclado inferior que é tocado com os pés.

ao ler esta sanguinolenta experiência de guerra; as pulgas também são criaturas de Deus e, aqui, contribuem muitíssimo para qualificar nosso chamado a uma vida de oblação, a um verdadeiro trabalho missionário.

No segundo dia de Natal, pus-me novamente em viagem e fui a uma outra capela, onde pretendia rezar a Santa Missa. Uma forte e persistente chuva, porém, impossibilitou os colonos de comparecerem. Meu café da manhã – eram 11 horas – consistiu num pedacinho de pão mofado... Então cavalguei durante duas horas por uma picada muito perigosa, até um "possesso", como me foi dito. Várias vezes meu cavalo ameaçou cair e tropeçava constantemente sobre o cascalho de pedras molhadas e lisas da chuva. E quando, finalmente, cheguei são e salvo ao lugar do meu destino e visitei o "possesso", encontrei apenas um sujeito furioso, totalmente louco.

Monto novamente meu cavalo e vou para a capela "dos Macacos", que se localiza três horas morro acima, entre as montanhas. Essa capela é de madeira e possui como única decoração um altar despido de qualquer ornamento. Aqui, o amor ao próximo pode ser interpretado assim: "Pudesse eu ajudar! Quem me ajudará?"

Começo então minha viagem de retorno e logo me encontro em Itajaí, onde novo trabalho me espera. Um dos confrades foi para uma localidade onde, talvez, o trabalho é ainda maior e mais estafante. Ultimamente fazemos muitas visitas a doentes, em geral três por dia. Às vezes temos casos que exigem seis, sete a dez horas de viagem. Semana passada veio um cavaleiro, do recôndito interior, chamar-me às oito horas da noite. Peguei depressa o Santíssimo e o acompanhei, no claro luar. Cheguei lá as duas horas da madrugada, atendi o doente e às 6h15min estava novamente em casa, cavalo e cavaleiro cansados e com muito sono. Na mesma hora, Pe. Thoneick se preparava para fazer igual viagem. No período da manhã, levei a unção dos enfermos para mais um doente; e do mesmo modo, na noite seguinte. Nós estamos, como na guerra, sempre atendendo os que ainda vivem.

Se no passado as visitas aos doentes eram desconhecidas, já em 1907 chegamos a 125. Tivemos 896 batizados, 141 casamentos, 125 óbitos, somente aqui no lugar; 2.500 comunhões, das quais 800 a 1.000 eram comunhões pascais. A recepção dos Santos Sacramentos, que antigamente era quase desconhecida, aumenta cada vez mais.

Com isso encerro. Vocês, porém, caro leitor e querida leitora, façam a aplicação prática: também para o sul do Brasil é preciso ativo auxílio.

NB. Eventuais donativos para as missões podem ser endereçados para a casa missionária de Sittard, com a anotação se para a África ou o sul do Brasil.

48

A cozinha sul-brasileira*

Pe. Heinrique Lindgens

Podemos retratar com vivas cores o céu napolitano, mas nunca conseguiremos delinear uma imagem completa do povo italiano se não nos referirmos também à sua boa cozinha e ao macarrão. Tendo sido lembrado que deveria contar aos leitores de nossa revista algo sobre nosso distante sul do Brasil e tendo justamente diante de mim, sobre a mesa, um prato típico da cozinha brasileira com o qual tive que satisfazer meu estômago de alemão, lembrei-me então de falar-lhes da comida que não pode faltar em nenhuma mesa, desde a dos ricos até a dos mais pobres.

O pirão é uma massa branca, parecida com uma pasta mais ou menos dura, feita de farinha granulada. É feito de farinha de mandioca e água quente, sem nenhum condimento como sal ou açúcar. Por isso, é difícil dizer como é o sabor ou o cheiro dessa comida.

A mandioca é um arbusto e é cultivada plantando-se pedaços de rama com alguns "olhos", que são colocados inclinados na terra, a uma distância de 20 a 30 centímetros. Depois de algumas semanas, as ramas brotam, formando pequenos arbustos que, depois do primeiro ano, são podados algumas polegadas acima do solo. Somente no final do segundo ano se dá a colheita. As raízes que se formam na rama plantada podem atingir a grossura de uma beterraba de forragem, se a terra for boa. Depois de maduras, podem permanecer ainda alguns meses na terra, ao passo que, arrancadas, apodrecem em poucos dias. As raízes, depois de arrancadas, são raspadas, em seguida lavadas e então, levadas ao ralador. Este consiste numa grande roda movida à força d'água, animal ou humana. As raízes trituradas são então prensadas, e isso deve ser feito com muito cuidado e persistência porque o sumo, que contém muito ácido cianídrico, é muito venenoso. Qualquer animal que dele beber – os porcos, de modo especial, apreciam esse líquido adocicado – morre imediatamente. Quando termina de ser espremido o último veneno, com uma forte prensa, resta uma massa compacta, que é esfarelada e limpada com uma grosseira peneira. O produto peneirado é, então, secado em grande panela de cobre, debaixo da qual arde intenso fogo, sob constante remexer, até que se nota um cheiro semelhante ao de pão quente e, então, a farinha está pronta para o consumo.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 184-186.

Com essa breve descrição, se esclarece que a fabricação da farinha exige muitíssimo trabalho. Devido à grande produção, os preços são extremamente baixos, de modo que, apesar dos esforços, o lucro é insignificante. Algumas vezes, vendo as pessoas no duro trabalho, fiquei impressionado com o baixo preço do produto acabado, que de modo nenhum corresponde ao trabalho da produção. Por isso, a maioria dos brasileiros pobres produz somente o tanto de que precisa para o próprio consumo.

Essa farinha, denominada farinha de mandioca, é o principal alimento dos brasileiros; substitui o pão e as batatas. Assim como um alemão não consegue viver sem pão e batatas, o brasileiro não vive sem a farinha de mandioca, ou seja, sem o pirão. Nas casas dos mais pobres, geralmente não se encontra outra coisa a não ser pirão e café. O brasileiro não tem, nem de longe, tantas necessidades para o seu sustento quanto nós, mimados estrangeiros. Ele evidentemente não despreza, se tiver à disposição, carne e peixe; todavia, se não os tem, fica satisfeito com seu pirão.

Quantas vezes me aconteceu que, após ter passado a noite numa cama dura, em um pobre casebre de brasileiro, somente me foi servida uma xícara de café! Esta se toma em pé, segurando na mão xícara e pires. Quando então olhava admirado à volta, se não havia um pedacinho de pão ao alcance, não raras vezes recebia a resposta: "Pão não tem". Onde não há nada, o rei, como se sabe, perdeu seu direito. Nesse caso, não restava outra coisa a fazer senão lançar-se na sela e enganar o estômago com a fumaça de alguns charutos, por causa do tratamento de indiferença recebido. Mas, afinal, não se pode culpar um estômago saudável quando, apesar da maior boa vontade, depois de uma viagem de quatro a cinco horas, ele ainda obriga seu feliz proprietário a descer do cavalo para ver se consegue alguma coisa para comer. A resposta, contudo, continuava a mesma: "Padre, não temos nada para comer". Um dia, quando tive a mesma resposta, perguntei ao pessoal: "Desde quando se vive aqui no Brasil apenas de orvalho?" Rindo, me responderam: "Sim, nós brasileiros comemos pirão".

Embora essa comida seja praticamente sem cheiro e sabor, a gente se acostuma com ela bem facilmente. Atualmente já prefiro a comida nacional brasileira a outros pratos mais ou menos duvidosos. Sem dúvida, também aqui a fome é o melhor cozinheiro.

Se a mandioca tem bom valor nutritivo, eu não sei; em todo o caso, não se vê boa aparência nos brasileiros que dela se alimentam, ao passo que os estrangeiros que naturalmente, quando possível, ficam com a comida da antiga pátria, gozam de boa saúde e bonita aparência.

Enquanto o brasileiro tem farinha, ele passa bem. Aqui há gente que não tem absolutamente outra coisa além de uma pequena área de terra cultivada com mandioca, um casebre feito de ripas e alguns trapos que eles com orgulho

chamam de “vestimenta”. Fabricam tanta farinha quanta precisam para o consumo próprio, talvez algumas sacas a mais para que, com o produto, possam substituir sua vestimenta esfarrapada por uma nova, se é que se pode usar essa expressão. Naturalmente isso vale para as classes inferiores. Que os brasileiros são capazes de desenvolvimento, provam-no as prósperas e florescentes cidades onde são, não apenas, concorrentes com os estrangeiros na indústria e no comércio, como também, e com frequência, os sobrepujam. Igualmente nas casas dos mais abastados não pode faltar o pirão em nenhuma refeição; nem aí é melhorado com condimentos, pois perderia, com isso, suas características originais.

49

Ecos da pátria alemã no Brasil[*]

Pe. Geraldo Ohlemüller

Desde as primeiras notícias que a história da humanidade nos dá sobre a existência do povo germânico, ela nos fala também da predileção que os alemães têm pelo canto e poesia. As horas festivas que os antigos germanos passavam nos bosques sagrados, para honrar suas divindades, recebiam sua solenidade através de ditos rúnicos e de sábias lições dos deuses. Nos célebres banquetes que realizavam após uma caçada ou uma vitoriosa expedição de exploração de peles de urso, tomava parte um versado cantor bardo que lhes recitava as antigas sagas heroicas. O canto acompanhava também os antigos germanos no tumulto dos combates. As legiões romanas de Varo tiveram ocasião de ouvir as canções guerreiras dos alemães na floresta de Teuteburgo. Os poucos fugitivos que, após esse concerto, ainda acharam o caminho dos Alpes, ter-se-ão lembrado por muito tempo dessa singular e prazerosa arte. Desde então, o gosto dos alemães pelo canto se expressou em melodias cada vez mais suaves. Da vigorosa originalidade, desenvolveu-se uma impressionante arte. Inclusive os romances elaborados artisticamente há mais tempo devem dar um lugar de destaque ao canto alemão, em virtude de sua originalidade e acabamento artístico.

Também nossos alemães no Brasil conservaram, além de outras feições de seu caráter popular, o talento e o amor ao canto, e de maneira muito popular.

Onde os colonos alemães construíram uma pequena igreja, ali também cantam, de bom grado, os hinos religiosos alemães. Comove-se o missionário, inclusive se lhe desperta saudade da pátria, quando ele, depois de visitar comunidades lusas, italianas ou mistas, chega a uma capela alemã, e lá ouve todos, jovens e velhos, cantando e rezando em alemão na santa missa, exatamente segundo o modelo da nossa maneira alemã de cantar. Nos centros coloniais maiores, também já se formaram verdadeiros corais de igreja, cujas apresentações seriam, com certeza, aprovadas por um crítico da música sacra. Nesses centros formam-se também outras associações de canto e de música popular, com a finalidade de proporcionar horas de lazer aos seus associados e seus concidadãos, mediante o cultivo da boa música.

Para perceber quanto é cultivado o canto e mantido o espírito alemão entre a população teuto-brasileira, poderão nossos caros leitores deduzi-lo de algumas peças de amostra tiradas do rico repertório de canções teuto-brasileiras.

---

[*] *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 226-232.

Para compreendê-las melhor, damos primeiramente algumas pinceladas sobre a vida dos colonos daqui.

I Os pioneiros

São conhecidos dos nossos leitores os artigos publicados há alguns anos na revista *Reich*, sobre o que aguarda o colono recém-chegado aqui no Brasil. Sua primeira vocação é ser pioneiro da floresta. Um agrimensor do governo ou o agente de uma empresa de colonização indica-lhe uma vistosa área de floresta. Lá ele se estabelece e constrói seu lar. Parece que o solo é fértil; é o que indica a exuberante vegetação, com todas as espécies de capim, arbustos e árvores. Mas a primeira coisa a fazer, para si e os seus, é providenciar um teto e um lugar seguro para os apetrechos que trouxe consigo. Sem demora está pronta uma cabana feita, com menor ou maior arte, de troncos de árvores e folhas de palmito. No ameno clima daqui, a choupana oferece, por enquanto, proteção suficiente contra as intempéries. Então começa o trabalho mais importante: a floresta deve ser derrubada e o solo, preparado para as plantações mais necessárias. Esse trabalho será uma luta árdua, pois colossais são, em circunferência e altura, as gigantescas árvores da floresta, colossais também em resistência. Antes de tombarem, muitas gotas de suor terão corrido. Mas, para que fim é o homem o senhor da criação? Com disposição, vai-se ao corpo do gigante com machado e serra. Uma após outra, estalando, tombam por terra, sepultando às vezes, debaixo de si, com a queda, muitas árvores menores. À medida que a floresta cede lugar, crescem o ânimo e a força do audaz pioneiro. Macacos, papagaios e outros pássaros com estranha plumagem olham-no atônitos. Mulher e filhos ajudam-no intensamente nos trabalhos mais leves, como o de cortar os galhos das árvores já derrubadas. Finalmente, pode ser dada por terminada a obra de destruição. A área de mato derrubado é, por enquanto, suficiente. Sol e fogo tornam-se agora os aliados do homem. Em poucas semanas, uma imensa queimada marca o lugar onde um novo pioneiro da cultura e do progresso comemora sua vitória sobre a floresta.

Agora podem ser lançados grãos de semente de toda espécie nessa fértil terra virgem, adubada com a cinza da madeira. Tranquilo, o colono confia sua plantação à bênção divina e à rica atuação da natureza. Enquanto isso, ele recebe o reconhecimento de sua vizinhança. Para isso é necessário abrir uma picada pelo mato, até o lote colonial mais próximo; talvez precise construir algumas pontes e pinguelas. Assim ele pode estabelecer contatos com seus semelhantes, com pessoas que, como ele, trabalham duro, mas também alimentam grandes esperanças.

Abre também um caminho para a estrada geral, onde se encontram as casas de comércio. Lá ele consegue vender os produtos da terra que lhe sobraram

do necessário para o seu sustento e comprar toda sorte de produtos que lhe tornam mais leve e mais fácil a existência na floresta.

Uma poesia de Rudolf Damm, professor em Blumenau, retrata, com muita clareza, a vida do colono alemão:

Os pioneiros

1. Um dia, por sobre ondas empoladas, vieram
De distantes regiões das terras do Norte,
Homens fiéis à pátria germânica,
Construir aqui sossegadas cabanas.
Com mãos peritas no manejo de armas,
Não brandiam espadas de bronze.
Na mata penetraram com foice e serra
E com audácia trabalharam a terra.

2. Navegaram em canoas balançantes
Pela ruidosa torrente rio acima
Eles viram os vales se alargando
Cobertos pelo santuário da floresta.
Nenhuma casa havia para lhes acenar,
Convidando os intrépidos colonos pra descansar.
Na relva verde ao relento se deitaram
Extenuados, para o descanso noturno

3. Com fortes golpes abriram clareira
Na noite escura da selva.
Os gigantes da floresta recuaram,
E com força retumbante tombaram.
Onde antes eram caçados ariscos animais,
O porco, a anta e outros mais,
Os pioneiros intrépidos agora
Erguem uma vila.

4. Constroem estradas e caminhos
E colhem os frutos da lavoura;
Constroem pontes e pinguelas
Por sobre torrentes nas gargantas.
Movimentam as mãos calejadas
Noite e dia, sem descanso.
Para onde o olhar se dirige,
Vida nova lhes dá o novo dia.

5. Eles honram normas e costumes,
São alemães de coração e palavra;
Alegre renasce em seu meio
A fidelidade a cada hora.
Eles lutam como valentes guerreiros
Em defesa da terra natal.
Para casa voltam orgulhosos os vencedores,
Ornados com a coroa de honra.

6. Daqui eles partiram para sempre
À celestial casa paterna;
Eles descansam na paz da sepultura
Livres de todas as fadigas.
Fique em nossos corações gravado
O que foi sua divisa:
"Fiéis alemães nós fomos,
E assim o seremos para sempre".

II A casa paterna

O trabalho e a perseverança de nosso pioneiro da floresta são aos poucos recompensados. A floresta recua sempre mais. Lavouras de toda espécie avançam: milho, cana-de-açúcar, batata, feijão, arroz, mandioca, etc. A caprichosa dona de casa plantou, inclusive, uma horta. O pequeno e precário casebre de madeira, que abrigou o colono com sua família nos primeiros anos, desapareceu. Em seu lugar, vemos agora uma espaçosa casa de madeira construída com muita arte e engenho, ou até uma graciosa casa de tijolos. Esbeltas palmeiras sobrelevam-se a esse lar. As laranjeiras, bananeiras e pés de café do pomar protegem a casa contra os ardentes raios do sol tropical. Em volta da casa, estende-se uma grande e sempre verde pastagem. Através dela serpenteia um riacho com água clara e fresca, que nasce no alto do morro e corre pela mata. Ali pastam tranquilamente juntos cavalos e vacas, carneiros e porcos. Um considerável bando de perus, galinhas e marrecos movimenta-se no pasto e no riacho. E sobre toda essa propriedade se estende sereno o estrelado céu do Hemisfério Sul!

Custou muito trabalho para transformar a espessa floresta nessa bela imagem. Pai e mãe, filhos e filhas tiveram que trabalhar à porfia. Mas eles sabem para que eles trabalharam. "Um homem livre, numa propriedade que é sua", é isso o colono, após anos de trabalho. Com os seus, ele procurou uma nova pátria; e um novo lar paterno eles encontraram. A fortuna de uma casa paterna à beira da floresta brasileira Rudolf Damm canta numa lindíssima canção que, com razão,

foi condecorada com o primeiro prêmio pelos membros do júri da Associação Escolar de Blumenau.

Minha casa paterna

1. Das ondas azuis emerge uma terra
   Rica em beleza, brilho e graça;
   A floresta é seu traje de gala;
   No mundo não há terra igual.
   No bosque das laranjeiras
   Está meu querido paterno lar.

2. Aqui encontrou o jovem loiro do Norte
   Um novo lar em verde campina.
   Aqui a eterna natureza criadora
   Lhe dá a merecida recompensa.
   E como que escondido num buquê
   Encontra-se aqui meu lar paterno.

3. Cedo, ao raiar do sol,
   O cantar dos pássaros saúda o novo dia.
   Longe, pelo vale silencioso,
   Ecoa o primeiro golpe na floresta.
   E no alvorecer da manhã,
   Saio de minha casa paterna.

4. Dos jovens e velhos movem-se ligeiro as mãos
   E trabalham com incansável aplicação.
   No campo e lavoura, no prado e no mato
   E bem dispostos apesar do amargo suor,
   Até a noite, quando o descanso noturno
   Acena-lhes a voltar para a casa paterna.

5. O riacho corre límpido, suave move-se o ar,
   E frutos amadurecem em número incontável!
   Em torno, a luz do sol, o perfume das flores.
   Aqui o coração não conhece preocupações nem tormento!
   Onde existe um lar, no sertão ou na cidade,
   Tão bonito como aqui, minha casa paterna?

III No cemitério

"No meio da vida, cercados pela morte estamos!" Também o lar mais encantador do colono, com toda a sua risonha sorte, terá que abrir um dia sua porta para essa companheira sem comiseração. O bravo pioneiro é de muita sorte se não precisa, já no começo de seu trabalho, travar relações com essa cruel companheira! Na mata espessa ela o espreita de variadas formas. Nos lugares mais retirados, o colono está exposto ao perigo de ser surpreendido por um bando de índios caçadores. Ai dele se o cachorro não fareja a tempo os peles-vermelhas e se não preceder com um tiro certeiro de espingarda as flechas e machados! Os índios, prejudicados por causa do constante avanço da cultura no seu milenar direito da floresta, não têm compaixão nem do bebê nem da mãe.

De vez em quando também se ouve dizer que um colono foi atacado por um gato do mato, nome dado aqui a uma espécie de pequeno jaguar, e faleceu em consequência dos ferimentos. Mais frequentes são as picadas de cobras que, se não forem tratadas com todo o rigor e com técnica, levam à morte em pouco tempo. Mosquitos hematófagos transmitem, de áreas pantanosas infectadas, desagradável febre. Por aqui raramente morre alguém de alguma doença transmitida por mosquitos, mas não deixam de ser incômodos e devem ser combatidos sem piedade. Acrescentem-se a isso os milhares de acidentes da vida, os quais podem acometer o homem, jovem ou velho e levá-lo à morte.

Se a morte fez alguma vítima na família do colono, providencia-se, então, logo o enterro. Não se esperam três dias. Mal 12 horas após a morte, às vezes já ao anoitecer do dia do falecimento, carrega-se o defunto para a sepultura. Seria temerário esperar mais, principalmente no verão. Nos trópicos, a temperatura produz rápido crescimento, mas dilacera também com mais rapidez.

Os colonos constroem, de preferência, sua capela numa colina descampada. Lá ela pode ser vista de longe e recorda aos homens, que trabalham com muito afinco embaixo, no vale, o outro preceito da vida: "Reza!" Quando o colono sobe para a casa de Deus e lá reza, ele se sente por um instante livre das intensas preocupações e pesos da vida diária. Na colina da igreja, ele se sente como que mais perto do céu.

Também os falecidos estão livres dos fardos e preocupações da vida. Querem descansar em paz, e não mais ser estorvados pela algazarra da vida. Por isso, o colono constrói, em geral, o último jazigo dos seus entes queridos igualmente num lugar elevado, de preferência perto da capela. Lá, seus entes queridos podem dormir no repouso e na paz da eternidade. O colono, quando vai à igreja, não se esquece de visitar esse silencioso lugar de repouso de seus entes queridos e dedicar-lhes uma piedosa recordação. Planta um pé de palma de muitos ramos sobre seu túmulo. É o sinal da luta, mas também o símbolo da vitória. Não falta

também a cruz, o distintivo da sepultura cristã. Ela é simples, feita de madeira do mato. A cruz e a palma enfeitam, de maneira digna e cheia de sentido, o lugar onde os restos mortais dos bravos combatentes descansam até o último chamado do Senhor.

Quando, então, a noite faz baixar a mais espessa sombra sobre a igreja e o cemitério, então se eleva em nosso céu sulino um outro sinal da luta e da vitória de Cristo. É o sinal da cruz na constelação estelar do Sul. No Norte, é a clara constelação das Plêiades nossa querida amiga. De modo especial, o missionário que se despede da Europa consagra-lhe, muitas vezes, um olhar íntimo, enquanto o navio ainda singra pelas águas do Hemisfério Norte. As Plêiades sempre nos mostram claramente onde se encontra nossa velha pátria, com tudo o que nosso coração lhe ofertou. Quanto mais nos aproximamos da linha do Equador, tanto mais sobe nos céus o Cruzeiro do Sul. Mostra-nos cada noite mais claramente onde se encontra nossa nova pátria na terra e indica, também, onde um dia será nossa última pátria além das estrelas. A rica imagem estelar dirige também ao colono uma mensagem semelhante, cheia de luz e de força quando, em noites de aflição, dirige seu olhar para a colina onde descansa agora para toda a eternidade o que tinha de mais caro e único. Fala-lhe a linguagem da cruz, mas também a linguagem da esperança do céu. Assim, a colina da igreja tornou-se para ele, conforme as palavras de sagrada escritura, "uma santa colina", onde ele busca, a cada instante, descanso e paz, nova esperança e nova força para o vale de lágrimas.

Numa tão íntima atmosfera de espírito nos introduz a comovente poesia: "A sepultura de mãe". Seu autor é o Sr. August Schnitzler, professor em Santa Filomena, colônia de São Pedro de Alcântara, que, com muito mérito, vem-se dedicando há anos à juventude católica alemã em Santa Catarina.

Túmulo de mãe

1. Ao pé do morro, junto à palmeira,
   Está a querida e singela sepultura
   Da mãe.
   Chora a palmeira no alvorecer da manhã
   Na sepultura onde foi depositada,
   A mãe.

2. E, ao sol do meio-dia, altaneira
   A palmeira traz refrigério
   À bondosa.
   Estende para longe a grande copa,
   Para que, em refrigério, jaza suave e leve,
   A bondosa.

3. E à noite, no céu ameno e silente,
   Vê-se, bem alto, a magnífica imagem da cruz,
   Tão longe.
   E brilhando suave sobre a querida sepultura,
   Traz o consolo divino da cruz,
   De bom grado.

4. Porém à noite, quando a tempestade ruge e venta,
   E a copa da palmeira não mais cobre
   A colina,
   No céu não mais brilha nenhuma imagem da cruz,
   E o exército de nuvens encobre com escuridão
   A colina.

5. Então, do aposento, rumo ao céu
   Eleva-se, do filhinho, o fiel coração
   E reza.
   O que a palmeira e a imagem da cruz jamais conseguem,
   Realizam-no as lágrimas do filho
   Que reza.

Final

Que estas poucas provas do tesouro das canções populares dos teuto-brasileiros sejam suficientes para mostrar aos nossos leitores que o canto e o espírito alemão encontram também aqui, no meio da mata, um notável lugar de preservação. A cor local dessas canções é bem brasileira, mas o tom do sentimento é genuinamente alemão. O que nós louvamos nas canções e nos compositores de nossos melhores tempos evidencia-se no seguinte: compreensão das belezas da natureza, alegria e amor ao trabalho assíduo, temor de Deus e fidelidade, espírito pátrio e cordialidade de alma. Que nossa juventude teuto-brasileira preserve bem pura essa maravilhosa herança do ser alemão e a promova continuamente. Que ela tome para si, como divisa e veredicto, as palavras do poeta:

"Nós nos mantivemos bem alemães
e assim o seremos para sempre!"

50

Colônias alemãs no sul do Brasil*

H.H.

Poderá talvez acontecer a alguém que, ao desembarcar em algum dos portos do sul do Brasil, ouça da boca de um preto, negro como pez e carvão, ou de um mulato mestiço que anda vadiando pelo cais, os sons largos do dialeto da Pomerânia ou o falar maroto dos renanos. Uma pessoa esclarecida deduz imediatamente que esse negro trabalhou muito – ou, talvez, viveu na preguiça – em casa de algum dos colonos alemães que, em parte, já estão na terceira ou quarta geração nos três estados sulinos.

Podem chegar a quase meio milhão os teuto-brasileiros ou alemães nascidos no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Desde 1824, o governo brasileiro imperial e, mais tarde, o republicano procurou por todos os meios atrair para este país, mediante toda sorte de promessas, imigrantes alemães, que eram conhecidos pela sua laboriosidade e sobriedade, para desbravar grandes extensões de floresta e promover a cultura e a colonização.

O governo media e doava de 50 a 100 morgos[1] de terra aos recém-chegados, dava-lhes também ferramentas, utensílios, sementes, grãos para pão e, quando possível, auxílio financeiro. Mas então o outrora artesão, o caseiro ou o diarista na sua terra de origem tinha que dar conta de desbravar a imensa floresta que há séculos cresceu neste solo e transformá-lo em terra de lavoura. Em geral abria-se um caminho rudimentar, ao longo do qual se localizavam os lotes coloniais, com a parte mais estreita para o caminho e a outra parte se estendendo para os fundos do terreno. Uma trilha assim, feita a golpes de foice na floresta, chama-se, na língua nacional portuguesa, "picada". O termo tornou-se sinônimo do significado do nome do povoado. Os nomes das "picadas" lembram a antiga pátria ou refletem o forte humor do colono. Encontram-se as seguintes denominações: Nova Pomerânia, Nova Boêmia, Nova França, Valáquia, Vale das Lamentações, Rincão da Linguiça, Urso Faminto, etc. Com o passar do tempo, muitas picadas tornaram-se cidades, algumas maiores, outras menores. Muitas delas se transformaram em município, isto é, tornaram-se comunidades independentes em relação à administração do Estado. Paralelamente, há um crescimento econômico de nossos conterrâneos e por

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 276-278.

1 Morgo é uma medida agrária alemã equivalente a 2.500 m², ou seja, ¼ de hectare. Uma área de 100 morgos equivalia, portanto, a 25 hectares.

isso pode-se dizer, com razão, que o estado de Santa Catarina é comandado totalmente, no seu aspecto econômico, por alemães.

Mas todo começo é difícil. Muitas gotas de suor molharam a terra que nosso colono fez cultivável. Como lhe falta tempo para arrancar as profundas raízes dos enormes troncos, ele os corta rente à terra, corta os galhos e retira o tronco para utilizá-lo mais tarde na construção da casa ou de alguma ponte. A galhada das copas e os ramos são queimados tão logo estiverem suficientemente secos. A cinza fertilizaria o solo, caso isso fosse necessário para esse solo ainda virgem.

O colono planta primeiro aquilo que lhe pode servir de primeira necessidade para o sustento da casa; só mais tarde conta também com um excedente. É impossível arrotear e plantar toda a sua propriedade no primeiro ano, porque a instalação da moradia, dos estábulos e celeiros lhe toma muito tempo. Acima de tudo, o colono precisa plantar batatas, das quais há muitas variedades, e existe a vantagem de se poder plantar a cada época do ano uma ou outra espécie. O prato nacional, contudo, é o feijão preto, que amadurece, no máximo, em quatro meses. O milho lhe fornece a farinha para o pão e é também importante alimento suplementar para os animais. Além disso, cresce a banana que é, como se sabe, uma fruta nutritiva e saudável.

Quanto ao gado, nem todo colono pode pensar numa vaca de leite no primeiro ano, pois não é barata. É conveniente, contudo, adquirir porcos e, naturalmente, galinhas.

A mais importante de todas as plantações para o brasileiro é a mandioca, pois ela se constitui em substituto para aquilo que, na pátria europeia, representava para ele o centeio e o trigo. Essa planta, uma espécie de arbusto de dois metros ou mais, produz dentro da terra longas raízes carnudas com casca marrom-avermelhada que, por vezes, chegam a pesar vários quilos. Esses grandes tubérculos de raízes são ralados, prensados – para separar a massa do sumo de ácido cianídrico – e então utilizados como farinha, para cozer e assar. Ao iniciante não é recomendada a plantação de mandioca.

Em contrapartida, não há nenhum obstáculo a que se ocupe com a plantação de fumo, pois este é de rápida colheita e não necessita de capital para ser transformado em produto comerciável. Traz, portanto, ao colono, se não dinheiro líquido, pelo menos crédito. Qualquer casa de comércio – em brasileiro, "venda" – credita-lhe pelo fumo em corda determinado valor, pelo qual pode retirar mercadorias. Mais tarde o assíduo colono plantará cana-de-açúcar, que só amadurece após um ano e meio, e café, que não produz antes do quarto ano e que, por ora, tem preço muito baixo.

O início é modesto. No começo o colono só tem um casebre ou um rancho. Entre a semeadura e a colheita, ele já pode construir uma casa de madeira

e somente depois de anos, quando seu bem-estar já tiver melhorado, e de modo especial quando a família se multiplicou, ele pode se dar ao luxo de dispor de uma casa mais ampla e confortável.

Um conhecedor do país informa: "Quem penetra numa picada onde só moram alemães, fica surpreso com as residências dos colonos que ele, na melhor das hipóteses, havia imaginado como miseráveis ranchos de madeira nas florestas. De fato, quem já viajou de Santa Cruz ao longo do rio Pardinho, ficou, com certeza, impressionado com a boa construção das casas dos colonos ali residentes. O espaço diante da casa é geralmente ocupado por pastagem para cavalos e gado leiteiro, de modo que a casa se encontra um pouco retirada da estrada. É por uma segunda porteira que se chega ao terreiro propriamente dito. A casa é de material, construída de tijolos ou de pedra de arenito. À direita e à esquerda da entrada da casa, encontram-se a sala de estar e os quartos. As paredes internas, em geral, são simplesmente caiadas, a mobília consta de cadeiras resistentes, mesa, armário, etc. O colono não frequenta muito a sala de estar; nos dias de tempo bom é visto na roça, em dias ruins, trabalha no paiol, onde, especialmente em dias de chuva, prepara o fumo de corda".

De modo geral, os alemães preservam a língua e os costumes. Eles têm jornais alemães, leem calendários alemães e seus filhos frequentam, nas picadas, a aula na língua materna. Diga-se de passagem que, em uma família, uma dúzia de crianças não só não é raro mas, de fato, a regra; é, sem dúvida, o melhor sinal de prosperidade das colônias alemãs. Existem também associações? Essa pergunta não necessita sequer de resposta: clubes de caça e tiro, de ginástica, de canto desempenham aí o mesmo papel que entre nós, na Alemanha.

51

Como se construiu uma bonita igreja em São Bento[*]

Meu caro leitor!

Em primeiro lugar, meu cordial muito obrigado pela tua esmola; no céu a reencontrarás, depois que ela, já aqui na terra, assim o espero, te tenha trazido ricos juros. Cada domingo toda a comunidade de São Bento reza por ti e por teus pedidos e isso continuará ela fazendo, mesmo quando já tiveres, há tempo, dado a alma a Deus. Caro amigo, não é isso um grande consolo! Nas linhas que seguem, poderás constatar o quanto nosso povo ganha, no tocante à sua igreja, com o teu donativo.

Já se passaram oito anos desde que surgiu a ideia da construção de uma nova igreja. O lugar escolhido e cedido pelo governo para a construção era alto, um morro pontiagudo, visível de longe, que domina toda a região. Foi um empreendimento ousado colocar ali uma igreja, porém nossos bravos colonos alemães não se deixaram intimidar por nada. A realização do plano não lhes parecia difícil, embora muitos meneassem a cabeça e achassem não poder acreditar no empreendimento. Mas, trabalho logo começado já está meio terminado. Sob a direção do zeloso Pe. José Ernser[1], atual pároco de Rio Negro, no Paraná, foi dado início, e com muita coragem, ao trabalho de terraplenagem. Como um bando devastador de formigas, os colonos, homens, mulheres e crianças, lançaram-se sobre o morro e, com esforço infatigável, o topo foi abaixado em, aproximadamente, nove metros, e desse modo foi obtida uma área plana suficientemente grande e espaçosa para comportar a nova igreja. No dia 8 de dezembro de 1901, pôde ser lançada, com grande solenidade, a pedra fundamental. Em pouco tempo se erguiam do chão as paredes maciças e grande esperança encheu o peito dos bravos colonos. Então veio subitamente um duro golpe e levou toda esperança para a sepultura. O Revmo. Pe. José

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 278-282.

1 Padre José Ernser nasceu em Euren, perto de Trier, Alemanha, no dia 10 de março de 1871. Foi ordenado padre no dia 25 de julho de 1896, em Londres onde perfazia seus últimos três anos de teologia. No dia 15 de outubro de 1898, embarcou, em Antuérpia, para o Brasil. O bispo do Curitiba nomeou-o auxiliar de Pe. Carlos Boegerhausen, vigário de Joinville. De Joinville, Pe. Ernser atendia o planalto norte de Santa Catarina, com destaque para Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho. Dada a grande extensão da região, foi criada a paróquia de São Bento do Sul e Pe. Ernser foi nomeado primeiro vigário cujo posto ele ocupou até 19 de março de 1903, quando foi transferido para Rio Negro. Ali ele atuou durante 32 anos, vindo a falecer, naquela cidade, no dia 23 de dezembro de 1935.

Ernser, a alma dirigente de todo o empreendimento, foi transferido e a paróquia ficou órfã. A construção da igreja ficou parada um, dois, três longos anos. Eram poucos os que ainda não haviam perdido o ânimo e estes não se sentiam suficientemente fortes para enfrentar, sozinhos, o desânimo geral.

Em 1904 o Revmo. Sr. Bispo confiou a paróquia a nossos padres, e uma das primeiras coisas que o Revmo. Pe. Lux retomou aqui, e com toda a dedicação, foi a construção da igreja que, graças aos seus infatigáveis esforços, logo pôs em andamento, interrompida apenas por pouco tempo, por falta de material. Em março de 1905, Pe. Meller, pároco de São Bento, assumiu o prosseguimento da construção e dirigiu-a até dezembro de 1906. A obra havia crescido muitíssimo, mas ainda restava muito por fazer. As paredes subiam sempre mais até que, perto de Pentecostes do ano passado, foi colocada a última pedra. Na semana depois de Pentecostes, foi colocado o imenso telhado. Esse dia foi, de mais a mais, um dia de júbilo na história de nossa construção. Setenta e cinco homens estiveram envolvidos no trabalho. As longas vigas de 13 metros foram levadas para cima sem máquinas e, em apenas um dia e meio, a cumeeira estava pronta. Que alegria, que júbilo! Foram ainda levantados os telhados laterais e tudo foi coberto. Então fez-se uma pausa até outubro. Depois da festa de bênção da igreja, ouviu-se novamente: "Todos de prontidão!" E ninguém faltou. Foram colocadas as belíssimas janelas bem trabalhadas, de três metros e meio de altura, e iniciada a tarefa mais difícil, a da abóbada. Absolutamente ninguém de nosso pessoal tinha a mínima noção a respeito da construção de uma abóbada, mas em tudo confiando e seguindo o pároco, a obra não apresentou nenhuma dificuldade. Com uma rapidez incrível também esse trabalho chegou logo ao seu término. Foram necessários apenas 14 dias para concluir a abóbada central e isso significa alguma coisa, quando se considera que a mesma se constitui de quatro cruzes, das quais a cumeeira central tem 13 metros de envergadura. As naves laterais apresentam, porém, cada uma seis cruzes. Era um trabalhar, bater, serrar, carpintejar. 72 dúzias de tábuas de três a quatro metros foram gastas nesse período, apenas na forração. Nesse trabalho encontravam-se ocupados diariamente mais de 40 homens. Tudo estava em ação e assim se continuou até o Natal, quando então tudo ficou mais ou menos terminado. Minha intenção era deixar a igreja pronta para o Natal, mas não foi possível por falta de telhas e de cimento para o piso. Este tem 580 metros quadrados.

No dia 6 de janeiro, a igreja estava totalmente concluída. Tratava-se, agora, de preparar a festa de inauguração. Finalmente tudo estava pronto e a véspera desse dia inesquecível se aproximou. Compareceu um grande número de convidados. Vieram a pé, de carroça e a cavalo. Entre eles, de modo especial, encontravam-se os convidados de honra, os padres Foxius, Meller e Ernser.

Às 18 horas de sábado, um alegre repicar de sinos e o pipocar de foguetes anunciaram o começo da festividade. A casa de Deus, enfeitada com a máxima suntuosidade, correspondia ao acontecimento. Era comparável a um belíssimo bosque onde, emergindo do verde-escuro da floresta, brilhavam, imaculadas, as brancas paredes. Terminada a inauguração, foi transladado o Santíssimo Sacramento, em solene procissão, da antiga para a nova igreja. Uma procissão como esta certamente nunca tinha sido vista em São Bento: seis padres, duas bandas musicais, um coral primorosamente ensaiado. Os mais notáveis do povoado carregaram o baldaquino. Entre os sons da música e a maravilhosa exibição dos cantores, ecoavam os morteiros, estouravam os foguetes, repicavam os sinos, tudo tão solene, tão harmônico, tão bonito que haverá de ecoar ainda por muito tempo no coração dos milhares de visitantes. Depois da solene bênção final do Santíssimo, esse primeiro dia terminou com uma grandiosa iluminação da igreja e do morro. Foram instaladas 400 tochas. A igreja e o morro brilhavam num esplendor deslumbrante e sobre toda essa maravilha se estendia a estrelada abóbada do noturno céu brasileiro.

Em primeiro plano, casa paroquial. À esquerda, residência das Irmãs. À direita, escola paroquial. No centro, igreja recém-inaugurada.

12 de janeiro.[2] Despontou um dia tão ensolarado, bonito e maravilhoso como há muito tempo não tivemos mais. Já bem cedo começou o movimento.

2 A igreja matriz do Puríssimo Coração de Maria foi inaugurada no dia 12 de janeiro de 1908.

Carroças e mais carroças chegavam para o lugar da festa; chispando a todo galope, acorriam cavaleiros de todos os lados; no meio disso tudo, movimentavam-se os pedestres, um quadro genuinamente brasileiro. Ninguém queria faltar nesse dia para o qual todos já vinham se preparando há anos. Às 9h30min começou a festiva missa solene, durante a qual houve pregação em alemão, em português e, no final, em polonês. Cabeça com cabeça, as pessoas em pé, lotaram de tal modo a igreja que quase não couberam todos. Após a missa, começaram os festejos populares, bingo, leilão, etc, em prol da igreja. Certamente interessará ao caro leitor saber como isso acontece. Cada família oferece sua prenda: um saco de milho, de feijão ou de batata, galinhas, patos, porcos, cavalos, etc. Também são doados objetos de valor, trabalhos manuais e assim por diante. E tudo isso é vendido para quem dá mais, entre muitas brincadeiras e risos. Que vida, que aglomeração! Apesar de nos termos prevenido bem, ao meio-dia já não havia mais nada para comer. Tudo o que havia de disponível na praça foi comprado. Ninguém havia contado com tamanha multidão. Apesar disso, tudo transcorreu do melhor modo. Viam-se apenas rostos alegres, ouviam-se somente risadas felizes e alegres brincadeiras até perto da noite, quando a multidão aos poucos se dispersou, levando consigo a certeza de ter vivido um dia maravilhoso. O lucro líquido desse dia de festa em benefício da construção somou a quantia de 1:440,000 Rs. (2.000 marcos).

Agora já passou a esplêndida festa, mas a magnífica igreja, a mais bonita e a mais completa em estilo, em todo o estado, permanece como lugar de paz e de bênção. É verdade que falta a torre, mas também esta, se Deus quiser, ainda será construída este ano. Grandes coisas realizaram nossos colonos em pouco tempo e à custa de indizíveis sacrifícios. Foram gastos na construção 430.000 tijolos. E o que custou a igreja até agora, em dinheiro? Digo e escrevo: 16 contos (20.000 marcos). E qual é o seu valor total?

Ainda não fechei todas as contas, mas já passei dos 60 contos (80.000 marcos). Calculo seu valor em 75 a 80 contos (100.000 marcos). E tudo foi feito gratuitamente, em sistema de mutirão. Todo o transporte de telhas, areia, cal, madeira, cimento, e outras coisas mais foi gratuito. E isso significa muito, quando se considera que a cal, o cimento e muitas outras coisas tinham que ser trazidos de uma distância de 97 quilômetros. Toda a cal (3.000 réis a saca na cidade) foi doada, assim como toda a armação de madeira do telhado. A maior parte da mão de obra foi de graça. Nos últimos três meses alguns homens trabalharam gratuitamente de 40 até 70 dias. Tudo isso eu consegui esmolando em toda a paróquia. Desde janeiro de 1907 até hoje, fevereiro de 1908, recebi para a igreja aproximadamente nove contos (11.000 marcos).

E agora, caro leitor, eu te pergunto: "Encontra-se na Europa semelhante espírito de oblação? E não será bem empregada a oferta que tu enviarás, depois da leitura destas linhas? Nossos colonos estão esgotados; não posso exigir

mais nada deles. Tenho, contudo, ainda para pagar dentro de um ano, uma dívida de cinco contos (7.000 marcos). A torre custará dois contos (3.000 marcos). Dentro da igreja falta ainda um altar (o altar-mor, tenho vergonha de dizê-lo, é um simples caixote feito de madeira bruta; e é isso digno ao divino coração de Jesus?); faltam os confessionários, uma pia batismal, imagens, pia para água benta, bancos, numa palavra, tudo. Só consegui arrumar, até agora, o púlpito e o banco da comunhão porque os ganhei de presente. E agora, meu amigo, olha para a fotografia anexa! O que vês sobre o altar-mor? É o quadro do Sagrado Coração de Jesus! Sabes agora que casa tu deves decorar? Portanto, amigo, sê mais uma vez generoso! Não digas: "Os tempos são difíceis", pois isso eu já sei; também não olhes para o pequeno bolso que é muito menor que o meu. Não! Olha para os teus conterrâneos aqui no Brasil, que contribuíram com tamanha oferta para honrar o divino coração, e então olha para esse divino coração e pega fundo no teu bolso, e também tu experimentarás a verdade daquelas palavras divinas: "O que tiveres feito ao menor dos meus irmãos, a mim o tereis feito". Eu, mas também todos os meus paroquianos, te abençoamos, caro benfeitor, e rezamos a Deus todos os dias por ti e pelos teus.

Interior da igreja de São Bento do Sul,
(alguns anos depois da inauguração).

Pe. João Stolte S.C.J.
Missionário

52

Itajaí*

Pe. José Foxius

Há algum tempo, encontra-se em nosso meio, para repouso, Pe. Foxius, que juntamente com Pe. Lux, foi o primeiro a pisar em nosso campo missionário do sul do Brasil e, há três anos, é o pároco de Itajaí. Aos nossos leitores certamente interessará o que ele conta a respeito de sua paróquia brasileira.

Onde agora se ergue Itajaí, havia, há cinquenta anos, apenas alguns casebres de pescadores. A cidade localiza-se na foz do rio Itajaí, resultante da junção de dois braços que se unem um pouco acima da cidade; o Itajaí-Mirim (pequeno), que vem de Brusque e o Itajaí-Açu (grande), de Blumenau. Essas duas povoações de colonos alemães localizam-se no interior da região e o rio constituía, no começo, a única via de comunicação para o litoral, pois não existiam vias terrestres. Hoje três vapores atendem o movimento entre Blumenau e o porto marítimo, ao passo que, no Itajaí-Mirim, transita apenas um pequeno barco a motor. Esse braço de rio, junto ao qual se situa Brusque, é pouco profundo no verão e, em virtude dessa dificuldade, foi aberto um caminho entre Brusque e o litoral.

Os primeiros imigrantes dos dois estabelecimentos coloniais tinham necessidade de exportar seus produtos. Havia muitas serrarias. A madeira das florestas era amarrada em forma de grandes jangadas, enviadas às centenas e milhares pela correnteza do rio até o mar. Isso fez com que numerosos comerciantes se estabelecessem no lugar da atual cidade de Itajaí, entre os quais podemos citar especialmente os alemães Nikolaus Malburg e Konder, de Schweich, perto de Trier e Asseburg. Eles fundaram as principais casas de exportação. Quanto mais se desenvolviam as colônias do interior, tanto mais florescia a localidade de Itajaí. Dos arredores, especialmente de Camboriú, caboclos vieram se estabelecer ali como trabalhadores braçais. Caboclos são denominados, no Brasil, os descendentes dos presidiários portugueses que foram enviados a Desterro (banimento) e que, por fim, se misturaram com os índios nativos. Assim, surgiram perto das casas comerciais os simples barracos de madeira dos caboclos. Muitos filhos de colonos aprenderam aqui a profissão de comerciante e se estabeleceram então como pequenos comerciantes. Assim, aos poucos, a vila se transformou em cidade. Com isso, vieram muitos funcionários públicos (os brasileiros querem todos viver do Estado). Hoje, só a cidade conta com 5.000 habitantes, com os subúrbios, aproximadamente 8.000.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 378-380; 475.

Itajaí situa-se na desembocadura do rio Itajaí (Açu e Mirim unidos), que forma um excelente porto fechado, por meio de uma barra de areia no litoral; mesmo navios maiores podem atracar ali, através de uma pequena entrada. Atualmente estão sendo feitas grandes ampliações no cais.

Mensalmente faz escala aqui um navio de Hamburgo e um de Bremen. Os principais produtos de escoamento consistem em madeira, tábuas, farinha de mandioca, aguardente e açúcar. Em contrapartida, são importados trigo, petróleo e carne seca. Esta vem do Rio Grande do Sul e da Argentina, onde a carne dos imensos rebanhos é secada ao sol e então, salgada. Carne seca faz parte do feijão preto como, mais ou menos, a salsicha do chucrute.

A terra nos arredores é, em parte, arenosa, em parte pantanosa, o que tem como consequência a frequente irrupção de sezão. Há aproximadamente dez anos foram aterradas as ruas em Itajaí e, com isso, a cidade tornou-se significativamente mais saudável. O clima é genuinamente subtropical. No verão, das 6 às 9 horas da manhã, o calor é quase insuportável. Mas então vem infalivelmente a fresca brisa do mar. Muitas vezes ocorre também um frio vento sul que sopra terrivelmente pelas ruas longas, retas como uma vela, e deixa muita gente resfriada.

A cidade propriamente dita compõe-se de teuto-brasileiros. O prefeito e quase todos os vereadores são alemães.[1] A extremamente numerosa multidão de funcionários públicos se constitui evidentemente de luso-brasileiros, os verdadeiros brasileiros, enquanto a classe dos trabalhadores braçais é recrutada entre os caboclos.

Itajaí é a cidade natal do homem mais renomado do Brasil, o antigo ministro Lauro Müller. Seu pai, natural de Schweich, perto de Trier, veio para o Brasil como pobre colono, venceu pelo seu trabalho e pôde deixar estudar seus filhos. Lauro alcançou, com esforço e talento, o grau de doutor. Na queda do Império, com apenas 25 anos, ele foi nomeado governador do estado de Santa Catarina; em seguida, eleito senador e, depois de seis anos, novamente governador de Santa Catarina. Logo, porém, se seguiu a nomeação para Ministro da Viação. Nesse cargo, fez realizações incríveis. O que era possível realizar neste imenso país, ele realizou. Mudou completamente o Rio de Janeiro, de modo que suas ruas superam as avenidas de Berlim e Paris. Construiu palácios e mais palácios na capital do país. Agora Lauro Müller é novamente senador e líder político em Santa Catarina.

No começo, Itajaí era atendida pelo pároco de Blumenau e visitada uma vez por mês. Mais tarde vinha um padre português do povoado de Camboriú, que regredia à medida que Itajaí progredia. Então um teuto-brasileiro, Pe. João Batista Peters, um homem universal, um léxico de conversação ambulante, assumiu a flo-

1 Em 1908, o prefeito de Itajaí era Samuel Heusi.

rescente paróquia. Ele introduziu a celebração regular dos sacramentos e atuou com muito mérito na cidade. Esse sacerdote imprimiu sua marca na cidade. A ele Itajaí deve o fato de ser a cidade mais religiosa do litoral de Santa Catarina. Agora Peters atua como professor de grego e latim em Curitiba.

E então vieram desordens na paróquia, em consequência das quais o Bispo se viu obrigado a nomear o Pe. Foxius como pároco de Itajaí. O elemento brasileiro estava excitado e tudo o que era alemão era odiado. Para piorar ainda mais a situação, ocorreu, duas semanas mais tarde, o caso Panther, do qual não se fez muito alarde na Alemanha, mas que, no Brasil, produziu uma enorme agitação.

Um marinheiro alemão do Panther desembarcou e, na cidade, encontrou um velho colega de escola, Fritz Steinhof, que naturalmente o convidou para tomar um copo de cerveja. E no bate-papo passaram-se o tempo e a licença. E agora? Fritz Steinhof induziu o marujo a desertar. O comandante do Panther convidara para um banquete todas as autoridades locais, à exceção do comissário de polícia, e, como pedia agora a este para entregar o marinheiro, o comissário negou sua ajuda. Seduzidos e guiados por alguns pangermanistas, os marinheiros invadiram então duas casas para capturar o desertor. O Brasil inteiro indignou-se com a maneira tão vil com que os alemães violaram o sagrado direito doméstico. No Brasil, a casa é um santuário. Inclusive o maior criminoso não pode ser preso enquanto se encontra em sua casa. O proprietário sempre se chama "o de casa". No Brasil, nunca se pode entrar sem licença numa casa, mesmo que seja do maior amigo. Depois que se bateu e se obteve a licença para entrar, mediante toda sorte de expressões de cortesia, pode-se entrar. O marujo desertor apresentou-se depois livremente e recebeu um suave castigo. Seu amigo, Fritz Steinhof, no entanto, ficou desaparecido. Acreditou-se que ele também fora preso pelos alemães. O Brasil inteiro gritou por vingança e guerra e faltou pouco para que os alemães não fossem pesadamente penalizados com essa imprudência, embora toda a culpa nas desordens deva ser atribuída à petulância dos pangermanistas. Só não aconteceu um banho de sangue graças ao espírito conciliador do governo brasileiro.

Padre Foxius era pároco, fazia duas semanas, em Itajaí quando se deram esses acontecimentos, e assim, sua vida sacerdotal no Brasil começou de maneira extremamente difícil e cheia de perigos.

Aqui em Itajaí, como na maioria das paróquias brasileiras, tudo está ainda por começar. As consequências da antiga falta de evangelização ainda são perceptíveis. Antes da nossa chegada, outros padres já haviam tentado conduzir solenemente as crianças à primeira comunhão, mas com pouco resultado. De modo geral, as crianças iam com os pais, e somente por eles eram minimamente preparadas para a primeira confissão e primeira comunhão. Por isso, tive também, com muitos pais, grande dificuldade a superar quando lhes comuniquei que eu pretendia assumir a preparação das crianças para esse importante e bonito dia.

Muitos achavam que uma doutrina mais demorada era desnecessária, que isso seria possível realizar em uma hora. Porém, continuadas gotas furam a pedra, e a um pedido pertinaz ninguém resiste. Convoquei então as crianças e muitas se apresentaram para a doutrina; infelizmente, apenas 35 perseveraram. Dois meses mais tarde, encarreguei-me mais uma vez do trabalho e tive a alegria de encaminhar novamente 35 crianças à primeira comunhão. Setenta crianças são um bom êxito para o primeiro ano.

Primeira comunhão em Itajaí. No meio das crianças estão
os Padres Foxius, Thoneick e Spettmann.

No segundo ano eu tive uma preciosa ajuda na pessoa do Pe. Thoneick e pudemos conduzir festivamente 69 crianças, a maioria da periferia, à mesa do Senhor. No terceiro ano tivemos 53, as primeiras que estavam realmente preparadas. A bonita festa foi celebrada à maneira alemã. Tendo buscado festivamente as crianças de uma casa particular e tendo-as acompanhado até a igreja, Pe. Spettmann fez com elas as orações preparatórias. Após a Santa Missa houve café comunitário, no qual também uma rica oferta de bolos animou o corpo. Então as crianças foram fotografadas para que o retrato do dia da Primeira Comunhão fosse para elas, no futuro, uma feliz recordação e uma constante exortação. Após a missa de ação de graças, eu distribuí aos neocomungantes uma bonita lem-

branca da Primeira Comunhão e me senti realizado ao ver os rostos radiantes e inocentes. Também os pais estavam felizes e com lágrimas nos olhos e a maioria veio apresentar seus agradecimentos pelos esforços que havíamos feito pelos seus filhos.

Essas são as alegrias do sacerdote missionário. Os meses de trabalho são ricamente recompensados por um dia assim. E que consolo enche nosso coração, quando observamos o progresso, embora lento mas constante, e sentimos a bênção de Deus repousando sobre nosso trabalho! Aqui a gente sente bem o que é um sacerdote. Sob sua mão brotam e crescem as flores da vida cristã, mas onde ele não atua, morre tudo. Um sopro zeloso estende-se sobre as almas de um terreno inculto, como, infelizmente, ainda temos que vivenciar em muitos lugares, aqui no Brasil. Cheio de esperança encontra-se diante de mim o futuro próximo. Queira Deus presentear-me com ricas dádivas!

53

Um pouco sobre nossos negros brasileiros*

Pe. Geraldo Ohlemüller

Como acontece entre os ianques norte-americanos, também na América do Sul uma considerável parte da população se constitui de autênticos negros. Sua origem, tanto para o Norte como para o Sul, é a mesma: a escravidão. Nossa revista já publicou, exaustivamente, matéria sobre a crueldade praticada na caça aos escravos, bem como sobre o seu transporte e comércio, com todas as suas monstruosidades. A vida do negro nessas condições, uma vez feito propriedade de um fazendeiro no Norte ou no Sul, poderia ser suportável se seu senhor fosse um bom patrão. Quando a lei aboliu a escravidão, muitos dos negros bem tratados ficaram com seus senhores, não mais como escravos, mas como empregados. Com muita frequência, contudo, o escravo negro era considerado, de direito e sem defesa, um animal de trabalho cujo pão diário consistia, desde a mais tenra infância, de árduo trabalho, muitos golpes de açoite e escassa alimentação. Na América do Norte, a Guerra de Secessão, em 1863, pôs fim, à força, a essa indigna situação humana. No Brasil, na verdade, essa mudança consumou-se de forma pacífica, por vias legais, porém somente em 1888. A partir de então, o negro começou a participar cada vez mais da sociedade, como cidadão. A revolução brasileira de 1889, com a proclamação geral do direito de liberdade do povo, foi para eles, nesse sentido, muito favorável. A maioria, contudo, se manteve nas camadas baixas da sociedade como carregadores, tropeiros, diaristas e serviçais; de vez em quando, também como vendedores de rua e proprietários de espeluncas. Se levarmos ainda em conta a cor da pele mais ou menos escura, a forte transpiração do corpo própria do negro, bem como o comportamento que, apesar de toda a civilização, sempre denuncia um pouco a selva africana, então se explica facilmente que uma completa miscigenação da raça negra e branca não acontecerá tão cedo.

Nos centros coloniais alemães, os negros são pouco representados. Isso se deve, em parte, ao fato de que os colonos alemães só tinham escravos em casos muito raros. Além disso, o costume alemão, menos que o romano, não consegue familiarizar-se com o africano. Os mulatos, isto é, os descendentes de casal preto-branco, tiveram origem, em sua maioria, da miscigenação da raça romana

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 426-428.

com sangue negro. Não obstante, encontra-se, de vez em quando, uma família afro-alemã. Os gostos são, simplesmente, diferentes e, às vezes, estranhos. Os filhos de um casal assim, que têm as cores fundamentais prussianas, o preto -branco, parecem, pelas observações que se podem fazer aqui, puxar mais pela cor branca. Outros afirmam que os primeiros filhos de um casal assim seriam mais claros e os nascidos mais tarde, mais escuros. Custa-me acreditar que seja possível estabelecer uma consequente lei da natureza. A natureza ama simplesmente a diversidade.

Outro dia fiz a visita de enfermo a uma negra de 60 anos. Ela ainda era originária da África. Lembrava-se com muita clareza da noite de horror em que os caçadores de escravos árabes assaltaram seu povoado natal. Sua mãe doente foi assassinada, seu pai algemado e ela, juntamente com muitas outras crianças, conduzida por vários dias através do mato e, finalmente, enfiada num grande navio. Na Bahia, um rico fazendeiro comprou-a como camareira para sua filha. Se a "patroa" não tivesse sido tão implicante, ela não teria almejado outra coisa melhor. Mais tarde, casou-se com um jovem negro, com quem cultivou uma pequena propriedade, depois da abolição da escravidão. Sua filha mais nova casou-se com um alemão. Tinham duas queridíssimas crianças com a idade de três e cinco anos. As pretas cabecinhas carapinhas eram, por certo, uma herança da mãe, bem como os vivos olhinhos castanhos. As feições regulares eram do pai. A cor do rosto era um bonito amarelo transparente, o que dava ao rostinho emoldurado pelo exuberante cabelo pixaim um interessante semblante. Como a mãe, elas falam alemão e, de mais a mais, um puro dialeto badenense. Eles, na verdade, moram numa colônia cujos moradores são originários da região de Baden. Quando observei as crianças com mais atenção, veio a mamãe preta em socorro de minha admiração, observando com seu particular orgulho de mãe: "Veja como meus filhos são bem branquinhos".

Os negros são bastante melindrosos quanto à sua cor. Como os negros que foram trazidos para cá provêm de diferentes regiões da África, existem também os diversos matizes de cor escura: do preto escuro dos negros do Congo, passando pelo marrom chocolate dos negros do Sudão, ao cinza ardósia dos sul-africanos. Se bem que a cor escura não seja em si tão repugnante e, como consta, existem também formosuras negras, é inoportuno falar de "pretos" na presença de negros. O termo tem para eles algo de ofensivo e pejorativo.

Referente a isso, contam-se aqui nas regiões coloniais algumas divertidas histórias, cujos heróis ainda vivem. A primeira aconteceu com uma honrada camponesa de Baden. Quando ela, depois de uma longa e penosa viagem, chegou finalmente bem aqui, ela quis dirigir-se com seu marido para o lote colonial que lhe fora indicado. Este se localizava na mata, num lugar bastante desconhecido.

Para conduzi-los até lá, o diretor da colônia destacou um autêntico jovem negro de quinze anos. Com espanto, a suábia observou o estranho rapaz. Falava alemão-suábio, quase como eles mesmos e, no entanto, era um negro em pessoa! Num dado momento, pelo caminho, ela lhe perguntou: "Como você ficou tão preto assim?" Essa pergunta ingênua intrigou o rapaz e, não deixando por menos, respondeu imediatamente: "Ah, minha senhora! Quando vocês estiverem aqui no Brasil tanto tempo quanto eu, vocês estarão pretos, e mais pretos que eu!" – "Senhor Jesus, isso não pode ser verdade!" retrucou assustada a mulher. "Não! Se assim for, então eu quero voltar imediatamente para minha terra natal". Só a muito custo o marido conseguiu acalmá-la e convencê-la a fazer uma vez essa experiência de vida em terra estranha. Sempre haveria tempo de "voltar para casa". A bondosa mulher fez a experiência e vive ainda hoje no Brasil. Seu rosto, na verdade, ficou mais rosado por causa da idade e das preocupações da vida, mas preta, como lhe havia profetizado o negrinho, ela não ficou.

A segunda história fornece uma desejável contribuição para o esclarecimento das diferentes cores e raças no gênero humano. Um negro, experiente na palavra e na escrita, explica da seguinte maneira o surgimento singular de seus companheiros de raça: "Os primeiros homens eram de uma só cor e negros. Essa é, pois, a cor primitiva de todos. Os dois primeiros filhos de Adão e Eva, Caim e Abel, eram naturalmente, como os pais, também pretos. Quando Caim assassinou seu irmão, Deus lhe disse: 'Caim, onde está teu irmão Abel?' Quando Caim ouviu essas palavras de Deus, ficou pálido de susto e... permaneceu pálido e desbotado a vida toda. E Caim é o pai de todos os rostos empalidecidos." Agora vocês, europeus, sabem a quem devem realmente agradecer vossos orgulhosos rostos pálidos e por isso não façam mais chacota dos negros!

54

Corpus Christi e Sagrado Coração de Jesus em Paraty[*]

Pe. Pedro Storms

Com a aproximação da bonita festa de Corpus Christi, vêm-me amiúde bem vivas à lembrança as solenes procissões que, na Europa, se movimentam séria e solenemente pelas ruas das cidades ainda católicas, bem como pelos povoados festivamente enfeitados para homenagear o Homem-Deus no Santíssimo Sacramento.

Com frequência vinham-me à mente o desejo e a saudade de preparar ao Divino Salvador aqui no Brasil, na pobre paróquia de Paraty, semelhante cortejo de triunfo, ainda que menos magnífico. Até agora, na verdade, não foi realizada aqui nenhuma procissão de Corpus Christi. Por muitos e muitos anos, a paróquia esteve abandonada e, nos últimos dois anos em que novamente se encontra ocupada, era impossível uma procissão, por falta do mínimo necessário. O que também me deixava hesitante era se conseguiríamos realizar uma procissão razoavelmente digna. Finalmente a decisão foi tomada. Foi então planejado e calculado com o irmão Eusébio, que tem o encargo de sacristão, – (Pe. Baumeister, esperado há mais tempo, ainda não chegara) – como poderíamos decorar com quase nada os altarzinhos com o mínimo necessário. Nós mesmos, naturalmente, tínhamos que dirigir todos os trabalhos de enfeite e logo pusemos mãos à obra. Um dos altares nós mesmos enfeitamos; para os outros, dei as instruções necessárias. O mínimo que a pobre igreja tinha disponível e o pouco que nós mesmos possuíamos foram colocados à disposição. As pessoas não tinham absolutamente nada. Em todo o povoado conseguimos três vasos de flores que eram nada menos que latas revestidas de papel colorido. Numa palavra, arranjamo-nos tanto quanto possível e assim conseguimos organizar tudo, apesar de toda a nossa pobreza. "Poderíamos ter conseguido muito mais", pensará, talvez, o leitor. Certamente, se no Brasil não fossem tão caras as coisas mais simples e se nossa sacola de dinheiro não estivesse tão leve!

Se bem que os brasileiros não sejam muito afeitos a uma caminhada matutina à igreja – quanto mais tarde a missa, tanto melhor – contudo, no dia de Corpus Christi, estavam aí, cedo, simplesmente porque havia sido anunciada uma procissão e um bom brasileiro não a quer perder por preço nenhum.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 472-474.

Observando nosso trabalho, alguns curiosos perguntavam se iria ser celebrada missa ao ar livre.

Tudo estava pronto; uma considerável multidão aí se encontrava, não tanto em vista da missa, mas da procissão. Às 9h30min começou a missa solene, com pregação. Mas, por que ainda uma pregação, justamente em Corpus Christi, quando a própria festa já é, em si, uma pregação e toda a cerimônia bastante longa? Por enquanto a paciência do brasileiro não acha a missa muito longa, principalmente em dias solenes. Então, tive que explicar novamente o que é uma procissão de Corpus Christi, por que é feita, o que é levado no ostensório, etc, pois isso praticamente ninguém sabe. Após esses esclarecimentos necessários e terminada a missa solene, pude então dar início à procissão. Se antes da missa ameaçava chover, agora o céu estava sereno. Quão profundamente teríamos lamentado se o cortejo tivesse que ser suspenso, justamente em nossa primeira tentativa, e se todo nosso esforço tivesse fracassado! O Divino Salvador manifestamente não o quis. Para embelezar a procissão, a banda musical, recentemente fundada, prestou um ótimo serviço. Ela esperou fora da igreja e começou a tocar quando saí com o Santíssimo, enquanto os sinos bimbalhavam festivamente. Assim, o Divino Salvador fez seu primeiro cortejo de triunfo por Paraty, para abençoar nossos paroquianos tão ignorantes e, contudo, penetrados de vida cristã. Em boa ordem, que de modo geral é difícil de se manter entre os brasileiros, a procissão fez o trajeto previsto e voltou novamente à igreja ao som da música, repicar dos sinos e dos tiros de foguetes. Um *Te Deum*, cantado por corações repletos de agradecimento, juntamente com a última bênção do Santíssimo Sacramento, encerrou essa nossa primeira procissão de Corpus Christi em Paraty. Totalmente encantados e maravilhados com a sublime solenidade, os fiéis voltaram alegres para casa, isto é, para seus casebres, dispersos por toda parte. Não menos felizes estávamos nós com a pequena procissão triunfal que havíamos realizado em homenagem ao Divino Salvador, aqui no Brasil. Quanto ao mais, só uma coisa nos restava lamentar, a saber, a falta de recursos para a aquisição de uma bandeira de procissão, etc, para abrilhantar com mais solenidade a procissão.

À festa de Corpus Christi seguiu-se outra, a do Sagrado Coração de Jesus, também sujeita a muito trabalho. É uma solenidade muito importante e vale por um dos maiores feriados, em que nenhum brasileiro se atreve a trabalhar, mesmo que não leve muito a sério o descanso dominical. Encontra-se muito difundido no Brasil, e também em nossa paróquia, o Apostolado da Oração, que tem a finalidade de fomentar uma especial devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Como, de uma parte, muitíssimos ainda não haviam cumprido sua obrigação pascal – muitos não a tinham feito porque simplesmente não sabem o que são sacramentos – e, de outra parte, o tempo pascal aqui se prolonga até a festa do Sagrado Coração de Jesus, imaginei, então, aproveitar essa festa para mover certo

número de paroquianos ao cumprimento do preceito pascal. Para essa finalidade, foi realizada, no dia de Corpus Christi, uma reunião com os membros do citado Apostolado da Oração e, para eles, proposta uma comunhão geral na festa do Sagrado Coração de Jesus. Em cada noite dos oito dias subsequentes à festa de Corpus Christi, houve reza com pregação sobre o Santíssimo Sacramento do altar. Deus não deixou sem bênçãos os esforços, pois pude contar 134 confissões, das quais a metade poderia ser de confissão pascal. Para uma paróquia na Alemanha, o número certamente seria pequeno, mas é um número muito significativo para uma paróquia daqui; sim, algo raro. Não faltou trabalho. Um dia antes da festa do Sagrado Coração de Jesus, logo após a missa, visitei a pé um doente, que mora a uma distância de 25 minutos. Apenas de volta, veio um segundo chamado, desta vez, a duas boas horas a cavalo. Voltei às 13h30min, alimentei-me um pouco, rezei o breviário, fui ainda à igreja ajudar um pouco nos enfeites e então, fui ao confessionário. Ao anoitecer houve reza com pregação e, depois, confessionário até as 9h45min. No dia do Sagrado Coração, de manhã, às 8 horas, houve comunhão geral. Como não era dia santo prescrito, não podia rezar uma segunda missa; por isso, eu mesmo presidi diante do altar às orações de preparação e de ação de graças. Alguns cânticos entre as orações fizeram da comunhão geral uma bonita celebração como as pessoas, que não estão acostumadas a nada, nunca viram antes. Às 10 horas houve missa solene com pregação sobre o Santíssimo Sacramento, como maior sinal do amor do Divino Coração de Jesus para com os homens. Às 15h30min houve bênção do Santíssimo, pregação e, em seguida, procissão com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. A bênção sacramental encerrou essa minha primeira festa do Sagrado Coração de Jesus no Brasil. Foi, sem dúvida, uma solenidade deveras digna e consoladora: consoladora porque, pelas circunstâncias daqui do lugar, foi intensa a recepção dos sacramentos. A maioria certamente não faltará, no próximo ano, à comunhão geral na festa do Sagrado Coração de Jesus; talvez tragam novos devotos do Sagrado Coração para a mesa do Senhor. Nós nutrimos a firme confiança de que o divino pastor das almas não fechará seus tesouros de graça aos cristãos que aqui vivem numa tão grande ignorância religiosa e que, em consequência a uma gradativa instrução, faça frutificar mais e mais vida cristã.

55

O protestantismo em Itajaí *

Pe. Geraldo Spettmann

Eu tinha, há tempo, a intenção de escrever-lhes algumas linhas sobre o protestantismo brasileiro. Infelizmente não foi possível fazê-lo antes, pois me encontrava muito ocupado com a infiltração de mensageiros protestantes em uma de nossas paróquias de Itajaí. Agora que o conflito entrou numa fase mais calma e se passaram as festas dos meses de verão, proponho-me a esboçar um pequeno retrato da situação atual das coisas.

Como é do conhecimento de vocês, pertencem à paróquia de Itajaí ainda duas outras paróquias. Numa destas, Camboriú, penetraram, há dois anos, metodistas norte-americanos. Como em todo o Brasil, também aqui procuraram primeiramente um lugar bem afastado no interior, cerca de uma hora do centro da paróquia.

Esses "lobos em pele de ovelha" quase seduziram e engabelaram uma ovelha inocente (quer dizer, totalmente inocente ela não é, pois já vivia, há mais de 20 anos, em concubinato). Os tolos nunca acabam... e, infelizmente, a história comprova que, justamente, a transgressão do sexto mandamento se torna para uns, como para povos inteiros, escolho fatal no qual encalha o barquinho de sua fé.

Outros aderiram logo, contaminados pelo primeiro fruto podre. Informações dão conta de que todos os apóstatas, à exceção de uma mulher, vivem em concubinato ou apenas casados no civil![1] Um velho português, inclusive, cujo filho gravemente enfermo eu me ofereci para visitar, separou-se de sua esposa legítima e vive no mais desavergonhado concubinato.

No começo ele foi acolhido entusiasticamente pelo pregador metodista. Mas quando alertei os católicos sobre a armadilha que os inovadores apresentavam, hasteando a bandeira com a aparentemente santa mas hipócrita e irônica inscrição "Guerra da imoralidade", então abandonaram o homem. Ele decidiu então permanecer católico, mas não romano!...

Conversei com o homem, aconselhei-o, fazendo-lhe ver as contradições das propostas dos metodistas contra a religião, chamei-lhe a atenção para o seu fim, talvez não muito distante. Nada mais frutificou, de tão profundamente que ele havia sido contaminado pela campanha difamatória dos pregadores contra tudo o que era católico! Seu filho já repousa na terra fria e saberá agora, no além, o que ele e seu infeliz pai aprenderam na vida...!

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 523-526.

1 Por falta de assistência religiosa, muitos casais viviam juntos, sem a celebração do matrimônio religioso. Essa situação era considerada como sendo concubinato.

Atiçar, caluniar, injuriar, essas são, em substância, as armas com as quais esses "mensageiros da nova doutrina" anunciam o "puro" evangelho. Os apelidos preferidos, como devorador de dinheiro, impostor, idiota, burro, animal, etc, já zuniram na minha cabeça sem, por certo, conseguir desconcertar-me.

O principal engodo dos pregadores é o dinheiro. O povo daqui é, de modo geral, muito pobre. Esses pregadores procuram inculcar nessa pobre gente que nós, padres católicos, estamos aí apenas para sugar o povo! Uma arbitrária enumeração de contribuições cobradas pela Igreja Católica (por ano, os batizados são mais ou menos tantos, o que rende tanto; por ano são feitos aproximadamente tantos casamentos, o que rende... etc.) é de tal modo infundida nas pessoas, com discursos formais, que não as deixa mais em condições de ter ideias claras sobre os verdadeiros fatos. Ao mesmo tempo, elas também são evidentemente tão bem trabalhadas, e a religião católica é pintada de tal modo, em cores tão negras, e a metodista em cores tão claras, que essas pessoas efetivamente se desnorteiam e se lançam no atroz precipício da falsa doutrina!

Folhetos, bíblias e escritos verdadeiramente injuriosos são distribuídos entre o povo e fazem, com todos os meios possíveis, uma tenaz propaganda.

Eu, de minha parte, também não descansei e não lhes dei trégua, pois, uma vez que assumi esta paróquia, me propus a fazer de tudo para preservá-la contra intrusos. Se ultimamente esses pregadores tiveram seu trabalho dificultado, devo tributar isso não aos meus esforços mas, sim, ao Sacratíssimo Coração, cuja devoção eu introduzi na comunidade! Já o apóstolo Paulo achou quase impossível reconduzir as ovelhas desviadas, e seria um milagre se aqui fosse diferente! As pessoas são fanatizadas de tal modo que jamais quererão voltar atrás. Um dos "convertidos" perdeu-se de tal modo em fanatismo a ponto de fazer da cabeça de uma imagem um cachimbo! Tudo o que, de alguma maneira, lembra a religião católica é afastado com abominação. Assim, uma mulher "salva" havia esquecido, no primeiro santo fervor, de destruir a medalha que carregava no pescoço. Lembrou-se disso na estrada. Cheia de santa consternação, arrancou a medalha do pescoço, arremessou-a na capoeira e, ao mesmo tempo, ajoelhou-se, pedindo perdão a Deus pelo "ídolo" que ainda carregara inconscientemente consigo!... Esses e outros episódios semelhantes projetam infelizmente uma péssima imagem sobre a formação do povo, bem como sobre os próprios pregadores. Eu não deixei de chamar a atenção dos católicos e de desmascarar os pregadores que, ao perceberem a revolta dos que haviam permanecido fiéis, quiseram lançar toda a culpa na ignorância do povo.

Em setembro do ano passado, eles tiveram um encontro no centro da paróquia; este aconteceu na casa do genro do português acima citado. Mas ele agora se mudou e, desde então, o pregador mendiga em vão para conseguir uma casa onde pregar. Por isso podem imaginar o quanto ele me quer bem!... Fiz do

Apostolado da Oração um sólido baluarte contra eles. A comunhão das crianças e a missão popular fizeram a sua parte.

Referente à comunhão das crianças, ainda um pequeno episódio. Nunca havia sido feita com solenidade uma Primeira Comunhão. Com auxílio das senhoras do Apostolado da Oração, ela realizou-se neste ano. Rapazes e meninas compareceram vestidos de preto e branco, respectivamente, como na Alemanha. O povo estava fora de si de contentamento. Perto do meio-dia, vieram uns sete decaídos, que alguns dias antes haviam passado pelo povoado, invectivando contra mim e contra as pessoas que haviam permanecido católicas. Quando foram vistos, alguns senhores correram para as vendas mais próximas, compraram foguetes e os estouraram entre as pernas dos provocadores. Vocês podem imaginar o espetáculo e a algazarra. Os que foram assim amistosamente alumiados no caminho para casa, mandaram-me dizer mais tarde que, quando eu passasse novamente pelo seu povoado (na verdade, um conjunto de casas fora do povoado), eles fariam comigo a mesma coisa... Mandei agradecer-lhes amistosamente. Poucos dias depois passei por lá e ainda os convidei para a santa missão. Fiquei numa casa mais de uma hora e fui então tranquilamente para casa à luz do luar, sem pirotecnia! Meu trabalho contra esses falsos profetas consiste, de uma parte, em esclarecer o povo através da pregação e conversas particulares e, de outra, em arrancar desses senhores a “pele de ovelha” e mostrar ao povo o “lobo feroz” na sua verdadeira forma, como está no evangelho.

De modo especial, eu chamo a atenção para o que jornais católicos brasileiros escrevem e o que confessam os pregadores reconvertidos à Igreja, segundo os quais o motivo desses enviados norte-americanos é menos religioso e muito mais político e que sua intenção primordial é preparar os caminhos da política norte-americana, como fizeram nas Antilhas! A seguir, coloco também no pelourinho o pretenso altruísmo desses pregadores, onde demonstro e provo ao povo, com exemplos, como esses senhores rejeitam, no começo, qualquer espórtula com artificial indignação; mais tarde, porém, depois de terem trabalhado as pessoas e as feito perder totalmente a cabeça, esclarecem-lhes com piedoso esfregar das mãos e inclinar da cabeça que cinco marcos por mês e por pessoa seria o mínimo que eles poderiam pagar ao pregador “por delicadeza” pelos seus esforços (!) – e efetivamente a isso são obrigados...! Pobres idiotas! E, além disso, esses anunciadores do “puro evangelho” recebem até 70 marcos por mês da Sociedade Bíblica! Quando se leva em conta que nós, padres católicos, não recebemos ajuda do Estado nem do Bispo, mas dependemos tão somente das espórtulas de batizados, missas e casamentos, imediatamente se torna claro de que lado está o interesse material!... De mais a mais, não é nada estranho, aqui no Brasil, que o governo, totalmente maçônico, não subvencione e promova diretamente os esforços da falsa fé, por meio de dinheiro e outras preferências!...

Ainda recentemente anunciava o *Semanário Católico* do Rio de Janeiro um caso dessa natureza, ocorrido em São Paulo, onde um pregador um pouco indiscreto deu com a língua nos dentes a esse respeito, por ocasião do enterro de um maçom, revelando o que ele, como sócio da loja, lhe devia em prejuízo da Igreja.

Felizmente o maçom ainda tinha sangue católico suficiente nas veias para não anuir às petulâncias do pregador. Lamentavelmente reina, aqui no Brasil, ignorância demais a respeito da maçonaria. Os católicos não querem reconhecer que é um absurdo ser ao mesmo tempo maçom e católico. Quando uma vez compreendem que é impossível servir a Deus e ao diabo, então estão em geral tão afundados e dependentes dos maçons que é impossível romper de vez com eles. E, assim, muitos colocam em risco a salvação eterna...

Retornemos, todavia, ao protestantismo.

Ainda não me foi possível averiguar quantos abandonaram a fé católica até esta data, em Camboriú. Muitos não querem reconhecer sua apostasia. Infelizmente, falta-nos um jornal brasileiro verdadeiramente católico. Falta-nos também, de modo especial aqui, uma escola paroquial! Ah! Quantos confrades poderiam fazer infinitamente mais aqui, principalmente nos casos mencionados, que no além-mar!

Os falsos doutrinadores norte-americanos fazem em todo o Brasil um verdadeiro trabalho de formiga. Sabatistas, puritanos, metodistas, adventistas e outros "istas" que há por aí, querem, cada qual, vencer a corrida. Felizmente a confusão interna e a guerra que eles travam entre si abrem a muitos os olhos! Não menos ativos são os protestantes alemães que se dividem em ortodoxos, orientação livre e castelo de Deus; seu campo de atuação está principalmente entre os alemães. Sua convivência com os brasileiros que, de mais a mais, não são praticantes, é para eles um não pequeno inconveniente: casamentos mistos e outros desvios ainda maiores no âmbito da religião são as consequências disso.

Como vocês podem inferir do que foi dito, aqui não nos falta, de modo algum, trabalho. Ainda resta infinitamente muito por fazer! Felizmente os melhores elementos para a luta se congregam pouco a pouco no *Centro Católico* e na *Associação Popular*, que ultimamente foi fundada em algumas cidades.

Penso, todavia, que nossos esforços não serão eficazes e não serão coroados de êxito duradouro se não conquistarmos a juventude, doutrinando-a e educando-a! Não nos é permitido entrar na escola pública e a catequese dominical não é frequentada sequer por 10% dos jovens. Só uma escola particular poderia nos garantir, pelo menos, uma parte da juventude e, desse modo, contribuiríamos ativamente para uma verdadeira formação do povo, preenchendo assim uma lacuna deixada pelas escolas públicas. Para isso falta-nos aqui um quarto homem [padre]. Queira Deus que esse plano, que afinal seria fácil de realizar, se torne realidade o quanto antes.

56

O primeiro Bispo de Santa Catarina*

Pe. Geraldo C. Ohlemüller

Do Brasil vem-nos a notícia da sagração do Exmo. João Becker, primeiro Bispo da nova diocese de Santa Catarina. O excelentíssimo senhor Bispo é natural da Renânia, uma região da Alemanha que já presenteou o Brasil com vários homens proeminentes. Nascido em 1870 em Winterbach, distrito de Sankt Wendel, veio com seus pais para o sul do Brasil quando ainda era criança. Depois de receber as primeiras instruções de seu pai, que dirigia a escola colonial em Harmonia,[1] continuou com brilhante sucesso seus estudos no colégio em São Leopoldo e, a seguir, frequentou o seminário em Porto Alegre. A 2 de agosto de 1896, ele recebeu a ordenação sacerdotal e, logo em seguida, foi nomeado pároco da Igreja Menino Deus, em Porto Alegre. Seu zelo pelas almas, seu modo de ser muito humano e os brilhantes dons de espírito e de coração permitiram-lhe conquistar a simpatia de todas as classes do povo. Sobre a festiva sagração do Bispo, transcrevemos aqui o que o *Deutsche Volksblatt*, um jornal teuto-brasileiro de Porto Alegre, informou a respeito.

"A Igreja de Nossa Senhora das Dores, a maior igreja de Porto Alegre, foi adornada ricamente para essa finalidade. No presbitério foram preparados lugares de honra para os convidados representantes da autoridade civil e militar, bem como para a imprensa; uma parte da nave principal ficou reservada para as delegações das irmandades, associações eclesiásticas e corporações. Pelas 9 horas começaram a comparecer os convidados, que foram encaminhados para os devidos lugares pela comissão de recepção. O governador, que serviu de padrinho da sagração, tomou lugar numa cadeira de honra diretamente diante do altar; o clero secular e regular, numericamente bem representado, e os seminaristas ocuparam as fileiras de cadeiras do lado do evangelho; os familiares do Bispo a ser sagrado, o primeiro escalão das autoridades civis e militares e os demais convidados tomaram assento no lado da epístola e na parte dianteira do presbitério.

"Às 9h30min, tiros de foguetes e os sons da banda musical postada diante da igreja anunciaram a aproximação dos reverendíssimos senhores prelados, a saber: o Bispo a ser sagrado, D. João Becker, o Bispo diocesano de Porto Alegre, D. Cláudio José Ponce de Leão, que atuou como consagrante, e os dois bispos assistentes, D. João Francisco Braga, Bispo de Curitiba, e D. João Antônio Pimenta,

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 569-570.

1 Harmonia é um pequeno município no Rio Grande do Sul, distante 64 quilômetros de Porto Alegre.

Bispo titular de Pentacomia e auxiliar de Porto Alegre. Eles foram recebidos pelo clero na porta principal da Igreja das Dores e conduzidos ao altar-mor ao som do hino *Ecce Sacerdos Magnus*.

"A sagração aconteceu durante a missa. Após esse ato, o Bispo de Curitiba, D. João Braga, subiu ao púlpito e fez uma pregação festiva de meia hora, bem acabada quanto ao conteúdo e forma, na qual versou com palavras enfáticas e bem pensadas sobre o tema "religião e pátria". Finalizou almejando os mais profundos votos de bênçãos para o novo Bispo.

"Pelas 13 horas terminou a solenidade, cujo desfecho foi tão emocionante quanto digno. Faz parte da natureza das coisas que a casa de Deus não conseguisse abrigar o grande número de fiéis. Uma grande multidão de pessoas acompanhou o novo Bispo e os demais prelados da Igreja de Nossa Senhora das Dores em festivo cortejo até o seminário diocesano. Às 17 horas houve, na Igreja Menino Deus, um *Te Deum* com grande afluência de fiéis, especialmente de pessoas da, até então, paróquia do novo bispo, seguido de uma recepção na casa dos prelados. D. João Becker recebeu muitos presentes preciosos pela sua sagração episcopal. Assim, recebeu do governador um magnífico missal com estante de bronze; do bispo diocesano D. Cláudio, uma preciosa relíquia da Santa Cruz e o cajado episcopal; dos seus ex-paroquianos, a cruz peitoral episcopal, com colar de ouro e o anel episcopal; dos seus diocesanos em Santa Catarina, a mitra, paramentos pontificais, anel, etc.

Não há dúvida de que o novo excelentíssimo senhor Bispo será acolhido com calorosa simpatia por todos os diocesanos, tanto alemães como brasileiros. Os alemães saudá-lo-ão como conterrâneo, ao passo que para os brasileiros ele não será um estranho. Justamente essa qualidade de teuto-brasileiro oferecerá ao excelentíssimo senhor Bispo a possibilidade de fazer justiça a todos na administração de sua diocese, onde são falados diferentes idiomas. Se considerarmos que o Bispo tem à sua disposição um clero pouco numeroso, mas muito zeloso e exemplar como o da ordem dos franciscanos e o da nossa Sociedade, pode-se esperar, com todo o direito, um novo impulso em todos os setores da vida religiosa da jovem diocese de Santa Catarina. Ao novo pastor um cordial: 'Que Deus o guarde por muitos anos!'"

57

A jararacuçu*

Não resta dúvida alguma de que as cobras fazem parte dos mais desagradáveis hóspedes do exuberante mundo tropical. A alegria que se sente ao contemplar o maravilhoso mundo das plantas é perturbado pelo pensamento de que, sob esse florescente esplendor, talvez espie um monstro que, com uma única picada, coloca a vida no maior perigo.

Entre as três espécies de cobras venenosas nativas no sul do Brasil, a jararacuçu é a maior e a mais perigosa. Com esse nome os indígenas designam a cobra cascavel sul-americana que, pelos sábios, é chamada c*rotalus horridus*.[1] A palavra jararacuçu provém do ruído que a cobra faz com as escamas que cobrem sua cauda ao se irritar. O maior prejuízo que esse réptil provoca é entre o gado, pois raramente pessoas são picadas. Durante o dia, em geral, ela descansa em seu esconderijo de folhagem e musgo junto a um cepo de árvore. Só ao anoitecer sai para caçar passarinhos, sapos e outros animais de menor porte. Já se observou que os grandes lagartos, que no Brasil chegam a medir 1,60m de comprimento, travam combate com ela e, muitas vezes, saem vitoriosos.

Os colonos sabem contar muitas histórias horripilantes sobre a jararacuçu. Basta direcionar a conversa para esse assunto, para usufruir algumas horas interessantes. Os colonos, que trabalham dia após dia no mato ou na lavoura, estão, pois, sempre sujeitos a encontros desagradáveis com tais répteis, mas também o missionário se confronta às vezes com esses bichos. Assim, um padre nos contou recentemente o seguinte episódio:

"Eu me encontrava apenas algumas semanas no Brasil quando, um dia, perto da noite, caminhava pelo canavial, enquanto rezava o breviário. Subitamente percebi, a poucos passos de mim, um ruído estranho. Fiquei parado por um instante, escutei com atenção e percebi o mesmo ruído junto a um velho cepo de árvore que ainda havia permanecido em pé, na plantação. Depois de tudo o que havia ouvido e lido, o ruído só podia provir de uma jararacuçu que eu havia estorvado no seu descanso durante minha caminhada. Arma de qualquer tipo não havia à minha disposição naquele momento. Audácia imprudente nunca foi meu maior defeito e eu me retirei 'de fininho', considerando que a cautela é ainda a melhor parte da coragem, e um combate entre mim e aquele monstro com seus longos dentes de veneno seria travado com armas desiguais. Quando deixei

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1908), p. 570-572.

1 Trata-se da cobra *Crotalus durissus*, popularmente conhecida como cascavel.

a plantação, encontrei alguns colonos que me perguntaram se havia percebido alguma jararacuçu. 'Na verdade, disse-lhes, não a vi'; mas minha suspeita foi reforçada com a pergunta.

"Depois, durante um ano todo, não vi nem ouvi réptil assim, embora nutrisse sempre o secreto desejo de novamente encontrar um, propondo-me logo a ser mais ousado na próxima oportunidade. Contra todas as previsões, foi meu desejo realizado depressa. Um dia, eu voltava para casa de uma viagem missionária. Contente, meu tordilho troteava avante, pois sabia que estava retornando a seu cocho de comida. Então, subitamente, o cavalo empacou e não havia como fazê-lo prosseguir o caminho. Suspeitando que algo de estranho devia haver pela frente, olhei com calma ao longo do caminho e, de fato, lá, sob nossos olhares assombrados, arrastava-se da capoeira para o caminho, a uma distância de, no máximo, dez passos na minha frente, uma cobra enorme, de aproximadamente dois metros e da grossura de um braço. A cabeça triangular deixou reconhecer imediatamente que era uma cobra venenosa. A horrível cor cinza-marrom-escura e a cauda curta e fina caracterizavam-na como sendo uma jararacuçu! Como o réptil não fizesse nenhuma menção de sair do caminho, a situação começou a tornar-se incômoda. À direita, uma enorme pedra coberta de mato; à esquerda, um íngreme barranco; aí no meio, o caminho estreito, obstruído pela cobra. Finalmente ela rastejou adiante, pela pedra abaixo, e nós pudemos seguir adiante, em paz.

Quando, depois de algum tempo, retornei àquela colônia, falei a meu hospedeiro a respeito de minha aventura. Ele, no entanto, pediu-me para silenciar sobre o assunto porque sua mulher já estava muito amedrontada. Reiteradas vezes a jararacuçu teria sido vista junto àquele rochedo, mas ninguém tinha ousado matá-la apenas com uma vara. Ele pretendia matá-la nos, próximos dias, com um tiro de espingarda.

Contou-me então seu primeiro encontro com uma cascavel, uma aventura que, todavia, não foi tão inocente quanto a acima contada. 'Há mais ou menos 30 anos, meu irmão e eu estávamos no mato, ocupados com a derrubada. Para proteger-nos contra animais e, em caso de necessidade, contra os índios que, todavia, naquela época não eram tão ameaçadores como agora, sempre levávamos conosco a espingarda. Mal havia dado a primeira machadada na árvore quando percebi, junto ao pé da mesma, entre as folhas secas, o ruído ameaçador de uma jararacuçu que, apesar de todo o cuidado, eu não havia percebido. No mesmo instante já vi bem perto, diante de mim, a cabeça do bicho. Só me lembro que gritei assustado: João, a espingarda! e, no instante seguinte, a cobra arqueou-se com a cabeça despedaçada junto aos meus pés. Meu irmão havia-me livrado do perigo, mediante um tiro certeiro. Confesso que naquele dia passei o maior medo de minha vida.'"

Felizmente não são numerosas essas cobras venenosas. Não são vistas com mais frequência que as Kreusotter[2] na Alemanha. A gente também se acostuma, pouco a pouco, com o perigo, de modo que, depois de alguns anos, a gente anda aqui tão despreocupado como na velha pátria.

2 *Kreuzotter* (*Vipera berus*) é uma cobra venenosa de pequeno a médio porte cujo *habitat* se estende da Europa à Ásia.

58

Nossa viagem para a tomada de posse do novo Bispo de Santa Catarina*

Pe. Geraldo Ohlemüller

Depois de solucionadas, a contento, as formalidades entre Igreja e Estado, pôde, finalmente, ser ordenado Dom João Becker como primeiro Bispo de Santa Catarina, aos 13 de setembro de 1908. A ordenação aconteceu em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, onde nosso Bispo era até então pároco e cônego.

Os diocesanos, como tal, estiveram pouco representados por causa da grande distância até Porto Alegre. Por isso, tanto mais festiva deveria ser a entronização do pastor supremo em sua sede, Florianópolis, capital de Santa Catarina.[1] Com essa finalidade, Pe. Topp, pároco dessa cidade, havia sugerido a todos os párocos comparecerem com uma delegação para a entronização. Com exceção de dois padres bem idosos, todos atenderam ao convite. Compareceram, inclusive, os párocos do planalto serrano que, para chegar até a cidade, tinham pela frente uma difícil viagem de oito a doze dias em lombo de burro. Particularmente bem representadas estavam as paróquias alemãs. Para elas, o Bispo não era apenas o pastor supremo, mas também um compatriota muito próximo. Dom João Becker é natural da Renânia, da região de Trier. Nossa paróquia alemã de Brusque não ficou para trás. A nosso convite, formou-se imediatamente uma comitiva de 20 pessoas.

Separam-nos de Florianópolis 108 quilômetros, que podem ser percorridos a cavalo ou de carroça, em dois dias. Como havia na comitiva algumas mulheres, e como os homens não queriam comparecer à cerimônia em traje de cavaleiro, decidimos viajar de carroça. Alugamos três. Duas delas eram puxadas por quatro cavalos cada uma, e a terceira, mais leve, por dois cavalos. Nelas a comitiva foi acomodada e dividida em dois grupos; um formado pelos senhores e o outro, pelas senhoras. Estas assumiram o cuidado com os víveres. A provisão dos meios para combater a eventual sede foi confiada aos ocupantes da carroça da dianteira. Eram cinco irmãos muito alegres que, de viagens anteriores, tinham conhecimento das fontes onde seria possível encontrar líquidos próprios para

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano VIII (1909), p. 41-45; 89-92.

1 A tomada de posse de Dom João Becker na recém-criada diocese de Florianópolis se deu no dia 12 de outubro de 1908.

pessoas, isto é, cerveja ou similar. Mas, para que a nossa peregrinação não caísse em falsa suspeita, quero observar logo que nós haurimos de tais fontes apenas três vezes nos primeiros 56 quilômetros e, nos últimos 52 quilômetros, apenas duas vezes. De mais a mais, alguns senhores haviam levado sua rigorosa cara-metade; sendo assim, era necessário andar na linha.

O tempo foi favorável à nossa viagem. O céu encoberto poupou-nos do sol e da chuva, por isso os cavalos puderam alongar vigorosamente o passo. Tão logo a cidade ficou para trás, e não havendo mais ninguém a quem abanar a mão para despedida, pudemos observar um pouco melhor a redondeza. Primeiramente atravessamos uma colônia denominada Águas Claras, por causa do rio de águas claras que a corta. Nos anos de 1860, tentaram estabelecer-se ali irlandeses, mas desviaram-se demais no beber cachaça, jogar e brigar e, assim, a colônia extinguiu-se. Assíduos italianos e alemães tomaram o seu lugar. Estes deram à colônia um aspecto melhor.

No término dessa colônia, vem um trecho difícil para nossos animais: o Morro dos Polacos. Tem sete quilômetros de subida contínua, com muitas curvas e os, assim chamados, buracos de inverno, isto é, lugares onde não chegam os raios do sol no inverno e o solo, por ser argiloso, forma uma contínua lama viscosa. Lá termina o trotear e penosamente segue-se, passo a passo, adiante. Nos anos de 1870, muitas famílias polonesas haviam-se estabelecido no Morro dos Polacos. Entretanto, a terra era ruim e também a vizinhança com os italianos e alemães não lhes agradava e, por isso, pouco a pouco, mudaram-se para regiões onde havia mais poloneses. Agora o Morro dos Polacos é pouco habitado.

Mal atingimos o alto e então começou outra pressa. As descidas são sempre feitas pelos carroceiros daqui a todo galope, por cima de paus e pedras, rente a horríveis precipícios. A gente se admira de duas coisas: da agilidade da raça de cavalos daqui, ainda que pequenos, mas muito resistentes, e da segurança dos cocheiros. Raramente se ouve falar de acidentes e esses acontecem geralmente por desatenção aos poucos lugares perigosos. Nem por isso é menos apavorante para o passageiro que faz, pela primeira ou segunda vez, essa descida a toda pressa. Ele segura-se firme no assento e sempre está preparado para saltar, caso a carroça venha a tombar. Depois a gente se acostuma e sente inclusive prazer na elegante viagem.

Com o Morro dos Polacos, deixamos nosso município de Brusque e chegamos ao município italiano de Nova Trento. Os italianos que ali vivem, na maioria tiroleses[2], são gente laboriosa e quieta. Jesuítas italianos lhes prestam assistência religiosa. A colônia é bastante montanhosa, mas os italianos sabem

2 Pelo Tratado de Viena de 1815, o Tirol passou a pertencer o Império Austríaco. Em 1919, com o Tratado de Saint-Germain-en-Laye, da conferência de Paris, que marcou o fim do Império Austro-Húngaro, o Condado de Tirol foi dividido entre Áustria e Itália, nas seguintes áreas: 1) Tirol Setentrional com capital Innsbruck.

melhor que os alemães cultivar áreas montanhosas. Além de milho, cana e mandioca, os italianos cultivam muita uva. O produto é, até agora, apesar do forte calor, um autêntico vinagre. Parece que ainda não se encontrou uma variedade apropriada para esse clima. Deixando para trás a colônia italiana, entramos no município de Tijucas, de população quase exclusivamente brasileira. Índole brasileira não impressiona o alemão. Sua terra é bonita e frutífera, mas tudo no mato e em desordem. Em grande número encontram-se os brasileiros em seus miseráveis casebres, matando, literalmente, o tempo. Quão frequentemente ouvimos nossos alemães dizerem: "Oxalá tivéssemos terra assim; o que não poderíamos fazer dela!" O brasileiro nativo tem poucas necessidades e também pouca propensão para o trabalho. Prova disso é o caminho por onde viajamos. A estrada passa constante por uma vargem seca; contudo, é mais difícil de transitar que nas regiões montanhosas. O caminho apresenta realmente incontáveis buracos, tão largos e profundos que as carroças afundam até os eixos. Isso provoca ao viajante não poucos solavancos e, aos pobres cavalos, muitas puxadas difíceis. Com pouco esforço e tempo, o mal seria remediado. Mas um se fia no outro, o município no governo, este no povo e, assim, não acontece nada. Toda a administração brasileira não passa de uma isca podre!

Nesse caminho surgiram também as primeiras dificuldades. Aqui, com o puxar aos arrancos dos buracos, arrebentou um tirante da carroça. O fato aconteceu quando um dos cavalos, não querendo sujar os pés na lama, tentou saltar por cima de um buraco. O pulo foi muito curto e, em compensação, saltou por cima de um dos tirantes. Com isso, lascou a balancinha presa ao timão. Felizmente, viajavam conosco um seleiro e um ferreiro que rapidamente consertaram o estrago na carroça. Mas, vem ainda coisa pior. De repente todas as carroças pararam subitamente. A primeira, que transportava os alegres irmãos, ficou presa com a parte traseira num riacho. Como aconteceu isso? Como todo o caminho, também as pontes e bueiros, todos de madeira, são lamentavelmente ruins. Mais vezes, ao longo do caminho, nossas damas e alguns senhores medrosos já haviam preferido desembarcar diante de pontes duvidosas. Tudo havia transcorrido bem até aqui. As tábuas meio podres da ponte estavam todas soltas. As rodas traseiras haviam-se engatado na primeira tábua e, com esta, empurrado todas as outras contra as rodas dianteiras, até que a carroça perdeu o apoio e caiu para trás no riacho. Felizmente este não era fundo; também os cavalos logo pararam firmes e seguraram a carroça aí pendurada, de modo que esta pôde facilmente ser erguida e empurrada para a terra. Mas agora era necessário consertar a ponte para a passagem das três carroças. Os carroceiros, que

2) Tirol Oriental com capital Lienz; Tirol Setentrional e Oriental são atualmente unidas no estado federal austríaco do Tirol. 3) Tirol Meridional, compreendendo os atuais Alto Ádige e Trentino, com capital Trento.

sempre sabem dar um jeito, tinham logo pregos à mão. Fixaram as traiçoeiras tábuas e então as outras carroças puderam ser conduzidas devagar, mas com segurança, por cima do riacho. O humor alemão ajudou muito para contornar esse pequeno obstáculo. Os senhores que estiveram sujeitos a um banho de assento ali mesmo na via pública, foram, apesar de sua grande simpatia para com o elemento líquido, ainda objeto de muita gozação. Dali para a frente, toda ponte era previamente examinada com toda minúcia sobre o estado de conservação. Todos ficaram contentes quando, após um fortíssimo solavanco, o cocheiro nos assegurou: este foi o último buraco. Logo a seguir entramos na cidade de Tijucas. A rua central da cidade tem sete quilômetros, dos quais quatro tínhamos que percorrer até o hotel. Ao longo do trajeto, pudemos apreciar muitas coisas interessantes, dignas de serem vistas. A cidade se constitui de uma única rua, ao longo da qual há um grande número de casas de madeira, construídas de qualquer jeito, sem estilo e sem alinhamento. Essa monotonia é quebrada, aqui e acolá, por algumas casas de comércio mais bem construídas. Ficamos suficientemente impressionados ao percorrê-la. Em praticamente toda janela, via-se o rosto de um homem ocioso ou o de uma velha, quando não, uma cabeça insignificante de moça com penteado parecendo uma louca. Apenas o hotel é a única coisa razoável em Tijucas. Pertence a um italiano que ficou rico no Brasil. As acomodações aí são boas e os preços, razoáveis. Não há, é verdade, comida alemã, mas depois de uma viagem de oito horas e meia em semelhantes caminhos, nosso estômago estava também disposto a receber a comida típica brasileira. No hotel encontramos viajantes de municípios vizinhos, que também se dirigiam a Florianópolis para a solenidade episcopal. No entanto, nosso entretenimento após a janta foi breve, pois o descanso noturno não podia ser longo. Já às duas da madrugada, nosso comissário de viagem despertou os cocheiros. Às três horas foi a nossa vez e, às quatro, embarcamos novamente nas carroças. Nesse dia o tempo foi menos favorável. Até perto do meio-dia, caiu ininterruptamente uma chuva fina, tirando-nos toda visão. Em compensação, o caminho era muito melhor; tinha sido entregue, há pouco tempo, ao tráfego. Existiam poucos lugares onde as rodas tinham feito valos e as pontes eram boas. Quanto à paisagem, a estrada apresenta muitos atrativos. Ela conduz por terras levemente onduladas onde o capim, que aí cresce exuberante, se presta bem à criação de gado. Também dão muito bem o café e a banana, que ali são cultivados em grandes extensões. Vimos, em algumas baixadas, grandes roças de arroz. Em parte, esse caminho ainda atravessa a floresta, onde admiramos grandes plantas trepadeiras e xaxins. As bonitas e grandes árvores de madeira nobre começam, pouco a pouco, a desaparecer.

A brisa fresca, que sopra cada vez mais forte ao nosso encontro e que, inclusive, tem um leve sabor salino, deixa-nos perceber que estamos nos apro-

ximando do litoral. Depois de aproximadamente 41 quilômetros, tínhamos diante dos nossos olhos o mar. Este não era mais novidade para nenhum de nós. Todos nós já temos dele um conhecimento mais ou menos edificante. Hoje sua vista é pouco poética. Um ar cinzento cobre sua superfície, e da ilha próxima, onde Florianópolis é vista em geral tão maravilhosamente ensolarada, vemos apenas contornos escuros. Sujas, ondas amarelas se precipitam sobre a branca praia e nos profetizam que a travessia do estreito, pelo qual a ilha está separada do continente, será bastante agitada. A sabedoria da terra firme, segundo a qual se pega apenas uma vez a doença do mar[3], é um equívoco. Quando deixamos as carroças junto à ponte do atracadouro, as senhoras lamentaram muito que a água não tivesse vigas. Mas de nada adianta; temos que embarcar no balançante barco a motor. Tudo, porém, foi melhor do que havíamos pensado. Inclusive as senhoras acharam o balançar bem divertido. Após 20 minutos atracamos na ilha, sem que o mar nos exigisse um sacrifício[4]. Na ponte de desembarque, encontramos alguns conhecidos. Disseram-nos que já chegaram muitos desconhecidos. Isso significa que precisamos procurar o quanto antes por hospedagem. Alguns a encontram junto a amigos e parentes, outros vão para o hotel. A comissão de moradia indicou-me como local de hospedagem a casa do pastor protestante da comunidade alemã. Esse senhor, nascido em Rheydt, havia-se oferecido de maneira gentilíssima para hospedar alguns senhores durante os dias da festa do bispo. Não precisei arrepender-me, em momento algum, de ter sido aquele que devia reconhecer a distinta hospitalidade do caro colega de outro credo. O senhor pastor e sua esposa deram-me pessoalmente toda a atenção. À noite, após um dia muito cansativo e pesado, sentamo-nos juntos na arejada varanda e conversamos tranquilamente sobre a velha pátria, enquanto tomávamos um copo de cerveja. Os filhos do pastor estavam, no começo, um pouco arredios diante do tio desconhecido com o longo vestido preto, mas depois que lhes ofereci bombons que havia trazido comigo, tornamo-nos também bons amigos.

Até a chegada do Bispo, sobrava-nos ainda um dia inteiro. Aproveitamo-lo para olhar a cidade, visitar conhecidos e fazer algumas compras. A visita pela cidade foi rápida. Florianópolis não é grande; a cidade propriamente dita conta com 16.000 habitantes. A localização da ilha é singular. Em virtude da fertilidade do solo, clima saudável e natureza sempre verde, ela foi chamada de "Paraíso do Brasil".

Na cidade como tal são perceptíveis poucos traços paradisíacos. As ruas são estreitas e não muito limpas; as casas são pequenas e, como em toda parte,

3 O enjoo do mar.
4 O vômito.

construídas segundo o pouco elegante estilo português. Constituem exceção os edifícios públicos construídos ultimamente: o palácio do governo, a casa da alfândega, o mercado, o hospital, a escola normal, a escola alemã, etc. Também algumas casas comerciais maiores apresentam melhor aparência. Estas se encontram, em geral, em mãos de alemães. Entre elas estão as firmas Hoepke, Leisner, Wahl, Wendhausen e outras mais. Esses comerciantes alemães foram também os primeiros a dar mais importância estética à suas residências. Numa área um pouco retirada, próxima do litoral, eles construíram moradias rodeadas de artísticos jardins e pomares, que crescem bem neste clima subtropical, formando, assim, um nobre quarteirão residencial alemão. As igrejas e as numerosas capelas da cidade – cada irmandade tem capela própria – são todas, sem exceção, construídas no mais simples estilo renascentista. Paredes retas por dentro e por fora, torres em formato de cebola[5] [sic], janelas bem no alto, perto dos caibros do telhado. Os altares são ricamente entalhados com floreios e oferecem uma coleção de matizes de cores. As imagens dos santos apresentam-se todas na conhecida posição inclinada. Pe. Topp mandou reformar totalmente a igreja matriz, removeu muitos enfeites supérfluos e introduziu algumas bonitas imagens da Alemanha.[6] A ornamentação das igrejas para o dia da posse do Bispo era multicolorida, mas mesmo assim, pobre. Bandeirinhas nas mais vivas cores, panos nas paredes e finas guirlandas de papel constituíam a decoração principal. Nós, alemães, temos outra noção de ornamentação, mas estamos simplesmente no Brasil.

O domingo, dia da entronização, amanheceu com bom tempo. O céu estava claro e de um azul tão lindo como só pode acontecer em dias de sol ardente. Do mar soprava uma suave e agradável brisa. No continente sobressaíam, cada vez mais nítidas, as altas cadeias de montanhas com suas florestas escuras, em contraste com o céu limpo e claro. O bom tempo trouxe boa disposição. No cais encostavam cada vez mais batéis e embarcações trazendo, dos povoados da ilha e do continente, mais e mais convidados para a festa. O movimento da cidade aumentava cada vez mais. A rua principal estava enfeitada com bandeiras e guirlandas. Carros de mola rodavam para lá e para cá. Solícitos e em constante movimento, os membros da comissão de recepção andavam de fraque e cartola para todos os lados. Os bondes puxados por cavalos rodavam com três vagões e sempre superlotados. Todas as nações circulavam misturadas: brasileiros, brancos, pretos e mulatos; italianos, alemães, poloneses, russos e sírios. A gente as

5 As antigas igrejas em Florianópolis são em estilo colonial português. As torres não têm acabamento em formato de cebola, mas em estilo barroco.

6 Entre outras imagens sacras, Pe. Topp mandou vir da Europa a "Fuga para o Egito", figura quase em tamanho natural, entalhada a mão em duas peças pelo artífice tirolês Demetz Groeden e benzida no dia 30 de maio de 1902, e a Via Sacra, trazida da Alemanha e benzida no dia 18 de janeiro de 1903.

conhece, em parte, pela vestimenta e nariz, em parte pela fala, mesmo que falem a mesma língua, o português. Encontramos velhos conhecidos e fizemos novos amigos. O ambiente de festa fez aproximar as pessoas. A comissão de festa tinha à disposição cinco pequenos vapores que foram, a uma hora de distância, ao encontro daquele que trazia o bispo. Estavam ancorados no cais, com bandeiras prontas para o desfile. Para lá se dirigiu a maioria da multidão. Num domingo de manhã tão bonito, não havia quem não gostasse de ter o prazer de fazer um passeio marítimo gratuito. Em poucos instantes, porém, os navios estavam superlotados. O maior deles comportava aproximadamente 500 pessoas. Conseguimos, a muito custo, um lugarzinho no "Max" e então, perto do meio-dia, partimos para o mar. Graças à clara transparência do ar, divisamos logo o Orion, do Loyde brasileiro. Também este estava ornamentado festivamente com bandeiras para o grande desfile, encerrando, com isso, a última dúvida que ainda pairava sobre a vinda do Exmo. Sr. Bispo.

Agora estávamos na mesma altura. Três vezes o Orion fez soar imponente sua sirena, ao que os navios menores responderam com força. Essa foi a primeira saudação a que se associou um viva das muitas vozes dos passageiros. Nosso "Max" deu, então, uma solene volta pelo Orion e entrou, a seu lado, com toda dignidade, no porto. Enquanto isso, foram disparados morteiros e foguetes. Quatro bandas musicais fizeram soar pelos ares seus acordes de saudação. Todas as altas autoridades – governador, comandante, capitão do porto, prefeito – compareceram em grande estilo. O Orion, em virtude do seu grande calado, não pôde atracar no porto e, por isso, precisou lançar âncoras a 200 metros de distância do cais. Mas a comissão de recepção e o clero trouxeram, logo em seguida, o Bispo, numa chalupa da alfândega, até a terra. Na ponte de desembarque, foi feita uma breve saudação e de lá, sem muita ordem, caminhou-se, precedido pelas bandas musicais e sob o júbilo do povo, até o palácio episcopal que, por ora, fica numa confortável casa de dois andares nas proximidades da catedral. Na sala de recepção, um senhor da comissão fez um discurso mais prolongado e, em seguida, o Exmo. Sr. Bispo, da sacada da janela, dirigiu palavras magníficas de saudação ao povo. Após breve pausa, começaram as principais apresentações. Também as delegações das diversas paróquias foram apresentadas. Nossos brusquenses se alegraram muito quando o Revmo. Sr. Bispo se dirigiu a eles em alemão. Foi a primeira vez que eles puderam se comunicar com seu Bispo em sua língua materna, aqui no Brasil. Nesse meio tempo, havia anoitecido. A entronização oficial na catedral[7] devia acontecer no outro dia de manhã, com uma procissão festiva.

7 A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro foi elevada à condição de Sé episcopal (catedral) no dia 19 de julho de 1908.

Cedo, às oito horas, reuniram-se as dignidades, as corporações e as confrarias. Estas últimas têm aqui, como em países de cultura romana, a característica de se apresentar com traje próprio. Consta de uma capa parecida com um manto, com pelerine e capuz. As cores dessas vestimentas são diversas, de acordo com a denominação da confraria: branca, verde, vermelha, roxa, azul celeste. Também a pelerine e o manto são de diversas cores. Igualmente as associações têm, para as mulheres, distintivos especiais, com os quais elas sabem enfeitar com muito jeito seus vestidos. Do mesmo modo, as crianças das escolas que participaram da procissão portavam, além das bandeirinhas, distintivos próprios. O clero, trajando paramentos solenes, formava o final do cortejo. A procissão toda formava um espetacular quadro de cores, muito a gosto dos povos do Sul, e que a nós, alemães, também agradou bastante. Diante de sua casa, o Revmo. Sr. Bispo ficou debaixo do baldaquino, cujas hastes foram seguradas pelo governador do estado e cinco dos seus assessores mais diretos. O povo formava fileira nos dois lados, e assim se desenvolveu, de maneira muito bonita e digna, a entronização do Bispo em sua Igreja. As bandas musicais, sempre tocando, contribuíam para que o povo mantivesse o festivo silêncio.

Em outros dias de festa, a catedral tinha lugares suficientes para todos os participantes do ofício divino. Hoje ela se tornara, de longe, muito pequena. Só com esforço conseguiu o Bispo chegar até o trono. Defronte a este havia sido construído outro, para o Bispo de Curitiba, a cuja diocese nós pertencíamos até agora. Este fez questão de entronizar pessoalmente seu sucessor na nova diocese e despedir-se cordialmente de seus diocesanos catarinenses. Depois de breve oração, teve início a solenidade, de acordo com as prescrições do ritual. Um secretário leu o documento papal da ereção do novo bispado e da nomeação de Dom João Becker como seu primeiro Bispo. Com isso, estava formalizada a tomada de posse do pastor supremo da nova Igreja local. O primeiro ato de seu pleno poder foi a nomeação do benemérito Pe. Topp como primeiro e único monsenhor em Santa Catarina, pelos méritos da organização da nova diocese. Então, após breve alocução, em que o Bispo apresentou e explicou ao povo seu lema *Pascam in iudicio* (Eu vos apascentarei na justiça), começou a solene missa pontifical. A esse ato, juntou-se a cerimônia de beijar o anel que, para o clero, era o sinal de sua plena dedicação e obediência canônica ao novo pastor supremo. Assim estava terminada, da maneira mais bonita, a parte principal da solenidade. Nós havíamos alcançado nosso objetivo. Tínhamos representado nossa paróquia nas cerimônias de entronização, havíamos sido apresentados ao pastor supremo, podíamos levar dele para Brusque algumas palavras de cordialidade e muitas lembranças para toda a paróquia. Assim reconfortados, pudemos pensar em nossa viagem de volta. À noite devia acontecer ainda uma grande procissão

luminosa. Mas, como a nossa viagem levaria vários dias, tivemos que renunciar à participação na mesma.

Imediatamente após a missa pontifical, deixamo-nos transportar para o continente. Lá já se encontravam apostas nossas carroças. Os cavalos haviam descansado bem nos três dias. Alegres, troteavam para casa. A alternância no ver e ouvir fez parecer a viagem mais curta, e no segundo dia, após o meio-dia, apesar de todo tipo de buracos, pontes e morros, chegamos novamente, são e salvos, a Brusque. Alguns amigos haviam preparado para os viajantes uma refeição em comum na qual pudemos, de acordo com o costume alemão, entre comida, bebida e muita conversa, desejar mais uma vez ao nosso novo e também já estimado pastor supremo um cordial "Ad multos annos"!

59

Azambuja*

Pe. Geraldo Ohlemüller

Vocês almejam alguns esclarecimentos para as fotografias de Azambuja que eu lhes mandei ultimamente. O artigo sobre Azambuja, publicado num dos últimos números da revista *Das Reich*, informa-os em alguns aspectos sobre a sua origem histórica, enquanto lugar de peregrinação e hospital. Algumas impressões sobre a festa de Azambuja poderão ajudá-los a traçar um quadro da situação atual.

Azambuja é um lugar de peregrinação mariana. Como Kevelaer remonta a origem de suas romarias à imagem milagrosa de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, em Luxemburgo, assim a devoção Mariana de Caravaggio, em Milão, foi o modelo para nossa Azambuja. Durante o ano todo, peregrinos dirigem-se para este lugar a fim de recomendar seus milhares de pequenos e grandes pedidos à bondosa intercessão de Maria. Também muitos vêm apenas para buscar, no hospital, algum medicamento ou conselho para si ou para seus doentes em casa. Nessa oportunidade, juntam à visita à "doutora" – assim é chamada a enfermeira-chefe – uma pequena peregrinação. Assim, recebem auxílio, ao mesmo tempo, para o corpo e para a alma. A visita de peregrinos é muito mais numerosa nos dias das festas de Azambuja. São celebradas anualmente duas; uma no mês de maio e a outra, no dia da festa da Assunção de Nossa Senhora.[1] As festas de Azambuja deste ano foram bem frequentadas, principalmente porque o tempo foi muito favorável. Nós vivemos aqui no outro lado do globo terrestre e, por isso, precisamos organizar as estações do ano de maneira diferente. Enquanto, para os europeus, os meses de julho e agosto são os mais quentes, para nós são os mais frios. Não cai neve, mas, de vez em quando, dá um pouco de geada e, sobretudo, muita chuva e, consequentemente, umidade fria e insalubre. Nessa época do ano os caminhos, como é fácil imaginar, não são muito bonitos e, associados aos dias curtos, são todos esses transtornos nada favoráveis para uma peregrinação. Este ano o inverno foi excepcionalmente seco, os caminhos permaneceram razoáveis e, portanto, houve menos dificuldades para peregrinar.

Já três dias antes da festa, chegavam os peregrinos em pequenos grupos. Vinham a pé. Seu aspecto exterior denotava que eram autênticos caboclos. Camisa, calça e um típico chapéu de palha de milho, é o que eles têm de vesti-

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IX (1909), p. 140-142; 183-186.

1 As duas festas eram celebradas nos dias 26 de maio e 15 de agosto. Atualmente são celebradas no primeiro domingo subsequente a essas datas.

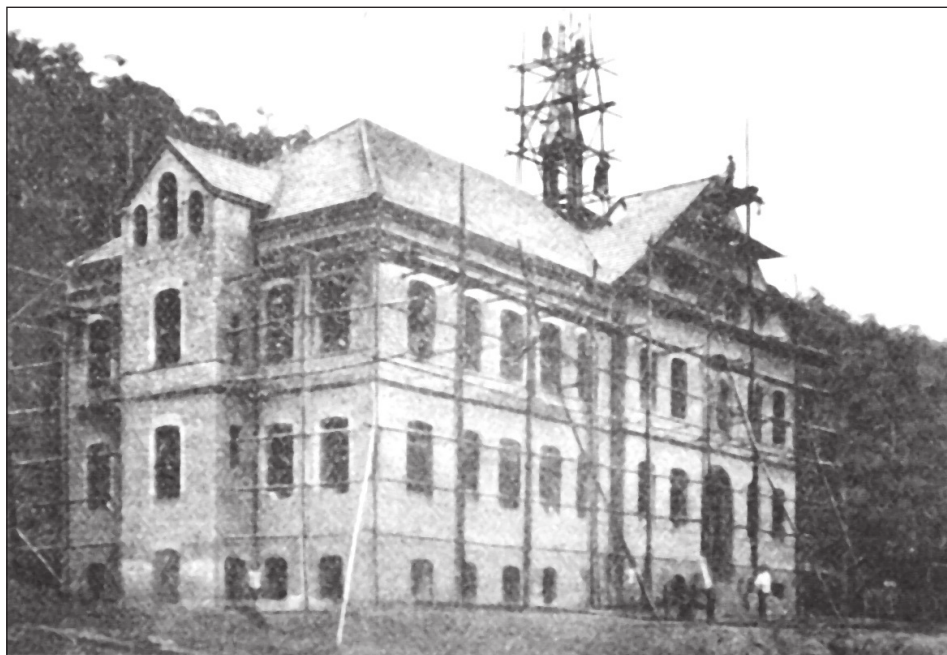
menta e, nas costas, trazem um alforje[2]. Numa das metades da mochila, carregam um traje melhor para o dia da festa e, na outra metade, alguns mantimentos. Estes não são muito abundantes. O brasileiro nato é muito sóbrio com respeito à alimentação: café e farinha de mandioca, que ele mexe com água quente, bastam-lhe como pão cotidiano. Com isso aguenta dias de longas caminhadas. Também nossos peregrinos fizeram, com esse cardápio, vários dias de caminhada e, mesmo assim, encontram-se bem conservados e contentes. Como passatempo, os homens fumam alguns cigarros ou um cachimbo curto. Depois dos romeiros a pé, vêm os grupos montados em cavalos e mulas. Do andar cansado e das ilhargas encolhidas dos animais, percebe-se que a jornada foi longa e a comida, pouca. Esses grupos montados formam uma cena interessante. Aí vem, montado firme na sela, um chefe de família. A seu lado, a esposa, também montada num ginete. O terceiro animal do grupo é um burro dócil. Na cangalha estão pendurados dois cestos, onde se encontram bem acomodados dois pimpolhos. De um outro casal, também a cavalo, o pai traz o seu filho mais velho diante de si, na sela, enquanto a mãe leva confortavelmente o filho mais novo nos braços. Para isso, as mulheres daqui têm um jeito todo especial. Evidentemente não cavalgam a galope, mas vão sempre avante, em direção ao objetivo.

Na véspera da festa, os grupos de peregrinos, tanto os montados como os que vêm a pé, tornam-se cada vez mais numerosos. Vêm também carroças e mais carroças, de todos os tipos imagináveis. A maioria, no entanto, são carroças de carga, adaptadas com assentos, puxadas por dois ou quatro cavalos. Do jeito como são os caminhos, é quase impossível transitar com carroças puxadas por um cavalo.

Enquanto isso, são dados os últimos retoques na modesta capela dos romeiros. Esbeltas palmeiras formam o adorno principal. Seu verde forte é entrecortado, nem sempre com bom gosto, por guirlandas de papel, de bandeirinhas e lanternas de papel. A própria capela é, na verdade, muito modesta, tanto no seu interior como também no exterior. Não é difícil definir seu estilo arquitetônico, pois não o tem. No coro, construído mais tarde, em forma de arco, nosso Ir. Schwartmann imortalizou-se, pintando algumas rosetas coloridas e monogramas. A umidade das paredes, porém, não teve muito respeito com sua obra de arte.

No coro, por cima do altar, encontra-se, em um nicho na parede, a imagem de Nossa Senhora do Caravaggio. Para ela conduz dupla escada pela qual os peregrinos brasileiros sobem e descem em fila para chegar o mais perto possível

2 Alforge é uma mochila dupla feita de pano ou de couro, que se carrega pendurada nos ombros com uma parte para a frente e outra para trás. O cavaleiro pendura-a sobre o animal, geralmente na parte traseira da sela. Nessa mochila carregam-se mantimentos, roupas ou outros objetos.

da imagem. Beijar a imagem ou, pelo menos, tocá-la é, para eles, o ponto alto de todo o ritual de peregrinação.

Construção do novo hospital de Azambuja, hoje museu arquidiocesano.

Tiros de foguetes anunciam o começo oficial da festa. Enquanto isso, temos tempo para visitar Azambuja na sua parte hospitalar. O que mais atrai a vista é a imponente construção, cuja obra está indo para seu término. Foi uma façanha ousada empreender uma construção assim, nas condições daqui. Sua principal fonte de recursos foi, em últimas instâncias, a caridade do povo e uma firme confiança na providência divina. Os muitos empreendimentos católicos, seja uma igreja ou um hospital, seja aqui no Brasil ou lá na Europa, já provaram que esses dois fatores são seguros e suficientes. Isso também foi constatado pelo nosso mestre de obra, Pe. Lux, em Azambuja. Os cabelos brancos, perceptíveis cada vez mais em sua barba crespa, têm, sem dúvida, relação íntima com toda sorte de preocupações com a construção; mas ele não tem nenhum motivo para olhar com medo ou desânimo para o futuro. Dificuldades a superar houve, provavelmente, muitas. Além da questão financeira, havia o problema do fornecimento de material. Sua solução não é fácil numa terra onde nunca soou o apito de uma locomotiva, onde as estradas pelo campo e mato são apenas caminhos abertos naturalmente com o pisotear dos transeuntes, onde, em consequência disso, não

se fala de indústria e onde a mão de obra supre apenas as necessidades básicas. Assim, por exemplo, a cal teve que ser trazida de carroça numa distância de 52 quilômetros, por péssimos caminhos. Até então, ninguém havia construído no município de Brusque uma casa com um porão e dois andares. Assim, Pe. Lux teve que intervir em tudo: como arquiteto, empreiteiro, mestre de obra, carpinteiro e, inclusive, telhador, tudo numa pessoa. Em compensação, sentir-se-á também feliz e realizado ao transferir seus doentes e asilados para uma casa bonita, espaçosa, prática e, acima de tudo, saudável.

Para se ter uma ideia do quanto era necessária uma nova construção, basta dar uma volta pelo velho hospital. Ele abriga atualmente em torno de 80 internos, entre doentes, velhos e órfãos, acomodados numa construção longa e baixa. A maior parte é de madeira e a ação do tempo já se faz bem visível. Duas grandes salas acolhem os homens e as mulheres doentes. As salas servem ao mesmo tempo de quarto, refeitório e sala de estar. Entre as duas salas há três quartos menores, destinados às irmãs. No hospital trabalham Irmãs da Divina Providência, de Münster. Alguns doentes mentais, bem como alguns idosos com tratamento especial, encontram-se alojados num barracão de madeira anexo. O padre mora numa pequena casa isolada. Para as crianças foram preparados dormitórios no sótão. Elas passam o dia no seu ambiente de escola ou fora, trabalhando ou brincando. Além de hospital, asilo e orfanato, há também em Azambuja um internato para crianças em preparação à Primeira Comunhão. Aos colonos que moram longe se oferece a possibilidade de hospedarem ali seus filhos para prepará-los para a Primeira Comunhão. Neste ano estiveram ali 36 crianças. Por isso, a falta de espaço é cada vez maior. Na verdade, as situações climáticas, no Brasil, não são tão exigentes com respeito às moradias como na Europa. Todavia, era urgente preocupar-se com uma casa mais prática e mais sólida. Isso também o percebem nossos romeiros. Quem tem o mínimo de condições, deixa um óbolo para a nova construção, ao dar uma volta pelo hospital.

Entrementes soa o tão ansiosamente esperado tiro de foguete. Escureceu pouco a pouco. As tochas da iluminação externa são acesas, a capela brilha na claridade da luz de enfeite. Também a banda musical da vizinha cidade de Brusque, distante três quilômetros de Azambuja, compareceu. Toca cantos corais e outras peças sacras, mas de preferência hinos de igreja alemães. A pequena capela está, há tempo, superlotada. Começa o breve culto. Praticamente só se canta. A cerimônia termina com a bênção do Santíssimo. Na bênção não podem faltar, de maneira alguma, os indispensáveis foguetes. Quanto mais desordenado e estrepitoso o foguetório, tanto mais bonita a festa.

Aqui se pode constatar uma diferença singular entre uma romaria alemã e uma brasileira. O que fica na lembrança do peregrino de Kevelaer, na minha opinião, é a grande afluência de devotos ao confessionário e à comunhão. Aqui no

Crianças do internato preparatório à Primeira Comunhão.

Brasil não se percebe a mesma coisa. O confessionário é pouco frequentado nas festas de Azambuja. Se, porventura, algum dos peregrinos recorre a ele, pode-se ter certeza de que se trata de um colono alemão ou italiano. Entre os brasileiros, a recepção dos sacramentos continua sendo sempre um acontecimento miraculoso. Dezenas de anos de abandono religioso são responsáveis pela atual situação. Serão necessários muitos anos de assistência religiosa para sanar o mal. O brasileiro organiza sua peregrinação mais ou menos da seguinte maneira: ele vem até a capela e reza por alguns momentos, então se dirige em passos solenes à imagem de Nossa Senhora e deixa ali um donativo, seja em dinheiro ou em gêneros, ou na forma de uma vela. Então contempla pormenorizadamente o interior da capela, do hospital e dos arredores. Encontrando um Padre ou uma Irmã, solicita um rosário, um santinho, ou logo meia dúzia, para toda a sua família, compra uma dúzia de foguetes, solta-os e então volta contente para casa. Na festa de Azambuja, esse rito é completado pela participação na procissão e na subsequente festiva missa solene. Agradam muito aos brasileiros as procissões com muitos sininhos e bandeiras, com muitos anjos e moças vestidas de branco, com muita música e canto. Não se reza muito. Regozija-se com o esplendor colorido, com a multidão que se agita misturada sem ordem, considera-se feliz quando pode ajudar a carregar o andor com a imagem de Nossa Senhora ou de outro santo e não se cansa apesar da demora. Na penúltima

festa de Azambuja, Pe. Spettmann trouxe um grupo de peregrinos de Camboriú, distante um dia de Azambuja. Compunha-se de cerca de 100 homens, dos quais a metade a cavalo. Estavam representadas as raças negra, branca e cabocla. No meio deles, montado no seu cavalo branco, Pe. Spettmann cantava a plenos pulmões um hino de procissão brasileiro a que todos respondiam com entusiasmo. Quando foram anunciados, a uma distância de mais ou menos um quilômetro e meio da cidade, fomos em três, todos a cavalo, ao encontro deles e os conduzimos até a cidade, onde o pároco, Pe. Meller, de sobrepeliz e estola, os recebeu e os conduziu solenemente até a igreja. Então a procissão se dissolveu para, na manhã seguinte, seguir adiante com a procissão paroquial de Brusque para Azambuja.

Como hospital e asilo, Azambuja é de grande importância para o município de Brusque, que é quase exclusivamente habitado por colonos, constituindo-se, portanto, sua população de gente simples do meio rural. Colonos ricos há poucos. A maioria leva uma existência sem maiores preocupações. Se as plantações não forem prejudicadas por intempéries ou, como aconteceu este ano em muitos lugares, por gafanhotos e outros enxames de pragas, então pode-se falar certamente de bem-estar de pequenos agricultores. Se, no entanto, no lar do colono irrompe alguma doença, então a situação se torna difícil para ele. Primeiro ele procura recursos junto ao mais próximo curandeiro da vizinhança, ou a uma benzedeira. Ali ele recebe conselhos e alguns remédios caseiros. Estes custam pouco e ajudam menos ainda.

Se a situação não melhora, então procura um renomado médico leigo, cujos remédios são mais caros e que também nem sempre ajudam. É quase impossível ao colono recorrer a um verdadeiro médico. Médicos, na verdade, só existem em Blumenau e Itajaí. As duas localidades encontram-se a uma distância de 40 quilômetros daqui. A maior dificuldade está nos honorários salgados desses senhores. Um médico de Blumenau pede nada menos que 100 mil réis (130 marcos) para uma visita a Brusque. Os doutores de Itajaí chegam a pedir de 150 a 200 mil réis. Pode-se facilmente imaginar que as farmácias não oferecem seus artigos por um preço de bagatela. Coisas simples como bicarbonato de sódio, sal amargo etc, são três vezes mais caras que na Europa. Não quero julgar se esses preços são injustos. Mas é por si só compreensível que são elevados demais para o colono. Nesse sentido, Azambuja se constitui num lugar de refúgio propício para doentes de toda espécie. Lá eles encontram eficiente tratamento e têm poucas despesas. Cada qual paga como pode. Um traz uma saca de café, de açúcar, de farinha ou de milho, outro traz algumas galinhas amarradas umas às outras ou um ou mais porquinhos gordos. Raramente há dinheiro vivo. Às vezes os colonos pagam as despesas de seus parentes doentes com dias de serviço, trabalhando nas plantações do hospital ou numa nova construção. Muitos dão também ao hospital uma oferta muito bem-vinda, na forma de dias de serviço

espontâneos, transporte gratuito de mercadorias, etc. Muitos dos doentes e idosos vivem, tranquilos e sem preocupações, dos recursos da providência divina que, na verdade, são imensos, mas às vezes não estão imediatamente à disposição. Quantos medicamentos recebidos no hospital são pagos com um bonito "Deus lhes pague!" Em definitivo, dar esmola não empobrece. São José, a quem as Irmãs nomearam administrador supremo e de quem depositaram uma estatueta na pedra fundamental da nova construção em sinal de gratidão, não deixou até agora faltar o necessário.

Irmãs da Divina Providência, em Azambuja.

Nossa Sociedade administra Azambuja desde 1905. No ano passado foram atendidos 349 doentes e distribuídos 3.760 medicamentos. Oito doentes mentais receberam atendimento constante. O asilo abrigou, entre homens e mulheres, 23 idosos. Foram acolhidos 15 órfãos. O internato para as crianças em preparação à Primeira Comunhão acolheu 21 meninas e 15 meninos.

Assim é Azambuja: um lugar de peregrinação, um asilo para doentes, idosos e crianças, um oásis para o corpo e para a alma para muitos em nossa colônia.

60

Primeira Comunhão em Paraty*

Pe. Pedro Storms

Na última festa de Corpus Christi, tivemos a alegria de promover a primeira procissão de Corpus Christi e, com isso, realizar o primeiro cortejo triunfal do Divino Salvador no sacramento do amor, através do nosso povoado. Além da festa de Corpus Christi, realizamos ainda outra solenidade eucarística, a festa da Primeira Comunhão. Essa solenidade, que, em nossas profundamente religiosas regiões alemãs, é tida como a mais bonita e mais importante em toda a vida, era totalmente desconhecida aqui. "Mas, – perguntará o caro leitor – por que não foi introduzida antes a festiva Primeira Comunhão comunitária?" Os padres brasileiros não a consideravam necessária. Além do mais, esta paróquia ficou abandonada durante 20 anos e apenas há, mais ou menos, três anos foi novamente ocupada e administrada regularmente. Como as crianças haviam crescido sem formação religiosa, elas tiveram que receber primeiro o mínimo de doutrina e por isso não era possível pensar mais cedo numa Primeira Comunhão comunitária. Finalmente pôde-se pensar numa preparação mais próxima com as crianças da escola com mais idade e, então, foi marcada para primeiro de novembro, dia de Todos os Santos, a data da Primeira Comunhão. "Mas, por que Todos os Santos e não *dominica in albis*[1]?" A escolha dessa data não era sem fundamento. No fim de novembro começam aqui as grandes férias escolares, por causa do início do calor de verão. Nesse período seria difícil conseguir a participação de muitas crianças na doutrina; algumas talvez sequer reapareceriam, em se sabendo de antemão que não voltariam a frequentar a escola no retorno das aulas em fevereiro. Foram admitidas 20 crianças à doutrina de Primeira Comunhão. Indizíveis esforços são necessários para transmitir alguns conhecimentos religiosos às crianças daqui. O desenvolvimento das crianças negras da África não é mais limitado que o de nossa juventude que cresce no mato e dificilmente ouve o nome de Deus, antes de frequentar a aula de religião. Quantas crianças com dez anos de idade ainda não sabem fazer o sinal da cruz, não conhecem, em absoluto, nenhuma verdade de nossa santa religião! Para as poucas que frequentam a escola, o desenvolvimento espiritual permanece muito deficiente, porque apenas aprendem um pouco a contar e a soletrar. Com o

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IX (1909), p. 186-188.

1 *Dominica in albis* é o primeiro domingo depois da Páscoa. Segundo a tradição da Igreja na antiguidade, nesse dia, os que haviam sido batizados na noite de Páscoa compareciam novamente vestidos de branco. Com raiz nessa tradição, está o costume de se realizar a Primeira Comunhão nesse dia quando, então, as crianças neocomungantes vêm vestidas de branco.

máximo de esforço, conseguimos dar o mínimo de instrução necessária aos nossos neocomungantes. Naturalmente não pudemos exigir das crianças daqui o mesmo que lá na nossa pátria porque, nesse caso, teríamos que ter reprovado talvez todas. Enquanto, na Europa, as crianças aprendem na escola cantos, tanto profanos como também religiosos, aqui o canto ficou por nossa conta. Por isso foram traduzidos do alemão para o português os cantos de comunhão e ensinados às crianças. Ainda uma questão ficou em aberto, ou seja, a da roupa de algumas crianças pobres. O problema foi resolvido quando eu mesmo juntei contribuições para essa finalidade. Finalmente chegou o dia da Primeira Comunhão. Na medida do possível, tínhamos enfeitado razoavelmente bem a igreja; grinaldas ornavam primorosamente a área em volta do altar e palmeiras, a entrada da igreja. Como as pessoas tinham ouvido falar de uma procissão – naturalmente não tinham noção de que procissão realmente se tratava – compareceram em grande número e a tempo (para uma procissão, as pessoas estão dispostas a qualquer momento). Segundo costume alemão, as crianças foram buscadas em procissão na casa paroquial e conduzidas, sob festivo repicar dos sinos, até a igreja, onde, após uma alocução mais demorada, como na pátria alemã, elas renovaram as promessas batismais. Em seguida começou a santa missa que eu celebrei, enquanto Pe. Baumeister presidiu as orações da comunhão e dirigiu o canto; Ir. Eusébio tocou harmônio. Foi uma cerimônia sublime, exatamente como lá na terra natal, sobretudo porque as melodias alemãs dos cantos de comunhão também ecoaram pela nossa igreja. Para que a solene missa da Primeira Comunhão não ficasse em segundo plano por causa de uma missa mais tarde, Pe. Baumeister celebrou-a, nesse dia, mais cedo. Após o término da santa missa, foi servido um café frugal, com o qual todos se deliciaram, radiantes de alegria. Às 11 horas houve culto de ação de graças com bênção do santíssimo, pois muitas crianças moravam longe e não podiam voltar à tarde para a reza. Forneceu-se também uma lembrança de Primeira Comunhão, distribuída após a celebração. O pequeno grupo de nossas primeiras crianças de Primeira Comunhão voltou, então, contentíssimo e superfeliz para casa. Todos os que haviam participado da cerimônia estavam radiantes de alegria com o conjunto da solenidade. Felizmente esta contribuiu para que muitos valorizassem agora, mais do que antes, os santos sacramentos. Quanto ao mais, nutrimos a esperança de conseguir colocar aos poucos, e com a ajuda do alto, um sólido fundamento na vida religiosa do povo, apesar de todas as dificuldades que ainda existem.

Com a festa da Primeira Comunhão, nosso trabalho na festa de Todos os Santos ainda não estava terminado. Depois do meio-dia montei meu cavalo e fui a uma capela, distante duas horas, para celebrar lá a missa das almas. Chegando lá, amarrei a montaria e fiz logo o culto vespertino com pregação. No caminho para a citada capela, começou a chover fino e pensei, sem querer, que Pe. Baumeister certamente se encontraria melhor, acomodado em casa, que eu no meu cavalo. Na verdade, ele não se encontrava tão bem quanto eu pensava, pois às 20 horas foi

chamado do confessionário, onde havia ainda muitos na fila para confessar, para fazer, de canoa e sob chuva, uma visita a um doente até as 23h30min, tendo que deixar o trabalho do confessionário para a manhã do dia seguinte. Na manhã do dia das almas, rezei cedo três missas com pregação (aqui no Brasil temos permissão de rezar três missas no dia das almas), tomei um lanche e voltei, o mais depressa possível, para casa a fim de participar, às 10 horas, do ofício de defuntos, fazer a pregação e ir ao cemitério (10 minutos distante). Às 12 horas o serviço religioso estava terminado e, finalmente, podíamos descansar. Para espairecimento, fizemos, no dia seguinte, um pequeno passeio a cavalo, de mais ou menos uma hora. No dia subsequente, tive que fazer um passeio um pouco mais longo, de aproximadamente 43 quilômetros, a um doente. Assim levamos adiante o trabalho de cura d'almas, cheio de variações. Raras vezes sobra-nos um dia para um total descanso. Se muitos são os sacrifícios e fadigas, há também grande variedade de serviços. Alimentamos a esperança de que Deus fará frutificar, com suas graças, a semente lançada com muito trabalho e que fará amadurecer, pouco a pouco, os frutos de nosso trabalho.

61

Numa paróquia brasileira*

Pe. Pedro Storms

Depois de ter feito alguns progressos na língua portuguesa e na arte da montaria, parti em viagem para minha nova paróquia de Paraty, que fora confiada aos meus cuidados. Pude, assim, dar logo uma prova de minha arte de cavalgar. O caminho conduzia ora ao longo do mar, ora através do mato escuro onde, após chuvas torrenciais, as veredas costumam estar, na maior parte, debaixo de água. Às vezes meu cavalo atolava tão fundo na lama a ponto de eu ter grande dificuldade para conduzi-lo adiante.

A oito milhas de Brusque, avistei a primeira igreja que é atendida pelos nossos padres. Na verdade, há ainda duas outras capelas no caminho até Paraty, mas sem sacerdote. Em todo o trajeto, de 16 horas a cavalo, não há nenhum padre. Aqui, em Paraty, aprende-se a conhecer o verdadeiro Brasil. O povoado situa-se, em linha reta, a aproximadamente duas horas e meia do litoral e a quase cinco horas da cidade portuária de São Francisco, e mesmo que não se esteja aqui tão longe no interior do país e o mato tenha muitas clareiras, tem-se a impressão de estar no fim do mundo.

À semelhança dos demais meios de comunicação, também o serviço postal encontra-se muito desleixado. Como em qualquer região inculta, só existe aqui a possibilidade de postar cartas três vezes por mês. A figura do carteiro é aqui desconhecida. Se a correspondência, acondicionada em pacotes e apanhada de barco em São Francisco, finalmente chegou, então cada qual que espera por correspondência vai ao correio apanhar os eventuais objetos. Para quem mora mais retirado no interior, os objetos postais são guardados e, quando surge uma oportunidade, levados por pessoas conhecidas. A assim chamada agência do correio é apenas uma modesta casinha; o espaço destinado ao correio é de aproximadamente oito a nove metros quadrados. Janelas de vidro são aqui um luxo desnecessário, pois bastam os buracos das janelas. Da mesma simplicidade é nossa casa paroquial que, mesmo tendo só duas janelas, estas não são de vidro.

Papel de parede é desconhecido, as portas são tão simples quanto é possível imaginar. Inclusive a maior parte da casa não tem forro. Isso representa uma vantagem, pois assim o vento fresco penetra por toda parte, embora no inverno, às vezes, faça frio.

---

* *Das Reich des Herzens-Jesu*, ano IX (1909), p. 226-230.

Mas, não seria possível resolver esse problema? Infelizmente não, pois num raio de cinco a seis horas não se acha nenhum artesão, seja carpinteiro, pedreiro ou ferreiro. Os únicos artesãos daqui são alfaiates e sapateiros. Estes últimos também são quase inúteis, pois a maioria das pessoas anda descalça. Verdade é que nossos paroquianos tinham a boa intenção de construir para nós uma residência, porém faltou o mais importante: o dinheiro.

Mas como os brasileiros se viram sem artesãos? – perguntará alguém dentre vós. É que os brasileiros não são tão exigentes como nós e contentam-se facilmente com qualquer coisa. Assim, por exemplo, não têm móveis e, no entanto, se arranjam.

Casas de tijolos são muito raras aqui, e até desconhecidas em povoados maiores. Para dar-lhes uma noção do nosso povoado, imaginem a igreja no meio de um grande pasto. A casa de Deus ainda está razoavelmente bem em ordem. O descampado em volta da igreja serve como pastagem para o gado, sobretudo para cavalos. Em volta desse descampado, há umas trinta casas de um andar. Esse é o retrato de Paraty.

Caminhos lamacentos, quase intransitáveis, conduzem-nos em todas as direções para o mato onde vive escondida a maior parte da população. Cá e lá se vê uma miserável choupana. Lá onde se consegue chegar com muito esforço, veem-se apenas solitários e simples casebres, tão simples que não só não se vê nenhum com parede de tijolos, como também nenhum com tábuas ou paredes de barro, mas tão somente com sarrafos pregados mais ou menos regularmente um ao lado do outro.

Tais casebres são naturalmente muito arejados e, mesmo não tendo janelas, permitem a entrada suficiente de luz. A maioria se contenta com uma porta de entrada. O telhado é de folhas de palmeiras. Quatro paredes de sarrafos e por cima um telhado de folhagem é toda a casa. Se esta é um pouco maior, então conta com dois ou mesmo três quartos. Se o proprietário é um pouco mais abastado, então a casa tem, além de alguns quartos, também um engenho de farinha para moer as raízes de mandioca.

E como está mobiliado o interior? – com a melhor boa vontade, não se acha sequer banco ou mesa, nem cadeira, nem armário ou cama. A mobília toda consiste de alguns caixotes e algumas esteiras de palha, sendo que estas servem também de cama. À noite, elas são estendidas no chão e, no outro dia de manhã, novamente enroladas e colocadas num canto, onde não ocupam muito lugar. Forno é uma coisa desconhecida aqui. Os "ricos" têm um fogão feito de tijolos. Todavia, a maioria consegue passar sem ele.

No meio do casebre encontram-se, no chão, grossas achas de lenha de dois a três metros de comprimento, que queimam dia e noite. Em cima, encontra-se pendurada numa corrente a chaleira. Quando se prepara uma refeição, o fogo

Residência luso-brasileira, em Paraty.

é avivado. Carvão de pedra não se conhece no Brasil; inclusive as locomotivas são aquecidas com carvão de lenha. A porta de entrada dos casebres é tão baixa que, se não houver o devido cuidado, facilmente se bate com a cabeça. Também o telhado é baixo, podendo-se tocá-lo, sem dificuldade, com as mãos. Quando alguém entra no casebre, imediatamente se lhe oferece, para sentar, um pequeno caixote em vez de cadeira. Recusar sentar-se é uma grande ofensa para o brasileiro. Muito menos se deve recusar a oferta de uma xícara de café. Dificilmente um europeu se acostumaria a uma vida tão simples assim.

Do mesmo modo são também modestos os brasileiros – falo naturalmente da população pobre – quanto à sua vestimenta, que se constitui só de trapos. Os homens contentam-se com uma camisa, calça e com um chapéu que lhes protege, de algum modo, a cabeça dos raios do sol. As mulheres vestem-se com alguns trapos e um grande chapéu de palha; as crianças, com um vestidinho fino. Simples é também sua alimentação: feijão preto, pirão (papa feita de farinha de mandioca), café, raramente um pedacinho de carne ou peixe. Pão, batatas e verduras o pobre daqui não conhece. No máximo, por ocasião de um grande dia santo, quando então se carneia um boi, as pessoas pobres dão um jeito de comprar um pedaço de carne. Por isso, o abate de um boi é, por si só, uma festa para os brasileiros. Na minha viagem de Brusque a Paraty eu vi, em dois

povoados, um ajuntamento de pessoas, tanto adultos como crianças. Quando perguntei pelo motivo, obtive a seguinte resposta: "É dia de festa, um boi vai ser carneado".

Como Paraty não dista muito do mar, podem os moradores recorrer à pesca. Também nós comemos muitas vezes peixe em vez de carne e, com isso, multiplicamos ainda mais os muitos dias de abstinência.

Uma consequência natural dessa alimentação insuficiente é, sem dúvida, o generalizado baixo nível de saúde do povo brasileiro. Os pobres têm, de modo geral, uma aparência miserável. Com trabalho e capricho poderiam melhorar sua situação de vida, mas, para isso, falta-lhes o senso da necessidade, pois não conhecem coisa melhor. A maioria nunca deixa seu mato e aqueles que viram alguma vez uma pequena cidade, pensam não ser possível viver em uma agitação assim e só a contragosto trocariam a solidão pela vida em conjunto numa cidade.

Na verdade, além de Paraty, nós atendemos uma segunda paróquia, distante uns 40 quilômetros daqui. Desde maio tenho ao meu encargo o pastoreio dessas duas paróquias. Por sorte posso contar com um co-irmão, que me ajuda muito.

Em virtude da grande distância, é evidentemente impossível celebrar também todo domingo na segunda igreja paroquial. Por isso, eu a visito de vez em quando, durante três ou quatro dias. De manhã, por volta das sete horas, eu me ponho a caminho a Barra Velha – assim se chama essa paróquia – com todos os apetrechos necessários para a celebração dos ofícios religiosos. O caminho pelo mato é, depois da chuva, tão ruim que, às vezes, preciso patinhar durante um quarto de hora pela água. Muitas pontes são tão ruins que é necessário conduzir cuidadosamente o cavalo pelas rédeas. Uma vez passado o mato, vai-se então três a quatro horas pela areia do litoral e então, cavalo e cavaleiro estão cansados. Cerca das 15 horas chego a Barra Velha. Após uma pequena refeição, dirijo-me logo à igreja, para dar doutrina e arrumar o altar para o dia seguinte. Em Paraty, um irmão religioso cuida do altar e da sacristia; aqui, eu mesmo tenho que ser sacristão. No dia seguinte, há missa com pregação. Depois disso visito algumas famílias em seus casebres e, nos dias subsequentes, faço a mesma coisa, para então empreender a viagem de regresso para casa.

Minha casa em Barra Velha não é, evidentemente, uma mansão, mas um rancho de madeira mais ou menos espaçoso. Um ambiente nunca muito limpo – aliás, de limpeza o brasileiro não entende muito – serve-me de sala de estar e quarto de dormir. Todavia é arejado o suficiente e, como se encontra localizado bem próximo do mar, sou ainda acordado muitas vezes, durante a noite, pelo marulho das ondas. Recentemente, durante meu descanso noturno, estorvou-me outro barulho. Era na época da colheita do arroz e no meu aposento havia ainda bastante arroz. Ali entrou furtivamente uma família inteira de ratos para

deleitar-se com a provisão. Achei inútil enxotar os desagradáveis hóspedes e, na certeza de que voltariam de novo, deitei-me em cima da outra orelha e tentei dormir adiante. Na verdade, a gente não descansa sobre plumas. Minha cama é uma simples esteira de palha; todavia a gente dorme na cama mais dura quando está cansado. Além dessa primitiva cama, tenho aqui ainda uma mesinha bamba e meia cadeira.

E a comida? Praticamente a mesma que em Paraty. No café da manhã, pão de milho seco com ovos – o brasileiro não conhece manteiga –, meio-dia e à noite, feijão preto com arroz e pirão, muitas vezes também peixe e, de vez em quando, também um pedacinho de carne seca.

A igreja de Barra Velha é ainda bem nova. Os moradores construíram-na com muito esforço e à custa de grandes sacrifícios. Naturalmente a mesma não está livre do peso das dívidas. Nossa gente daqui é, na maioria, muito pobre e não se pode, como na Europa, ir de porta em porta e bater em corações caridosos. A igreja, na verdade, está pronta, mas no interior falta tudo, sim, tudo: não há púlpito, confessionário, banco de comunhão, via sacra, nem sequer cadeira. Algumas pessoas da comunidade confeccionaram alguns banquinhos, sem a ajuda de marceneiro que aqui é tão raro como em Paraty. A única coisa que existe na igreja é um altar. Na sacristia a situação não é melhor. Todo o mobiliário consiste numa diminuta mesinha e numa caixa com dois velhos paramentos. Porém, todas essas necessidades eu suportaria bem, se ao menos tivesse um altar razoavelmente digno para a celebração do santo sacrifício da Missa. A pobreza é aqui extrema e meus paroquianos não têm condições de ajudar mais apesar de toda a boa vontade.

Às vezes, quando passeio pela praia, meu espírito vagueia pela querida pátria alemã e penso nas belíssimas igrejas que lá existem. Então uma silenciosa melancolia surpreende meu coração e o secreto desejo aflora tímido em mim: “Ah! Tivesse minha igreja um altar digno”.

Apesar de tudo, sinto-me satisfeito em minha pobreza e considero-me felicíssimo em poder trabalhar e sofrer um pouco pela salvação das almas de meus queridos brasileiros.

62

Um pouco sobre a vida religiosa de meus paroquianos brasileiros*

Pe. Pedro Storms

Exceto em algumas tribos indígenas do interior, não temos mais pagãos aqui, mas nas paróquias genuinamente brasileiras, a vida religiosa é extremamente fraca. A razão dessa situação encontra-se na acentuada ignorância do povo. A maior parte da população não teve o mínimo de doutrina e isso se deve, certamente, à enorme falta de sacerdotes no Brasil. Assim, por exemplo, minha paróquia esteve, até dois anos atrás, durante 20 anos, sem pároco. Além disso, as paróquias são, de modo geral, muito extensas.

Outra razão da ignorância – e para isso os brasileiros contribuem fortemente – é seu congênito desleixo, indolência e falta de sentimento do dever. Morar meia hora distante da igreja é, do ponto de vista deles, motivo suficiente para não ir à missa aos domingos. E quando se pergunta a alguém por que não frequenta com regularidade a missa, obtém-se, quase sempre, a seguinte resposta: "Ah, padre, nós moramos tão longe da igreja". À minha pergunta: "Que distância, mais ou menos?" Respondem-me: "Talvez meia hora!" O menor motivo parece-lhes suficiente para dispensar-se de participar da missa dominical; por exemplo, um pouco de chuva, uma pequena indisposição, etc. Muitos também não compreendem por que insistimos tanto na participação da missa dominical. Acham ser suficiente ir à missa nos dias de festa.

Os brasileiros são "batizados" e, por isso, consideram-se "bons católicos". Não querem saber nada dos protestantes porque estes não veneram Nossa Senhora. Dão muita importância ao batismo, mas isso é, muitas vezes, tudo. Muitos não comparecem à igreja até quando se casam. A maioria mal sabe fazer o sinal da cruz e rezar o Pai Nosso. Alguns conhecem uma ou outra oração que eles recitam regularmente e que chamam de "eu faço minha devoção".

Se a gente lembra a um brasileiro de seus deveres de cristão, obtém-se, não raro, a seguinte resposta: "Mesmo que eu não vá todo domingo à missa, todavia sou bom católico". Ser católico quer dizer aqui: ser batizado, fazer suas devoções e ir à igreja nos dias de festa mais importantes.

São dias de festa: a comemoração do padroeiro, Nossa Senhora da Candelária – porque nesse dia se benzem velas – Quarta-feira de Cinzas – quando

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IX (1909), p. 280-281.

ninguém trabalha – Domingo de Ramos – porque novamente o padre benze – e os três últimos dias da Semana Santa, nos quais também ninguém trabalha. Não raro trabalham aos domingos, mas ninguém se atreve a trabalhar nos três últimos dias da Semana Santa. Todos considerariam isso um grande crime.

Nesses dias a igreja é bem visitada de manhã e à tarde. Nas primeiras horas do Sábado Santo é carneado um boi a cujo ato todo o povo se faz presente. Depois, todos vão à igreja. E, ao *Glória*, quando os sinos tocam novamente, a festa da Páscoa é anunciada, fora da igreja, com foguetes. Os fogos de artifícios desempenham aqui, de modo especial, um papel muito importante; sem eles os brasileiros não conseguem fazer uma festa.

Outros dias de festa dos brasileiros são a Páscoa, a Exaltação da Santa Cruz, Pentecostes, Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio e São João Batista. Dia seis de agosto celebram uma festa especial em honra à flagelação e coroação

Imagem do Senhor Bom Jesus (*Ecce Homo*), na igreja de Paraty.

de espinhos do Salvador. A imagem do *Ecce Homo* goza da mais alta estima de todos. Mesmo não tendo em casa um crucifixo, nela se encontrará, no entanto, com certeza, um quadro do *Ecce Homo*, denominado Senhor Bom Jesus. Mais adiante, comemoram também a Festa do Rosário, embora poucos saibam rezá-lo, e o Dia das Almas. Do ponto de vista dos brasileiros, quem vai à missa nesses dias cumpriu suas obrigações.

Com o tempo, mas bem devagar, conseguiremos erradicar do povo as falsas concepções e práticas errôneas e acostumá-lo a frequentar, com regularidade, a igreja e os santos sacramentos. Assim, tive, recentemente, a alegria de ministrar a 25 pessoas os santos sacramentos numa capela a que antes ninguém comparecia, mas nesse dia uma centena compareceu à Santa Missa. Na doutrina de catecismo tive uma verdadeira multidão de crianças, porém, antes disso, tive que visitá-las em suas casas. Prometi um santinho às que comparecessem na próxima vez. E, de fato, dessa vez, todas estavam aí, e, depois da catequese, voltaram felizes para casa, com a prometida recompensa. Minha alegria foi, certamente, maior que a delas. Não se deve perder de vista que é necessária muita paciência e perseverança. Somente nessas duas condições pode-se esperar que a semente lançada com tanto esforço traga, com a ajuda de Deus, ricos frutos.

63

A visita do Bispo a Brusque*

Pe. Henrique Lindgens

Pouco antes da Páscoa veio, de Florianópolis, a auspiciosa notícia de que nosso novo Bispo, D. João Becker, estaria em nosso meio no fim de maio. O tempo de preparação para a festiva recepção era muito curto, porém, dessa vez, podíamos contar, de modo muito especial, com a colaboração dos moradores de todas as colônias, qualquer que fosse sua nacionalidade.

Os brasileiros estavam dispostos a tudo para recepcionar, da melhor maneira possível, o novo pastor supremo como primeiro Bispo do estado de Santa Catarina. Os alemães não quiseram deixar-se sobrepujar. Eles tinham um motivo a mais para serem prestativos e estarem felizes, pois o Bispo é, de nascimento, alemão, filho da Renânia. Por esse motivo, eles o consideram, com dupla razão, "nosso Bispo". Nem mesmo os membros de outros credos quiseram ficar para trás. Também eles ajudaram sempre que se lhes oferecia a oportunidade. Nos três últimos dias foram suspensos, praticamente, todos os compromissos profissionais de tão ocupado que cada um estava com o serviço da preparação. Brusque era o ponto final do roteiro de visita do Bispo e, por isso, devia ser também o ponto culminante.

O estimado pastor supremo vinha de Blumenau. Juntamente com o Pe. Lux, que tinha ido ao seu encontro, muitas carruagens o aguardavam em Barracão, uma pequena colônia distante duas horas de Brusque, onde mais de 200 pessoas foram crismadas. Depois de uma parada de duas horas, o cortejo pôs-se novamente em movimento, com muita pressa, para chegar ao destino antes do anoitecer. Uma hora distante de Brusque, um considerável grupo de cavaleiros, certamente uns 70 a 80, aguardava a comitiva para fazer a escolta do Bispo.[1] As bandeirolas dos cavaleiros tremulavam festivamente, os valentes cavalos saltavam vivazes, as pontas dos mastros das bandeiras cintilavam ao clarão do crepúsculo e os alegres gritos de boas-vindas dos cavaleiros ecoavam, ao longe, pelas montanhas, que pareciam querer fazer coro com o tom da festa, ao rebater um límpido eco. Potentes tiros de morteiros, misturados com prolongado pipocar de foguetes, anunciaram, já de longe, a proximidade do Príncipe da Igreja.[2]

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IX (1909), p. 422-425.

1 No Livro de Tombo da paróquia de Brusque, o Bispo fez a seguinte anotação a respeito de sua recepção: "Luzidio esquadrão de cavaleiros, bem como muitas carruagens conduzindo famílias".

2 O Sr. Bispo chegou dia 22 de maio de 1909, às 17 horas.

Na entrada da cidade, aguardavam o pastor supremo o Revmo. Sr. pároco Pe. Meller e os demais padres que, em procissão, tinham ido ao seu encontro. Sua Excia. o Sr. Bispo desceu da carruagem e foi saudado pelo Juiz de Direito, Dr. [Eanes] Torres, com uma magnífica alocução. Àquelas palavras, o Bispo agradeceu com um discurso num português castiço. De lá seguiu-se, sob os festivos sons da alegre música, ao prédio escolar onde o Bispo vestiu seus trajes episcopais e, em seguida, foi conduzido, em procissão solene, até a igreja. Ali ele fez novamente uma alocução, mais longa, em português; em seguida, repetiu, num discurso em alemão, o que anteriormente havia dito em português. A mensagem calou fundo nos corações; muitos piedosos alemães sentiram-se tocados e agradeceram a Deus por nos ter dado um Bispo capaz de anunciar as grandes verdades da salvação na língua materna.

Solene entrada do Bispo na Igreja Matriz de Brusque.

Entrementes anoitecera. Não demorou muito e Brusque brilhava nos seus mais belos enfeites. Uma procissão bem ordenada, com archotes, percorreu as ruas e prestou ao pastor supremo uma magnífica ovação. A igreja e todas as casas estavam iluminadas magnificamente. Nossa cidadezinha colonial nunca tinha visto antes algo semelhante. Quando, então, o Exmo. Sr. Bispo foi ao encontro da grande multidão, para dirigir a cada um de maneira afável uma palavra, o entusiasmo parecia não ter mais fim. Finalmente, ele agradeceu mais uma vez, nos dois idiomas, pela belíssima recepção. “Jamais, em lugar nenhum, recebi uma ovação geral tão maravilhosa”, acentuou ele novamente. Então irrompeu um verdadeiro vendaval de alegria e os “Viva o nosso Bispo” pareciam não ter mais fim.

O dia seguinte foi um domingo. Nunca havia sido celebrada, na Igreja Matriz, uma missa pontifical. Prontamente, o Sr. Bispo acedeu ao nosso desejo. De todos os lugares as pessoas compareceram; dias de viagem foram percorridos, alegres, pelos mais distantes colonos, para participarem dessa solenidade. Como admirava-se nosso bom povo da colônia! Muitos eram tocados até as lágrimas com as bonitas cerimônias. No sermão festivo, pronunciado em português, foram enfatizadas as sublimes dignidades do bispo católico, do sucessor dos apóstolos, do enviado de Cristo.

Colégio São Luiz. 1909.

Depois da missa pontifical, perto do meio-dia, o antístite procedeu à inauguração do novo prédio escolar. A imponente construção, uma verdadeira honra para a cidade, ficou felizmente pronta a tempo. Antes de dar início às orações, o bispo agradeceu ao pároco, Pe. Meller, sob cuja direção a obra teve origem, pela sua infatigável dedicação. Reconheceu o espírito de sacrifício de toda a população e, depois, falou sobre a importância da obra na educação da juventude. Finalizando, aplicou à nova construção as palavras da Sagrada Escritura: "Esta é a casa de Deus e a porta do céu".

O domingo à tarde foi reservado à administração do Santo Crisma. Aqui ainda existe o costume, como nos primeiros séculos da Igreja, de confirmar também crianças. Assim, certamente muitos alemães sentem a falta da sublime solenidade com as circunstâncias em que esse santo sacramento era ministrado na velha pátria. Mas, por ora, a situação não permitia nenhuma mudança.

Colégio São Luiz. Inaugurado no dia 23 de maio de 1909.

No dia seguinte, o bispo visitou a colônia italiana de Porto Franco, distante 30 quilômetros. Até onde as circunstâncias o permitiam, foram empregados, também ali, todos os meios para preparar, ao pastor supremo, uma festiva recepção. O bom povo estava orgulhoso com a distinção que lhe foi feita, pois esta era a única colônia que o Sr. Bispo podia visitar. De volta a Brusque, ele exprimiu, repetidas vezes, sua satisfação sobre essa viagem. Agradou-lhe muito a maneira simples e piedosa de ser dos italianos. Estava muito feliz em ver lá, praticamente no meio da floresta virgem, florescer uma tão animada vida católica. Prometeu aos fiéis enviar-lhes um sacerdote, tão logo as condições o permitissem; lamentou também a tão grande carência de trabalhadores na vinha do Senhor. Muito felizes, as pessoas simples lhe agradeceram e lhe prometeram fazer de tudo para ter logo, em seu meio, um sacerdote. Sendo que em pouco tempo deverão ser criados novos núcleos coloniais nesta região, Porto Franco se transformará, em breve, num centro econômico e a criação de uma paróquia se tornará indispensável.

Até agora, todas as festividades haviam sido agraciadas com bom tempo. Enquanto voltávamos a Brusque, começou, infelizmente, uma chuva ininterrupta que prejudicou um pouco a bonita festa de Azambuja. O Bispo quis ver, com os próprios olhos, a vida em Azambuja que é conhecida, em todo o estado, não só por causa do hospital, mas também como lugar de peregrinação. Por isso, ele havia marcado a viagem de crisma justamente para o mês de maio,

pois no dia 26 desse mês é celebrada a festa principal de Nossa Senhora do Caravaggio.

Para aquele dia havia sido programada uma grande procissão, de Brusque até o local da festa, em Azambuja. Esta, no entanto, teve que ser cancelada em virtude do mau tempo. Os que não quiseram atolar-se até os joelhos na lama, deslocaram-se em carruagens ou a cavalo, para participar da festiva missa pontifical. Estava previsto realizá-la a céu aberto, mas, por causa do mau tempo, foi preciso mudar de ideia. Depois da Santa Missa, o Bispo fez uma alocução aos romeiros reunidos. Acentuou que a prosperidade do hospital e a do santuário tinham lugar especial em seu coração e que ele decidiu agraciar o santuário com diversos privilégios. Pediu aos peregrinos que cumprissem não apenas suas promessas feitas a Nossa Senhora, mas que recebessem também os santos sacramentos, tal qual acontecia tão assiduamente nos maiores centros de peregrinação da Europa.

Em Azambuja, infelizmente, isso é uma exceção. Muitos peregrinos vêm apenas, e unicamente, para trazer um donativo prometido e beijar a imagem de Nossa Senhora e, com isso, julgam ter cumprido o objetivo da peregrinação. Não se dão conta de que, talvez, há anos não confessaram mais ou, inclusive, vivem em concubinato. O Bispo louvou também o assíduo trabalho do Pe. Lux, que teve a capacidade de fazer, em pouco tempo, do modesto hospital, uma obra que servirá de bênção não só para a paróquia de Brusque, mas para toda a diocese de Santa Catarina.

Com essa bonita festa de Nossa Senhora, o bispo encerrou sua visita pastoral. Mesmo tendo sido dias de muito trabalho, foram, no entanto, muito bonitos. O Bispo conquistou, nesse pouco tempo, os corações de todos os diocesanos pela sua benevolência e afabilidade. Nós, sacerdotes, agradecemos-lhe de modo especial, pois encontramos no novo Príncipe da Igreja não só um pastor fiel, mas também um pai querido.

64

Os filhos de São Francisco em Blumenau*

No caderno de outubro de 1907, a revista *Das Reich* publicou um artigo, da pena de Albert von Kühle, sobre a colônia alemã de Blumenau, no sul do Brasil, e ali se pode ver e saber do que é capaz o laborioso povo alemão. Blumenau é, agora, uma das mais florescentes colônias alemãs em Santa Catarina. Embora ainda jovem, ela já conta com 40.000 habitantes, cuja maioria é alemã. Agricultura, comércio e atividade industrial apresentam desenvolvimento cada vez mais acentuado, que crescerá ainda mais, com a construção da estrada de ferro que teve início recentemente.

Padres franciscanos alemães fazem o atendimento religioso no extenso território dessa colônia e, graças a eles, a vida religiosa em Blumenau é bastante intensa. A *Crônica da Ordem dos Franciscanos no Brasil* nos oferece uma imagem de sua atividade e dela extraímos as seguintes linhas:

"No dia 2 de setembro de 1850, o Dr. Hermann Blumenau, natural de Braunschweig, desembarcou com 17 pessoas na margem direita do rio Itajaí, na foz do Garcia, lá onde hoje é o centro da cidade, para fundar uma colônia alemã. Somente a disposição e a tenacidade alemãs podiam aqui, na medonha floresta entre índios selvagens, desafiar os perigos e necessidades do penoso trabalho de colonização. Entre os primeiros imigrantes (11 homens) encontravam-se oito artesãos e três lavradores. O ano de 1852 trouxe um incremento de 110 e o ano de 1854, um semelhante, de 147 imigrantes, entre os quais contavam-se os primeiros sete católicos. No ano de 1861, quando vieram cerca de 150 católicos badenenses, cuja maioria se estabeleceu acima do centro da cidade, deu-se início à construção de uma capela, que foi concluída em 1864 e até 1870 era visitada a cada três meses pelo Pe. Gattone, pároco da comunidade vizinha de Gaspar. Em 1870 foi construída uma nova capela e Blumenau recebeu um sacerdote próprio, na pessoa do Pe. Guilherme Römer, mas que se deteve aqui por apenas três anos. De 1873 a 1876, os colonos de Blumenau eram visitados quatro vezes por ano pelo incansável pároco de Joinville, Pe. Carlos Boegerhausen. Em 1875, o padre jesuíta João Cibeo celebrou a primeira missão em Blumenau e assistiu, no ano seguinte, por mais tempo, a comunidade católica, principalmente os italianos.

---

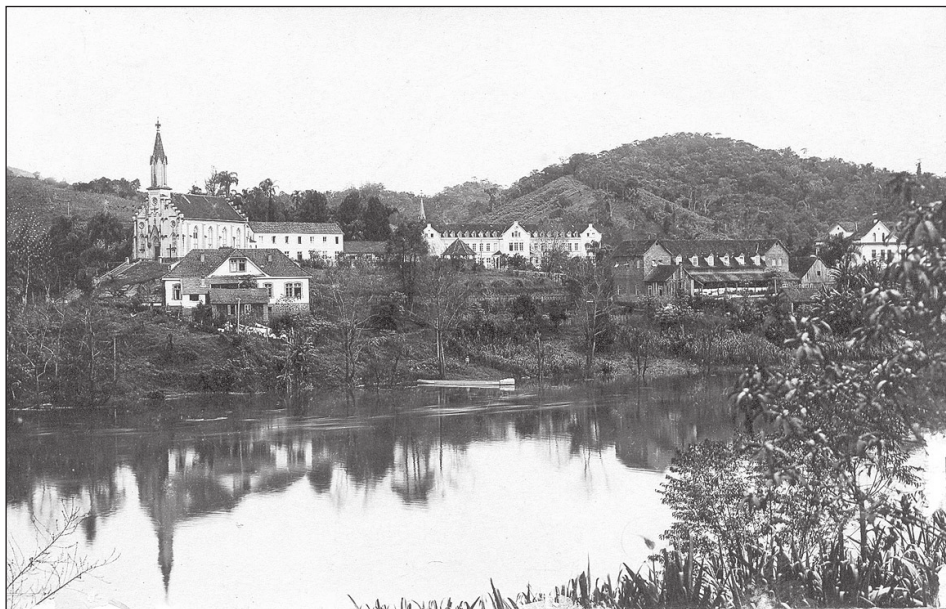
* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IX (1909), p. 523-527.

Finalmente, no ano de 1876, Blumenau recebeu novamente um sacerdote residente, na pessoa do ex-redentorista Pe. José Maria Jacobs, a quem o *Kulturkampf* havia perseguido em sua pátria. Em 2 de junho de 1878, Blumenau foi elevada ao status de paróquia e Pe. Jacobs nomeado como primeiro pároco. Durante 14 anos ele exerceu esse cargo com muita fé e sacrifício. Granjeou grandes méritos, principalmente na educação e ensino da juventude. Nesse sentido, ele fundou, com muitas doações pessoais, o colégio São Paulo. Ainda que o estabelecimento fosse muito primitivo por causa da grande pobreza dos colonos alemães e a maioria dos professores fosse inapta para o ensino, mesmo assim a escola era bem frequentada, não só pelos filhos dos pobres colonos, mas também por parte dos filhos dos comerciantes de Blumenau. Durante muitos anos o colégio de Pe. Jakobs foi o único instituto de formação mais elevada na província de Santa Catarina. Também sob sua direção foi levada a termo a construção da nova igreja de São Paulo. A mesma foi construída com recursos do Estado, no valor aproximado de 60.000 marcos, e inaugurada no dia 24 de dezembro de 1878. O número de católicos somava, então, de sete a oito mil almas, havendo 200 famílias alemãs, 750 italianas, 50 polonesas e 400 brasileiras. Na extensa paróquia existiam 13 capelas atendidas por um único sacerdote. Quando Pe. Jacobs, depois de 16 anos de atividade, pensou em retornar à sua pátria para tratamento de saúde abalada pelas muitas fadigas, ele procurou introduzir os padres lazaristas. Todavia, as respectivas negociações logo malograram. Grande foi a alegria de Pe. Jacobs, quando ouviu falar da chegada de padres franciscanos em Teresópolis[1], pois queria confiar sua obra ao clero religioso.

"O superior dos franciscanos, Pe. Amandus Bahlmann, atendeu ao insistente pedido de Pe. Jacobs e veio, no início de 1892, a Blumenau, onde pregou logo uma missão e, por força de mandado papal, conferiu o santo Crisma. Depois de madura ponderação, e com autorização do superior da Ordem na Alemanha, Pe. Amandus manifestou-se disposto a assumir a paróquia e o colégio. Para essa finalidade ele mandou para Blumenau, a 15 de maio do mesmo ano, os padres Zeno Wallbroehl e Licínio Korte – o primeiro como superior –, que então assinaram, em nome da Ordem, o contrato de compra do colégio[2]. Logo em seguida, Pe. Jacobs iniciou sua viagem de volta à terra natal, mas chegou só

1 Teresópolis, a que o autor se refere, é a atual localidade com o mesmo nome no município de Águas Mornas-SC, pois lá se estabeleceram inicialmente os franciscanos, vindos da Alemanha no dia 10.07.1891. De lá partiram para assumir as paróquias de Lages (12.01.1892) e Blumenau (15.05.1892).

2 A 22 de maio de 1892 foi feito o contrato de compra do colégio pelos padres franciscanos. Por esse contrato, os franciscanos obrigaram-se a pagar ao Pe. José Maria Jacobs um conto, depois de um ano um conto e quinhentos mil, e depois de dois anos um conto de réis, isto é, por tudo três contos e quinhentos mil réis. O contrato previa também a celebração anual de dois réquiens pelas almas de Nicolau Dechamps e sua mulher Catharina, em virtude de uma doação feita à Igreja Matriz.

até o Rio de Janeiro, onde contraiu febre amarela, vindo a falecer lá mesmo, num hospital, a primeiro de agosto.

Antiga Igreja Matriz São Paulo Apóstolo e Colégio Santo Antônio.
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

"O colégio contava com 40 crianças quando a Ordem o assumiu. No ano seguinte recebeu dois importantes reforços, nos dois professores formados, Irmão Bertoldo e Irmão Cesário, que já haviam exercido durante vários anos o magistério na Alemanha. Por toda parte o colégio gozava da melhor reputação e de toda parte afluíam, em grande número, novos alunos, de modo que foi preciso pensar numa nova construção. Nesse sentido, foi aprovada, em 1894, a construção de um convento e lançada festivamente sua pedra fundamental pelo então comissário dos franciscanos, Pe. Ireneu Bierbaum, que viera recentemente da Alemanha com 30 membros da Congregação. Em abril do ano seguinte, vieram também para Blumenau as primeiras Irmãs da Divina Providência, em número de quatro. Elas abriram imediatamente uma escola elementar e de artesanato para meninas. Paralelamente, dedicaram-se também à assistência aos enfermos do ambulatório e, com isso, granjearam inclusive a simpatia dos protestantes de Blumenau. Como o colégio São Paulo estava sendo destinado principalmente a alunos brasileiros, por causa da pobreza dos católicos alemães, foi decidido dar-lhe um caráter exclusivamente brasileiro e manter anexa apenas uma escola

primária alemã. Felizmente a afluência de alunos aumentou. Da capital e, inclusive, de cidades vizinhas, eram enviadas crianças ao colégio. Como, todavia, teve que ser aberto, alguns anos mais tarde, um instituto de ensino mais elevado, por parte da ordem no município vizinho de Lages, o colégio de Blumenau foi fechado e mantido apenas um colégio seráfico[3]. Em 1897 foi concluída a construção em sua forma atual e dedicada a Santo Antônio. Além disso, a 9 de maio do mesmo ano aconteceu a primeira festiva vestição[4] de 11 estudantes dessa casa. Muitos católicos acorreram a essa solenidade, que causou em todos uma impressão inesquecível. Em 1901 foi inaugurada, pelo então comissário Pe. Herculano, a capela doméstica construída pelos próprios irmãos da Ordem e adornada de uma pequena torre bem trabalhada. Especial significado teve a capela quando, em setembro do ano seguinte, em 1902, o excelentíssimo senhor Bispo diocesano D. José de Camargo Barros conferiu a ordenação sacerdotal a 11 clérigos da Ordem.

"Nesse mesmo ano foi também celebrado, no convento de Blumenau, o primeiro Capítulo Provincial da recém-criada Província Franciscana da Imaculada Conceição, sob a presidência de Pe. Herculano como primeiro provincial. Em decorrência desse primeiro Capítulo, Blumenau recebeu dez sacerdotes, que tinham como principal atividade a educação da juventude. Para isso era necessária a construção de um novo prédio, que abrigasse uma escola primária alemã e uma brasileira. Escolas como essas, os padres fundaram em diversas localidades da colônia, preocupando-se também com professores bons e religiosos. A grande carência de vocações sacerdotais e religiosas aqui na colônia, até o presente momento, deve-se, sem dúvida, à falta de boas escolas elementares. Muitos pais deixavam crescer seus filhos sem nenhuma instrução até a Primeira Comunhão, em parte por falta de compreensão, em parte por causa da grande distância da escola. Outros pais mandavam seus filhos por um breve tempo à escola pública na cidade, mas destas foi banido todo e qualquer ensino religioso e o nome de Deus sequer pode ser pronunciado. Além das duas escolas paroquiais, os padres fundaram ainda em Blumenau uma escola noturna especial para adultos, e separada para alemães e brasileiros. Numa construção de mais de 100 metros de comprimento, anexa ao colégio franciscano, encontram-se oficinas de todo tipo. Lá, sob a direção de bons e competentes Irmãos da ordem, os filhos dos colonos que já passaram da idade escolar podem receber uma sólida formação nas diferentes profissões, quais sejam: marcenaria, entalhe em madeira, tornearia, pintura, padaria, alfaiataria e tecelagem, encadernação e jardinagem. Todos esses jovens aprendizes têm, além disso, diariamente aula de religião, de desenho, de

3 Seminário franciscano ou casa de formação dos seminaristas franciscanos.

4 Vestição é a cerimônia de entrega do hábito religioso ao candidato, quando ingressa em ordem religiosa.

cálculo e de leitura e escrita. Também são acolhidos no colégio todo ano de 20 a 30 crianças pobres de colonos e preparadas com o máximo de esmero para a Primeira Comunhão. Muitas dessas crianças ficam ainda lá por um ou mais anos, após o dia mais bonito de sua vida, para recuperar as aulas de leitura e de escrita, até então totalmente desleixadas. Outras crianças, sob insistentes pedidos dos pais ou parentes, recebem no colégio, durante anos, cuidados e ensino, caso os pais mesmos não tenham condições de cuidar de sua educação, ou não queiram fazê-lo.

"Lancemos ainda um olhar sobre o trabalho espiritual dos padres em Blumenau. A cidade propriamente dita é toda protestante e conta apenas com algumas poucas famílias católicas. Nos dias de semana, todas as missas são rezadas na capela do convento e são muito frequentadas por alemães e brasileiros. Aos domingos e dias santos, porém, os colonos acorrem em grande número de todas as direções, alguns de carroça, outros a cavalo. A missa paroquial para os brasileiros é às 8h30min, com pregação em português. Das 8 horas às 8h30min há doutrina para os brasileiros. Os alemães têm doutrina às 9h30min, e logo em seguida a missa com pregação. A celebração solene é alternada, sendo um domingo em português e outro domingo, em alemão. Para o crescimento da vida religiosa em Blumenau, contribuíram muito as associações religiosas que, no momento, encontram-se em pleno florescimento. Cada uma das diferentes associações, como Apostolado da Oração, Associação das Filhas de Maria, Associação de São José para homens e jovens e a Ordem Terceira, tem sua reunião mensal em língua alemã e em português. Em 1905, os padres construíram uma casa para as associações que tinha também, como finalidade, servir de alojamento aos que vinham de longe para frequentar a igreja. Assim foi remediada uma necessidade que já era sentida há muito tempo. Nessa casa, os católicos deviam encontrar, aos domingos e dias santos, um caloroso acolhimento e atendimento. O plano foi recebido por toda parte com grande entusiasmo, de modo que, pouco tempo depois, a 8 de setembro, foi colocada a pedra fundamental da Casa São José pelo Exmo. Bispo diocesano D. Duarte Leopoldo e Silva.

"Pertence também à paróquia de Blumenau a colônia Indaial. Localiza-se mais ou menos 25 quilômetros acima da cidade de Blumenau e é habitada principalmente por alemães. Lá há também, todos os domingos e dias santos, celebrações religiosas que consistem em duas santas missas, culto, catecismo e bênção do Santíssimo Sacramento. Nessas ocasiões há regularmente pregação em alemão, em português e, de vez em quando, em polonês. Também lá florescem, de maneira maravilhosa, as associações religiosas. Os colonos vestfalianos, no Rio do Testo, têm celebração no 2º domingo do mês, e os colonos do Garcia, no 1º domingo do mês. Que o esforço e trabalho dos padres durante os 12 anos de atuação na paróquia de Blumenau não ficaram sem frutos pode-se deduzir

deste quadro sinótico. Segundo apontamentos de nossos padres, o número de comunhões na atual paróquia de Blumenau era de 4.000 no primeiro ano de sua chegada. Em 1905, em contrapartida, os padres registraram no mesmo distrito 26.000 comunhões, aí incluídas as dos membros da Ordem. Ainda recentemente, a 31 de agosto de 1905, o Exmo. Sr. Bispo diocesano de Curitiba, D. Duarte Leopoldo e Silva, veio a Blumenau, onde lhe foi proporcionada uma excepcional recepção. O convento teve a grande honra de alojar durante 14 dias o eminente hóspede episcopal.

"As palavras de reconhecimento e de estímulo que ele dirigiu reiteradas vezes aos missionários franciscanos servirão de incentivo para continuarmos trabalhando incansavelmente na cura das almas e na educação da juventude sem assistência."

65

Alegrias e tristezas na cura d'almas em Camboriú*

Pe. Geraldo Spettmann

Já falei anteriormente aos leitores da revista *Das Reich* sobre minhas lutas e sofrimentos em Camboriú, cuja paróquia eu pastoreava outrora de Itajaí[1]. (Caderno de novembro de 1908). Agora fui designado para lá como pároco e, confiante no Coração de Jesus, assumi a direção das paróquias de Camboriú e de Porto Belo, esta última distante quatro horas a cavalo. As duas juntas somam, aproximadamente, 15.000 almas! É muito para meus fracos ombros. Se só não existissem as longas distâncias!

Para ir daqui a Porto Belo, eu preciso primeiro transpor um morro muito alto e, então, cavalgar durante uma hora e meia ao longo da praia, até as proximidades do povoado. Este já foi mais importante que hoje. O porto, uma extensa baía muito bonita, está localizado de tal modo que oferece proteção aos navios, seja qual for a direção donde venha o vento. Infelizmente falta mercado consumidor. Não se pratica ali nenhum comércio. Os navios aportam apenas quando necessitam de abrigo contra maus ventos.

O último pároco daqui era um daqueles sacerdotes de calamitosa formação, que causam mais danos que benefícios à Igreja e, por isso, foi suspenso pelo Bispo. Por essa razão, a vida religiosa decaiu muito e, para restabelecê-la novamente, procurarei introduzir o Apostolado da Oração e difundir o culto ao Sagrado Coração de Jesus. Justamente a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o "Apostolado", que aqui se igualam nos objetivos, despertam, por toda parte, no Brasil, um novo vigor religioso. Também aqui eu já posso constatá-lo.

Há dois anos, Pe. Foxius esteve pela última vez em Camboriú. Como ele mesmo me disse, ele qualificou as pessoas de Camboriú, em seu último sermão, como todas perdidas porque sequer uma delas queria seguir suas obrigações religiosas.

Na festa do Sagrado Coração de Jesus deste ano, ele também esteve presente. Após uma novena com pregação todas as noites, houve confissão no sábado e, no domingo, comunhão geral. Aproximadamente 100 pessoas vieram à

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano IX (1909), p. 569-572.

1 De 1906 a 1907 a paróquia de Camboriú era atendida de Itajaí. No dia 21 de maio de 1907 foi oficialmente confiada aos padres dehonianos, sendo o Pe. Geraldo Spettmann empossado como pároco.

mesa do Senhor – um verdadeiro acontecimento para este lugar. Pe. Foxius não se continha de admiração. Isso faz o culto do Sagrado Coração de Jesus.

O principal acontecimento no último ano foi a visita de nosso Bispo a Camboriú. O Exmo. Senhor veio via terrestre porque os navios costeiros, como de costume, deixaram de vir. Como não havia muito a fazer em Camboriú, a visita demorou apenas algumas horas. Fomos ao encontro dele com cinco carroças e, enquanto fazíamos uma pequena refeição de almoço, em Camboriú, apareceram também os emissários de Itajaí, com Pe. Thoneick e um franciscano.

Partimos imediatamente. As carroças estavam superlotadas e, por isso, montei rápido no meu cavalo e segui a comitiva. Itajaí estava festivamente enfeitada. Na entrada da cidade foi preparada ao pastor supremo uma festiva recepção, com longos discursos de doutores e crianças de escola. Seguiu-se então em cortejo solene até a igreja, onde o Exmo. Sr. Bispo fez uma alocução e anunciou o roteiro diário de sua visita pastoral. Depois, na casa paroquial, longa acolhida, cumprimentos, cerimônias de apresentação... O Bispo permaneceu três dias em Itajaí, onde foram realizadas crismas, visitas e conferências instrutivas à noite.

Aqui no Brasil, durante a cerimônia de Crisma, a gente se sente como se estivesse num teatro infantil, pois são crismadas as crianças ainda pequenas. Raramente há um adulto entre os crismandos. Imaginem vocês uma igreja repleta de crianças esgoelando-se a plenos pulmões, as pobres mães tentando inutilmente acalmá-las e o empurra-empurra das pessoas. Por isso, empregam-se todos os meios para que todos participem até a bênção final. No meio de toda essa confusão, Dom João Becker mostrou uma invejável paciência. À noite ele até se permitia dizer algumas brincadeiras sobre a fascinante falta de jeito de algumas pessoas. O Bispo é extraordinariamente gentil na comunicação e muito animado para entreter as pessoas. Em Itajaí ele conquistou logo a simpatia de todos. Sua opinião sobre o trabalho pastoral nesta cidade foi um elogio altissonante a Pe. Foxius, partilhado com justiça pelos seus dois coadjutores, padres Thoneick e Rogmann.

Devo citar ainda a visita do Bispo à escola paroquial dirigida pelos padres Thoneick e Rogmann a qual conta com aproximadamente 100 alunos. Este é um empreendimento realmente útil embora um pouco difícil, mas que produzirá infalivelmente bons frutos se for conduzido com critério, perseverança e dedicação. A visita do Bispo foi realmente bonita, uma recompensa e estímulo para as crianças.

Na despedida, uma grande multidão acompanhou o afeiçoado pastor supremo até o porto e, sob altissonantes vivas, ele viajou rio acima, para Blumenau.

Pe. Foxius o acompanhou. De lá ele visitou, em duas semanas, a colônia Hansa[2], que é assistida pelos padres franciscanos. Estava previsto reencontrá-lo em Brusque.

Entrementes, meu fiel cavalo levou-me rápido a Porto Belo, minha segunda paróquia, da qual ainda não tomei posse. O povo é bastante bom. De olhos arregalados e boquiabertos, olham o padre comprido que chega inesperadamente. A casa paroquial, que há 6 anos foi presenteada por um senador, localiza-se bem perto da praia. A igreja é muito antiga e possui 128 hectares de terra, mas que aqui não têm valor. É célebre por causa da imagem de "Nosso Senhor dos Passos", um Cristo em tamanho natural carregando a cruz e que, todos os anos, no Domingo da Paixão, é carregado em procissão solene ao longo do litoral.

Na segunda-feira seguinte, eu estava novamente montado no meu cavalo para buscar algumas informações junto ao pároco de Tijucas, o administrador paroquial de Porto Belo. Tijucas dista aproximadamente duas horas de Porto Belo. Ainda no mesmo dia fui mais para o interior e cheguei à noite, às 19h30min, morto de cansaço, a Nova Trento. Esse lugar é uma colônia italiana, atendida por padres italianos. Eles me receberam com suma amabilidade e trataram de cuidar de meu esgotado estômago que, depois do café da manhã em Porto Belo (peixe, pão e feijão preto), apenas recebera uma pequena xícara de café. No outro dia, de manhã, rezei a Santa Missa e continuei minha viagem em direção ao norte, para Brusque. Perto do meio-dia vi aproximar-se um solitário cavaleiro, que lentamente descia o morro situado na minha frente. Percebi logo que se tratava de um franciscano, um renano, a quem eu encontrara na semana anterior em companhia do Bispo em Itajaí. Vinha de Blumenau e se dirigia a Desterro. Numa hospedaria alemã localizada junto ao caminho achamos por bem almoçar juntos e tomar uma cerveja pela nossa boa viagem.

Cheguei a Brusque às cinco da tarde. Infelizmente tive que me deter aí por mais tempo do que havia previsto. Uma espécie de disenteria, que já me vinha incomodando há mais tempo, impossibilitou-me seguir viagem. Pude, assim, assistir à Primeira Comunhão na Festa da Ascensão e à recepção do Bispo. Aqui pude constatar bem a diferença entre a vida religiosa numa paróquia alemã e numa brasileira. Desde o começo estive em paróquias brasileiras e, por isso, não fui mimado. Todavia, sou tomado, às vezes, de uma secreta nostalgia por tempos melhores...

A recepção do Bispo em Brusque foi grandiosa. Acompanhado de numerosos cavaleiros munidos de lanças e bandeirolas, foi-me dada a possibilidade de ir, de carruagem, ao seu encontro. A iluminação, que não aconteceu em Itajaí por

---

2 A Colônia Hansa corresponde aos atuais municípios de Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma e Witmarsum. Os padres franciscanos residiam em Rodeio, donde assistiam a referida colônia.

causa da chuva, foi em Brusque sem igual. A localização da igreja numa colina, sua alta torre, tudo se prestou a isso.

Na quarta-feira seguinte aconteceu a conhecida festa de Azambuja, onde o Bispo também celebrou missa pontifical. Infelizmente a chuva, ininterrupta desde segunda-feira, dificultou a realização das solenidades, bem como a afluência de maior massa popular.

Após a cerimônia despedi-me do Exmo. Sr. Bispo e dos padres e mandei encilhar meu cavalo branco que, sob chuva torrencial, me levou a Itajaí, aonde cheguei à noite. De lá fui para minha paróquia no dia seguinte. A notícia do meu mal-estar, no mais por ora insignificante, já havia chegado lá – por sinal, muito deturpada – e havia consternado levemente o povinho. Graças a Deus estou novamente bem – enquanto as coisas vão bem – e trabalho sob a proteção do Divino Coração e traço inúmeros planos para os quais conto novamente com vossa grande ajuda. Um redator pode ajudar tão facilmente e o senhor o faz efetivamente de bom grado. Queira, antes de tudo, expressar aos leitores da revista *Das Reich*, meu cordial muito obrigado pelos donativos que ofereceram à minha pobreza. Se o senhor o permitir, renovo meu humilde pedido aos queridos conterrâneos de minha pátria. Minhas duas igrejas paroquiais são literalmente pobres (também as terras de Porto Belo têm pouquíssimo valor e não rendem nada, apesar de sua dimensão). Para não falar nada das capelas, a igreja de Camboriú se encontra na pior situação. Quanto gostaria de dar a bênção com o Santíssimo para aquecer os corações com o amor divino que emana desse trono de fogo! Mas para isso falta-me infelizmente o ostensório, a capa magna e o umeral. A igreja sequer tem um cibório próprio. Vocês já viram um pároco mais pobre que eu?

A sacristia quase desmorona sobre minha cabeça. O povo é pobre. O único produto, o café, falhou totalmente no ano passado e a colheita deste ano não é satisfatória. Oh, quem me ajudará? Os metodistas trabalham e continuam fazendo sempre sua propaganda, sustentados com dinheiro americano. Quem me ajudará a cuidar deste pobre povo, por muito tempo abandonado, para que não caia na apostasia? A mais sublime de todas as obras de caridade cristã é trabalhar com Deus na salvação das almas!

Portanto, ajudem-me, caros conterrâneos da distante pátria! O sacratíssimo Coração de Jesus os recompensará mil vezes.

A redação está em condições de remeter a Pe. Spettmann qualquer donativo.

66

Situação atual de nossa missão no sul do Brasil*

Para orientar melhor os leitores de nossa revista, sobretudo os principiantes, sobre a nossa missão no Brasil meridional, queremos dar, após um breve olhar retrospectivo sobre o passado do Brasil, um resumo do estado atual de nossa missão.

O Brasil foi descoberto pelo português Cabral no ano de 1500, que tomou posse dele para a Coroa de Portugal. Depois de prolongadas lutas contra franceses e holandeses, com vitórias ora de um lado ora de outro, conseguiram os portugueses, finalmente, assegurar a posse da terra. A imensa riqueza da Colônia atraiu da metrópole muitos imigrantes, cujos descendentes são, em sentido estrito, os brasileiros ou luso-brasileiros. Os índios, os únicos habitantes da terra antes da chegada dos portugueses, foram, em parte, repelidos para o interior do Brasil, em parte subjugados e assimilados pelos imigrantes, principalmente no estado de São Paulo, cujos habitantes são uma mistura de raças portuguesa e indígena. A essas duas raças juntou-se logo uma terceira, a dos numerosos negros, que foram trazidos da África como escravos para trabalhar nas extensas terras dos proprietários rurais. Só em 1888 a escravidão, que no Brasil não foi tão opressora, foi legalmente abolida, embora há mais anos todos os filhos de escravos já nascessem livres. O Brasil permaneceu, durante 300 anos, como Colônia em poder de Portugal até quando as grandes revoluções dos Estados europeus, na época de Napoleão I, provocaram também, nesta distante Colônia de Portugal, um movimento de autodeterminação e, em seguida, separou-se da metrópole e se constituiu em Império do Brasil. A coroa imperial ficou na Casa de Bragança até 1889, quando uma revolução, não sangrenta, deu um fim inglório à monarquia, a única na América. O bondoso Imperador Dom Pedro abdicou do trono e embarcou para Portugal. Desde então, o país se constitui nos "Estados Unidos do Brasil" e é regido por uma constituição que, em suas características gerais, é uma cópia daquela dos Estados Unidos da América.

Juntamente com os primeiros imigrantes portugueses, vieram também apóstolos para esta terra, principalmente franciscanos e jesuítas, seguidos, mais tarde, por outras ordens religiosas e por padres seculares. De modo particular, as

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano X (1910), p. 41-46.

duas primeiras ordens citadas desenvolveram uma atividade extraordinária para o bem dos brancos e proteção dos índios, dos quais converteram um grande número. Com não pouco amor, dedicaram-se aos numerosos negros. Ainda hoje muitas igrejas e conventos vazios, principalmente no Centro e Nordeste, testemunham o antigo florescimento da vida religiosa. Um golpe duro para a Igreja do Brasil foi a expulsão dos jesuítas, bem como a proibição das atividades dos demais missionários pelo famigerado ministro português Pombal, pois o número de padres seculares era ínfimo em proporção às necessidades. Depois da separação de Portugal, os reforços vindos daquele país começaram a diminuir gradativamente e o Brasil entrou numa triste decadência religiosa, em consequência da falta de sacerdotes. A juventude cresceu sem formação religiosa e, apesar dessa desoladora situação, é de se admirar que o povo brasileiro não tenha decaído ainda mais. É, sem dúvida, uma prova de quão profundamente a fé católica havia deitado raízes nos corações desse povo tão generoso, excelente e talentoso.

Nesse aspecto, ocorreu uma mudança decisiva nas últimas décadas. As imensas dioceses foram divididas e, para as sedes episcopais, cuja ocupação cabe somente ao Papa preencher desde a proclamação da República, foram nomeados sacerdotes dignos, que fizeram enérgicos esforços para sanear a situação religiosa. Sua principal preocupação consistiu em conseguir bons e zelosos sacerdotes e, como o Brasil não oferecia, nem de longe, vocações idôneas em quantidade suficiente, recorreu-se, então, a padres seculares e, em especial, ao clero religioso estrangeiro, por cuja atividade incansável conseguiu-se recomeçar *ab initio* a vida religiosa.

Também nossa Sociedade recebeu do Exmo. Sr. Bispo de Curitiba o pedido para enviar-lhe missionários para o estado de Santa Catarina, a parte mais sulina de sua diocese. Em junho de 1903, embarcaram os primeiros padres para o Brasil. Chegando a Desterro, capital do estado de Santa Catarina, auxiliaram, no começo, o Revmo. Pe. Topp na cura d'almas e no ensino. Em seguida, assumiram paróquias próprias.

Brusque é a primeira paróquia cuja direção foi confiada aos nossos padres. Essa localidade é também, até agora, o estabelecimento principal e a residência do superior da missão. Há 50 anos havia apenas floresta impenetrável no lugar onde agora se localiza a simpática cidadezinha colonial de Brusque. Em 1860 chegaram ali os primeiros imigrantes, só alemães e, na grande maioria, católicos de Baden. A bem da verdade, são eles os fundadores da cidade, pois foram eles que suportaram, com admirável tenacidade, os esforços quase sobre-humanos e as necessidades dos primeiros anos. Nos anos seguintes vieram mais imigrantes, especialmente em 1877, quando aportou um grande número de italianos da Lombardia, do Vêneto e do Tirol. Estes se estabeleceram num grande arco, em torno do centro alemão. Nos primeiros anos da colônia, o relacionamento

com os índios era totalmente pacífico. Pouco a pouco, no entanto, começaram a surgir atritos que, por fim, acabaram em guerra, uma situação que, infelizmente, persiste até hoje.

Pe. José Thoss, benemérito incentivador da missão no Brasil.

Somando os poucos brasileiros, conta a cidade de Brusque, e toda a vasta região de entorno, com cerca de 13.000 a 14.000 católicos e uns 1.500 protestantes. A grande maioria da população ocupa-se com criação de gado e com lavoura. Crescem ali muito bem cana-de-açúcar, milho, arroz, mandioca, fumo, feijão e outras verduras e frutas. Os italianos produzem, inclusive, saboroso vinho. Também as matas ainda fornecem ricos produtos e madeira de boa qualidade mesmo que, em consequência da extração irracional para construção, não exista mais em quantidade como nos primeiros tempos. No centro da colônia – no Brasil chamado cidade, para distinguir das propriedades rurais situadas, às vezes, bem longe do centro –, moram praticamente só comerciantes e artesãos, funcionários e operários, pois cedo se instalou a indústria têxtil, que utiliza parte da abundante força hidráulica disponível.

Como se vê, há muito dinamismo em Brusque. Os alemães, porém, formam o núcleo central, tanto em relação à geografia e atividade econômica como, de modo especial, ao religioso.

Na cidade ergue-se, no alto de uma colina, a bonita igreja paroquial e, ao lado, a casa paroquial, um tanto pobre e apertada para três padres e um irmão. O trabalho dos padres consiste, primeiramente, no rotineiro trabalho pastoral, do qual as visitas aos doentes, quatro a cinco por semana, trazem consigo enormes fadigas e esforços por causa das grandes distâncias. Num circuito muito amplo localizam-se as comunidades, 14 ao todo. Também nessas comunidades, que têm cada qual sua capela, maior ou menor, é rezada missa a cada domingo, a cada segunda-feira ou a cada dois ou três meses, de acordo com o número de habitantes.

---

1 Pe. José Thoss nasceu a 22 de setembro de 1866, em Mersch (Luxemburgo), e faleceu a 3 de março de 1910.

Frequentes vezes, o padre permanece uma semana inteira na comunidade, onde então prega todos os dias, dá doutrina, ouve confissões, visita os doentes, apazigua desavenças, é juiz de paz, numa palavra, é tudo para todos. O trabalho missionário junto aos índios, que vagueiam pelas florestas, esbarrou, até agora, em dificuldades invencíveis.

Atenção especial os missionários dedicam ao ensino escolar, no verdadeiro sentido do lema de que quem tem a escola tem o futuro. Neste aspecto, percebe-se aqui uma notável diferença entre alemães e italianos. Enquanto os primeiros contribuem de boa vontade, com grandes sacrifícios, na manutenção das escolas paroquiais católicas e enviam, mais ou menos regularmente, os filhos à aula, os italianos não se entusiasmam facilmente, nem por uma coisa nem por outra. Assim, florescem na paróquia de Brusque oito escolas paroquiais alemãs, ao lado das quais algumas italianas sobrevivem numa existência miserável. O novo prédio escolar na cidade, que ficou pronto há algumas semanas, é uma prova eloquente do espírito de sacrifício dos alemães. É verdade que pesa ainda sobre ela uma dívida de 10.000 marcos. Como está sendo difícil arranjar professores bons e competentes, um dos padres assumiu, além dos outros trabalhos, também aulas na nova escola. Com isso, a capacidade de trabalho dos três padres chegou ao limite. As Irmãs da Divina Providência, que em geral prestam um incalculável serviço na educação e assistência aos doentes no Brasil meridional, dirigem uma escola para meninas.

No âmbito da paróquia de Brusque, a alguns quilômetros da Igreja Matriz, situa-se, num estreito vale, Azambuja, que é um lugar de peregrinação muito frequentado e onde há também um hospital e uma casa de acolhimento para crianças de Primeira Comunhão. Um bonito prédio novo ergue-se agora no lugar das antigas construções acanhadas e insuficientes. O Revmo. Pe. Lux, diretor de Azambuja, desempenhou na construção, simultaneamente, as funções de arquiteto, empreiteiro, construtor e mestre de obra.

Três dias de viagem ao Norte de Brusque fica São Bento, uma paróquia cuja direção foi confiada aos nossos padres em 1904. São Bento é também uma colônia relativamente nova, fundada por imigrantes alemães, austríacos e poloneses. Incluindo os imigrantes brasileiros e um pequeno número de pessoas de outras nacionalidades, o número de almas de toda a área da paróquia é de, aproximadamente, 10.000 católicos, pastoreados por dois padres. Também índios selvagens vagueiam pelas florestas, cujo número não deve passar de 1.000 indivíduos.

A vida econômica está em conformidade com a localização da região, a 800 metros acima do nível do mar. Nos lugares mais altos, crescem todas as espécies de plantas frutíferas que dão na Europa, bem como todos os tipos de grãos e espécies de verduras e de legumes, ao passo que as terras mais baixas fornecem

produtos tropicais. A riqueza principal da colônia, no entanto, consiste no mate ou chá-do-paraguai, um chá muito apreciado na América do Sul, mas não muito pelos europeus. Também o pinheiro brasileiro, muito valorizado por toda parte como madeira de construção, rende aos colonos um bom trocado em dinheiro.

A situação religiosa não era tão boa quanto em Brusque. No decorrer dos últimos tempos, todavia, as coisas melhoraram muito. A bonita igreja paroquial, cuja construção já havia sido começada há tempo, mas sem ter prosperado muito, foi concluída sob a direção do dinâmico Pe. Stolte. Para despertar a vida religiosa, foi pregada uma missão, que reanimou o fervor religioso a tal ponto que aumentou acima das expectativas a recepção dos sacramentos e a frequência à missa, bem como a prontidão na contribuição com donativos para a igreja e escola. Esta última, que em São Bento goza de atenção especial dos padres, cresceu de maneira admirável. A paróquia de São Bento abrange uma imensa extensão territorial; para o Norte, mais de 80 quilômetros. O número de capelas é, por enquanto, ainda reduzido. As mais importantes são Campo Alegre e Lençol, com algumas mil almas cada uma. Para a educação e ensino conseguiu-se, no ano passado, Irmãs, por enquanto três alemãs, a quem se juntará em breve uma Irmã polonesa, para ensinar as crianças daquela etnia na língua materna.

Não tão favorável quanto em São Bento era a situação religiosa na paróquia de Itajaí, quando nós a assumimos em 1905, e onde trabalham quatro padres. Primeiramente, a população de Itajaí compõe-se, preponderantemente, de brasileiros. Os alemães, dos quais a metade é protestante, representam um pequeno percentual. Apesar disso, exercem grande influência, por causa de sua superioridade econômica e sua sólida religiosidade, de modo que, também em Itajaí, os alemães formam o núcleo central da comunidade. Sempre, ainda que devagar, fazem-se também aqui progressos. A melhor prova disso é que a construção de uma nova igreja, mais espaçosa, tornou-se uma necessidade imperiosa. Até quatro anos atrás, a atual modesta igreja oferecia espaço suficiente para os pouco numerosos devotos que frequentavam a missa. Desde então se multiplicou a frequência à igreja e a recepção dos sacramentos, a vida das associações animou-se e, inclusive, a vida católica tomou novo fôlego, como mostra a fundação da escola paroquial católica que, no ano passado, apesar de imensas dificuldades, foi posta em funcionamento graças às significativas doações em dinheiro. Infelizmente os missionários que ali se encontram não são suficientes para dar conta, no ritmo desejável, dos trabalhos da cura d'almas e do ensino em toda a paróquia, que conta com mais de 20.000 almas.

Como quarto local de trabalho, nossos padres assumiram, em 1906, sob os reiterados e insistentes pedidos do Bispo diocesano, a direção das paróquias de Paraty e Barra Velha, sendo, esta última, assistida de Paraty. A população se constitui quase exclusivamente de brasileiros e o único idioma em uso é o

português, o que representa um significativo alívio no trabalho da cura d'almas. Ambas as localidades gozavam, outrora, de significativa importância, mas decaíram muito após a abolição da escravidão. Enquanto, antigamente, os senhores não trabalhavam absolutamente nada e os escravos um pouco, agora ninguém faz mais nada. Águas ricas em peixe, pequena plantação de mandioca e alguns pés de banana satisfazem facilmente as poucas necessidades da sóbria população. O número de almas eleva-se a 8.000 - 10.000. Desde que os dois padres ali residentes assumiram a paróquia, muito já foi feito na cura d'almas, e o resultado superou todas as expectativas. Como em muitos lugares, também aqui a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que nossos missionários tomaram a peito, realizou verdadeiros milagres.

Em 1908, o estado de Santa Catarina foi separado do bispado de Curitiba e elevado a bispado autônomo. O novo zeloso pastor supremo das almas, Bispo João Becker, um alemão nato, confiou a nossos padres, em 1908, as paróquias de Camboriú com Porto Belo, 15.000 almas, (Camboriú havia sido assistida, por algum tempo, de Itajaí), e, em 1909, na ilha de Desterro, as três paróquias do Ribeirão, Lagoa e Santo Antônio (12.000 almas, exclusivamente de população brasileira). Dessas duas paróquias mais recentes, não há muito de satisfatório para noticiar, por enquanto. A vida religiosa encontra-se num nível muito baixo e é preciso começar tudo do início. Existem algumas igrejas, porém nelas falta de tudo e não são frequentadas. Os padres, contudo, apesar do seu reduzido número, – pois em Camboriú Pe. Spettmann está sozinho, e na ilha de Desterro trabalham dois padres, – põem corajosamente mãos à obra para limpar essa vinha do inço que nela cresceu. A presença contínua de missionários foi indispensável para proteger a pobre população contra os mensageiros dos metodistas que, com a ajuda de grandes somas de dinheiro que têm à disposição, fizeram enérgicas tentativas para firmar o pé, porém sem êxito até agora.

Queira o bom Deus, que abençoou até agora tão visivelmente o trabalho de nossos missionários, fazê-lo também frutificar com suas graças, para o qual certamente contribuirão, pelo menos com suas orações, os nossos queridos leitores e leitoras.

67

O que se pode esperar da emigração? *

Pe. H[enrique] T[eodoro] L[indgens]

Há anos, quando eu disse adeus ao velho mundo e me dirigi ao novo, encontrei no transatlântico um número não pequeno de, assim chamados, emigrantes. Eram pessoas realmente alegres. De dor da separação, nenhum sinal. Mas, também por quê? Pois estavam fugindo da antiga miséria e se dirigiam para a terra prometida onde, segundo eles, correm leite e mel. Depois de superados os primeiros dias de sofrimento dos enjoos do mar, uma alegre movimentação começou no transatlântico. Cada qual se entretinha do melhor modo possível. Alguns jogavam baralho de manhã até a noite, outros loto, outros ainda construíam casas, naturalmente sobre papel; eram plantas de suas futuras casas na floresta. Finalmente chegou à vista a tão almejada terra. O júbilo parecia não ter mais fim! "Terra", "Brasil", "Nova pátria da fortuna", etc ressoavam por toda parte. Sabe Deus o que foi tudo comemorado de alegria e de contentamento. Nós, depois de um mês de viagem, desembarcamos em São Francisco. Ao deixar o navio, disse um dos caçadores de fortuna: "Felizmente, agora têm fim nossos sofrimentos, acabou o eterno labutar, na Europa, desde cedo da manhã até tarde da noite". O comandante do navio, um marinheiro rude, disse, em sua maneira original e direta: "Ele se ilude; se lá na Europa ele precisou trabalhar muito, aqui terá que trabalhar muitíssimo".

Já me perguntei muitas vezes: "Que fim terá levado essa gente? Será que encontraram o que procuravam?" E me perguntei ainda mais: "O que se pode esperar, em geral, da emigração?"

Quero expor, no que segue, algumas ideias minhas a respeito desse assunto. Elas não têm, naturalmente, nenhuma pretensão a qualquer reconhecimento. Também não é minha intenção aconselhar ou desaconselhar quem quer que seja; prefiro deixar isso para vozes categorizadas e experientes, uma vez que não gostaria de assumir sobre esse assunto a mínima responsabilidade. Evidentemente, devo limitar meu juízo às regiões que me são conhecidas, que, todavia, não devem ser sem interesse geral, pois justamente os três Estados sulinos do Brasil, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, gozam de uma crescente deferência por parte dos emigrantes.

Na minha visão, a gente não pode declarar-se pura e simplesmente a favor ou contra a emigração. Embora não se deva negar o bom e o verdadeiro que se

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano X (1910), p. 90-93; 134-140.

encontra na sentença “Permanece em tua terra e sustenta-te honestamente”, não se pode negar que, em muitos casos, a emigração é proveitosa para o melhoramento do bem-estar material. Desde logo seja dito que, tanto aqui como lá na Europa, a fonte do sólido bem-estar é o trabalho perseverante, fatigante e pesado. A época em que o emigrante se mudava para o outro lado do oceano, tendo como únicos pertences uma pá e uma enxada e, depois de um decênio, voltava como “tio rico da América” para fazer-se admirar e invejar pelos seus parentes europeus pobres, esse tempo já pertence há muito ao passado. Trabalho duro e, o que para isso é necessário, vontade férrea, tenaz perseverança e, acima de tudo, dois braços sadios, fortes e dispostos para o trabalho são os primeiríssimos pré-requisitos.

No que diz respeito ao clima nos citados estados, é inegável que europeus, especialmente alemães, facilmente se sentem como na própria terra natal. Ousaria afirmar, até, que ele não é só mais agradável, mas também mais saudável que o europeu, depois que a gente a ele se habituou, aclimatizou. Sob esse aspecto, não há a menor dificuldade.

Quanto ao solo, há aqui e em toda parte do vasto mundo de Deus, terra boa e menos boa. Nesse sentido, aconselha-se ter cuidado na hora da escolha. A esse respeito também não se deve tomar ao pé da letra a propaganda dos agentes inescrupulosos. É sabido, à saciedade, como esses corretores inescrupulosos levaram muitos à miséria, por meio de sua inaudita propaganda. Das palavras e encômios de tais pessoas inescrupulosas, vale o antigo adágio: “O verdadeiro que eles afirmam não é novo, e o novo não é verdadeiro”. Isso vale, com certeza, para a emigração. Nesse assunto, nunca é demais recomendar cuidado.

De modo geral, eu não aconselharia aos trabalhadores da indústria a emigrar enquanto não tiverem em vista aqui uma colocação segura. Eles esbarram aqui nas maiores dificuldades, pois precisam começar um trabalho que até agora lhes era totalmente desconhecido, um trabalho que requer não só boa vontade, mas também experiência; a saber, eles precisam dedicar-se efetivamente à agricultura. É verdade que no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina a indústria se encontra em constante desenvolvimento; todavia, ainda não está atualmente tão desenvolvida para poder oferecer postos de trabalho suficientes para uma imigração em massa. Acontece, então, que trabalhadores da indústria sentir-se-ão obrigados a passar ao trabalho da lavoura segundo métodos daqui e, com isso, geralmente perdem em qualificação. Com semelhante mão de obra também não fica servido o país e o governo; pois, embora o governo favoreça a imigração e conceda muita subvenção aos novos imigrantes, precisa, no entanto, ficar atento para que sejam transplantados para cá elementos idôneos. Não se pode condená-lo pelo fato de não querer receber novos imigrantes inadequados; nesse caso, o governo se imporia um enorme fardo para seu próprio dano.

A situação é totalmente outra quando se trata de artesãos. Na Europa reclama-se muito da superprodução. As enormes fábricas, com suas imensas máquinas, fornecem quantidade admirável de produtos em curtíssimo tempo, motivo pelo qual é quase impossível a sobrevivência dos artesãos domésticos. Pelo menos no que diz respeito ao preço, a manufatura não pode competir com a produção das máquinas e, com isso, os autônomos são frequentemente obrigados a fechar seu posto de trabalho e procurar emprego em algum estabelecimento industrial maior.

Esse não é o caso aqui. Não sendo a grande indústria tão desenvolvida aqui como na Europa, é o trabalho artesanal o preferido e também, não raro, o mais barato, uma vez que produtos importados estão cobertos de taxas alfandegárias muito altas. Artesãos como sapateiros, alfaiates, funileiros, marceneiros, tanoeiros, pedreiros, seleiros, fabricantes de carroças, etc, nunca precisam queixar-se da falta de serviço e, como seu trabalho é geralmente bem pago, podem alcançar, com o tempo, uma existência segura e um razoável bem-estar. O que para uns é difícil conseguir na Europa, é relativamente fácil conquistá-lo aqui. No Brasil o artesanato tem, de fato, ainda um "solo de ouro". Isso posto, para quem domina realmente bem uma profissão – pois incompetentes não servem em lugar algum – não se deveria necessariamente desaconselhar a emigrar, tão logo o artesão perceba que não terá sucesso na Europa. Entre meus conhecidos daqui há um grande número desses artesãos honestos que, apesar de sua família numerosa, levam uma vida segura, têm bonitas casas e adquiriram uma pequena área de terra onde praticam a horticultura nas horas de folga. Em geral cultivam também um belo jardim e têm também algumas cabeças de gado. Tudo isso eles conseguiram graças ao trabalho artesanal; contudo, só depois de muitos anos, a duras penas, preocupações e árduo trabalho.

Assiduidade e parcimônia asseguram-lhes um fim de vida tranquilo, que podem gozar em seu magnífico lar no chão da própria terra. Essa é aqui a situação geral dos artesãos. Com isso não se quer dizer que todos, sem exceção, conseguem esse nível de vida; todavia, com certeza, a maior parte. Não há motivo de se temer que, a curto prazo, imigre um número excessivo. Está fora de dúvida que este imenso país sempre se desenvolverá mais. Por toda parte florescem novas colônias que logo se transformarão em pequenos povoados, com animado movimento e vida nova. Não demorará muito e o Brasil poderá comparar-se a qualquer país europeu, em termos de desenvolvimento. O que hoje já se pode dizer com toda a razão de muitas cidades, principalmente porque se apresentam em igual condição de suas irmãs europeias, poderá ser afirmado num futuro não muito distante de toda a grande República. Quando, um dia, forem desenterrados os imensos tesouros que esta terra contém, o Brasil ocupará um dos primeiros lugares entre as potências do mundo.

Voltemos, porém, novamente para a atualidade. Ainda que, como já foi dito, os artesãos possam encontrar um bom progresso aqui, e a vinda de novas levas seja vista com bons olhos, deve-se, contudo, dar destaque aos colonos, que são desejados pelo governo, pois fazem falta ao país. É esta também a meta da maioria dos emigrantes; eles querem ser "colonos", isto é, querem aqui, em terra estrangeira, fundar um novo lar com base na agricultura e na criação de gado, ambicionam ser um dia senhores de si, no seu pedaço de terra. Por isso, segundo a maneira de compreensão daqui, é colono aquele que consegue uma área de terra mediante compra, desbrava-a, constrói nela uma casa e trabalha na lavoura. Dele se espera que desbrave a floresta e, através do seu trabalho, faça surgir florescentes propriedades que sirvam e honrem a si e ao país.

A República do Brasil cobre uma área de 8.337.218 quilômetros quadrados[1] (é, portanto, 16 vezes maior que o reino da Alemanha) e tem aproximadamente 16.000.000 de habitantes, o que dá dois habitantes por quilômetro quadrado. A Alemanha, com seus 540.000 quilômetros quadrados, abriga 63.000.000 de habitantes; portanto, conta com 117 habitantes por quilômetro quadrado. Dessas cifras pode-se deduzir quão imensas áreas de terra ainda se encontram incultas; imensas florestas e campos esperam aqui pela mão do agricultor. Daí o desejo dos governantes de incrementar a imigração; a terra baldia é sempre um capital morto. Por isso, é feita também a propaganda, na Europa, para conseguir imigrantes. Os imigrantes alemães não são, com certeza, os menos desejáveis, pois se mostram, por toda parte, como ótimos colonos e eficientes trabalhadores. Um outro motivo é este: o colono alemão agarra-se com toda a alma ao pedaço de terra que conquistou com suas próprias forças, que fez frutificar com seu próprio suor. Ele nunca abandona a sua terra; nela sente-se em casa e não pensa em voltar à sua antiga pátria, mesmo quando lhe faltam os meios necessários; em outras palavras, ainda que tenha permanecido alemão até o âmago, na língua e nos costumes, ele é, em plena consciência, "brasileiro". Ele ama o país que se tornou para ele a segunda pátria, que lhe deu os meios de levar uma existência independente, e por isso ele fica.

O mesmo não acontece, com tanta frequência, entre os colonos de outras nacionalidades. Muitos, principalmente os italianos, vêm para cá para ganhar dinheiro o suficiente para comprar uma pequena propriedade em sua terra natal. Quando o conseguem, voltam as costas para o Brasil. É compreensível que, com estes, o país só recebe meio serviço.

Deve-se, então, aconselhar a qualquer um que tenha vontade, amor e saúde para o trabalho agrícola, a emigrar sem demora para o Brasil? Não se pretende, de modo algum, dizer isso. A falta de mão de obra é, a cada ano que passa,

1 A área territorial do Brasil é de 8.515.767 km^2.

mais perceptível, principalmente na Alemanha. Quem, portanto, quiser aumentar essa carência emigrando para outros países, prestará um péssimo serviço à terra natal. Também o trabalhador individual em semelhante situação poderá se manter melhor lá, uma vez que os salários deverão estar em proporção à demanda. Não obstante isso, é muito mais difícil para um trabalhador agrícola conseguir uma existência confortável na Alemanha do que aqui. É necessário um capital relativamente grande para comprar terra, mesmo que sejam apenas alguns hectares, e isso, certamente, dentre muitos, só uns poucos privilegiados pela sorte o conseguem. Aqui é bem diferente. É muito natural entre o povo simples que o preço das terras seja bem baixo. Não é, portanto, pesado demais conseguir comprar uma propriedade bastante extensa. Alguns mil marcos são suficientes para um modesto começo. Nisto consiste, na minha opinião, a principal dificuldade. Eu jamais aconselharia alguém a emigrar, se não dispuser de, pelo menos, 1.000 a 2.000 marcos. É bom que ele tenha o suficiente para pagar logo sua terra. Existe também a possibilidade de tomar emprestada a quantia necessária para a compra, pensarão muitos imprudentes. Com certeza isso não está excluído. Deve-se, todavia, considerar que, também aqui, o emprestar dinheiro não faz amigos. Certamente não faltarão os que emprestam dinheiro por uma alta taxa de juros; nesses casos, é usual 1% ao mês. Isso perfaz 12% ao ano; portanto, verdadeira agiotagem. Se, pois, um colono pobre tomou emprestado um capital em tais condições, permanecerá, em 99% dos casos, um homem pobre pelo resto da vida. Ele precisa trabalhar muito para conseguir, juntamente com o precário sustento da família, o dinheiro para pagar os juros. É praticamente impossível pensar no abatimento da dívida; trabalha, portanto, sempre para estranhos e certamente nunca estará em condições de conseguir uma propriedade livre. Nesse ponto, nunca se aconselha cuidado suficiente. Muitos já se deixaram seduzir por tais ofertas amistosas; só mais tarde perceberam o erro, sem dúvida tarde demais. Judeus e cristãos-judaicos existem por toda parte no mundo; por eles não se pode responsabilizar o país.

Existe ainda outro método reprovável, que muitos usam para se enriquecer às custas de seus próximos. Alguém, por exemplo, possui grandes extensões de terra que, pelo fato de não conseguir cultivá-las, não lhe trazem nenhum lucro. Decide, então, estabelecer ali colonos rendeiros. O proprietário cede-lhes terra para usufruto, em troca do pagamento de uma renda. Também, nesse caso, o pobre só trabalha para o seu cordial senhor e raramente lhe sobrará o suficiente para comprar terra própria. Daí me parece ser condição essencial que, a par dos requisitos corporais, também seja necessário um pequeno capital.

Não quero fazer regra geral dos casos acima citados, mas apenas apontar para um perigo subjacente. Alguém totalmente sem recursos precisaria encontrar pessoas bem seguras e desinteressadas, capazes de ajudá-lo. Então, com certeza,

ser-lhe-ia mais fácil, mesmo que demorasse mais tempo, tornar-se seu próprio senhor. Nas regiões colonizadas pelo governo, a terra é cedida aos colonos por um preço mais módico e o pagamento pode ser feito depois de alguns anos e sem juros. Juros são cobrados apenas depois de terminado o prazo estipulado para o pagamento.

Supondo que alguém tenha à disposição tudo o que é necessário para emigrar, como as coisas se desenrolarão segundo cálculos humanos? Em primeiro lugar, é preciso adverti-lo de que não lhe faltarão desilusões. Há não muito tempo me entretive com um colono abastado. Como sempre, chegamos logo ao assunto Europa. Isso é compreensível; as pessoas idosas gostam de conversar sobre sua antiga pátria e, embora já vivam atualmente aqui numa situação melhor que aquela que jamais conseguiriam lá, a Alemanha lhes parece o paraíso perdido. Talvez porque o agradável, o que vivenciaram lá, ficou na sua lembrança, ao passo que o desagradável desapareceu, há muito tempo, de sua memória. Assim, o mencionado colono falou-me dos primeiros tempos. Citou-me um conhecido amigo que emigrou antigamente e que ele decidiu emigrar baseado nas informações desse seu amigo. À minha pergunta, se teria sido informado erroneamente, ele respondeu "não". E acrescentou: "Meu amigo escreveu-me dizendo que era proprietário de determinada área de terra, etc. Com minha concepção europeia, eu o tinha como rico e queria partilhar de sua sorte. O que ele escreveu estava literalmente correto. Mas eu havia imaginado tudo totalmente diferente". Ele estava, portanto, muito desiludido. Isto sucede à maioria, para não dizer a todos, precisamente porque um agricultor alemão não tem como fazer uma ideia da situação daqui. O método de cultivar a terra é, pelo menos nos primeiros anos, fundamentalmente diferente daquele da Alemanha e deve ser primeiro aprendido.

Quando, na Europa, se ouve falar dos baixíssimos preços das terras daqui, a gente as imagina como se as conhece na velha pátria. Assim, é facilmente compreensível que o imigrante fique surpreso com a terra que lhe foi indicada, pois não é nenhum rico prado ou bela campina. Antes, é colocada à sua disposição a, assim chamada, "terra devoluta", isto é, terra outrora coberta de floresta intransponível, da qual o governo ou os especuladores de madeira já extraíram as árvores de melhor qualidade e agora só resta madeira de pouco valor, árvores de qualidade mole e capoeira da altura de um homem. A terra é previamente medida pelo governo, os imigrantes são conduzidos para lá e devem então começar a fundar no meio da mata verde um novo lar.

Primeiramente são procurados quatro bons postes, que são cravados na terra e feitas paredes e telhado de folhas de palmeira entrelaçadas. Essa habitação, extremamente primitiva, deve servir de moradia ao colono pelo menos nas primeiras semanas. É facilmente compreensível que o ânimo de um menos corajoso sucumba e que somente a esperança de uma situação melhor num futuro

próximo seja capaz de mantê-lo disposto. Um colono já grisalho, que agora vive em condição confortável, falou-me a respeito disso o seguinte: "Por insistência de minha mulher me desfiz, na Alemanha, de minhas posses que, se não eram boas, eram, pelo menos, seguras. Minha mulher quis mudar-se também para o Brasil, pois quase todos os seus parentes já haviam emigrado. A travessia, que naquela época ainda tinha que ser feita num veleiro, demorou muito e trouxe fadigas e sofrimentos de toda sorte. Mesmo assim, estávamos todos contentes e suportamos os sofrimentos da viagem com paciência, na firme esperança de que, com o fim da viagem marítima, também nossas privações chegariam ao fim. Para nosso não pequeno espanto, depois que deixamos o navio, precisávamos viajar bastante longe, terra adentro, e por horríveis caminhos, mas sempre ainda dispostos. Porém, quando nos foi mostrado o lugar onde devíamos ficar, minha mulher rompeu em lágrimas, pois algo assim ela não havia esperado. No meio da floresta, sem teto!"

Construção do rancho na floresta.

Hoje as condições são outras. Atualmente o governo auxilia melhor os imigrantes que naquele tempo. Os caminhos são significativamente melhores, de modo que a viagem é muito mais leve e confortável. Mas, mesmo assim, todo começo é, aqui, muito difícil. O colono está totalmente entregue à própria sorte; em tudo ele mesmo deve dar um jeito, ele deve aprender a se virar sozinho, em todas as situações. É preciso, portanto, logo no começo, estar atento para colocar suas benfeitorias debaixo do próprio teto. Deve também, sem

demora, começar com o preparo da terra e com a plantação. À mulher assídua não faltará lenha para o rudimentar fogão. Tão logo foram feitos os primeiros trabalhos, ele deixa exposto ao sol o que foi derrubado. Em pouco tempo tudo seca e, então, ateia fogo, o qual deixa, como resíduo, a cinza que serve como bom adubo para o solo. Não é necessário temer queimadas de floresta, que têm como consequência a terrível desertificação; o mato úmido, com a lenha molhada espalhada pelo chão, está imune a qualquer perigo de incêndio.

Uma vez que os trabalhos chegaram a esse ponto, começa a primeira semeadura, não com arado e grade – desses não dá, por enquanto, para fazer uso aqui – mas com a enxada, com a qual é feita uma pequena cova onde é entregue à terra virgem o grão da semente, depois coberto com terra. Assim a terra, aqui conhecida em geral como roça, está cultivada. Se o tempo for favorável, produzirá os mais belos frutos em quatro a cinco meses.

Mas, até essa data, a família do colono precisa viver. Se o colono puder custear seu sustento com recursos próprios durante alguns meses, de modo que fique livre de dívidas, então sua situação está praticamente garantida. Da rica safra lhe sobrará o suficiente para substituir seu rudimentar rancho de palmitos por uma casa espaçosa de madeira, que nos primeiros anos lhe servirá como lar confortável. Ele formará um pequeno rebanho, o que não lhe custa muito; progredirá de ano para ano, até que a casa de madeira ceda lugar a uma bonita e imponente casa de tijolos, onde poderá passar os dias da velhice até o fim da vida, em companhia dos mais jovens. Assim, ele chegou ao fim de suas aspirações, mesmo que após duro trabalho e pesadas preocupações. Ele vive na sua própria gleba, livre de preocupações com o sustento, como seu próprio senhor, em simples mas confortáveis e saudáveis condições. Sua energia e seu trabalho lhe proporcionaram uma existência que, talvez, a velha pátria jamais pudesse lhe oferecer.

Do que foi dito, facilmente pode-se deduzir que, para começar uma propriedade rural, é necessário um pequeno capital; sem este será difícil, pelo menos nos dez primeiros anos, economizar o suficiente para manter-se por conta própria. Se o colono não estiver animado de uma extraordinária vontade de trabalhar e não estiver emparelhado com um excepcional espírito de economia, dificilmente se livrará das dívidas contraídas e sequer deixará algo em herança para os filhos. Com poucos meios, alguém deveria pensar duas vezes antes de emigrar, pois nesse caso poderia se confirmar um antigo ditado que diz: "Primeiro fazer e depois pensar, fez a muitos na desgraça penar".

É certo que o Brasil se desenvolve sempre mais. Muito já foi feito e o elemento alemão tem parte eminente nessa obra. O Brasil tornou-se a segunda pátria para quatrocentos a quinhentos mil alemães. As colônias alemãs de Dona Francisca, Hansa, Brusque, entre outras, apontam para as melhores esperanças. Demorarão ainda algumas décadas até que as extensas regiões estejam todas

O primeiro lar na floresta.

povoadas. Então, onde hoje se erguem as imensas florestas, surgirão viçosos povoados no meio de belíssimos campos; quintas e mais quintas serão habitadas por colonos alemães; ferrovias atravessarão o país; capricho e força de vontade alemã trabalharão aqui para o orgulho e glória da antiga e da nova pátria.

O começo foi feito. A sementeira brotou exuberante. Muito, muitíssimo ainda resta por fazer. Em relação à igreja e à escola quase não se pode falar, por enquanto, em favor da emigração porque as dificuldades são imensas por causa das grandes distâncias. Também nesse aspecto, as coisas melhoram a olhos vistos, graças aos dedicados padres de congregações religiosas alemãs, que se dedicam à cura d'almas no Brasil, em número felizmente cada vez maior.

Que as mais ricas bênçãos divinas desçam sobre esse campo, como também sobre a atuação das forças alemãs na obra da colonização, para que nossos queridos compatriotas, que procuraram e encontraram no Brasil sua segunda pátria, não usem os recursos que obtiveram na área econômica em prejuízo da salvação da alma.

68

Um Congresso católico brasileiro*

Já tivemos, várias vezes, a ocasião de informar sobre os progressos da Santa Igreja e do florescimento da vida católica no rico e promissor Brasil. Sempre defendemos a opinião de que a Igreja Católica, no Brasil, tem um futuro maravilhoso pela frente, embora, na atualidade, o deixe a desejar em muitos aspectos. Recentes notícias que nos chegaram confirmam novamente a exatidão dessa opinião.

Há alguns anos, vêm-se realizando no Brasil congressos católicos segundo o modelo alemão, mas que não são comparáveis em grandiosidade e brilho aos da Alemanha. Mesmo assim, no entanto, trouxeram muita coisa boa e prometem muito sucesso para o futuro. Infelizmente compareceram a essas cerimônias quase só católicos alemães, ao passo que os brasileiros, só com dificuldade, se deixaram despertar da antiga tibieza e, de modo geral, ficavam de lado, sem tomar parte. Nesse aspecto, todavia, realizou-se ultimamente uma agradável virada para melhor. Celebrou-se, nos últimos dias de janeiro, um Congresso católico no estado de Minas Gerais – o primeiro nesse estado – que transcorreu de modo brilhante. A iniciativa do Congresso veio dos brasileiros; aliás, nessa região há poucos católicos imigrantes.

Do jornal *Der Kompass* tiramos as seguintes particularidades:

"No dia 31 de dezembro, já chegaram os prelados que haviam anunciado sua participação no Congresso, entre eles o Arcebispo de Mariana, o Bispo de Diamantina e o Bispo de Campanha. A solene sessão de abertura aconteceu às 19 horas, na grande sala da academia que os Padres da Congregação do Verbo Divino haviam colocado à disposição dos trabalhos do Congresso e que fora preparada de propósito para essa finalidade. Atrás e ao lado da mesa do presidente encontrava-se o retrato do Santo Padre Pio X, a estátua da Imaculada Conceição e a de São José.

"A grande sala, que comporta mais de 800 pessoas, estava cheia até o último lugar. Quando os prelados com os representantes das comissões entraram, a banda tocou o hino da diocese, cantado por todos, em pé. Depois que o último acorde silenciou, o Exmo. Sr. Arcebispo abriu a sessão com a saudação católica "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", ao que os congressistas responderam "Para sempre, amém". O presidente da comissão preparatória, Dr. Joaquim

---

* *Das Reich des Herzens Jesus*, ano X (1910), p. 234-237; 278-281.

Furtado de Menezes, subiu então à tribuna e fez o discurso de saudação. Em sua alocução, ele expressou quão importante é fazer frente às ideias anticristãs que, cada vez mais, tomam conta do Brasil. Mostrou ainda que o Brasil, como outros países, sofre com duas das piores consequências da Revolução Francesa: o endeusamento do Estado e a negação de Deus. Em especial o segundo, cujas consequências se fazem perceptíveis entre nós. O bom povo brasileiro tem a feliz sabedoria de ainda não abandonar a fé em Deus, mas o Estado, sim. Enquanto os católicos dormiam, os inimigos baniram Deus da Constituição, do livro das leis, da língua oficial e, inclusive, da escola. "Os inimigos da religião obrigaram o povo brasileiro, que é inequivocamente católico, a ser oficialmente ateu. Que loucura! Porventura não sabem aqueles senhores que o patriotismo ateu é uma utopia para a religião e o lar? Não sabem eles que a autoridade se vai, tão logo o quarto mandamento é abolido; que então qualquer preceito se afigura como tirano, qualquer restrição da liberdade como opressão, qualquer dever como jugo insuportável? Não sabem eles que, no hálito venenoso da escola sem Deus, a juventude não é educada, mas deformada? Não sabem eles que a justiça humana sem Deus não merece confiança, e que a negação de Deus favorece a vingança e a anarquia? Tudo isso os senhores já sabem muito bem, mas o inimigo de Deus não tem nem pátria nem amor ao próximo; não pode tê-las e por isso pouco lhe importam as tristes sequelas que a descristianização do Brasil terá necessariamente como consequência. O católico não pensa assim. O amor à pátria só é ultrapassado por um outro e pressupõe este: o amor a Deus. Nós nos reunimos aqui para estudar os meios com os quais poderemos dominar a momentânea crise. Trata-se de manter vivo na alma do povo o amor a Deus e, consequentemente, também o amor à pátria. Que todos os católicos do Brasil, assim sentimos, pois há urgente necessidade, coloquem um dique na correnteza da descristianização, uma vez que aqui em Minas, mais que em qualquer outro estado, essa batalha foi provocada por pessoas sem Deus e sem consciência." A essas últimas palavras do orador, seguiu-se uma verdadeira onda de aplausos. Depois foi eleita a presidência da mesa. Falou ainda o Dr. Francisco Valadares que, em nome da cidade de Juiz de Fora, saudou os congressistas, cuja saudação foi respondida pelo secretário do Exmo. Sr. Bispo de Diamantina, Pe. R. Torres. A sessão foi encerrada com a resolução de se enviar um telegrama de saudação ao Santo Padre, o Papa Pio X, ao Núncio Apostólico, à sua eminência o Cardeal Arcoverde e ao governador do estado de Minas.

"Os trabalhos do primeiro dia foram distribuídos da seguinte maneira: às 8 horas o Exmo. Sr. Bispo de Campanha celebrou a Santa Missa, à qual assistiram o Exmo. Sr. Arcebispo e os participantes do Congresso. Após a Santa Missa, os membros da Comissão para a Imprensa e Arte Cristãs reuniram-se em uma sessão especial para sugerir as respectivas questões. Às 12 horas encontraram-se

os membros do congresso no anfiteatro, para uma assembleia geral; o Dr. Lúcio dos Santos apresentou aos congressistas o resultado da reunião da Comissão para a Imprensa e a Arte Cristãs. Para a criação de uma imprensa católica, a comissão fez as seguintes propostas: 1. Todos os párocos e todos os católicos devem considerar como dever de honra trabalhar na difusão de bons jornais. 2. As associações cristãs devem entrar em contato com as redações a fim de conseguir que os jornais destinados às classes mais pobres sejam fornecidos por um preço mais baixo ou totalmente de graça. 3. Que todos se empenhem para subvencionar algum jornal que mais se aproxima do nosso ideal; entre eles, principalmente os que são editados nas grandes cidades. 4. Os citados jornais deverão vir ao encontro da situação da época, de modo que deem conta integralmente dos desafios atuais. 5. A par dessa propaganda para a imprensa católica encabeçada especialmente pelas associações, o clero tome a peito trabalhar com todas as forças contra a imprensa imoral e sem religião.

"Com relação à arte cristã, a comissão propõe o seguinte:

1. Que a imprensa cristã não se canse de instruir o povo sobre o valor, ou melhor, o não-valor, as características e consequências da arte não cristã. 2. Que as associações católicas coloquem uma barreira contra a arte anticristã, mediante a apresentação de boas peças teatrais e boas projeções cinematográficas. 3. Que os bons escritores católicos coloquem sua pena a serviço de obras católicas. 4. Que as confrarias e associações se interessem pela formação da juventude, por meio de trabalhos e apresentações artísticas. 5. Que se exerça uma influência sobre os livreiros a fim de que renunciem à venda de cartões postais e calendários indecentes. 6. Que se dirija um apelo aos mais idosos e pais de família para que apoiem, nesse sentido, os esforços do Congresso. À leitura dessas propostas, seguiu-se um animado debate, cujo resultado foi a constatação de que não temos efetivamente uma imprensa católica diária organizada e que os jornais diários da capital não correspondem às exigências que o Congresso faz de um periódico católico.

"Como era de se esperar, foi muitíssimo concorrida a conferência da noite, aberta ao público; a plateia havia sido informada, por meio de folhetos diários, que o Conde de Afonso Celso[1] falaria sobre a imprensa e arte cristãs. Teria sido difícil aguardar algo melhor sobre o tema do que aquilo que o Conde de Afonso Celso apresentou ao público, quando mostrou o que é a imprensa, como ela deve ser, o que ela não deve ser; como a arte cristã é, na origem, devedora à Igreja Católica em todas as suas manifestações, foi por ela cultivada e nela alcançou seu

---

1 **Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior**, titulado **Conde de Afonso Celso** pela Santa Sé, mais conhecido como **Afonso Celso**, (Ouro Preto, 31 de março de 1860 – Rio de Janeiro, 11 de julho de 1938) foi professor, poeta, historiador e político brasileiro. É um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira 36.

maior florescimento e desenvolvimento. Alguns minutos de aplausos ininterruptos recompensaram as maravilhosas explanações do ilustre orador.

"O programa do segundo dia foi o estudo da tese: escola e educação. A comissão encarregada dessa tese apresentou ao Congresso as seguintes propostas: 1. Há urgente necessidade de se criarem cursos de filosofia que, baseados em princípios cristãos, ofereçam, como remédio principal, resguardar os jovens das falsas teorias modernas. 2. Que se insista, por toda parte, na colocação em prática do decreto do Santo Padre, o Papa Pio X, *Acerbo nimis*, e se procure conseguir junto às autoridades civis que seja observado o artigo 72 da Constituição, no sentido de que o ensino cristão católico não seja excluído das escolas públicas. 3. O atual currículo oficial é ateu e inimigo da religião; as escolas públicas são mantidas pelos impostos a cujo pagamento todos os cidadãos católicos são obrigados; nesse sentido, os católicos são forçados a manter uma obra que a consciência deve condenar. A maneira como o governo procede é uma intolerância e resulta da falsa interpretação do referido artigo da Constituição. Por isso, o Congresso pede justiça ao governo, isto é, que permita ao menos o ensino facultativo da religião nas escolas oficiais e que, com respeito às escolas particulares, limite sua fiscalização ao número e frequência dos alunos, às horas e currículo, à situação de higiene, mas que não se ocupe com os princípios religiosos segundo os quais as respectivas escolas são regidas.

"Depois que, na noite anterior, o Dr. Afonso Celso discursou, temeu-se que seria difícil ou quase impossível ao próximo orador cativar a atenção e o interesse dos ouvintes e manter o Congresso em alto nível. Mas a conferência que o Dr. Lúcio dos Santos fez, na noite do segundo dia, sobre a irreligiosidade da juventude de hoje, mostrou quão sem fundamento foi esse temor.

"O tema para os trabalhos do terceiro dia foi a caridade cristã, como as caixas católicas de ajuda e de socorro a doentes. Depois que esse tema foi tratado na reunião da comissão, as sugestões dela emanadas foram apresentadas ao Congresso na assembleia geral, para apreciação. Nessa ocasião, falaram o Dr. Campos Amaral, que saudou em nome do Congresso o recém-chegado Bispo de Taubaté, e o Dr. Figueiredo, sobre a caixa de ajuda e socorro para doentes. Na sessão pública da noite, o Dr. Pinto de Moura versou sobre o tema: a religião e os pobres.

"No quarto dia o assunto da conferência foi a União Popular Católica, tanto na sessão fechada como na assembleia geral. À noite falou o Dr. Campos Amaral, sobre a união dos católicos. Alvo de muito louvor e admiração foi o ainda jovem, mas talentoso orador que, durante quase uma hora, conseguiu cativar a atenção dos ouvintes com a muito interessante e instrutiva exposição desse não fácil assunto. Outro prazer oferecido à reunião foi a palestra que o vice-presidente, o Dr. Baeta Neves, fez sobre a vida católica na América do Norte. Durante sua longa permanência nos Estados Unidos, ele teve a oportunidade de observar

de perto a situação dos católicos na nossa República irmã. Sua palestra foi tanto mais valiosa pelo fato de o público ouvinte ter-se acostumado a ver em cada americano um sectário, por causa da propaganda provocadora dos metodistas norte-americanos, ideia essa que, demonstrou o orador, não corresponde, em absoluto, à verdade e realidade.

"O ponto alto aconteceu, sem dúvida, no último dia, a 6 de janeiro. Às 9 horas o Exmo. Sr. Arcebispo de Mariana entrou, acompanhado pelos demais prelados, na Igreja Matriz, onde foi recebido pelo clero paroquial. O coro cantou o *Ecce sacerdos magnus*. Logo em seguida teve início a solene missa pontifical, presidida pelo mesmo Exmo. Sr. Arcebispo, com a numerosa assistência do clero. Ao evangelho, o Vigário Geral de Taubaté, Monsenhor Nascimento Castro, subiu ao púlpito e fez um entusiástico sermão relacionado ao evangelho da festa.

"A sessão final, na noite da festa dos Reis Magos, teve a forma de uma imponente manifestação. A grande sala da academia encontrava-se cheia até o último lugar. Quando entraram os quatro príncipes da Igreja, a banda musical entoou o hino, ao qual toda a assembleia reagiu entusiasmada. Com a saudação "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", foi aberta a sessão, e o 2º secretário leu a ata da sessão anterior. Seguiu-se a leitura dos telegramas recebidos. Foram recebidos com grande júbilo os telegramas do Santo Padre, de sua eminência, o Cardeal, do Núncio Apostólico e do Bispo de Uberaba. O Dr. Raul Penido subiu à tribuna e protestou, em nome do Congresso, contra os ataques difamadores que um jornal local fez durante os dias do Congresso contra a digníssima pessoa do senhor Arcebispo e exortou cada uma das comissões a executarem, com energia, as resoluções tomadas, especialmente as que dizem respeito ao ensino. O orador seguinte foi o Dr. Furtado de Menezes. Em sua palestra bem pensada, içada pelo mais nobre entusiasmo, lançou ele um olhar retrospectivo sobre os trabalhos do Congresso Católico e exortou os membros a continuarem trabalhando com entusiasmo, segundo o maravilhoso programa que o Santo Padre nos prescreveu nas palavras *Instaurare omnia in Christo*. Cristo deve vencer, Cristo deve reinar! Nesse triunfo, nesse reinado também nós encontramos a felicidade da pátria, nossa felicidade pessoal, a felicidade da família. No reino de Cristo encontramos a verdadeira igualdade, liberdade e fraternidade. Ainda que todos os sentimentos desapareçam do coração dos brasileiros, ainda que nele se extinga todo o amor, um amor lhe resta, é o amor a Deus. E esse ninguém pode, seja quem e quando for, tirar-lhe do coração. O brasileiro, o mineiro, é e permanece filho fiel de sua mãe, a Santa Igreja Católica. Jesus Cristo sempre reinará sobre o Brasil e a cruz é a propriedade inalienável do Salvador. Aplausos retumbantes que não tinham fim seguiram-se às últimas palavras do orador. A multidão prorrompeu em entusiásticos vivas ao modesto e tão benemérito organizador do primeiro Congresso Católico.

"Como último orador, foi apresentado à reunião e saudado com júbilo pelos assistentes, o Exmo. Sr. Bispo de Diamantina. Num brilhante discurso, ele tributou louvor e aplausos aos honrados homens que convocaram e dirigiram o Congresso com tão grandes sacrifícios e com tanta competência. Parabenizou e agradeceu os oradores que, de maneira tão digna, fizeram justiça à sua tarefa, e estimulou todos a continuarem seguindo no caminho já iniciado. O maior mal do nosso tempo, disse ele, já está vencido: a pusilanimidade. 'Vós tivestes a coragem de mostrar o que sois, que vossas obras concordem com vossas convicções e, por esse triunfo, recebam os mais sinceros parabéns. Não são poucos os combates que nós católicos brasileiros já perdemos, mas ainda há vida em nós e isso o Congresso comprovou. O mundo está aí para ser ainda conquistado. Chefes não faltam e os soldados contam-se aos milhares. Sede unidos! Na união está a força, na união a vitória.' O Exmo. Príncipe da Igreja encerrou sua maravilhosa alocução com um viva ao papado e ao atual Santo Padre, o Papa Pio X.

Com a bênção do Exmo. Sr. Arcebispo de Mariana e o canto do hino, terminou o último dia do Congresso Católico. Todos os participantes dirigiram-se para o pátio da academia, onde fora construído um altar ao ar livre, sobre o qual, iluminado por muitíssimas lâmpadas elétricas, ostentava-se a estátua do Sagrado Coração de Jesus. Em procissão, o Santíssimo foi levado, no ostensório, da capela para o altar, e exposto publicamente. O Exmo. Sr. Bispo de Campanha entoou o *Te Deum*, que foi então cantado alternadamente pelo clero e pelo coral polifônico. Foi um momento extraordinariamente solene. Céu e terra pareciam querer unir-se em um enorme uníssono, para honra e louvor daquele em cujo nome, sob cuja divisa havia-se reunido o Congresso: Jesus Cristo no santíssimo sacramento do altar, louvado e bendito por toda a eternidade. Forte e como um maravilhoso eco, ressoaram os sublimes acordes do hino de louvor ambrosiano, através do silêncio da noite, até os pés do monumento do redentor, construído no alto do morro, como símbolo da fé e da vida católica dos cidadãos de Juiz de Fora. E do firmamento olhavam as estrelinhas cá para baixo, em silencioso e calmo esplendor e, como numa saudação do alto dos céus, luzia sobre a cidade e o país, em brilho estelar, o sublime sinal de nossa salvação; e então, o último e mais solene momento: a bênção com o Santíssimo. As pessoas fizeram o que puderam. Depositaram sua obra nas mãos de Deus e aguardam sua bênção para o crescimento. Silenciosa, a multidão se ajoelha, enquanto o Bispo dá a bênção com o ostensório. Sim, ó Jesus, salvador sacramental, a ti seja recomendado este Congresso Católico. Em teu nome, para teu louvor ele se reuniu, em teu nome, para tua honra ele trabalhou. Abençoa-o, faz frutificá-lo, abençoa os bravos homens que chamaste para trabalhar na renovação do espírito cristão. Conduze-os ao termo, conduze-os ao triunfo, para o bem da Igreja brasileira, para o bem do povo brasileiro!"

69

O perigo alemão no Brasil, do ponto de vista brasileiro*

Pe. José Rogmann

Não é, de modo algum, objetivo e tarefa de nossa Revista do Sagrado Coração, entrar na arena da querela partidária e dos conflitos nacionais, mas, apenas e unicamente, trabalhar para que o amor e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus aumentem sempre mais entre as pessoas. Nesse sentido, ela informa também sobre os trabalhos e sacrifícios dos missionários que consagram sua atividade a esse fim.

As condições políticas e a situação nacional podem, com certeza, intervir, incentivando ou dificultando a atuação dos missionários, de modo a obriga-los, por vezes, a tomar em consideração questões políticas e de nacionalidades. Embora as mais diferentes nacionalidades vivam lado a lado em solo brasileiro, mesmo assim, graças ao espírito sadio da população e do discreto procedimento dos missionários, foram evitadas, até agora, maiores perturbações. Se os adversários da Alemanha, com sua suspeição à política alemã no Brasil, encontrassem ouvidos atentos, então seria incalculável o dano para a atuação dos missionários alemães. Até agora, contudo, sua campanha difamatória não teve muito sucesso. Depois que as desconfianças contra a Alemanha já foram, em parte, friamente recusadas, em parte firmemente repelidas mais vezes por políticos e estadistas brasileiros, um alto oficial brasileiro em Florianópolis (Desterro) tomou a palavra sobre essa questão. Ele escreveu o seguinte artigo, cheio de ironia sobre a inveja que os americanos, ingleses e franceses têm da Alemanha, que o Pe. José Rogmann, de Itajaí, gentilmente nos enviou. O autor nasceu em Santa Catarina e mora na capital de seu estado natal, de modo que aprendeu a conhecer, por própria experiência, os alemães que constituem, no estado de Santa Catarina, a terça parte da população. Em seu livro *Chorographia de Santa Catarina*[1] (descrição do estado de Santa Catarina), ao descrever o município de Blumenau, fundado por imigrantes alemães, ele expôs o seguinte:

"Blumenau é o mais importante dos municípios do estado. A sua população compõe-se de alemães e filhos de alemães e de não poucos italianos.

---

* *Das Reich des Herzens Jesus*, ano (X) 1910, p. 377-381.

1 ROSA, José Vieira da. *Chorographia de Santa Catharina*. Florianópolis: Typ. da Livraria Moderna, 1905, p. 272-277.

"Há quem procure ver naquele florescente município um perigo para a nossa nacionalidade, e isso porque a língua nacional não é ali ensinada, os costumes são pura e exclusivamente germânicos.

"Baseiam-se nisso as acusações, mas serão razoáveis?

"É, de fato, triste que a língua vernácula seja desconhecida em Blumenau,[2] mas de nenhum modo podemos censurar os seus habitantes por isso, porque a culpa deve recair antes sobre os governos, que não cuidaram de criar escolas brasileiras naquele centro. Querer que um estrangeiro qualquer que vive entre os seus compatriotas, embora em país estranho, procure falar outra língua que não seja a sua própria, é exigência tola, pois que nós mesmos, se nos encontrássemos na Alemanha em grande número, isolados num ponto, e não fôssemos coagidos a aprender a língua de Goethe, falaríamos só o português, ou antes, a nossa língua brasileira.

[...]

"Seria irrisório que o clube brasileiro na China, se lá existisse algum, intramuros procurasse falar o chinês de preferência ao português.

"Não creio que a Alemanha nutra intuitos de conquistar-nos. Temer tal coisa e anunciá-lo é mostrarmos medo. Pois não somos já um povo numeroso e valente, capaz de oferecer séria resistência a uma grande potência e vencê-la mesmo?

"O que não podemos negar, porque está bem patente, é que todo o progresso do estado, esse pouco que existe, é devido aos alemães e italianos, muito mais, porém, àqueles do que a estes.

"Aí estão Blumenau, Joinville, Itajaí, Brusque (todas antigas colônias alemãs), Urussanga (colônia italiana), etc, únicos pontos que marcham alguma coisa na senda do progresso. Blumenau entre nós é um colosso e, segundo um autor italiano, a mais importante colônia da América do Sul.

[...]

"Blumenau é, como todos sabem, um dos mais vastos municípios litorais; mas é também um dos mais ou o mais populoso de todos. A sua população é de 42 mil habitantes, na sua maioria de origem alemã, mas não absolutamente alemã como dizem ou como a querem os pessimistas. Os franceses e americanos que, à força de anunciarem o perigo alemão, descortinam, desmascaram, quiçá, as suas próprias ambições.

---

2 Essa afirmação do autor [José Vieira da Rosa] não corresponde à realidade. Cada eminente cidadão de Blumenau entende e fala, além do alemão, também o português. É possível, todavia, que nas colônias mais afastadas do centro haja pessoas que não dominem o português. Isso, no entanto, não vale para a cidade de Blumenau, onde os padres franciscanos tinham, ao lado de uma escola primária alemã, também uma brasileira, em que as aulas eram ministradas em português. (Nota de Padre José Rogmann).

"Seja-nos lícito entrar nessas apreciações. Para nós é fora de dúvida que maior é o perigo oferecido pelo imperialismo americano do que pela falada ambição alemã.

"Devem estar lembrados os brasileiros dos telegramas alarmantes de origem americana, francesa ou inglesa, dessas três nações que, não nos conhecendo, julgam-nos comparáveis a qualquer povo de cafres ou de indisciplinados que não se podem governar por si. Esses telegramas acusatórios, porém, não dizem se há uma causa na qual qualquer nação se possa estribar para justificar um ataque à integridade de nossa pátria. Para as pessoas que pensam, para aquelas que não se deixam arrastar por essas malévolas insinuações contra a Alemanha, os telegramas a que fizemos referência não passam de uma especulação torpe, que tem por fim, talvez, quebrar a harmonia que, apesar da diferença de raças, tem sempre subsistido entre os dois povos.

Um velho colono alemão em Desterro (Florianópolis).

"Amar-nos-ão tanto esses jornalistas germanófobos, para espontaneamente anunciar-nos um perigo que, se existe, até agora não se manifestou?

"Ou o desenvolvimento mais que prodigioso que a Alemanha tem tido em todos os ramos de conhecimentos humanos causa inveja ou prejuízo às nações que até agora faziam como que um monopólio do nosso comércio?

[...]

"Quando um homem apresenta a robustez física ao lado da moral e intelectual, três qualidades estão nele quase sempre cimentadas e raramente existindo em separado; quando um homem recomenda-se pelo gênio, pelo filantropismo ou seja pelo que for, embora se criem admiradores sinceros, não é raro que hipócritas ou inimigos invejosos surjam. É por isso, talvez, a propaganda contra a pátria do vencedor de Varo.

"A instrução larga e sabiamente difundida, o caráter respeitador e ordeiro, a disciplina, o gênio empreendedor, enfim, tudo isso que tem feito o grande

progresso do Império Alemão, a sua indústria, os seus sábios naturalistas, seus pintores, músicos, escultores e arquitetos geniais, tem produzido a inveja daqueles que se julgavam senhores únicos dos conhecimentos humanos.

"Seja-nos lícito estabelecer mais uma comparação: esses que veem fugir das mãos o comércio do sul do Brasil, comércio que os alemães vão sabendo conquistar, mandando-nos seus transatlânticos, fazem o papel do negociante que até certo tempo possuía exclusivamente toda a freguesia de um lugar e a vê fugir para ir comprar a um competidor recentemente estabelecido. O abandonado fica odiando mais o preferido do que os que o abandonaram.

[...]

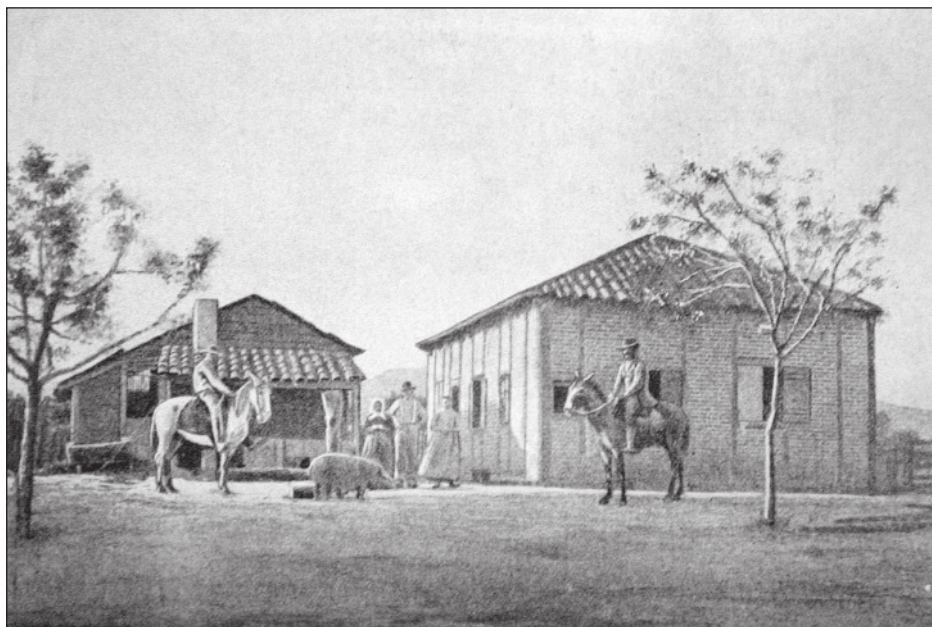
"Ninguém que tenha juízo poderá duvidar que só a inveja, a má vontade daqueles jornais tem sido a causa das notícias alarmantes contra a Alemanha.

"Não creio que qualquer perigo nos ameace por parte da Alemanha. Mostremos a razão das nossas asserções. Há mais de 70 anos que grande número de alemães reside entre nós, sem que entre eles e os outros povos que habitam este estado tenha jamais havido a menor dúvida, a menor questão. Entretanto, são bem veementes as acusações que, no outro lado do Atlântico, e mesmo no extremo norte do nosso grande continente, fazem à mais sábia das nações. Dizem que os grandes armamentos da Alemanha são feitos com o intuito de conquistar-nos, que o grande homem de Estado (Imperador Guilherme II) que rege os destinos da poderosa nação germânica, pretende fazer do Brasil e da Argentina um grande império sujeito ao seu enorme poder militar.

"Poder-se-á conceber maior absurdo?

"É triste a ignorância em que jazem aqueles redatores ou correspondentes que fizeram os tais telegramas relativos à América do Sul. Está visto que, se eles estivessem a par do nosso movimento, do espírito de patriotismo que nos anima nas ocasiões mais graves, não avançariam as tolices que publicam. Nada justifica a má vontade contra a Alemanha. Quando os jornais da Alemanha se ocupam de nós, fazem-no em frases lisonjeiras. Dezesseis de seus grandes sábios têm estudado as nossas riquezas, tornando-as conhecidas do mundo. Nunca uma questão grave apareceu, com o caráter de coletividade, entre alemães e brasileiros.

"Entretanto, diferentes de nós pela raça, usos e costumes, seria razoável que procurassem atirar-nos ao ridículo. Porém não o fazem, e os que, na Europa, propagam o nosso descrédito, são latinos como nós. Mesmo o Portugal discreto não nos poupa.

"Os nossos vizinhos do Prata, apesar de todas as zumbaias, não nos perdoam a incomparável riqueza com que o criador dotou este imenso país, e porque temos no Rio de Janeiro a febre amarela, fazem do Brasil um foco de epidemias, não se lembrando de que a febre amarela não é nossa, ao passo que a difteria é deles.

Propriedade de um colono alemão em Desterro (Florianópolis).

"Eu não creio na falada amizade entre nações. Elas só existem enquanto o interesse perdura.

"Mas qual é o vosso inimigo? Aquele que nunca vos ofendeu ou o que vos tem procurado ferir?

"Se formos avaliar os nossos desafeiçoados pelo número de questões que temos sustentado, é a Alemanha então a nossa única amiga, porque das nações que aqui têm interesses, ela foi a única que nunca promoveu desavenças.

[...]

"Com a Argentina, com o Paraguai e com o Uruguai; com Portugal, com a França, Espanha e Holanda tivemos nossas guerras, das quais era natural resultar ressentimentos e mesmo ódio. Com o Peru e a Bolívia tivemos nossas questões de fronteiras que azedaram bem gravemente. Nada tem havido, entretanto, com a terra de von Moltke. É por isso que não julgamos um perigo para nós os alemães aqui residentes, homens morigerados e respeitadores da lei. Julgamos um dever de nossa parte fazer a defesa de um povo que, com seus descendentes, brasileiros natos, constitui já um terço da nossa população".

70

A catequese indígena na América do Sul*

Pe. Guilherme Thoneick

Uma questão que ocupa, sobretudo nos últimos anos, muitas personalidades de alta posição, é a questão dos indígenas. Como, com que meios, de que maneira será possível aproximar-se dos indígenas, fazê-los sair do fundo das florestas e fazê-los suscetíveis à civilização? Este é um problema que suscita interesse e atenção geral, mormente nas repúblicas sul-americanas como o Brasil, Argentina e Bolívia, onde ainda existem milhares desses selvagens habitantes da floresta. As opiniões sobre a solução dessa questão são, todavia, muito divergentes. Muitos, para quem, segundo sua afirmação, a religião é "assunto particular", e para aqueles que a consideram inimiga de qualquer progresso, sonham com uma catequese leiga, totalmente desvinculada da religião e dirigida por pessoas leigas. Parece que o governo brasileiro partilha também dessa opinião, pois até agora não apoiou nenhum empreendimento religioso, quando, em contrapartida, já gastou, muitas vezes, enormes somas para empreendimentos leigos que, por sua vez, mostraram-se totalmente sem resultado. Bem diferente é o procedimento de outras repúblicas sul-americanas como, por exemplo, a Argentina e a Bolívia, que apoiam ativamente os missionários católicos que lá se dedicam à difícil tarefa da catequese dos índios. Seus resultados são brilhantes e contribuem muito para o desenvolvimento e prosperidade do país. Também aqui no Brasil a catequese indígena dirigida pelas missões católicas já produziu frutos consoladores. Merece menção honrosa a atuação dos padres salesianos no estado de Mato Grosso. Há muitos anos eles trabalham, sob indizíveis dificuldades e sacrifícios, na conversão e civilização dos índios. Só quem lê os anais dessa obra pode fazer ideia das fadigas, dos sacrifícios e das privações; mas é também consolador ler e ver o que os zelosos missionários já realizaram num tempo relativamente curto.

Há aproximadamente dois anos, tive a oportunidade de ver índios civilizados que foram educados na missão salesiana de Mato Grosso. Naquela ocasião vieram de navio, até aqui, três padres salesianos com uma banda musical formada por 21 índios bororos. Dirigiam-se para uma exposição mundial no Rio de Janeiro. Através de Pe. Malan, o superior da missão indígena no Mato Grosso,

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano X (1910), p. 427-430; 472-477; 519-523.

me foi dado saber muito sobre a sorte desse tão penoso empreendimento. Mas, de modo especial, eu fiquei edificado em ver com que devoção os bororos assistiram à Santa Missa que o Pe. Malan celebrou. No final da missa, tocaram na frente da igreja uma peça do seu rico repertório musical, que causou admiração e aplausos.

Além dos salesianos, também os franciscanos alemães trabalham entre os índios. Há aproximadamente três anos foi confiada à ordem dos franciscanos a prelazia de Santarém, no estado do Pará. Lá, os padres trabalham com muito zelo na conversão e civilização dos, até então, totalmente descuidados habitantes da floresta, que na prelazia de Santarém ainda são bastante numerosos. O Revmo. Pe. Amandus Bahlmann OFM, Bispo de Santarém, que dirige essa missão com grande generosidade e inigualável abnegação, e que procura conseguir continuamente novos reforços de padres e irmãs para a mesma, fez, há algum tempo, no Círculo Católico, do Rio de Janeiro, uma belíssima palestra sobre a catequese indígena, cujo assunto, com certeza, será de grande interesse para a revista *Das Reich* e para todos os amigos das missões católicas. Para dar aos caros leitores um retrato mais ou menos exato da catequese indígena nas diferentes repúblicas sul-americanas, segue a palestra do Revmo. Pe. Amandus Bahlmann, tal qual foi então publicada n'*O Universo*, um jornal católico do Rio de Janeiro.

"O desenvolvimento do Brasil e o progresso da cultura dirigem nossa atenção para os índios que ainda habitam nossas florestas. Eminentes autoridades ocupam-se com o estudo dessa questão e pesquisam os meios que seriam os mais apropriados para proporcionar aos nossos habitantes da floresta uma verdadeira e duradoura civilização. As autoridades e a imprensa, bem como todos os homens de raciocínio nobre e visão esclarecida, saúdam com alegria a ideia da catequese dos índios, que foram outrora os únicos moradores e verdadeiros proprietários do Brasil, cujo número, todavia, é hoje relativamente pequeno.

"Não pretendo fazer uma palestra científica e eloquente sobre a importância dessa obra. Contudo, em minhas inúmeras viagens, tive a ocasião de ver como, em anos passados, tentou-se, em muitos lugares, promover a civilização dos índios, e os esforços que ainda hoje se fazem nesse mesmo sentido. Pude constatar também o resultado que já se conseguiu e ainda hoje se consegue em muitas repúblicas sul-americanas.

"Em 1906 e 1907, quando tive que inspecionar como Visitador Geral os conventos, colégios e estabelecimentos dos missionários franciscanos, viajei, durante 58 dias, em lombo de burro ou cavalo, pela Bolívia e Argentina. Nessa viagem de Visitação, que se estendeu por um ano e seis meses, eu conheci nove povoados ou reduções indígenas, com aproximadamente 1.000 a 2.000 índios. Para dar uma noção clara desses aldeamentos, tomemos como exemplo o de Itaú, na Bolívia.

"Há uns 50 anos, os índios Tobas assaltavam frequentemente os sítios e fazendas de Tarija, no sul da Bolívia. O governo boliviano pediu aos padres franciscanos, que tinham um colégio em Tarija, para fundarem um estabelecimento missionário entre os índios Tobas. Os missionários aceitaram o pedido. Após algumas viagens de investigação, escolheram, finalmente, como ponto central do estabelecimento uma planície situada na encosta de um morro e irrigada por um pequeno riacho. Ali o governo cedeu aos missionários cinco milhas quadradas de terra. Nessa região os missionários trabalhariam totalmente independentes e seriam, ao mesmo tempo, a autoridade religiosa e civil.

"Os índios que viviam nas redondezas eram selvagens; mas os corajosos missionários penetraram nas florestas para tratar com os chefes indígenas. Por intermédio de outros índios, já parcialmente civilizados, conseguiram convencer os demais de que os missionários não os maltratariam nem os lograriam, como já haviam feito inúmeras vezes os comerciantes mascates que por ali passavam. No começo, os índios mostraram-se ainda bastante desconfiados; pouco a pouco, porém, alguns mais resolutos seguiram os missionários e dirigiram-se ao lugar previsto para o estabelecimento que, em sua língua, foi denominado Itaú. Os missionários construíram logo uma casa para si e, pouco a pouco, alguns ranchos para os índios.

"Índios que eram dados ao vício da poligamia e da bebida não encontravam acolhida no assentamento. Não obstante, um belo número de índios logo se encontrou ali com sua família e foram acolhidos nos ranchos construídos em Itaú. Recebiam diariamente sua porção de milho, batatas e outros gêneros alimentícios para seu sustento. Aos sábados recebiam também a provisão para o domingo. Três dias da semana trabalhavam para si e três dias para os missionários. Os meninos frequentavam a escola dos padres, ao passo que as meninas iam à escola dirigida por professoras. Os meninos aprendiam a ler, escrever e contar; aprendiam também o ofício de ferreiro, pedreiro e carpinteiro. As meninas recebiam aulas de costura, fiação, tecelagem, bordado e cozinha. Assim passavam alguns anos felizes, trabalhando e frequentando a escola. Tão logo os jovens índios haviam-se desenvolvido física e espiritualmente, casavam-se com as jovens que haviam frequentado a escola da missão. Esses jovens casais recebiam casas novas num quarteirão especial que ficava na frente da igreja e que tinha o nome de aldeia cristã.

"Os índios idosos, ainda pagãos, viviam num quarteirão especial, que levava o nome de aldeia pagã.

"Assim começou a vida civilizada e cristã em Itaú.

"Pouco a pouco, aumentou o número das famílias cristãs. Também o número de famílias pagãs se multiplicava, pois os selvagens habitantes da floresta, sabendo como os índios do assentamento eram bem tratados pelos missionários,

apareciam em número sempre maior na missão para usufruir também das mesmas regalias.

"Os missionários começaram a fabricar tijolos e telhas e instalaram um forno de olaria; em seguida construíram uma serraria e montaram um engenho de açúcar. Transcorridos poucos anos, Itaú já apresentava o aspecto de povoado civilizado. No meio da grande praça, erguia-se uma esplêndida capela; no lado direito, uma bonita e graciosa casa para os missionários, uma escola para meninos e as oficinas; no lado esquerdo da capela, encontrava-se a escola para meninas, dirigida por professoras, tendo como anexo uma cozinha e sala de trabalho e uma grande horta cercada por um muro; o conjunto dava a impressão de um convento de religiosas. No lado esquerdo da praça, encontrava-se, sob a direção de um tuchaua cristão, o povoado cristão; à sua frente, no outro lado da praça, o povoado pagão, cujo diretor era um tuchaua pagão.

"No estabelecimento de Itaú reinava paz, ordem, contentamento e abundância de alimentos. Lá os viajantes compravam queijo, açúcar, milho, gado, couro e ponchos. Os missionários contratavam, muitas vezes, os índios para levar mercadorias para fora, fazer viagens ou acompanhar pesquisadores em trânsito.

"Sem dúvida, era necessário, principalmente no começo, conseguir os meios indispensáveis para fundar semelhante estabelecimento. O governo deu o dinheiro suficiente para comprar alimentos, ferramentas para agricultura, sementes, gado e máquinas. Esse dinheiro foi também usado conscienciosamente para as referidas finalidades sem que fosse defraudado ainda que o mínimo. A partir de então, os assaltos dos índios diminuíram cada vez mais e também não aconteceram mais perturbações da ordem por parte de maus vizinhos.

"Depois de mais ou menos dois anos, o superior da missão do assentamento de Itaú pôde comunicar ao governo que o mesmo poderia ter doravante uma administração civil; ao mesmo tempo, pediu também o Exmo. Sr. Bispo para enviar um pároco para Itaú, pois a situação regular permitia elevar o estabelecimento a paróquia.

"Nessa época, em 1907, tive a oportunidade de visitar Itaú. O Bispo ainda não havia nomeado pároco. Os padres franciscanos ainda continuavam cuidando das escolas e das oficinas. As professoras, que eram pagas pelo governo, estavam igualmente ainda encarregadas da direção da escola para meninas. Todavia, o povoado já tinha um prefeito, uma autoridade policial e um agente do correio.

"Assim surgiu o povoado de Itaú. De modo semelhante surgiram nos últimos anos, na Bolívia: Caiza, Jacuiva, São Luiz, São Lourenço e outros povoados e cidades; do mesmo modo surgiram, há muitos anos, todos aqueles lugarejos e vilas que hoje em dia já são excelentes cidades como Tarija, Tupiza, Comargo, Santa Cruz.

"Não é necessário, porém, ir à Bolívia para perceber isso. Como surgiram no interior da Bahia as cidades de Juazeiro, Jacobina, Macaúbas, Caetité, Inhambupé, Itapicurú? Estas foram outrora povoados indígenas, fundados e dirigidos pelos missionários franciscanos da Bahia; muito tempo depois, quando os lugares já se haviam desenvolvido em florescentes cidades, encontravam-se ainda sob a direção do clero franciscano brasileiro do convento da Bahia.

"Mas, demoremo-nos ainda por um momento nos estabelecimentos da Bolívia.

"O governo havia gastado algumas somas em dinheiro com os estabelecimentos indígenas, não apenas no início para sua fundação, mas também contribuído por alguns anos na sua manutenção. No entanto, quando se compara esse montante com aquele concedido a outros empreendimentos, então se verifica que o mesmo é insignificante.

"Depois que as instalações mais necessárias ficaram prontas, os missionários trataram de conseguir meios adequados que possibilitassem aos índios ganhar, pelo menos em parte, o próprio sustento através de seu trabalho manual. Agricultura e criação de gado, marcenaria, tinturaria de lã e tecelagem garantiam aos índios, como a qualquer povo civilizado, uma qualificação para a subsistência. Encontravam-se na Bolívia, no mais bonito desenvolvimento, os estabelecimentos de Tarari, Tiguipa, Ivo, Cuevo e Hacharetti. O último estabelecimento contava com mais de 1.000 índios, os quais se ocupavam com agricultura.

"No estabelecimento São Francisco em Laishi, no Chaco argentino, encontravam-se 95 famílias que no período de dois anos, haviam-se acostumado a uma vida de paz e de trabalho. Pertenciam à valente e selvagem tribo dos índios Tobas. Nesse estabelecimento trabalhavam aproximadamente 30 índios na serraria da missão sob a direção de um único franciscano. Na serraria havia 15 máquinas, das quais dez funcionavam e eram manobradas por índios.

"Nesse estabelecimento era abatido diariamente um boi para prover de carne as famílias indígenas. Na época da colheita, os missionários compravam dos índios o milho que sobrava da quantia necessária para o próprio consumo e que eles mesmos haviam plantado e colhido. Em 1906, contaram-me os missionários que naquele ano seriam dadas vacas aos índios para que se acostumassem com criação própria. Nesse sentido, alcançou-se realmente uma verdadeira aculturação dos índios. Portanto, são educados e capacitados para serem um dia cidadãos úteis à pátria. Se perguntarmos agora por que os estabelecimentos na Bolívia e no Chaco obtêm ainda hoje resultados satisfatórios, veremos que o motivo principal é o seguinte:

"O governo fornece o necessário para o início do empreendimento, presta também ulterior ajuda e cuida, sobretudo, para que o trabalho dos missionários não seja prejudicado por pessoas que visam apenas lograr os índios. Na

Argentina, no estabelecimento franciscano de Laishi, que eu considero como fundação modelar, os missionários têm toda a direção nas mãos, tanto a material como a espiritual. Comerciantes estranhos não podem fazer ali negócios diretamente com os índios, pois os mesmos são considerados como menores. Por isso, os comerciantes transeuntes negociam somente com os missionários, que vendem os produtos dos índios e para eles também compram as coisas necessárias. Pessoas menos conscienciosas não estão, por isso, muito satisfeitas com os missionários, que defendem os verdadeiros interesses dos índios, um motivo também para que essas mesmas pessoas persigam e caluniem os missionários e tentem de todas as maneiras imagináveis tirar-lhes a influência que eles exercem como tutores, pais e protetores dos índios.

"Para meu grande desgosto, constatei isso na Bolívia, em São Francisco, no rio Pilcomayo. Ali cometeu-se o erro de introduzir uma administração civil antes que os índios fossem suficientemente aculturados, o que teve tristes consequências. Muitos índios voltaram para o mato, outros se deslocaram para outros estabelecimentos. Assim esse estabelecimento, ao qual o governo dera o nome "Vila Montes", transformou-se em pouco tempo num lugar deserto. Os missionários haviam-se sacrificado para o bem-estar dos índios; as autoridades civis que os seguiram, visavam apenas interesses materiais e satisfação de suas paixões e disso resultou que os poucos índios remanescentes se tornaram novamente depravados e rebeldes. Quando passei por lá em 1906, alguns bons índios, com lágrimas nos olhos, me pediram que lhes enviasse novamente missionários para dirigir o estabelecimento.

"O mesmo verifiquei no estabelecimento de Nossa Senhora da Pompeia, junto ao rio Bermejo, no chaco argentino. Os missionários estavam desanimados porque os comerciantes e soldados praticavam continuamente violações tão brutais contra a justiça e os bons costumes que todos os esforços deles se mostraram inúteis.

"No Brasil, como já mencionei, existem igualmente sítios agrestes, povoados e cidades cuja existência se deve aos estabelecimentos indígenas fundados pelos missionários brasileiros, especialmente franciscanos, capuchinhos e jesuítas. Isso é uma prova de que a catequese indígena dirigida por religiosos consegue, como nos outros países, também bons resultados no Brasil. De fato podemos notar, ainda nos dias atuais, o mesmo trabalho aqui no Brasil como também em outros países.

"Aqueles que, de modo especial, se interessam pela questão devem uma vez visitar os estabelecimentos que os padres dominicanos têm no estado de Goiás, os capuchinhos no estado do Pará e Maranhão. Todos admiram e louvam a vida regrada, os trabalhos, a união e a obediência dos índios, numa palavra, a aculturação e o progresso que reinam nesses estabelecimentos. Entre outros,

cito aqui os estabelecimentos de Araguaia no estado de Goiás, os de Ourém no estado do Pará e os de Barra do Corda no estado do Maranhão. Os índios desses estabelecimentos honram e amam os missionários e prestam-lhes alegre obediência.

"Onde a catequese leiga poderia apresentar os mesmos abençoados resultados? Eu não saberia citar sequer um povoado ou uma cidade no Brasil, na Bolívia ou na Argentina que deve sua existência à catequese leiga. Em contrapartida, poderia enumerar muitos assaltos praticados não por índios, mas por gente civilizada contra os estabelecimentos fundados por religiosos, não somente assaltos, mas também perseguições e devastações.[1] Quem destruiu o estabelecimento do Pe. Pelini, em Bacabal no rio Tapajós, na minha prelazia de Santarém? Foram os comerciantes que não podiam vender cachaça para os índios porque o padre não o permitia. E como perseguiram o padre? Roubaram-lhe os pneus, aliás, inclusive, as conduções que ele havia enviado rio abaixo ao Pará. Essas e outras opressões desanimaram por fim tanto o zeloso padre que o levaram a retirar-se para a Itália. O estabelecimento e a missão de Bacabal foram, com isso, destruídos pelos brancos e é tida hoje, no alto Tapajós, como missão abandonada.

"Os índios munducurus, entre os quais se encontrava a missão de Bacabal, voltaram novamente à floresta, conservando do Pe. Pelini uma grata recordação. Ocorre ainda hoje que índios munducurus vêm a Itaituba e lá dão provas de sua arte de escrever, para grande espanto dos brancos. Quando se lhes pergunta quem os ensinou a ler e escrever, confessam que foi Pe. Pelini que os ensinou. É triste ver como a obra desse padre, que fora iniciada com tão ingentes sacrifícios e levada adiante com tão grande resultado, foi destruída pelos brancos.

"No tempo do Pe. Pelini, eram raras a desordem e o crime entre os munducurus; mas depois faziam quase parte da ordem do dia. Na coletoria de São Manuel, na fronteira do estado do Mato Grosso, eles perpetraram nos anos passados verdadeiras atrocidades. Há aproximadamente seis anos, os índios mataram, para se vingar, o comandante Carneiro. Este, assim como seus soldados e seus funcionários, havia maltratado de tal modo os pobres índios, e ainda mais as índias, que foi impossível evitar uma vingança por parte das vítimas, cuja atitude parecia ser justa.

"No ano passado, foi-me pedida uma mediação com os índios Maués. Coletei informações junto a pessoas fidedignas e soube então que os índios não faziam mais que defender seus interesses; não se falava de sublevação ou motim.

---

1 No fim do ano passado, os Beneditinos de Beuron foram atacados, perseguidos e vergonhosamente maltratados pelos maçons em Rio Branco (estado de Roraima). E só não foram mortos graças à intervenção de um heroico cidadão. (Nota do Autor).

"Nossos missionários em Santarém, Pe. Hugo e Pe. Ludwig, que no ano passado visitaram os índios Maués, souberam deles que apenas estavam irritados contra um certo senhor N., o qual, com armas em punho, expulsara os índios de suas terras legitimamente adquiridas. Semelhantes injustiças e outras infâmias mais infligidas aos índios e, mais ainda, às índias, fazem com que essas tribos se tornem ainda mais avessas à civilização.

"Os missionários jamais procederam assim com os índios, nem toleraram que os mesmos fossem maltratados por outros.

"Todos ainda se recordarão o que aconteceu há alguns anos com os capuchinhos no estabelecimento de Barra do Corda, no estado do Maranhão. Quando a civilização dos índios caiapós já estava em bom caminho, alguns comerciantes invejosos amotinaram tribos indígenas selvagens contra os missionários. Num domingo, durante a missa, eles invadiram a missão e mataram cinco padres, oito irmãs e um grande número de cristãos. Apesar disso, os corajosos missionários não desanimaram, mas recomeçaram, praticamente do início, sua obra no mesmo lugar. Agora já se encontra lá novamente um novo estabelecimento com escola, oficinas, etc, e no mês passado foram para lá seis Irmãs para dirigir a escola para meninas.

"Seria, porventura, possível ou até fácil encontrar pessoas leigas, na tão enaltecida catequese leiga, preparadas a expor-se a tais perigos?...

"Os governos do Maranhão e do Pará concedem subvenções aos missionários, pois sabem que é impossível fundar tais estabelecimentos sem dinheiro; sabem também que concedem apenas um pouco de dinheiro ao passo que os missionários colocam em jogo as suas vidas.

"Para postos tão difíceis, certamente não teriam encontrado leigos, inclusive os promotores e defensores da catequese leiga não se teriam colocado à disposição; caso o tivessem feito, teriam recebido um destacamento de soldados para proteção. Porém tal procedimento só teria contribuído para intimidar os índios e para enxotá-los novamente mata adentro, mas não para civilizá-los.

"Apenas pessoas de congregações religiosas, imbuídas de um zelo e viva fé, e preparadas inclusive para entregar sua vida, podem consagrar-se a uma existência tão cheia de sacrifícios. Na Bolívia visitei um estabelecimento onde, há alguns anos, os missionários se alimentaram de gafanhotos, pois esses insetos haviam devastado todas as plantações, o que levou a uma total falta de gêneros alimentícios. Para não morrer de fome, viram-se obrigados a lançar mão de tão indigno e miserável alimento. Os índios, vendo isso, não retornaram para a floresta, mas permaneceram na missão e ajudaram os missionários a refazer as lavouras. Nesse sentido, manteve-se a obra que havia sido começada sob tão grandes sacrifícios.

"Comerciantes, soldados e gente comum dificilmente se dignariam a comer gafanhotos. Não se quer negar que não haja entre leigos pessoas de heroica abnegação; contudo, é uma raridade. Os membros de congregações religiosas, por sua vez, se comprometem a uma vida de doação total. Por conseguinte, os membros de congregações religiosas estão dispostos, ainda hoje, a levar adiante essa vida apostólica tal qual sempre foi costume dos institutos. Portanto, é, sem dúvida, melhor confiar a catequese dos índios aos experientes religiosos do que destinar para essa finalidade grandes somas de dinheiro a pessoas leigas isoladas que não têm à disposição a estrutura de um instituto religioso.

"A catequese leiga não pode oferecer a mesma garantia que as missões dirigidas por membros de ordens religiosas já ofereceram durante séculos e dão ainda hoje. Leigos não têm aquele espírito de sacrifício, pois não é seu objetivo passar a vida toda entre os índios; com certeza não estão dispostos – o que também ninguém lhes leva a mal – a constituir família entre os índios ou levar sua família para a aldeia dos índios.

"As congregações religiosas, contudo, oferecem todas as vantagens, pois, em conformidade com os votos, consagram toda a sua vida ao trabalho apostólico.

"Em Cuevo, na Bolívia, encontrei um membro de congregação religiosa, o padre franciscano Cebolo, que trabalhou 50 anos entre os índios Chiriganos. Ele era ao mesmo tempo mestre-escola, capelão e marceneiro. Em 1906, celebrei o jubileu desse religioso quando lhe ofereci, para homenageá-lo, uma festa, em cuja oportunidade eu ornei a sublime cabeça do jubilar com uma coroa de flores. Com entusiasmo sincero e fora do comum, os índios começaram a festa do caro jubilar; a efusiva e entusiástica animação da festa tocou-me até as lágrimas.

"No tempo da Colônia havia, sem dúvida, também aqui no Brasil, tais missionários que se consideravam felizes em dar o melhor de sua vida no serviço da catequese indígena, e aqueles que quiseram morrer entre os índios e ir para um mundo melhor. Existem ainda hoje religiosos que, inspirados nesses exemplos, gostariam de trabalhar, sofrer e morrer pela catequese indígena.

"O governo, como aqueles que podem tirar vantagens da civilização dos índios, precisa proteger esses heróis e ajudá-los, e não confiar essa obra a pessoas que não têm condições de levar adiante um empreendimento tão difícil, de maneira permanente e eficaz. Todo mundo sabe, e aqui no Brasil todos têm a convicção de que a assistência aos doentes em hospitais atendidos por religiosas é de longe muito mais barata e melhor que aquela dirigida por leigos. Do mesmo modo, também a catequese dos índios é muito melhor e mais barata quando feita por membros de congregações religiosas que por pessoas do mundo. O governo e as autoridades civis podem controlar o emprego de determinadas somas por eles estipuladas para catequese dos índios através dos relatórios anuais da missão,

ou também, de tempos em tempos, tomar conhecimento através de conscienciosas autoridades do posto ou da direção dos assentamentos indígenas.

"Por fim, um último e o mais difícil fundamento pelo qual o governo deve subvencionar esse empreendimento é o seguinte: o motivo da catequese é civilizar os índios, incutir neles o amor à justiça e ao trabalho, aos bons costumes e o temor de Deus. Se, pois, se pretende que sejam mais tarde bons cidadãos, é necessário, antes de tudo, que se faça deles bons cristãos. Tudo isso ensina a religião.

"Os missionários, em virtude de suas convincentes palavras e seus edificantes exemplos, estão em condições de incutir nos índios esses bons sentimentos. Os missionários, e somente eles, receberam da santa Igreja e de Cristo o chamado e o encargo de ensinar os povos.

"Mas, talvez se objete, existem ainda índios para civilizar?

"Olhemos se ainda existem. O governo argentino já fez tanto pela catequese dos índios através dos missionários que só há mais uns poucos índios selvagens em cada província.

"No Chaco, na fronteira com o Paraguai, no rio Pilcomayo e Bermejo, o governo trabalhou intensamente na catequese dos índios, bem sabendo que aquele que por primeiro conseguir civilizar os índios, tornar-se-á também senhor e proprietário das terras.

"A maior parte do Chaco é um pomo de discórdia pelo qual disputam as três repúblicas da Argentina, Bolívia e Paraguai. Mediante intensa atividade, quer a Argentina avantajar-se sobre as demais repúblicas e apoderar-se do Chaco, através da fundação de estabelecimentos missionários e assentamentos indígenas; e com certeza será vitoriosa.

"Nos pampas e na Patagônia, a Argentina traçou as fronteiras com o Chile mediante o estabelecimento de assentamentos indígenas. Os missionários franciscanos e salesianos fundaram assentamentos em diferentes localidades nas proximidades da fronteira, garantindo assim a posse dessas terras para a Argentina. Os auxílios que o governo já deu e continua concedendo, são, por isso, recompensados com vantagem através dessa garantia da posse.

"O governo brasileiro pode e deve imitar esses exemplos, não só por interesse humanitário e religioso, mas também do ponto de vista patriótico.

"Mas antes de tudo no interesse da humanidade, pois o Brasil é um Estado civilizado.

"Há ainda muitíssimos índios no Brasil. Assim, por exemplo, os botocudos, que em Santa Catarina são denominados bugres. Que triste imagem oferece a estrada que conduz de Santa Tereza[2] ao planalto, para Lages. As numerosas

2 Santa Tereza corresponde à atual localidade de Catuíra, no município de Alfredo Wagner-SC.

cruzes à beira da estrada lembram os infelizes viajantes e tropeiros que ali foram assassinados pelos bugres. Em 1903 foi ali atingido mortalmente o acompanhante de um missionário por uma flecha envenenada.

"Ao passar por lá em 1904, foi-me mostrada sua sepultura. Nessa viagem, também nós nos vimos obrigados a acordar à meia-noite e seguir viagem, pois estávamos cercados de índios que, sem dúvida, nos teriam atacado ao amanhecer.

"Por medo diante dos muitos assaltos dos índios, não se consegue motivar os colonos de Blumenau a se estabelecerem nas propriedades mais afastadas, pois ali não conseguem cultivar em paz suas terras por causa dos bugres que a cada instante os assaltam na roça e os matam a flechadas ou assassinam em casa mulheres e crianças. Para o bem-estar da humanidade e da civilização é absolutamente necessário suscitar a catequese indígena e apoiá-la fortemente onde já começou. Não se pode atraí-los à civilização com espingardas e outras armas mortíferas. O procedimento dos assim chamados bugreiros frustrou não somente qualquer aproximação amistosa, mas ao contrário, provoca novas violências.

"E quantos índios há ainda no Paraná! Seu número é enorme. Outros saberão melhor que eu quantos há nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Goiás. Nem por aproximação é possível estabelecer seu número. O mesmo vale para a bacia do Amazonas. Na minha prelazia de Santarém, entre os rios Tapajós e Xingu, há os numerosos povos indígenas dos Maués, Peuas, Araras, Morcegos, Mundurucus, Juruna e Carajás, em seguida, na fronteira entre o Mato Grosso e Amazonas, os perigosos índios Parintintins; esses últimos são antropófagos. Por isso, muitos seringais são totalmente sem valor, pois os trabalhadores, por medo dos Parintintins, não se atrevem a entrar na floresta. E esse medo tem, com certeza, fundamento, pois as flechas envenenadas dos Parintintins são infalivelmente mortíferas, e suas vítimas são depois consumidas já que o veneno das flechas só tem efeito mortal na ferida, mas não prejudica em nada o estômago dos índios.

"O certo é que o governo não precisa se ocupar deles para proteger as cidades do litoral. Precisa atuar também no interior, civilizando o coração do país. É realmente triste que o Brasil abrigue ainda em suas florestas tantos índios incivilizados, que ali levam uma vida igual a animais selvagens. Eles poderiam muito bem ser civilizados e constituir uma não pequena e valiosa parte da nação brasileira. É tarefa do governo libertar o país dessa vergonhosa mancha.

"Também o amor à nossa terra nos obriga a promover a catequese indígena. Há pouco citei como a Argentina assegurou seu território e suas fronteiras mediante estabelecimentos missionários mantidos com seu auxílio.

"O Brasil pode e deve fazer a mesma coisa. Na minha prelazia de Santarém, por exemplo, existe a região do Amapá. A região é muito rica, mas também muito insalubre, razão pela qual para lá não se dirigem imigrantes europeus. Recentemente formou-se uma empresa francesa para explorar as minas de

ouro localizadas no alto rio Calçoene. Em torno de 150 operários procedentes de Santa Luzia e Caiena (Guiana Francesa) já se encontram lá trabalhando. Tem que ser então essa região ocupada por franceses? Civilizemos os índios nessa região! Nada é mais apropriado e eficaz para garantir à pátria brasileira essa região que simplesmente fundar lá entre os índios missões mantidas pelo governo brasileiro. Nesse sentido, seriam aculturados os habitantes da floresta na região do Amapá e se tornariam cidadãos brasileiros aptos a proteger de maneira pacífica as fronteiras da pátria.

"Na região do Rio Branco, no estado do Amazonas, temos o mesmo interesse para garantir nossas fronteiras.

"Há anos a Inglaterra ocupava na sua Guiana apenas uma pequena região. O Brasil não teve o cuidado de enviar missionários para a fronteira daquela região. Os ingleses, por sua vez, enviaram seus missionários e naturalistas sempre mais longe. E qual o resultado? Antigamente o rio Kupununi era a fronteira e a margem esquerda do rio pertencia ao Brasil. O governo deixou de fundar ali colônias e de civilizar os índios. Os ingleses atravessaram o rio, enviaram missionários, fundaram colônias inglesas com administração inglesa e reivindicaram então para si aquela região. Com isso, as montanhas constituem agora a fronteira e as duas margens do rio Kupununi, juntamente com seus afluentes, pertencem à Inglaterra.

"Por conseguinte, o amor à pátria deve estimular o governo e seus representantes a erigir postos missionários no interior do país, sobretudo nas regiões litigiosas. O dinheiro que o governo gastar com esse autêntico empreendimento patriótico estará sendo bem empregado. Assim não mais mergulhará na triste situação de ter que pagar milhões e milhões em indenização a repúblicas vizinhas para garantir seu próprio território. Os missionários e assentamentos indígenas serão a melhor garantia contra reivindicações estranhas.

"Os sentimentos humanitários, religiosos e patrióticos precisam, por conseguinte, estimular-nos a trabalhar energicamente e com perseverança na obra da catequese indígena.

"E Deus, que agraciou nossa querida pátria com tantas riquezas e vantagens, também abençoará ricamente esse empreendimento; pois é uma obra espiritual ensinar os povos, levá-los ao conhecimento e serviço de Deus e fazê-los felizes agora e sempre.

Esta é uma obra divina e patriótica. Deus a quer! Assim seja!"

71

Situação religiosa em Camboriú *

Pe. Geraldo Spettmann

Uma das paróquias mais difíceis de nossa missão no sul do Brasil é a de Camboriú. Desde tempos imemoráveis não existia mais padre destacado para aquele lugar e as visitas esporádicas de algum sacerdote não podiam suprir um atendimento religioso regular. Por causa desse prolongado abandono religioso – uma consequência da falta de sacerdotes no Brasil – a ignorância religiosa assumiu tamanhas proporções que a cura d'almas teve que ser recomeçada totalmente.

Aos problemas internos juntaram-se outros, externos. Os metodistas norte-americanos aproveitaram a oportunidade para invadir a grei sem pastor e fazer desordem no seu estábulo, arrebatando o maior número possível de ovelhas. Por isso, fazia-se absolutamente necessário instalar em Camboriú um posto permanente de atendimento espiritual. O Exmo. Sr. Bispo dirigiu-se ao superior de nossa missão, com o pedido de assumirmos também essa paróquia. Embora nossos padres já estivessem sobrecarregados de trabalhos nas demais paróquias, achou-se por bem não deixar Camboriú sem pároco. Foi então enviado para lá Pe. Spettmann, inicialmente sozinho, até a vinda de reforço da Europa. A recente partida de novos trabalhadores apostólicos será também de proveito para a descurada vinha do Senhor em Camboriú.

Para uma elucidação mais pormenorizada da situação religiosa, apresentamos alguns excertos de uma carta do Pe. Spettmann.

"Ouvi primeiro o interessante caso de como os protestantes fazem prosélitos! Ouvi, pois, atentamente! Os azuis[1] prometem aos católicos infiéis todo o possível e impossível: alguns deuses no céu, riqueza e bem-estar na terra, inclusive panela cheia de linguiça e nacos de toucinho. Havia aqui uma mulher que, de um momento para outro, renegou a fé. Era-lhe, contudo, difícil renegar, sem mais nem menos, a fé dos pais. Para isso, tinha que vir em socorro um pequeno milagre. Uma boca se abriu e disse: 'Mulher, vem para junto de nós, Deus te recompensará e encherá tua panela com linguiça e toucinho!' Dito e feito. Tudo aconteceu como o profeta havia vaticinado. Quando a mulher chegou em casa após sua apostasia definitiva, encontrou a panela cheia de linguiça, carne de porco, etc. Portanto, Deus a recompensara...! Isso cheira um pouco à ressurreição

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano X (1910), p. 568-571.

1 Os pregadores metodistas norte-americanos andavam vestidos de terno azul.

calvinista... E o mais bonito nisso é que a mulher não quer acreditar no embuste que está por trás, isto é, que o pregador mandou levar o presente à casa, durante sua ausência... 'Aconteceu um milagre...' E, contudo, algo assim não acontece entre os azuis...! Afinal, é de se rir ou chorar...!

Eu me responsabilizo pela verdade do que foi dito acima. Isso aconteceu, de fato, aqui! Agora, um pouco sobre outra coisa: Aconteceu há um ano e meio. A Sexta-feira Santa é, para os brasileiros, o maior dia santo e, por isso, não trabalham e jejuam naquele dia. Grandes e pequenos passam o dia com uma xícara de café e uma pequena refeição. Mas aconteceu que um sujeito, desses que vive ao deus-dará, havia comprado, na Sexta-feira Santa, um boi para carneá-lo. Por brincadeira, outros soltaram o animal do pasto e o comprador, a quem esquentou o sangue nas veias ao recapturá-lo, jurou então: 'O diabo me carregue, se alguma vez eu houver de comprar um boi na Sexta-feira Santa'. Essa maldição 'o diabo me carregue' é, entre os brasileiros, uma das mais terríveis e fortes blasfêmias.

Um ano mais tarde, porém, ele comprou novamente um boi e, ao chegar à sua casa, mostrou logo sinais de loucura – ou obsessão. Todo ser vivo que encontrava pelo caminho era 'mandado para o diabo'. Assim, não demorou muito que se escutassem cantos de cisne nas mais variadas tonalidades: do mais estridente pio de um pintinho de três semanas até o contra-baixo em compasso 6/8. Como também pessoas deviam participar do concerto, nosso herói foi encadeado e preso em sua própria casa, atrás de uma parede de tábuas. Assim o encontrei quando sua infeliz mulher, em lágrimas, veio pedir-me para visitar seu marido e curá-lo. Essa última tarefa só Deus seria capaz fazê-lo. O infeliz encontrava-se num estado verdadeiramente deplorável. Só uma camisa cobria-o no mínimo. Não deixava nenhuma roupa no corpo. O espaço apertado onde se encontrava preso se assemelhava a um verdadeiro chiqueiro de porcos. O pobre coitado vociferava terríveis maldições. Fiz várias tentativas para saber se ele estava realmente possesso, mas não me foi possível sabê-lo com certeza. Uivos e um barulho ensurdecedor obrigaram, por fim, a família a dormir na casa de um vizinho, a fim de conseguir um pouco de sossego. Certa manhã, quando voltaram para casa, encontrava-se esta em cinzas e do homem só se acharam alguns ossos esbranquecidos... Não praguejeis e não amaldiçoeis ninguém! Como terminou tão miseravelmente o infeliz, e como aconteceu o incêndio, não se descobriu até hoje, apesar de todas as investigações. No dizer do povo, 'O diabo o carregou'...

Um fato desagradável que aconteceu para os irmãos 'azuis', no começo deste ano, foi o seguinte: voltando de uma convincente pregação contra a 'idolatria' da devoção aos santos, um católico atentou imediatamente contra as imagens dos santos que ele tinha em casa. Apenas havia começado seu trabalho de destruição quando ficou perturbado da ideia. Pouco depois foi encontrado nu e morto no chão. Suas vestimentas encontravam-se jogadas em volta dele feitas

cinzas; ele mesmo, no entanto, não apresentava nenhum sinal de queimadura... Pessoas dignas de confiança me contaram ainda que ele, inclusive, cuspia fogo e tudo o que ele tocava ficava com sinais de queimadura e que, quando quis violentar sua filha, a mulher o teria expulsado e depois ele teria sido encontrado como disse acima. No entanto, não me foi possível ter plena certeza sobre o que me foi dito por último...

Agora vós, sem querer, me perguntareis: 'O que fazem, então, os protestantes?' Depois que brindamos várias vezes os pregadores com manifestações de protesto e tiros de foguetes, eles deixaram de fazer propaganda em público. Em compensação, eles que diziam odiar o dinheiro, decidiram também cobrar taxas. Esse procedimento e os casos acima referidos deveriam, aparentemente, ser suficientes para abrir os olhos da pobre gente... Aos ainda não decaídos que, felizmente, constituem de longe a maioria – os infiéis constituem talvez 30 famílias – penso que ficou claro o que eles têm a ganhar com o protestantismo. Os apóstatas, no entanto, foram instigados tão fortemente contra a religião católica que jamais quererão voltar atrás. Só aqui ou acolá, de acordo com a necessidade, presenteio-os na pregação com alguma deferência. Fazê-lo muitas vezes, significaria valorizá-los em demasia."

Graças ao infatigável e devotado trabalho de Pe. Spettmann, a comunidade de Camboriú ganhou outro aspecto. Primeiro foi necessário remediar o mais triste inconveniente e a aflita situação da terrível ignorância. Neste aspecto, foi necessária muita dedicação para se conseguir uma melhoria. E isso aconteceu de maneira abundante. Tanto na sede como nas localidades mais povoadas do interior foram realizadas numerosas missões, cujos belos frutos foram mantidos e multiplicados mediante regular doutrina e planejada assistência religiosa. Também tiveram que intervir meios externos no serviço da boa obra. O padre teve que se preocupar em conseguir meios para solenizar ao máximo as celebrações, pois, como é sabido, o povo brasileiro demonstra por elas grande apreço. Também nesse aspecto foi necessário, ao assumir essa paróquia, começar do início. Os poucos objetos religiosos ainda disponíveis encontravam-se em tal estado que era totalmente impossível fazer uso deles. Eram simplesmente indignos para a dignidade do ofício divino. Ainda que bem modesto, por causa da pobreza da missão, foi dado um começo para melhorar a situação. Queremos, mais uma vez, agradecer nossos caros leitores e leitoras, que se mostraram tão generosos com Pe. Spettmann. Ao mesmo tempo, pedimos a todos que continuem se lembrando da difícil situação da missão em Camboriú.

Como já aconteceu tantas vezes, também aqui o Sagrado Coração de Jesus operou verdadeiros milagres. Logo que assumiu a paróquia, o padre estava decidido a introduzir a Irmandade Reparadora do Sagrado Coração, para implorar a bênção do Divino Coração de Jesus sobre sua atividade sacerdotal. O sucesso foi

surpreendente. Podem-se contar hoje, em uma única primeira sexta-feira do mês, mais comunhões que, em épocas anteriores, o ano inteiro. Nisso desempenham papel relevante na comunidade os associados da Irmandade Reparadora, cuja silenciosa influência sobre os demais é de grande significado.

Apesar dessa evidente melhora, a situação religiosa continua insatisfatória. Preocupam, sobretudo, os sucessos dos acima citados metodistas. Das 800 a 1.000 famílias, eles conquistaram mais ou menos 30. Na verdade, isso não é muito, porém é demais. Que o protestantismo venha justamente da América do Norte confere-lhe uma especial força atrativa, pois a América do Norte é agora justamente o trunfo do Brasil. A grande generosidade dos metodistas norte-americanos possibilita a essa seita enviar por toda parte seus mensageiros que então, em consequência do rico apoio financeiro, pelo menos no começo, podem fazer o papel de benfeitores desinteressados.

Involuntariamente, impõe-se ao pensamento ver, na situação atual das coisas em Camboriú, um retrato das condições da Igreja no Brasil. O Brasil, como mais ou menos toda a América Latina, é a terra da falta de sacerdotes. Muito já melhorou, principalmente graças à forte intervenção dos membros de congregações religiosas alemãs. Para satisfazer razoavelmente a todas as necessidades, o número de sacerdotes deveria multiplicar-se.

Numa audiência que nosso Superior Geral teve com o Santo Padre, o Papa expressou sua viva satisfação pelo fato de também nossa Sociedade ter enviado sacerdotes para o Brasil, pois, ao lado das missões pagãs, não seria menos importante defender o patrimônio da Igreja Católica nos países onde ela já se radicou.

72

Síntese de nossa missão no sul do Brasil[*]

No ano de 1903, o Exmo. Sr. Bispo de Curitiba, no sul do Brasil, solicitou à nossa Sociedade enviar-lhe alguns padres para tomar parte no trabalho de cura d'almas em sua extensa diocese, sobretudo entre os imigrantes alemães em Santa Catarina. Já atuavam, há mais anos, diversos bravos padres alemães da diocese de Münster no Brasil meridional; mas seu número era muito pequeno para atender a todas as necessidades pastorais. Sua atuação foi, no mais, rica em bênçãos e se, nas últimas duas décadas, a vida religiosa teve novo impulso justamente naquela região do Brasil, deve-se esse belo fenômeno, talvez em primeiro lugar, à dedicada atuação de seus sacerdotes.

Depois que os filhos de São Francisco[1] já se haviam estabelecido neste campo missionário, partiram também, em junho de 1903, dois padres, Lux e Foxius, como primeiros sacerdotes de nossa Sociedade para o Brasil meridional. Auxiliaram primeiramente em Desterro, a capital do estado de Santa Catarina, o Revmo. Pe. Topp na cura d'almas e no ensino, até se acostumarem com a língua e os hábitos e poderem assumir paróquias próprias.

1. O primeiro local de trabalho entregue aos nossos padres, cujo número nesse ínterim havia crescido, foi a paróquia de Brusque. Esse lugar continua sendo nosso principal estabelecimento.

Há poucos anos, Brusque festejou o 50° aniversário de sua fundação. Em 1860 chegaram os primeiros colonos, a maioria católicos de Baden, e se estabeleceram num lugar vantajoso, sob o aspecto romântico e econômico, nas margens do rio Itajaí-Mirim, aproximadamente 40 quilômetros distante do mar. A colônia recebeu o nome do seu primeiro Diretor. Nos primeiros anos, as dificuldades foram enormes e incríveis os esforços. Só a premente necessidade e a luta pela sobrevivência podem torná-las compreensíveis. Os anos setenta trouxeram novos reforços de imigrantes. Vieram muitos italianos, a maioria da Lombardia, do Vêneto e do Tirol, que se estabeleceram nos numerosos

---

* Anônimo. *Herz-Jesu Kalender*. Missionshaus Sittard, 1911, col. 97-104.

1 Os padres franciscanos chegaram a Santa Catarina em julho de 1891, estabelecendo-se inicialmente em Teresópolis, no atual município de Águas Mornas. Assumiram, posteriormente, as paróquias de Lages, Blumenau, Rodeio, Gaspar, entre outras.

vales dos afluentes do rio Itajaí-Mirim. Os alemães, portanto, ocupam o centro da colônia, ao passo que os italianos formam um círculo em volta.

Com os nativos, os botocudos, aqui denominados bugres, convivia-se, no início, em paz. Depois surgiram dificuldades de toda sorte, e por fim uma situação abertamente hostil que, infelizmente, ainda perdura até hoje. Se somarmos os 200 a 300 poloneses, os pouco numerosos luso-brasileiros, isto é, os descendentes dos antigos imigrantes portugueses, bem como algumas dezenas de famílias de negros descendentes dos antigos escravos, teremos o número de católicos da paróquia de Brusque em torno de 13 a 14 mil almas. Também uma comunidade protestante de, aproximadamente, 1.500 almas, quase só de alemães, mora dispersa entre os católicos.

A grande maioria dos moradores ocupa-se com a criação de gado e lavoura. Cana-de-açúcar, milho, arroz, mandioca, feijão, tabaco, batata e, praticamente, todas as espécies de hortaliças vingam bem, de sorte que nunca há falta de gêneros alimentícios e, assim, ninguém precisa passar fome. O italiano ama seu vinho como o alemão, a cerveja, e ambas as nações prosperam a cada ano na fabricação dessas bebidas. No entanto, a melhor fonte de renda continua sendo sempre a floresta. Nas proximidades dos núcleos coloniais, contudo, já foi extraída toda a madeira de valor e como aqui, com o extrativismo, não se replantam árvores, o mato que rapidamente se forma a seguir é apenas capoeira ou espécies imprestáveis de madeira. Algumas nem sequer servem para lenha, porque contêm muita água. O centro da colônia, no Brasil denominado geralmente "praça", desenvolveu-se, pouco a pouco, numa bonita e ativa cidadezinha. Muitas bonitas casas de comerciantes honrariam qualquer cidade alemã de médio porte. Na cidade moram principalmente comerciantes, artesãos e funcionários. Também a indústria começa a desenvolver-se, graças à rica disponibilidade de força d'água e navegabilidade do rio. Esse setor emprega algumas centenas de trabalhadores e trabalhadoras, cuja sorte e salário não se comparam com os de seus companheiros de profissão da pátria alemã.

Em todo o caso, trabalha-se muito em Brusque e, no que diz respeito à economia, os alemães estão em primeiro lugar, um fenômeno que se explica pela sua superioridade cultural, como também pela sua atividade e estabelecimento há mais tempo.

O que aqui é dito sobre a situação econômica de Brusque vale mais ou menos para todas as colônias alemãs, porém não para as mais antigas comunidades luso-brasileiras.

No centro da cidade de Brusque eleva-se, numa colina visível a longa distância, a bonita igreja matriz e, ao lado, a modesta casa paroquial, que oferece abrigo aos cinco padres e a um irmão que aqui trabalham. Dos padres, três ocupam-se exclusivamente com a cura d'almas; um leciona e, além disso,

desempenha atividades pastorais e o outro administra, no aspecto econômico e espiritual, o asilo de Azambuja, do qual falaremos adiante. Os trabalhos pastorais mais cansativos, mas também os mais consoladores, são as visitas aos doentes e as assim chamadas missões nas capelas. São muitas as visitas aos doentes e, como é natural, por causa da numerosa população e da enorme extensão da paróquia, elas se igualam frequentemente a verdadeiras viagens. Cada padre dispõe, para essas saídas, de um cavalo. As capelas são visitadas mensalmente ou, conforme a importância, a cada dois meses. Como o número de capelas da paróquia de Brusque chega a 14, os padres têm muito o que fazer. Algumas capelas têm, inclusive, sua missa todo domingo. Na maioria das vezes, o padre permanece três dias na capela, mas muitas vezes também uma semana inteira. Nessas visitas ele prega, dá doutrina, ministra os sacramentos, visita os doentes, apazigua brigas; numa palavra, deve ser tudo para todos.

Especial atenção os missionários consagram ao ensino da juventude, no correto sentido de que quem tem a escola tem o futuro. Entre os alemães sempre se faz alguma coisa nesse sentido. Eles têm inclinação para a formação e consideram uma injustiça e pecado deixar que seus filhos cresçam sem ensino escolar e, por isso, estão também dispostos a contribuir para a fundação e manutenção de escolas. Bem diferentes são as coisas entre os italianos. A maioria considera a formação escolar um luxo, de sorte que a fundação e a manutenção das escolas esbarram nas maiores dificuldades. Enquanto o padre está com eles, tudo vai bem. Todos se inscrevem na associação escolar e prometem enviar os filhos regularmente à escola. Apenas o padre foi embora, a indiferença e a avidez tomam conta. Pois também a avidez desempenha um papel nessa falta de interesse pela formação escolar. Os pais italianos acreditam simplesmente não poder ficar sem o trabalho de seus pequenos rebentos. Tão logo o filhinho consegue engatinhar, ele já precisa ir para a roça capinar.

Valiosa ajuda, no ensino, prestam as Irmãs da Divina Providência, de Münster, que admitem, como internos, moças e rapazes menores. Dessa maneira, é possível manter na paróquia de Brusque oito escolas paroquiais, que gozam de boa frequência e que mostram um resultado digno de nota.

Dentro do território da paróquia de Brusque, aproximadamente três quilômetros da matriz, situa-se Azambuja, um lugar de peregrinação muito frequentado, com hospital e um internato para crianças em preparação à Primeira Comunhão. O estabelecimento, como foi dito acima, é dirigido por um dos padres de Brusque. Os doentes são atendidos gratuitamente; medicamentos são distribuídos de graça aos pobres e um bom número de crianças, filhos de colonos, é acolhido gratuitamente durante o período de preparação à Primeira Comunhão. O estabelecimento não dispõe de uma renda fixa. Os colonos trazem espontaneamente gêneros alimentícios. Tão logo estes começam a faltar, vai alguém com a

carroça do estabelecimento às colônias. Os colonos já sabem o que isso significa. Se a carroça está mesmo vazia, isso significa que deve ser carregada; se ficou bem carregada no caminho de volta para casa, significa: "Por hoje é suficiente, quando for necessário, voltaremos". Desse modo, é possível manter constantemente, em Azambuja, de 80 a 100 pessoas, em parte doentes, em parte crianças de Primeira Comunhão. Sete Irmãs que cuidam da cozinha e dos doentes são auxiliadas por filhas de colonos. Também estas trabalham de graça.

2. A segunda paróquia entregue aos nossos padres é São Bento, distante de Brusque três dias a cavalo. Nossos padres assumiram São Bento em 1904. A colônia foi fundada por imigrantes alemães aos quais se juntaram, no decorrer dos anos, alemães da Boêmia, poloneses, italianos e luso-brasileiros. A paróquia, que tem um diâmetro de mais de 100 quilômetros, conta com, aproximadamente, dez mil católicos, assistidos por três padres. A comunidade protestante conta com cerca de três a quatro mil almas. Há também ainda índios selvagens nas florestas das montanhas. Não há como estabelecer o número exato deles; todavia, parece que não são mais que algumas centenas. Nos últimos anos, a vida religiosa em São Bento teve um satisfatório desenvolvimento. A nova igreja matriz, iniciada há muito tempo e finalmente terminada pelos nossos padres, é uma imponente construção. Está entre as igrejas mais bonitas de Santa Catarina. A recepção dos santos sacramentos aumentou significativamente e o interesse dos católicos pelo ensino foi despertado, de modo que também em São Bento várias escolas paroquiais católicas são bem frequentadas. O número de capelas, cuja multiplicação por causa do extraordinário aumento da população seria uma necessidade premente, é ainda relativamente pequeno. Eleva-se a cinco. Outras novas estão nos planos. Também em São Bento trabalham Irmãs no ensino.

No que diz respeito à economia, a situação é quase a mesma que em Brusque. Parece, todavia, que os colonos gozam de melhor bem-estar, em virtude da localização favorável quanto ao clima e da riqueza das florestas em madeira para construção.

3. Itajaí, localizada na foz do rio do mesmo nome, pode ser alcançada, de Brusque, em um dia de viagem a cavalo ou de barco. No ano de 1905, essa paróquia foi confiada aos nossos padres. Por ora quatro missionários estão aí encarregados da cura d'almas dos 20 mil católicos. É relativamente pequeno o número de protestantes. O número de alemães em Itajaí mal chega a mil pessoas. Se, contudo, seu número é reduzido, sua influência, no entanto, é grande, porque o comércio encontra-se totalmente em suas mãos, pois Itajaí é uma cidade portuária e mercantil. Também no aspecto religioso, os alemães constituem o centro da comunidade. As atividades dos padres foram, até agora, ricamente abençoadas. A modesta igrejinha, que até poucos anos oferecia espaço suficiente para todos os devotos, tornou-se agora muito pequena. Uma nova igreja, maior,

está sendo planejada há vários anos. Por falta de dinheiro, a construção não pôde ser começada até agora. As escolas paroquiais católicas que ali foram fundadas se desenvolveram maravilhosamente. Com a vinda de Irmãs, também as moças puderam receber uma sólida formação e educação escolar. Além da Igreja Matriz, há sete capelas para atender.

Enquanto, nas paróquias até agora citadas, os alemães constituem a maioria, ou pelo menos um importante suporte para a vida religiosa, pela sua influência, as três paróquias que passaremos a citar são habitadas praticamente só por luso-brasileiros, dos quais não podemos esperar a mesma vida religiosa ativa como entre os alemães, italianos e poloneses.

4. Atendendo novamente aos apelos insistentes do Bispo diocesano, assumiram nossos padres, no ano de 1905, a paróquia de Paraty, à qual se encontrava unida a antiga paróquia de Barra Velha. A população se constitui quase exclusivamente de luso-brasileiros e de negros descendentes dos antigos escravos. Na época da escravidão, abolida em 1888, Paraty tinha certa importância. Hoje, no entanto, por causa da aversão ao trabalho, toda a população empobreceu. As águas, ricas em peixes, e uma pequena plantação de mandioca e bananas fornecem o necessário. Quando assumimos a paróquia, a vida religiosa ia muito mal. Mediante trabalho paciente, incansável e, em especial, persistente dos padres, muita coisa melhorou. A frequência à igreja e a recepção dos sacramentos aumentou significativamente. Também é ministrado regularmente e com sucesso o catecismo às crianças. As dez mil almas da paróquia são pastoreadas por dois padres. Há três capelas.

5. Depois que o estado de Santa Catarina foi alçado à diocese, em 1908, o novo pastor, Dom João Becker, um alemão nato, solicitou a nossos padres para assumirem Camboriú. À paróquia de Comboriú foi anexada a de Porto Belo. As duas juntas somam 15 mil almas, para as quais trabalham dois padres, que também têm quatro capelas para visitar. Dois padres são insuficientes para dar conta de todas as necessidades. A situação religiosa era desoladora. No primeiro ano só houve cinco confissões pascais em toda a numerosa população. Acrescente-se a isso o fato de os metodistas americanos terem se estabelecido em Camboriú e conseguido alguns adeptos. Aqui, portanto, era necessário iniciar tudo do começo, e rapidamente e com energia. Felizmente deu certo. Se, todavia, a situação ainda deixa a desejar, contudo realizaram-se coisas maravilhosas nesses poucos anos. O número de confissões pascais mais que centuplicou. A Associação Reparadora do Coração de Jesus foi fundada e se desenvolveu bem.

6. A frente de trabalho mais recente é a paróquia de São Miguel, em Biguaçú, assumida em 1910 em lugar das, até então, paróquias da Lagoa e do Ribeirão, na ilha de Desterro. Os moradores são, como em Camboriú e Paraty, em sua maioria, luso-brasileiros, para os quais foram destacados dois padres na

cura d'almas. Também aqui a vida religiosa encontra-se num nível muito baixo, bem parecido com o de Camboriú.

Pe. Weicherding, Pe. Franken, Pe. Lindgens, Pe. Keilmann.

Queremos prevenir contra um equívoco natural relativo à triste situação da maior parte da população brasileira. À primeira vista poderia parecer que essa situação é parecida com a de alguns países da Europa. Mas não é esse o caso, pois a fraca participação dos brasileiros na vida religiosa não se pode atribuir à descrença ou ao anticlericalismo, mas à ignorância, e isso em decorrência das dezenas de anos de abandono religioso. Pelo menos isso vale para os brasileiros que não moram nas grandes cidades. Os da cidade, todavia, procuram, com frequência, sobrepujar os modelos de anticlericalismo da Europa.

Duas de nossas paróquias têm, cada uma, um irmão para os trabalhos domésticos e os serviços da igreja. Os missionários pedem insistentemente enviar-lhes mais irmãos e, sobretudo, mais padres. Dezoito padres para 80 mil católicos, em números redondos, é deveras pouco, sobretudo nesses ambientes onde ainda tudo está por fazer e onde é impossível uma regular e organizada cura d'almas por causa das grandes distâncias. "Pedi, pois, ao Senhor da messe para que envie operários à sua messe, pois a colheita é grande, mas os operários são poucos."

73

Os índios em Santa Catarina[*]

Pe. Geraldo Spettmann

Nos últimos tempos tem-se dado novamente mais atenção à questão dos índios no Brasil. Ao que parece, o governo, como também o povo, começa a tomar consciência do problema. No entanto, por causa da situação em que as coisas agora se encontram é, de fato, muito difícil, interessar-se pelos indígenas. Os missionários que trabalham no Brasil não são, nem de longe, suficientes para dispensar aos católicos sem assistência um atendimento religioso regular. Além disso, o relacionamento entre a população branca e os silvícolas é tal que é quase impossível, por enquanto, começar um trabalho missionário entre esses últimos. Há entre as duas raças um constante clima de guerra que, com o declínio dos já pouco numerosos índios (talvez 5.000), parece estar chegando ao fim. Não é fácil saber de que lado se encontra a maior injustiça. Um bom amigo de Pe. Spettmann, de Porto Belo, nos dá uma descrição de como é conduzido esse conflito.

Como ainda hoje, também outrora, os produtos que o planalto não produz eram transportados em animais de carga, especialmente mulas, do litoral para Lages e para outros lugares do interior. Naquela época, por causa dos péssimos caminhos, uma viagem durava, em geral, de 15 a 20 dias de São José, uma cidade litorânea situada defronte à capital Desterro, até Lages, o centro do planalto. O caminho passava, na maior parte do trajeto, por densa mata onde viviam, e ainda hoje habitam, os índios selvagens. Quando eu ainda era um garoto de 14 anos, fiz minha primeira viagem de Lages a São José para comprar sal, açúcar, farinha de mandioca, café, etc. Eu tinha sob meu comando 40 animais de carga. Quatro negros, fortemente armados como eu, me acompanhavam. Em minha leviandade de jovem, ou melhor, na minha inexperiência, fiquei um pouco para trás da tropa: um magnífico pinheiro, cujas sementes maduras cobriam ricamente o chão, havia atraído minha atenção. Como não tínhamos em casa essa espécie de árvore, pensei em levar comigo uma mãozada de sementes. Apeei, portanto, do animal, que eu, por precaução, ainda continuei segurando pela rédea. Eu estava justamente ocupado na coleta das melhores sementes quando, subitamente, meu burro começou a arfar inquieto: ele havia percebido a presença dos selvagens. Num longo pulo, saltei na montaria e disparei num galope a toda brida ao encalço da tropa, que alcancei em dez minutos. Os animais de carga, que andavam

[*] *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XI (1911), p. 43-46.

um tanto dispersos, foram rapidamente ajuntados e, com o revólver na mão, continuamos nossa viagem sem maiores transtornos. Ao anoitecer chegamos à casa de um brasileiro que mora numa clareira no meio da floresta. Ele negou redondamente nosso pedido de pernoite, com o argumento de que, junto dele, correríamos perigo maior de sermos atacados pelos índios do que se continuássemos nossa viagem durante a noite escura.

Infelizmente tive que lhe dar razão. Em qualquer pequeno alojamento era fácil para os selvagens cercar-nos durante a noite e, no dia seguinte, matar a todos, ao passo que, continuando a viajem durante a noite, nos salvaríamos mais facilmente, pois os selvagens não poderiam servir-se da única arma, as flechas, pois na escuridão não conseguiriam mirar. Ao meu convite para nos acompanhar e escapar desse perigo aberto, o caboclo respondeu: "Não, eu fico para vingar a morte de minha mulher e cinco filhos que aqui caíram nas mãos de assassinos quando eu, há menos de um ano, trabalhava tranquilo, não longe de casa, naquele campo!..." Então, o mais depressa possível, mas também com cautela, nos pusemos a caminho e o nosso eremita, para desviar de nós a atenção dos índios, foi até a orla da mata próxima e começou a trovejar terríveis blasfêmias e maldições contra os índios, intimando-os a sair da espessa mata e travar com ele uma luta de vida e de morte.

Admirei-me não pouco com a ousadia desse homem. Terão, talvez, sua natureza temperamental e desprezo da própria morte intimidado os índios...?

No mais, a viagem a São José transcorreu calma, sem sermos molestados.

A volta foi mais perigosa. Apenas tínhamos atrás de nós o décimo quinto dia quando, ao anoitecer, um cavaleiro veio a galope e gritou para nós: "Na próxima fazenda, meia hora daqui, os índios assassinaram a proprietária e um empregado negro. Estou indo às pressas aos vizinhos para pedir socorro!" E já havia sumido! Enquanto isso, nós cavalgamos lentamente adiante e logo chegamos à dita fazenda. As flechas haviam atingido suas vítimas no meio do peito. Só quando quebramos a parte inferior da vara, que estava guarnecida de penas, conseguimos arrancar a flecha. As duas pessoas tiveram morte instantânea, pois as flechas estavam envenenadas e haviam perfurado totalmente as vítimas.

Nós estávamos exaustos. Viajar adiante era imprudente, pois tínhamos a passagem de um vale estreito pela frente, onde seria fácil para os selvagens nos aniquilar, se não com flechas, então com pedras, paus ou outras coisas semelhantes. Tocamos depressa nossos animais para o pátio cercado da fazenda, os descarregamos, os tratamos com milho e nos dirigimos o mais depressa possível para o interior da casa, onde o fazendeiro, um filho de 15 anos e um vizinho rodeavam os mortos, chorando. Até a chegada dos vizinhos transcorreu pelo menos ainda uma hora, pois o mais próximo morava três quartos de hora distante. Assim tínhamos tempo para nos contarem como havia acontecido o assalto.

Ao anoitecer, os selvagens haviam-se aproximado cautelosamente até a beirada do mato, sem serem percebidos. Sem suspeitar de qualquer perigo, o empregado negro havia saído, por ordem da patroa, para buscar lenha que a mulher lhe indicava da porta onde ela ficara parada. No mesmo instante atiraram duas flechas, que mataram ambos.

Apenas o infeliz fazendeiro terminara sua narrativa quando ali fora soou o comando: "Avante, burro!" Como os índios já haviam escutado do condutor de tropa palavras como esta e outras parecidas, eu pensei que os selvagens quisessem roubar nossos animais de carga e até nossos burros de montaria. Decididos a tudo, saímos às furtadelas para fora, com o punhal na boca e a pistola na mão: qual não foi nossa surpresa quando, de repente, apareceu um branco em companhia de sua esposa, ambos conduzindo as duas montarias pelas rédeas, por causa da espessa escuridão. Ajudamos depressa a desencilhar os animais, conduzimos os solitários transeuntes para dentro da casa e lhes contamos que os índios estavam na proximidade. "Meu Deus", respondeu atônita a mulher, "tão próximos estávamos da morte e nada percebemos! Ó meu Deus, muito obrigada!" Logo em seguida vieram também os vizinhos, 18 cavaleiros fortemente armados. Por precaução, todos pretendiam permanecer na casa até a manhã do dia seguinte. Assim, pelo menos, havia sido decidido primeiramente. Todavia, passada nem bem uma hora, veio o aviso da sentinela, que eles haviam colocado fora como vigia, comunicando que no alto do morro situado em frente queimava uma fogueira no meio da floresta. A resposta uníssona foi: "São os índios! Imediatamente para lá! Nós os abateremos!" De fato, deslocaram-se imediatamente para o mato, aproximaram-se dos selvagens até certa distância, onde então permaneceram escondidos, observando até quando começou a clarear o dia, para ficarem seguros de suas presas. Dez índios fortes e crescidos descansavam junto à fogueira e olhavam as coisas e gêneros alimentícios que eles ainda haviam roubado às pressas na hora do assassinato. O sol nascente os encontrou em profundo sono, sem que de nada suspeitassem. Subitamente irromperam os brancos. Cada um havia tomado um na mira. 18 homens contra 10! Os selvagens logo jaziam por terra, com o peito perfurado. Só um teve a chance de escapar. Saltou rápido uma encosta de rochedo abaixo e, dessa forma, escapou. O mais jovem dos brancos saltou ao encalço dele com a mesma frenética ousadia (tinha apenas 16 anos). O selvagem havia caído numa armadilha. O jovem branco saltou sobre ele e encravou-lhe um punhal nas costas. Na luta mortal com os selvagens, os colegas não haviam percebido seu desaparecimento. Quando perceberam sua falta, saltaram também o precipício abaixo onde o encontram ocupado em cortar o pescoço do selvagem. Quando, de manhã, por volta das 8 horas, reapareceram na fazenda e contaram seus feitos heroicos, dirigi-me ao mais jovem e lhe disse que isso foi um ato muito cruel, que foi um assassinato matar os índios assim numa emboscada.

“Não”, disse ele, “isso não é um assassinato. Pode-se tranquilamente matar os selvagens; não são mais que reses, pois não têm alma!” Existe aqui, de fato, a crença muito difundida segundo a qual a pessoa recebe a alma só na hora do batismo.

Depois de sepultados os mortos, retomamos nosso caminho. Dois dias e uma noite separavam-nos ainda de Lages e nos vimos obrigados a pernoitar no mato, pois achávamos que os índios estariam longe. Não teria sido possível alcançar a próxima fazenda antes do alvorecer. Deixamos, por conseguinte, presos os animais num cercado feito às pressas com cordas, erguemos uma barraca de pano e procuramos dormir, enquanto uma sentinela vigiava. No entanto, eu não conseguia fechar os olhos. De tempos em tempos eu chamava o vigia para ver se estava acordado, sua resposta “tudo seguro” nunca deixava esperar por ele. De repente percebi que eram jogadas pedrinhas sobre a barraca. Levantei de imediato e recebi a informação da sentinela de que os índios estavam na proximidade. Todos nós cinco ficamos então acordados e com as armas prontas para atirar. Felizmente os selvagens não insistiram mais com qualquer brincadeira e não nos fizeram nenhum mal. Na manhã seguinte, era necessário fazer primeiro um reconhecimento da mata: índios não havia mais por aí, mas faltava um dos nossos animais de carga. Depois de muita procura, encontramos um lugar bem escarpado onde o capim havia sido esmagado. O animal caíra precipício abaixo! Essa era a realidade! E como trazê-lo de volta, para cima? Só com grande esforço, com ajuda de cordas e cipós, conseguimos trazer o muar de volta para junto da tropa.

O último dia havia despontado! Animais e homens esqueceram o medo e a fadiga e alegres entramos na cidade natal, aonde chegamos perto da noite e fomos cumprimentados pelos pais e irmãos.

Apesar de tudo, esperamos que a boa vontade de uns e os enérgicos esforços de outros ainda consigam salvar o escasso resto de índios botocudos em Santa Catarina e conceder aos mesmos as bênçãos do cristianismo.

74

A maçonaria em ação*

A revolução em Portugal é obra da maçonaria. Provam-no as negociações do grão-mestre português com o ministro Grey, da Inglaterra. Logo em seguida, o grão-mestre de honra da maçonaria italiana fez suas conhecidas invectivas contra o Papa. Pouco mais tarde, na composição do ministério francês, Briand foi obrigado a admitir o grão-mestre Laferre. Na Espanha, a maçonaria está em ação, na Turquia tece suas tramas e no distante Brasil ela já se faz sentir fortemente.

"No ano passado, escreve Pe. Köster do Brasil, no congresso maçônico do Rio de Janeiro, foram forjados e publicados na imprensa planos especiais contra o trabalho das congregações religiosas. Assim, por exemplo, foi planejado subtrair das congregações o ensino e toda subvenção estatal. O Congresso Histórico e Geográfico que teve lugar três meses mais tarde, tomou a decisão, por sugestão de uma senhora, de chamar a atenção do governo federal que, após os decretos do Estado, a civilização dos índios deveria realizar-se do ponto de vista irreligioso. O programa desse congresso, ao que parece, será agora executado ponto por ponto, naturalmente com a necessária moderação e prudência.

"No dia 20 de junho, o governo federal promulgou, através do ministro da Agricultura, um longo regulamento sobre a 'proteção dos índios'. Para essa finalidade, deverá ser nomeado em todos os estados um corpo de funcionários. O êxito dessa missão leiga com certeza logo se mostrará nulo e, em contrapartida, um estorvo para a verdadeira missão. Em Santa Catarina, foi nomeado para a missão leiga um delegado do governo que, por enquanto, pode exercer seu cargo no ócio, em casa, pois ainda não conta com nenhum subalterno. Uma petição de missionários italianos para auxiliar a missão indígena foi respondida negativamente pelo governo, com a observação de que o governo mesmo civilizará os selvagens. Na missão do Rio Branco, os beneditinos tiveram sua atuação prejudicada por funcionários do governo e um dos padres, inclusive, foi maltratado. Tais acontecimentos deixam supor o que a missão leiga pretende e será.[1]

"Para os beneditinos (Congregação de Beuron), o tormento da perseguição parece que já começou. Ainda recentemente, os monges foram forçados, mediante uma notificação ameaçadora do governo, a abandonar seu direito de posse sobre uma ilha e permitir que, no rochedo onde está construído seu

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XI (1911), p. 90-92.

1 Veja também o artigo "A catequese indígena na América do Sul", p. 384-398.

mosteiro, no Rio de Janeiro, seja presa uma ponte pênsil. Leio hoje que foi feito um requerimento ao ministro das Finanças, no sentido de que todos os bens da ordem estejam sujeitos ao fisco e que, após a morte dos últimos dois beneditinos brasileiros, não seja mais possível transferir legalmente os bens para os membros de outra província da Ordem. O mesmo pode acontecer com outras ordens mais antigas, porém não com as congregações que aqui se estabeleceram de acordo com a legislação atual, após a proclamação da República.

"Parece também bastante certo que será tirado dos estabelecimentos de ensino das congregações religiosas o direito público. Uma nova lei escolar está sendo preparada por uma comissão especial para ser apresentada provavelmente ainda este ano às duas Câmaras. Poucos certamente se pronunciarão a favor dos religiosos que, em geral, são estrangeiros...

"O projeto de reforma escolar contém, desde o começo, um ponto hostil segundo o qual o Estado só pode conceder subvenções financeiras às escolas se o ensino for 'sem religião' e gratuito.

"Com isso, a florescente Igreja do Brasil também estará exposta ao assalto internacional dos inimigos da cruz. Pena que ela seja ainda tão jovem e tão fraca. Infelizmente não existe nenhum partido católico e absolutamente nenhum jornal católico em língua portuguesa. O clero secular diminui em vez de aumentar, como acontece em muitos países.

"Quando irrompeu a revolução em Portugal, grandes manifestações em favor dos heróis portugueses tiveram lugar na capital do Brasil. O grão-mestre da loja enviou um telegrama de parabéns a um irmão em Portugal. E quando as agências de notícias, que se encontram nas mãos dos maçons, comunicaram que muitos dos religiosos expulsos de Portugal estavam embarcando para o Brasil, os maçons daqui entraram em polvorosa. Protestou-se contra essa invasão, apedrejaram-se as janelas de vários conventos, molestaram-se os sacerdotes na rua e as coisas teriam chegado a verdadeiros horrores, se a polícia não tivesse intervindo com mão firme e não tivesse protegido igrejas e conventos.

"Mas levantou-se logo um intenso grito de indignação no Brasil católico, que sabe perfeitamente que deve toda a sua cultura tão-somente à atuação do clero religioso. Por toda parte se fizeram reuniões de protesto e, em nome da Constituição, foi pedida para o clero religioso a mesma liberdade de que gozam anarquistas e maçons.

O governo decidiu não tomar nenhuma atitude hostil contra o clero religioso português, e os covardes frequentadores das lojas lamentam-se e temem que algumas freiras e monges possam perturbar suas maquinações e arruinar o país. Sim, onde reina o ódio, em vão procura-se a razão."

75

O sistema escolar no Sul do Brasil*

Dentre as muitas lutas que são travadas em nossa época, a luta pela escola é, com certeza, não a mais insignificante. Na verdade, vale a pena lutar, pois "quem tem os jovens, tem o futuro". Eis a razão do obstinado esforço dos inimigos da fé para conseguir em seu poder as escolas, a fim de arrancar a fé do coração das crianças. Mas, por isso, também os infatigáveis esforços cheios de sacrifícios dos missionários em ganhar as crianças para o Salvador e mantê-las fiéis a ele, mediante boas escolas.

Em qualquer país, como na Alemanha, onde o ensino é monopólio do Estado, a luta pela escola sempre será uma luta com a alternância da maioria no parlamento. Pelo contrário, nos países onde a liberdade de ensino é constitucionalmente garantida segundo o modelo americano, qualquer interessado pode fundar escolas. Com certeza, interessa muito à Igreja a liberdade de ensino. Sem ela, nunca teria conseguido nos Estados Unidos a eminente posição que ocupa agora. Com a instalação da República (1889), o Brasil incluiu em sua Constituição, entre tantas outras disposições, também a liberdade de ensino como na América do Norte. O Estado, todavia, mantém escolas, mas aquele a quem não agrada a escola pública pode mandar os filhos para uma escola particular, de acordo com seu agrado. A escola do Estado é aconfessional, às vezes ateia, de acordo com o professor, e, por isso, não é adequada para a educação. O Estado mantém poucas escolas, e apenas nos lugares mais importantes. O número deveria ser, ao menos, dez vezes maior para atender, pelo menos, às necessidades mínimas. Disso adveio à Igreja o premente dever de preencher essa lacuna. Isso se deu por meio das, assim chamadas, escolas paroquiais, que estão sob a direção do pároco.

Mas, quem arca com as despesas? A manutenção é, sem dúvida, a maior dificuldade. Porém, ânimo, habilidade, perseverança e espírito de sacrifício conseguirão superar essas dificuldades. Está totalmente fora de cogitação que os padres possam manter com recursos próprios tantas escolas. Para isso não são, nem de longe, suficientes as arrecadações. Não resta, portanto, outro meio, a não ser que os colonos mesmos contribuam com o pagamento; mas a isso, naturalmente, ninguém pode ser obrigado. No mais, pela importância que, pelo menos, os colonos alemães dão ao ensino escolar, e pela alta consideração em que são tidos os padres aqui, consegue-se, em geral, em todos os lugares onde há um número suficiente

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano (XI) 1911, p. 135-137; 182-184.

de crianças, pôr em funcionamento uma escola viável. Isso só é possível onde há população de origem alemã, que tem no sangue o interesse pela formação. Nesse aspecto, os italianos e os brasileiros são, em geral, muito atrasados.

Para fundar, então, uma escola, forma-se primeiro uma associação escolar, sob a direção do pároco. Membros da associação são, em primeiro lugar, os pais das crianças em idade escolar. Embora no Brasil seja desconhecida, por parte do Estado, uma obrigação escolar, os pais alemães, com raras exceções, consideram como "obrigação" proporcionar aos filhos o melhor ensino possível. Para cada criança que frequenta a escola é estipulada uma determinada contribuição mensal, de aproximadamente 1 marco; às vezes mais, às vezes menos. Para famílias de muitos filhos, e estas o são quase todas, a mensalidade é realmente uma carga pesada, sobretudo por falta de dinheiro em espécie, de modo que as famílias pobres nem sequer podem pagar a mensalidade. As contribuições não são de modo algum suficientes para a manutenção da escola, a aquisição do prédio escolar e o pagamento do professor. Para cobrir então o grande déficit, os mais abastados devem contribuir com somas maiores, o que geralmente acontece sem grande resistência, pois também seus filhos ficam sem aula se a escola não tiver condições de subsistência. Para elevar as entradas, são admitidos na associação, além dos pais das crianças em idade escolar, também aqueles que ainda não as têm ou não as têm mais. Pois também a esses é explicado que a existência da escola não é sem interesse para eles; é-lhes dito que não devem esperar que uma escola seja fundada como algo particular para suas crianças quando atingirem a idade da obrigação escolar e que não podem ficar indiferentes ao bem-estar futuro, se seus sobrinhos, enteados e afilhados, que se contam às dúzias, não tiverem acesso ao ensino. Tão logo se dá a fundação da associação escolar, elege-se dela e para ela uma diretoria, cujo presidente nato é o pároco. Então a escola pode começar a funcionar.

Quando imaginamos uma escola primária numa colônia do Brasil, não devemos, evidentemente, pensar numa escola primária alemã, dirigida por um professor primorosamente preparado, que se esforça escrupulosamente em fazer uso das mais recentes inovações da didática e da pedagogia. Em pouquíssimos casos é possível conseguir, para uma escola paroquial, um professor formado segundo o conceito alemão. Para isso a situação da escola teuto-brasileira é ainda muito pouco desenvolvida. A maior dificuldade, o mau arrecife contra o qual naufragam os mais belos projetos, é, apesar da associação escolar, a falta de dinheiro. É simplesmente impossível garantir ao professor de escola colonial um ganho com o qual possa levar, com sua família, um nível de vida conforme sua categoria.

Assim, os padres se veem obrigados a encontrar outra solução para a questão das escolas. Nos lugares onde moram juntos mais padres, um deles, quando não há outra saída, assume, às vezes, além dos trabalhos de cura d'almas, também o ensino escolar. Em tais casos, evidentemente, não se pode falar de um trabalho

tranquilo, pois num mesmo dia podem acontecer três ou quatro chamadas de visita a doentes e o padre deve, então, suspender sua aula para atender a um compromisso mais santo.

Se, no entanto, nenhum padre mora no lugar onde se encontra a escola, como acontece na maioria dos casos, ou se o número de padres é tão reduzido que eles são obrigados a dedicar todo o seu tempo à cura d'almas, então o embaraço é, às vezes, muito grande. Em raríssimos casos entram mais de 50 a 60 marcos mensais como dinheiro escolar, em geral menos, às vezes nem sequer 20 marcos. Mesmo assim, são numerosos os candidatos a assumir, como professor, uma escola. De vez em quando se apresenta um candidato com alguns semestres de formação acadêmica, que por um ou outro motivo deixou a pátria para tentar a sorte no Brasil. Para ter ao menos uma ocupação, ele se dispõe a assumir provisoriamente o cargo de professor. Um comerciante falido exerceria certamente também de bom grado o papel de mestre-escola, para ganhar honestamente seu sustento. Inclusive um tenente, que veio para o Brasil não se sabe por qual motivo, julga-se em condições de ser útil no magistério. Mesmo que os padres, sobretudo na qualidade de homens de confiança da Associação São Rafael, estejam dispostos a apoiar, segundo suas possibilidades, semelhantes vidas desnorteadas e dignas de compaixão, e se interessem em conseguir para eles uma boa colocação, o que no Brasil é, em geral, mais difícil que na Alemanha, é, no entanto, evidente que não podem confiar uma escola a tais pessoas, sem mais nem menos. Eles preferem, com razão, aqueles candidatos que conhecem há mais tempo e a quem podem, em sã consciência, confiar um lugar de trabalho de tamanha responsabilidade, ainda que a formação intelectual deixe muito a desejar.

Muitíssimos professores são apenas artesãos ou colonos que tiveram na Alemanha apenas uma formação primária básica e que, por conta própria, continuaram sua formação mediante assídua leitura de bons livros e jornais. Como o salário muitas vezes não é suficiente para viver dele com a família, o mestre-escola continua exercendo tranquilamente sua antiga ocupação. Na maioria das vezes, as aulas são ministradas no período da manhã, para que o professor possa dispor para si do período da tarde. Também os pais não gostam de dispensar os filhos o dia todo, porque necessitam deles para os trabalhos em casa, no mato e na plantação.

Um primoroso e indispensável pessoal docente fornecem as Irmãs. Todas as Irmãs de origem alemã, no Sul do Brasil, pertencem à ordem das Irmãs da Divina Providência, que tem a casa-mãe em Friedrichsburg, na cidade de Münster. A cada ano essa ordem envia novos reforços, de modo que o número das que trabalham nos estados do Brasil meridional chega, aproximadamente, a 200. Além das aulas, as Irmãs dedicam-se também à enfermagem como, por exemplo, no hospital de Azambuja, em Brusque, como nossa revista já noticiou reiteradas vezes em anos anteriores.

É realmente admirável o sucesso das Irmãs no ensino. Suas escolas são frequentadas por meninas e meninos. As Irmãs sabem conquistar as crianças e não se preocupam em transmitir-lhes apenas admiráveis conhecimentos, como também formar e enobrecer seus corações e sentimentos. As crianças que frequentam a escola das Irmãs diferenciam-se, de longe, das demais. Seu modo de ser é amável, modesto e decoroso; sua fala, sem falhas e fluente. As escolas alemãs podem orgulhar-se com os resultados que nossas boas Irmãs conseguem com as tímidas crianças dos colonos, nas disciplinas da escola e nos trabalhos manuais. De modo especial as Irmãs se preocupam com as aulas para as meninas, para que sejam bem práticas. Sempre se terá diante dos olhos o objetivo de ensinar às crianças aquilo que mais tarde lhes será útil para a vida. Daí também a preocupação com a prática das crianças em todos os trabalhos domésticos e seu interesse pela limpeza e ordem. A gente se admira ao ver com que gosto as crianças sabem arranjar as flores na decoração dos altares e com que eficácia sabem agrupá-las.

O abençoado trabalho das Irmãs também é, por isso, universalmente reconhecido e são estimadas tanto pelos católicos como pelos adeptos de outras religiões.

Escola alemã de São Bento do Sul.
Note-se a presença de quatro Irmãs entre as crianças.

Naquelas escolas onde as aulas são ministradas por um colono ou artesão, o ensino, evidentemente, não pode apresentar resultados tão bons como nas escolas dirigidas por um padre, por Irmãs ou por um professor formado em curso de magistério. Todavia, mesmo assim, os resultados de muitas escolas coloniais suscitam legítima admiração. Confirma-se bem o ditado segundo o qual não é só o preparo intelectual que forma o professor, mas, em primeiro lugar, uma conduta de vida que infunde respeito nas crianças; a seguir, saber levar ao nível de compreensão das crianças o interesse pelo ensino, bem como a capacidade e os conhecimentos. As aulas, que em geral se limitam às horas da manhã e que são frequentadas por crianças de oito a doze anos, consistem muitas vezes só em religião, leitura, escrita e fazer contas. É inevitável que se ofereça esse número limitado de disciplinas, para não expor o ensino todo ao fracasso. Essa sábia limitação faz com que, em geral, os resultados nessas disciplinas sejam bastante satisfatórios e possam suportar muito bem uma comparação com as escolas alemãs. Nas escolas melhores são, evidentemente, também tomadas devidamente em consideração as demais disciplinas.

Os prédios escolares são, como o pessoal docente, muito diversos. Nos centros maiores, onde reside um pároco, são, na maioria, de tijolos, e por isso, agradáveis e práticos. Nas colônias mais afastadas, o prédio escolar não passa em geral de um simples galpão de madeira. Portas e janelas sem vidro permitem a entrada suficiente de luz e ar. No mais, as crianças não sentem, de modo nenhum, a pobreza desses espaços escolares, pois também em casa não estão acostumadas a coisa melhor.

No mais, é um fenômeno notável, e para as escolas com certeza uma honra, que as crianças, de modo geral, gostem de frequentar a escola. No verão ocorre, quase todos os dias, uma forte trovoada. Para não colocar a saúde das crianças em perigo, o padre disse, certo dia na escola, que se deveria ficar em casa no caso de ameaça de trovoada. Mesmo assim, as crianças compareceram em grande número no próximo dia de chuva. O padre repetiu sua advertência, com a instrução de que seria muito prejudicial à saúde vir com a roupa totalmente molhada. Além disso, no domingo seguinte, ele falou na pregação com muita insistência aos pais para não enviarem os filhos à escola em dia de chuva. O resultado foi pequeno. Pouco tempo depois, o padre foi chamado para atender um doente que morava quase duas horas distante da capela e escola. Como nas imediações morassem também várias famílias cujos filhos pertenciam aos teimosos frequentadores da escola, o padre parou na casa de algumas delas, para chamar novamente a atenção dos pais. E qual foi a resposta? Por toda parte mesma. “Sim, padre, nós advertimos suficientemente os filhos, mas eles não nos deixam em paz enquanto não os deixamos partir”. É bom não deixar de dizer que os garotos certamente gostam de ir à escola, não apenas movidos pela curiosidade. Muitos rapazes vêm

a cavalo e uma cavalgada assim, principalmente em companhia de outros, exerce um enorme encanto. Inclusive para aqueles que vêm a pé, o comparecimento à escola tem seus atrativos. Nos caminhos da escola, geralmente longos, através de matas, rios, pastagens, plantações, o jovem tem, com muita frequência, ocasião de praticar façanhas e aventuras.

Assim, pois, os padres realizam algo significativo, com poucos recursos. O número de analfabetos entre os alemães é mínimo e, inclusive, entre os brasileiros, italianos e poloneses é menor que em muitas velhas culturas da Europa.

76

Ataque indígena[*]

A seguinte notícia do jornal *Der Kompass* mostra quais os métodos empregados pelos anticlericais no Brasil para civilizar os índios.

"Os índios blumenauenses, se assim se pode chamá-los, chegaram bem e em boas condições, de trem, a Curitiba via Rio Negro. São 70 pessoas entre homens, mulheres e crianças. Já nos ocupamos muitas vezes desse grupo de índios. O antigo bugreiro José Rodrigues levara-os, como se sabe, há algum tempo para a região de Blumenau, onde representaram uma autêntica comédia, apresentando-se como selvagens, mas agora como botocudos que procuravam a proteção da civilização. Imitaram esses selvagens até onde o puderam, colando em si, inclusive, com cera, bodoques nos lábios. O governo e o serviço de proteção aos índios caíram, no começo, no embuste de mandar alimentar e vestir os irmãos vermelhos à custa do Estado. Mas, pouco a pouco, descobriu-se a farsa e, como se começou a sentir em Blumenau uma forte corrente contra os suspeitos indígenas, decidiu-se despachá-los à força. Mudaram-se, portanto, novamente para o seu estado de origem, o Paraná. Durante a viagem de trem, o chefe, que fala fluentemente o português, contou a um passageiro que eles pretendem visitar o grande pai em Curitiba. Esperamos que o grande pai Francisco Xavier não se deixe ludibriar com semelhante comédia. Trata-se de índios guarani. Eles têm, de modo geral, muita simpatia por Blumenau. Como o chefe contou ao nosso informante, o povo de Blumenau é bom e foram ali bem tratados.

"Desde 14 de dezembro fez-se valer novamente, na região de Blumenau, o perigo indígena. Naquele dia, antes do meio-dia, os índios atacaram o colono Norberto Pletz, que trabalhava no mato, em alto Rafael, na colônia Hansa. O homem foi atingido mortalmente por uma pontada de lança. Gritando alto, ainda andou do mato até sua roça de milho, onde sucumbiu morrendo. A gritaria do ferido chamou a atenção dos colonos, que se juntaram armados, evitando maiores carnificinas. Não obstante, os índios ainda tentaram saquear a casa do colono Kolm, mas foram enxotados com tiros de espingarda. Na mesma noite, porém, saquearam completamente a casa do colono Düsterhöst, que pernoitou com sua família na casa de um vizinho próximo. No dia 19 de dezembro, como o esclarece um telegrama enviado naquele dia ao superintendente, os índios ameaçavam ainda os colonos. Ainda não está bem claro de quais índios se trata. Como

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano (XI) 1911, p. 184-185; 233-234.

também teriam falado português, poderiam ter sido coroados ou então, como até se suspeita em Blumenau, os guaranis que, como foi dito acima, chegaram a Curitiba na quarta-feira. Em todos os casos, seria da maior importância investigar essa questão.

"Pouco depois dos acontecimentos registrados no número anterior desta revista, chegaram novamente notícias alarmantes das diferentes partes do extenso município de Blumenau. Não houve, felizmente, nenhuma nova vítima, mas difundem-se por toda parte a inquietação e a insegurança entre os colonos. Com certeza, é situação muito incômoda precisar temer, a cada instante, de dia e de noite, um ataque dos malvados da selva. Os colonos se veem obrigados a ir armados de espingarda para suas lavouras e ainda apenas naquelas mais próximas de casa; não se arriscam a deixar a casa fora do alcance dos olhos. Na verdade, não se pode afirmar que ocorram muitos casos de morte, mas o pior é o constante estado de inquietação e aflição em que os selvagens mantêm os colonos. Assim, escreve-se de Blumenau: "Os bugres promovem ainda desordens por toda parte e ameaçam os pobres colonos. São percebidos, há algum tempo, na região junto ao rio Santa Maria. Muitos trabalhadores do mato teriam percebido índios. Afirmam ter encontrado recentes sinais em troncos e galhos de árvores, como os índios costumam fazer para comunicar-se com seus companheiros que vêm atrás. É bem sabido que não se deve dar, em cada caso, total crédito a tais narrativas, pois a suscetível fantasia de medo que se tem dos bugres faz perceber coisas que a outras pessoas não dariam na vista. Mas não se deve simplesmente negar o perigo, pois incontestáveis fatos existem. Assim, na segunda-feira, os selvagens roubaram do colono José Felippe um grande tacho de cobre que havia sido deixado junto ao rio, perto de casa, onde havia sido limpado. Na terça-feira planejaram um ataque à casa do colono Franz Schw[1]. Enquanto ele trabalha em Joinville, a mulher e as crianças ficam em casa. Os índios já teriam sido percebidos há mais dias perto da casa, e é totalmente inexplicável por que a mulher tenha se ausentado mais horas, deixando as crianças sozinhas em casa. Pouco depois que a mulher saiu, os selvagens surgiram do mato e se aproximaram por dois lados da casa. No entanto foram vistos e afugentados com tiros por um brasileiro que mora no morro em frente. As marcas do pé de um deles tinham 35 centímetros. O mais característico nessa história é que, segundo fundadas convicções de muitos conhecedores de índios, não se trata, em muitos casos, de "selvagens", mas que os ataques são praticados por bugres considerados meio civilizados. Estes, por sua vez, vivem também no mato, como seus companheiros de tribo. Em determinadas épocas eles recebem do governo roupas e gêneros alimentícios que aceitam agradecidos e, em troca, prometem comportar-se como

1 Sobrenome abreviado, não sendo possível sua identificação.

civilizados. É evidente que tais presentes não têm sozinhos um real poder de aculturação. Esta, só a religião pode conceder, com suas prescrições e seus meios de graças. Civilizar os índios dessa maneira é o mesmo que enfrear o cavalo pelo rabo. Enquanto os detentores do poder político não resolverem chamar em auxílio o mais proeminente poder cultural, a Igreja, e não apoiarem fortemente sua atividade, eles haverão de experimentar certamente muitas desilusões e não verão nenhum resultado".

77

Visita a capelas no sul do Brasil*

Na maioria das imensas paróquias do sul do Brasil, é impossível para muitos, mesmo bons católicos, cumprir regularmente seus preceitos religiosos. Essa situação tem, naturalmente, consequências funestas: muitos ficam sem a grande graça do santo sacrifício da missa. Em caso de doença, é difícil chamar o padre e, de modo especial, não é possível anunciar ao povo com tanta frequência a palavra de Deus quanto seria necessário, de modo que se torna difícil combater a ignorância religiosa, o maior mal da Igreja no Brasil. Para remediar ao mínimo possível esses inconvenientes, resolvemos construir capelas em todas as localidades mais afastadas da matriz, em número maior ou menor, de acordo com a extensão da paróquia, os meios disponíveis e o zelo religioso da população. Assim, muitas paróquias têm uma dúzia ou mais dessas capelas ou filiais, sobretudo nas colônias alemãs e italianas. Outras, pelo contrário, mal contam com três ou quatro, apesar da grande extensão da paróquia como, em geral, é o caso nas regiões onde predomina a população luso-brasileira. As capelas são, então, visitadas por um padre em espaço regular de tempo. Ele permanece ali vários dias, faz todos os trabalhos inerentes ao serviço de cura d'almas e então volta para casa, para retomar o mesmo trabalho na semana seguinte, em outra capela. Será de interesse para nossos leitores e leitoras acompanhar em espírito um missionário numa dessas viagens, razão pela qual deixamos, de aqui em diante, a palavra ao padre.

"Meu companheiro, o encarregado de me buscar, havia chegado. Seu cavalo descansara um pouco e então a viagem podia começar. Também meu animal de montaria, embora já encilhado, estava ainda ocupado em consumir o resto de uma boa porção de milho que lhe dariam energias renovadas para a longa viagem. Tudo está pronto. O alforje, abastecido com todos os apetrechos necessários, é afivelado no cavalo e, por cima deste, enrolada com arte, ainda a capa à prova de chuva. A minha insignificância está equipada para valer: resistentes e longas botas, chapéu de abas largas, a batina arregaçada para não estorvar no cavalgar. Lançamo-nos na sela, um cordial 'Até logo' ao padre e ao Irmão[1] que ficaram em casa, uma 'Boa viagem', da parte deles, e então nossos cavalos saem a trote pela porteira do pátio. No começo é preciso bridar fortemente os cavalos. Prefeririam disparar logo a todo galope; mas isso não poderá ser permitido. As forças devem ser poupadas, senão o caminho poderia tornar-se longo demais.

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano (XI) 1911, p. 234-237; 329-332; 377-381; 425-427; 519-523; 569-572.

1 Irmão Johannes [João] Schwartmann.

Meu ‘negro’ contempla bem, de alto a baixo, seu companheiro de viagem, como se tivesse consciência de sua importância. Não lhe agrada em absoluto ter de ficar ao lado do acompanhante, preferiria estar sempre na frente, numa distância do comprimento de meio cavalo. Mas nada adianta. Ele percebe que uma mão firme segura as rédeas e, por isso, deve manter-se no seu lugar. Percorridos alguns quilômetros, o caminho conduz por pomares, pastagens e plantações. As bonitas moradas, a maioria pequenas, encontram-se um pouco afastadas do caminho, para que sobre espaço diante da casa para um jardim, algumas vezes também uma horta ou a pastagem para gado. Restos de mata virgem e pântanos ainda não secados lembram que aqui ainda havia, até poucas dezenas de anos, medonhas, se bem que imponentes, florestas onde o botocudo arredio espreitava entre os arbustos a caça e por onde um caçador branco raramente arriscava meter-se. Dentre aqueles que, mesmo assim, empreendiam a façanha, muitos nunca retornaram. Mas hoje tem-se a sensação de se encontrar numa zona rural alemã, se não tivéssemos sempre diante dos olhos as majestosas palmeiras imperiais, as passifloras que crescem com exuberância nos pomares, as orquídeas das mais variadas espécies, os gerânios e brincos-de-princesa que crescem por toda parte, asselvajados na capoeira, as balsaminas como se fossem ervas daninhas e, não por último, as imponentes bananeiras e laranjeiras supercarregadas de frutas que somente podem produzir com tanta abundância sob o sol tropical do Brasil.

O sol dardeja seus raios, o ar não se move sequer um pouquinho, os animais começam, aos poucos, a sentir o cansaço por causa do calor. Com alegria, saudamos o mato próximo que não nos refresca, mas, pelo menos, nos oferece sombra. Para usufruir por mais tempo da sombra ao longo do caminho e para poupar os animais, cavalgamos a passos lentos. Em muitos aspectos, o recém-chegado sente-se desiludido quando penetra pela primeira vez na floresta brasileira. Tudo é tão quieto e silencioso que se tem a impressão de estar num cemitério. Apenas miríades de borboletas grandes e de cores magníficas embalam-se sobre as flores das plantas trepadeiras e inumeráveis colibris furta-cores voam de flor em flor para apanhar os insetos com sua linguinha longa e fina.[2] Também os incômodos mosquitos não conhecem hora de descanso, nem de dia nem de noite. O restante mundo animal dormita totalmente. A verdadeira vida na floresta começa, de fato, só depois do pôr do sol e dura algumas horas, até perto da meia-noite, para recomeçar novamente ao nascer do sol.

Não é possível, do cavalo, examinar o interior da floresta. Do caminho vê-se apenas um grande emaranhado de árvores, arbustos, cipós e plantas parasitas. É impensável penetrar no mato. Para isso é preciso primeiro abrir uma picada com o facão. Em direção ao exterior, há uma verdadeira parede de folhas, do

2 O colibri ou beija-flor não se alimenta de insetos, mas do néctar das flores.

chão até a ponta das árvores, de modo que só em certos lugares, onde no máximo há alguns dias foi derrubada uma árvore, é possível um olhar "dentro do mato" e isso também só poucos passos. Como teremos mais tarde oportunidade de conhecer a floresta mais de perto, não queremos hoje perder nosso tempo, uma vez que o lugar de nosso destino ainda está longe e o tempo já vai adiantado.

A lenta cavalgada pelo mato e a substanciosa água fresca do rio que desce da montanha haviam refeito as forças de nossos animais de modo que pudemos, dali em diante, acelerar novamente nossa viagem. Os cavalos dos colonos gostam de correr, principalmente quando estão em maior número ou, pelo menos, em dois. O cavaleiro ajuizado permite esse modo de andar por pouco tempo, pelo menos no sul do Brasil, onde os caminhos apresentam poucos trechos planos, pois os animais logo ficariam cansados. Em distâncias maiores, nunca se faz mais que seis a oito quilômetros por hora. Quem faz mais, estraga o cavalo.

Quando deixamos o mato, descortinou-se diante de nós a imagem de uma magnífica paisagem. No lado esquerdo de nosso caminho, que a muito custo tem espaço para dois cavaleiros lado a lado, ergue-se um íngreme paredão de pedra, não escalvado, pois aqui tudo está coberto de vegetação, inclusive as pedras. À direita, bem abaixo de nós, o Itajaí-Mirim revolve suas águas cristalinas e pacíficas que só em alguns lugares são visíveis aos nossos olhos, pois a margem rochosa tem fendas suficientes onde árvores, samambaias e plantas trepadeiras podem deitar raízes.

No outro lado do rio, estende-se uma grande planície que outrora esteve igualmente coberta de mata, mas que, na década de 1860, foi desbravada por colonos alemães. Longe, no horizonte, uma cadeia de montanhas relativamente altas – evidentemente coberta de mata – fecha esta fértil região e separa-a da região fluvial do Itajaí-Açu, onde se localiza a florescente colônia alemã, Blumenau. Tão longe quanto alcança a vista, estendem-se moradas e mais moradas: as residências, a maioria escondida entre sombreados laranjais ou cafezais, a seguir as estrebarias com extensas pastagens em volta, bem como lavouras de cana-de-açúcar e de milho. Os colonos não moram reunidos em povoados, mas cada qual construiu sua residência no meio de seus pastos, lavouras e matas.

No nosso lado do rio, os rochedos desaparecem gradativamente, dando lugar a colônias. Se na outra margem foram morar principalmente alemães, nesta margem se estabeleceram em especial italianos, a maioria do Tirol e da Lombardia. Como os italianos vieram 10 a 20 anos mais tarde que os alemães, tiveram que se contentar com terras de segunda qualidade, isto é, incômodas encostas de morro, pois as bonitas terras planas já estavam em posse dos alemães. Com seu incansável trabalho, em que não ficam atrás dos alemães, e sua maneira simples de viver, em que, talvez, os superam, também os colonos italianos conseguiram, em geral, garantir um razoável nível de vida. Muitos, inclusive,

alcançaram certo bem-estar e voltaram então as costas para o Brasil e, com suas economias, compraram na velha pátria uma pequena propriedade ou começaram um comércio. O alemão, pelo contrário, só deixa a contragosto a propriedade que ele mesmo construiu.

Há algumas horas vinham-se formando nuvens de trovoada, que talvez pudessem surpreender-nos de maneira desagradável. Uma trovoada diária, em geral nas horas da noite, é, no mais, algo normal na estação de calor. São as chuvas de verão que possibilitam o crescimento das plantas e alimentam os numerosos rios e riachos. Se a chuva de verão for pouca, ou se faltar totalmente, o colono se encontrará em situação aflitiva. Seus principais produtos de subsistência, o milho e a mandioca, não vingam e também seu gado passará fome, pois os pastos secos lhe fornecem pouco trato. Por isso, as muitas trovoadas são realmente bem-vindas ao colono. A necessidade e também a familiaridade com as mesmas fazem esquecer seu medo. Porém, são muito desagradáveis ao viajante e, nesse caso, também para nós. Nossa preocupação maior era chegar ao nosso destino antes do início da trovoada. Não era aconselhável parar na casa de algum colono e esperar o fim da trovoada, pois muitas vezes tais tempestades se prolongam pela noite adentro e causam transbordamento dos rios, o que torna a travessia perigosa e, às vezes, impossível. Nesse caso, poderia ser questionada, por causa da demora, nossa chegada à capela, no horário previsto. Por isso decidimos cavalgar adiante para atravessar, pelo menos, os próximos riachos antes do início da trovoada ou, talvez, alcançar nosso destino.

Num rápido trote percorremos logo um bom trajeto; mas os trovões roncavam sempre mais próximos. Os animais se esforçavam ao máximo, como se tivessem entendido nossa intenção. De vez em quando já caíam grossos pingos, de modo que logo fomos obrigados a nos proteger com nossas grossas capas de chuva à prova de água. Paramos. Desatar as capas, desenrolá-las, cobrir-se com elas, e, para proteger o chapéu, levantar o capuz foi obra de poucos segundos. Tínhamos que seguir adiante para passar o mais depressa possível os próximos riachos, antes que tivessem crescido muito com as águas da trovoada.

Em instantes começou a chover a cântaros; era uma autêntica chuva tropical. O caminho igualou-se logo a uma torrente, dificultando muito para que que os animais seguissem depressa adiante. O próximo riacho permitiu-nos atravessar sem dificuldade. Mas, os seguintes? "Padre, não seria talvez melhor parar na próxima casa? É, por enquanto, a última. Se formos adiante, não encontraremos tão cedo outra, e a trovoada está se tornando impetuosa e parece querer demorar muito", ponderou meu guia.

"Caso não exista perspectiva de conseguirmos atravessar os riachos, então sim. Se, no entanto, houver esperança de consegui-lo, mesmo que cheguemos tarde da noite, então é melhor seguir viagem."

“Talvez o consigamos, mas os riachos são perigosos”. “Então avante”, eu disse. Após dez minutos ouvimos, apesar da forte chuva, o rugido do riacho. Logo estávamos na sua margem. Assemelhava-se a um caudal enfurecido que, espumando, lançava-se com grande ruído contra as enormes pedras que pareciam querer fechar-lhe o caminho. Se em outras ocasiões os cavalos entram na água, e até gostam, sem hesitar, dessa vez nossos animais ficaram involuntariamente parados. Observei interrogativo meu guia e não me escapou a apreensão em suas feições.

“Devemos arriscar, Padre?”

“Como você achar. Se você se atreve a atravessar, eu, com certeza, o seguirei.”

“Pois então, em nome de Deus.”

“Em nome de Deus”, eu lhe respondi.

“Siga-me correta e atentamente, Padre. Não em direção transversal, mas diagonal, para que as ondas não atinjam o cavalo na parte mais larga, do contrário será arrastado embora.”

Os animais precisaram de alguma animação e então obedeceram solícitos. Eu segui exatamente atrás do meu guia, que conhecia bem o rio, a uma distância de alguns metros para que as ondas, ao passarem pelo seu cavalo, saíssem um pouco do seu rumo, não se lançassem com toda a força contra meu cavalo. Parecia que os animais, às vezes, vacilavam. Mas, deu certo. Felizmente conseguimos atravessar.

Deixamos os animais descansarem por alguns instantes e então seguimos adiante até o próximo vau situado a aproximadamente um quarto de hora e que conduzia pelo mesmo rio que havíamos atravessado há pouco. Este serpeia em grandes curvas pelo vale. Ao primeiro olhar, o meu guia viu que seria uma temeridade tentar atravessá-lo. O rio estava muito cheio e caudaloso para os animais poderem atravessá-lo sem perigo. E agora, o que fazer? Aqui, qualquer conselho custaria caro. Continuava chovendo forte e a total escuridão era apenas dissipada pelos claros e fortes relâmpagos. Não havia nenhuma moradia nas imediações. De repente o guia se lembrou da existência de um colono que mora um pouco afastado do caminho, escondido no meio do mato. Não nos restava outra coisa a fazer do que tentar chegar até lá e pernoitar ali ou, pelo menos, aguardar o fim do temporal. Para isso, precisávamos nós como também, e de modo especial, nossos animais, que durante mais de uma hora haviam caminhado pela lama, urgentemente de uma pausa para descanso.

Uma trilha saía do caminho, à direita, e conduzia por um matagal lamacento. Era impossível cavalgar, principalmente por causa da escuridão. Descemos dos animais e tentamos chegar a pé ao destino. O guia ia à frente e eu o seguia. Puxávamos os cavalos pelas rédeas. Mais depressa que nós esperávamos,

estávamos diante da porteira do terreiro. Os cães começaram a latir e logo apareceu o colono com dois de seus filhos maiores na porta da casa. Meu guia gritou-lhe algumas palavras que o esclareceram a respeito dos inesperados visitantes e então começou uma animada movimentação na casa. Apesar da chuva, o bom homem veio com seus filhos ao nosso encontro e, depois de alguns instantes, também sua mulher estava aí, dando-nos as boas vindas e insistindo que entrássemos depressa. Os cavalos foram conduzidos pelos filhos do colono até debaixo de um telhado e desencilhados. Uma grande medida de milho com cana-de-açúcar cortada, que no sul do Brasil é o melhor alimento para cavalos, fez os sofridos animais logo esquecerem as fadigas. Convencidos de que nossos animais estavam abastecidos, também nós entramos na casa. Meu guia estava molhado até o último fiapo; eu estava completamente embrulhado na minha capa de borracha, deixando livre apenas as mãos e uma parte do rosto. Tais capas são realmente boas para proteção contra chuva, pelo menos enquanto estão intactas. Em regiões quentes, porém, são muito incômodas, pois não deixando passar o calor do corpo, desenvolvem uma temperatura quase insuportável. Por isso, eu estava no íntimo feliz em poder me livrar finalmente da capa.

Então começaram os cumprimentos. A boa família, como quase todos os moradores desse vale, era originária da Itália. Não se continha de contentamento em ter um padre em sua casa, pelo menos uma vez. Nunca tivera essa honra, a não ser naquele dia quando, há anos, o avô recebera os santos sacramentos. A forte tempestade só havia sido enviada momentaneamente pelo bom Deus para obrigar o padre a entrar em sua casa. Sentamo-nos confortavelmente no banco à mesa; cadeiras, parece que não havia. A dona de casa preparou depressa um café reforçado, enquanto o pai trouxe os filhos menores que já tinham ido dormir. Queria que eles fossem abençoados pelo padre. Mal os pequenos escutaram que o pai queria buscá-los, os primeiros já apareceram à porta. Haviam despertado com os muitos cumprimentos e as expressões de alegria em voz alta. Cada uma deu a mãozinha ao padre, disse seu nome – algumas, evidentemente, após fortes insistências da mãe – então todas foram agraciadas com um santinho e uma medalhinha de Nossa Senhora. Em seguida, muito felizes, sumiram para o quarto, sob as ordens da mãe.

O café ficou pronto; estava "quente" como o inferno e preto como o diabo, como tem que ser um bom café no Brasil. No começo, um café assim é intragável para um alemão, mas com o passar do tempo a gente se acostuma de tal modo que não se prefere mais tomá-lo de outra maneira. Se a xícara esvaziada não fica tingida de marrom no seu interior, então o café é "muito fraco". O colono também não se importa em gastar alguns grãos a mais. Sua plantação lhe fornece o suficiente para o próprio consumo e não vale a pena vendê-lo no varejo, pois em consequência da superprodução das extensas plantações no estado de

São Paulo, os preços estão muito baixos, em torno de 40 a 50 Pfenig o quilograma, um valor que proporcionaria aos colonos uma renda diária de 60 Pfenig por trabalhador. O país seria, portanto, um verdadeiro eldorado para apaixonados bebedores ou bebedoras de café.

Os colonos italianos não consomem pão. Por isso, foi-nos oferecido bolo de milho que, depois dos esforços vencidos, assentava bem. Também não havia leite, nem manteiga, pois os italianos, ao contrário dos colonos alemães, raramente se ocupam com a criação de gado. Quando eventualmente compram uma vaca, ela deixa de produzir leite em pouco tempo por falta de cuidados.

Enquanto isso, a trovoada havia-se dissipado e eu me preparei para seguir viagem a fim de chegar ao destino ainda naquela noite. No entanto, nossos cordiais anfitriões nos aconselharam a desistir da decisão. Os rios ainda estariam tão cheios que seria impensável atravessá-los. Para abaixar o volume das águas seria necessário esperar até amanhã e, por isso, precisaríamos pernoitar com eles. Meu guia deu-lhes razão e anuí forçosamente. Foi-me oferecida uma cama, mas eu a recusei terminantemente: uma esteira de junco me bastaria. Nossos bons anfitriões conformaram-se. Juntos, fizemos uma breve oração da noite, desejamo-nos mutuamente uma boa noite e cada qual se entregou ao sono restaurador. Meu guia, acomodado no assoalho de tábuas, parecia estar satisfeito. Eu não consegui adormecer tão facilmente sobre a esteira de junco debaixo da mesa. Vinham-me à mente as situações pelas quais havíamos passado, pensei no bom povo da capela que talvez ainda estaria acordado por nossa causa e nos aguardava apreensivo. Mas, o que se move no meu rosto? Com certeza uma aranha. Desagradável, mas não perigoso. Então pensei na minha situação atual – aqui debaixo da mesa. "Se mais tarde um mal-intencionado tiver a ideia de afirmar que eu estive deitado debaixo de uma mesa, tu não o poderias negar sem mais nem menos." Tive que rir sem querer. "Mas – o que sinto está se tornando insuportável. Isto se move, zumbe e morde!" Acendi um fósforo para alumiar à praga o "caminho de sua casa". Que espetáculo! Bandos de aranhas, baratas e outros filhos da escuridão moviam-se pela sala, dançavam por toda parte sobre meu guia e faziam um delicioso banquete com os restos de comida, de moscas, etc, uma verdadeira festa de casamento à moda de Göthe, um "número incontável de gente feliz". Oxalá tivesse Klopstock[3] tido a oportunidade de estar deitado aqui no meu lugar! Que brilhante ode não lhe teria inspirado essa noite tropical!

Eu, infelizmente, não tenho veia poética e, por isso, também não sei valorizar devidamente a originalidade do alojamento. Num pulo, levantei-me, fui até a porta e observei o céu. A trovoada havia passado completamente. A bonança

3 Friedrich Gottlieb Klopstock (*2.7.1724, Quedlinburg, †14.3.1802, Hamburgo). Poeta alemão. Genial épico, lírico e dramaturgo entre o barroco e o clássico. Fundador do irracionalismo e da poesia de aventura.

trouxe um ar fresco e aromático que convidava a continuar a viagem. Dirigi-me então ao meu guia e partilhei com ele minha intenção. Embora não estivesse muito animado com meu propósito, todavia concordou. Acordou os cordiais anfitriões, que só o consentiram mediante a firme promessa de hospedar-me com eles em uma próxima oportunidade. Os animais estavam reanimados; também eles pareciam aguardar com impaciência o prosseguimento da viagem. Em poucos instantes os cavalos estavam selados; montamos e confiantes seguimos viagem, ainda noite, à luz do luar.

Com ímpeto os animais começaram a jornada. Éramos, no entanto, obrigados a freá-los e a deixá-los andar a passo por causa do caminho acidentado. Um trotear rápido facilmente nos teria exposto ao perigo de uma queda. A passagem pelo vau, que na noite anterior nos havia obrigado àquela desagradável interrupção de nossa viagem, foi vencida em pouco tempo. Para nossa surpresa, vimos que a água havia baixado, porém apenas um pouco. Mas voltar também estava fora de cogitação. Por isso, entramos com coragem e chegamos sãos e salvos à outra margem.

"Agora as maiores dificuldades certamente estão superadas", comentei com meu guia.

"Ainda não estamos no destino, Padre. Ainda precisamos atravessar o mesmo rio mais duas vezes."

"Com a ajuda de Deus, certamente o conseguiremos!"

"Oxalá consigamos passar o próximo vau! O último não oferece nenhuma dificuldade", disse o guia.

O caminho ficou íngreme. Em poucos instantes estávamos diante da água. Custava-me acreditar nos meus olhos. Não era mais um riacho, era um rio caudaloso. As ondas espumavam selvagens por entre as imensas pedras, galhos, troncos... Até ilhas flutuantes, que ao longo do trajeto haviam-se desprendido das margens, eram arrastadas junto. À nossa esquerda, alguns metros por cima da água, um longo e forte tronco de árvore, no qual estava fixada uma espécie de corrimão, fornecia a ligação entre as duas margens para os pedestres.

"Então, vamos tentar?"

"Nenhum colono haveria de empreender a façanha, Padre."

Estávamos numa situação desagradável. Era desconfortável ter que permanecer ali, quando faltavam apenas dois quilômetros até o nosso destino.

"Aqui não podemos ficar para esperar as águas baixarem."

"Há ainda uma saída, Padre," observou, hesitando, meu guia.

"E esta seria?"

"A de fazermos a pé o resto do caminho. São ainda, no máximo, 20 minutos. Podemos conduzir os cavalos ao pasto do moleiro, que não mora longe daqui e amanhã cedo voltarei para buscar os animais." Como não havia outro

meio para chegar logo ao destino, eu concordei com a proposta, se bem que no Brasil ninguém gosta de andar sequer 20 minutos a pé quando é possível evitá-lo de alguma forma.

Os animais, portanto, foram levados a um lugar seguro. Meu guia colocou sobre os ombros o alforje de couro que continha os objetos necessários para a celebração da Santa Missa. Sem dificuldade atravessamos a pinguela que balançava perigosamente, mas o corrimão dava à mão direita um apoio seguro.

"Finalmente", disse o guia, "finalmente estamos no destino. Precisamos atravessar apenas ainda uma vez o riacho e isso faremos sem dificuldade."

Alegrei-me intimamente com o bom homem. Logo avistamos, a uma distância não muito grande, as paredes brancas da capela.

A boa localização em uma colina, bem como a clara noite de luar, permitiu que a enxergássemos de longe. Não estávamos, porém, tão facilmente livres das dificuldades quanto havíamos esperado. Chegando ao último vau, achamos que seria fácil alcançar a outra margem. Então ouvi subitamente meu guia soltar um grito de dolorida surpresa.

"Santa Maria Benedetta, Padre, isso é muito ruim".

Na primeira olhada eu havia notado a situação e entendi o que ele queria dizer. A pinguela para pedestres ainda estava ali, mas em que estado! Era visível no tronco da árvore que as águas haviam-no atingido gravemente. A água passara por cima, arrancara o fraco corrimão e deslocara o tronco de seu lugar normal. Em vez de a parte desbastada estar para cima, para servir de passador, estava para cima a parte redonda. Foi muita sorte que a enxurrada não a tivesse arrastado embora; nesse caso, nosso embaraço teria sido ainda maior. Oxalá tivéssemos conosco nossos cavalos! Era fácil de passar o vau. Após alguns instantes de ponderações, não nos restava outra coisa senão tentar a travessia. Para meu guia, a dificuldade era menor. Acostumado a andar diariamente descalço, tirou rapidamente as botas de cavalgar que, no mais, ele calçara só para honrar seu digno acompanhante. Sem acidente, alcançou a outra margem. Mas, o que eu, pobre coitado, deveria fazer? Num exercício de ginástica, passar, calçado de botas, sobre o tronco de madeira coberto de limo? Impossível! Tirar as botas e também tentar passar descalço? Mas também isso me parecia trazer pouco resultado, uma vez que meus pés nunca haviam sido usados como órgãos para agarrar e que não devia confiar-lhes sem mais nem menos a minha própria segurança. Parecia não restar outra alternativa a não ser a de o guia buscar uma montaria na casa mais próxima e com ela atravessar o vau.

Por vários motivos, porém, esse plano não me agradava, razão pela qual tentou-se uma outra solução. Pedi ao meu guia para remover o quanto possível o limo da pinguela e espalhar terra por cima. Dessa maneira eu esperava evitar um escorregão. Entrementes eu mesmo procurei no mato uma vara de taquara

forte e comprida, com a qual eu tencionava me apoiar na travessia. Assim, tinha que dar certo. Achei logo o que procurava, e meu guia aprovou integralmente o plano. Com um pouco de cuidado, era quase impossível escorregar, por causa da terra sobre a pinguela, e a vara de taquara me proporcionava um apoio seguro, de modo que a travessia realizou-se, contra todas as previsões, depressa e de forma simples.

Agora podíamos, de fato, dizer: "Finalmente, finalmente!" Só algumas centenas de passos separavam-nos ainda do lugar de destino. Aceleramos nossos passos e em poucos instantes já vimos alguns homens vindo ao nosso encontro. Eram as dedicadas pessoas que moravam nas cercanias da capela. Haviam ficado a noite inteira em vigília e rezado para que o padre viesse são e salvo. Teria sido triste demais se, justamente na primeira visita que o padre fazia à sua capela, tivesse sido vítima de um acidente. Em toda a região, acreditavam eles, ser-lhes-iam feitas censuras, acusando-os de não terem cuidado bem dele. Por esse motivo, foi grande a alegria quando viram, à sua frente, aqueles que esperavam com tanta ansiedade.

"Mas, por que vocês vêm a pé? Vocês certamente não fizeram o caminho todo a pé! Onde estão os cavalos? Os animais se acidentaram?"

Estas e outras perguntas zuniam misturadas em nossos ouvidos, e nós tínhamos que pedir paciência para poder dar uma resposta satisfatória a cada uma delas. Depois que lhes contamos em resumo nossas façanhas, e garantido reiteradas vezes que os animais estavam tão bem quanto nós mesmos, o bom povo finalmente sossegou. Fomos então conduzidos para nosso alojamento, um quarto razoavelmente bom, em uma casa de colono. Antes, porém, tivemos que nos deter na sala de visita da família e responder a muitas perguntas sobre apreensões, como também sobre novidades.

A mesa estava posta. Mas já eram duas horas. Como eu pretendia, já no primeiro dia de minha estada, rezar a Santa Missa, não pude fazer uso da cordialidade de meus anfitriões[4]. Lamentaram muito, mas também não insistiram comigo.

"Também nenhum mata-bicho (cachaça, a dizer a verdade, mata bacilos)?" perguntou, hesitando, um bom velho.

"Nem esse, justamente esse não."

"Não esqueçam os foguetes", gritou um jovem.

"Correto, dispare-os, Paulo!" Logo ouvimos os estampidos de vários foguetes e, no intervalo de um minuto, outros três foram disparados. Era o sinal combinado para anunciar aos colonos residentes longe no mato, nos morros e em outros lugares a chegada do padre. Em pouco tempo subiam, por toda parte,

4 O autor se refere ao jejum que, naquela época, ainda tinha que ser observado desde a meia-noite.

da mata escura e no alto dos morros, os cintilantes foguetes para sinalizar que a mensagem havia sido entendida.

Se após todos esses esforços ainda quiséssemos gozar de alguns minutos de descanso noturno, então não deveríamos mais tardar muito, pois a hora já ia adiantada. Agradeci então às bondosas pessoas pelos seus esforços e preocupações que haviam tido para comigo e me recolhi ao quarto que me havia sido indicado. Eu teria descansado bem, mesmo sem uma cama tão confortável como aquela que me foi colocada à disposição.

Pelas 5 horas alguém bateu timidamente na minha porta. Meu anfitrião e sacristão me comunicava que já havia certo número de pessoas na capela querendo se confessar. Não é fora do comum que o padre seja chamado nesse horário para a capela, para atender confissões. Frequentemente vêm às 4 horas, ou mais cedo ainda. Na visita a uma outra capela apareceu certa vez, meia dúzia de colonos já às 2 horas da madrugada. Através das paredes de madeira eu os escutava cochichando. Parecia não estarem muito de acordo em ter de acordar o padre tão cedo. Finalmente, cobraram ânimo e bateram à porta. O sacristão, que dormia no quarto ao lado, informou-se sobre o que pretendiam. Quando percebeu que devia acordar o padre, ele inventou objeções. Tão cedo, às 2 horas, ele não poderia importunar o padre, uma vez que deveria estar muito cansado e não poderia prescindir do descanso. O padre iria com certeza; mas ele não poderia permitir-se chamá-lo agora, sem necessidade. A boa gente estava logo de acordo. Pediram apenas a chave da capela e dirigiram-se para lá, onde eu os encontrei todos às 5 horas, quando fui ao confessionário.

Levantei, portanto, às 5 horas e fui para a capela, onde já se encontrava um bom número de devotos. A Santa Missa estava prevista para as 7 horas. Tinha, portanto, ainda duas horas para ouvir confissões, uma hora para os homens e uma hora para as mulheres. As mulheres confessam atrás da grade, como na velha pátria. Os homens, pelo contrário, não conseguem familiarizar-se bem com o confessionário. Eles preferem que o sacerdote se sente simplesmente no quarto, na sacristia ou atrás do altar, numa cadeira onde se ajoelham diante dele, colocam os braços em cima dos joelhos do sacerdote e, nessa posição, fazem a confissão dos pecados. Vergonha e embaraço eles não conhecem. Estão acostumados a ver no padre o representante de Deus e, por isso, preferem falar com ele de seu mais importante assunto, a salvação de sua alma imortal, sem entraves, abertamente e o mais perto possível. Como os padres se baseiam no princípio de levar em consideração, o quanto possível, costumes existentes, eles não têm, em absoluto, nenhum motivo para acabar com essa maneira de os homens se confessarem. Uma pequena alteração, todavia, foi introduzida no costume. O sacerdote senta-se agora junto à mesa e o penitente ajoelha-se ao lado, junto a ela, enquanto apoia

as mãos sobre a mesa, em vez de apoiá-las sobre os joelhos do padre confessor, como antes.

Pontualmente às 7 horas começou a Santa Missa. Os italianos gostam de cantar. Executaram, por conseguinte, uma missa a quatro vozes, que saiu razoavelmente bem. É de todo surpreendente como conseguem executar peças musicais difíceis. Como tantos, que de resto não sabem ler nem escrever, aventuram-se, e quase sempre com sucesso, a compor um *kyrie* ou uma ladainha lauretana a quatro vozes!

Não se ouve dizer que algum colono chegue atrasado à missa. A maioria já está na igreja uma hora antes do início. Essa pontualidade tem certamente a ver com o considerável caminho que eles têm a percorrer até a igreja.

Evidentemente, deve-se também pregar. É realmente edificante com quanta atenção as pessoas ouvem as palavras do sacerdote. Também o sermão nunca é longo demais. Se o mesmo dura menos de uma hora, então o padre fez um "pequeno sermão". Fiquei surpreso porque, praticamente, todos se encontravam em condições de repetir todo o conteúdo de minha pregação. O povo simples sabe, de fato, valorizar devidamente a grande graça da Santa Missa e da palavra de Deus, pois, muitas vezes, fica privada delas semanas ou até meses.

Isso, todavia, só vale para os colonos alemães, italianos e poloneses. A assiduidade e o fervor da população luso-brasileira, pelo contrário, deixam, no mais, muito, se não tudo, a desejar. Mas também aqui muita coisa haverá de melhorar. Bons começos já foram dados lá onde os missionários podem dedicar-se à cura d'almas com circunspeção e, de modo especial, com paciência – paciência é a divisa nacional no Brasil.

Sermões festivos e literariamente bem trabalhados, evidentemente, não são feitos. O padre limita-se a esclarecer as grandes verdades da salvação, sobretudo com ajuda de muitos exemplos e comparações apropriadas que, é claro, tomam em consideração o limitado raio de compreensão dos ouvintes, e nisso ele tem os maiores sucessos. Sirva de prova um exemplo.

Os italianos são conhecidos pelas suas desavenças. Sempre que se visita uma colônia italiana, é preciso estar preparado para apaziguar algumas inimizades. Tem-se, quase sempre, êxito, embora nem sempre por muito tempo. Certo dia, o padre chegou a uma colônia italiana onde também moram duas famílias de negros. De manhã, logo após a Santa Missa, veio um dos negros até o padre e pediu-lhe para falar com ele a sós por um momento. De bom grado o padre o atendeu. Então o preto se queixou de que os negros eram discriminados por toda parte e que não podiam participar de nenhuma festividade, embora nunca tivessem feito nenhum mal a alguém. O padre consolou-o, presenteou-o com um rosário e lhe prometeu que não descansaria até resolver o problema. No próximo sermão, o padre falou do amor ao próximo e deixou bem claro a todas as pessoas

que também o negro não deve ser excluído desse amor. A pregação ajudou, mas não por muito tempo. Na próxima visita, o padre teve que retornar ao assunto. De novo houve uma melhora, mas, também de novo, só por pouco tempo. Na visita seguinte, o missionário se defrontou mais uma vez com o antigo problema. Resolveu então dar aos presunçosos sábios colonos uma lição bem pormenorizada sobre o tema, falando do valor que a cor tem diante de Deus. Disse ele: "A propósito de vossos bois, um é branco e o outro é preto. Por acaso o boi branco vale mais que o boi preto? Alguém lhe pagará mais pelo branco que pelo preto, por mínimo que seja, só pelo fato de ser branco? Pelo contrário, pagará mais pelo boi preto, se este for melhor". Isso os convenceu; isso confere. "Nisso a gente não tinha pensado". Daquele dia em diante não se ouviu mais nenhuma queixa da parte dos negros.

Após a missa reuniram-se as crianças na capela para a doutrina. Em cada capela um colono mais velho é encarregado de reunir, aos domingos, as crianças para ensinar-lhes as verdades da fé mais necessárias contidas no catecismo. Os resultados são muito diferentes, segundo a mentalidade do povo e a aptidão e zelo do catequista. Em alguns lugares são iguais a zero ou pouco melhor. Porém, não raro, os resultados são também realmente surpreendentes, de modo que nenhum padre precisa envergonhar-se deles. As costumeiras orações diárias como o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo, a Fé, Esperança e Caridade, o Ato de Contrição, tudo isso vai sumamente bem entre a maioria e fiquei convencido de que essas orações não são proferidas sem devoção, mas que brotam, realmente, do fundo da alma. Além disso, sabem cantar hinos de Igreja realmente bonitos, da mesma maneira como é por si mesmo compreensível, entre os italianos, os filhos maiores saberem de cor a ladainha lauretana.

A doutrina da confissão e da comunhão é ministrada, em geral, só pelo padre, por causa da especial importância e da dificuldade desses assuntos. Os sulinos não encontram grandes dificuldades para entender as santas verdades, uma vez que estão animados de um vivo dom de disposição. Para grande alegria das crianças e de seus pais, bem como para especial satisfação dos zelosos catequistas, foi possível novamente admitir diversas crianças à Primeira Comunhão prevista para o dia seguinte.

A grandiosa, bonita e, para a vida toda, inesquecível cerimônia da Primeira Santa Comunhão, tal qual nós costumamos comemorá-la na velha pátria, é desconhecida entre os italianos. Nas colônias alemãs e nas igrejas paroquiais ela foi introduzida, e espera-se que também nos demais lugares aconteça logo o mesmo, pois os brasileiros e os italianos são muito dados a uma solenidade religiosa assim, principalmente quando se leva em conta seus costumes. Mas dessa vez foi preciso ficar com o antigo método, segundo o qual a mãe mesma vai, no dia

de manhã, com seu filho à mesa do Senhor e o conduz ao Divino Amigo das crianças.

O sacristão vem para me dizer que chegou a hora de fazer os batismos. Eram 9 horas da manhã. Para economizar ao máximo o precioso tempo, todos os horários estão minuciosamente programados nas visitas às capelas. Assim, os batizandos devem comparecer, via de regra, de manhã, após a doutrina de comunhão, pelas 9 horas. Seguem, depois, as visitas aos doentes. Só em casos urgentes o padre faz a visita a qualquer momento. Hoje havia 14 crianças para batizar, nascidas desde a última visita, há dois meses. As cerimônias de batismo são as mesmas que na Europa, como também os normais incidentes com os quais os pequenos cidadãos do mundo gostam de estorvar a ação sagrada; por isso podemos economizar um relato sobre esse assunto. Depois do batismo o padre se retira para a sacristia, para onde também se dirigem os padrinhos, a fim de pagar as habituais taxas que, além das espórtulas de missa, que com certeza não são muito numerosas, constituem o salário do padre. As taxas são estipuladas pelas autoridades eclesiásticas. Só em casos raríssimos, no entanto, elas são cobradas no valor do preço estipulado. Dinheiro em espécie é uma raridade nas colônias, pois os produtos da lavoura e da criação de gado são mal remunerados. Muitos também especulam sobre a bondade de coração do padre, mas de modo geral deve-se dar crédito ao povo, quando afirma que não pode pagar as taxas. O padre deve contentar-se, então, com a boa vontade.

O cavalo já está encilhado para levar o padre a um doente que mora no outro lado do morro. Alguns colonos se apresentaram para acompanhar o Santíssimo Sacramento, naturalmente todos a cavalo. Assim é costume aqui. Quando o padre visita a capela, então tudo é festa. Os trabalhos param durante o período de sua permanência, também nos dias úteis. A gente quer dedicar-se inteiramente aos cuidados da salvação da alma. Por isso, é bem compreensível que pelo menos um de cada família, se possível, se associe ao padre na visita ao doente. Visto rapidamente a sobrepeliz e a estola, pego a teca com o Santíssimo e os santos óleos e monto a sela. Na frente vai o guia, em seguida dois cavaleiros com sininhos e lanternas, depois vem o padre, acompanhado pelos demais. Naturalmente não se conversa uma palavra; reza-se em comum o rosário ou cada um reza em silêncio pelo doente e para si mesmo, para ter uma morte feliz. Desta vez a distância não é demasiado grande. Em menos de uma hora chegamos lá, cavalgando sempre morro acima.

Depois de ter conferido os santos sacramentos ao doente e de todos terem saboreado o inevitável café, estava na hora de começar o caminho de volta. Se na ida nos mantivemos juntos para acompanhar em oração o Salvador no Santíssimo Sacramento, na volta tínhamos sobeja oportunidade para admirar a natureza. Alguns colonos vieram morar aqui no alto movidos pela riqueza da

madeira das florestas das montanhas. Um significativo riacho fornece bastante energia para serrar em tábuas a madeira cortada no lugar; assim, o transporte é consideravelmente simplificado e barateado. Para a agricultura, contudo, a região não é adequada; o gado, no entanto, encontra bom trato. Meus acompanhantes, que vivem há anos nessa região e a quem as românticas cercanias não dizem mais nada, montaram imediatamente os seus animais e pareciam, com isso, convidar-me a partir. Consenti. Porém, não montei o meu cavalo, mas voltei a pé, trazendo-o pela rédea. Os colonos olharam admirados até que, de repente, um perguntou se eu não preferia montar. Declarei-lhes que pretendia ir a pé, pois tinha determinado objetivo que não gostaria de revelar aos meus acompanhantes. Meu procedimento lhes pareceu incompreensível, pois aqui ninguém anda a pé quando não precisa. Disseram que a descida do morro a cavalo não oferecia nenhum perigo, que meu cavalo era seguro e que estava perfeitamente à altura do esforço. Ou talvez não me sentisse bem? Confirmei-lhes que me encontrava no melhor estado de saúde e que não temia a cavalgada nem o esforço do cavalo e, apesar disso, eu preferia andar a pé. Logo mais eu lhes diria o motivo. De resto, pedi-lhes não esperar por mim; no máximo um ou dois poderiam ficar em minha companhia. Mas todos se recusaram a me abandonar. Disseram que tinham tempo e, de qualquer forma, ficariam comigo. E assim fomos a pé morro abaixo. A lealdade dessa boa gente foi realmente comovente. O padre é tudo para eles; cedem, inclusive, a seus aparentes caprichos.

Já havíamos caminhado um bom tempo quando, de repente, um jovem, que ia alguns passos à nossa frente, gritou para nós: "Cuidado, uma cobra coral!" "Ótimo", pensei, "era isso que eu desejava e esperava". Na verdade, eu já tinha visto o réptil na ida, mas não pude evidentemente ocupar-me com ele. No caminho de volta, eu esperava reencontrar a cobra e, por isso, queria voltar a pé. Quando quis investir contra ela, os colonos me detiveram com decisão. "Padre, fique para trás! A cobra é o bicho mais perigoso da região. Não há remédio para quem for picado de cobra coral". Comecei a rir, pois sabia muito bem que o medo que as pessoas têm dessa espécie de cobras é totalmente sem fundamento; a cobra coral não é, de modo algum, venenosa, como comprovam os livros. Por isso sosseguei meus acompanhantes e assegurei-lhes que nada me aconteceria. "Não, padre! O que será de nós se o senhor morrer num acidente aqui na nossa colônia! Que vergonha para nós! E a maldição de Deus nos atingiria e todos teríamos que ir embora daqui!" "Nada de vergonha ou maldição", disse, "não se preocupem." Gostaria de ter matado a cobra, mas meus companheiros não o permitiram, alegando ser muito perigoso para mim. Tive que ceder. "Que assim seja! Só não a despedacem!" Durante todo esse tempo a cobra não viu necessidade de se pôr em segurança ou sair de sua posição. Deixava-se iluminar confortavelmente pelo sol. Com o máximo de cuidado, um jovem se aproximou dela

e, com uma vara comprida e fina, vibrou-lhe um forte golpe na nuca, que imediatamente a imobilizou. Fui imediatamente até ela, levantei-a do chão, segurando-a firme com o dedo polegar e indicador, de modo que não poderia picar-me. “Santa Maria!” Gritou, cheio de espanto, um homem de idade. “Padre, o que o senhor está fazendo!” Entre os colonos reina um verdadeiro medo supersticioso a respeito da cobra coral. Uns afirmam que sua picada é mortal; outros opinam que ela nem sequer pica, mas ferroa com a cauda; um terceiro intervém, dizendo que durante seis meses do ano ela pica e seis meses ferroa. Por fim, há os que acreditam que essa cobra não tem apenas veneno nos dentes, mas que nela tudo é venenoso. Em grande parte, esse notável medo deve ser atribuído às cores furta-cor da cobra coral. Seu corpo é todo circundado de vistosos anéis cintilantes de cor vermelha, branca e preta. Com certeza, essa explicação não oferece uma solução satisfatória. A propósito, crê-se que também na África reinam semelhantes concepções sobre cobras parecidas com essa.

Enrolei a cobra no meu braço, enquanto meus dedos a seguravam firme pelo pescoço... “Agora podemos montar novamente, pois justamente esta captura eu havia intencionado”, disse, e já descíamos depressa o morro. “Sim, o padre está sob especial proteção divina, podemos ver isto agora claramente”, considerou meu velho amigo. “Nós não poderíamos tê-lo feito impunemente”. Procurei instruí-lo, mas pregava para ouvidos surdos. Na verdade ele silenciava por delicadeza, mas não havia conseguido convencê-lo. A notícia da horrível façanha já havia chegado antes de nós às casas da vizinhança da capela. Em todas as portas havia mulheres e crianças para ver o inacreditável, que o padre trazia consigo tal cobra.

Eu estava de volta ao meu alojamento e pretendia despelar a cobra para enviar o couro para Sittard, onde ele é, efetivamente, guardado agora na sala de estudos de ciências naturais de nossa escola missionária. Saí-me bem. Examinei também a boca, para convencer as pessoas de que a cobra coral não tem dentes venenosos. Na análise encontrei de fato, para minha não pequena surpresa, dentes venenosos. “Como é possível?” Pensei comigo. “A cobra coral é para ser totalmente inofensiva, como está dito nos livros; mas uma criatura com tais dentes não é, com certeza, inofensiva”. Felizmente estava sem testemunhas na minha descoberta; do contrário, as pessoas teriam sido confirmadas, ainda mais, no seu exagerado medo. Só depois de alguns meses me foi dado descobrir uma explicação satisfatória. Haveria uma diferença entre a cobra coral e a víbora coral, e que entre uma e outra existiria uma grande semelhança. A primeira seria totalmente inofensiva; a última, realmente venenosa, mas a picada seria em raríssimos casos mortal. De fato, os próprios colonos não têm conhecimento de algum caso de pessoa que tenha morrido em consequência da picada de uma dessas cobras – ambas as espécies são simplesmente denominadas cobra coral. “Toma-se apenas

o devido cuidado", como eles afirmam. Assim tão sem fundamento não é, portanto, o medo dos colonos. Sempre poderiam ser mortos animais menores como cachorros, gatos, etc por essas cobras, a víbora coral.

Depois de despelada, depositei o corpo da cobra num ninho de formiga, para reaver depois o interessante esqueleto. Mas não deu certo. As formigas destruíram-no de tal modo que as vértebras não ficavam mais juntas. Deixei-o aí jogado. Meu velho colono veio com uma pá, fez um buraco e enterrou com cuidado o resto que sobrara, pois "tudo é venenoso na cobra coral".

Depois do meio-dia houve culto e bênção do Santíssimo Sacramento, naturalmente com pregação, e, depois do culto, novamente doutrina para as crianças. Os cultos depois do meio-dia costumam ser bem frequentados, principalmente quando – como é em geral costume no Brasil – são transferidos para o horário da noite. Os missionários, no entanto, por motivos evidentes, empenham-se, na medida do possível, em realizar os cultos depois do meio-dia, para que à noite todos possam estar em casa.

Empregando ainda o resto do tempo em ouvir confissões, pôde, finalmente, o padre gozar de folga ao escurecer. Contudo, nem todos os dias é assim. Muitas vezes não lhe é possível rezar o breviário durante o dia e, nesse caso, ele deve cumprir esse dever à noite, à luz da vela. É confortável para o padre que tarde da noite ninguém se apresente para confessar.

Após ter feito a refeição vespertina no meu quarto, dirigi-me à sala de estar da família para uma conversa aconchegante, por uma horinha, com a família e alguns vizinhos que costumam comparecer regularmente. A família ainda não terminou de jantar, principalmente as sadias crianças, que se empanturram de polenta. Ó, essa polenta! O colono italiano come polenta de manhã, ao meio-dia, à noite; polenta nos dias da semana, polenta aos domingos; polenta, sempre polenta. (Polenta é uma papa levemente endurecida feita de farinha de milho e cozida numa panela de ferro). Deve ser um alimento nutritivo, pois o italiano goza de boa saúde e é forte. Um francês, que estava presente, permitiu-se fazer pouco caso da comida nacional. Mas ele deu-se mal. "E os franceses e alemães! Eles comem pão. Não sei como conseguem engoli-lo. Tenho a impressão de que enfrentam toda sorte de dificuldades. Para que o pão escorregue melhor goela abaixo, passam manteiga ou outra coisa. Pegam, então, com uma mão o pão untado e, na outra, uma xícara de café. E aí se come. Assim! Um pedacinho de pão e logo em seguida um gole de café, tudo isso precisa descer bem molhado para não afogar. Delicioso! Delicioso!" O sagaz e irônico locutor fez toda a exposição com mímica tão extraordinária que fez a todos rir para valer, inclusive o francês e eu. O valor que, no mais, os italianos dão à polenta, mostra-o o seguinte acontecimento.

Frequentam o nosso instituto de preparação para a Primeira Comunhão em Azambuja, na cidade de Brusque, além de crianças alemãs, brasileiras e polonesas, também muitas italianas. As boas irmãs fornecem-lhes uma comida simples, porém boa, que, certamente, segundo nossa compreensão, supera em muito a polenta italiana. Aliás, esta também faz parte do cardápio. Um dia, no entanto, o padre percebeu que um dos meninos, um italianinho, tinha alguma coisa que o afligia. Ele procurou diverti-lo, pensando que o motivo seria saudade de casa. Mas em vão. Depois de muita conversa, finalmente o pequeno, soluçando, saiu com esta única palavra cheia de significado: *Po-len-ta-a-a!* Logo a dificuldade estava remediada. A partir de então foi servida em todas as refeições polenta e bolo de fubá, que também é consumido cada vez mais entre as famílias italianas, como complemento alimentar.

Estávamos sentados juntos, bem à vontade, na sala de estar. Os antigos colonos ainda nascidos na Europa falavam da chegada ao Brasil, dos incríveis esforços, necessidades e perigos no desbravamento da floresta. Lembram com saudade a antiga pátria; muitos gostariam de voltar ainda uma vez para revê-la, mas os meios não o permitem. Não se cansam de perguntar ao padre sobre isso ou aquilo, pois, afinal, ele deve saber tudo. Os tiroleses gostam de perguntar sempre sobre o imperador Francisco José da Áustria, de quem eram súditos na Europa. De Irredentismo não se encontra entre esses homens leais nenhum vestígio.

As pessoas mais jovens escutam atentamente. As narrativas dos mais velhos sobre a Europa soam como relatos do país das maravilhas, provocam sempre admiração, de quando em quando também risos de incredulidade. Não raro constata-se aqui como também, às vezes, em outros lugares, que exageros e inverdades a que muitos gabarolas se permitem, são aceitos com muita facilidade como verdade, ao passo que exposições verídicas esbarram em obstinada desconfiança. A cada instante o padre é invocado como testemunha para confirmar, por exemplo, que na Europa a água congela tanto que é possível passar sem dificuldade com uma carroça carregada por cima, que no inverno não se encontra nenhuma folha verde no mato (nas regiões tropicais as árvores não perdem as folhas), que no dia de Natal tudo está revestido de uma camada branca de neve, etc.

Em semelhantes entretenimentos, algumas horinhas se transformam em horas até que, finalmente, o padre dá o sinal de partida. Mesmo que tais encontros não sejam sempre do gosto do missionário, pois não deve ser muito exigente com relação à formação e cultura, ele participa sempre com alegria, pois lhe dá oportunidade para conhecer a alma do povo, seu sentir e pensar e, de acordo com isso, poder organizar seu procedimento. Nesse sentido eles lhe oferecem excelentes ocasiões para semear, no momento oportuno, uma boa palavra que, em geral, cai em solo melhor do que quando é dita do púlpito ou no confessionário.

Os dias subsequentes transcorreram mais ou menos como o primeiro. Depois de visitados todos os doentes, dei também uma chegada às famílias que moram mais perto da capela. Não é um trabalho fácil, pois em cada casa o padre precisa tomar uma xícara de café; sua recusa seria certamente considerada uma grande ofensa. Assim, a gente se sujeita ao inevitável. O orgulho dos pais é o grande número de filhos, 8, 10, 12, conforme o caso. Cada criança recebe um santinho, porque foi obediente e sabe rezar bem. Os pais recebem palavras de estímulo e de conforto; de quando em quando também um pequeno auxílio, até onde a pobreza do missionário o permite.

Finalmente chegou o último dia da visita. Mais uma vez todos se reúnem na capela para participar da Santa Missa, pois cada um diz para si: "Talvez seja a última da qual eu participo. Quem sabe, se algum dia verei novamente o padre?" Na última pregação, o padre exorta mais uma vez todos à fiel observância dos mandamentos, especialmente à oração e à concórdia. Esta última ele acentua com especial ênfase, pois nesse aspecto os colonos deixam muito a desejar.

Após a Santa Missa, o missionário faz seu agradecimento, recomenda toda a comunidade ao divino Salvador, especialmente aqueles que, durante sua ausência, haveriam de morrer sem conseguir chamar a tempo o sacerdote. Agradece a Deus pelo rico êxito com que abençoou, às vezes, os penosos esforços do missionário e solicita como recompensa a eterna coroa do céu. Em seguida ele parte.

Toma depressa um pequeno lanche. O cavalo já está encilhado, o padre monta a sela, mais uma vez ressoam muitas vozes "Até logo!" "Boa viagem!" E num alegre trote retorna para o querido lar. A volta é feita sem acompanhante, assim o havia pedido, embora o pessoal estivesse disposto a levá-lo para casa. Das casas diante das quais o padre passa, as pessoas acenam com a mão em sinal de despedida e ele retribui com o mesmo gesto. Em pouco tempo a última casa ficou para trás, estou novamente no mato. Se o missionário se submete, com alegria, às fadigas de visitar as capelas, com maior alegria ele volta para casa. O convívio dos co-irmãos, e são apenas dois, nada pode substituir. Inclusive, o animal de montaria anseia voltar para casa. Parece não se cansar em absoluto, pois se apressa espontaneamente. Uma viagem assim, feita na solidão, sem acompanhamento, é apropriada a suscitar melancolia. Cansaço e hábito não permitem que o missionário perceba as maravilhas do mundo tropical. Ele pensa no seu trabalho, na sua próxima visita missionária e, com certeza, também em seus co-irmãos, seus parentes e benfeitores na Europa, quando, de repente, do alto de uma colina, a igreja do povoado lhe acena com uma alegre saudação.

O cavalo emprega suas últimas forças para uma briosa corrida, e, depois de alguns minutos, estamos em casa. Cavalo e cavaleiro recebem as boas-vindas, gozam alguns dias – pelo menos conforme o programa – do bem merecido descanso e preparam-se para mais uma viagem a uma outra capela,

nos próximos dias. Às vezes não há muito tempo para descanso, pois sempre haverá um doente desejando a visita de um sacerdote. O animal pode ser trocado por outro, descansado, mas nem sempre o padre encontra um substituto. Mas o que fazer? Ele renova sua oferta ao Sagrado Coração de Jesus e submete-se com alegria às novas fainas para dilatar o reino de Jesus aqui na terra e lá no alto participar para sempre de sua glória como bom e fiel servo.

78

Subsídios para o conhecimento da maçonaria no Brasil *

H.L.

Acabo de ler no caderno de fevereiro desta revista[1] o artigo *A maçonaria em ação*. Não contém nada que não seja verdadeiro. Sem dúvida, todos os inimigos da Igreja gostariam de transformar em realidade a assertiva blasfematória de Voltaire, "Em 20 anos o velho Deus fará jus ao fim do trabalho diário". Quando se trata de trabalhar contra a Igreja, são todos, sem exceção, "um povo unido de irmãos". Os maçons no Brasil não estão, de modo algum, excluídos disso; mas, mesmo assim, não gostaria, quanto a isso, de comparar nosso Brasil com Portugal. Não se pode negar que a maçonaria tem, aqui, muitíssimos adeptos; mas tenho por certo que um grande número, talvez a maioria, o é apenas de nome, seja por motivos materiais, seja por tibieza religiosa, ou porque acredita que é de bom tom ser membro dessa instituição sem, no entanto, ter noção do verdadeiro objetivo de seu mestre e grão-mestre. Sem dúvida, se o conflito partisse para o campo aberto, muitos deles, embora não se posicionassem contra a maçonaria, também não se voltariam contra a Igreja. Percebe-se também, nos últimos anos, um considerável crescimento do espírito religioso. Isso se mostrou claro nas últimas eleições para presidente do Brasil. Evidentemente não quero sentenciar aqui sobre qual dos dois candidatos era o mais achegado à religião católica. É fato incontestado, todavia, que Rui Barbosa era o candidato dos católicos. Quando começou a campanha eleitoral, ele declarou que concederia liberdade à Igreja, segundo o modelo norte-americano. Desse momento em diante, empreendeu-se uma agitação eleitoral como nunca foi vista antes no Brasil. Ao que consta, tudo teria transcorrido segundo a justiça e a consciência e o candidato dos católicos teria sido, inclusive, vencedor nas urnas. Mas hoje não é mais segredo para ninguém que Hermes da Fonseca não é o presidente da República eleito, porém o efetivo. Isto é prova de que a consciência católica não está adormecida, de que o Brasil católico tem consciência do seu dever e que não está disposto a deixar-se enganar por alguns políticos maçons, embora ainda não exista aqui um partido católico bem organizado. Já o fato de dois concorrentes chegarem aos mais altos postos da União foi um grande progresso, pois

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XI (1911), p. 279-285.

1 Revista *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XI (1911), p. 90-92.

antigamente o partido do governo elegia à revelia seu presidente, ao passo que ninguém se dava conta de brigar pelo seu direito. Tudo isso é agora diferente. No futuro, os candidatos devem contar com os católicos como poderoso fator na disputa eleitoral.

Naturalmente os inimigos da religião ambicionam, aqui como em toda parte, conquistar a escola. Nas escolas do governo já não se pode dar aula de religião; todavia, o Estado não tem o monopólio das escolas. A grande maioria delas é particular e sujeita à supervisão do Estado. É evidente que, então, as escolas das congregações religiosas, bem como as verdadeiras escolas paroquiais, são para os maçons um cisco no olho. Mas como remediar o mal? Na maioria das localidades, há também as assim chamadas escolas do governo, gratuitas. Mas quem dá uma olhada nestas percebe logo que, pelo menos, 80% a 90% delas não estão em condições de fazer concorrência com as escolas das congregações religiosas e com as escolas paroquiais. Quando acontece que crianças, depois de frequentarem vários anos a escola, não sabem ler nem escrever, e esses casos não são raros, pelo menos nas comunidades rurais, então se compreende por que muitos pais, apesar da mensalidade, enviam seus filhos à escola católica. Também é realidade que essas escolas progridem, ao passo que as públicas levam uma existência miserável. O que seria se as escolas privadas fossem fechadas mediante um decreto? Em princípio, não acredito que um decreto dessa natureza possa contar com a maioria no Parlamento, pois a maioria dos deputados não concordaria com tal medida, em consideração aos seus eleitores católicos. Além do mais, o Estado está consciente de que não tem condições de manter um número suficiente de escolas públicas. Seus recursos não seriam suficientes para arcar com esse ônus. Um decreto assim, caso viesse a ser promulgado, teria como consequência a multiplicação incomensurável do número de analfabetos. Além do mais, há ainda aqui um caminho muito longo entre a promulgação e a execução de uma lei. Há alguns anos foi introduzida, já pela segunda vez, principalmente por atuação do atual presidente da república, a obrigatoriedade do serviço militar para todos. No começo, inclusive, muitos tremiam diante das armas e, quando aparecia alguma autoridade, muitos fugiam para o mato, com medo de serem presos e levados à força para o exército, e hoje, querida pátria, podes ficar tranquila, ninguém mais pensa nisso. A lei ficou na ata; com um decreto escolar aconteceria a mesma coisa. O Brasil é, precisamente, uma parte da América, da terra da liberdade. Ao escrever estas linhas, lembrei-me da divertida historieta que aconteceu, há muitos anos, com um missionário jesuíta. Numa das muitas pequenas revoluções que ocorrem por aqui, também ele foi banido. Mas como apanhá-lo, pois se encontrava no interior, a vários dias de distância, numa viagem missionária? Como naquela região não existiam igrejas ou capelas, ele fazia missões domésticas, isto é, fazia as celebrações religiosas em uma casa particular mais espaçosa e os vizinhos

afluíam para ouvir as palavras do zeloso missionário. Por isso, as autoridades, para localizá-lo, enviaram soldados à respectiva região e a boa estrela os conduziu corretamente. Depois de alguns dias, encontraram o homem perigoso para o Estado, que justamente havia começado uma missão de vários dias numa casa. A ordem de prisão lhe foi mostrada e foi-lhe dito claramente que deveria segui-los. Naturalmente, por que não? O desterrado recebeu a escolta militar, mas pediu-lhes a permissão para levar a termo a missão já iniciada. Indiscutivelmente – soldados também são seres humanos e necessitam de descanso, como outros mortais; por que, portanto, opor-se a um conselho sensato, uma vez que os anfitriões do missionário providenciariam o sustento? Terminada a missão, o jesuíta declarou-se pronto para a partida, que também aconteceu. Mas depois de curta viagem, chegou a um pequeno povoado. O padre achou que o lugar oferecia uma boa oportunidade para realizar, também ali, uma pequena missão. Os soldados também não viram dificuldade – o tempo não importa para eles; e assim se continuou. Diz-se que, por fim, os soldados teriam servido como coroinhas na Santa Missa, o que eu, no entanto, não quero garantir. Depois de muito tempo, quando finalmente o pequeno cortejo chegou ao litoral, o padre colocou-se à disposição das autoridades que, naturalmente, nesse meio tempo, haviam trocado de pessoal. Defrontou-se então com rostos espantados – de um mandado de captura não sabiam nada... O subversivo, o homem perigoso ao Estado, um afiliado de uma sociedade nefasta, da qual, segundo compreensão hodierna, toda a gente deve se cuidar, podia seguir livremente seu caminho. Isso aconteceu no tempo de nossos pais, mas também atualmente não é de todo inexequível. Aplicado à escola católica, seria o final da novela, pois, após as primeiras inevitáveis inquietações, a escola seria novamente aberta e ninguém mais faria caso dessa lei maçônica. Quais homens valentes, os pais de família se levantariam e fariam frente às leis que atentassem contra seu sagrado direito, pois têm consciência de que as leis divinas estão acima do poder humano. Prefeririam deixar seus filhos antes sem instrução a enviá-los a professores sem religião, professores perniciosos, inimigos da religião. Muitos homens de Estado também têm consciência disso e, por esse motivo, recusariam seu apoio ao fechamento das escolas católicas. Felizmente o governo tira também uma boa lição dos resultados que, até agora, obteve da assim denominada catequese leiga entre os índios da floresta.

Esse assunto seria realmente motivo para rir, se não fosse tão sério. Alguns homens de exagerada humanidade encasquetaram que os selvagens devem ser civilizados sem religião, que o sentimento religioso não deve ser despertado – não devem ser instruídos em nenhuma religião, nem cristã ou pagã – a lei maior é a natureza, naturalmente a natureza mansa; a selvagem eles, os silvícolas, devem deixar na floresta. Isto se pretende dizer ao povo, e essas tribos, que até hoje só assassinam, queimam e destroem, obedecerão a essa voz quando estiverem com os brancos,

e, ao usar vestimentas modernas, adotarão também costumes civilizados. Oxalá o fizessem. É fácil esboçá-lo na teoria – são feitos discursos, fazem-se reuniões, elegem-se presidentes, nomeia-se um eminente protetor, faz-se a necessária propaganda e as coisas precisam começar. Precisam, sim, precisam. Mas quem vai mata adentro para tocar por primeiro a trombeta da paz, para que os filhos da natureza venham e ouçam esse ensinamento? Sim, aí é que estão as dificuldades. Poderia facilmente acontecer que os selvagens quisessem tocar o compasso nesse concerto da paz com suas lanças e dardos, então o anjo da paz passaria por maus bocados, pois aquela gente não entende brincadeira. Dever-se-ia dar a entender ao comitê da catequese leiga: "Hahnemann, vai tu na frente, tu estás com botas de cano longo". Mas eles agem com cautela. No mais, foram criados alguns novos postos que, de mais a mais, não são mal remunerados; naturalmente têm-se aí alguns amigos dispostos a ganhar algum dinheiro, porém não fazem dessa missão uma tarefa tão perigosa. Via de regra, após um ataque, eles vão até o lugar do desastre e constatam que não há mais selvagens ali e, se interessar, declara-se que o ataque foi, inclusive, praticado por criminosos brancos – afinal, por que os pobres peles-vermelhas teriam que sofrer sempre? – é preciso pensar humanamente e não atribuir logo tudo ao homem da natureza. Não, a catequese leiga tem que dar certo. Pode-se muito bem mostrar aos batinas pretas que não são apenas eles que sabem civilizar. Sim, tem que dar certo, com tão elevada proteção, os resultados obtidos até agora pelos missionários serão ofuscados – efetivamente, demorou demais, trabalharam quase 2.000 anos, mas só agora vem o certo. Os outros Estados foram todos parvos; nós, os esclarecidos, nós mostraremos do que seremos capazes. Basta esperar, o sucesso é certo. Quem está rindo? Praticamente todos acham graça dessas ideias; felizmente são poucos os que, ao que parece, acreditam nessas tolices, e também, felizmente, são tão poucos que não se pode responsabilizar por eles um país inteiro, pois se granjearia uma situação ridícula diante de todo o mundo civilizado.

No mais, os catequistas leigos foram chefiados por uma engenhosa cabeça. Apareceu um dia certo Rodrigues, com um grupo de índios que ele teria amansado. O grupinho tinha sido bem ensaiado. Trajados com a vestimenta da natureza, exibiram danças e, de acordo com o comando, comportavam-se de maneira selvagem. Em suma, via-se que tinham sido maquiados, há pouco tempo, pela cultura. Ninguém entendia sua língua e eles não entendiam nenhuma palavra de português, só o civilizador sabia tratar com eles. Como esse fazia-se passar por um missionário, formou-se grande júbilo no acampamento da catequese leiga. O governo deveria dar terra aos índios para que pudessem ganhar sua subsistência honestamente, com o suor do seu rosto. Os colonos, todavia, não estavam de acordo com a presença desses supostos bons vizinhos; no entanto, seu protesto não teria sido ouvido se, enquanto isso, não se tivesse descoberto que por trás havia um grande engodo. Os selvagens pertenciam a uma tribo há

muito tempo civilizada, que agora se encontra estabelecida no estado vizinho do Paraná. Atraídos pelas promessas do chefe branco, quiseram viver alguns bons dias à custa do governo. Infelizmente a maravilha não demorou muito. Quando a farsa se tornou pública, o governo deu aos farsantes passe livre de volta e o chefe, que foi parar atrás das grades, teve tempo bastante para pensar sobre sua expedição. Os amigos da humanidade, todavia, não se embaraçam com isso; esperam tranquilos pelo resultado; pouco lhes importa se os colonos que moram perto da floresta são assaltados pelos peles-vermelhas e mortos de maneira desumana, como aconteceu ainda há algumas semanas. Seguramente as expedições de represália, como foram realizadas no passado, não devem ser aprovadas, pois se igualam a uma suja carnificina dos selvagens. Mas por que então os soldados, que não podem empreender autênticas expedições militares na floresta, não vão para o mato para dar proteção àqueles que estão expostos ao perigo? Pois com sua simples presença os vermelhos jamais ousariam praticar algum assalto. Enquanto isso, os protetores andam por aí, à toa, preocupados mais com os selvagens para que não sejam perseguidos do que com os colonos para que não sejam assassinados. Que importa se a região é abandonada? O prejuízo incalculável que o homem indefeso tem com isso não se enxerga. Quando, no entanto, a realidade grita alto demais, então se consente benévolo em dar uma compensação pelos prejuízos sofridos. Assim, no último caso, pagou-se ao colono polonês Panoch, de quem foram mortos a mulher e duas crianças e gravemente ferida uma criança e roubado ou destruído tudo, uma indenização – ouçam e pasmem – de 500 mil réis (700 marcos). Seria realmente a hora de os representantes das autoridades estrangeiras se manifestarem aqui junto ao governo para pedir que seus companheiros de tribo sejam protegidos de maneira diferente que por meio de palavras enfáticas. Felizmente, aos poucos, se reconhece nos postos competentes que o atual método é errado, e se retira o apoio concedido aos respectivos civilizadores. Se tivesse sido concedido o apoio na mesma medida aos experientes pioneiros da civilização, aos missionários, talvez hoje não existissem mais índios pagãos no vasto Brasil. Mas aí está novamente o velho sistema de certas pessoas que nunca conseguem apoio e recursos financeiros suficientes para seus fins e acham que é um desperdício quando os recursos encontram uso correto.

Apesar disso, na minha opinião, um fato como aquele que aconteceu na missão do Rio Branco onde, inclusive, um dos padres foi maltratado por um leal funcionário, não deve ser creditado na conta do catequista leigo ou mesmo do governo. Tais abusos, por mais condenáveis que sejam, não acontecem isoladamente. Também em outros países isso não está excluído. A justa indignação sobre esse fato ressoa novamente por todo o Brasil. Igualmente órgãos que, em outras circunstâncias, não se mostram muito favoráveis à religião católica condenaram o procedimento daquelas pessoas e reclamaram, em tom bem alto, sua enérgica

punição. A exigência de que o governo deve zelar para que tais ataques não aconteçam mais foi geral e expressa de maneira clara e inequívoca.

Depois, não se pode negar que o espírito maçônico, inerente a muitos, lança um olhar saudosista sobre os bens dos religiosos. Naturalmente a antiga lenda dos bilhões de "mãos-mortas" precisa, também aqui, ser revista; o futuro mostrará se foi bem sucedida. Sem dúvida, também aqui esses senhores não têm muita facilidade, pois aqui até o momento existem juízes para quem o direito e a consciência ainda são algo sagrado, e nesse aspecto acontece, não raro, que a Suprema Corte decida contra o governo. Há não muito tempo, um bispo fez valer seus direitos sobre prédios e propriedade que antigamente pertenciam à Igreja, mas que agora haviam sido confiscados pelo governo. O juiz reconheceu seus argumentos e a propriedade teve que ser restituída. O meu ponto de vista, segundo o qual a Igreja não está em situação tão ruim, resulta do que foi mencionado. Não é preciso ser otimista para prognosticar sobre a Igreja do Brasil, apesar do crescimento e florescimento de grande número de adversários. A Igreja, ao ser separada do Estado, obteve total liberdade e, portanto, não será frustrada a confiança geral de toda a população católica brasileira em seu chefe de Estado que, no curto período de governo, já deu provas eminentes de amor à justiça. O Brasil católico livre espera do presidente que não sancione leis que declarem abertamente guerra à Igreja, que façam troça dos sentimentos religiosos da maioria de seus súditos, que façam do governo um instrumento da maçonaria.

79

Porto Franco*

Recebemos do Brasil a notícia de que Porto Franco[1], uma capela da paróquia de Brusque, foi elevada à categoria de paróquia. Como pároco, foi nomeado o Revmo. Pe. Stolte.

A capela de Porto Franco localiza-se a 30 quilômetros de Brusque e era, até agora, assistida de Brusque. A população se constitui, na maioria, de italianos; todavia, também muitas famílias alemãs se estabeleceram ali. Do ponto de visto religioso, os moradores dessa extensa colônia mostraram-se sempre muito zelosos. Em sua visita missionária, que demorava em geral seis dias, e a cada dois meses era repetida, os padres tinham sempre muito serviço. De modo especial era muito edificante a frequência aos santos sacramentos. Por isso, há anos, esses bravos colonos nutriam o ardente desejo de ter sempre em seu meio um sacerdote. O reduzido número de padres e a escassez de recursos financeiros infelizmente não permitiram, mais cedo, a realização desse desejo. Para a maior alegria dos colonos, pôde finalmente o Pe. Stolte ser enviado para lá como pároco. Esse sacerdote é, de modo especial, bem-vindo para os colonos, pois aprenderam a valorizá-lo na sua atividade anterior em Brusque e porque, além de outros idiomas importantes em uso na região, domina também o italiano.[2]

Para a paróquia de Brusque, a criação da nova paróquia representa um grande alívio. A visita a um doente em Porto Franco não podia ser realizada em um único dia, tanto mais que os últimos colonos moram a aproximadamente 30 quilômetros além da capela; portanto, a 60 quilômetros de Brusque. É evidente que os colonos não podiam fazer aos domingos o longo caminho até a igreja matriz. Também o ensino dos jovens era difícil. É necessário estímulo contínuo para manter os italianos interessados em uma escola. Com a separação de alguns mil italianos, prevalece novamente em Brusque o caráter alemão, não apenas pela influência, mas também pelo número de habitantes.

De agora em diante, a vida religiosa há de florescer sempre mais em Porto Franco. O crescimento da juventude sem a regular e suficiente doutrina era, infelizmente, sinal inequívoco dessa triste situação. Tudo haverá de melhorar agora.

O número de habitantes da nova paróquia deve somar aproximadamente três a quatro mil almas, pouco para uma paróquia no Brasil. Mas espera-se que,

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XI (1911), p. 474-476.

1 Porto Franco é o atual município e a paróquia de Botuverá.

2 A paróquia de São José de Porto Franco [Botuverá] foi criada no dia 31 de julho de 1912.

no futuro, talvez já nos próximos anos, o número cresça muito, se multiplique. Em primeiro lugar, porque ainda existem extensas áreas de florestas que serão habitadas por colonos, quando servidas por caminhos transitáveis. Depois, Porto Franco oferece condições favoráveis, especialmente para a indústria de cimento. Quando a ferrovia, planejada e já cedida em concessão pelo estado, ligar Porto Franco ao porto marítimo de Itajaí, passando por Brusque, então certamente se desenvolverá uma ativa atividade industrial. A abundante força hidráulica disponível é outro fator favorável para o desenvolvimento econômico. Por enquanto ainda não está comprovado se existem minérios em quantidade lucrativa para exploração. O rio Ribeirão do Ouro ainda não fez até agora jus ao seu nome.

Igreja matriz de Porto Franco (hoje, Botuverá).

Esse desenvolvimento industrial certamente não interessa, em primeira linha, aos missionários como tais. Eles querem ser, e são, mensageiros da salvação, preocupados apenas com a salvação da alma. Não obstante, seria néscio excluir da atenção qualquer futuro econômico. Mediante um rápido desenvolvimento imprevisível, poderia a vida religiosa sofrer um prejuízo que, talvez em dezenas de anos, ou talvez nunca seria possível reparar.

A muitos leitores talvez interesse saber quais negociações são necessárias com as autoridades para a criação de uma nova paróquia. Seja dito antes de mais nada que, no Brasil, Igreja e Estado estão separados. Quando o Brasil se tornou República, em 1889, os republicanos declararam a separação. Sua execução foi honesta e nobre, bem diferente que em Portugal e França. A Igreja ficou com todos os seus bens, apenas foram suspensos os pagamentos feitos pela caixa do Estado. Mas não se deve esquecer que, a rigor, o Estado não tinha obrigação de manter o clero, como se outrora tivesse sequestrado bens da Igreja, como é o caso de muitos países na Europa.

Como o Estado não se intromete mais em assuntos da Igreja, após a separação, é relativamente fácil criar uma paróquia. O Exmo. Sr. Bispo deve responder para si a duas perguntas: 1) Tenho um sacerdote à disposição? 2) Caso o envie para lá, não o coloco em risco de morrer de fome? Se a resposta para a primeira pergunta for "sim" e para a segunda "não", então o bispo emite o documento de criação da paróquia com os seguintes dizeres: "Por meio desta declaração, erijo este lugar em paróquia" e tudo está resolvido.

80

Camboriú: assuntos diversos*

Pe. Carlos Keilmann

1 Camboriú

Camboriú localiza-se num pequeno vale. Ao longo de alguns caminhos tomados pelo capim e alguns sítios que surgiram com a derrubada da mata, encontram-se de 20 a 30 casas de madeira, construídas grosseiramente e sem janelas de vidro; no meio delas há dez casas feitas de barro, caiadas, em parte com janelas ainda inteiras. Plantações de café, muitas laranjeiras, milho e cana-de-açúcar circundam o povoado. Em volta erguem-se imponentes montanhas com bonitas florestas. Nossa igreja é também apenas uma capela. É de material, em estilo de celeiro, e caiada de branco. Bem ao lado há uma pequena armação de dois postes e uma viga transversal, onde se encontra pendurado um pequeno sino, normalmente tocado apenas com batidas. Toca-se o sino na véspera dos domingos e dias de festa e nos dias santos, para que o povo saiba que a semana terminou e que o dia do Senhor está próximo. A capela tem uns 15 a 20 metros de comprimento e dez metros de largura. Sob o telhado há pequenas janelas; do contrário, entraria muito sol. Bancos ruins e um velho altar e nada mais. Isto é o povoado e a igreja de Camboriú. Entretanto, isso não é toda Camboriú. Nossa região, com Porto Belo, estende-se por sete horas a cavalo ao longo do litoral, e três horas, ou mais, interior adentro. Tudo é montanhoso, muitas vezes horrivelmente selvagem. Às vezes, tem-se a impressão de que o caminho termina, mas continua por valos de água e matagal. Às vezes, uma clareira, quase imperceptível, denota que ali mora gente, pois os brasileiros moram afastados do caminho, bem escondidos, geralmente em pequenos ranchos de pau-a-pique cobertos de folhas de palmeiras. Calcula-se em 15.000 o número dos moradores de nossa região. Os caminhos são uma grande dificuldade no "abençoado Brasil". As principais vias de comunicação já representam, em tempo de chuva, um perigo de vida, e os caminhos secundários se encontram sempre em péssimo estado. Passa-se por riachos e lamaçais, por íngremes subidas e então novamente morro abaixo. Às vezes o cavaleiro precisa levantar bem as pernas, pois a água respinga até a cabeça. Outras vezes é preciso curvar-se bem para a frente sobre o cavalo, outras vezes para trás. Os cavalos andam bem seguros e também prestam bastante atenção aos muitos buracos do caminho. Não obstante, caí em um e dei uma

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1912), p. 84-87.

cambalhota. Esta é a imagem de Camboriú onde nós dois, o Pe. Spettmann e eu, exercemos o ministério. Um Irmão cuida da manutenção da casa.

2 A aula de religião

O ensino religioso é aqui, como em toda parte, o ponto principal da ordem do dia na cura d'almas. Como os maçons nos expulsaram das escolas, ministramos somente aula de religião na igreja, aos domingos. Por isso nos dirigimos, mais e mais, pelos vales das florestas. Em um lugarejo, minha escola é uma casa particular, ou melhor, um casebre. Um bonito telhado de folhas de palmeira protege contra a chuva. A escola encontra-se a apenas alguns metros dali, no mato, mas como ela recebe subvenção da prefeitura, nenhum sacerdote pode pôr os pés nela. Quando eu chego, a dona de casa vai até a cerca e alça um grande pano branco numa vara de bambu. Essa bandeira, tremulando ao vento, é um sinal para as crianças de que o padre já chegou. Elas ajuntam depressa as coisas e vêm até mim, pois nas escolas da terra da liberdade a gente chega quando quer e sai quando quer. Muitas já têm um catecismo; pois tão logo saibam ler, nós lhes presenteamos um, uma vez que o povo é realmente pobre. Com a doutrina as coisas vão devagar. Há algumas crianças que não sabem fazer o sinal da cruz, outras ainda precisam aprender o Pai Nosso e a outras ainda é preciso ensinar o Creio em Deus Pai. Para consegui-lo, deve-se explicar o catecismo devagar e sempre com os mesmos termos; contam-se histórias sagradas, canta-se com elas, reza-se em conjunto, e logo se passaram duas horas. Não se pode contar muito com elas na igreja, pois os pais também não vão. As que vão, recebem, de vez em quando, uma medalha ou um santinho. Num outro povoado vou até a escola, digo que é meio-dia, as crianças interrompem a aula e vão comigo até a capela próxima para a doutrina. E assim vou, a cavalo, de um lugar para outro e procuro infundir nos tenros corações das crianças as verdades de nossa santa religião, para que os ensinamentos do Divino Amigo das crianças deitem raízes, brotem e tragam muitos frutos.

3 Minha primeira visita a um doente

Demorei-me em Itajaí por causa de um negócio. O acaso quis que, justamente naquele dia, aparecessem três visitas a doentes, das quais uma eu deveria assumir. E justamente de canoa. Vestido de sobrepeliz e estola, e levando comigo o Santíssimo, fui com um senhor idoso, que me havia chamado, até o rio Itajaí. A canoa com dois remos estava pronta. Havia dois remadores, um na frente e outro atrás. O homem que me acompanhava saltou para dentro. Pendurei a bolsinha com o Santíssimo no peito e saltei também para dentro. Sentei-me numa tábua colocada transversalmente. Com tempo ruim a gente costuma sentar-se no

chão, para haver melhor equilíbrio. Então partimos. Rápida como uma flecha, deslocava-se a piroga pelo rio. Os remadores eram muito seguros. Não fiquei com medo, pois tinha comigo o Santíssimo. A viagem demorou quarenta e cinco minutos. No final, surpreendeu-nos ainda um aguaceiro; depressa foi armado o guarda-chuva, para não molhar muito a sobrepeliz e a estola. Descemos então rapidamente a terra. Logo encontrei-me em um casebre de barro, onde mora o doente. Coloquei o Santíssimo Sacramento sobre uma pequena mesa coberta com duas toalhas brancas (talvez as únicas encontráveis). Uma pequena vela estava acesa e tinha como candelabro uma garrafa; coloquei ao lado a lanterna trazida pelo senhor idoso. Fui então ao doente, que se encontrava deitado em um canto, sobre uma pequena armação coberta apenas por uma esteira tecida de palha. Ajoelhei-me no chão e ouvi sua confissão. Em seguida, conferi-lhe o Santo Viático e a Extrema Unção. Por fim, dirigi-lhe algumas palavras de ânimo e resignação à santa vontade de Deus. Animei também as pessoas presentes, dei a todas a bênção e em seguida voltamos para a bonita cidade de Itajaí. Voltei ainda, à noite, para Camboriú.

4 Natal em Camboriú

Natal em pleno verão! Sensação singular. A igreja está enfeitada com palmeiras e rosas e não com verdes pinheirinhos. É armado o presépio. Começa a escurecer. Então vêm das montanhas e dos longínquos vales, em pequenas caravanas, os fiéis para a casa de Deus. Querem saudar o Salvador no presépio. Não é possível pernoitar na igreja, embora as pessoas o vejam desde antigamente como natural. Por isso, procuram pernoite junto às famílias; não têm muitas necessidades; basta-lhes uma esteira de palha. Mas, em pouco tempo, começa uma gritaria e cantoria. Um antigo costume, provavelmente proveniente dos índios ou dos negros. Na noite de Natal é feito "o boi"[1]. Uma pessoa arrasta-se numa armação e o monstro se põe então em movimento; enquanto outro faz o papel de farrista, em volta juntam-se alguns cantores. O boi, o farrista e todos os demais cantam e gritam pelas ruas do povoado. A algazarra perdura a noite inteira. Às 3 horas, Pe. Spettmann vai à igreja. Nesse instante são disparados foguetes; quanto mais foguetes, tanto maior a festa. Às 4 horas, rezo a primeira missa; Pe. Spettmann trouxe para a igreja seu pequeno harmônio dos trópicos e ali toca, enquanto as moças cantam os hinos que ensaiou com elas.

E assim seguem as missas. O fim culmina com a missa solene, que eu canto às 10 horas. As pessoas de longe participam firmes de todas as missas, ao passo que as do povoado se interessam menos. Em seguida, fizemos entre nós uma pequena festa de Natal e pensamos em nossa distante Europa, na querida

1 Trata-se da brincadeira do "Boi de Mamão".

pátria da Vestfália, na neve escorregadia, na cintilante árvore de Natal e nas lindas canções natalinas que faz o santo Natal tão querido, e rezamos pelo Brasil, para que o menino Jesus encontre logo sua Belém em todos os corações.

Coral das Filhas de Maria, em Camboriú.

81

Carta de um missionário ao Padre Thoneick*

Da carta de um dos nossos missionários ao Pe. Thoneick, tiramos as seguintes particularidades:

"Desde que você e o Pe. Rogmann partiram, muita coisa aconteceu que, certamente, lhe interessará saber. Em nossa escola paroquial foram feitas algumas modificações. Os alunos alemães do Pe. Rogmann foram enviados às Irmãs; para os seus alunos brasileiros foi contratado um professor, a quem seguiu a maioria dos antigos alunos dele e, por isso, o atual número se eleva a 60.

"No Domingo *in Albis*[1] tivemos, como de costume, a Primeira Comunhão anual das crianças. Dessa vez, o número de neocomungantes foi excepcionalmente grande, pelo fato de terem sido admitidos muitos com idade abaixo de 12 anos. Noventa e nove crianças tiveram a graça de participar nesse dia, pela primeira vez, da mesa do Senhor. Impressionante foi a festiva procissão da casa das Irmãs até a igreja. Muitos fiéis piedosos terão recordado silenciosamente o dia de sua Primeira Comunhão diante dessa maravilhosa visão que, em consideração a circunstâncias peculiares, talvez não tenha transcorrido de maneira tão festiva e em tão tenra idade. Mas também mais de um que, talvez, já tenha abandonado sua religião, e para quem mesmo o mais sagrado não é mais sagrado, terá olhado para os pequenos com o coração cheio de ódio. Antes de tudo, essa sublime solenidade terá sido um cisco no olho de nossos jovens irmãos da maçonaria, que há algum tempo abriram uma loja em nossa antiga casa paroquial.

"Ao meio-dia estávamos convidados para almoçar com o Sr. Malburg, nosso melhor católico e maior benfeitor, cujo filho mais velho também se encontrava entre o número dos neocomungantes. No momento em que ia sentar-me à mesa, fui chamado a um doente no Sertão das Cabras. Voltei às 21horas. Essa foi a minha festa. Na manhã do dia seguinte, surgiu uma visita a um doente em Piçarras; quatro horas para ir, cinco horas para voltar. À uma da madrugada

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1912), p. 183-187.

1 *Dominica in albis* é o primeiro domingo depois da Páscoa. Na tradição da Igreja primitiva, quando eram feitos os batizados na noite de Páscoa, os recém-batizados portavam uma túnica branca durante toda a semana subsequente e, no domingo seguinte, despojavam-se dessa veste, voltando a usar a vestimenta comum. Em virtude dessa tradição, durante muito tempo, as crianças faziam a Primeira Comunhão, vestidas de branco, no primeiro domingo depois da Páscoa.

estava junto à passagem do rio. Acordei o barqueiro, que me transportou para a outra margem. Chegando a casa, encontrei tudo vazio. Pe. Foxius, como soube mais tarde, havia sido chamado à noite para Ribeirão do Meio (15 quilômetros) e só voltou na manhã do dia seguinte. Depois de celebrada a missa, encilhei o meu cavalo e fui atender um doente, a nove quilômetros seguindo a estrada que dá para Brusque. Nesse meio tempo, Pe. Foxius já havia estado em dois outros lugares próximos. Foi, de novo, uma correria, como acontece às vezes, quando se está sozinho ou apenas em dois. No mesmo dia, à noite, veio um telegrama do Exmo. Sr. Bispo, comunicando que, com o próximo vapor, viriam dois missionários e deveríamos preparar uma missão na paróquia de Penha. E agora? Para o dia 5 de maio estava marcada a visita do Bispo[2]. Querendo ou não, montei meu cavalo e fui à paróquia de Penha para fazer os devidos preparativos para a missão, prestes a começar. Para meu maior desgosto, encontrei tudo na pior desordem. As pessoas estavam ocupadas com a caiação da igreja, cujo trabalho estava pela metade. Tudo se encontrava na mais bela confusão. Então foi necessário reunir todas as forças e pôr mãos à obra para deixar tudo em ordem.

"Já no dia seguinte, dia dois de maio, Pe. Foxius mandou um cavaleiro com a notícia de que os dois missionários chegariam no decorrer da tarde. E, de fato, vieram. A igreja estava, na verdade, arrumada, mas o povo não havia sido avisado. Os fracos sons do sininho da torre podiam, no máximo, chamar para o culto vespertino os moradores mais próximos. A maioria das pessoas mora longe da igreja. Daí resultou que na primeira noite compareceram, no máximo, 30 pessoas. No outro dia, rezei a missa bem cedo e fui a cavalo para as localidades da redondeza para levar ao conhecimento do povo a presença dos missionários e convidá-lo para a missão. 'Estamos na colheita do arroz, nós iremos na visita do Bispo' foi a resposta que eu recebia praticamente em toda parte. Mesmo assim, muitos vieram. No segundo dia da missão, saí novamente e fiz visitas domiciliares, quando consegui que 17 casais unidos apenas no civil também se casassem na igreja. Apesar de tudo, a missão teve algum resultado, ainda que só de momento. De dois a dez de maio tivemos cerca de 500 confissões e 31 uniões naturais foram regularizadas.

"No dia 10 de maio, voltei para Itajaí, aonde, na noite anterior, o Exmo. Sr. Bispo havia chegado. Em sua companhia vieram os padres E. Schürmann OFM e o polonês Schilinsky.

"Dia 11 cavalguei, com o Pe. Schürmann, para Armação, uma capela da paróquia de Penha, a fim de preparar ali tudo para a Crisma. No dia seguinte, enquanto o Bispo confirmava cerca de 80 pessoas, eu me dirigi à igreja matriz de Penha, a fim de fazer ali os preparativos necessários para a sua recepção.

2 A visita do Bispo aconteceu no mês de maio de 1911.

O bispo e os padres scj, em Itajaí. Maio de 1911.
Em pé, da esquerda para a direita: Pe. Thoneick scj, Pe. Spettmann scj, Pe. Rogmann scj e Frei E. Schürmann. Sentados: Pe. Foxius scj, Bispo Dom João Becker e o padre polonês [Francisco] Schilinsky.

À beira-mar, o Bispo foi recepcionado e conduzido em solene procissão até a igreja, segundo cerimônias tradicionais. Após uma comovente alocução do bispo, em que ele convidou, de maneira paterna, os paroquianos para a recepção dos santos sacramentos, fomos ao confessionário até duas horas da madrugada. Inclusive o Bispo ouviu confissão durante três horas sem interrupção. No outro dia de manhã, um considerável número de fiéis dirigiu-se à mesa do Senhor. Com certeza um grande consolo, principalmente nessa paróquia onde, há cinco anos, dificilmente alguém frequentava os sacramentos. No dia e meio de visita do Bispo foram também realizados 20 casamentos, o que dá, ao todo, em 10 dias, 51 casamentos regularizados e mais de 1.000 confissões. Sem dúvida, um resultado consolador. Só uma coisa seria de desejar: que as pessoas se interessassem, com a mesma intensidade, pela recepção anual dos sacramentos no período pascal, e não apenas por ocasião de uma missão e da visita do Bispo.

"De Penha seguimos adiante para Barra Velha, paróquia assistida de Paraty. Como o Exmo. Sr. Bispo chegasse ali um dia antes do previsto, não lhe foi feita nenhuma recepção. Apenas Pe. Storms, pároco de Paraty, cumprimentou-o completamente sozinho na praia, junto ao mar. De lá o Bispo visitou ainda três outras capelas, das quais duas se encontram em território

dos franciscanos. Enquanto isso, eu tive que preparar para a Crisma as duas capelas de Escalvado e Machados, pois o Bispo as visitaria na sua volta. Lá houve trabalho à farta, pois essas duas capelas, no que diz respeito à recepção dos sacramentos, são as melhores de nossa paróquia de Itajaí. Na noite do dia 18 para 19 cavalguei para Brilhante, a última de nossas capelas, que o Bispo deveria visitar nesse périplo de Crisma. No dia 19, o Bispo chegou novamente a Itajaí. Um favor especial ele concedeu aqui ao Sr. Bruno Malburg, a quem, por merecimento de serviços prestados, batizou a filhinha mais nova e em cuja cerimônia o Pe. Foxius representou o papel de padrinho[3]. No decorrer do dia seguinte, o Bispo viajou para Brilhante, onde mais de 250 crismandos o aguardavam. Após a cerimônia da Crisma, ele seguiu viagem a Brusque, para onde eu o acompanhei. Em nossa paróquia de Brusque, ele demorou-se vários dias. Lá visitou as maiores capelas e, no dia 25, festa da Ascensão do Senhor, ele presidiu a cerimônia da Primeira Comunhão. Dia 26 de maio houve solene missa pontifical em Azambuja (a três quilômetros de Brusque), onde se celebra todos os anos, nesse dia, a festa de Nossa Senhora do Caravaggio. De longe e de perto vieram muitos piedosos peregrinos ao vale das graças e, pela participação em celebração tão festiva, voltaram superfelizes para casa e por muito tempo se recordarão, com alegria, da romaria deste ano.

"Pe. Foxius ficou sozinho em Itajaí, uma vez que o acompanhante, Pe. Schürmann, ficou doente e, por isso, eu tive que fazer a última parte da viagem com o Bispo. Nessas circunstâncias, fomos, de carruagem, de Brusque a Barracão, onde aconteceu um pequeno incidente. Pe. Lindgens, pároco de Brusque, havia contratado a carruagem somente até Barracão, e de lá mandado de volta. Mas de Gaspar, para onde o Bispo pretendia dirigir-se após a Crisma, não foi enviada nenhuma condução; apenas uma comitiva o esperava no limite da paróquia, mais ou menos três quilômetros além de Barracão. Depois de demorada procura, conseguiu-se finalmente uma diligência já fora de uso. Partiu-se então em meio a uma forte trovoada e intensa chuva até Gaspar, cuja paróquia é assistida pelos padres franciscanos. Já era escuro quando chegamos lá. Mesmo chovendo forte, queria-se fazer, a todo custo, a solene recepção para a qual teríamos que subir o morro escorregadio ao lado da igreja. Que tragédia! De Gaspar nossa viagem seguiu para Ilhota. O Exmo. Sr. Bispo, que já estava doente há algum tempo, adoeceu aqui de vez. Como Pe. [Francisco] Schilinsky e eu dormíamos com o Bispo no mesmo quarto, não foi possível pensar num descanso noturno, pois ele gemia de dores. Por isso, ficamos contentes ao sermos chamados para o confessionário, às 4 horas da madrugada. Às 7 horas o Bispo rezou a missa. Em seguida deveria acontecer a Crisma; mas o Bispo sentia-se tão mal que precisou

3 Registro de batismo: livro nº 12 (1911), p. 410, nº 300.

interromper a cerimônia durante uma hora. Terminada a Crisma, fomos ainda, a cavalo, a outra capela, onde mais de trezentos crismandos esperavam pelo Bispo. Como lá estivesse tudo bem preparado, a cerimônia transcorreu rápida e assim pudemos voltar logo a Gaspar. Como chegasse justamente um vapor, aproveitei a oportunidade para voltar a Itajaí. Estava previsto que na sexta-feira antes de Pentecostes, o Bispo iria também para Itajaí e de lá viajaria para Florianópolis. Seu estado de saúde, porém, piorou de tal modo que foi necessário deslocar-se para Blumenau, a fim de submeter-se a uma cirurgia. Felizmente tudo saiu do melhor modo, embora se temesse o pior. Na segunda-feira de Pentecostes, o Bispo recebeu telegrama informando-o da morte de seu irmão, Mons. Carlos Becker, que falecera em consequência de uma operação. Segunda-feira o Bispo veio a Itajaí, onde embarcou em um navio costeiro e voltou à sua residência em Florianópolis, para refazer-se do cansaço dessa exaustiva visita pastoral.

Seja concedido ainda por muito tempo ao nosso bom e piedoso pastor supremo trabalhar com as melhores bênçãos divinas para o bem do rebanho que lhe foi confiado e conduzir todas as suas ovelhinhas no caminho da salvação!"

82

O Congresso Sacerdotal em Florianópolis*

Pe. Carlos Keilmann

Por toda parte se lê a palavra: "congresso", o número desses encontros sobe enormemente e, mal-humorado, pões talvez de lado a revista *Das Reich des Herzens Jesu*. Mas, devagar! Esta é a primeira notícia de congresso publicada na revista, pois um evento assim jamais foi realizado antes no Brasil. Por isso, permito-me dizer-lhe algo do Congresso Sacerdotal em nossa diocese. A maravilhosa reunião aconteceu nos dias 17, 18 e 19 de novembro[1], sob a presidência do Exmo. Sr. Bispo diocesano, Dom João Becker. Compareceu todo o clero diocesano, em número de 27 padres. Além disso, participaram também 35 representantes do expressivo clero religioso que soma, ao todo, pelo menos 74 membros. O clero religioso na diocese de Florianópolis (Estado de Santa Catarina) distribui-se como segue: 40 padres franciscanos, 11 jesuítas alemães, três italianos, dois lazaristas poloneses, 18 sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. As sessões tiveram lugar no espaçoso colégio dirigido de maneira excelente por jesuítas alemães. As sessões eram de manhã, às 9 horas e de tarde, às 14 horas; à noite uma solene sessão festiva no colégio das Irmãs da Divina Providência. O final, no quarto dia, constituiu-se num festivo *Te Deum* na catedral, com a presença de todo o clero, do governador do estado, do senador Lauro Müller, bem como de numerosas autoridades e de um grande número de fiéis. O Exmo Sr. Bispo proferiu ali também o discurso de encerramento. Pe. H. Liese S.J., notório orador popular e professor no seminário arquidiocesano, falou sobre o modernismo. Em três palestras, mostrou que o mesmo é insustentável. Pe. Locher S.J., que pregou para o clero o retiro nos cinco dias precedentes, falou sobre as escolas católicas, a eficiência da Igreja Católica na área social e o dever de participação que cabe a todos nós, em colaborar. Pe. Pedro Sinzig O.F.M. falou, em três palestras, sobre a má imprensa brasileira e sobre a situação miserável em que se encontram os jornais católicos. Em exposições bem elaboradas, ele demonstrou a todos, com provas documentais convincentes, que a imprensa maçônica é antipatriótica e inimiga da religião.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1912), p. 233-235.

1 O congresso aconteceu de 17 a 19 de novembro de 1911.

Dom João Becker e o clero da diocese de Florianópolis.

Com isso ele havia tocado num vespeiro, e os inimigos da Igreja em Florianópolis ficaram furiosos. Por meio de folhetos repletos de mentiras e difamações, eles sublevaram o povo contra os padres de tal modo que o Exmo. Sr. Bispo precisou dirigir-se ao governador para solicitar segurança para seus sacerdotes, pois cada difamação o atingia. Imediatamente, este acionou policiais em número suficiente, o que permitiu colocar atrás das grades os principais amotinadores, evitando, com isso, outros atos de violência. Pe. Solano Schmitt O.F.M., que viveu muitos anos no meio dos índios semisselvagens, tratou da catequese indígena. Ele insistiu com veemência na tese de que a religião católica deve ser o fundamento e que o Estado já esbanjou milhões com catequese leiga, sem religião, para não dar a Cristo a devida honra e glória. Pe. J. Bertew falou sobre a administração dos bens da Igreja e as medidas necessárias para mantê-los em segurança. Pe. [Francisco Xavier] Giesberts (irmão do notório deputado no parlamento alemão) tratou da formação de um clero nacional, pois este só está representado por quatro membros na pastoral paroquial. Pe. Belarmino Corrêa, um português, falou-nos sobre os deveres do católico em nossos dias. Finalmente, um de nossa congregação, Pe. José Foxius, versou sobre o Apostolado da Oração e sobre a Primeira Comunhão precoce e deu conselhos práticos a respeito.

A confraternização na primeira noite, no colégio das Irmãs da Divina Providência, na qual Pe. Locher falou sobre a escola e Pe. Sinzig sobre a imprensa, foi organizada pelas associações católicas de Florianópolis e ofereceu, além do trabalho sério, também apresentações musicais. Na segunda noite, foi apresentado o Oratório composto por Pe. Sinzig, especialista não só no campo da imprensa, mas também no da música. A viva coreografia era uma prova da capacidade e dedicação das Irmãs e de suas alunas.

Esse foi, portanto, o transcurso do Congresso Sacerdotal em Santa Catarina. Seria pouco auspicioso e, de mais a mais, ainda prematuro realizar aqui congressos católicos, como já aconteceram em outros estados do Brasil, por causa das difíceis vias de comunicação. É preciso primeiro que a autêntica vida católica se enraíze firme nos corações dos fiéis; é necessário poder contar com leigos que intervenham sempre plena, total e abertamente em favor da Igreja e possam defendê-la. Em minha opinião, andam juntas estas duas questões: formação de um clero nacional, isto é, de padres brasileiros, e de leigos valorosos. Quando se tem um clero competente, conseguem-se também, em pouco tempo, leigos católicos convictos e estes, por sua vez, fornecerão bons candidatos para o clero. Em todos os casos, esse Congresso contribuirá muito para a elevação da vida católica nesta ainda nova diocese (criada em 19 de março de 1908). Os inimigos, que aqui são muito numerosos, velam com olhar atento qualquer movimento da vida católica. Afiarão ainda mais as armas e apresentarão ainda mais sujas suas calúnias e mentiras e comportar-se-ão de maneira mais ameaçadora frente ao crescente poder da Igreja Católica. É bem possível que o inimigo, com o avental de couro, a colher de pedreiro e o triângulo, os irmãos das lojas maçônicas, conduzam a luta ainda mais aberta e livremente, embora a religião católica tenha recebido da República a garantia da total liberdade.

Há obstáculos no caminho da vida católica: escolas sem religião, casamento civil e falsa compreensão da liberdade com relação ao cumprimento dos deveres para com nossa Igreja. A vida das associações católicas, todavia, começa a florescer. Uma espécie de Associação Popular existe em alguns estados; a Liga da Imprensa tomou como meta organizar e vitalizar os jornais católicos e conseguir-lhes uma posição tal que os adversários se vejam obrigados a contar com ela. Justamente por isso a luta será em breve mais acirrada e mais séria. Será isto prejudicial? De maneira nenhuma. Quanto antes vier a grande separação, tanto melhor. Então as multidões daqueles que se juntam à bandeira de Cristo saberão, pelo menos, com quem poderão contar; não precisarão mais temer nenhum Judas que esteja a serviço dos adversários. Queira Deus que o acampamento do exército de Cristo possa contar com milhões!

83

A ilha de Santa Catarina*

Pe. Carlos Keilmann

No dia 24 de fevereiro, de manhã, embarquei, em Itajaí, no navio que me levou a Florianópolis em cinco horas. Florianópolis, capital do estado e sede do Bispado de Santa Catarina, situa-se na ilha de Santa Catarina. Esta grande ilha localiza-se, ao comprido, bem perto do continente e apresenta-se como um pequeno baluarte de aterro. Atualmente o governo está ocupado em construir uma pequena fortaleza no sul da ilha. A ilha, com suas muitas enseadas e sequência de montanhas, oferece um magnífico panorama. Entre a terra firme e a ilha, o mar é muito calmo e, por isso, é chamado de mar manso, em oposição ao mar grosso.

Florianópolis

Florianópolis, denominada outrora Desterro, localiza-se rente ao mar, numa pequena língua de terra, contra um alto morro. No topo do morro há uma grande cruz, bem visível de longe. A alma desse empreendimento foi um nobre sacerdote, natural da região de Münster[1], que por muitos anos colocou, com muito amor e sacrifício, suas forças totalmente a serviço de Deus, pela renovação da verdadeira vida religiosa neste país. Assim, ele deu à cidade um símbolo da santa fé. Uma bela imagem: a cidade olhando para cima, para a cruz; a cruz, abrindo seus braços sobre a cidade, como que a abençoando. Caso a cidade cresça mais tarde, expandir-se-á em volta do morro da cruz.

Na cidade, com as muitas ladeiras, como também ruas íngremes, já existem muitas outras construções, sobretudo o palácio do governador (chefe do estado, eleito para quatro anos) e o prédio da Câmara dos Deputados[2], onde se reúnem os deputados do estado. Florianópolis tem duas igrejas maiores: a igreja matriz, desde 1908 catedral do primeiro Bispo de Santa Catarina, e a igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Além disso, há ainda várias capelas em diversas partes da cidade, como a capela da Imaculada Conceição, de Nossa Senhora do Rosário, de São Sebastião e a capelinha do Hospital de Caridade. O hospital é atendido pelas Irmãs da Divina Providência (a casa-mãe encontra-se em Münster, na Vestfália). Essas Irmãs têm, em um dos pontos

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1912), p. 425-428.

1 Trata-se de Pe. Francisco Xavier Topp, natural de Warendorf, Alemanha.

2 O prédio da Câmara dos Deputados localizava-se junto à praça Pereira Oliveira, perto do teatro Álvaro de Carvalho e queimou-se totalmente em 1956.

mais bonitos da cidade, um grande convento e, anexo a este, um internato para meninas. Imediatamente ao lado do convento existe uma grande e bonita construção, onde as Irmãs acolhem crianças órfãs.[3] Na proximidade do palácio episcopal encontra-se o colégio para estudos ginasiais, dirigido por jesuítas alemães. Esse educandário é o único do gênero no estado, se não se quiser acrescentar a escola conventual dos franciscanos em Blumenau.

O conventinho dos filhos de São Francisco situa-se, igualmente, nas imediações da residência episcopal. Eles, os franciscanos, dirigem a escola paroquial de Florianópolis. Há aqui total liberdade, tanto para abrir escolas quanto para frequentá-las. Há escolas estaduais, municipais e particulares. Nas últimas, deve-se incluir também as escolas paroquiais.

O comércio restringe-se praticamente só à região portuária da cidade. Lá se encontram as grandes casas de comércio, onde é possível adquirir todos os artigos europeus. Não existem vitrinas; as lojas têm grandes portas, que permitem a entrada de luz e ar.

O que devo dizer da vida religiosa? Em comparação com os anos anteriores, a vida religiosa melhorou muito. Monsenhor Topp, natural da região de Münster, conseguiu, com um trabalho de vinte anos de dedicação, reanimar e fortalecer a vida religiosa. Agora nossa santa religião tem um futuro promissor pela frente, e, por consequência disso, também a crescente raiva dos inimigos da Igreja, o constante crescimento de infâmias e calúnias contra o clero e religiosos. As irmandades são fortes e dinâmicas. A Conferência Vicentina auxilia no trabalho de cura d'almas; a Irmandade do Divino Espírito Santo mantém o orfanato; a Irmandade do Senhor dos Passos sustenta o hospital; a Ordem Terceira de São Francisco mantém a escola paroquial, dirigida pelos padres franciscanos.

Ultimamente formou-se um círculo católico que reúne pessoas competentes, decididas a trabalhar em prol de boas obras.

Acabei, assim, de contar mais ou menos tudo o que sei sobre a cidade. Precisaria citar ainda o Quartel, bem como o bonde puxado por cavalos, que numa cidade tão cheia de colinas presta um grande serviço ao trânsito.

Trindade

Pe. Remaklus Foxius apanhou-me no porto, em Florianópolis. Fiquei na cidade até a manhã seguinte. Depois de uma breve visita ao Exmo. Sr. Bispo e aos padres jesuítas, fomos, Pe. Foxius e eu, a pé, para minha nova pátria. Trindade dista bem uma hora da cidade, atrás do alto Morro da Cruz. Por isso, na linguagem popular, o lugar é denominado simplesmente "atrás do morro"; também nós já

3 O orfanato "Lar São Vicente de Paulo" é uma instituição fundada e mantida pela Irmandade do Divino Espírito Santo.

temos o nome de "os padres do atrás do morro". Chegamos ao meio-dia e surpreendemos Pe. Storms, que já se encontrava aqui há algumas semanas e transformara a pequena casa em residência habitável.[4] Com a ajuda das últimas lembranças da bonita arte da matemática, conseguimos repartir de maneira justa o almoço e acalmar nosso estômago resmungão.

A localidade da Trindade é atravessada por uma boa estrada que, bem pertinho da igreja, se divide em duas. Muitas casas localizam-se afastadas do caminho. A igreja é de uma nave, com algumas pequenas janelas no alto. Num dos lados da igreja há uma torre baixa, chata, decorada com um sino. Sobre o altar-mor há uma grande e bonita imagem da Santíssima Trindade. Monsenhor Topp mandou esculpi-la no Tirol.[5] Os dois altares laterais são dedicados ao Sagrado Coração e a Nossa Senhora. Custará ainda um pouco de esforço e trabalho para decorar, de forma mais bonita e digna, a casa de Deus. Mas o Sagrado Coração nos ajudará nesse trabalho como também no despertar da vida religiosa. Tão alto e sublime quanto a Santíssima Trindade, que o povo adotou aqui como patrono, é também o mistério de nossa santa religião. A falta de espírito religioso é enorme e a ignorância religiosa é apavorante. A proximidade da capital prejudicou muito e prejudica ainda. Tem-se quase a impressão de que as pessoas tinham medo e receio da presença constante dos batinas pretas. Acresce a isso o fato de que muitos, em consequência da ignorância religiosa, não acatam a dignidade sacerdotal, quando não a desacatam. Mas, graças a Deus, já vai melhor; as pessoas superaram o primeiro espanto. No início, era necessário um cumprimento alegre e atencioso para conseguir uma resposta de saudação. Só depois de oito dias uma criança pediu a bênção, que, no mais, é por toda parte habitual. Na Quaresma já tínhamos mais de cem confissões e comunhões. Estamos muito felizes com isso, pois as coisas vão para a frente. Conseguimos também organizar um pequeno coral. As crianças já sabem muitos cânticos dos santos sacramentos, do Sagrado Coração e da bem-aventurada Virgem. Com acompanhamento do pequeno harmônio, elas também já cantam a missa gregoriana, ainda que um pouco atrapalhadas.

Há ainda duas capelas bem perto de nossa residência. Distam a menos de uma hora, mas eram necessárias por causa da população. Uma se encontra no Saco dos Limões e apresenta uma bonita visão para o mar manso e para o continente; encontra-se na parte central de um povoado que pode ser considerado um bairro de Florianópolis; a padroeira é Nossa Senhora da Boa Viagem. A outra capela, dedicada a São Bento, encontra-se num povoado chamado Itacorubi. Ainda há muito o que fazer nas duas capelas, para elevar a vida religiosa. Ainda

4 A paróquia da Santíssima Trindade já estava havia oito anos sem pároco quando os padres do Sagrado Coração de Jesus a assumiram em 1912. Padre Pedro Storms foi empossado vigário no dia 11 de fevereiro de 1912 e o Padre Carlos Keilmann assumiu como coadjutor no dia 28 de fevereiro do mesmo ano.

5 A imagem foi esculpida pelo artista Ferdinand Demetz, da Áustria.

Antiga capela da Trindade. Pertence atualmente à Universidade Federal de Santa Catarina e é usada como espaço cultural.

demorará dezenas de anos aqui na Trindade, com suas duas capelas, até que se consiga um povo fiel, firme e aberto à fé na cruz, e que não traga apenas o nome de cristão, mas que mostre obras permeadas de profunda e ardente fé. Nossos dois grandes inimigos são o casamento civil e a escola sem religião. E os inimigos da Igreja, entre os quais, sobretudo, muitos funcionários públicos maçons, fazem todo o possível para manter o povo na ignorância e afastá-lo do casamento religioso.

Além da Trindade com suas duas capelas, estão ainda destinadas à nossa atividade as paróquias da Lagoa, com a capela do Rio Tavares, e a do Ribeirão, com a capela do Pântano do Sul. Lagoa e Ribeirão têm igrejas grandes. Temos sob nossa responsabilidade toda a metade Sul da ilha. Se, de uma ou de outra maneira, houvesse a possibilidade de obter os meios, precisariam ser construídas pelo menos mais quatro capelas.

Certamente você, caro leitor, está curioso para saber alguma coisa sobre a administração das diferentes igrejas e capelas. Na Trindade há missa cada domingo, porém mais tarde. Primeiro o padre designado reza missa numa das duas capelas pertencentes à paróquia da Trindade onde, além da missa, dá também um pouco de doutrina. Como vai a cavalo, o padre só está na Trindade às 10h ou

10h30min para celebrar sua segunda missa. Se há crianças na missa, então ele dá catecismo depois.

Visitamos o Ribeirão no primeiro e terceiro domingo, a Lagoa no segundo e quarto domingo, Rio Tavares e Pântano do Sul uma vez por mês, durante a semana. Permanecemos sempre alguns dias nesses lugares, para dar doutrina às crianças durante o dia e, no culto vespertino, expor aos adultos as verdades da fé. Além disso, damos doutrina na Trindade em dois dias da semana, ao meio-dia e à noite; nas duas capelas, uma vez por semana. Temos, ainda, vários pontos de parada ao longo dos caminhos, onde oferecemos alimento espiritual aos que moram longe das igrejas e capelas.

As Irmãs da Divina Providência querem abrir uma escola aqui na Trindade para auxiliar-nos no nosso difícil trabalho. Se essa obra vingar, então teremos logo uma boa parte da juventude cristã e, em esperançoso sonho, já podemos imaginar o bom, católico e valoroso povo da Trindade.

84

Pântano do Sul*

Pe. Carlos Keilmann

"Pântano" quer dizer banhado, e "Sul" porque se situa ao sul, por isso Pântano do Sul. Um pedacinho de terra, situado na parte sul da ilha de Santa Catarina, diante do mar aberto, numa bonita enseada. As pessoas que ali moram são boas, sem instrução, simples, e é delas que eu quero falar.

1 Minha primeira visita

Foi no começo de março. Encontrava-me, há algumas semanas, na ilha de Santa Catarina. Os arredores mais próximos de minha nova pátria eu já conhecia; queria pesquisar adiante. Munido do necessário, parti. Meu destino era o Pântano do Sul. Na volta, pretendia visitar o Ribeirão da Ilha, para trabalhar, também lá, durante três dias na cura d'almas. Meu caminho levou-me por veredas empedradas, morro acima e morro abaixo. Num trecho, passa-se por um caminho construído com muita arte em um terreno pantanoso. Finalmente tenho uma boa estrada, embora um tanto arenosa. Mais adiante recomeça o caminho empedrado e, depois, o caminho é novamente de pura areia branca. A viagem continua com dificuldade. Acredito estar vendo, à distância, uma capela[1]. Fico contente. Todavia, a desilusão se aproxima. Há muitos anos pode ter sido uma bonita capela; agora, está em ruínas; só a sacristia ainda se encontra inteira e as poucas pessoas da região reúnem-se de tempos em tempos ali para cantar um culto vespertino em honra de algum santo. Decepcionado, sigo adiante. Mas logo um viandante solitário me revela que encontrarei o almejado Pântano do Sul atrás daquele morro que está aí diante de mim. Satisfeito, agradeço-lhe, estimulo meu cavalo a seguir adiante e logo contorno o morro; há ainda alguns trechos de caminho empedrado a percorrer e, finalmente, estou lá.

Alguns dias antes, Pe. Storms já havia enviado um mensageiro para anunciar minha chegada. Mal me encontrava na proximidade da capela e já vi as pessoas acorrerem de todos os lados. "O padre está aí, o padre está aí!" Assim corria a notícia, de boca em boca. Logo um tomou meu cavalo para cuidar dele e também já me encontrava cercado e era assediado com toda sorte de perguntas. "É o senhor o Pe. Carlos? Fez boa viagem? Quando virá o Pe. Pedro? Padre, como

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1912), p. 472-477; 521-524.

1 Trata-se da capela de Sant'Ana e de São Joaquim (1777), de Armação do Pântano do Sul.

vai de saúde? Padre, quanto tempo ficará aqui? Padre, o senhor está com fome?" Rindo, eu dava resposta a tudo, especialmente à última pergunta, pois estava faminto. Devagar sigo adiante; por toda parte, areia profunda. Os casebres dos moradores são todos de pau a pique! Todos os casebres encontram-se próximos da enseada. O povoado conta com um número relativamente grande de casebres. As casas estão construídas sem nenhuma ordem ou alinhamento. Em volta de cada casa há um caminho. Parece um verdadeiro ninho de formigas, pois são tantos os casebres misturados confusamente, e também tanta gente, tantas crianças num pequeno povoado! Este pedacinho de terra localizado ao sul, junto ao mar, numa enseada, e cercado por altas montanhas pelos demais lados, faz pouco jus ao seu nome Pântano do Sul, pois até agora só vi areia e mais areia.

O povo vive da pesca; além disso, não faz nada. Por isso, o grande mal, "a preguiça", está muito em prática aqui. As pessoas ficam deitadas dias inteiros na areia da praia, sem praticamente trocar palavras entre si, sempre sonhando e, todavia, não pensando em nada. A pesca lhes fornece o suficiente para matar a fome; mais elas não querem.

Na próxima casa eu entro, tomo um pequeno lanche que me é oferecido. Já começou a anoitecer. Vou até a capela. Na frente da capela há um grande pátio descampado. No meio do mesmo ergue-se uma grande cruz de madeira. Por cinco degraus, construídos em sua volta, chega-se até a cruz, que os brasileiros beijam sempre com muito respeito. A capela é simples, pobre, principalmente no interior. Pergunto a alguém parado bem perto de mim: "Que idade tem a capela?" "É, sim senhor" é a resposta. Pergunto de novo: "Quando foi construída a capela?" "Você viu quando foi construída?" "Não, meu senhor", respondeu a simplória boa alma. "A capela já existia quando eu nasci" – "Quando você nasceu? Que idade você tem?" – "Quando casei eu tinha 28 anos." – "Há quanto tempo está então casado?", pergunto adiante. "É, sim senhor" é sua imediata resposta. Com isso ele quis dizer: Sim, estou casado. Mais uma vez eu pergunto a mesma coisa. Ele responde: "Meu filho mais velho foi batizado no dia da festa de São Pedro. Ele tinha então 3 meses de idade e agora já festejamos cinco vezes São Pedro." "Então seu filho tem pouco mais de cinco anos e você tem 34 ou 35 anos?" "É, sim senhor," é sua imediata resposta. Perguntando mais um pouco sobre isso e aquilo, fico sabendo que a capela já é antiga e que, com certeza, tem muito mais de 40 anos[2]. Entrando-se na pobre capela, não se vê outra coisa a não ser um pequeno e precário altar e sobre ele um nicho com santos dos quais eu pretendo falar um pouco logo mais. Há na capela uma raridade digna de ser vista, qual seja, uma estátua de Nossa Senhora que o pessoal montou num pequeno navio à vela feito com arte e cuja imagem veneram sob a invocação de "Nossa

2 A capela data de 1871.

Senhora dos Navegantes". O povo simplesmente a chama de "a Santa" e dificilmente haverá uma reza vespertina sem que as pessoas, no final, se dirijam à Santa para beijá-la respeitosamente e pedir-lhe a bênção da noite. Agora quero falar dos santos que se encontram na igreja sobre o altar, pois lá se encontra a segunda raridade digna de ser vista. É uma bonita estátua de São Pedro. Foi presenteada por um padre que, há anos, vinha com frequência para cá. Ao lado da bonita imagem de São Pedro, encontra-se uma pequena estátua que também deve representar São Pedro. Nunca vi uma imagem de santo mais feia que essa. Se a gente não soubesse o que é e para que serve, ninguém o adivinharia. O povo denomina essa imagem de São Pedro velho (a imagem feia) e a outra de São Pedro moço (a imagem bonita). São Pedro velho está enfeitado com um grande buquê de flores de papel coloridas, ao passo que o São Pedro moço tem na mão apenas uma rosa de papel vermelha. Em pouco tempo a capela está cheia. As mulheres vêm com as crianças e entram logo na igreja, ao passo que os homens ficam fora, até o início da reza. Apenas dá-se o sinal para o início do culto e a capela enche. Duas velas são acesas sobre o altar: uma para São Pedro velho e outra para São Pedro moço. Cantam-se três pais-nossos, ave-marias e glórias ao Pai, etc. Segue então uma pequena pregação, mas que não pode passar da simples instrução catequética. É necessário também repetir tudo duas a três vezes, porque na primeira vez é apenas despertada a atenção, então vem pouco a pouco, mas bem fraco, um leve suspeitar, um fraco entendimento. Depois da pregação canta-se a ladainha de Nossa Senhora, o padre dá a bênção e a reza termina. As mulheres ainda permanecem um pouco na capela, então se levantam, dirigem-se à Santa, dão o beijo de despedida, pedem a bênção a Nossa Senhora e vão tranquilamente para casa.

A capela é fechada e eu me retiro para a sacristia, que tem como finalidade paralela servir de sala de estar e quarto de dormir para o padre. No outro dia houve missa com pregação; a capela estava cheia. Após a missa dei doutrina para as crianças.

Pretendia então ocupar-me com o São Pedro velho, isto é, falar com as pessoas para retirar a imagem da capela. Todavia, meus conselhos, meus pedidos são em vão. O São Pedro moço pode ser retirado, mas no São Pedro velho ninguém pode mexer, pois sempre esteve ali "desde o princípio do mundo", como acrescentou alguém, bem sério. O São Pedro velho conheceu os antepassados; diante dessa imagem eles sempre rezaram. Por fim, propus construir para o São Pedro velho um pequeno altar na sacristia. Tudo em vão. O povo, com sua fé simples, que sem culpa tomou rumo falso, não quis saber nada disso. Por isso, São Pedro velho e São Pedro moço continuam em paz um ao lado do outro e por muito tempo terão que permanecer com paciência no nicho do altar da capela do Pântano do Sul.

À tarde dou novamente doutrina para as crianças, à qual também se fazem presentes muitas mulheres. À noite a igreja está novamente lotada para a novena. Para a manhã seguinte, foi anunciada confissão, e eu estou curioso, pois o povo é pouco instruído no conhecimento religioso. Mas já às 4h30min uma boa vovozinha bate à porta, ela quer confessar; vem tão cedo porque quase não ouve. Depois da Santa Confissão, ela entregou-me, inclusive, um pequeno presente: meia dúzia de ovos para o meu café da manhã. Nesse dia eu atendi 40 confissões. Antes da Santa Missa foi dado um pequeno esclarecimento sobre o Santíssimo Sacramento do Altar e então foi feita a preparação para a Santa Comunhão. Depois da Santa Missa fizemos a ação de graças juntos. A seguir visitei dois doentes. À tarde houve doutrina, logo a seguir um casamento e, depois, culto vespertino. Na manhã seguinte, após a Santa Missa, foram feitos os preparativos para a despedida.

Antes de terminar a narrativa sobre minha primeira visita ao Pântano do Sul, porém, quero, ainda, dizer algo sobre a Santa Cruz no Pântano. Encontra-se pendurada em uma das paredes da sacristia uma grande cruz lisa, uma daquelas que, de costume, se vê diante de igrejas e capelas. Observo com quanto respeito, inclusive santo temor, as pessoas veneram essa cruz, a ponto de, durante a missa ou culto, lhe acenderem uma vela. Por curiosidade, perguntei como a cruz foi parar na sacristia. Contaram-me então o seguinte:

"Já faz muito tempo. Ainda não tínhamos capela. Apenas uma cruz plantada na enseada; lá o povo fazia seu culto; lá rezava, quando seus parentes estavam no mar e o mar se enfurecia; lá as pessoas se reuniam para aguardar a volta dos pescadores. Mas o número de moradores aumentou e então foi construída a capela. Como de costume, ergueu-se diante da capela uma nova cruz. Então a antiga cruz se tornara inútil. Mas, onde deixá-la? Logo surgiu um plano. Seria novamente levantada no pequeno cemitério, situado um pouco afastado. Dito e feito! A cruz foi então solenemente transportada e lá plantada. Mas, o que aconteceu? O mar não deu mais peixe; as poucas roças de mandioca não produziram mais. Apareceram doenças entre as pessoas e os animais; desavenças começaram a surgir no meio do povo. Alguns já tinham advertido para não entregar a cruz aos mortos, mas deixá-la para os vivos. Sem demora, todos estavam de acordo: 'Sim, Deus nos castiga, a cruz vinga-se porque nós a banimos de nosso meio. Nossos pais e avós fizeram então uma procissão, buscaram a cruz e a colocaram na sacristia. Agora se encontra neste lugar. O mar está novamente calmo e fornece peixe, as roças produzem, as doenças desapareceram, as inimizades se acabaram. Assim a cruz trouxe novamente ao povo a felicidade e o bem-estar. Por isso amamos e veneramos essa cruz'". Assim soou a explicação simples do entrevistado. O povo é religioso; só é necessário colocar a fé na linha certa, e isto é possível, pois as pessoas são de boa vontade.

Meu cavalo já está encilhado. Muitos ainda vêm correndo para dizer adeus ao padre. “Padre, quando é que vai voltar?” “Mas volte, padre”. Prometo visitá-los a cada mês; as boas almas ficam contentes. Cavalgando adiante, olho mais uma vez para trás, para acenar-lhes um adeus. Tristes e saudosos, ficam ali olhando atrás do padre que parte. Porém restou-lhes uma esperança: se no passado se passavam anos, agora o padre estará de volta dentro de um mês. Cavalgo contente e agradeço a Deus, pois nunca encontrei povo tão bom quanto este que, apesar de ignorante, rude e preguiçoso, é receptivo às grandes verdades da salvação e por isso promete muita esperança para o futuro.

2 Visita do Bispo

O Exmo Sr. Bispo havia feito uma visita oficial a Trindade e conferido o sacramento da crisma. Na ocasião decidiu-se visitar o Pântano do Sul na festa de São Pedro e também crismar. Para a viagem, o Bispo quis, ele mesmo, providenciar a comida. Tudo bem. Dia 29 de junho era um sábado. Na quarta-feira antes, Pe. Storms e eu nos pusemos a caminho. Pe. Storms foi ao Rio Tavares, pois o Bispo pretendia deter-se ali por algumas horas para crismar e então seguir viagem ao Pântano, onde eu devia precedê-lo para fazer os preparativos. Pouco antes do lugar onde o caminho se bifurca, encontramos um cavaleiro; ele era da proximidade do Pântano. Pe. Storms informou-o de que o Bispo viria. O homem sempre dizia s*im*; no entanto, como ele o entendeu na sua lentidão em compreender as coisas, nós veremos logo a seguir. Mal Pe. Storms partiu, juntou-se a nós outro cavaleiro do Pântano. Eu cavalgava um pouco na frente, mas ouvi tudo o que os dois conversavam. Para meu espanto, escutei que o cavaleiro confundiu o pequeno e bom Pe. Pedro Storms com o Bispo; este já estaria em Rio Tavares, ele o teria trazido consigo, seria desta vez um pouco pequeno, antes ele era maior. Ri no meu íntimo sobre esse belo equívoco. Cheguei ao Pântano ao anoitecer. Logo todos se encontraram reunidos, para tomar conhecimento das mais recentes notícias. Já tinham ouvido falar da visita do Bispo, mas ninguém podia acreditar totalmente, pois nunca estivera lá um bispo. Muitos nunca tinham visto um. Quando confirmei a notícia, todos ficaram contentes. Mas, como recepcioná-lo? Onde dormiria? “Amanhã cedo tudo será regulado”, disse-lhes. No culto vespertino e na missa falei sobre a dignidade episcopal e sobre a Crisma, expliquei como seria a recepção e anunciei confissão para o dia seguinte. Na manhã seguinte, após a missa, iniciaram-se os trabalhos. Palmeiras e bambus foram buscados para enfeitar o pátio da igreja e o caminho. Na capela foi erguido um modesto trono. Também já começaram a vir crianças para a confissão. Nesse dia eu tinha sessenta. De tempos em tempos, tinha que dar uma olhada fora da capela, a fim de que os trabalhos não se interrompessem, pois no seu costumeiro

dolce far niente deve-se temer de tudo. Onde dois trabalham, ali se encontram pelo menos dez que apenas observam como os outros trabalham.

Uma casinha nova, não totalmente pronta, foi arrumada para hospedar o Bispo. Aos poucos as coisas ficaram prontas. Quinta à tarde e sexta de manhã houve ainda confissão. A chegada do Exmo. Sr. Bispo estava prevista para as 14 horas, mas chegou somente às 16h30min.

Devo agora voltar um pouco atrás na minha narrativa. O Bispo, acompanhado de Pe. Remaclus Foxius, tinha saído de manhã da cidade. O serviçal, que conduzia um segundo animal com os mantimentos, já havia partido à frente. O Bispo e Pe. Foxius estavam quase irreconhecíveis em seus sobretudos. Mal haviam saído da cercania da cidade quando foram surpreendidos por alguns cavaleiros do Rio Tavares que os aguardavam para escoltá-los. Bem antes do Rio Tavares, um considerável grupo de cavaleiros recebeu o Bispo e, num belo cortejo, acompanharam o antístite até o povoado bem enfeitado. Na frente da capela o povo, organizado em bonita procissão, esperava o seu Pastor Supremo. Pe. Storms acompanhou o Bispo até a capela e logo começou a Crisma. Entre grandes e pequenos, 102 pessoas receberam o sacramento. Trinta delas haviam confessado. Após uma breve refeição, continuou-se a viagem ao Pântano. Às 11 horas já mandei tocar o sino para reunir os cavaleiros. Por volta de 12h30min, eles estavam prontos para partir. Deviam ir ao encontro até a metade do caminho. Depois que eles partiram, reuniu-se sempre mais gente. Deram 14 horas, 15 horas, depois 16 horas; o povo já começava a desconfiar da chegada do Bispo. Então ouviram-se tiros de foguetes anunciando que o Bispo estava próximo. O povo logo se posicionou nos dois lados do caminho. E já surgiram à vista os cavaleiros, na ponta, o Bispo vestido de manto branco. Fomos ao seu encontro. Uma breve recepção oficial, alguns cumprimentos, e então o povo acorreu. Todos queriam receber a bênção do Pastor Supremo, queriam beijar o anel de seu pai espiritual. Pretendíamos dirigir-nos à casa preparada para o alojamento. Antes disso, porém, todos se puseram de joelhos para receber a bênção episcopal. Eu havia lhes explicado reiteradas vezes como deveriam recepcionar o Bispo. Chegados à casa, fizemos uma pequena refeição com a comida que havia sido trazida. Então trocamos de roupa e partimos em procissão até a capela. Todo o povo ficou admirado. Nos cinco primeiros minutos, o povo ficou boquiaberto, pois um bispo era uma total novidade. Na capela tiveram lugar as demais cerimônias. Seguiu-se uma alocução de Pe. Storms e, em seguida, falou o Bispo. Como ato subsequente, teve lugar a Confirmação e, por fim, foi concedido a todos beijarem a mão do Bispo.

Enquanto isso, eu fiquei na sacristia, preenchendo fichas de Crisma. Vieram então algumas pessoas que, dias antes, me haviam perguntado timidamente: "É

o Bispo uma pessoa boa?” Agora opinavam: “O Bispo é, de fato, bom! E como ele é bonito!”

Já era noite. Após o jantar, o Bispo e Pe. Foxius foram caminhar um pouco. Depois do culto vespertino, fui novamente ao confessionário, até as 23 horas. Também ouvimos confissão na manhã seguinte, até a missa do Bispo, em que houve a comunhão dos homens. Foi realmente uma alegria ver com quanta devoção esses rudes pescadores se aproximavam da mesa do Senhor. Às 10h30min foi celebrada missa solene, no pátio da capela, ao pé da cruz. Também nessa missa, mais de 30 pessoas ainda receberam comunhão. Elas tiveram que esperar, pois o altar da capela não tem sacrário e, por isso, só puderam comungar durante a missa. Após a missa solene, o Bispo, postado ao pé da cruz, fez uma entusiástica alocução sobre o papado e a Igreja. Todas as circunstâncias eram favoráveis para sentir o impacto de suas palavras: a festa de São Pedro, o grande número de pessoas, os degraus da cruz como púlpito, a vista do mar da enseada e as altas montanhas. Seguiu-se novamente a administração da Crisma, que ainda foi conferida a 251 pessoas. Às 14 horas todos estavam confirmados. A seguir, o Bispo disse umas palavras finais e foram distribuídas pequenas lembranças, que fizeram as pessoas muito felizes. Quando perceberam que os cavalos já estavam sendo preparados, um triste murmúrio perpassou a multidão: “Os padres vão!” Era bonito demais contar com quatro padres e quatro missas. Mas também o povo havia dado o melhor de si, inclusive na vestimenta. Praticamente todos estavam vestidos de paletó, inclusive os meninos, o que lá é muito raro. Fomos até os cavalos. O Bispo deu uma última bênção e então partimos. O povo ficou olhando triste atrás de nós; tudo tinha sido para eles como um sonho, um belo sonho.

85

Férias de Padre Spettmann na Alemanha*

No dia 17 de março deste ano, tivemos a alegria de poder cumprimentar, na pátria alemã, o Revmo. Pe. Spettmann, após cinco anos de extenuante atividade como missionário e cura d'almas no Brasil. O zeloso missionário ocupou o tempo de sua permanência em solo pátrio procurando conseguir novos combatentes para o seu distante campo missionário e levantar recursos tão necessários para o soerguimento do catolicismo no Brasil, em especial para as escolas católicas. O missionário soube infundir, com seu jeito particular, o entusiasmo em muitos corações, e os dois neossacerdotes, os padres Schmitz e Peters, e o Irmão Symphrosius Wildenhues tomaram a decisão de partir com ele para a distante América do Sul. Ao mesmo tempo, o valente apóstolo recebeu abundante auxílio de nobres senhores e protetores de nossa missão brasileira para suas difíceis obras. Na festividade de Nossa Senhora do Rosário, aconteceu a cerimônia de despedida dos apóstolos em nossa casa missionária. Involuntariamente nossos pensamentos se voltaram para aquele dia em que o exército cristão derrotou o exército dos turcos em Lepanto.[1] Se naquela batalha o heroísmo e as súplicas confiantes foram dirigidas à rainha do céu através das mãos do rude guerreiro que brandia a espada de guerra, agora perfilam pelas suas mãos as contas do rosário.

Não é parecida a tarefa do missionário? Também ele é um combatente, um soldado de Cristo que, sob a poderosa proteção da mãe de Deus, dirige-se pelos mais perigosos escolhos e pelas tempestades dos mares mais bravios a um país estranho e desconhecido, lá trava o difícil combate com Satanás e seus partidários e os subjuga com as armas do rosário. E na missa solene presidida pelo Revmo. Pe. Peters, padres, irmãos e estudantes dirigiram comunitariamente suas preces à rainha do rosário, pedindo que derrame copiosas bênçãos divinas sobre a obra das missões. Finda a missa solene, os reverendos missionários honraram os irmãos reunidos com uma cerimônia de despedida. E no discurso de saudação, o

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1912), p. 571-572.

1 Na batalha naval de Lepanto (7 de outubro de 1571), no sul da Grécia, a esquadra espanhola sob o comando de João da Áustria (filho bastardo de Carlos V), a serviço de seu meio-irmão Felipe II, derrotou os turcos, que representavam uma séria ameaça à cristandade latina. Em ação de graças a essa vitória, o papa Pio V oficializou a prática da oração do rosário.

Pe. Geraldo Spettmann, Pe. João Peters, Ir. Synphrosius Wildenhues, Pe. José Schmitz.

orador proclamou, em tom solene, que o desejo e a meta do missionário é a salvação das almas, seja no extremo Norte, entre os esquimós, ou sob o sol tropical da África ou no distante e profundamente religioso Brasil, e que as orações dos que permanecem em casa sejam tão benéficas às almas dos negros quanto às dos nossos irmãos de fé na América do Sul. A seguir Pe. Schmitz tomou a palavra e pediu, de modo especial, o óbolo de ouro da oração para si e seus colegas.

Às 16 horas, todos os membros da comunidade do convento reuniramse na capela ricamente enfeitada para assistir à cerimônia da bênção de despedida. No fim da tarde, às 17h15min, todos nos encontramos na grande sala. Tendo nas mãos grande quantidade de fotografias, acompanhamos o Revmo. Pe. Spettmann em sua primeira viagem missionária ao Brasil (1906). Belíssimas fotos de paisagens passaram diante de nossos olhos. Desembarcamos no Rio de Janeiro, admiramos Florianópolis (Desterro) e Itajaí e finalmente chegamos a Camboriú, o campo de atividade de nosso missionário. Durante os intervalos, alternavam-se música e cantos até a hora da despedida. Sábado, dia 12 de outubro, o navio levantou âncoras. Majestosamente, a nave deslizou pelo prateado deserto de água, mais longe, sempre mais longe. Tu, porém, ó Estrela do Mar de suave brilho, conduze teus filhos para o porto seguro e para a terra dos teus anseios.

86

Sacratíssimo Coração de Jesus, eu confio em vós! [*]

Pe.Geraldo Spettmann

Diante da pobre casa do padre para um cavaleiro. Segundo o costume do país, ele bate palmas e chama: "...Alô! Senhor padre!" Este aparece na porta e pergunta o que deseja. "A senhora N. está gravemente enferma e pede urgentemente sua presença; ela gostaria de receber os sacramentos dos moribundos".

"A senhora N. lá em cima, no meio das montanhas?" perguntou o padre, incrédulo. "Sim, senhor", respondeu-lhe o cavaleiro e acrescentou: "Temos que ir depressa. Caso contrário, poderemos chegar tarde."

"Pois bem, logo estarei aí! Mando imediatamente encilhar o animal!"

O cavalo está nas imediações da casa. Num instante, o Irmão coloca a sela e o conduz até junto da capela aonde o padre foi pegar o santo viático.

Monta-se, então, o cavalo e os animais se vão num trote puxado. Não se fala. É que o padre carrega consigo, sobre o peito, escondido sob a batina, o Santíssimo. Tanto melhor, pois ele pode meditar na bondade de Deus que agora o conduz para uma pobre ovelhinha que, no leito de morte, ainda quer conquistar o céu, dando assim ao mundo um claro sinal de que não se perderá aquele que colocou sua esperança no Sacratíssimo Coração!

"Oxalá não venha, a doente, a falecer antes", pensa o padre.

Não é a primeira vez que o padre visita aquela doente lá no alto do morro. Ele já entrou mais vezes em sua pobre casinha de madeira para consolá-la e ajudá-la, pois a doente já era cega há quase 20 anos, e seu marido, em consequência do alcoolismo, inteiramente incapaz de trabalhar. Seu único filho pouco se importava com ela. Isso multiplicava seu desgosto e sua aflição, mas a culpa ela mesma carregava. Ela havia criado o filho sem Deus e sem religião, assim como ela mesma havia esquecido Deus e seus mandamentos desde os mais tenros anos.

O padre lembrava-se bastante bem de toda a história de vida que, há alguns dias, a doente lhe havia contado. Seu berço natal era uma aldeia próxima a Mönchengladbach, na distante Renânia. Lá ela havia frequentado a escola. Lá havia feito, com grande devoção e alegria, a Primeira Comunhão. Por alguns anos ela continuara sendo boa e devota até que, aos 17 anos, o amor por um jovem protestante cativou seu coração e a cegou. Seus pais pediram e suplicaram,

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XII (1913), p. 39-41.

chamando-lhe a atenção para os tristes frutos de quase todos os casamentos mistos. Nada adiantou. "Minha mãe chorava, e chorava, mas eu permanecia insensível". Com que aflição a doente disse essas terríveis palavras! Seus olhos pálidos pareciam ainda fitar a mãe e lançar para ela um olhar suplicante. "Eu não quis escutar, não quis separar-me do meu namorado. "Ele era tão bom, prometia que jamais me impediria de praticar minha religião, pensava, inclusive, em converter-se para a religião católica... Ah, eu miserável, como podia ser tão cega, tão desobediente! Minha piedosa mãe afligiu-se tanto com minha desgraça que ela já previa de antemão, a ponto de adoecer gravemente. Chorava sem parar e quando, finalmente, voltou à calma, ela perdera a visão. "Padre", disse a mulher, "olhe para meus olhos. Este é o castigo pela desobediência com que desolei tanto minha mãe a ponto de ela ficar cega de tanto chorar!"

E o que aconteceu em seguida?

"Minha mãe faleceu logo em seguida, de um ataque de apoplexia. O pai agiu energicamente, principalmente quando eu comecei a ir menos vezes à igreja e a frequentar, de vez em quando, com meu namorado, o culto protestante. O Diabo, no entanto, sussurrou-me no ouvido que essa religião também não era de todo ruim. Logo em seguida, quando algumas famílias da região emigraram para o Brasil, chegamos a um acordo de nos associar a elas para vivermos tranquilos juntos, num país estranho, que nos havia sido pintado como um verdadeiro paraíso cheio de riqueza e encantos."

Secretamente, Maria – assim se chamava a doente – deixou seu pai e os irmãos e embarcou para o Brasil. O namorado pagou a passagem, que naquela época ainda era feita em navio a vela e durava três meses. Chegados ao Brasil, estabeleceram-se nas imediações de uma população exclusivamente brasileira. Pensaram então em se casar. Mas como? Na Igreja católica ou protestante? O jovem gostaria de casar na sua religião, mas naquela época ainda não havia pastor no lugar. Aos reiterados pedidos de sua noiva, concordou, finalmente, em contrair matrimônio diante do padre católico brasileiro.

Casados agora estavam. Logo Deus os presenteou com um filho. Mas não foram gratos. Contagiada pela tibieza do povo, Maria logo esqueceu completamente seus deveres religiosos. Nem o marido se incomodou mais com sua oração; há mais tempo tinha deixado completamente de fazê-la. Mas também sua felicidade sumia a cada dia mais e mais. A cegueira dos anos de juventude havia dado lugar a uma triste desilusão. Necessidades de toda a sorte entravam agora em seu lar. E como então, naquela época, sobrevieram tempos difíceis e seu marido não mais ganhava muito como serralheiro, ele entregou-se à barata, à pérfida cachaça brasileira. Maria chorou e sofreu muito sem, no entanto, dirigir-se com sinceridade ao bom Deus. Faltava-lhe o piedoso exemplo dos católicos da pátria. Aqui tudo era tão tíbio, tão sem religião. Nunca se via alguém frequentar a santa

confissão ou a santa comunhão. Uma vez ela tinha ido à capela, distante três horas; mas a desordem, o péssimo procedimento das pessoas, que lá se comportavam como se estivessem em casa, decepcionou-a tanto que ela decidiu não mais ir lá. A aflição e a grande solidão lhe abalaram a saúde. Sua desgraça estimulou o marido ainda mais à bebida. Seus pedidos eram inúteis. Que motivações ela poderia apresentar ao marido, se ele era protestante? Apelar para Deus ela também não podia, pois ela mesma O havia abandonado. Seu filho, já crescido, andava a maior parte do tempo pela mata, caçando. A mãe não o havia ensinado a rezar, mas em tudo lhe havia feito a vontade. Sua situação parecia lhe importar pouco. Assim, Maria jazia ali, doente e abandonada. Ela procurava rezar, mas cada vez sentia uma relutância interior. "Não, Deus castigou-me tão severamente, não posso mais rezar!"

Certo dia seu marido, ao voltar para casa completamente bêbado, mandou-a preparar a comida. Muito fraca e impossibilitada de levantar-se, pediu que a desculpasse, pois não estava em condições de fazê-lo. Essa sua recusa inflamou o infeliz marido embriagado de tamanha raiva a ponto de pegar, no mesmo instante, um pedaço de lenha do fogão, com o qual bateu tanto na mulher que ela ficou desmaiada no seu leito. Imediatamente o beberrão deixou a casa, julgando ter matado a mulher, e se escondeu no mato. Maria só acordou do seu desmaio depois de algumas horas. Aos poucos recobrou forças suficientes para chamar por auxílio. Um vizinho, que naquele instante passava por ali, escutou-a e entrou. Sua primeira preocupação, juntamente com sua mulher, foi lavar o sangue da infeliz. Esta perguntou que horas eram. Quando percebeu que eram apenas quatro horas da tarde, ela começou a chorar e a gemer tristemente. Uma suspeita acendeu-se nela e que se confirmou mais tarde: o pedaço de lenha arremessado da mão do seu marido havia, por azar, acertado seus olhos, deixando-a completamente cega. Que miséria! Que tristeza! Oxalá seu marido a tivesse matado de uma vez! Com a cegueira seus sofrimentos tornavam-se ainda mais terríveis. Os bons vizinhos ajudaram-na o quanto puderam. Com o passar do tempo, Maria recobrou o ânimo e conseguiu levantar-se! Seu marido, ao saber que a mulher não estava morta, voltou para casa. Ele melhorou um pouco e assim ambos viveram ainda por muitos anos na miséria e pobreza. Repetidas vezes Maria tivera a ideia de suicidar-se, mas cada vez lhe aparecia na mente sua lacrimosa mãe, que a chamava: "Maria, minha filha, salva tua alma! Pensa na eternidade!" Nunca mais teve ânimo de rezar. Ela se havia acostumado a uma tal atmosfera de revolta que apenas conseguia lembrar-se com ódio do Deus de sua infância. Não queria admitir que ela mesma era a culpada de tudo.

Nesse estado o padre a encontrou há algum tempo, pela primeira vez. Suas palavras de consolo e de admoestação caíram, no início, em chão duro. Só a pequena oração "Sacratíssimo Coração de Jesus, eu confio em Vós" conseguia

dizer, de vez em quando, algo à pobre cega. O padre mesmo tinha-se dirigido, cheio de ardor, ao divino coração, e, há alguns dias, rezava quase ininterruptamente: “Sagrado Coração de Jesus, eu confio em Vós; não permita que aquela pobre alma se perca!” Que ele fosse chamado hoje para atender a mulher cega encheu seu coração de alegria e feliz esperança. “Sagrado Coração de Jesus, eu confio em vós” rezava o padre, enquanto estimulava o cavalo a andar mais depressa.

Entrementes, já deram 10 horas. O sol brasileiro enviava seus raios de bênção. Num riacho da montanha, o cavalo puxou as rédeas para baixo e sorveu com prazer a água fresca. Reanimado, seguiu pelo caminho ora empedrado, ora lamacento, morro acima, morro abaixo.

“Sacratíssimo Coração de Jesus, eu confio em Vós!” Finalmente estava lá. Graças a Deus! Depressa o padre lavou as mãos, vestiu a sobrepeliz e se aproximou da doente. “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” “Para sempre. Amém!” respondeu ela.

Onde deixar o Santíssimo? Imediatamente alcançaram-lhe uma cadeira e sobre ela estendeu um lenço branco, e o presépio para o Salvador estava pronto. Vela não existia aqui no alto do morro; uma pequena lamparina a óleo servia para o mesmo fim.

Contra todas as previsões, a mulher estava bem preparada. “Padre, quero me confessar”, clamou ela reiteradas vezes. “Quero me reconciliar com Deus.” Tendo feito novamente, após tantos anos, sua santa confissão, ela ficou serena, animada, com uma grande paz de espírito. Depois, ao receber ainda a sagrada comunhão como viático, ela não se continha mais de alegria. De mãos postas e os olhos pálidos voltados para o céu, ela clamou: “Eu te agradeço, Salvador, eu te agradeço, Salvador, porque tu te apiedaste de mim, porque tu me enviaste um sacerdote no fim de minha vida!” Quando o padre ainda rezou em alemão as orações da comunhão, ela recordou o bonito dia em que, pela primeira vez, o Salvador entrou em seu coração. Um profundo sentimento de nostalgia tomou então conta dela. Lágrimas corriam sobre suas pálidas faces enrugadas, de modo que os próprios brasileiros, que haviam afluído, ficaram profundamente impressionados com essa cena.

Também a ação de graças foi feita em sua língua materna. A doente recebeu ainda a unção dos enfermos e a bênção papal de absolvição geral e, repetindo com profunda devoção a invocação “Sacratíssimo Coração de Jesus, eu confio em Vós”, adormeceu, pouco depois, na santa morte.

Cheio de gratidão, o padre voltou para casa com a firme decisão de recorrer sempre ao coração de Jesus em todas as necessidades, de confiar firmemente Nele agora e sempre e incentivar outros a confiarem no coração do Salvador.

87

Fanatismo religioso–político com final sangrento[*]

Pe. Carlos Keilmann

Nas últimas semanas, o povo dos estados de Santa Catarina e do Paraná entrou em aflição. Falava-se que teria rebentado uma revolução. Tropas foram enviadas para o interior. Logo veio a notícia de um combate sangrento em Irani. Para tornar compreensível todo o desenrolar do tumulto, preciso primeiro dizer algo sobre um antigo movimento fanático.

1 O "monge" João Maria

No planalto de Santa Catarina e do Paraná surgiram diversos "profetas". Eles gozavam de grande reputação entre o povo ignorante da região, praticamente isolado da cultura. Ninguém foi tão fiel ao seu chamado quanto o monge João Maria[1]. Há muitos anos, esse homem extravagante vagava pelo interior. Vestido de maneira simples, tão pobre quanto os caboclos, parava, geralmente, em lugares ermos. De tempos em tempos, peregrinava a outros lugares para profetizar o futuro e, à sua maneira, falar de coisas sublimes. Onde pousava, seus adeptos erguiam uma tosca cruz. O povo ignorante afluía em grande número e acreditava nele. Não costumava aceitar abrigo; para o descanso noturno, contentava-se com um lugar ao relento.

Certa vez, perguntado de onde vinha sua mensagem, ele respondeu: "Recebi-a num sonho; compreendi claramente que devo andar como andarilho pelo mundo afora durante catorze anos, que não devo procurar descanso em nenhuma casa, que não devo comer carne nas quartas, sextas e sábados. Tudo isso eu compreendi claramente".

Ao povo que a ele recorria, dava remédio. Diz-se que conhecia o poder medicinal de muitas plantas. Também lhe dava bons conselhos como, por exemplo, que o trabalho é necessário, que é preciso levar uma vida honesta, etc.

Conhecimentos teológicos ele não tinha; sua ignorância religiosa não era menor que a dos caboclos que moram afastados. Seus três dias de abstinência semanal

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XIII (1913), p. 84-89.

1 João Maria de Agostini nasceu no Piemonte, Itália, em 1801. Viveu no Brasil por quase dez anos, de 1843 a 1852, entre Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Morreu martirizado no Novo México (USA) no dia 17 de abril de 1869.

impressionavam a todos. Muita gente do planalto fazia, em sua ignorância, a promessa de batizar primeiro seus filhos pelo "monge" e somente depois pelo padre.

Pedia também ao povo para fazer penitência, pois grandes castigos estavam para vir; assim estaria escrito na sagrada escritura. Certa ocasião ele anunciou uma escuridão de três dias, para a qual as pessoas deveriam ter um quilo de velas de cera feitas por três meninas e benzidas por ele ou por um padre. Essa escuridão aconteceria logo, pois Jesus Cristo teria dito a São Pedro que o mundo existiria mil anos. Assim constaria na sagrada escritura. Quando lhe pediram para mostrar sua bíblia, ele respondeu: "Não a tenho aqui, ela é muito pesada para carregá-la sempre comigo; mas é boa".

Importantes para ele são suas fórmulas de oração. Pelo que consta, fazia também política. Como simpatizante do partido federalista, afirmava que um dia eles seriam vitoriosos, mesmo que vivesse só um dos partidários. O povo estava sempre à sua volta. O brasileiro ignorante é muito propenso ao fanatismo religioso, principalmente quando suas crenças não batem com os ensinamentos da doutrina da Igreja. E assim se explica por que os caboclos e também outros – inclusive os assim chamados instruídos – acreditam no "monge João Maria", que ainda lhe fazem promessas, e que é suficiente declarar: "João Maria o disse!" para confirmar uma afirmação.

Nos últimos anos, o octogenário "monge" andou pelo planalto do Paraná. Ali ele se despediu de seus crentes, dizendo-lhes que sentia ter chegado a hora de partir e falar com Deus. Ele partiu e não foi mais visto, razão pela qual correu a notícia de que ele teria morrido. Todavia, teria reaparecido recentemente no planalto de Santa Catarina. Ele teria dito que falou com Deus e Deus lhe teria dito que Dom Pedro III (Dom Pedro I e Dom Pedro II foram, sucessivamente, imperadores do Brasil) já foi proclamado em dois Estados do Nordeste e, nos Estados do Sul, a proclamação deveria acontecer igualmente.

A notícia do seu reaparecimento despertou grande alegria entre seus antigos seguidores; soube-se, então, que não era João Maria, mas um novo profeta que havia surgido e que se chamava José Maria. Também este se encontrou logo cercado por um grande número de seguidores.

2 O "monge" José Maria

José Maria, que no início foi confundido com o velho visionário João Maria[2], tinha aproximadamente 58 anos e seria descendente de índio. Em 1893 tomou parte na revolução e teria se saído bem. De índole não tão inocente

2 O verdadeiro nome de José Maria era Miguel Lucena de Boaventura, um soldado desertor do exército do Paraná. José Maria foi o terceiro monge a percorrer o planalto catarinense. Morreu no combate de Irani, no dia 22 de outubro de 1912.

quanto João Maria, incitou o povo a atos de violência contra a ordem constituída, pregou ao povo ignorante que se comportasse como monarquista e predizia o desaparecimento da República. Segundo algumas notícias, ele teria reunido no início 300 homens armados à sua volta e, desconsiderando seu Dom Pedro III, teria proclamado um ancião de oitenta anos como Rocha Assunção I para imperador. O novo "monge" tem um triste passado. Esteve preso por muito tempo em Palmas (Paraná) por causa de graves crimes contra a moral. Esse "santo" sabia escrever com as duas mãos, modificar sua caligrafia, entendia um pouco de medicina e apresentava-se como sendo iluminado por Deus. Como "monge" santificava a todos, especialmente o outro sexo, e os homens por ele fascinados confiavam-lhe suas mulheres, mediante sorteio. Mas, por fim, as coisas ficaram por demais absurdas; então o "pobre monge perseguido" reconheceu com "olhar agudo" a ingratidão do povo, pegou o cajado de andarilho, voltou as costas ao inóspito Paraná e afortunou com sua presença o planalto de Santa Catarina. Lá anunciou que o espírito de João Maria se teria encarnado nele. Os numerosos seguidores do antigo profeta afluíram a ele para rever o santo homem ressuscitado. Histórias maravilhosas contavam-se dele. Para exemplificar, apenas uma das muitas: o novo monge aparece em traje simples, chinelos nos pés, na cabeça um gorro de couro de jaguatirica, nas costas a mochila de viagem, na mão o cajado de andarilho. O povo o chama "Senhor José Maria", "Servo de Deus", "Profeta", "Santo Monge".

José Maria cura feridas, alivia dor de cabeça e de barriga. Disponibiliza ervas medicinais e remédios caseiros, tudo de graça. O povo acreditou logo que doentes poderiam ser curados, mesmo sem as prescrições da medicina. Os jornais noticiaram que ele teria curado um jovem adoentado. O mesmo fora conduzido a uma fonte benzida pelo profeta anterior e, à força, aspergido e molhado de tal maneira que qualquer mancha de tinta, mesmo a mais preta, ter-se-ia tornado branca. Agradecido, o jovem afirmou que estava curado. O monge teria curado também uma criança com doença nos olhos. O pai quis se convencer da cura do filho, mas declarou ao povo que a cura tinha sido malsucedida. Mas o povo foi em defesa do profeta e ele teve que se calar.

Acompanhado de grande séquito, José Maria atravessou a região de Campos Novos, andou pelos matos de Curitibanos e se estabeleceu com seus seguidores em Rio Taquaruçu, no meio de uma população pobre. Para o problema da carestia ele tinha uma solução prática: "Se alguém dá de presente um boi, Deus lhe dará em troca dez".

É incompreensível como o povo podia acreditar nele de maneira tão inabalável. Sem dúvida, sabia dar bons conselhos, ora segundo os princípios da razão, ora segundo os desejos do coração humano perturbado, e nisso ele era bom, com piedosas fórmulas. Para resguardar seu bom nome, ele precisava também

batizar como o antigo monge; como padrinhos, admitia somente meninas inocentes. Desaprovava adorno na vestimenta. As mulheres que andavam em sua companhia deviam trajar uma vestimenta prescrita por ele.

Quando o clero começou a esclarecer o povo, viu-se no monge alguém perseguido inocentemente, e as mulheres se consideravam felizes quando conseguiam lançar mão de uma mecha de cabelo da santa barba do profeta. Só quem conhece um pouco do grau de instrução dos brasileiros que moram isolados, afastados da verdadeira cultura, e sabe do seu fanatismo religioso, admitirá como possível que mulheres fanáticas se tenham ajoelhado diante do "santo monge".

O "monge" realmente planejou entrar solenemente em Curitibanos. Para essa finalidade ensaiou manobras hípicas no meio de vinte e quatro "apóstolos" armados. Dizia que cada bala de espingarda por ele benzida acertaria infalivelmente o inimigo e valeria por doze. Caso um de seus homens morresse casualmente em combate, ele o ressuscitaria dentre os mortos. Incitava também o povo a dar "Vivas" à Monarquia. Então partiu para Curitibanos; em torno de 200 homens armados formavam seu séquito. Em Curitibanos foram tomadas providências para a defesa e telegrafou-se ao governo solicitando ajuda. Imediatamente foram enviados soldados de Florianópolis e de Curitiba. A situação tornou-se desconfortável para o monge, que não avançou mais. No segundo dia ele disse em tom solene: "Jamais atravessarei o rio Correntes. Entregarei Curitibanos nas mãos de Deus. Deus a abençoe!" Então bateu em retirada e voltou para o antigo acampamento. Alguns dias mais tarde, a situação ficou, também ali, pesada para ele; abandonou aquele lugar e foi com seu pessoal em direção a Palmas, no planalto do Paraná. Certo número de seguidores ficava bem próximo à sua volta, como uma espécie de guarda pessoal. A notícia da aproximação dos soldados o inquietou e por isso ele se deslocou de um lugar para outro e acampou com algumas centenas de pessoas do seu bando nas matas de Irani. Ordenou que usassem uma cruz vermelha no boné e fez saber a todos que aqueles que morressem em combate ressuscitariam. Mediante fala tão convincente, mediante a fixação da cruz vermelha bem como mediante a promessa da ressurreição, o ânimo do povo se fortaleceu e o combate sangrento que se desenrolou nas matas de Irani tornou-se inevitável.

3 A batalha nas matas de Irani

O "monge" havia-se retirado para Irani e por isso o governo do Paraná enviou os soldados para lá. O coronel João Gualberto comandava os soldados. No caminho foram-lhe dadas, por três cavaleiros, falsas informações sobre as forças do inimigo e, por isso, o coronel achou que, com 40 homens, poderia prender os vadios. No dia 21 de outubro, ele chegou à região de Irani e entrou

em negociações com o "monge". O prefeito do lugar dirigiu-se pessoalmente ao acampamento inimigo, mas viu imediatamente que o fanatismo já havia tomado conta dos ânimos. O "monge" conduziu uma fala ousada, dizendo ser absurdo apresentá-lo como monarquista, que ele pretendia afastar-se, mas não logo, e que então pretendia despedir sua gente. De mais a mais, ele teria seguidores suficientes que por ele lutariam. Ele saberia também como multiplicar o número de seus seguidores. Na região de Irani haviam-se estabelecido, no decorrer dos anos, muitos agrupamentos obscuros que em algum lugar haviam entrado em conflito com a lei, sem precisar temer serem alcançados pela justiça penal. Além disso, também haviam-se estabelecido ali muitos caboclos inofensivos (habitantes da floresta, descendentes de índios), sem perguntar pelos proprietários de terra. O governo, na qualidade de proprietário, havia concedido grandes áreas de terra à empresa construtora da ferrovia São Paulo-Rio Grande do Sul. Como a empresa ferroviária fizesse agora valer seus direitos, começou a reinar grande descontentamento, pois o pessoal se considerava proprietário e via como injustiça que brada aos céus entregar suas terras ou pagar por elas. O "monge" se solidarizara com esses descontentes e fizera estreita amizade com um certo Miguel Fragoso, líder dos descontentes. Esse Miguel, que havia sido coronel na época da revolução de 1893, conduziu o ataque.

Como o "monge" não quisesse se retirar imediatamente, o coronel João Gualberto viu-se obrigado a atacar o acampamento dos fanáticos. No dia 22 de outubro, por volta das duas da madrugada, seus soldados se deslocaram em direção ao inimigo. Entre as 6 e 7 horas da manhã, o inimigo foi avistado. Os soldados posicionaram-se em linha de combate, mas logo se viram cercados de todos os lados. Por toda parte havia movimentação na mata, na selva e nas grotas. Com gritos selvagens os fanáticos, montados a cavalo, lançavam-se sobre os soldados e os golpeavam com facões. Lembrados da promessa do "monge", não se importavam com as balas e avançavam passando por cima dos corpos dos soldados tombados. Quando alguém era atingido, cobria o rosto com as duas mãos e caía assim por terra. A batalha demorou mais ou menos meia hora. Quarenta soldados, três suboficiais e três oficiais tombaram. O coronel João Gualberto foi agarrado por cinco caboclos. Matou dois, mas dos outros três recebeu facadas e golpes que o mataram. Dos fanáticos teriam sido mortos cento e vinte; entre outros, também o chefe do bando, Miguel Fragoso. Segundo uma última notícia, Miguel Fragoso teria, contudo, chegado a Palmas e se apresentado ao secretário de Estado do Interior. Não teria estado no combate e também seu pessoal não teria tomado parte nele. Algumas pessoas que haviam sido aprisionadas pelos fanáticos e, depois de espoliadas, postas novamente em liberdade, declararam que os rebeldes ainda contam com mais de 700 homens.

Foi grande a destruição na redondeza. O governo, então, enviou imediatamente novas tropas. Inclusive soldados do exército dirigiram-se para a região do combate. Parece, todavia, que os fanáticos se dispersaram. Os feridos na batalha foram acolhidos e medicados pelos franciscanos em Palmas. Pelos mortos foram realizadas solenes exéquias, das quais o povo participou em grande número.

Pouco a pouco a calma retornará. Basta, porém, aparecer um novo profeta e o povo, ignorante e fanático, apressar-se-á em saber o que Deus falou com esse profeta.

88

*Visita a comunidades brasileiras**

Pe. João Fischer

Finalmente chegam até vós, do distante Sul, algumas notícias prometidas há muito tempo. As seguintes exposições darão, aos caros leitores, uma pequena visão de conjunto da vida cheia de trabalho no extenso município de Itajaí.

Exerço, há três anos, a cura d'almas nas capelas pertencentes a Itajaí. Faço o circuito mensalmente, visitando-as uma por uma. Para as longas distâncias e os caminhos muitas vezes intransitáveis, são os animais de montaria praticamente os únicos e mais confortáveis meios de comunicação e transporte. Tenho agora, à disposição, dois cavalos, pois um mesmo animal não aguentaria as muitas viagens com a escassa ração. Fico três ou quatro dias em cada comunidade. As capelas localizam-se, às vezes, tão distantes uma da outra que nem todas as pessoas conseguem vir das picadas para a missa e os sacramentos. Por isso, nas colônias mais afastadas, onde não há capela, mas onde, não obstante, mora dispersa muita gente, alguma casa mais ampla serve de capela. Por causa da indiferença religiosa e da pobreza desses caboclos que, muitas vezes, carecem do indispensável para frequentar as distantes capelas, fizeram-se necessárias essas pequenas missões em casas particulares que, geralmente, produzem os melhores frutos.

Não quero, porém, antecipar-me.

Da septuagésima[1] até a Páscoa, estive fora 48 dias. Acompanhai-me num desses circuitos e vereis como se vive aqui, no ensolarado Brasil. É preciso, todavia, estar preparado para algumas fadigas, muitas necessidades e outras tantas decepções.

O cavalo já está encilhado. Falta ainda carregar as mochilas. Cálice, cibório, santos óleos, pedra d'ara, vinho, hóstias, breviário, algumas roupas, alguns livros, nada falta. Alto! Uma coberta é ainda afivelada sob o pelego da sela, então a capa de chuva, e a viagem pode começar.

Preciso primeiro atravessar o rio. Itajaí localiza-se junto ao rio do mesmo nome que tem, aqui na desembocadura, 700 metros de largura. Uma grande balsa a vela faz o transporte para a outra margem. Com vento sul o rio se torna, às vezes, tão agitado que a travessia pode tornar-se, então, não só desagradável como também perigosa, principalmente quando os animais ficam irrequietos com o balançar da balsa. Segue-se agora, por areia solta, rio acima. Num longo

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XIII (1913), p. 132-136; 186-189; 229-232; 374-378.

1 Septuagésima é o primeiro dos três domingos antes do início da Quaresma.

trecho, o caminho acompanha as curvas do rio. Diante de mim há uma cadeia de montanhas cobertas de mata, que se estende do oeste para sudeste, em direção ao litoral. No sopé dessas montanhas está a primeira capela a visitar. É dedicada a Santa Luzia. As pessoas haviam esperado por mim já algumas horas mais cedo e algumas haviam tomado novamente o caminho de volta para casa. Quando cheguei diante da capela, – nesse ínterim já havia escurecido – foi disparada meia dúzia de foguetes e um sino trincado foi tocado com um martelo para comunicar, o mais longe possível, a minha chegada.

Alguém desencilhou meu cavalo e o conduziu a uma pastagem na proximidade. Enquanto isso, eu levei meus apetrechos de viagem para a sacristia, desempacotei as coisas e preparei tudo para um pequeno culto vespertino. A sacristia não é muito mais que um pequeno barraco de madeira anexo, ou melhor, arrimado na capela. Uma parede de madeira a divide em duas partes, das quais uma é a sacristia propriamente dita, e a outra, minha moradia. Com a parede de madeira, a capela e a sacristia têm ainda outra coisa em comum. Ainda não havia confessionário, mas a necessidade leva a encontrar uma solução. Em algumas das tábuas foram perfurados alguns buracos e o confessionário patenteado estava pronto. Uma janela, sem vidro e com frestas da largura de um dedo, fornece luz e ar mais que suficiente, mas possibilita também entrada franca de incômodos visitantes, alados e rastejantes.

Meia hora depois de minha chegada, ao aviso de um segundo sinal, um grande número de pessoas já havia comparecido para o culto, que agora podia começar. O Pai Nosso, a Ave Maria, o Glória ao Pai e a invocação "Jesus, Maria e José, eu vos ofereço meu coração e minha alma" foram cantados três vezes. Em seguida fiz uma pequena pregação e, ao fim, exortei as pessoas a aproveitarem a presença do padre para a recepção dos sacramentos. Após a pregação, seguiu a ladainha, também cantada. Um canto a Nossa Senhora encerrou o culto. Ofereci então aos homens oportunidade para confissão. Vinte e dois fizeram uso dela. Já eram 22h30min quando me dirigi ao anfitrião, um pobre mas honrado brasileiro, que me serviu o que de melhor ele tinha em casa, um prato de pirão e um pedaço de peixe grelhado ao fogo.

De volta à sacristia, arrumei meu alojamento para a noite. Ainda antes do alvorecer, alguém bateu à porta de meu quarto e chamou: "Padre, eu sou o N.N. Eu gostaria de confessar e comungar. Minha mulher e meus filhos vieram todos comigo". Acendi uma luz e abri a janela. "Sim, está certo que vocês tenham vindo todos, mas é ainda muito cedo, são apenas três e meia da madrugada". "Sim, padre, nós não dormimos. Quando nosso galo cantou a primeira vez, nós nos pusemos a caminho." Logo se apresentaram mais pessoas para confessar. Fiquei no confessionário até às 7h30min. Seguiram-se então missa com pregação e uma hora de doutrina para crianças. Apenas acabara de sair da capela para

conversar com o povo e ouvir as mais variadas preocupações, veio um cavaleiro ao meu encontro e disse: "Padre, meu irmão acidentou-se anteontem no mato, está gravemente machucado, seu filho também está mortalmente doente". "É longe?", perguntei. "Se cavalgarmos depressa, uma hora e meia". "Bem, então busque e encilhe meu cavalo; enquanto isso, eu tomo café e me preparo para a viagem". Busquei o Santíssimo na capela e montei. O sol ardia. Após uma hora e meia, eu cheguei ao destino. Primeiramente conferi os santos sacramentos ao acidentado, então visitei o filho dele, que mora perto. Porém, enquanto ouvia a confissão deste, morreu o pai. Depois do meio-dia, pelas 4 horas, cheguei de volta à capela. Um almoço todo especial devia-me fortalecer agora um pouco, pelo menos essa era a intenção do meu anfitrião. "Padre, desta vez tenho coisa boa para oferecer, fino feijão preto!" De fato, era muito saboroso. "Sabe, Padre, hoje o feijão foi cozido com carne fresca." E, enquanto dizia isso, veio sua mulher e me ofereceu a carne. "O que caçaste então hoje? Por ventura um macaco?" Se eu, em vez de perguntar, tivesse continuado comendo, pelo menos não teria perdido a feijoada por causa da curiosidade! "Não, Padre, muito raramente tem-se diante da mira da espingarda um macaco. Os sujeitos são tão espertos que só se deixam ver quando os encontramos sem armas, mas eu abati hoje de manhã um gambá." Quando escutei essa palavra, meu apetite se foi; meu estômago insurgiu-se contra uma mordida apetitosa assim. (Gambá, ou didelfídeo, é do tamanho de uma marta, um temido ladrão de galinhas que, quando atacado, difunde um repugnante, anestesiante fedor mediante secreção de algumas glândulas). Por mais que me fosse recomendada a caça preparada com o máximo de cuidado, pois as glândulas fedorentas haviam sido cuidadosamente cortadas, deixei tudo e fui à capela para atender confissão até o anoitecer. Em seguida dei meia hora de doutrina para adultos, ensaiei alguns cânticos e iniciei o costumeiro culto com pregação. Na segunda noite, a capela estava superlotada. Depois do culto, uns vinte homens aguardavam para se confessar. Quando o último saiu, tranquei a capela, rezei ainda meu breviário e fui descansar; queria, pelo menos, descansar. Eu já havia perdido o almoço e agora ainda tinha que ser estorvado no meu merecido descanso.

Ainda não havia adormecido quando escutei algo fazendo ruído perto de mim. Talvez sejam baratas, pensei, que procuram alguma coisa para saborear nos arreios. Senti, então, subitamente, que algo frio me envolvia o braço e se deslocava para meu pescoço. Fiquei como que paralisado e, suspendendo a respiração, deixei deslizar sobre mim o visitante noturno. Levantei-me então num pulo, acendi uma vela e vi que uma grande cobra rastejava pelo poste acima em direção ao telhado. Deixei a vela queimando e me deitei novamente, porém sem dormir. De vez em quando olhava para o telhado e, de fato, a cobra reapareceu. Sibilando, virando a cabeça de um lado para outro, lá estava ela pendurada num

caibro. Joguei na direção dela uma de minhas botas e ela foi embora deslizando pelo telhado. Para não ser novamente incomodado por um inesperado visitante assim, peguei minha coberta e fui à casa do meu anfitrião. Contei-lhe o incidente e pedi hospedagem para aquela noite. Prontamente ele buscou uma esteira e a esticou no canto, ao lado da porta. Aqui pude pelo menos passar o resto da noite sem ser estorvado.

No outro dia de manhã, após a santa missa, aproxima-se um homem e me comunica, atônito, que há no altar uma cobra que se enrolou na estátua de Nossa Senhora. Meu visitante noturno, portanto, havia-se retirado até lá. Afugentamo-la e, quando chegou ao chão, nós a matamos com uma vara de bambu. Era uma caninana com mais de dois metros. Diz-se que não é venenosa. Venenosa ou não, ela roubou-me o sono da noite e, nos lugares onde ela rastejou sobre meu corpo, no antebraço e no pescoço, provocou uma dermatite que por vários dias me causou um ardume insuportável. Fora, na frente da capela, a cobra era objeto de discussão geral. Mediram várias vezes seu comprimento. Um homem que, com frequência, hospeda padres e ultimamente acompanhou os missionários jesuítas em suas viagens e, por isso, tem também um pouco mais de conhecimentos, explicou aos demais que a cobra evidentemente se enroscou na imagem da imaculada só de raiva, porque Nossa Senhora pisou a cabeça da antepassada de todas as cobras. Outro achou que isso significa algo de grave. Mais tarde, numa visita à mesma capela, eu fiz uma procissão. A estátua, que também foi levada num andor, caiu e quebrou na base. "Vejam vocês", disse o mesmo homem, "eu lhes disse naquela vez que isso significa algo de grave. Agora a estátua quebrou justamente onde a cobra estava deitada".

No quarto dia, parti de Machados. Meu destino era Escalvado, a capela mais próxima. À direita e à esquerda veem-se, cá e lá, meio escondidas entre pés de café e plantação de bananas, algumas casinhas cobertas com folhas de palmeira. O caminho conduz por uma vargem arenosa, coberta de árvores baixas e vegetação rasteira, que se estende dos morros até o rio Itajaí. A seguir vem uma grande clareira. Algumas famílias italianas se estabeleceram aqui há dois anos e desbravaram o mato. Bonitas plantações de milho, arroz e cana-de-açúcar testemunham a laboriosidade dessa gente. Aqui, junto às primeiras moradias de colonos, encontrei um cavaleiro que viera das montanhas para buscar, junto aos italianos, algum remédio para sua mulher gravemente enferma. Quando lhe dei a entender que pretendia ir com ele e visitar a doente, ele ficou satisfeito. Durante a viagem, ele me informou que não são casados e que ele e sua mulher nunca haviam se confessado. Disse-lhe que agora ele poderia confessar-se e casar. Enquanto nos dirigíamos para sua casa, eu o preparei um pouco para isso. A enferma recebeu os sacramentos da confissão, do matrimônio e dos enfermos. Em duas horas e meia eu estava de volta junto aos italianos e fui logo adiante, a

fim de chegar a Escalvado antes do anoitecer. Nesse meio tempo ameaçou uma trovoada.

Cavalguei talvez meia hora, quando se levantou uma tremenda ventania; era o prenúncio da trovoada que se aproximava com grande rapidez. Ficou totalmente escuro. O ribombar dos trovões se avizinhava cada vez mais; agora seguiam-se os estrondos que ecoavam entre as montanhas. Os relâmpagos se sucediam e iluminavam com fortes clarões os galhos e as árvores que o vento da tempestade havia vergado sobre o caminho. Uma verdadeira tempestade dos trópicos. E então começou uma chuva qual tromba d'água e, apesar do manto à prova de água, fiquei em poucos minutos totalmente molhado. Parar eu não podia. Casa não havia na proximidade; portanto, sempre avante! Era uma descida e o caminho havia-se transformado numa verdadeira torrente. O cavalo escorregou várias vezes. Finalmente cheguei ao meu destino.

A capela localiza-se numa colina. À sua frente, uma íngreme cadeia de montanhas de mais de 200 metros de altura, denominada Escalvado, isto é, "pedra pelada". Permaneci ali por quatro dias. Meus trabalhos são como nas demais capelas: todos os dias duas pregações, na missa e no culto vespertino; três vezes doutrina – de manhã após a missa, à tarde para as crianças e à noite, antes do culto, para os adultos. Depois da primeira doutrina são, em geral, feitos os batizados. Em seguida, vêm as pessoas com seus desejos particulares. Um pede a bênção para seu filho doente, outro gostaria de obter um rosário bento ou uma medalha, um terceiro tem inimizade com alguém e deseja que o padre sirva de mediador; ainda outro se queixa de que seu gado está minguando, porque uma vizinha enfeitiçou tudo com mau olhado e pede que venha e desfaça o feitiço. Cada qual quer ser ouvido, ainda que demore bastante tempo antes de conseguir falar com o padre, pois tempo tem aqui pouco valor.

Desde o primeiro dia, as pessoas afluíram em grande número. Muitos vinham de uma distância de quatro, cinco ou mais horas a cavalo, o pai, os filhos, a mãe com o filhinho mais novo no braço, todos a cavalo ou de mula. Relativamente muitos compareceram à confissão. Estive ocupado durante todo o dia.

O dia seguinte era um domingo, dia de muito trabalho numa capela. Às 4h30min subi para a capela. Já estavam chegando alguns cavaleiros, em seguida vieram inteiras caravanas. Provavelmente as pessoas já saíram de casa altas horas da madrugada. Ouvi confissões até as 9 horas. Distribuí três vezes a santa comunhão e, como a maioria das pessoas não sabe ler, fiz com elas orações de preparação e de ação de graças. Na capela reinava um calor sufocante. Totalmente molhado de suor, fui alguns momentos para fora para respirar um pouco de ar fresco, antes da missa. Embaixo, na sombra das árvores, havia uma intensa animação, uma verdadeira vida de acampamento. Poder-se-ia acreditar que fosse

um mercado de cavalos. Alguns tinham acendido um fogo para fazer café, que se consumia com a indispensável farinha de mandioca trazida para o almoço. Mães e madrinhas faziam a última higiene dos batizandos. Pelo visto, há mais batizados após a missa. De fato, vieram 19, dos quais alguns adolescentes que eu havia preparado no dia anterior. Só ao meio-dia, às 12h30min, eu pude pensar num lanche. Antes das três já recomeçou minha atividade, uma visita a um doente apenas meia hora distante. Quando cheguei junto ao doente, surpreendi uma mulata que, naquele instante, tirava do pescoço, para escondê-lo, um colar com todo tipo de amuletos. "O que é isso? Dá cá" e enfiei tudo no bolso. Depois de haver atendido a doente, mostrei aos circunstantes o colar com toda a tralha e dei à proprietária uma severa repreensão, por causa de sua superstição. Eu já a havia encontrado mais vezes junto a doentes na redondeza. Era claramente uma curandeira. Ela declarou ter a força para curar todas as pessoas com seus remédios secretos e rezas. "O que significam, então, esses caroços?" Perguntei à mulata. "São sementes de Santo Inácio; quem as carrega no pescoço, não sufoca." "E esses dentes?" "São de um jacaré que foi caçado na Sexta-feira Santa. Protegem o doente contra a dor e aflição." "Tudo bobagem! E o que significa esse pedacinho de vela e esse saquinho?" (Na verdade, um pequeno travesseiro) "É justamente o que a doente agora necessita, um remédio contra febre, algo contra mau olhado e uma oração forte que minha mãe, que atualmente trabalha com alemães, recebeu de sua patroa." Cortei o saquinho e qual era o conteúdo? Uma pequena cruz de bambu, uma mecha de cabelos, uma pedrinha, uma flor seca e a assim chamada "oração forte", várias vezes dobrada e impregnada de suor. Desdobrando-a, li: "Tomam-se duas colheres de manteiga, um pouco de cebola, etc." A "oração forte", no mais, não era mais que uma folha de um velho livro alemão de receitas. "Aí vocês têm o embuste", disse aos circunstantes. "Portanto, vocês acreditam em semelhante absurdo e ainda lhe precisam pagar bem. Aqui! Peguem esta medalha benta e a pendurem na doente". "Padre, dê-me também uma medalha!" "Também para mim!" "Bem, mas tirem primeiro seus amuletos; todos vocês os têm, não é verdade?" Cada qual me entregou o seu, alguns só com hesitação. Era uma verdadeira coleção com as mais absurdas fórmulas mágicas. Em geral são negros que, como curandeiros e esconjuras de cobras, andam de um lugar para outro e entregam às pessoas suas orações fortes costuradas num trapo de pano. Sobre isso falaremos mais, depois.

De volta à capela, já encontrei cerca de 30 mulheres que desejavam confessar-se ainda antes do culto. Depois deste, vieram os homens, em fila. O número de confissões cresce de ano a ano, a vida religiosa floresce. O bom Deus abençoa nossos penosos trabalhos.

Para o terceiro dia, estavam previstas apenas duas visitas a doentes, porém de duas se passou para cinco. Depois da santa missa, parti com meu

acompanhante e só às 9h da noite estávamos de volta. Até a casa do primeiro doente, um cego, era pouco mais de meia hora. Uma segunda doente havia sido trazida até aqui, para que também ela pudesse confessar e comungar. Depois veio o filho do cego e me disse que ele conhecia um homem no outro lado do morro, no mato, que tinha ouvido falar de minha vinda e gostaria de confessar-se; se eu quisesse ir até lá, ele poderia mostrar-me o caminho. Após várias tentativas frustradas, conseguiu finalmente apanhar o cavalo com o laço e fomos ao terceiro. Só com muita dificuldade conseguimos avançar pela péssima picada no mato. Várias vezes os cavalos ficaram parados, exaustos no meio da lama, e não queriam continuar. "Certamente você se enganou", disse ao acompanhante, "já estamos há duas horas sentados na sela". "Eu conheço bem o caminho, estaremos logo lá". Chegamos a uma casa. "É aqui?" "Não, no outro lado, no rancho". Num casebre de barro caindo aos pedaços, encontrei o pobre velho encanecido sentado numa esteira. Sentei-me ao lado dele, no chão. O homem prorrompeu em lágrimas quando me viu e me pegou pela mão. "Eu nunca me confessei durante toda a minha vida; sinto que estou indo para o fim, por isso quero me confessar hoje, para não levar os pecados comigo para a eternidade. Mas ouça primeiro. Já moro aqui há mais anos e não posso mais trabalhar. Estou velho, muito velho, creio que tenho noventa anos. Rezei todos os dias o Pai Nosso e a Ave Maria, à noite o Creio em Deus Pai; minha mãe me ensinou". "Todos os dias?" Perguntei. "Não sabe outras orações?" "Não, nada mais, mas antigamente eu também sabia cantar um cântico a Nossa Senhora e ao Anjo da Guarda, agora não dá mais. Ouça, Padre. Antigamente morava mais acima, junto ao rio. Minha mulher morreu, morreu cedo. Casado eu não era, pois lá para cima não iam padres. Certa vez, fiquei um mês fora de casa, pois acompanhei uns tropeiros para levar uma manada de gado para o Sul, e então vieram os índios e assaltaram minha casa. Roubaram tudo. Na volta, encontrei apenas o esqueleto de meu filho; havia várias flechas encravadas nas costelas. De minha filha, eu nunca soube mais nada. Abandonei aquela região, vim para cá e ajudei a derrubar o mato. Desde que não posso mais, sou cuidado pelos vizinhos." Aos 90 anos ele fez, então, sua primeira e também última confissão, pois cinco dias depois ele morreu. "Mora mais gente aqui no mato?" Perguntei ao vizinho que havia comparecido. "Sim, há ainda uma casa bem próxima, mas não dá de ir a cavalo até lá." Fomos até perto de um rio. A picada já estava tão fechada que não era possível passar a cavalo. Um ficou junto dos cavalos. Tínhamos apeado e estávamos prestes a atravessar o rio num tronco de árvore caído sobre o mesmo, quando apareceu diante de nós uma anta. Viu-nos na senda do mato, parou espantada e desapareceu novamente; atrás seguia célere um filhote. Seguimos mais um trecho pela picada da mata e então começou um verdadeiro exercício de ginástica. Finalmente chegamos a uma clareira. Aqui moram os dois doentes, num dos mais miseráveis casebres

que eu encontrei aqui em minhas viagens. Eu era, o tanto de uma cabeça, mais alto que essa morada humana. Pela única abertura eu entrei, ou melhor, rastejei para dentro; em pé eu não conseguia ficar. Nenhuma cadeira, nenhuma cama; no canto, apenas uma esteira de junco que há anos servia de cama a uma mãezinha da idade da pedra. A seus pés estava de cócoras seu filho aleijado, que mal podia arrastar-se até o riacho próximo, onde buscava todos os dias água fresca.

A seu lado, num canto, havia uma moringa com água e, numa folha de bananeira, um pouco de farinha de mandioca e algumas bananas. Meus acompanhantes ajudaram o pobre aleijado e o conduziram à sombra de uma árvore para que ele lá, e sua mãe surda, no casebre, pudessem confessar tranquilos. Um dos meus acompanhantes prometeu aos doentes retornar no dia seguinte e trazer-lhes carne seca, café e farinha de mandioca. Então a mãezinha disse que eles estavam satisfeitos com o que tinham, que isso lhes bastava para os poucos dias que eles ainda teriam para viver. Soube depois que, alguns dias mais tarde, ambos foram encontrados mortos. Tiveram ainda a sorte de se confessar e para isso haviam rezado todos os dias; agora seu desejo estava cumprido e podiam morrer tranquilos.

A escuridão surpreendeu-nos no caminho de volta. Primeiro um breve lusco-fusco e então a escuridão total. Que tropeçar! Saídos do mato, tomamos um caminho mais curto pela planície. Aqui havia um verdadeiro concerto da natureza, com iluminação bengalesa: grilos estridulavam em variados tons, besouros "ferroviários" procuravam imitar o apito da locomotiva; sapos grandes e pequenos tocavam o tambor. Alguns pássaros noturnos, de nomes quase impossíveis de pronunciar, gritavam seu *kaarrri*, aí no meio da sinfonia. Faltava apenas o indispensável tambor bumbo. E lá já estava ele. Um sapo martelo chamava com seu profundo *bumm*, *bumm* seu vizinho do brejo e este respondia com voz ainda mais profunda. Da mata próxima um bugio, com seu prolongado, audível a longa distância, *hoi*, *hoi*, *hoi*, parecia querer atrapalhar o concerto, com o anúncio da chuva prestes a cair. E na suavidade do anoitecer, centenas e mais centenas de pirilampos faziam sua alegre brincadeira e lançavam, de vez em quando, seus claros lampejos.

No dia seguinte, após a Santa Missa, segui viagem e fui à Penha. Foi-me dito que, para chegar lá, havia um caminho muito mais curto que aquele que eu havia seguido até agora; apenas a primeira parte passava por um brejo, mas seria transitável em tempo seco. Um conhecedor do caminho prontificou-se a me acompanhar. Aceitei e essa foi minha sorte, pois sozinho eu me teria enganado, pelo menos no primeiro trecho onde a picada, que conduz para os sertões, se divide em dezenas de bifurcações. Chegamos ao lugar onde o caminho atravessa a vargem pantanosa. Apear! Várias vezes os cavalos atolaram e só conseguiam sair com dificuldade. Montamos novamente e, troteando, seguimos adiante para

sair o quanto antes do ardente calor e chegar logo à sombra da mata. A picada havia sido aberta recentemente, de modo que podíamos cavalgar com tranquilidade. Como é maravilhoso cavalgar assim, pela floresta! Aqui se veem as maiores e mais bonitas borboletas. Com elas rivaliza o mundo dos pássaros tais como papagaios, periquitos, arapongas, tucanos, colibris furta-cores, cintilando em magníficos tons. Gigantescas árvores centenárias embalam, em seus imensos galhos, verdadeiros canteiros de flores, samambaias e parasitas, entre as quais as magníficas orquídeas de brilhantes cores. Trepadeiras da grossura de um dedo se enroscaram doidamente pelas árvores acima em graciosas voltas, segurando as touças de flores, lançando-se então novamente para baixo, para também aqui entrelaçar tudo, para formar dessa maneira um ambiente quase impenetrável.

Passado o mato, atravessamos uma vegetação mais baixa, morro acima. Chegados lá, avistamos ao longe, a uma distância de uma hora e meia, o mar em toda a sua majestade. Diretamente diante de nós, viam-se algumas ilhas desabitadas. Na baía, à direita, situa-se Penha, denominada também Itapocorói. Embaixo, na praia, avistam-se os miseráveis casebres dos caboclos, cuja existência, no mais, não parece consistir em outra coisa que pegar e comer alguns peixes. Penha é um pequeno povoado. Em volta da pequena igreja há umas vinte casas; de lá para o interior, até o sopé dos morros, muitas casas de barro e de madeira e uma ou outra fazenda do tempo dos escravos, com extensas plantações de café. Aqui em Penha há descendentes de Sem, Cam e Jafet: brancos, pretos e vermelho-marrons. Comerciantes sírios se estabeleceram aqui e daqui percorrem o interior, oferecendo e vendendo seus produtos.

Padre João Cristóvão Fischer.

O trabalho pastoral no distrito de Penha é, sem dúvida, difícil. Leva-se muito tempo até conseguir a confiança do povo. Para muitos, o padre não é mais que um intruso, um estrangeiro, que veio apenas para enriquecer. É preciso lutar sempre contra uniões naturais, superstições, bebedeira e a mania de brigar. Se a gente "aperta" um pouco, não consegue nada. Com muita facilidade o povinho se altera e, para muitos, a faca está bastante solta na cinta. Numa de minhas primeiras visitas, eu o experimentei. Chamei alguém à atenção sobre sua união natural e pedi-lhe para receber o sacramento do matrimônio. Por isso, depois da missa, resolveram tirar satisfação. A porta foi arrombada e a sacristia, invadida. Tive que ouvir títulos como cachorro, ladrão, estrangeiro ordinário. Eu seria cortado em pedaços e pisoteado, caso me atrevesse a sair. Alguns brandiam facas e paus, lançavam maldições e ameaças. Dessa vez ficou só nisso...

Quando cheguei a Penha, fiz culto com pregação às 19 horas. Algumas pessoas da redondeza haviam comparecido. Convidei-as para confissão. Vieram sete. No dia seguinte visitei um doente, a uma hora e meia de distância a cavalo. O doente era um negro. Todos os familiares e vizinhos, bem umas 50 pessoas, estavam agachados na apertada sala em volta dele. Aqui minhas palavras encontraram mais ouvido. À noite vieram 19 pretos e mulatos para se confessar. No segundo dia, antes da missa, vieram mais alguns. A recepção dos sacramentos, na qual praticamente não se pensava no começo, torna-se agora cada vez mais frequente. Grande parte da população cumpre agora novamente seus deveres de cristão, todavia é preciso voltar ao assunto constantemente nas pregações e na doutrina, principalmente nas visitas. Há alguns anos contavam-se aqui apenas algumas confissões e a maioria, só nas visitas a doentes e nos casamentos; no ano passado tivemos, no distrito de Penha, aproximadamente 1.200 confissões. O bom Deus abençoou nosso trabalho.

Depois do meio-dia saí novamente a cavalo e fiz visitas domésticas. Apeei junto a mais ou menos 20 casas e ranchos e pedi às pessoas que viessem à igreja para se confessarem e enviarem seus filhos à doutrina. Muitos atenderam ao meu convite, outros se desculparam dizendo que ainda não sabem rezar, que são muito pobres e não podiam ir à igreja em seus miseráveis trajes. Felizmente, as visitas não ficam sem algum efeito. Muitas palavras caem em solo fértil; a muitos doentes eu pude, com essa oportunidade, oferecer o consolo de nossa santa religião. Permaneci três dias em Penha. Atendi 77 confissões, duas visitas a doentes, 15 batizados, dos quais vários adolescentes, dois casamentos; preguei seis vezes e dei três vezes doutrina. Se tivéssemos aqui uma boa escola, a situação seria bem outra. Para sua manutenção nada ou muito pouco se pode esperar, por causa da indiferença do povo. Não seria difícil conseguir um local, mas falta um bom e competente professor, e quem o pagaria? A escola é e continua sendo, em todas as comunidades, qual criança concebida, nascida e criada entre dores.

Em companhia de dois negros que faziam a cavalo o mesmo caminho, fui para Armação, a última capela que eu pretendia visitar nesse circuito. Dois caminhos levam para lá; um ao longo do mar, o outro pelo interior. Como era justamente maré cheia, seguimos a primeira parte por um caminho arenoso, entre vegetação rasteira. O que mais chama a atenção aqui são os enormes acantos e a grande variedade de cactos de seis a sete metros de altura. Aqui eu vi também, pela primeira vez, um ninho de um pássaro típico que os brasileiros chamam de anu. Com a nossa aproximação, vários desses pássaros alçaram voo (parecidos com o *elster* europeu, porém bem pretos) e eu perguntei a meus acompanhantes se eles já tinham visto algum ninho desses pássaros. Quando responderam que sim e me disseram que não era apenas um único ninho, mas sempre vários, um por cima do outro, o que tinha ouvido numerosas vezes de caboclos, mas sempre havia duvidado, manifestei meu desejo de ver um que fosse de vários andares. Apeamos e, depois de alguma procura, encontramos um. Tinha a aparência de um cepo de árvore coberto de musgo, mais ou menos 70 centímetros de altura. Embaixo era um ninho amplo, feito de gravetos e folhas, onde se encontravam os primeiros ovos; por cima uma camada de folhas, sobre as folhas novamente ovos e estes estavam, por sua vez, cobertos de folhas. Havia ao todo cinco camadas ou ninhos. No ninho de cima havia cinco ovos, pintados de azul e branco. Cada camada de ovos pertence a outro par de pássaros. Ninguém dos meus acompanhantes soube dizer-me como acontecia o ato de chocar. Um achava que um único pássaro choca todos os ovos, o outro disse ter ouvido dizer que cada fêmea choca seus ovos.

Como o caminho pelo interior se tornava pantanoso, cavalgamos novamente para o litoral. O pôr do sol nos mostrava a grande baía em toda a sua beleza. Armação é certamente um dos povoados mais antigos de todo o litoral sul. Na época dos portugueses, era praticada aqui, em grande escala, a caça da baleia. Disso são ainda prova os imensos esqueletos que se encontram por toda parte na enseada. Em cada casa, em cada rancho encontram-se vértebras de baleia como cadeiras, cá e lá ainda um arpão. Da época dos portugueses remonta também a igreja, com suas paredes em alvenaria, cuja argamassa era feita de cal de conchas e óleo de baleia. Armação era o principal porto para comerciantes de escravos. Navios ingleses e holandeses, que transportavam da África para cá a mercadoria negra, ainda ancoravam aqui nos anos de 1880. Hoje Armação não tem nenhuma importância e empobrece. Há ainda aqui muitos escravos libertos, como também daqueles que foram importados da África. O povo vive quase exclusivamente da pesca. A plantação da mandioca e cana-de-açúcar é tão pequena que não vale a pena mencionar. A imprescindível farinha de mandioca se obtém mediante permuta por peixe. Duas espécies de peixes aparecem em grande número aqui no litoral. De maio a setembro são as tainhas, que em grandes

cardumes se aproximam do litoral, atraindo então toda a população para o mar. Às vezes pegam-se milhares de tainhas em um lance de rede. No restante do ano, são consumidos principalmente tubarões, nomeadamente o peixe-martelo, que, por serem muito oleosos – eu falo de experiência –, requerem um estômago excepcionalmente bom e uma grande fome.

Por muitos anos a situação religiosa se encontrou em péssimo estado. Graças, porém, a visitas regulares às capelas, feitas com as maiores dificuldades, pois há falta de tudo, felizmente muita coisa melhorou.

Já começava a escurecer quando cheguei a Armação. Onde procurar, agora, alojamento para esta noite? A casa mais próxima da igreja, onde eu encontrava alojamento em visitas anteriores mediante bom pagamento, estava agora habitada por estranhos. Para o padre eles não tinham mais lugar. Amarrei meu cavalo numa laranjeira e perguntei na segunda, na terceira, na quarta casa mais próxima, mas a resposta sempre foi negativa, com estranhas desculpas. Por fim estava cansado de pedir e tomei a decisão de voltar até a metade do caminho para Penha, pois lá eu conhecia uma casa onde me dariam de bom grado hospedagem. Montei novamente e cavalguei ao longo da praia. Encontrei, então, alguns homens, entre os quais também um dos meus acompanhantes, que me abordaram: "A bênção, Padre!" "Deus os abençoe!" "Para onde o senhor está indo novamente? Há alguém doente?" "Não, eu vou embora porque não se encontra aqui, em lugar nenhum, hospedagem, ou melhor, ninguém quer dar-me hospedagem." "Não, Padre, não vá mais embora agora", disse-me um bom velho, "espere um pouco, eu pergunto à minha mulher, eu acredito que o senhor poderá ficar conosco". Ele voltou logo e conduziu-me para sua morada, uma miserável casinha de barro perto da praia. Fiquei muito feliz com a boa vontade dos dois idosos. Às pressas foi feita uma arrumação e, ao lado do monte de arroz, foi estendida uma esteira. Com o auxílio dos pelegos da sela e de minha coberta, logo estava pronta a cama para aquela noite. Foi-me ainda oferecida uma refeição frugal, que consistiu de pirão com peixe.

Fiquei três dias em Armação. Pelas cinco da manhã, subi para a igreja, toquei o sino, varri a igreja e arrumei o altar o mínimo necessário. Toquei o sino a segunda vez, pelas 8 horas a terceira vez e então, finalmente, apareceram algumas pessoas.

Três delas se confessaram ainda antes da missa. Ao todo, oito pessoas participaram da missa. No final, fiz uma pequena alocução e pedi aos presentes para avisar os vizinhos que o padre está aqui e que todos deveriam vir aos sacramentos. Um homem falou: "Padre, todos sabem que o senhor está aqui; a maioria não quer vir, mas meus filhos vêm todos amanhã, talvez já à noite, suas roupas serão lavadas hoje".

Quando estava pronto para ir à minha hospedagem, veio ao meu encontro um homem e me pediu para esperar um pouco, pois alguém trazia uma criança doente para batizar. Mas como eu já sabia, por experiência, que noção as pessoas têm do tempo, quão pouca importância lhe dão e como deixam a gente esperar, sem mais nem menos, duas a três horas, respondi ao homem que ele poderia motivar as pessoas a virem imediatamente. Mais ou menos como eu esperava, assim também aconteceu. Rezando o breviário, ia ao longo da praia para meu "hotel". Com certeza, os hospitaleiros anfitriões já haviam se preocupado com o que haveriam de me aguardar para o almoço. A Divina Providência veio em seu socorro. Uma senhora idosa, cujo filho havia sido curado graças à minha ajuda, trouxe-me, em sinal de gratidão, três ovos e algumas bananas.

Depois do almoço, saí a cavalo para avisar mais uma vez o pessoal da redondeza que o padre havia chegado e pedir aos pais para mandarem os filhos à doutrina. Nesse giro, cheguei a um casebre bem abandonado, escondido atrás de bananeiras e pés de café, mas que abrigava duas famílias com numerosos filhos. Com a minha aproximação, as crianças saíram gritando, talvez porque era a primeira vez que elas viam um padre e, ainda mais, alguém tão grande. Por falta de roupa, me disseram os pais, não poderiam mandar as crianças à igreja. De fato, com os poucos trapos que as enfeitavam, as crianças não poderiam mostrar-se publicamente. Pediram-me que entrasse. Que pobreza! Mas por culpa própria, pois as pessoas só se dignam a trabalhar quando lhes falta o que comer. Olhei em volta e vi alguém deitado numa esteira. "Há alguém doente aqui?" Perguntei. "Sim, um velho mulato que nós encontramos e recolhemos no caminho; ele já está aqui faz meses e não consegue ir adiante." Ouvi sua confissão e, no outro dia, levei-lhe a santa comunhão. É comovente ver como o pobre caboclo é hospitaleiro, pelo menos em relação aos seus semelhantes. A última coisa que ele tem, ele partilha. Enquanto houver farinha de mandioca no rancho (um tronco de árvore escavado em forma de cocho serve, em geral, de recipiente onde ele guarda a farinha), o hóspede pode ficar.

Às 15 horas estava de volta para a doutrina. Havia conseguido reunir aproximadamente 40 crianças. No final da doutrina, apareceu também o batizando doente, conduzido pela mão do padrinho. À noite, no culto, compareceu bastante gente; vinte confessaram e três se anunciaram para casar no dia seguinte. No segundo dia, um sábado, eu fiz duas visitas a doentes. Justamente quando encilhava o cavalo para levar a comunhão ao doente mulato, veio um cavaleiro de Penha e pediu-me para acompanhá-lo imediatamente, pois um jovem havia sido chifrado por um touro bravo. À tarde eu estava de volta para a doutrina. Dessa vez já eram mais de 50 crianças. Antes do culto habitual, com pregação, vieram ainda 20 pessoas para confessar; após o culto, mais cinco, e uma visita a doente, meia hora a pé. Apenas de volta, irrompeu uma grande trovoada, que se

prolongou até domingo de manhã. Choveu direto e, por isso, vieram, no outro dia, só umas 40 a 50 pessoas para a Santa Missa, e precisamente aquelas que se haviam confessado na noite anterior.

Pelo meio-dia eu estava pronto para viajar; despedi-me dos bons velhinhos, que me pediram para ficar com eles na próxima visita, e, apesar da forte chuva, cavalguei de volta para Itajaí. Pretendia permanecer lá dois dias para fazer outro circuito pelo interior, para as capelas situadas na margem direita do rio.

Padre João Cristóvão Fischer.

89

Ensino religioso no Brasil*

"O catecismo no Brasil", assim se chamou o tema que o Revmo. Sr. Luís Marino da Rocha desenvolveu no encontro catequético por ocasião do Congresso Eucarístico de Viena. Como representante da província eclesiástica de Porto Alegre, o Revmo. Sr. Luís Mariano da Rocha, sacerdote do estado do Rio Grande do Sul, tomou parte no Congresso Eucarístico e apresentou, nessa oportunidade, um relatório sobre o ensino religioso no Brasil. O relatório foi apresentado em língua francesa e agora foi publicado em formato de brochura pela Editora Herder. Em breve sairá uma edição em alemão.

Muitos amigos do Brasil e todos os que sentem alegria pela expansão do reino de Cristo, alegrar-se-ão profundamente com os grandes progressos que o ensino religioso já fez no Brasil e continua fazendo com muita esperança.

O relatório apresenta-nos o ensino religioso em três seções: entre os brasileiros, entre os índios e entre os imigrantes, os assim chamados colonos.

1 Ensino religioso entre os brasileiros

Com a separação entre Igreja e Estado, que se deu há 23 anos por ocasião da proclamação da República, os inimigos da Igreja julgaram conseguir triunfar. Todavia a Igreja livre venceu para magnificência e engrandecimento. Através da luta, o povo entrou no movimento religioso que agora se mostra diante de todos os povos. Para essa finalidade, era necessário mostrar ao povo os deveres e os direitos religiosos, era necessário também que a vida religiosa fosse dinamizada. O meio principal é e permanece o catecismo.

Num país como o Brasil, com 21 milhões de habitantes que se espalham por uma área do tamanho da Europa, o anúncio da ciência divina apresenta enormes dificuldades. Além de haver algumas grandes cidades, a maioria das paróquias apresenta também grande extensão territorial. Muitas vezes é preciso atravessar florestas e rios para chegar aos paroquianos. Antigamente havia uma grande lacuna na cura d'almas por causa da falta de clero. Agora já está melhor; a hierarquia eclesiástica está completa; o Brasil tem um cardeal, oito arcebispos e 40 bispos. É verdade que o clero secular não é muito numeroso, mas para isso o clero regular ofereceu seus préstimos. Trabalha-se agora em todas as direções

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XIII (1913), p. 279-284.

para reerguer das velhas ruínas um maravilhoso e digno edifício religioso no povo brasileiro.

No Nordeste está muito em uso o manual de Mons. Macedo Costa. No Sul encontram-se o excelente catecismo de Mons. Francisco Topp, natural da Vestfália, e aquele do Pe. Antônio Queri. Para as histórias sagradas são usadas as traduções das bíblias de Benziger, Knecht, Mey.

Todos esses livros encontram-se difundidos, em larga escala, entre o povo. Nesse sentido, surgiu ainda um catecismo oficial para o Brasil, com uma tiragem de 500 mil exemplares.

Há ainda outro livro que exerce uma grande influência no Brasil e que dá ao povo o verdadeiro ensino da fé; é o *Handpostille von Goffine*.

O relatório conta a edificante história de como surgiu a ideia de tornar acessível o *Handpostille* aos brasileiros. Um velho suíço, que morava com sua família no estado do Espírito Santo e muito distante de sacerdotes, foi um dia com sua família para o Rio de Janeiro, a capital do Brasil, e visitou lá um velho padre lazarista, o Pe. Pedro Boss.[1] Durante a conversa, o velho suíço falou a respeito de seus filhos, já adultos, e disse que ficaria feliz se pudesse ver seus filhos também serem admitidos à Ceia do Senhor.

"Uma feliz ideia! Contudo, estão seus filhos preparados? Sabem eles o catecismo?" Perguntou o padre.

"Faça o senhor mesmo o teste, caro Padre!" Disse o bom velho suíço. No dia seguinte, ele levou seus filhos até o padre. O padre ficou admirado e surpreso ao ouvir como esses jovens sabiam responder com tanta exatidão e prontamente as difíceis perguntas da doutrina cristã. "Como é possível que filhos no interior do Brasil, sem sacerdote, aprendam tão bem o catecismo?" Indagou o padre ao pai. Este retrucou: "a única herança que recebi com a santa religião dos meus pais é um velho livro do qual leio, todos os domingos, para meus filhos, aquelas páginas que, na minha juventude, eu aprendi de cor."

Esse livro era o *Handpostille von Goffine*. Como uma revelação, o padre se deu conta de que um livro assim seria um tesouro para a família. De fato, a tradução portuguesa, que logo veio a se realizar, teve uma boa divulgação em todo o Brasil.

Formaram-se também várias associações com a única finalidade de elevar o ensino religioso. Nesse trabalho, o Apostolado da Oração prestou uma extraordinária ajuda. As antigas confrarias, antigamente o temor dos bispos e do clero por causa do caráter maçônico, estão em parte reformadas ou no caminho da reforma, de modo que também elas servem à difusão do ensinamento de Cristo.

1 O religioso lazarista Padre Pedro Maria Boss chegou ao Rio de Janeiro em 1859 e faleceu nessa cidade em 1916.

Contudo, quando se vai ao encontro do povo e se vê e ouve sua ignorância religiosa, então se é tomado de um sentimento de desânimo. Mas, uma coisa é certa: se houver continuidade no trabalho que vem sendo realizado nas últimas décadas, então o êxito superará a esperança.

Também entre as pessoas cultas ressurgem, ainda que devagar, a consciência e a convicção religiosa. A constituição brasileira prevê liberdade escolar. Num Estado onde se quer que a religião seja algo particular, isso não deixa de ser uma grande fortuna. A liberdade escolar deu vida às escolas paroquiais; mas de modo particular, ensejou a criação dos estabelecimentos de ensino mais elevado, dirigidos com muita eficiência por congregações religiosas de diferentes países da Europa. Vale como boa recomendação ter sido "aluno dos padres". Mesmo que alguns, principalmente por causa da irreligiosidade da família, caiam novamente na tibieza ou em fanatismo contra a Igreja, mesmo assim, ressurgem muitos católicos fiéis que incluíram, no seu tesouro de conhecimentos, também o ensinamento cristão. O Brasil já tem hoje muitos católicos bem instruídos que são o orgulho da pátria e da Igreja. O povo todo já se aproximou mais da altura luminosa da fé através de um melhor cultivo do ensino religioso, através do bom acolhimento do ensino cristão.

2 O ensino religioso entre os selvagens

Apenas algumas poucas palavras sobre essa ação heroica da Igreja. A catequese dos selvícolas trouxe e sempre traz, juntamente com a religião, os benefícios da civilização. O Brasil precisa lembrar-se sempre e com muita gratidão dos antigos missionários jesuítas. Manoel da Nóbrega, Aspicuelta, Navarro, Antônio Vieira, o venerável Roque Gonzáles e, sobretudo, José de Anchieta foram os maiores benfeitores do Brasil.

Mesmo assim, há ainda 500.000 índios para converter, que vagueiam pelas matas e que ainda se encontram totalmente afundados na idolatria.

Tentou-se civilizar os índios, sem Deus. Os estados gastaram grandes somas de dinheiro com a promoção da "catequese leiga". Ainda que o objetivo seja bom, no entanto, os meios são falsos. Não é possível enobrecer a natureza selvagem com dinheiro e belas promessas. Uma fé sólida, uma esperança que excede os objetivos do mundo, um amor sobrenatural que faz tudo para Deus, devem ser infundidos no coração do homem. A "catequese leiga" custou muito dinheiro e fracassou tristemente e fracassará sempre lamentavelmente. Somente a palavra sagrada do ensinamento cristão e o desinteresse são as grandes forças da civilização. Somente a religião é capaz de fazer da raça europeia, americana e africana uma família grande, forte e bem coesa no Brasil.

Agora as missões religiosas atuam em todo o país. Podem-se citar, de modo especial, por causa de suas extraordinárias missões, os capuchinhos no Rio Grande do

Sul e São Paulo, os dominicanos em Goiás, os salesianos no Mato Grosso e os beneditinos no Rio Branco. Os resultados dessas missões são, sob qualquer ponto de vista, extraordinários, como o reconhecem os próprios inimigos.

Para a exposição nacional de 1908 no Rio de Janeiro, os missionários salesianos do Mato Grosso trouxeram uma banda musical, formada por seus índios bororos. Esses músicos suscitaram a admiração geral, pois revelaram um profundo sentido musical e apresentaram, sem dificuldade, peças difíceis. Se for garantido o ensino religioso dos índios, também estará aplainado o caminho da civilização destes. Que se consiga, o quanto antes, que o louvor de Deus seja anunciado por toda a parte, tanto mais que o Santo Padre exortou, a 7 de junho de 1912, em sua carta circular "*Lacrimabili statu Indorum*", a América Latina (América do Sul) a assumir os pobres indígenas, a tirá-los de sua miséria, a levá-los a uma existência digna de um ser humano e a fazer deles filhos de Deus.

3 O ensino religioso entre os imigrantes

Um problema muito importante é o trabalho pastoral entre os imigrantes, a cura d'almas dos colonos. A América acolhe, com benevolência, seus coirmãos de outros países para ajudá-los a melhorar de vida; não deixa de ser também uma vantagem para o país. Mas muitos deixam a igrejinha da antiga querida pátria, instalam-se na nova terra e, não raro, perdem o caminho da igreja, pois lhes falta a voz da admoestação do cura d'almas na língua materna. Por isso, não poucos sucumbiram, mas a religião estendeu seu braço salvador e a muitos preservou. As colônias italianas, alemãs e polonesas se desenvolveram bem, são povoações florescentes. Tornaram-se verdadeiras cidadezinhas modelo. O governo soube dirigir bem o movimento dos colonos, mas os bispos também não demonstraram zelo menor na defesa do ensino cristão.

Um grande número de dedicados sacerdotes seculares e um número ainda maior de membros de ordens religiosas vieram, da Europa, para o Brasil. Aqui eles prestam assistência religiosa aos colonos alemães, italianos e poloneses; despertam novamente a vida religiosa católica como a praticavam na velha pátria e criam assim verdadeiras paróquias-mães. Os colonos, os filhos adotivos do Brasil, realizaram coisas grandiosas pelo fato de lhes ter sido incutida na alma uma fé ardente.

A construção de magníficas igrejas, escolas, salões de reuniões e jornais dão prova de como preservaram o ensinamento cristão ou como este foi novamente despertado através do padre da colônia. Infelizmente, o conferencista que apresentou o relatório não dispõe de material estatístico para todo o Brasil. Apresenta apenas alguns dados sobre o Rio Grande do Sul. Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão inaugurou, durante seus 22 anos de governo, cinco grandes igrejas paroquiais em colônias. A estas deve-se acrescentar um grande

número de capelas, pois esse Arcebispo consagrou 500 pedras d'ara para as colônias. O Arcebispo conferiu a aproximadamente 80.000 filhos de colonos o sacramento da Crisma. Entre o clero secular há 300 padres que são filhos de colonos. Os colonos alemães têm à disposição o jornal diário *Deutsches Volksblatt* e os italianos contam com o *Il Colono Italiano*. Nos outros estados a situação religiosa dos colonos é também muito boa.

O conferencista apresentou, então, a ideia de fundar uma grande obra católica, de âmbito nacional, de apoio aos colonos. Esta teria como finalidade acolhê-los na chegada, dar-lhes assistência espiritual e, sobretudo, prestar-lhes todas as instruções necessárias para chegar, com segurança, ao destino final, em sua nova pátria. Os italianos já contam com semelhante organização através de Mons. Scalabrini e Mons. Coccolo, os fundadores da Sociedade dos Missionários de São Carlos Borromeu, em prol dos emigrantes.[2] Pode-se citar, aqui também, a Associação Alemã de São Rafael, pois esta presta inúmeros benefícios aos emigrantes e lhes dispensa também proteção e ajuda, na nova pátria, através de seu representante.[3]

O Santo Padre, tal como se preocupou com os pobres índios, ocupou-se também com os emigrantes, publicando, logo após o Congresso Eucarístico, o Motu próprio *Eum omnes catholicos*. Na Congregação do Consistório, ele fundou também uma nova seção que se ocupa, exclusivamente, com o bem-estar espiritual dos emigrantes. Por determinação papal, os bispos das áreas de colonização, bem como as companhias de emigração, devem colaborar solícitos com a nova seção.

Todas essas ideias, apresentadas no relatório sobre o ensino religioso no Brasil, testemunham como é difícil, aqui, manter cristãs as famílias ou fazê-las cristãs. Por outro lado, as supracitadas exposições mostram que o ensino religioso já deu grandes passos, que o catecismo já é valorizado. E é somente o catecismo, isto é, o ensino cristão, que unirá as famílias, conduzirá os selvícolas à civilização e manterá na Igreja uma grande multidão de imigrantes. A doutrina cristã é a grande força que une a todos os que, por ora, vivem separados, fazendo com que vivam numa comunidade nacional.

Se o povo tiver acesso ao catecismo e se as pessoas cultas o tiverem em honra, então a santa religião católica não afundará, mas florescerá e continuará a conduzir muitas, muitíssimas almas a Jesus Cristo, que adquiriu a todos com seu precioso sangue.

---

2 O padre João Batista Scalabrini fundou, em 1887, a Congregação dos Missionários de São Carlos. São conhecidos como Padres Carlistas porque o fundador confiou a Congregação à proteção e exemplo de São Carlos Borromeu.

3 A Associação São Rafael (Sankt Raphaelsverein) tem sua sede em Hamburgo. Ainda hoje em atividade, presta relevantes serviços aos migrantes que, da Alemanha, se deslocam para outros países.

90

O que me contou o preto Francisco*

Pe. Henrique T. Lindgens

Nas minhas visitas aos doentes no hospital, aqui em Tubarão, encontrei um negro muito idoso que me contou a sua história de vida, que eu gostaria de partilhar com os leitores da revista *Reich*.

Ele se chama Francisco; a sua idade nem ele mesmo sabe. Um pequeno rancho é seu lugar de trabalho, pois, de tempos em tempos, ele desfia palha de milho. Depois de me sentar num banquinho, ofereci-lhe um pouco de fumo. Sua boca se alargou, ele riu e se alegrou, puxou seu pequeno cachimbo do bolso da calça, encheu-o e aspirou então com fortes puxadas. Riu novamente, e eu havia-me tornado seu amigo.

"Já me encontro há três anos aqui no hospital." – "Qual a sua idade?" – "Isso eu não sei, sou muito velho, pelo menos 90 anos; quando o Brasil esteve em guerra com o Paraguai, eu já era um rapaz." (Esta é normalmente a maneira de contar: quando a guerra..., por ocasião da grande pesca... quando foi construída a igreja, etc.). "Como o senhor se chamava na sua língua?" Primeiro não quis responder; mas à minha insistência, ele disse rindo: "Antigamente eu me chamava Kimma, que, em português, significa macaco."[1] – "Como foste então raptado?" – "Um dia, lá na minha terra natal, na África, eu e outras crianças estávamos brincando, um pouco distante da casa do pai. Subitamente surgiram homens do mato, nos agarraram e nos levaram com eles para longe, muito longe. Durante três dias nos arrastaram até suas tribos. Quando haviam juntado bastante, fomos levados para a grande cidade de Luanda. Esta é muito grande, lá mora muita gente. O grande barco estava cheio; fomos levados até a praia e então veio o branco; eles negociaram bastante tempo para lá e para cá; finalmente o negócio foi fechado. Fomos trocados por tecido e pólvora. Grandes e pequenos, todos tínhamos amarrado apenas uma tanga em volta das coxas, nenhuma vestimenta como aqui. Então fomos embarcados num grande navio; a comida não era muito ruim; podíamos circular livremente mas em geral tínhamos que ficar embaixo. O navio veio para o Brasil, para Santa Catarina. Anteriormente, ainda na África, fomos marcados pelo branco. Ele tinha um ferro que ele esquentava no fogo até ficar vermelho e com ele tocava no nosso peito e no braço". – "Quer ver?"

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XIII (1913), p. 378-379.

1 Segundo Émile Durkheim, entre os povos primitivos da Austrália e África, o nome de animal que a pessoa traz denota o totem da tribo à qual a pessoa pertence. DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

– "Olhe aqui!" Vi uma pequena cicatriz, mas não era possível identificar nada. – "Aqui em Santa Catarina, comprou-me, por primeiro, João Martins, ele era mau, muito mau, então comprou-me Joaquim Medeiros, ele era bom; mas gosto mais daqui, do hospital."

91

O novo campo de trabalho em Jaraguá*

Pe. Pedro Franken

Jaraguá é uma colônia ainda bastante nova.[1] Há 25 anos existia aqui apenas mata virgem e agora já moram na região algumas centenas de famílias provenientes em parte da Europa, em parte de outras colônias brasileiras. Estabeleceram-se em alguns vales e nas margens dos inúmeros rios e riachos, enquanto que os morros continuam cobertos de floresta.

Até agora toda a região pertencia à paróquia de Joinville, uma bonita cidade, onde os alemães preservam, com muito zelo, as tradições e costumes germânicos. Em 1911, quando foi desmembrada a região de Jaraguá, esta foi confiada aos nossos padres[2] e cabe agora a mim a administração da paróquia. Como é costume aqui no Brasil estabelecer a paróquia no lugar previsto para sede da futura cidade, isto é, no ponto central do distrito, estabelecemo-nos, por isso, no povoado de Jaraguá, próximo a uma estação de trem cuja ferrovia vem de São Francisco e conduz para o interior do estado, mas que ainda não está totalmente pronta.

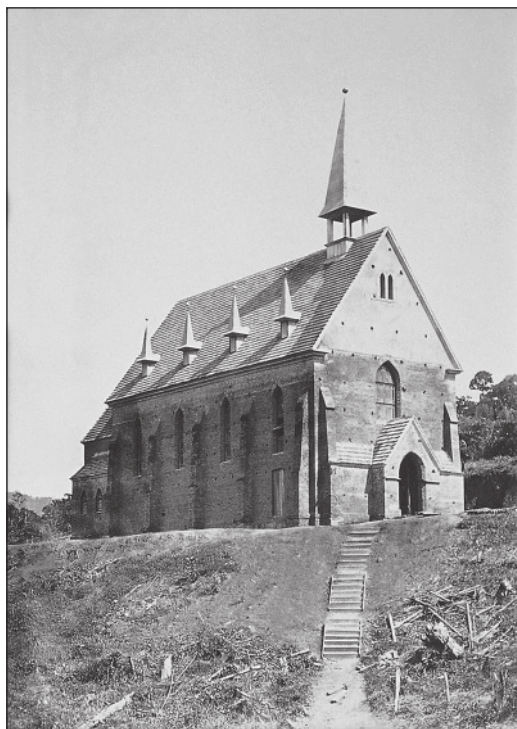
Na sede não mora muita gente. A maioria dos moradores é protestante e já tem, há anos, igreja, escola e pastor. No começo alugamos dois quartos numa hospedaria alemã e celebrávamos a missa na casa de uma família católica. Porém, já no mês de março do ano passado, pudemos alugar duas pequenas casas geminadas. Numa delas instalamos nossa residência, mas que ainda não tem muita mobília, pois só temos condições de adquirir os móveis aos poucos. Por isso, contentamo-nos, por enquanto, com uma pequena biblioteca, duas camas, uma mesa e algumas cadeiras. Na outra casa encontram-se a cozinha e a capela. Duas salas separadas por uma porta servem como capela; numa, onde está o altar, ficam as crianças durante a missa aos domingos e na outra, os adultos. Nessa sala funciona, durante a semana, a escola. Abrimos logo uma pequena escola alemã para entrar, através das crianças, em contato com os pais, a fim de mantê-los em nossa santa religião ou, então, reconquistá-los novamente, mas também para contribuírem um pouco para a nossa tísica bolsa.

---

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XIII (1913), p. 326-328.

1 Jaraguá do Sul foi fundada por Emílio Carlos Jourdan em 1876.

2 Padre Henrique Meller foi o primeiro pároco de Jaraguá do Sul.

Naturalmente esperamos construir, com o passar do tempo, uma grande escola e contratar professores e Irmãs, pois com uma boa escola católica consegue-se muito, mas isso ainda demorará bastante. Pensamos também bem seriamente na construção da igreja, mas nossa sacola do dinheiro apresenta buracos tão críticos que nós mesmos precisamos fazer um esforço diário para depositar nela alguma coisa. Ao mesmo tempo, pedimos também aos nossos benfeitores da Europa para pensar, de quando em vez, nos pobres padres colonos, a fim de que também se erga logo em nosso campo de trabalho uma casa de Deus ao Divino Coração. A principal área de nossa atividade apostólica não é a cidade de Jaraguá em si, mas, muito mais, as 12 capelas que pertencem à nova paróquia. Praticamente todas as comunidades são habitadas por católicos. Algumas são quase por completo italianas, outras polonesas, ainda outras teuto-húngaras. É uma mistura de línguas e nacionalidades tão grande que nos lembra os centros industriais da Renânia e Vestfália. Por isso, ao chegar à capela, é preciso pensar bem em que língua se vai falar para que todos recebam um pouco da mensagem e fiquem satisfeitos. Na primeira semana estive numa capela onde moram 60 famílias italianas; portanto, primeiro uma pregação em italiano. Na mesma comunidade moram, dispersas entre os italianos, 30 famílias polonesas e dez alemãs. Como não entendo nada de polonês, fiz então uma pequena pregação em alemão, pois a maioria dos poloneses entende um pouco de alemão. Há também naquela comunidade uma escola na qual a valorosa gente adotou o português como língua oficial e, por isso, tive que dar a doutrina em português e complementá-la com explicações em alemão e italiano. Tivemos que prometer aos poloneses trazer duas vezes por ano um padre polonês. De modo geral, o povo é muito bom. Também não são indiferentes à religião, pelo menos os italianos e poloneses. Entre os alemães, principalmente entre os que vieram para cá

Capela de Santa Emília.
Acervo: Arquivo municipal de Jaraguá do Sul.

nos últimos quinze anos, há muitos que trouxeram consigo a tintura vermelha da Europa e continuam pensando: religião é assunto particular, não me interessa. É preciso admitir que, entre os colonos daqui, há muito mais dinamismo e perspectiva de progresso que nas colônias mais antigas. O pessoal é, sem dúvida, bem mais instruído, interessa-se muito mais pelo ensino dos filhos e realiza também o trabalho de colonização com muito mais racionalidade. Numa palavra: dificuldades, com certeza, não faltam, mas as perspectivas de futuro são promissoras.

92

Retrospectiva de Tubarão*

Um ano de trabalho se passou na paróquia de Tubarão que o Bispo nos entregou recentemente. Foi um ano de sofrimentos e de alegrias. O caminho para os trabalhos pastorais já nos havia sido aplainado pela dedicada atividade de alguns padres seculares da diocese de Münster, que tudo fizeram para anunciar o evangelho aos pobres. A paróquia de Tubarão tem 10.000 católicos. Para facilitar a prática da religião, Tubarão tem, além da espaçosa Igreja Matriz, três capelas, isto é, uma de tijolos, pronta, outra de tijolos, pela metade (só o coro) e uma capelinha de madeira. Doze Irmãs da Divina Providência mantêm um grande colégio, bem como um hospital que pode receber 30 doentes. Eu escrevi: um ano de sofrimentos e de alegrias. Em breves palavras quero contar alguma coisa sobre os sofrimentos e, em seguida, apresentar, de maneira mais completa, as cenas alegres.

Não se trata dos sofrimentos corporais; para o sacerdote e missionário interessam, sobretudo, todos aqueles sofrimentos que corroem a alma. E como não haveria de se sofrer quando se vê tanta crassa ignorância, quando se toca por toda parte numa ilimitada indiferença no que diz respeito à religião. É doloroso ver como o sacramento do matrimônio é menosprezado e os pais não fazem o mínimo de esforço para educar os filhos na religião. Não é por maldade ou má vontade; é pura preguiça nas coisas de religião. Se fosse, de fato, por maldade, então a maçonaria que, desde a nossa chegada, está em franca atividade em conquistar almas para Satanás, poderia festejar mais vitórias. Muito joio ela levou embora, e isso também não é ruim. Para fundar uma loja própria e construir um templo próprio, não conseguem reunir os meios necessários.

Além desse sofrimento, existe, de modo especial, a política que destrói tanta coisa boa. Uma política que visa unicamente ganhar o máximo de dinheiro, nunca pode trazer coisa boa, e assim temos, no âmbito de nossa paróquia, uma verdadeira guerra. Por causa da arbitrariedade e da violência do partido que está no poder, nasceu uma oposição que agora é o temor dos outros. Eclodiu uma rebelião e o superintendente, juntamente com o seu cunhado, foram embarcados num trem e expulsos de Tubarão. O exército possibilitou-lhes a volta e lhes deu segurança para ficar. Porventura melhorou a situação na segunda metade do ano? Não! A arbitrariedade continuou reinando. A criminalidade cresce; falta

* *Das Reich des Herzens Jesu*, ano XIV (1914), p. 492-495.

segurança. Mesmo assim, os dirigentes não querem deixar o cargo. Mas chegará a hora em que o fio da paciência haverá de se romper e então a revolta acontecerá não sem derramamento de sangue. Em breve haverá eleições, mas até lá certamente acontecerão muitas cenas tristes. Que Deus restabeleça, o quanto antes, a ordem no meio desse pobre povo!

Em oposição a essas tristes imagens, há também outras muito bonitas. A primeira delas mostra-nos a festa da Ascensão, no dia primeiro de maio. Meses antes, duas Irmãs saíam a cavalo para a periferia da cidade e congregavam as crianças duas vezes por semana em alguma casa ou rancho para doutriná-las. Então nós íamos lá para ouvir confissão. Dia antes da Primeira Comunhão, todas vieram até o convento das Irmãs. De lá foram, em fila, até a igreja, onde fizeram sua confissão. Terminamos de atendê-las tarde da noite. Todas voltaram ao convento. As meninas dormiram no espaçoso piso do convento novo. Os meninos dormiram numa outra casa, numa sala, no chão. Na medida do possível, arrumamos para eles, como camas, esteiras de palha. Na manhã seguinte havia muito serviço. Os meninos estavam rapidamente vestidos em seu traje de festa. As meninas demoraram um pouco mais e, então, apareceram vestidas de véu e grinalda. Em seguida formou-se a procissão.

Logo tudo estava em ordem; primeiro os meninos, então as meninas, todos com uma vela na mão. No meio do caminho ia um grupo de anjinhos, atrás destes seguiam os coroinhas e o sacerdote. Algumas bandeiras acompanhavam o solene cortejo. Cantando e rezando, seguimos pelas ruas da cidade até a igreja. O povo participou vivamente dessa sublime festa das crianças e por toda parte soltavam-se foguetes e tiros de morteiros. Na igreja renovaram suas promessas batismais. Então começou a santa missa, 160 crianças receberam o Divino Salvador. Após a solenidade, todas almoçaram no convento. Depois do meio-dia houve culto de ação de graças. Todas foram admitidas na Associação da Irmandade do Escapulário e receberam, como lembrança, uma bonita estampa e uma lindíssima folha com 10 regras para levar uma boa conduta de vida cristã. Foi um dia de alegria para as crianças, para as Irmãs e também para nós.

Outra imagem de esperançosa alegria mostrou-se na festa do Sagrado Coração de Jesus. Para honrar o Sagrado Coração, foi promovida uma comunhão geral da qual participaram 266 homens e mulheres. Um espetáculo assim anima o coração do sacerdote, apesar dos muitos trabalhos aparentemente sem resultado na continuação do que já fora começado. Por ocasião da festa, teve lugar uma adoração eucarística com solene exposição do Santíssimo, que durou até a noite. Se, por um lado, a miséria é grande aqui, por outro, são perceptíveis, entre o povo, sempre mais sinais bonitos que mostram que, com paciência, é possível realizar muita coisa. O êxito em Tubarão animou-nos a promover uma Primeira Comunhão nas colônias, embora tivéssemos à disposição apenas

um simples galpão como capela. Uma Irmã havia preparado 78 crianças. A essa Comunhão seguiu-se outra, que aconteceu na capela de tijolos já pronta, da qual tomaram parte 41 crianças. Praticamente todos os pais das crianças neocomungantes compareceram à comunhão, de modo que o Padre pôde distribuir 152 comunhões. Como estou falando das Primeiras Comunhões, devo citar também a capelinha de madeira, da qual já falei no início. Lá era celebrada missa regularmente desde a nossa chegada. Das 200 confissões atendidas, 150 eram primeiras confissões e, respectivamente, primeiras comunhões. Isso é verdadeira alegria para um coração sacerdotal.

Como fechamento digno da coroa de felicidade no trabalho religioso do ano que findou, valeu a celebração do jubileu constantiniano.[1] Foram seis dias de alegre admiração. De manhã, como à noite, a espaçosa igreja estava lotada. De manhã, para receber a sagrada comunhão, à noite, para ouvir as conferências sobre as verdades da fé. Ouvíamos confissões até as 23 horas e, de manhã, às 5 horas, já se encontravam pessoas sentadas na escadaria da igreja esperando para se confessar. Houve 926 confissões e 1.000 comunhões foram distribuídas. A maior alegria, para nós, foi a afluência de grande número de homens, cuja paciência e devoção sempre admiramos. Onde algo assim é possível entre os brasileiros, lá não se deve desesperar, lá é preciso seguir adiante e lá, com certeza, ainda que devagar, haverá progresso.

Por fim, não devo esquecer as Filhas de Maria. A congregação das moças foi despertada do seu sono de morte e recebeu novo impulso. No dia 8 de dezembro ela comemorou uma bonita festa, na qual foram recebidas 15 novas Filhas de Maria e admitidas 12 aspirantes, que, previamente, haviam prometido se aproximar mensalmente da Mesa do Senhor.

Apesar de todos os sofrimentos e misérias, são bem numerosas as bonitas imagens de vida religiosa em Tubarão. Já são visíveis os frutos do trabalho que valentes e heroicos sacerdotes vinham realizando há vários anos antes de nós. Trata-se agora de recolher os frutos e lançar nova semente. Para isso é necessária a bênção divina. Precisamos da ajuda divina. Por isso, peço vossas orações pelos sacerdotes, missionários, pela salvação das almas aqui no Brasil, para que a vida religiosa cresça e se desenvolva e para que o mesmo espírito, a saudade de Deus, anime os sacerdotes e o povo e os aproxime do Coração Divino.

1 O jubileu constantiniano foi a celebração do décimo sexto centenário do Edito de Milão, decretado por Constantino Magno em fevereiro de 313, em Milão, concedendo aos cristãos a liberdade religiosa e o direito a lugares de culto.

Padres e Irmãos pioneiros

(1903 – 1913)

Nome	Local de nascimento	Nascimento	Chegada	Falecimen.	Local sepult.
Pe. José Foxius	Thommen	18.02.1874	15.07.1903	07.12.1931	Köln/Alemanha
Pe. Gabriel Jacó Lux	Bonn	08.05.1869	22.07.1903	04.12.1943	Vargem do Cedro
Pe. Henrique T. Meller	Köln	11.01.1869	20.01.1904	23.06.1942	Corupá-SC
Pe. João Basílio Stolte	Hannover (Minden)	27.12.1876	20.01.1904	08.06.1956	Corupá-SC
Ir. Joseph Raphael Küpper			20.01.1904		
Pe. Francisco Schüler	Freiburg i. Breisgau	03.12.1877	31.12.1904	03.10.1926	Brusque-SC
Pe. Henrique Lindgens	Aachen-Burtscheid	05.12.1877	31.12.1904	16.06.1946	
Pe. Antônio Wolmeiner	Werntrop	10.06.1878	31.12.1904	20.12.1964	Taubaté-SP
Ir. Johannes Kamphausen	Rheydt-Wetschewell	02.01.1881	..../..../1905	01.06.1918	
Pe. Guilherme Thoneick	Breyel (Münster)	01.03.1878	..../…/1905	05.09.1959	Corupá-SC
Pe. José Rogmann	Kleve	02.07.1879	…/…/1905	30.12.1945	
Pe. Bernardo Jonkmann	Nordhorn	08.04.1877	…/…/1905	18.08.1952	
Pe. H. Geraldo Spettmann	Walsum	05.10.1881	05.12.1906	07.01.1949	Corupá-SC
Ir. Johannes Schwartmann	Krefeld	02.11.1884	05.12.1906	08.03.1972	
Pe. Remaclus Foxius	Thommen	16.09.1880	18.07.1907	17.12.1956	Formiga-MG
Pe. Henrique Baumeister	Ottmarsbocholt	09.10.1877	18.07.1907	29.08.1957	Taubaté-SP
Pe. Geraldo Cipriano Ohlemüller			28.07.1907		
Pe. Pedro Storms	Lümbach	05.02.1879	28.07.1907	03.01.1961	Taubaté-SP
Pe. João Cristóvão Fischer	Nettersheim	08.09.1878	.../.../1908	13.08.1954	Taubaté-SP
Pe. Fernando Baumhoff	Attendorn-Helden	16.02.1881	…/…/1908	30.11.1955	
Pe. Pedro Franken	Süchteln	04.11.1880	.../.../1910	12.06.1919	São Bento do Sul
Pe. Carlos Keilmann	Wanne-Eickel	09.07.1884	…/…/1910	23.11.1958	
Pe. Augustinho Weicherding	Brachtenbach	25.03.1880	…/…/1910	28.07.1966	Joinville-SC
Pe. João Peters	Krefeld	19.09.1883	….11.1912	30.11.1963	
Ir. Synphrosius Wildenhues			.....11.1912		
Pe José Estanislau Schmitz	Kückhoven	29.03.1886	….11.1912	18.02.1949	Augsburg/Alem.
Ir. Francisco G. Cronenbroeck	Krefeld	03.12.1889	……..1913	30.06.1974	Lavras-MG
Ir. Gaspar Benedito Schulte	Wellingholzhausen	23.09.1888	……..1913	11.01.1939	Freiburg/Alem.
Pe. Germano Brand	Trier	14.07.1888	……..1913	04.01.1953	Vargem do Cedro

principalmente nas frentes pioneiras no interior do Brasil. Por outro lado, os textos projetam também nova luz sobre um período importante da história da Igreja em Santa Catarina. Os missionários, formados segundo diretrizes de uma Igreja europeia fortemente romanizada, desencadeiam um processo de renovação e mudanças no catolicismo tradicional luso-brasileiro nas regiões por eles assistidas.

Valberto Dirksen

Formação acadêmica: Graduado em Filosofia (1965) e Teologia (1970). Doutor em Ciências Humanas na área de História Social, pela USP (1980). Estudou e realizou pesquisas em Roma (1983) e Paris (1984). Pós-doutorado, na área da imigração alemã em Santa Catarina, na Freie Universität (FU) de Berlim (1997-1998).

Magistério: Lecionou no Centro Universitário de Brusque-UNIFEBE (1979-1991), na Universidade Regional de Blumenau-FURB (1988-1991) e na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC (1991-2001).

Além da participação, como conferencista, em congressos, publicou artigos sobre imigração alemã em Santa Catarina. Orientou mais de uma dezena de teses sobre a mesma temática.

Publicações – Livros: 1) *Viver em São Martinho* (1995), 2) *Dona Emma, história do município* (1996) 3) *Rio do Sul: uma história* (coautor) (2000), 4) *Presença e missão dehoniana no sul do Brasil* (2004), 5) *Paganismo e cristianismo em Roma no século IV* (2007), 6) *DIRKSEN: história de uma família* (2010), 7) *Anita Garibaldi: retratos da memória* (2011), 8) *Viver em São Martinho: a colonização alemã no vale do Capivari.* Edição revista e ampliada (2012), 9) *A Colônia Comunitária de Jovens Heimat-Timbó* (2015).

É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina desde 1982.

*“Eis, pois, a terra dos nossos anseios e de nossa missão,
o vasto campo de nosso apostolado. Nós te saudamos
com emoção e devoção, ó terra brasileira, nova pátria
dos Padres do Sagrado Coração de Jesus!
Não nos atraem os teus tesouros e riquezas,
nem tuas fabulosas belezas naturais; à grande tarefa
da difusão e fortalecimento da fé católica somente
queremos dedicar todas as nossas energias sacerdotais.”*

(Pe. Lux e Pe. Foxius)

ISBN 978-65-993768-2-5